

Maria Olívia Garcia Ribeiro de Arruda

O LAMENTO DOS OPRIMIDOS EM AUGUSTO DOS ANJOS

Tese de Doutorado apresentada à
Comissão de Pós-Graduação do Instituto de
Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade
Estadual de Campinas, como requisito parcial
para obtenção do título de doutora em Teoria e
História Literária (área de concentração:
Teoria e Crítica Literária).

Orientador:

Prof. Dr. Francisco Foot Hardman

UNICAMP

Julho de 2009

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

G165L Garcia, Maria Olivia.
O lamento dos oprimidos em Augusto dos Anjos / Maria Olivia Garcia Ribeiro de Arruda. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Francisco Foot Hardman.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Anjos, Augusto dos, 1884-1914. 2. Barbosa, Rui, 1849-1923. 3. Fonseca, Hermes da, 1855-1923. 4. Candido, João, 1880-1969. 5. República. I. Hardman, Francisco Foot, 1952-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: The lament of the oppressed in Augusto of Anjos.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Anjos, Augusto dos, 1884-1914; Barbosa, Rui, 1849-1923; Fonseca, Hermes da, 1855-1923; Candido, João, 1880-1969; República.

Área de concentração: Teoria e Crítica Literária.

Titulação: Doutor em Teoria e História Literária.

Banca examinadora: Prof. Dr. Francisco Foot Hardman (orientador), Prof. Dr. Antonio Arnoni Prado, Prof. Dr. Jaime Ginzburg, Prof. Dr. Luiz Roncari e Prof. Dr. Mário Luiz Frungillo. Suplentes: Prof. Dra. Ivone Gallo, Prof. Dr. Marcio Seligmann-Silva e Prof. Dr. Marcos Siscar.

Data da defesa: 08/07/2009.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.

DEDICATÓRIA

BANCA EXAMINADORA:

Francisco Foot Hardman

Antonio Arnoni Prado

Mário Luiz Frungillo

Jaime Ginzburg

Luiz Dagobert de Aguirra Roncari

Ivone Cecília D'Avila Gallo

Márcio Orlando Seligmann-Silva

Marcos Antonio Siscar

IEL/UNICAMP
2009

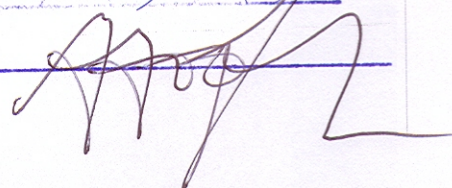
Este exemplar é a redação final da
tese / dissertação aprovada pela

Comissão Examinadora:

10

03

03



DEDICATÓRIA

“Continua o martírio das criaturas:
-- O homicídio nas vielas mais escuras,
-- O ferido que a hostil gleba atra escarva,
-- O último solilóquio dos suicidas --
E eu sinto a dor de todas essas vidas
Em minha vida anônima de larva!”

(Augusto dos Anjos, **Monólogo de uma Sombra**)

“A dispersão dos sonhos vagos reúno.
Desta cidade pelas ruas erra
A procissão dos Mártires da Terra
Desde os Cristãos até Giordano Bruno!”

(Augusto dos Anjos, **Insônia**)

Dedico esta tese à memória dos irmãos Akira (o mensageiro do meu “acaso”, que gerou este trabalho) e Helena (tecelã do meu destino) Osakabe; ao meu orientador, prof. Dr. Francisco Foot Hardman, à minha família e a todos que ainda sonham e lutam por um mundo mais justo. .

AGRADECIMENTOS

Ao Professor **Dr. Francisco Foot Hardman**, por tantos anos de orientação e por todas as oportunidades que me proporcionou de adquirir mais experiência e conhecimento;

Ao professor **Dr. Antonio Arnoni Prado**, pelo apoio constante;

Ao **Prof. Dr. Luiz Roncari**, pelas indicações de leitura que se tornaram imprescindíveis a este trabalho;

À **Profa^a Dr^a Ivone Gallo**, pela paciente orientação em História;

Ao **Prof. Dr. Márcio Seligmann-Silva**, por me introduzir no conhecimento da literatura alemã, tão próxima ao estilo de Augusto;

Ao **Prof. Dr. Jaime Ginzburg**, pelas oportunidades de seminários em Escritas da violência, na USP, também importantes para este trabalho;

A **Alexei Bueno**, por seu grandioso trabalho de reunião dos textos de Augusto, sem os quais esta tese não teria se concretizado;

Ao **Sr. Luiz Raphael Domingues Rosa** (*in memorian*), de Leopoldina;

À **Letícia Ribeiro de Sousa**, do Instituto Francisca de Souza, de Cataguases;

Ao **Sr. José Maria**, da Hemeroteca da Prefeitura de Cataguases;

Ao **Sr. Luís Otávio Meneghetti**, da Gazeta de Leopoldina;

Aos **funcionários** do Museu da Cia. de Força e Luz Cataguases-Leopoldina;

Aos **funcionários** da Biblioteca, das secretarias de Pós-Graduação e de Pesquisas e Projetos do IEL, particularmente à **Adreilde** e ao **Claudinho**;

Ao **Vanderlei** e a todos os responsáveis pelos equipamentos multimídia, sempre tão atenciosos,

A todos que direta ou indiretamente colaboraram na execução deste trabalho e tornaram minha estadia nesta universidade mais cheia de vida,

*Há pessoas que para sempre ficarão
Em nossas vidas, em nossas retinas.
Algumas permanecem sutis, como uma oração...
Mas vocês, que me fizeram fênix felina,
Deixam a saudade que minha alma desatina,
Pois em mim se eternizaram em forma de canção!*

RESUMO

Uma nova leitura do **Eu**, de Augusto dos Anjos, é a proposta maior desta tese; que também apresenta objetivos secundários, como uma incursão pelas obras e periódicos do final do século XIX e início do XX, para entender a visão de mundo do intelectual daquela época; a compreensão das alegorias e metáforas da podridão, utilizadas pelo poeta e dessa sondagem no “eu” individual, projetado no “Eu” coletivo; encontrar em qual linha da monadologia está norteadada a filosofia de Augusto dos Anjos; ver o que se veiculava, naquela época, sobre o Budismo, a Teosofia, o pensamento de Nietzsche, Haeckel, Kant, Schopenhauer e Bergson; sobre a mimese aristotélica, as tragédias grega e moderna; estudar a etimologia das palavras de Augusto e tecer um paralelo com **Ruínas de um Governo**, de Rui Barbosa, encontrando um sentido para esse poema lírico-trágico-moderno, o **Eu** e sentir essa dor da solidão humana no homem desamparado neste país de tantas injustiças sociais.

Palavras-chave: Augusto dos Anjos, Rui Barbosa, República, Hermes da Fonseca, João Cândido.

ABSTRACT

A new reading of the book **Eu (I)**, of Augusto dos Anjos, is the largest proposal of this thesis, which also has secondary objectives, as an incursion by the magazines, books and periodicals of the late nineteenth century and beginning of XX, to understand the vision of the intellectual world that season, to understand the allegories and metaphors of decay, used by the poet and the survey on the "I" of a man, designed the "I" of a group, which is his monadology line, which is the philosophy that was guide Augusto dos Anjos, see what is conveyed, then, what are published on Buddhism, on Teosofy, and about the Nietzsche's thought, and Haeckel, Kant, Schopenhauer and so Bergson, know about the Aristotelian mimesis, the Greek tragedies and modern tragedies, consider the etymology of the Augusto vocabulary and make a parallel with **Ruins of a Government**, of Rui Barbosa, finding a meaning to this lyric-tragic-modern poetry, the **Eu**; and try to feel the pain of loneliness in the human naked and alone man in this country of so many social injustices.

Keywords: Augusto dos Anjos, Rui Barbosa, Republic, Hermes da Fonseca, João Cândido.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Objetivo	2
Justificativa	2
Metodologia	3
Fundamentação teórica	3
Divisão da tese	9

CAPÍTULO I

AUGUSTO DOS ANJOS, SUA ÉPOCA, SUA ESTÉTICA	11
1.1. O Brasil da <i>Belle Époque</i>	14
1.2. O advento da República	17
1.3. O Engenho e o poeta	26
O Pau d'Arco	27
Famílias de tradição patriarcal	29
Algumas curiosidades	31
Alexandre, o pai	33
Sinhá-Mocinha	40
Um menino de engenho	43
Alexandre, o irmão	45
Proibição , de Alexandre dos Anjos	49
Desajustado , de Alexandre dos Anjos	52
A época de estudante	58
O advogado e o poeta Augusto	63
O discurso no Teatro Santa Rosa	66
Os implícitos do discurso de Augusto	68
Augusto e a Metafísica	74
A “Arte” para Augusto dos Anjos	81
A “missão” do poeta	84

Um poeta paraibano no Rio de Janeiro	84
Antes do Rio, o Nonevar	89
Um instituto de vanguarda	91
Augusto e as notícias sobre a política carioca	93
Leopoldina – o leito derradeiro	105
1.4. A “carneça” no meio do baile – a recepção do Eu	115
Augusto e a Crítica	119
Órris Soares e a construção do “Poeta da Morte”	120
Outros críticos	124
Observações críticas não adotadas nesta tese	124
Observações críticas relevantes	128
A crítica de visão social	138

CAPÍTULO II

AUGUSTO DOS ANJOS E A REVOLTA DA CHIBATA	157
2.1. A Revolta da Chibata – primeiras ocorrências	160
O estopim da revolta	153
Encouraçado “Aquidabã” – Ilha Grande, domingo, 21 de janeiro de 1906	165
Largo de S. Francisco de Paula – sábado, 19 de novembro de 1910	168
Encouraçado “Minas Gerais” – terça-feira, 22 de novembro de 1910	168
Depois da anistia	173
Na Ilha das Cobras	167
A “rede” dos discursos	184
2.2. O Eu e Ruínas de um Governo	193
A “mentira-mãe”	199
A prole da “mentira de maio”	201
A “malária moral”	207
“Inferno de Dante”	210
“O enterro noturno”	218
“O navio trágico”	221
O depoimento do governo	223

“A ditadura no estado de sítio”	224
---------------------------------------	-----

CAPÍTULO III

O “EU” – O POEMA TRÁGICO DO POVO BRASILEIRO	227
3.1. A mímese no Eu	229
A tragédia grega: origens	230
A tragédia para Aristóteles	221
Herói e desfecho	222
Ésquilo - as catástrofes inevitáveis	233
A estrutura da tragédia	240
O trágico moderno	241
3.2. Uma leitura trágica do Eu	244
A introdução: O Monólogo de uma Sombra	250
Os primeiros sonetos	259
As cismas do Destino	267
De Budismo Moderno a Insânia de um simples	273
Os doentes	281
De Asa de corvo a Contrastes	292
Gemidos de Arte	301
De Versos de Amor até O corrupção	308
Noite de um Visionário	314
De Alucinação à beira-mar a Vencedor	318
A Ilha de Cipango	320
<i>Mater</i>	324
Poema Negro	325
Eterna mágoa	329
Queixas noturnas	329
Insônia	332
Barcarola	334
Tristezas de um quarto minguante	336
Último poema: Mistérios de um fósforo	341

CONCLUSÃO	347
------------------------	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	353
---	------------

INTRODUÇÃO

Neste “país do esquecimento”, em que se produzem construções imaginárias de um Brasil ideal, muitas vozes ficam excluídas da História da colonização, camufladas ou mesmo enterradas para sempre por versões articuladas e divulgadas pelos grandes manipuladores das instituições responsáveis pela divulgação cultural e pela educação no país.

Hoje se torna mais fácil ainda proceder a essa exclusão arbitrária, pois a mídia televisiva – que é a grande “mãe” educadora das gerações atuais – constrói em questão de horas um novo mito, ao mesmo tempo em que marginaliza a figura do verdadeiro herói.

O professor Foot Hardman classifica os três modos básicos de produção de “efeito-ilusão-Brasil”, que mais ocorrem em períodos de lutas sociais ou batalhas culturais entre nós, como: “o modo monumental, o elegíaco e o delével”¹

Explicando melhor: o primeiro revela como se constroem os marcos e monumentos de uma memória unificada, porém arquitetada pelos discursos e ações do Estado; no segundo, está o modo como “discursos, rituais e atualizações, cujo motivo central seja o elogio das ruínas, representação de um passado heróico, o culto fúnebre de grupos ou pessoas vencidas em batalhas históricas, os museus e a arqueologia”² (esta como ciência que procura sinais de um espaço-tempo restaurador) se articulam.

No terceiro, encontram-se “as intervenções violentas de indivíduos, grupos e/ou políticas públicas, no sentido do silenciamento completo de vozes ou línguas diferentes do monolingüismo do Estado e de seus porta-vozes.”³ Aqui entram também os procedimentos sutis – ou nem sempre – utilizados para o apagamento desses fatos e nomes que não convêm, segundo a classe dominante, ficar na memória coletiva.

Extinção de florestas, massacre dos indígenas, dos marginalizados, abuso cometido pelos senhores de escravos, enfim, acontecimentos que passaram para a História

¹ HARDMAN, F. Foot. **HOMO INFIMUS: a literatura dos pontos extremos**. Apud **Formas e mediações do trágico moderno – uma leitura do Brasil**. Ettore Finazzi-Agrò e Roberto Vecchi (orgs.). São Paulo: UNIMARCO, 2004, p.p. 67-8.

² Ibidem, p. 70.

³ Ibidem, p. 70.

oficial como necessários à colonização, ao progresso, ao bem-estar comunitário, ou à manutenção da República merecem ser reavaliados “a contrapelo”, para que outras versões sejam igualmente conhecidas.

Para se proceder a isso, é necessário um questionamento sobre um território complexo: em que a Literatura pode contribuir com a História? Ou melhor: o que a versão oficial transmitida à população esconde que a Literatura revela nas entrelinhas? Esta questão não será aprofundada por nós, apenas faremos, sobre ela, considerações, pois o objetivo deste trabalho é comprovar que, através do livro-poema “Eu”, de Augusto dos Anjos, é possível fazer uma leitura dessas vozes das vítimas que ficaram ocultas por interesses oficiais.

Torna-se, então, imprescindível uma leitura na “contramão da História”, ou seja, mostraremos como foi que, através da leitura da camada mais profunda do “Eu”, de Augusto dos Anjos, chegamos às denúncias implícitas nesse texto, o que nos leva a propor, com segurança, uma nova visão crítica da obra de Augusto, que acreditamos haver sido propositalmente desvirtuada desde o início, por motivos de interesse da elite oligárquica da época e das instituições ou indivíduos que a ela serviam.

Apoiamo-nos, para tanto, nas palavras do professor Foot, em suas interrogações a respeito dessas identidades ilusórias, para as quais é preciso estabelecer os “limites de possibilidade da história e da cultura” e, ao mesmo tempo, proceder ao “mapeamento de imagens e vozes de hipotéticas contracorrentes muitas vezes dispersas, quando não inteiramente inacessíveis, mas reais o bastante para converter em instáveis e rapidamente ocas a maior parte das representações edificantes do ‘Brasil moderno’.”⁴

Portanto adotaremos, igualmente, o procedimento de Hardman: a construção de um “inventário de signos desviantes, à margem – deslocados, enfim, das cristalizações monumentais, runíformes ou deletérias do ‘corpo da pátria’.”⁵

A construção imaginária que ficou cristalizada sobre a figura de Augusto dos Anjos parece-nos encaixar muito bem nessa explicação do professor Foot: Órris Soares, tido por seu grande amigo – e que na realidade não parece haver sido mais do que um

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem.

colega, como demonstraremos mais adiante, neste trabalho – foi de vital importância para que se criasse a imagem de Augusto como “o poeta da morte”.

Atribuíram ao poeta paraibano até mesmo uma tuberculose de que ele nunca sofreu. Com uma aura cercada de mistério, deixando uma obra construída com metáforas do lixo e da podridão, reduzidas apenas a uma “linguagem cientificista” ou simplesmente ao “gosto pelo macabro”, o poeta passou, então, a ser visto como incompreensível, verdadeiro “feto malsão”, revelado já às vésperas do Movimento Modernista. Foi lançado, como tantos outros inovadores daquela época, à malfadada classificação de “pré-modernista”, ou seja, alguma coisa indefinida sem muita importância.

Aqui esbarramos em outra questão pertinente a este estudo, que é a da periodização literária que classifica, até hoje, Augusto dos Anjos e outros que parecem ter seguido percurso semelhante na arquitetura de suas obras, naquele indefinido período denominado “Pré-Modernismo”.

Em **Sinais do vulcão extinto**⁶, Hardman afirma que o termo “pré-modernismo”, além de englobar erroneamente certas obras que já apontam para o “futuro enquanto crise e modernidade”⁷, portanto de cunho modernista, causou, também, alguns equívocos na periodização do modernismo, pensamento com o qual estamos de acordo.

O marco do modernismo brasileiro foi estabelecido a partir de um ato meramente público, conforme Hardman, porque a consciência da modernidade já era divulgada muito antes. Ele considera também esse marco ancorado à Semana de Arte Moderna apenas como um fato estético-literário e restrito a São Paulo.

Consideramos ainda que não há limites para uma tendência estilística, que se pode perpetuar mesmo após a presença de novas vertentes. É o que ocorre com o estilo romântico, por exemplo, ou com o parnasiano. O estilo é resultado da visão pessoal do escritor, com interferência de elementos individuais e coletivos e pode ele optar por um novo estilo, resultado da mescla dos que já existiram, como fez Augusto.

Seguindo essa teoria de Hardman, fizemos um mergulho na época em que viveu Augusto dos Anjos, resgatando leituras de livros – consagrados ou não pela crítica -

⁶ HARDMAN, Francisco Foot. **Sinais do vulcão extinto**. *Apud Nem pátria, nem patrão*. Memória operária, cultura e literatura no Brasil. 3ª ed. Revista e ampliada. São Paulo: UNESP, 2002, p. 115.

⁷Ibidem.

publicados desde o Romantismo até 1914, data do falecimento do poeta. Procedemos também à leitura de jornais paraibanos, cariocas e leopoldinenses, aos quais Augusto certamente teve acesso. Lemos correspondências de vários escritores da época e pesquisamos todas as referências que aparecem na obra augustiana, para enveredar nos implícitos de seus textos, sem o que não teríamos chegado às conclusões que aqui apresentamos. Falta-nos, ainda, a pesquisa mais ambicionada, que é a que deverá se realizar na Paraíba, em busca de maiores informações a respeito do poeta. Esta pesquisa ainda não se concretizou por falta de verbas, uma vez que não dispomos de bolsa para o Doutorado.

Neste trabalho, entendemos Augusto dos Anjos como um dos primeiros poetas modernos na poesia brasileira, cuja obra é uma tentativa de registrar, através da mimese e do trágico, a repressão por que passou o povo brasileiro durante os processos de colonização, revelando o alto preço de uma civilização que dizimou os nativos, escravizou, torturou e assassinou africanos trazidos pelo tráfico e seus descendentes.

Mas como compreender essa relação entre a poesia e a realidade? Recorremos a Massaud Moisés, que afirma ser a poesia a “ponte entre duas esferas misteriosas, ao mesmo tempo em que a mediação entre o leitor e a realidade.”⁸ Para Moisés, a poesia aponta e dissimula a realidade ao mesmo tempo. O discurso poético não nos leva à realidade em si, mas a uma representação dela, ou seja, revela-nos uma imagem reduzida do todo da realidade, mostra-nos uma condensação do real, e é assim que entendemos o **Eu** de Augusto dos Anjos.

Tão complexa quanto a tarefa de analisar essa obra, é a de comprovar esta nossa interpretação – o **Eu** como o grande poema trágico brasileiro - que é também o objetivo principal desta tese. Para atingi-lo foi necessário, porém, partir do geral ao particular, compreender um pouco das idéias que circulavam na época, com as quais o poeta estava, portanto, em contato; buscar percursos que estabelecessem paralelos com Rui Barbosa, em **Ruínas de um Governo**, pois encontramos um forte dialogismo desta obra, que fala das denúncias dos castigos bárbaros infligidos aos revoltosos da marinha, mesmo depois de concedida a eles a anistia, e os poemas do poeta paraibano.

⁸ MOISÉS, Massaud. **A criação literária – Poesia**. 17ª. Ed. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 219.

Augusto elabora uma poética de fragmentos, no estilo dos românticos alemães de Jena, e emprega alegorias e metáforas muito semelhantes às de Rui Barbosa, como se dele aproveitasse fragmentos. Aliás, o poeta afirma, várias vezes, em cartas à mãe, a sua admiração ao grande jurista brasileiro, comenta a campanha civilista e se mostra assustado com a Revolta da Chibata, porém defende os marujos. Mas o **Eu** revela uma visão bem mais abrangente do problema deste povo miscigenado, mostrando ao leitor a procissão de mártires de que é feita a nossa História, diversamente da versão oficial. E nessas vítimas do processo de colonização e da instalação da República, encontramos desde o indígena até o marujo castigado na Revolta da Chibata.

O poeta retoma a mimese aristotélica como forma de expressão do trágico, trazendo-a para a modernidade, porém mantendo ainda a morte do herói.

Ambos pertencem a uma linha que seguia a *oratória revolucionária*, surgida na França a partir da Revolução Francesa e considerada pelos franceses como gênero literário. Essa oratória parece retomar as utopias renascentistas, através de intelectuais que Foot Hardman denomina de “origem pequeno-burguesa”, que produziram “discursos anarquizantes.”⁹

Essa espécie de socialismo democratizante assemelha-se muito ao anarquismo individualista de Stirner, e já está presente em obras de intelectuais portugueses da geração de 70, como Antero de Quental, cujo eco Foot Hardman encontra em Martins Fontes e considera um “parnasianismo libertário”. E realmente é Antero que afirma: “A Poesia moderna é a voz da Revolução.”¹⁰

Nesse levantamento que fizemos sobre a literatura da época, percebemos que Augusto não foi exemplo único no emprego desse vocabulário cientificista, utilizando-o em metáforas do lixo e da podridão, para daí tirar a renovação da sociedade. Foi, isto sim, o mais popular, certamente por falar de verdades eternas, atingindo o subconsciente das pessoas, particularmente dos jovens e daqueles desiludidos com o progresso. Cornélio Pires, como mostra o livro de Hardman, publicou um folheto com o poema **Monturo**,

⁹ Ibidem, p. 118.

¹⁰ *Apud Odes Modernas*. Apud SERRÃO, Joel. **Antero de Quental – prosas sócio-políticas**. Coleção Pensamento Português. Lisboa: Secretaria da Cultura e Fundação Calouste Gulbenkian, s/d., p. 44.

revelando um poeta cujo ofício é o de “revolver os entulhos e desvendar a sociedade.”¹¹ Este é o papel de Augusto dos Anjos com o “Eu” e “Outras poesias”.

Com la merda non si scherza, / chi non caca, muore, são palavras de Pellegrini di Daniele, em *Sonetti inodori*, cujo título é *Nel'impero delle merde*..¹² Esta é a idéia no “Eu”: toda a história do Brasil está cheia de monturos. Se não nos livrarmos disso, morreremos. Ou, conforme disse Euclides em **Os sertões**, frase que muito poucos compreenderam realmente: “Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desapareceremos.” (Homem, cap. I). “Progredir”, para esses intelectuais, era evoluir individualmente, a ponto de não precisar de políticos corruptos no governo. Era, nas palavras de Antero de Quental, desenvolver “Espírito e Consciência, era buscar a reconstrução do mundo humano sobre as bases eternas da Justiça, da Razão e da Verdade, com exclusão dos reis e dos governos tirânicos, dos deuses e das religiões inúteis e ilusórias.”¹³

Fica bem fácil compreender por que tentaram relegar autores como Augusto e Euclides ao esquecimento... Muito mais simples perpetuar o poeta como mórbido, “poeta da morte”, desajustado, tuberculoso... Essas características o destituíam de qualquer interpretação maior e, aproveitando do título de sua obra – o **Eu** – que também não foi bem compreendido, classificá-lo como egótico e intimista. Assim passaria a pertencer àquela literatura que não incomodaria nem às elites nem à classe política. Por isso nossa linha de pensamento também compactua com as idéias do professor Foot – expressas em 2007, em seu curso na Graduação – que os poetas egóticos não são egoístas, pelo contrário, eles mergulham em uma viagem interior para, a partir do microcosmo, entender o macrocosmo e mostram-se extremamente preocupados com os destinos da humanidade. E Augusto está entre esses poetas, explorando um “Eu” coletivo, uma vez que nele está contido “eu” de todos os indivíduos.

O poeta, sem sombra de dúvida, foi perseguido político na Paraíba. Embora utilizando uma linguagem alegórica de difícil compreensão, seus opositores parecem tê-la

¹¹ HARDMAN, F. Foot. **Nem pátria nem patrão!** Op. Cit., p. 147.

¹² Idem, ib., p. 145.

¹³ SERRÃO, Joel. Op. Cit., p. 45.

percebido, daí a construção da imagem de um decadente. Por que o poeta, que tanto amava a mãe, a família e a terra natal de lá se exilou até a morte? Não poderia ser pelo motivo oficialmente veiculado... Seria muito pouco para tão doloroso exílio, que acabou lhe custando a vida.

E a crítica o excluiu durante muito tempo, consolidando a primeira opinião veiculada sobre ele e sua obra. Mas o povo consagrou Augusto, reconhecendo em seus versos aquilo que é inerente à vida: a tragédia do homem moderno, de sua solidão diante do abismo existencial.

Já no início desta imensa pesquisa houve a necessidade de refazer os caminhos de Augusto: ler as obras que provavelmente ele provavelmente houvesse lido, uma vez que estava sempre atualizado quanto à cultura nacional e internacional; conhecer a história, a cultura e a política da Paraíba daquela época, estabelecer comparações com outros escritores contemporâneos ao poeta, principalmente os citados por ele em poemas, crônicas ou correspondências e os implícitos em seus textos, através de trechos que estabelecem um dialogismo com textos de outros autores.

Enfim, após um árduo e insistente garimpo, decidimos estabelecer o roteiro desta tese (que foi várias vezes readaptado) como se segue abaixo, pois seria necessário comprovar intensivamente a nossa visão crítica, para que fosse possível apresentá-la à banca. Essa escrita de fragmentos provocou um trabalho quase hipertextual, pois o raciocínio acaba seguindo a ordem tentacular com que os poemas augustianos nos envolvem. Difícil é penetrar no texto, porém, uma vez mergulhados nele, empreendemos uma viagem fantástica, cujo roteiro vai se desenhando a cada construção de sentidos. Talvez este trabalho não esteja totalmente dentro da rigidez acadêmica, assim como não estava a obra de Augusto, a de Benjamim e as de outros tantos... No entanto, somente fazendo este percurso nos foi possível escrever esta tese.

O **Eu** é uma obra híbrida, resultado do entrelaçamento do lírico e do trágico de essência épica, portanto nele o “eu-poético” se apresenta ora como universal-individualista, ora como universal-universalista, conforme a teoria de Massaud Moisés, que explicaremos adiante.

Em consequência disto, esta tese também resultou em um trabalho híbrido, pois foi necessário desconstruir as barreiras entre a Teoria Literária e a Linguística, buscando um suporte teórico que desse conta da interpretação desse poema como um todo. Por isso, nossa crítica é feita a partir de uma análise do conjunto texto/discurso, considerando os implícitos e a intertextualidade presentes nessa obra.

Nosso objetivo maior é, assim, propor uma nova leitura do **Eu**, como um poema trágico imbuído de lirismo, exatamente por apresentar esse embate eterno do ser humano entre a emoção e a razão, o dionisíaco e o apolíneo. Não pretendemos aqui abordar a análise estilística, pois o trabalho se estenderia demais, e já existem vários estudos importantes a esse respeito.

Certamente corremos o risco da não aceitação no terreno exclusivo da Crítica Literária, porém a nossa maior intenção é mesmo divulgar o que encontramos nas entrelinhas desse poema, cujo autor sofreu esse processo de “ocultamento” de que fala Hardman, porém, como profetizou o poeta paraibano, sua voz ficou batendo “nas grades dos últimos versos” que ele fez em vida.

Não apenas nos últimos, mas em todos eles há sentidos implícitos que nos levam a conhecer fatos que revelam uma história do Brasil na contramão da história oficial. Talvez pela surpresa que tivemos ao encontrar fatos que nos eram desconhecidos, a interpretação crítica se impôs a qualquer tentativa de detalhar uma análise estilística, estudo que faremos no futuro.

É impossível descobrir as raízes dos males que nos assolam e silenciar. É impossível saber desses fatos e nos restringir à análise de dois ou três poemas, simplesmente. Foi necessário dizer tudo, elaborar um trabalho que traçasse novos caminhos, sem ter a pretensão de ser dono da verdade ou de dar respostas definitivas. Deixar um texto aberto para que outros continuem por essas veredas é mais importante para nós do que apenas tecer uma análise poética ou divagar a respeito de rimas e cadências, embora isto também seja de grande importância para a compreensão da poética de Augusto. Optamos por arriscar tudo em função de um ideal, o mesmo que movia Augusto dos Anjos: fazer da literatura uma arma contra as injustiças deste país. Apostamos, enfim, na abertura

dos grandes espíritos de Letras e Humanas que, a nosso ver, não se prendem à mesma visão restrita de uma ciência exata.

DIVISÃO DA TESE

Na **Introdução**, daremos uma visão geral do trabalho a ser desenvolvido. O **objetivo geral** deste trabalho é mostrar a possibilidade de uma nova e diferente leitura da obra de Augusto dos Anjos - o **Eu** - como uma mimese aristotélica na forma de um poema trágico moderno, denunciando a repressão sofrida pelo povo brasileiro desde a colonização até a República, com ênfase nos castigos sofridos por João Cândido e os marinheiros que encabeçaram a Revolta da Chibata, mas não só. O **Eu** traz em si o lamento dos nativos desta terra, a quem saquearam a própria pátria e, paralelamente, os mártires da terra, os escravos e seus descendentes, os mulatos considerados uma “degeneração” pela ciência da época, relegando-os assim a uma vida animalesca e de regressão na escala da evolução humana.

Para atingir o objetivo maior, foi necessário estabelecer uma série de **objetivos secundários**, como: comprovar que o **Eu** é um poema trágico, o que faremos ancorados na obra de Luís Costa Lima, **História, Ficção e Literatura** e na teoria de Foot Hardman, em **HOMO INFIMUS: a literatura dos pontos extremos**.¹⁴

A metodologia utilizada foi o levantamento histórico-sócio-literário do final do século XIX e início do século XX; a análise comparativa do **Eu** com outra obra contemporânea dele: **Ruínas de um Governo**, de Rui Barbosa, na qual encontramos forte intertextualidade com o poema de Augusto, até mesmo com expressões idênticas. Essa obra de Rui é uma denúncia contra as arbitrariedades do governo Hermes da Fonseca contra os líderes da revolta da Marinha, o que nos auxilia na leitura da camada mais profunda da obra de Augusto.

¹⁴ *Apud* **Formas e mediações do trágico moderno: uma leitura do Brasil**. Org. Ettore Finazzi-Agrò e Roberto Vecchi. São Paulo: Unimarco Editora, 2004.

Capítulo I: Conhecendo Augusto dos Anjos. Neste capítulo, apresentaremos o contexto histórico-sócio-literário daquela época, com base nas pesquisas realizadas em obras e documentos da época; a biografia de Augusto dos Anjos, que passa por toda a sua fortuna crítica e também por documentos encontrados nas pesquisas, mas aborda também as duas obras citadas por Ademar Vidal como ficção baseada na vida de Augusto, de autoria de Alexandre dos Anjos, o irmão caçula e mais apegado ao poeta: **Proibição** e **Desajustado**. Este capítulo se encerra com aspectos do final da existência de Augusto, em Leopoldina, com notícias da **Gazeta Leopoldinense** e manuscritos encontrados no Espaço dos Anjos.

Capítulo II: Augusto e a Revolta da Chibata: é o capítulo que trata da intertextualidade entre a obra de Augusto e a de Rui Barbosa, o que permite uma análise na camada mais profunda do texto, remetendo-nos aos fatos que decorrentes da Revolta da Chibata, em 1910.

Capítulo III: O “Eu” – o poema trágico do povo brasileiro, capítulo que pretende, enfim, mostrar o objetivo maior desta tese, que é uma nova possibilidade de leitura do **Eu**, como um poema trágico moderno. Para isto, esta parte mostra a concepção de mimese aristotélica que encontramos nesses poemas, a questão do trágico na modernidade e, enfim, a leitura do **Eu** como um poema trágico moderno, fundamentada na teoria de Massaud Moisés sobre a Poética, mostrando que Augusto criou um estilo que parece não se repetir na literatura brasileira. Este estilo conserva algo de clássico, em virtude do desejo que o poeta manifesta de eternizar-se em sua obra, somado ao que ele acrescenta de modernismos.

Após abordar esses assuntos, tecemos a conclusão do trabalho, em que surgiram mais interrogações que precisam ser respondidas.

Passemos, então, à exposição das conclusões a que chegamos após todo esse tempo de pesquisa e análise.

Capítulo I

Augusto dos Anjos, sua época e sua estética

*A humanidade, ao que me parece, é a mesma
em todos os ângulos deste planeta vastamente infeliz.
Instintos e interesse próprio –
tal é a única expressão real dos espíritos atuais.*

(Augusto dos Anjos, Rio, 28/1/1914, carta a Sinhá-Mocinha¹⁵)

Poeta cientificista? Precursor da morte? Adepto do horroroso? Extremamente narcisista? Desde o lançamento do “Eu”, em 1912, Augusto dos Anjos tem sido alvo de variadas críticas, a grande maioria presa ao aspecto científico da linguagem utilizada pelo poeta ou então à obsessão pela morte ou pelo mórbido, sempre presentes em seus poemas e ainda distantes de uma análise mais profunda.

Impossível compreender a produção literária de Augusto dos Anjos sem partir deste pressuposto: um jovem com um conhecimento enciclopédico, bastante atualizado para a época, que tenta, como outros contemporâneos seus, registrar o “choque da modernidade” num Brasil que se “civilizava” macaqueando Paris, mas a custo da marginalização e do sacrifício de grande parte da população. O poeta paraibano também foi vítima de discriminação em sua terra natal. Augusto fora criado sob os valores da monarquia, que estavam sendo derrubados pelos valores capitalistas, que consideram o lucro mais importante do que a honra e a honestidade. Morre-lhe, então, o pai, e a família perde o engenho e passa a depender de empregos para sobreviver. Conseguir, porém, esses cargos públicos, dependia de um exercício constante de “lamber as botas” da oligarquia local, para o que o poeta estava completamente despreparado. E tudo se desmorona de vez quando ele decide defender os escravos e seus descendentes, atribuindo-lhe igualdade aos brancos, pensamento que não era aceito nem mesmo pela Igreja na época, defensora da hierarquia social.

¹⁵ ANJOS, Augusto. **Obra completa**. Volume único. Organização, fixação do texto e notas Alexei Bueno. 3ª reimpressão da 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2004, p. 768.

Além disso, a análise dos textos em prosa de Augusto revela-nos alguns assuntos constantes, como: a decepção com a República que se mostrava, já na segunda década de sua proclamação, completamente avessa aos ideais dos verdadeiros republicanos, pois o sistema caíra nas mãos dos “utilitaristas”. Em decorrência disso, a injustiça social também é uma das tônicas da prosa de Augusto, que faz da classe dominante um de seus alvos prediletos:

A Paraíba inteira se limita hoje a satisfazer com exatidão isócrona solicitações materiais. (...) As carnes gordas e as guloseimas – eis o bezerro áureo apetecido por todos. Ninguém, por exemplo, se recusa a alardear ventres, pondo-os à amostra como pandeiros, na área comum das superfluidades públicas. (Crônica Paudarquense (fragmento). **O Comércio**, 5-10-1905)¹⁶.

A ironia e a crítica à sociedade que se formava e tomava conta do país é constante, como nos trechos abaixo:

... há e houve sempre alguma coisa de cavalo tísico dentro do arcabouço da civilização brasileira. (...) Há periferias roxas em torno de nossos olhos. (...) ... assoma-nos à idéia torturada, a imagem do Brasil arquejante! (...) No silêncio da noite, rindo da miséria brasileira, a **mãe da lua** continua o escárnio!

(**O Comércio**, 12-10-1905)¹⁷

Abençoada arte de amontoar!

(**O Comércio**, 28-10-1906)¹⁸

Por que, em suma, o triunfo econômico, a vitória do Eu, no conflito existencial moderno, estabelecem as suas premissas matemáticas, e o esboço de suas radículas originárias no amplo lastro amalgamado das acumulações fraudulentas. Tal é o empenho simultâneo das classes dirigentes, movimentando a máquina dos trabalhos ávidos, para a colheita das fortunas. A egolatria comeu o escrúpulo, e o lançou pela boca dos intestinos, sob a forma obscena de novos excrementícios.

(**O Comércio**, 28/10/1906)¹⁹

Porque o “madapolão para a mortalha/ Custa 1\$200 ao lojista!”, ou a comercialização absurda de seres humanos: “Eu maldizia o deus de mãos nefandas / Que,

¹⁶ Op. cit., p. 584.

¹⁷ Ibidem, ib., PP 586 – 589.

¹⁸ Ibidem, ib., p.631.

¹⁹ Ibidem, ib., p. 632.

transgredindo a igualitária regra/ Da Natureza, atira a raça negra/ Ao contubérnio diário das quitandas!²⁰ Em **Crônica**, 20-11-1906, publicada em **O Comércio**, Augusto garante:

... a minha lastimosa figura de Ezequiel solitário jamais entrará , de colarinhos arcaicos, na chancelaria vermelha onde os pensadores modernos, amesendados em poltronas de ébano rijo, gozam a delícia forte de registrar seus cálculos de altruísmo.²¹

... eu estrangulo com tenazes de ferro os anseios profundos da verdade soberana, levando também meu coche enfeitado, prene de urdiduras finíssimas suspensas de estreita abóbada de tejadilho, para acompanhar de longe a cavalhada comum, ou, então, subtraindo-me à craveira dos raciocínios vulgares, optarei pelo que me alvitra o sumo critério imanente às altas observações conscienciosas.

(**O Comércio**, 20/11/1906²²).

O poeta paraibano tece também ferrenhas críticas ao regalismo ultrapassado, mas que continuava, mesmo com a República, por interesses possessivos da parte do clero, que não deixava efetuar a separação entre Igreja e Estado:

Dorme, no carneiro paleontológico das instituições decaídas, como uma coisa repudiável, transmissora de impressões fúnebres, o tempo negregado em que o Estado, no auge do seu funcionalismo absorvente, dispunha de tudo e era o Deus intracósmico das multidões desgraçadas, calcando com as suas plantas universais o indivíduo liliputiano que lhe integrava a trama da complexidade vital, à guisa de uma célula que não possui prestígio íntimo e vive apenas para satisfazer, no desempenho inferior de um destino secundário, a ganância superabundante do prazer altruísta do Todo.

Parece-nos que apontava, igualmente, para o Exército, onde jogos de interesses não faltavam:

... a explorada carcaça brasileira, no intuito de glorificar o nascedouro da República, acaba de envergar amplas baetilhas de pompa rutilante, e os guardiães vorazes das assembléias políticas, por uma espécie de escambo ultrapatriótico, realizaram entre si distribuição equina dos mais luzidios arreios, encontrados nas cavaliças. Depois, eu os vi, como lobos, vezados de fome, golfando bílis negra, num encarniçamento de hipopótamos egípcios, a se disputarem, bêbedos de apetite servil, a maior prebenda de vantagem no ato dessa glorificação. (**A União**, 20, 22 e 23/05/1909)²³.

²⁰ Ibidem, ib., PP246-247.

²¹ Ibidem, ib., p. 637.

²² Ibidem, ib., p. 638.

²³ Ibidem, ib., PP 641-651.

Consideramos, portanto, que Augusto, como todo grande gênio, estava imbuído de uma preocupação universal, com a angústia do ser humano, com a opressão sofrida pelo povo brasileiro em todas as épocas, desde a colonização até a República. Este povo era tratado pelas elites como “raça de bárbaros”, e sempre foi manipulado como mercadoria cujo valor de mão-de-obra é determinado pela filosofia do custo-benefício, e não pelo valor real de seu trabalho. Mas não é só. As lideranças populares que surgiram em todas as épocas, em vários movimentos contestatórios, foram sempre tratadas da mesma forma, ou seja, foram barbaramente eliminadas. Nas palavras de Foot Hardman, essa é a nossa “brutalidade antiga”.

Augusto já possuía essa visão antes mesmo de passar pelo período mais difícil de sua existência e de conhecer na carne e no espírito as agruras de uma situação financeira completamente instável e imprevisível, seria, no mínimo, incoerente uma poética egoísta, voltada total e unicamente para o seu “eu”, deixando o resto do mundo de lado. Por este motivo, consideramos o **Eu** de âmbito bem mais amplo, de acordo com a opinião de Álvaro Lins, que defende a idéia de “uma integração no cosmos, como se ele contivesse todas as dores e misérias da espécie humana.”²⁴

1.1. O BRASIL DA BELLE ÉPOQUE

O advento da República foi também uma época marcada por crises políticas e movimentos sociais que incluíam arbitrariedades como deposições, degolas, exílios, deportações, desestabilizando, dessa maneira, as famílias tradicionais do império e os que a eles estavam ligados, porém, em uma segunda etapa, foram banidos da cena política os intelectuais que representavam os anseios populares e que muita esperança haviam depositado no sistema republicano.

Essa exclusão provocou uma grande mudança na forma de se fazer literatura. O desencanto, o pessimismo e as críticas à burguesia utilitarista que subia ao poder

²⁴ Ibidem, ib., PP 641-651.

começaram a se fazer presentes nas obras de vários autores, que passaram a ser conhecidos como “decadentes”.

“Acho-nos em um período de efervescência, de decomposição e até mesmo de degenerescência profunda.”²⁵ – declarava Magnus Söndhal para a entrevista feita por João do Rio. Esse mesmo pensamento era comum a muitos intelectuais da época, cujo depoimento nos reporta ao desapontamento que vivia aquela geração das letras.

Várias correntes ideológicas, diversos estilos e religiões se mesclavam naquela virada de século e os intelectuais também não ficavam imunes às informações que começavam a tornar-se abundantes, particularmente após o sucesso do jornal.

O ocultismo da Índia, o Hermetismo e o Esoterismo do Egito, o Cabalismo Hebraico, a Teosofia Ocidental e, finalmente, o Mentalismo Vinlândico, ou da América Inglesa. Essas belas e interessantes Escolas metafísicas e místicas são destinadas a destruir todas as “teias de aranha” dos cérebros cristãos, pois que representam, de fato, a base sã e Esotérica do próprio Cristianismo,²⁶

continua o “mago” Magnus Söndhal, mostrando a grande decepção dos que esperavam do cientificismo da época as respostas para as grandes questões existenciais, sempre presentes no espírito humano.

Como as ciências haviam também abalado os alicerces da igreja, mostrando a impossibilidade de algumas idéias defendidas por ela, entrou em crise igualmente o cristianismo, fato que contribuiu para a disseminação das crenças orientais, particularmente dessas mencionadas por Söndhal, o que não deixará de refletir em algumas produções literárias da época.

O jornal impresso começa a circular no Rio de Janeiro e, com ele, outras mudanças de hábito foram introduzidas, causando um impacto no já restrito mercado de obras literárias. Os próprios intelectuais emitiam impressões diferentes a respeito da imprensa: uns a defendiam como um meio de divulgação dos textos literários, outros a condenavam veementemente, como concorrente desleal para as muitas páginas dos romances.

²⁵ RIO, João do. **O momento literário**. In http://www.literaria.hpg.ig.com.br/livros_did_m.htm

²⁶ Ibidem.

Ao lado dos telegramas, do noticiário, das taxas de câmbio, das publicações a pedido, os jornais costumam permitir que assuntos literários ocupem algumas colunas, sobre as quais os burgueses não desdenham passar um olhar distraído, quando a viagem do bonde lhes dá tempo – ironizava Sousa Bandeira.²⁷

Em compensação, havia os que pensassem, a respeito do jornal como veículo de divulgação literária, da mesma forma que Gustavo Santiago:

Encarando-o sob o aspecto da prática, do exercício, considero-o dos piores. A facilidade com que o público aceita quanto se lhe dá; a maleabilidade de espírito necessária no jornalista para o enfrentamento das questões as mais diversas; a pressa com que se é obrigado a trabalhar na redação, a atender à urgência da hora; a banalidade e leveza de comentários, a que se é forçado — são elementos nocivos, que acabam esterilizando, matando o homem de letras.²⁸

Como em todo período de transição traz em si o fermento das idéias de vanguarda, os literatos daquele fim de século dividiram-se em “novos” e “velhos”. A estes, Fábio Luz prefere chamar “consagrados”, que travavam guerra contra os “novos”, amesquinhando e depreciando-lhes o trabalho, com o “justo receio” de que viessem a “lhes fazer sombra”, pois os moços aspiravam a ser “velhos, medalhões, consagrados, demolindo reputações bem ou mal adquiridas”.²⁹

E nesse “Período sincretista”, como o chamou Tasso da Silveira³⁰, “*Nacionalista ou Eclético*”, na definição de Alceu de Amoroso Lima³¹; “Intervalar”³², na visão de Waltensir Dutra e Fausto Cunha; denominado por muitos de “Neo-romântico”, conforme observação de Múcio Leão³³ ou ainda a inviável nomenclatura “anos infecundos”, de Fernando Góes³⁴, surgem grandes escritores, de alma genuinamente brasileira e igualmente desiludidos com a burguesia que açambarcava o poder. Quase todos idealistas, vendo na cultura o único meio

²⁷ Ibidem, p. 144.

²⁸ Ibidem, ib., p. 147.

²⁹ Ibidem, ib., p. 104.

³⁰ SILVEIRA, Tasso. **Variações sobre a poesia brasileira**. In **Revista Brasileira**, Rio, ano I, junho de 1941, p. 147.

³¹ LIMA, Alceu de Amoroso. **Quadro sintético da literatura brasileira**. Rio de Janeiro, 1956, p.58.

³² DUTRA, Waltensir e CUNHA, Fausto. **Biografia Crítica das letras mineiras**. Rio de Janeiro, 1956, p. 58.

³³ LEÃO, Múcio. **O espírito da nova poesia**, in **Ensaio contemporâneos**, Rio de Janeiro, s.d., p. 36.

³⁴ GÓES, FERNANDO. **Panorama da poesia brasileira**. Vol. V. RJ: Ed. Civilização Brasileira, 1960, p. XXIII.

para a “regeneração” da sociedade brasileira. Entre eles, Euclides da Cunha, Rui Barbosa e Augusto dos Anjos, cujas produções literárias, à primeira vista, parecem diametralmente opostas, porém, em uma leitura mais aprofundada, mostram-nos instantes que se casam, pensamentos que se cruzam, lutas pelas mesmas causas e uma busca incessante da justiça.

Realmente, eles foram representantes, no Brasil, entre outros, da “utopia romântica anticapitalista”³⁵ e mostram em suas obras “a dor, o horror, o feio, o grotesco, o grito de revolta, a lágrima e o sangue”³⁶ - ou seja, tornam-se portadores das vozes das vítimas da opressão.

1.2. O ADVENTO DA REPÚBLICA

Um ano depois da abolição dos escravos veio a República, e com ela crises políticas sucessivas passaram a convulsionar o país, principalmente à época da política do Encilhamento, que provocava a derrocada de fortunas seculares. Essas crises, porém, foram reprimidas sem poupar atos de violência, como deposições, degolas, exílios e deportações.

Pelo noticiário dos jornais, é possível ter uma idéia de como o novo sistema foi recebido. No dia seguinte – 15 de novembro de 1889 – a **Gazeta da Tarde** estampava a notícia de que, a partir daquele dia, 15 de novembro de 1889, o Brasil entrava em nova fase, pois terminara a Monarquia e o regime “francamente democrático” iniciara, “com todas as conseqüências da Liberdade.”

Isso ocorrera “graças ao Exército”, responsável pela “magna transformação”, assim como a 7 de abril de 1831 ele firmara a Monarquia constitucional, encerrando o “despotismo do Primeiro Imperador”. Da mesma forma, o Exército proclamara, nesse 15 de novembro, “no meio da maior tranqüilidade e com solenidade realmente imponente, que queria outra forma de governo.” A notícia conclui:

³⁵ Expressão empregada por F. Foot Hardman, em **Nem pátria, nem patrão!** (op. Cit.), p. 351.

³⁶ HARDMAN, F. Foot. **Nem pátria, nem patrão!** (op. Cit.), p. 352.

Assim desaparece a única Monarquia que existia na América e, fazendo votos para que o novo regime encaminhe a nossa pátria a seus grandes destinos, esperamos que os vencedores saberão legitimar a posse do poder com o selo da moderação, benignidade e justiça, impedindo qualquer violência contra os vencidos e mostrando que a força bem se concilia com a moderação. Viva o Brasil! Viva a Democracia! Viva a Liberdade!³⁷

De início, as elites tradicionais do sistema monárquico foram eliminadas; em uma segunda etapa, os intelectuais fortemente engajados na luta pelo novo regime e representantes dos mais altos anseios populares foram marginalizados pela burguesia emergente, que abocanhava o poder, à custa da morte de antigos valores, como a honra, a integridade de caráter e o respeito ao próximo. As negociações mais excusas eram travadas entre indivíduos até então desconhecidos.

Para uma noção de como estava o Rio de Janeiro nessa fase de transição para o sistema republicano, basta uma leitura dos textos de Lima Barreto em que ele descreve a existência de “casas, casinhas, casebres, barracões, choças por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas”, porque era utilizado qualquer material para essa construção, desde latas de fósforos abertas e distendidas, até telhas antigas, folhas de zinco e bambu. Ele aponta ainda verdadeiras aldeias construídas com esses materiais – um início de favela, certamente -, nas entradas dos morros, que ficavam ocultas pelas árvores e bambuzais. Aponta a existência de uma única bica de água para todos e nenhum tipo de esgoto. A população muito pobre vivia, portanto, sob a constante ameaça de varíola e acrescenta: “quando ela dá para aquelas bandas, é um verdadeiro flagelo.”³⁸

Mas era no centro que toda essa população miserável ia batalhar pela sobrevivência, logo pela manhã. Alcindo Guanabara menciona o fato como verdadeiros “infernos sociais”, aonde se chegava à concentração de 3928 pessoas por km², proliferando habitações precárias, insalubres e com superpopulação, às quais Aluísio de Azevedo já se referira em **O cortiço**.

³⁷ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 651.

³⁸ BARRETO, Lima. Apud SEVCENKO, Nicolau. Op. cit., p. 78.

E Guanabara denuncia “uma revoltante promiscuidade, dormindo freqüentemente em um só leito ou em uma só esteira toda uma família”³⁹.

Augusto dos Anjos emprega a palavra “promiscuidade” em seus poemas, parece-nos que para indicar toda situação em que os corpos ou coisas se misturam, seja na senzala do Engenho ou os miseráveis retirantes da seca que se amontoavam na capital da Paraíba; seja nos cortiços do Rio de Janeiro ou nas masmorras da Ilha das Cobras ou ainda referindo-se às alianças desonestas estabelecidas entre políticos e banqueiros ou oligarcas, firmadas na calada da noite. Todos eles cabem nestes versos de **O lupanar**: “É o afrodístico leito do hetairismo,/ A antecâmara lúbrica do abismo,/ Em que é mister que o gênero humano entre,/ Quando a promiscuidade aterradora/ Matar a última força geradora/ E comer o último óvulo do ventre!”⁴⁰

A falta de moradia e o crescente desemprego – problemas bem conhecidos da sociedade atual – caracterizavam a vagabundagem delituosa, conforme esse cronista. E é ele ainda que revela os desvios do subemprego carioca, dizendo que todos aqueles “pobres seres tristes” viviam de migalhas, de esmolas, “do cisco, do que cai nas sarjetas, dos ratos, mos magros gatos dos telhados, são os heróis da utilidade, os que apanham o inútil para viver”.

Como vemos, o mal é antigo, foi denunciado a tempo e poderia ter sido sanado, os governantes poderiam ter agido de forma a incluir essas pessoas na sociedade, porém a única resposta da República é sempre a exclusão, a marginalização, como se esses indivíduos fossem invisíveis, não tivessem os mesmos direitos de todos os cidadãos. Nossa República se iniciou elitista e preconceituosa e ainda hoje, mesmo não contando com tantos nomes de famílias tradicionais, havendo as grandes fortunas mudado de mãos e, conseqüentemente, também o poder, quem consegue essa ascensão social passa a segregar também o próprio passado, a própria origem. Este é um dos grandes males do brasileiro: viver de uma imagem fictícia da sociedade brasileira.

³⁹ GUANABARA, Alcindo . Idem, ib., p. 79.

⁴⁰ ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. Introdução, notas e revisão Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Aguilar, 2004, p. 228.

As elites começaram, então, a se preocupar com a delinquência infantil e juvenil, como registra o cronista do **Jornal do Commercio**, em 28/06/1897, mostrando que aumentava a “infância abandonada”, à proporção que a população se multiplicava, que continuava a viver em uma miséria acintosa, formando então um “viveiro de delinqüentes, sementeira da prostituição e do crime”, que se avolumava e crescia progressivamente.

No entanto, apesar da enorme pobreza de um lado, na área cultural ampliaram-se as atividades intelectuais, e ganhou novo fôlego o mercado editorial. No Brasil, os positivistas foram alçados a verdadeiros pedestais, convencendo os leitores de sua insubstituível utilidade. O terreno da criação começava a exigir a invasão do espaço histórico. Nesta linha surgiu Tobias Barreto, com a Escola do Recife. O polêmico escritor começou o debate, dizendo: “Temos Estado, mas não temos nação.”⁴¹

Nabuco denunciou a fragilidade de nosso Estado e alertou para a evidência da necessidade de reconstruí-lo, o que implicava modernização da estrutura social e política. Essas foram as linhas defendidas pela classe intelectualizada da época, influenciada pelo cientificismo e pelo liberalismo. Porém a maioria dos escritores, na prática, ficava no meio-termo entre os dois extremos, e agia conforme as circunstâncias e as inclinações pessoais.

A nova lógica que vai se estabilizando possibilita uma abrangência maior do universo literário e permite o ingresso de novos intelectuais no âmbito da literatura, porém muitos desses introduzem um dialogismo com outras áreas antes não permitidas na criação artística. Entre eles, Euclides da Cunha, Rui Barbosa e Augusto dos Anjos.

Casanova defende que as concepções de “nacionalidade” e “popularidade” propostas por Herder são politizáveis, pois permitem uma identificação entre “língua e nação”, poesia e espírito popular, fazendo com que a literatura seja, ao mesmo tempo, um instrumento político de luta. Isso justifica os espaços “heteronômicos” dessa literatura e a sua grande dependência da história política de onde é cultivada.

Esse processo caracteriza a “nacionalização” da literatura, a se opor ao modelo francês e passa a constituir, então, o lado antagônico organizador do conjunto do espaço da

⁴¹ Ibidem , p. 47.

literatura no mundo. Relevante para este estudo é a explicação de Casanova a respeito dessa espécie de “suplemento da alma”, que para ela é o “princípio originário da nação.”⁴²

O **Eu** parece se alinhar perfeitamente a essa concepção. Augusto vai revelando, juntamente com o “eu” individual, o “Eu” coletivo, que é gerado nesse princípio originário que é a fusão de todas as coisas. Por isso, talvez, esse forte dialogismo com as várias correntes científicas – européias ou na versão brasileira – daquela época em que era fundamental o exame minucioso das coisas e dos fatos, com o procedimento de analista laboratorial cuidadoso. A partir, então, dessa teoria herderiana, as literaturas ganharam limites nacionais.

Esse olhar de analista aparece tanto na descrição detalhada como no vocabulário utilizado, em um processo semelhante ao dos naturalistas, como, por exemplo, a descrição que Aluísio de Azevedo faz em **O cortiço**, ao chamá-lo de “viveiro de larvas sensuais”, o que Augusto aplica em **Monólogo de uma sombra**: “Larva de caos telúrico, procedo/ Da escuridão do cósmico segredo,/ Da substância de todas as substâncias!”, ou “E até os membros da família engulham,/ Vendo as **larvas**⁴³ malignas que se embrulham/ No cadáver malsão, fazendo um s.”

Em **Os doentes**, fica evidente a relação do “larvário” com o povo decadente, de onde outro seria gerado: “O letargo **larvário** da cidade/ Crescia. Igual a um parto, numa fumaça,/ Vinha da original treva noturna, O vagido de outra Humanidade!”⁵²

E o “verme” parece ser aquele que detém o poder máximo sobre os homens, tanto que dedicou um soneto ao **Deus-verme**, como se estivéssemos nas mãos de alguém que ainda não chegara ao estado evolutivo de ser humano, assim como as ciências da época o concebiam. Esse “Grand-Être” seria uma forma larvária e somente as suas manifestações atingiriam a forma humana, dependendo do estágio em que se encontrassem: “Fator universal do transformismo,/ Filho da teleológica matéria,/ Na superabundância ou na miséria,/ *Verme* — é o seu nome obscuro de batismo.”

⁴² CASANOVA, Pascale. **A República mundial das letras**. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002., p.136.

⁴³ Obs.: os negritos são nossos, para destacar as palavras que refletem o olhar do naturalista.

Esse uso alegórico da linguagem indica-nos outro caminho de leitura dos poemas de Augusto, o da crítica social. A República, longe de ser o sistema igualitário com que seus idealizadores sonharam, acabou por consagrar a primazia da irracionalidade e da incompetência. Augusto era um dos muitos desiludidos com o sistema, a ponto de escrever em uma crônica de 16 de novembro de 1906, que “a explorada carcaça brasileira”, para levar à glória a data da proclamação da República, acabava de “envergar amplas baetilhas de pompa rutilante”, ou seja, de cobrir-se com manto de ouro, e os deputados, “guardiães vorazes das assembléias políticas”, fizeram uma distribuição festiva de cargos de confiança do governador.

E, depois da festa, ele presenciou a briga acirrada, em que se usavam de todos os recursos para absorver mais poder e dinheiro – ou “gordura”, metáfora utilizada para riqueza- “golfando bílis negra, num encarniçamento de hipopótamos egípcios”⁴⁴ – e aqui provavelmente a alusão é a burguesia engajada em seitas secretas -, disputarem o cargo de maior prestígio, a maior “prebenda” (que também pode significar um cargo eclesiástico).

Augusto revela, em seus implícitos, algo que não podia e ainda dificilmente é possível dizer explicitamente acerca do governo paralelo que sempre comandou este país.

Ou ainda, mais adiante, na mesma crônica, ele enfatiza:

Digam o que quiserem, a República, entre nós, desmentiu do modo mais crasso o programa utópico dos sonhos bíferais e cuspiu publicamente, num desespero de heresiarca medieval, todas as páginas da bíblia ardente que, antes de ir para o túmulo de Plínio, Silva Jardim nos ensinou.⁴⁵

O novo sistema era, portanto, para o poeta, um sistema já corrompido em suas raízes e a República, que em vários países era representada pela figura de uma mulher, no Brasil também havia tido o seu símbolo feminino, mas para Augusto dos Anjos, como para muitos outros intelectuais daquela época, ela era a figura da prostituição, como em **Os doentes**: “Decerto, a perversão de que era presa / O *sensorium* daquela prostituta / Vinha da adaptação quase absoluta/ À ambiência microbiana da baixaza!”

⁴⁴ Lembramos a obra Machado de Assis e o hipopótamo, em que este é alegoria de “mistério”.

⁴⁵ Ibidem, p. 638.

Através de sua arte literária, o poeta deixa registrada a sua revolta e a denúncia contra o sistema que levava a sociedade a caminhar cada vez mais aceleradamente para o individualismo possessivo, para a marginalização dos pobres, negros e mestiços e para uma tácita instauração da injustiça social que até hoje reina no Brasil, país em que todo o poder e riqueza ficam nas mãos de uns poucos que subjagam milhões de indivíduos, cada vez mais pobres e analfabetos.

A visão de sociedade moderna e igualitária que encontramos nos textos em prosa de Augusto parece-nos bastante utópica, encaixando-se perfeitamente no que Hardman denomina de “pólo melancólico-noturno-romântico”, que rejeita o mundo moderno e seus valores responsáveis pela derrocada dos valores tradicionais.⁴⁶

Em outra crônica, o poeta profetiza, em um futuro distante, o soar das trombetas anunciadoras da morte das hierarquias – o “comando sagrado” que não tem razão de ser em uma democracia. E quando anunciarem a falência das hierarquias intelectuais (talvez a mais problemática de todas); quando o “químico do laboratório” for humildemente capaz de “apertar fraternalmente as mãos escalavradas do jornalista”, aquele homem simples, que para sustentar a família “deu as carnes do corpo em sacrifício, no amanho escabroso da terra, durante cinquenta anos de trabalho anônimo”, sem que as exposições tão em voga na época dessem a menor importância; quando a mulher da elite burguesa for capaz de dar o braço à mulher do povo, “teceleira desprezada e honesta, cuja coroa de virgem brilha mais do que um diamante, dentro da negra miséria”,⁴⁷ então ouviremos ecoar no universo o canto anunciador da “concordia amorosa que há de reinar entre os homens, depurando-lhes as idéias na têmpera acesa do altruísmo”, afirma Augusto, em 10 de novembro de 1905, na sua **Crônica Paudarquense** publicada em 14 de novembro do mesmo ano.

Tal acontecimento, de cunho claramente positivista, acreditava o poeta que embotaria para sempre os desejos de “vitória individual” e uniria cada vez mais os homens nos sentimentos de paz e fraternidade. E a justiça também reinaria, pois no país em que os mais despreparados e os mais espertos tomavam injustamente o lugar dos mais honestos e cultos, seria ouvido “o canto igualitário”, que remeteria para sempre os títulos de nobreza e

⁴⁶ HARDMAN, Francisco Foot. **Antigos modernistas**. Art. Cit., ibidem.

⁴⁷ Ibidem, pp. 595-6.

diplomas “ao posto raso de embrulhos inúteis”, e a humanidade purificada realizaria, então, sem obstáculos, “o aperfeiçoamento da espécie”. Quando isso ocorresse, já estariam mortos os “instintos da iniquidade humilhante”, e o gênero humano, sob a égide da conexão cosmopolita, não teria mais de revolver monturos para mostrar escórias à “face escandalizada do Sol.”⁴⁸

Era esse o pensamento que regia as atitudes de Augusto, inconformado com a injustiça social e com as inutilidades que grassavam a sua volta.

Desde o início a República, imaginada como um sistema justo e igualitário, tirou do caminho os idealistas que lutaram por ela e comungavam com as aspirações da população brasileira, permitindo que voltassem ao poder os antigos representantes do regalismo, perpetuando um modelo de governo baseado na enorme e injusta diferença entre as classes sociais.

Muitos autores registraram os sinais dessas mudanças implantadas com a República, entre os quais se encontra a “aceleração do ritmo das trocas materiais e simbólicas”⁴⁹, que em Augusto aparece em trechos como este: “As inutilidades avançam”, superlotam os bondes por todos os lados, “como água solta e desopressa”, tirada de reservatórios represados; ganham na divisão dos lucros sociais os maiores cargos, aparecem nos comícios partidários como figuras importantes e são, em resumo, “os tambores de rufo violento que atroam com mais estrépito nas sarabandas governamentícias.”⁵⁰ Parece que pouco se mudou em um século de governo...

O poeta percebia que o mal estava num desenvolver contínuo, alastrando-se rapidamente, levando os indivíduos à ganância material, e à construção de uma falsa imagem que se precisava manter perante a sociedade. É o que mostra a *Crônica paudarquense* (fragmento) de *O comércio*, 5-10-1905: “A Paraíba inteira se limita hoje a satisfazer com exatidão sócra solicitações materiais.” As pessoas aderiam ao consumismo de coisas supérfluas, para satisfazer seus “instintos vulgares.”⁵¹

⁴⁸ Ibidem, p. 596.

⁴⁹ HARDMAN, F. Foot. **Antigos modernistas**. *Apud*: Aduato Novaes. (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras/ Secret. Municipal de Cultura, 1992, p. 293.

⁵⁰ Ibidem, p. 75.

⁵¹ Ibidem, p. 585.

A burguesia construiu as bases para, através do Estado Liberal, garantir o direito natural à propriedade, pois o Estado existe a partir do contrato social. Para o pensamento burguês liberal, aquele que não consegue com o seu trabalho retirar da terra suas posses, é um parasita, um “pobre”, que não conquista a propriedade privada em sua condição natural. Esses pobres são obrigados a trabalhar para os outros, por um salário que dificilmente corresponde ao valor real desse trabalho, para que possam garantir a sobrevivência cotidiana. Em **O comércio** de 12 de outubro de 1905, na **Crônica Paudarquense**, lemos a crítica de Augusto, alertando que a indústria, a política e a religião necessitavam de muita atenção e da “eficácia perene de um devotamento incondicional.”⁵²

O poeta paraibano percebe também – e registra em seus artigos – que o novo sistema não valorizava a cultura e a educação do povo e que instituições como a igreja, por exemplo, recrudesciam-se como órgãos repressores da liberdade humana. Afirma, portanto, que era preciso enxergar essa instituição através de um olhar crítico, não apenas da fé cega e alienada: “Um passo mais, e entrareis o cemitério abandonado”, onde diariamente passa o enterro da grandeza Romana (que seria o Vaticano), e ainda atrai a veneração do mundo inteiro. Então adverte: “Chorai, como Ezequiel, sobre os salgueiros dessa necrópole, beijando a ruína dos anfiteatros” e todos os lugares em que antigamente brilhou, com o último iluminado da Antigüidade, o “suntuoso Arco do Triunfo”.

A tudo isso, acrescenta ainda a importância dessa atitude crítico-reflexiva na compreensão das coisas, porque assim esta seria a maior fonte inspiradora. O que o texto fala – uma vez que não podemos ter a pretensão de chegar à intenção de Augusto – é da necessidade de deixar de lado todas as normas da Igreja Católica e seguir apenas o mandamento de Cristo: “Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei.” Nada mais verdadeiro do que essa afirmação arrojada do poeta, mas ela, com certeza, contribuiu também para o seu exílio, na somatória dos desafetos que fizera na Paraíba. “Ser-vos-á isto, talvez, a maior fonte inspiradora. Resta agora embrenhar-vos no calado seio medieval, para depois, nos focos da Renascença, o calor de máquinas ciclópicas, haurirdes o supremo impulso definitivo.”⁵³

⁵² Ibidem, p. 588

⁵³ Ibidem.

Aqui se encontra um dos pontos que desejamos salientar neste trabalho: Augusto dos Anjos, assim como Euclides da Cunha, desejava participar de uma “nova Renascença”, talvez nos moldes da que ocorria em Portugal que, segundo Fernando Pessoa, era um misto de Romantismo e Renascimento.

Além disso, há uma proximidade entre essa idéia renascentista de “livre-pensador”, que está presente também nos intelectuais anarquistas e Augusto, em um de seus trechos, cita o criador do “anarquismo individualista”, Max Stirner. Este detalhe nos permite também mais outra hipótese: seria o pensamento de Augusto anarco-individualista?

1.3. O ENGENHO E O POETA

*Em vão! Contra o poder criador do Sonho
O Fim das Coisas mostra-se medonho
Como o desaguadouro atro de um rio...*

(AA, **O Fim das Coisas**)⁵⁴

Augusto declarava isso em resposta a um artigo publicado na imprensa, assinado com o pseudônimo de “O outro professor”, no dia 3 de agosto de 1901, criticando seu poema **Pecadora**, acusando-o de plágio. Durante anos seus escritos em prosa irão se referir a esse crítico, pois o poeta fica sabendo que é um colega seu, do Liceu, como já apontamos na introdução deste trabalho.

Vamos iniciar aqui com a mesma pergunta que sempre nos fazem, quando falamos deste projeto: afinal, quem foi Augusto dos Anjos? É um pouco do que pretendemos desvendar a seguir.

⁵⁴ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 357.

O PAU d'ARCO

*Quisera antes, mordendo glabros talos,
Nabucodonosor ser do Pau d'Arco*
(**Gemidos de Arte**, Augusto dos Anjos)

O velho engenho onde cresceu o poeta era, segundo Castro e Silva, “nascido do massapé, acachapado e tosco na sua arquitetura, com os pilares mal rebocados deixando à mostra os tijolos enormes e mal acabados.”⁵⁵

Ali era forte o sistema patriarcal, que até hoje se faz sentir em todo o nordeste. Com a abolição, sobreveio o declínio da cultura canavieira e o marasmo econômico, até a crise que obrigou as propriedades a mudarem de donos, como foi o caso do Pau d Arco. É preciso conhecer um pouco desse meio em que o menino passou a infância e parte da adolescência, e que tamanha saudade lhe deixou, como observamos pela sua correspondência.

Entre os festejos do local, a “botada do Pau d’Arco”, segundo narração de Ademar Vidal, animava os familiares e todos os que viviam no engenho, com suas manifestações religiosas e a alegria reinante. A “botada” era a operação e cerimônia festiva de pôr o engenho para realizar a moagem, o que para eles constituía um verdadeiro ritual a cumprir, para que tudo desse certo.

O engenho se movia com água, de abril até agosto, numa represa de madeira, mas no mês de setembro era a época da moagem. Abria-se, então, a porta de água que ficava junto à nascente do rio, para libertar as águas, que se precipitavam sobre a roda, movimentando-a, para esmagar a cana e torná-la bagaço, enquanto o caldo verde escorria pela bica de cobre até os tachos enfumaçados. A fornalha aquecia-o e o mestre-de-ponto, depois de certo tempo, tirava o açúcar líquido para secar.

Na véspera, a casa do engenho as outras construções enfeitavam-se, interna e externamente, com troféus de pendões vegetais entremeados de flores selvagens, de ramagens e palmas, de festões e arcadas de folhagem. O terreiro coloria-se com as

⁵⁵ Ibidem.

bandeiras que flutuavam nas extremidades dos bambus flexíveis e verdes; e aqui e ali os moleques e as negrinhas saltavam e brincavam.

Matava-se um boi, além de carneiros e galinhas, para o banquete dos senhores e ração dos escravos. A comida era farta, e a dona da casa, a família do agricultor e a direção das escravas doces passavam a semana preparando as guloseimas para servir aos senhores e aos convidados, que não eram poucos. Os amigos e os compadres do senhor do engenho já chegavam à véspera, muitos vinham de longe. Muita música e fogos de artifícios comprados na cidade tinham presença garantida na animação da festa. A tradição rezava que, não se benzendo o engenho a cada safra anual, tudo correria negativamente: os escravos morriam ou decepavam as mãos, nas moendas; um desastre qualquer perturbaria a paz da família; um acontecimento fatal colocaria em atraso a vida do fazendeiro.

O vigário comparecia de batina, sobrepeliz e estola, tendo ao lado o sacristão; cerimoniosamente abria o livro sagrado, enquanto muitos recebiam tochas enfeitadas e acesas. E o sacerdote começava, assim, a bênção do engenho, depois da qual fechava o livro e afastava-se, cedendo espaço à cerimônia de inauguração.

Impossível a uma pessoa que tenha presenciado essas cerimônias desde a mais tenra infância não trazê-las sempre guardadas na memória, até mesmo cercadas de certo mistério, pois a presença do vigário, na época, dava a tudo um ar cerimonial quase que régio. As orações em latim, as respostas, tudo causava certa comoção aos mais sensíveis. A música, “em desafinação constante, atroadora a fazer despertar um cataléptico”, conforme Vidal, passava da celebração religiosa para festa profana, ao estouro dos foguetes que atacavam lá fora, das girândolas que sibilavam intermitentes até a conclusão da cerimônia.

Em seguida, em riquíssimos bules de prata, as escravas serviam saboroso caldo de cana, geralmente apreciado, sobretudo por ser o primeiro da moagem. Toda a escravatura, os foreiros em tropa e os conhecidos destes, experimentavam no terreiro e na fábrica o caldo que se distribuía a granel, em cuias de cabaço amargoso, ao uso da roça. Nesse dia, à exceção da gente de engenho, ninguém mais trabalhava: os escravos batucavam depois do jantar; os foreiros dançavam e cantavam; os senhores-moços presenteavam as crioulas e

mulatas de estimação com belos cortes de vestidos de chita ou de cassa, fios de corais, brincos de ouros, etc.⁵⁶

Desde o anoitecer a música anunciava o baile, que começava às nove horas e findava de manhã. Aos que haviam assistido à inauguração, era de costume mandar potes de melado e rapadura, como lembrança da festa, que durava uma semana, embora os escravos, após a “botada”, trabalhassem sem parar, revezando-se.

Os banhos na fazenda eram matinais, no “banheiro de choque”, que ficava à sombra dos coqueirais, e a ducha de água era movida por animais, conta Vidal. (VIDAL, 1967, p. 62). As horas no engenho eram marcadas pelo apito do “bueiro”, uma espécie de respiradouro existente nas fornalhas. O som rouco assemelhava-se ao silvo de algum navio invisível. Antes da aurora, a grossa fumaça que saía do bueiro já anunciava o início da jornada, que só terminaria com a chegada do crepúsculo. “Engenho sem bueiro fumando é engenho de fogo morto”, diz Vidal, símbolo de decadência econômica.

FAMÍLIAS DE TRADIÇÃO PATRIARCAL

Ainda no regime rural do patriarcado, quando os senhores de engenho possuíam escravos para o trabalho, para o prazer e para a amamentação de seus filhos, a família Fernandes de Carvalho ampliava cada vez mais seu território através de casamentos consangüíneos.

Para não transgredir esse costume, João Antônio Fernandes de Carvalho contraiu matrimônio com uma das primas, Juliana, mas deixou-a viúva ainda jovem. Esta foi a que rompeu a tradição, casando-se depois com um indivíduo que não pertencia à família, o juiz municipal de Pedras de Fogo, lugarejo na divisa com Pernambuco, Aprígio Carlos Pessoa de Melo. Este ganhou o apelido de “Doutor”, que o distinguia do clã, conforme Francisco de Assis Barbosa, apelido pelo qual ficou conhecido também depois por Augusto e os irmãos.

Juliana era mãe de Sinhá-Mocinha, que desposara, três anos após o casamento da mãe, o primo de Aprígio, Alexandre dos Anjos, em 1875. Nesta ocasião, Aprígio já havia

⁵⁶ Ibidem.

enviuado, pois a esposa falecera antes de completarem um ano de casados. O “Doutor” assumira, então, o encargo de criar os filhos do primeiro casamento de Juliana, quatro rapazes e uma moça, Córdula, mais conhecida por Sinhá-Mocinha.

Conforme corria oralmente pela região, informa Barbosa, a família Carvalho sempre ignorou Aprígio, acusando-o de casamento por interesse, por ficar com as terras de Juliana. As desavenças chegaram às colunas dos jornais locais se prolongaram até meados de 1908, ano do falecimento do “Doutor”.

O juiz era conservador, anti-abolicionista e monarquista. Seguidor de Sousa Carvalho, para quem a aprovação do projeto do Gabinete Dantas, em 1884, significaria “o suplício da constituição, uma falta de consciência e de escrúpulo, um verdadeiro roubo, a naturalização do comunismo, a ruína geral, a situação do Egito, a bancarrota do Estado, o suicídio da nação.”⁵

Interessante notar que essa expressão do Doutor Aprígio, “a situação do Egito”, para significar “decadência”, é retomada por Augusto no poema **Uma noite no Cairo**. Talvez a convivência com esse parente, que era a autoridade maior no Pau d’Arco, pois ele cuidava dos negócios da família, tenha também influenciado o vocabulário do poeta. Ao mesmo tempo em que era um reacionário, vivia com o rosário na mão, informa Barbosa.

Augusto conviveu com Aprígio até 1908. Com este homem que fazia parte da turma de estudantes que desfilavam tristes nas procissões, “vestidos de casaca preta, com opa e trazendo pendentes do pescoço uma medalha com as armas da Escola, presa a uma fita vermelha”, em 1864, conforme Barbosa. Figura cuja religiosidade certamente não passara despercebida a um espírito observador como o do poeta paraibano.

Junto à sala principal, ficava a biblioteca, onde havia quatro estantes cheias de livros, a mesa de jacarandá, um cofre Milner e meia dúzia de cadeiras de palheta. A sala do meio comunicava-se com a de jantar por um corredor, onde também ficavam as entradas para os quatro quartos da família. Havia ainda uma copa, pintada de amarelo, onde o senhor do engenho mantinha as gaiolas com seus pássaros de estimação.

Quem chefiava a cozinha era Donata, cozinheira-mestra que ali servia desde menina, e de quem o poeta não se esquecia. “Lembre-se à velha Donata e ao povo da casa”

– dizia ele em carta à Sinhá-Mocinha, em 1 de abril de 1908⁵⁷. Quando os rapazes voltavam da Paraíba do Norte, ou do Recife, ela os chamava de “netinhos do coração”⁵⁸.

No engenho, durante a “botada”, serviam-se suntuosas refeições, em que nunca faltavam frigideiras de camarões, “cabidela de galinha, pamonha de milho verde, tapioca molhada com leite de coco, conversas divertidas, histórias alegres e risos soltos.”⁶⁸

Era costume de D^a Córdula fazer a trezena de Santo Antônio à frente de um oratório que ficava em uma das salas da casa-grande e quem puxava a ladainha era Augusto, que, conforme Vidal, cantava entusiasmado diante da imagem cercada por “lâmparinas de azeite-de-carrapato”, em meio aos enfeites de bandeirinhas coloridas, “ramos de avenca, rosas e cravos brancos”⁵⁹ e com o chão coberto de folhas de canela.

O ambiente da casa-grande era de muita religiosidade católica, que se misturava, certamente, com os costumes dos escravos e dos descendentes de índios, talvez por isso os meninos tivessem cedo contato com o espiritismo. É ainda Vidal que afirma haver Augusto realizado várias sessões “memoráveis” na sala de jantar, e diz que o poeta era “médium classificado”, tendo uma vez invocado Gonçalves Dias e começado a escrever versos que todos acreditavam ser do poeta maranhense.

Mas nessa época os moradores do Engenho agitaram-se com medos que decorriam de “assombrações”, afirma Vidal. Como isso certamente abalou o sossego do ambiente, pois afirmavam ouvir ruídos estridentes pelo Pau d’Arco, assim que baixava a escuridão da noite, Dona Mocinha passou a proibir essas sessões. Na casa dos Carvalho dos Anjos não se bebia aguardente e nem se fumava; qualquer bebida alcoólica era sempre servida com moderação, garante Vidal.

ALGUMAS CURIOSIDADES

Os primeiros biógrafos de Augusto (particularmente Vidal, que compartilhou da vida do poeta por algum tempo, como aluno particular), contam algumas curiosidades que

⁵⁷ ANJOS, Augusto dos. Op. cit., p.700.

⁵⁸ VIDAL, Ademar. O outro Eu de Augusto dos Anjos. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1967, p. 61.

⁵⁹ VIDAL, Ademar. Op. Cit., p. 69.

decidimos resgatar, uma vez que, possivelmente, poderão estabelecer alguma intertextualidade com os poemas do paraibano.

A primeira delas é a respeito de um hóspede constante da casa-grande, Rufino César, deputado e fiel amigo da família. Esse visitante sofria de asma aguda e gostava de calorosas discussões, sendo tachado por Vidal de indivíduo “insuportável”. Em uma noite, após a refeição, começou a declamar um poema de Augusto, **Vandalismo**, quando, no início da segunda estrofe, no momento em que dizia: “Na ogiva fúlgida...” foi acometido de grave crise asmática, parecendo quase morrer de sufocação e angina no peito, provocando na família uma correria louca pela casa, ficando com ele apenas duas ou três pessoas; entre elas, Augusto, acreditando que o homem estivesse já agonizante.

Depois disso, passou a ser evitado por todos no Engenho, que não lhe perdoavam o “espetáculo de enfarte iminente”⁶⁰ Apenas o Doutor e Augusto falavam com ele, na esperança de obter notícias da política da capital.

Outro detalhe ressaltado por Vidal é o fato de quase todos da família sofrerem de insônia e serem medrosos ao extremo, menos Augusto, que por vezes questionava por que os irmãos eram tão diferentes dele.

No Engenho havia um jornalzinho manuscrito, confeccionado pelos filhos de Dr. Alexandre, sob a direção do caçula, Alexandre, que era orientado por Augusto, que educava agora o irmão, desdobrando-se em cuidados para com ele.

Mas Aprígio também tinha o jornal que redigia, com o sugestivo nome de **Ourinol da Tarde**. A mordacidade de sua escrita o fizera ganhar, de seus desafetos, a alcunha de “Aprígio dos Anjos Maus”. Era Aprígio também que dirigia **O miserável**, este com epigramas maliciosos ou sentimentais, sueltos⁶¹ e versalhadas.

⁶⁰ VIDAL, Ademar. Op. Cit., p. 73.

⁶¹ Cf. Dicionário Houaiss, boato ou notícia solta. Documento em meio eletrônico. In <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=suelto&stype=k&x=10&y=14>, acessado em 27/01/2009, às 23:55.

ALEXANDRE, O PAI

*Para onde fores, Pai, para onde fores,
Irei também, trilhando as mesmas ruas...
Tu, para amenizar as dores tuas,
Eu, para amenizar as minhas dores!*
(Sonetos, Augusto dos Anjos)

Talvez o nome predestine um homem a ser excepcional; talvez o doutor Alexandre tivesse uma visão de vanguarda, pois em um engenho no interior da Paraíba, conseguiu dar uma educação humanista e de alto nível aos filhos, com o conhecimento que adquirira e a biblioteca de livros nacionais e importados, bibliófilo que era, como informam Barbosa, Ademar Vidal e Magalhães Júnior.

Nascido no Recife, a 9 de maio de 1850, ali também concluiu o curso de Direito, em 1872. Foi promotor público nas cidades de Granja e Acaraú, no Ceará; Atalaia, Alagoas, Pedras de Fogo, na Paraíba e juiz municipal em Ipu. O casamento com Córdula Carvalho Rodrigues foi um “arranjo”, bem aos costumes da época, pois esta perdera a mãe quando seu padrasto tinha apenas 33 anos, então os tios decidiram o matrimônio, que se realizou em 6 de dezembro de 1875.

De 1877 a 1892, o casal teve nove filhos, sendo que dois faleceram cedo: Juliana e Otávio. Os demais foram: Francisca, Artur, Odilon, Augusto, Alfredo, Aprígio e Alexandre.

O primo do Dr. Alexandre, padrasto de Córdula, era quem realmente administrava o engenho, não tinha a mesma posição política do doutor. Aprígio, durante a campanha abolicionista, ficou do lado da dissidência liberal, escravista, aliada aos conservadores, pois considerava a libertação dos escravos um “atentado à propriedade”. Era seguidor de Sousa Carvalho, o político de Pernambuco que votou contra o parecer de Rui Barbosa, em 1884, e que considerava o projeto do Gabinete Dantas como “o suplício da constituição, uma falta de consciência e de escrúpulo, um verdadeiro roubo, a naturalização do comunismo, a ruína geral, a situação do Egito, a bancarrota do Estado, o suicídio da Nação.”

O pai de Augusto era de idéias abolicionistas e republicanas, erudito, versado em letras clássicas e atualizado com a intelectualidade de seu tempo, afirma Barbosa. Escreveu um artigo para o Almanaque do Estado da Paraíba, com o título “Considerações sobre o

salário”, em que cita Marx. Alexandre dos Anjos foi, também, contemporâneo de Tobias Barreto, na Faculdade do Recife.

Adolfo Generino Rodrigues dos Santos, irmão mais velho de Alexandre, após a formatura, passou a assinar somente Generino dos Santos e a se declarar maçom, republicano e abolicionista, adepto de Augusto Comte e filiado à Igreja e Apostolado Positivista do Brasil. Foi Generino quem mais apoiou Augusto, após a saída deste da Paraíba. A influência do Positivismo em Augusto pode ser vista, entre muitas passagens, neste trecho: “O centro da religião é a única realidade, o *Grand-Être*, ou a humanidade.”

A formação cultural do Dr. Alexandre fazia com que fosse algumas vezes chamado para compor bancas examinadoras de preparatórios na capital paraibana, conforme Magalhães Jr. Dr. Alexandre gostava também de flores, dedicava-se aos cuidados do jardim do casarão; colhia-as depois para enfeitar o altar de Nossa Senhora do Rosário, capelinha cujo teto era “recamado de estrelas douradas num firmamento azul desbotado”.

Aprígio manteve sua posição anti-republicana, aliou-se aos conservadores, antes tradicionais adversários seus na Paraíba, pois sempre fora do Partido Liberal, e concordou que seu nome fizesse parte como candidato a deputado do Partido Católico nas eleições para a Constituinte de 1890/91, contra a chapa oficial do Partido Republicano, organizada pelo governador Venâncio Neiva e o secretário Eptácio Pessoa.⁶²

Enquanto Aprígio era afeito a demonstrações de religiosidade católica, sempre “de rosário em punho, a puxar o terço ou a ensinar o catecismo, primeiro aos enteados, depois aos netos afins”, Alexandre se distanciava de discussões tanto religiosas quanto políticas.⁷³ Aprígio era, no engenho, o “Doutor” – tratamento que marcava sua autoridade patriarcal – e Alexandre era “Ioiô”.

Castro e Silva assim o descreve:

⁶² MELO, Fernando. **Augusto dos Anjos, uma biografia**. João Pessoa: Idéia, 2001, p.39.

Tipo desempenado e elegante; simpático por natureza, com o cabelo esvoaçante, os olhos, vivos e denotadores de inteligência, a brilharem num rosto comprido. Um bigode grosso e pontudo cobria o lábio superior, dando-lhe um sinal de respeito e maior gravidade. Colarinho duro, de pontas reviradas, recebia uma gravata preta e grossa, de laço à borboleta. Colete, punhos duros, paletó comprido, à antiga, correntão de outro segurando o relógio.⁶³

O Dr. Alexandre também publicara alguns artigos na imprensa da Paraíba e um trecho de um deles – **Considerações sobre o salário** – está registrado nesse livro de Castro e Silva. Conhecer o pensamento do pai é interessante para saber em que linha os filhos foram conduzidos. Vejamos alguns excertos desse artigo:

Civilizações embrionárias professaram, largo tempo, a clássica doutrina do salário natural: o preço da produção do trabalho era representado pelas despesas de subsistência do trabalhador e da família, não podendo sistematicamente o salário ultrapassar o *quantum* destas despesas ou restringir-se aquém destas.⁶⁴

Já no início lembramos o gosto de Augusto por algumas palavras utilizadas pelo pai, como o adjetivo “embrionária”: “Pois quem não vê aí, em qualquer rua,/ Com a fina nitidez de um claro jorro,/ Na paciência budista do cachorro/ A alma embrionária que não continua?!”⁶⁵ Mas as idéias do Dr. Alexandre eram avançadas para a época e o local, pois seu artigo continua defendendo que aqueles princípios rígidos eram injustos, por impossibilitarem que a melhoria na produção premiasse os empregados com as justas compensações por seus trabalhos, assim estimulando o aperfeiçoamento do esforço produtivo. Acreditava que os salários deveriam ser graduados sobre a produtividade do trabalho, “sobre o valor de uma ‘força de trabalho’”, como vira na linguagem sugestionadora do Karl Marx.⁶⁶

Cita as idéias de Lery Beaulieu, defende a diversidade de remunerações, proporcionais à capacidade da função produtora, acreditando que essa medida consolidaria a classe operária, submetendo os incompetentes e os fracos à dignificante imitação dos

⁶³ CASTRO E SILVA, **O poeta e o homem**. João Pessoa, PB: Irmãos Vitale, 1961, p. 96.

⁶⁴ Ibidem, 97.

⁶⁵ ANJOS, Augusto dos. Op. cit., p. 215

⁶⁶ CASTRO E SILVA, Op. cit., p. 98.

laboriosos e dos fortes. É possível perceber que, mesmo sendo avançadas para a época, as suas idéias eram, também, preconceituosas, certamente influenciadas pelas correntes filosóficas e científicas do momento. E conclui, em um artigo publicado no Almanaque do Estado da Paraíba:

Sancionemos, conseqüentemente, com o prestígio de nossas leis a homologação das nossas praxes jurídicas, o fecundo sistema da “produtividade do trabalho” – o único que, compatível às heterogêneas, prodigiosas especializações industriais, desvencilhará a nossa pátria do incaracterístico regimen de instabilidade financeira. Consagremo-lo, portanto arregimentemos o trabalho nas lúdimas proporções da sua grandeza teleológica; e não mais sejamos, para libertação do nosso opróbrio, o caboclo marasmático e indolente, a cuja *fácies* contrafeita, a hediondez das endemias tropicais pregou ironicamente placas de amarelidão e gordura mongólica.⁶⁷

Algumas palavras nos remetem imediatamente ao falar de Augusto, como em **O Deus-verme**: “Fator universal do transformismo,/ Filho da **teleológica** matéria,/ Na superabundância ou na miséria,/ *Verme* — é o seu nome obscuro de batismo.”⁶⁸ Em **Os doentes**: “O *fácies* do morfético assombrava!”⁶⁹ Em **Gemidos de Arte**: Uma região sem nódoas e sem lixos,/ Subtraída à hediondez de ínfimo casco”⁷⁰. O próprio Castro e Silva afirma que, nestes trechos do pai, há muitos dos termos utilizados pelo filho.

Quando chegou a crise à usina, o Dr. Aprígio Carlos Pessoa de Melo recorreu à Cahn Frères & Cie. para descontar as notas promissórias contra o Banco Emissor de Pernambuco, quando foi obrigado a hipotecar os dois engenhos: o Pau d’Arco e o Coité, que não haviam se modernizado, continuavam movidos a água. Mas o preço do açúcar caiu mais ainda, fazendo-se necessária a venda do Coité. Para agravar a situação, o Dr. Alexandre ficou doente, imóvel na cama por anos inteiros, enquanto as prestações vencidas da hipoteca se iam acumulando no Banco Emissor de Pernambuco.

Antes disso, o pai de Augusto já havia feito um tratamento de saúde em Recife, onde ficara na casa do irmão. Segundo Humberto Nóbrega, Alexandre escreveu à esposa

⁶⁷ Ibidem, 99.

⁶⁸ ANJOS, Augusto dos. Op. cit., p. 209.

dizendo que estava proibido de chupar laranjas, para não prejudicar o efeito do xarope de iodureto de potássio, remédio que Nóbrega afirma ser empregado até 1909 para o tratamento de sífilis.

Faleceu o Dr. Alexandre a 13 de janeiro de 1905, e seu corpo foi trasladado para a capital paraibana num vagão da Great Western, ligado ao primeiro trem do dia, e o enterro foi realizado às 16h00. O passamento foi registrado pelo jornal *O commercio*, em longa matéria de primeira página, segundo Magalhães Jr. Em 1908, morre o Dr. Aprígio e em 1910 – ano terrível na vida do poeta, com uma sucessão de fatos aziagos, inclusive a forçada ida ao Rio de Janeiro, para nunca mais retornar à terra natal – a família perdeu definitivamente o Pau d’Arco, único bem que lhe restava.

Nos versos de Augusto, o “pai” também está sempre presente, tanto como lembrança do progenitor quanto como metáfora de figura protetora, como em **Debaixo do tamarindo**: “No tempo de meu Pai, sob estes galhos,/ Como uma vela fúnebre de cera,/ Chorei bilhões de vezes com a canseira / De inexorabilíssimos trabalhos!”⁷¹ Em **Caixão fantástico**, a visão do enterro de algo ou alguém que lhe era caro: “Nesse caixão iam, talvez as Musas,/ Talvez meu Pai! Hoffmânicas viagens/ Enchiam meu encéfalo de imagens/ As mais contraditórias e confusas!”⁷² Este poema é de agosto de 1909, ano que começou bem para Augusto, porém após as publicações do discurso de 13 de Maio, parece que a carreira do poeta complicou-se na Paraíba, tanto que no ano seguinte ele vai para o Rio de Janeiro e nunca mais retorna à terra natal. A mágoa da família parece ser tão profunda que não autorizou o traslado do corpo de Augusto para lá, portanto seus restos mortais continuam em Leopoldina, Minas Gerais.

Em **Gemidos de Arte**, o poeta revela ainda a dor que a ausência do pai lhe causava: “Ser homem! escapar de ser aborto!/ Sair de um vente inchado que se anoja,/ Comprar vestidos pretos numa loja/ E andar de luto pelo pai que é morto!”⁷³ Poema que ele encerra com estes versos: “Quero assistir, aqui, sem pai que me ame,/De pé, à luz da consciência infame,/À carbonização dos próprios ossos!”⁸⁶ Interessante é notar que o poeta emprega

⁷¹ Ibidem, p. 210.

⁷² Ibidem, p. 311.

⁷³ Ibidem, p. 262.

“Pai” e “pai”, parece que o primeiro com o sentido de autoridade e o segundo significando o falecido pai.

O terceiro soneto, que é atribuído à morte do seu progenitor, **A meu pai morto**, impressiona pelo olhar naturalista do poeta, particularmente nestes versos: “Podre meu Pai! A Morte o olhar lhe vidra. / Em seus lábios que os meus lábios osculam / Microorganismos fúnebres pululam / Numa fermentação gorda de cidra.” E nestes: Podre meu Pai! E a mão que enchi de beijos/ Roída toda de bichos, como os queijos/ Sobre a mesa de orgíacos festins!...”⁷⁴ E na última estrofe: “Amo meu Pai na atômica desordem/ Entre as bocas necrófagas que o mordem/ E a terra infecta que lhe cobre os rins!”

No **Soneto** dedicado ao sétimo dia do falecimento do pai, o poeta fala: “E ele morreu. Ele que foi um forte / Que nunca se quebrou pelo Desgosto.../Morreu...mas não deixou na ara do rosto / Um só vestígio que acusasse a morte!” Se um anatomista examinasse o cadáver do pai, “ficaria admirado de seu rosto, / vendo-o tão belo, tão sereno e forte!” Ora, estranho dizer que o pai estava com aparência “saudável”, se o que consta nas biografias é que ele sofreu de uma doença que o prendeu ao leito por muito tempo... Este detalhe lembra-nos destes versos de **Cismas do Destino**, que dizem: “Eu, indo em direção à casa do Agra [...] Pensava no Destino, e tinha medo!” O críticos afirmam que “a casa do Agra” era uma funerária. Mas isso não parece fazer muito sentido nesse poema... No entanto, se pensarmos que Agra é a cidade em que se encontra o Taj-Mahal e o imperador que o construiu acabou prisioneiro de um de seus filhos, por este não concordar com as libertinagens do pai, e acrescentarmos o dado biográfico apontado por Vidal, que afirma estar o Dr. Alexandre proibido de chupar laranja, medida que, na época, era recomendada a quem sofresse de sífilis, chegaremos à conclusão de que esse poema pode se referir a alguém que estivesse impedindo o Dr. Alexandre de sair do Engenho.

Essa interpretação não seria de todo absurda, considerando o que dizem as duas últimas estrofes: “Quando meu Pai deixou o lar amigo/ Um sabiá da casa muito antigo/ Que há muito tempo não cantava lá / Diluiu o silêncio em litanias... / E hoje, poetas, fazem sete

⁷⁴ Ibidem, 270.

dias... / Que eu ouço o canto desse sabiá!”⁷⁵ Não seria outro além do “Doutor” Aprígio, pois se casou com Juliana porque esta assim o propôs, não lhe concedendo a mão da filha, como era o desejo dele. Mas então Sinhá-Mocinha enviuvou, e será que, naquela solidão do engenho, Aprígio não romperá o silêncio a respeito de seu antigo desejo?

Há informações que surpreendem na história dessa família, como, por exemplo, o fato de Augusto romper com João Machado e os irmãos do poeta permanecerem não ao lado daquele, como seria o lógico, mas ao lado do governador! Na cópia da **Ata da Inauguração do serviço de iluminação elétrica na Capital do Estado da Paraíba do Norte**, do dia 14 de março de 1912, constam presentes nesse evento: Dr. João Lopes Machado, Presidente do Estado, Monsenhor Valfredo Leal, Senador Federal, Cônego Odilon Coutinho, representando o bispo Diocesano d. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, [...] Dr. Artur Carvalho Rodrigues dos Anjos, Promotor Público da Capital, [...] Dr. Alexandre dos Anjos, diretor da Biblioteca Pública [...]

⁷⁶

Os irmãos conservaram-se nos cargos, portanto o problema foi restrito a Augusto dos Anjos e estes fatos nos remetem, por sua vez, à obra indicada por Ademar Vidal, por contar a história de Augusto, escrita por Alexandre dos Anjos, o irmão caçula de Augusto, por quem o poeta tinha muito afeto, por havê-lo educado, uma vez que o pai já não tinha condições de fazê-lo. Este assunto será abordado mais adiante, neste trabalho.

Outra fonte importante, embora ficcional, porém baseada na vida dos engenhos que conhecera, é **Menino de Engenho**, de José Lins do Rego, que conta a história de uma família muito semelhante à de Augusto, cujo pai dava muito pouca atenção à esposa e era bastante afeito a outras mulheres, mantendo inclusive uma famosa prostituta em João Pessoa. Nessa família, interessante também era a filha, de costumes bastante avançados para a época de grande rigidez moral, o que nos leva também a outra obra de Alexandre dos Anjos, **Proibição**, também indicada por Vidal, por contar sobre a vida do poeta. E o que nos revela esse livro é um amor incestuoso, entre irmãos que passam a cuidar de um engenho após a morte do pai. Falaremos também sobre este assunto mais adiante.

⁷⁵ Ibidem, p. 400.

⁷⁶ In **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**, vol. 12. João Pessoa, Paraíba: Editora Teone Ltda., 1953, p.p. 105-106.

Augusto aponta, em **As cismas do Destino**, como a presença do pai, naquela época, era imprescindível à sobrevivência, denunciando a prostituição como uma das cancerosidades da sociedade “moderna”: “Prostituição ou outro qualquer nome,/ por tua causa, embora o homem te aceite,/ É que as mulheres ruins ficam sem leite/ E os meninos sem pai morrem de fome!”⁷⁷

Nesse trecho, na estrofe logo a seguir, há uma informação importante, pontuada pelos dêiticos espaciais “aqui” e “lá”, que permitem ao leitor compreender que o poema se refere a dois universos distintos: o do Rio de Janeiro - “aqui” - e o da Paraíba - “lá” -, em ambos há o explorador e o explorado: “Por que há de haver aqui tantos enterros? / Lá no “Engenho”, também, a morte é ingrata... / Há o malvado carbúnculo que mata/ a sociedade infante dos bezerros!”⁷⁸ Ou seja, a juventude está sempre nas mãos daqueles que detêm o poder e que não hesitam em usar da violência e dos mais vergonhosos conchavos para manter a posição social. Aquele que, por acaso, for idealista e se rebelar, terá infalivelmente a punição, assim como a teve o poeta!

SINHÁ-MOCINHA

Abordaremos aqui apenas alguns aspectos que consideramos relevantes em relação à Sinhá-Mocinha, devido à relação afetiva que existia entre a mãe e Augusto, que a tratava sempre com muito carinho, com quem nunca deixou de manter contato, através de cartas, até o final da vida.

Humberto Nóbrega afirma: Sinhá-Mocinha ocupava vasta e profundíssima dimensão no afeto, no sentimentalismo do filho.¹¹¹ Segundo Nóbrega, Córdula possuía o mesmo gênio impetuoso da avó materna, bem como as tendências prepotentes. Em suas correspondências, Augusto muitas vezes se refere à revolta indômita dos nervos da mãe.¹¹²

Sinhá-Mocinha, durante o sexto mês de gravidez de Augusto, levou um choque com a morte do irmão – também Augusto – que contraíra septicemia dissecando um

⁷⁷ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 217.

⁷⁸ Ibidem, p. 217.

cadáver, em suas aulas na Faculdade de Medicina da Bahia e, segundo Flóscolo da Nóbrega, o fato levou-a à depressão profunda.

Guilhermina, a ama-de-leite que já cuidara da primogênita Juliana, foi encarregada de amamentar Augusto, porque nascera com peso baixo.

Realmente, pelas correspondências trocadas entre o poeta e a mãe, é possível perceber como parece ter sido difícil para o rapaz ficar longe do engenho. Em carta do Recife, de 22 de março de 1903, ele diz:

Tenho tido saudades profundas de todos aí. A nostalgia, não é uma ilusão, como muitos julgam: é um estado d'alma, real e doloroso que nos amortece as energias do espírito. Muita vez quedo-me em silêncio a pensar em Vmcê., Ioiô e em todos enfim. Procuro, entretanto, desfazer a saudade, mas a saudade volta, irresistível, indômita, numa obsessão cruel que alanceia e tortura. Adeus! Ioiô que me abençoe e não se esqueça de seu velho companheiro. Dr. Aprígio, Acácio, Alfredo, Aprígio e o esperançoso poetazinho Papá recebam um saudoso abraço meu.⁷⁹

Não só da mãe, mas também do pai e do irmão Alexandre ele demonstra, neste texto, sentir muita falta, pois se refere a este como o “velho companheiro”, além do carinhoso apelido de “Papá” ou o de “poetazinho”. E é essa melancolia, esse *spleen* que irá se agravar, provavelmente, com a ocorrência de fatos tristes em sua vida, como o falecimento de “Ioiô”, depois de Aprígio, o exílio da terra natal e a falta de uma situação econômica segura, contrastando com a infância cheia de fartura e sonhos que tivera no Pau d'Arco. Não haveria como ficar impassível a tudo isso.

Outro fato que marcaria o poeta eram as trezenas de Santo Antônio, promovidas por Dona Mocinha, no oratório de umas das salas da casa grande do engenho. Quem puxava a ladainha era Augusto, em latim, cantando com entusiasmo, escreve Vidal. O oratório era rodeado de lamparinas de azeite-de-carrapato e bandeirinhas coloridas, ramos de avenca, rosas e cravos brancos. O chão coberto de folhas de canela. As folhas de canela seriam, depois, um símbolo constante em sua correspondência com mãe, pois Augusto as colocaria, com versos nelas escritos, junto às cartas que lhe enviaria .

⁷⁹ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., 2004, p. 681.

Nos poemas desse paraibano há várias vezes a palavra “mãe”, porém a maioria delas nos remete à forma primordial, originária de todos os seres, como em **Os doentes**: “era /A saudade inconsciente da monera/ Que havia sido minha mãe antiga.”⁸⁰ Em **Ricordanza della mia gioventú**, ele se refere à figura materna: “A minha ama-de-leite Guilhermina/ Furtava as moedas que o Doutor me dava./ Sinhá-Mocinha, minha Mãe, ralhava.../ Via naquilo a minha própria ruína!”⁸¹, ou em **Gemidos de Arte**: “Pois minha Mãe tão cheia assim daqueles/ Carinhos, com que guarda meus sapatos,/ Por que me deu consciência dos meus atos/ Para eu me arrepender de todos eles?!” No soneto **A meu pai morto**, o poeta expõe, em diálogo reportado, a idéia da vida que nasce da morte: “E disse à minha Mãe que me dizia: / “Acorda-o”! deixa-o, Mãe, dormir primeiro!” - aqui há um jogo primoroso com o duplo sentido de “acordar”, pois enquanto para a mãe significa despertar de um sono apenas, para o filho era o despertar para uma nova vida, porém seria necessário passar primeiramente pela morte, “dormir completamente”.

Mas reconhece, também, a “mãe” da matéria, em **Vozes de um túmulo**: “Morri! E a Terra -- a mãe comum -- o brilho/ Destes meus olhos apagou!...” Em **Mater**, ele reconhece a beleza da maternidade: “Como a crisálida emergindo do ovo/ Para que o campo flórido a concentre,/Assim, oh! Mãe, sujo de sangue, um novo/ Ser, entre dores, te emergiu do ventre!” A consciência, aquela responsável pela censura dos nossos instintos, também é chamada de “mãe de esterilidades e cansaços”, em **A dança da psique**.

O princípio originário do universo, no qual ele penetra no poema **Revelação**, traz em si a unidade, não o dualismo, sendo, portanto, definido por ele como “Mãe promíscua do amor e do ódio insano”, enquanto em **Ceticismo**, poema que revela o embate dessa dualidade no espírito do poeta, chama a Igreja de “Grande Mãe”, porém como censora, que o impedia de realizar seus desejos.

A presença da “mãe” é muito forte na poesia de Augusto, seja como “a Virgem Mãe dos céus escampos”, que para ele é a lua, segundo seu poema **Treva e Luz**, seja como a saudade da infância, em **Sombra imortal**: “e a saudade da infância,/ Como um'alma de mãe, me acalenta e conforta!”

⁸⁰ Ibidem, p. 236.

⁸¹ Ibidem, p. 257.

UM MENINO DE ENGENHO

*Ah! De ti foi que, autônoma e sem normas,
Oh! Mãe original das outras formas,
A minha forma lúgubre nasceu!*
(Augusto dos Anjos, **Mater Originalis**)

Interior da Paraíba, 20 de abril de 1884. Mais exatamente às margens do Rio Una, perto da Vila do Espírito Santo, num engenho daqueles ainda de “fogo morto”, em uma época em que os produtores de açúcar veriam, como um tufão, mudanças radicais que levariam suas propriedades, seu dinheiro, o trabalho de toda uma vida, o fim da escravidão, a proclamação da República e o maior inimigo chegaria em meio a todas essas revoluções: o engenho tocado a vapor, inaugurando, no mercado açucareiro, a era dos usineiros. Nasceu ali Augusto dos Anjos.

“Perseguido por todos os reveses, /É meu destino viver junto a essa asa [de corvo]”, diz o poeta em **Asa de corvo**⁸². Em **Mágoas**, o lamento: “Quando nasci, num mês de tantas flores,/Todas murcharam, tristes, langorosas, / Tristes fanaram redolentes rosas, /Morreram todas, todas sem olores”⁸³. Descreve, em **Psicologia de um vencido**, esse “eu” dos perdedores na vida, entre os quais ele se inclui: “Eu, filho do carbono e do amoníaco,/Monstro de escuridão e rutilância,/Sofro, desde a epigênese da infância,/A influência má dos signos do zodíaco.”⁸⁴

Por versos como esses, foi, então, considerado macabro, “poeta da morte e do horroroso”, até foi tido por tuberculoso, sem jamais ter contraído esse mal que dizimava os românticos. Diferente, raro, vanguardista... isto sim foi Augusto! Senhor de uma peculiar inteligência, menino que aprendeu, aos quatro anos, as letras do alfabeto vendo os jornais do Dr. Alexandre, seu pai.

De aguçada sensibilidade, poeta legítimo, de sonoridade intensa e domínio de um vocabulário erudito, adentrando mesmo pelo caminho da ciência, fato este que parece haver sido proposital, como explicaremos adiante. Mas não tuberculoso, nem macabro. Vencido, apenas, apesar de lutar uma vida inteira para ser vencedor.

⁸² Ibidem, p. 250.

⁸³ Ibidem, 372.

⁸⁴ Ibidem, p. 203.

No jogo político, Augusto não sabia vestir a máscara da hipocrisia nem censurar o verbo, portanto foi perseguido até ser obrigado a deixar a Paraíba para poder sobreviver. Por mais que neguem isso, há provas que nos levam a esta conclusão. O poeta paraibano foi mais um dos que ficaram à margem do poder, dos que foram impedidos de cantar livremente. Optou, como tantos, por sobreviver honestamente com a única saída que lhe restava: ser diretor de uma escola no interior de Minas Gerais, em Leopoldina, onde faleceu.

A poesia de Augusto é mais uma voz que se ergue em protesto para revelar a saga do brasileiro dominado, mas seu canto é original e, ao mesmo tempo, uma tentativa de torná-la imortal, de criar o grande poema brasileiro. A nosso ver, conseguiu fazê-lo, apenas não foi compreendido totalmente, pelo fato de que a história verdadeira do início da República foi, por muito tempo, impedida de chegar a seus leitores.

Talvez por isso haja tanta semelhança entre a vida desse paraibano e a de Euclides da Cunha... Dois gigantes, que somente o futuro poderia compreender. Esclarecer este ponto de vista e mostrar que Augusto é autor de uma tragédia moderna – o **Eu** - é o objetivo maior desta tese. Para atingi-lo, no entanto, foi necessário trilhar um árduo caminho, uma viagem em livros, jornais, revistas e todo tipo de documento acessível entre 1884 e 1920, na tentativa de compreender melhor o intelectual daquela época, particularmente aquele que passou pela Escola de Direito do Recife, para conseguir uma espécie de diálogo com o texto augustiano.

Reescrever a biografia do poeta, à medida do possível, cotejando a fortuna crítica, a obra de Augusto dos Anjos, documentos encontrados e os livros deixados por Alexandre dos Anjos, irmão caçula do poeta, foram também passos seguidos nesta tese, bem como a leitura das obras que ele cita em seus poemas, além de noções de Teosofia, Logosofia, Maçonaria, Positivismo de Comte e Miguel Lemos e dos românticos alemães de Jena, que formavam o pensamento da época, principalmente os da Escola do Recife, também foram etapas cumpridas.

As revistas do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, do Ceará, da Bahia e do Instituto Arqueológico de Pernambuco igualmente fizeram parte deste trajeto.

Foram efetuadas também pesquisas em Leopoldina, Minas Gerais, onde se encontram ainda manuscritos dos últimos poemas de Augusto, mas infelizmente, por não ser bolsista, a pesquisa na Paraíba, que consideramos de grande importância, não foi possível realizar até o momento.

Foi gravada uma entrevista com o Sr. Rafael, a pessoa que cuidava do “Espaço dos Anjos”, no imóvel em que Augusto residiu em Leopoldina e em cujo nome estão os pertences do poeta, bem como alguns manuscritos de poemas e o diário feito por Esther dos Anjos, todos necessitando de restauração antes que se deteriore completamente. Por infelicidade, Rafael veio a falecer pouco tempo após essa entrevista gravada.

As surpresas, portanto, foram muitas. A cada avanço na quantidade de leituras, ao voltar às biografias e poemas do autor, a compreensão se aprofundava. Não é possível dizer o número de releituras feitas desta forma, num vaivém constante entre os textos variados da época, a fortuna crítica de Augusto e suas obras. Por isso, se há um trabalho com muitas aberturas, é este. A obra augustiana é um mar, um oceano em que novas paisagens se descortinam a cada trecho ou a cada novo mergulho...

Há tanto a dizer que a dificuldade para selecionar o que deixar e o que retirar foi um processo muito difícil. Finalmente a opção foi proceder a esta leitura crítica do **Eu** como um trágico moderno.

ALEXANDRE, O IRMÃO

*O Alexandre dos Anjos merecia
Grandes coroas nesse grande dia,
Tesouros reais, auríferos tesouros...*
(Augusto dos Anjos, **Soneto**, 28 de abril de 1905)

O irmão caçula de Augusto, Alexandre, apelidado de “Papá” - obviamente por ter o nome do pai – também fez seus primeiros estudos no Engenho, porém, como o pai já não tinha condições de guiá-lo pelo universo cultural do mesmo modo que fizera com os outros filhos, passa, então, essa responsabilidade a Augusto, que a desempenhou de forma brilhante.

Mas o que diz o poeta desse irmão menor, por quem sempre exprimia imenso carinho, como afirma Vidal? Ao completar nove anos de idade, Alexandre ganha um poema do irmão, **Soneto**, com a dedicatória: “Ao meu prezado irmão Alexandre Júnior/ pelas nove primaveras que hoje completou.”⁸⁵ O poema é de 28 de abril de 1901, está em

Poemas esquecidos:

Canta no espaço a passarada e canta
Dentro do peito o coração contente,
Tu'alma ri-se descuidosamente,
Minh'alma alegre no teu rir s'encanta.

Irmão querido, bom Papá, consente
Que neste dia de ventura tanta
Vá, num abraço de ternura santa,
Mostrar-te o afeto que meu peito sente.

Somente assim festejarei teus anos;
Enquanto outros podem, dão-te enganos,
Jóias, bonecos de formoso busto,

Eu só encontro no primor de rima
A justa oferta, a jóia que te exprima
O amor fraterno do teu mano

Augusto

Interessante observar que o nome do poeta, que serve de “assinatura” à mensagem natalícia, também é parte do último verso, completando o decassílabo do soneto e compondo a rima com “busto”, da estrofe anterior. O poeta estava com 17 anos de idade ao compor esse poema, o que comprova a sua genialidade para a poesia desde a juventude.

Em **Poemas esquecidos**, há um **Soneto** com a dedicatória: “Ao meu prezado irmão Alexandre Júnior, pelo término dos seus estudos neste ano, em troféu de homenagem ao grande aproveitamento que deles soube tirar; a aplicação será sempre a 'alma mater' da inteligência humana, e o caminho mais perfeito que nos pode levar à tortuosa via da Ciência.”⁸⁶

⁸⁵ Ibidem, p. 382.

⁸⁶ Ibidem, p. 405.

O poema se inicia bem a estilo Castro Alves: “Ergue, criança, a fronte condorina / Que é tua fronte, oh! Genial criança, / É como a estrela-d’álva da esperança, / Do talento sagrado que a ilumina!”. Nestes versos está presente o orgulho de haver cumprido bem a tarefa de servir de preceptor ao irmão e pela conquista de Alexandre: o grande aproveitamento nos estudos.

Augusto encerra assim o soneto: “Aceita a saudação que num contrito / Fervor, eleva, qual penhor sincero/ Um peito amigo a outro peito amigo, / A um gênio que desponta e que eu bendigo, / A um coração de irmão que tanto quero!” É possível perceber o carinho do poeta pelo irmão.

Em 28 de abril de 1905, aniversário de Alexandre, Augusto lhe dedica **Soneto**, escrito por ele “no decurso de dois minutos, em homenagem ao aniversário natalício de Alexandre Rodrigues dos Anjos”: “Para quem tem na vida compreendido / Toda a grandeza da Fraternidade / O aniversário dum irmão querido /A alma de alegres emoções invade./ Depois quando no irmão estremecido / Fazem aliança o gênio e a probidade,/ Atinge o amor um grau nunca atingido / No termômetro santo da Amizade. / O Alexandre dos Anjos merecia /Grandes coroas nesse grande dia, /Tesouros reais, auríferos tesouros... / Terá no entanto indubitavelmente / A admiração do século presente / E a sagração dos séculos vindouros!”⁸⁷

Ademar Vidal faz referência a um conto que Alexandre escreveu no jornal doméstico **O espinho**, com o título **O Nordeste**, publicando um trecho em **O outro eu de Augusto dos Anjos**. Nesse trecho publicado, é possível notar a intertextualidade com um trecho de **A Terra**, em **Os sertões**, de Euclides da Cunha, que fala do sertão depois da chuva, mas ao mesmo tempo nota-se a semelhança de linguagem com as expressões utilizadas por Augusto, como, por exemplo, em: “[...] gozava-se a ânsia incoercível de criar, produzir, o desejo irritante e convulsivo de fecundar.”⁸⁸

⁸⁷ Ibidem, p. 467.

⁸⁸ VIDAL, Ademar, op. Cit., p. 97.

No poema **Queixas noturnas**, de Augusto, há essa expressão: “Como um ladrão sentado numa ponte / Espera alguém, armado de arcabuz,/ Na **ânsia incoercível**⁸⁹ de roubar a luz,/ Estou à espera de que o Sol desponte!”⁸⁹

Entretanto, o motivo que nos leva a citar esse irmão do poeta paraibano é outro. Chamou-nos a atenção o fato dessa fraternidade cheia de carinhos, quase paternal, que Augusto nutria pelo irmão, uma vez que ficou responsável pela sua educação, mas ao mesmo tempo é possível perceber que o poeta transmitia ao irmão sua filosofia sobre a importância da fraternidade, de cultivar, simultaneamente, “o gênio e a probidade”, além de viver para deixar algo de importante ao mundo, que só assim se lembrará dele após a morte.

Ora, educado dessa maneira, o irmão não se calaria diante da injustiça imposta ao poeta. E realmente não se omitiu... Não há registros de que tenha defendido Augusto na época da saída deste da Paraíba, porém Alexandre deixou dois livros que, conforme Ademar Vidal, relatam acontecimentos da vida da família, de forma “romanceada”. O biógrafo afirma isso a partir da descrição que o filho caçula faz da morte do pai, “sob o disfarce de nomes diferentes que servem de apelidos.” O filho serviu-se de fatos reais para compor a ficção de seus dois romances: **Proibição** e **Desajustado**. Lendo essas duas obras, vários novos questionamentos começam a surgir a respeito da biografia de Augusto.

Vidal cita um trecho de **Proibição**, que fala da morte do pai. Este, agonizante, entrega a propriedade aos filhos Abelardo e Heloísa, para cuidarem dela depois que ele morresse. Na narrativa os nomes da família são fictícios, porém estão presentes Faustino e Donata, dois criados da casa-grande. As últimas palavras do pai, nessa história, são: “Meu filho, eu vou morrer; entrego-te Heloísa e o Engenho. A Heloísa guardarás como um pai; pelo Engenho, trabalharás com o mesmo esforço, devotamento e probidade dos teus antepassados.”⁹⁰

⁸⁹ ANJOS, Augusto. Op. Cit., p. 291.

⁹⁰ ANJOS, Alexandre dos. **Proibição**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1972, p. 23.

PROIBIÇÃO

*Chegaste, o seio branco, e, tu, chegando,
Uma pantera foi se ajoelhando,
Rendida ao eflúvio do teu seio casto!*
(Augusto dos Anjos, **Sedutora**)⁹¹

A “Nota do autor”, no início de **Proibição**, livro de 66 páginas, da autoria de Alexandre dos Anjos, diz que ele procura estudar, “através da história e à luz dos preceitos biológicos, o controvertido problema do amor consanguíneo” e que a obra contém “um pequeno retrato do ambiente rural do nordeste brasileiro.”³ A obra conta com um prefácio de Agripino Grieco.

A narrativa traz a história ocorrida no engenho “Palmares”, que conserva a mesma inicial do Pau D’Arco, em cuja mata setentrional nascia o rio “Itanhem”, cujas águas moviam os engenhos de açúcar. A mata e o rio Paraíba estão presentes na história do Pau d’Arco. Fala das festas de “batismo das levadas”, fato que Vidal também menciona presente no Engenho da família Carvalho dos Anjos. No romance, os donos dessa propriedade são os Ribeiro de Carvalho e o atual proprietário era diplomado pela Escola de Direito do Recife, dados bastante semelhantes aos do próprio pai do poeta.

No entanto, esse personagem proprietário do engenho, funde em si características de João Antônio Fernandes de Carvalho, primeiro marido de Juliana, que a deixou viúva, morrendo com um infarto, como em **Proibição**, e Dr. Alexandre, pai de Augusto, pois o local da biblioteca e do escritório eram os mesmos de Pau D’Arco: “a sala do *Meio*”, e também características do Dr. Aprígio, segundo marido de Juliana, padraсто de Sinhá-Mocinha, pois ele também enviuvara cedo e era casado com a prima.

Seria esse um recurso utilizado pelo autor para revelar que a figura patriarcal, assim como os dramas e problemas sempre se repetiam naquele tipo de sociedade? João Antônio deixara filhos; entre eles, Sinhá-Mocinha. O personagem “Dr. Diogo” deixara dois filhos: Abelardo e Heloísa. A jovem era de rara beleza, característica herdada da mãe – assim como Sinhá-Mocinha herdara a beleza da mãe -, culta, inteligente e estudara no Colégio Inglês, de Recife.

⁹¹ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 434.

Na descrição da casa-grande, há muitas coincidências entre o texto de Ademar Vidal e o de Alexandre dos Anjos, como a mobília de jacarandá, as duas marquesas que ficavam na sala, as cadeiras de espaldar, os candelabros de prata, a capela de Nossa Senhora do Rosário, o gosto do “Doutor” pela jardinagem, a sala do meio, que no texto de Alexandre vem: “sala do Meio”⁴, com a biblioteca e onde o Doutor fizera o escritório e muitos outros detalhes que nos revelam tratar-se do mesmo engenho.

Encontramos, porém, um problema aqui: os dois textos são exageradamente semelhantes. Como chegamos ao de Alexandre através da referência feita por Vidal, mas não conseguimos a data da primeira edição de **Proibição**, fica a dúvida: houve plágio ou se trata, realmente, de uma intertextualidade entre a descrição feita pelos dois autores? Além das coincidências da descrição, Alexandre também faz menção a Donata, cozinheira, que chamava os meninos de “netinhos.”

A cena da morte do Doutor é semelhante à do pai de Mocinha, pois ele também sofreu de um infarto fulminante e, após morrer, os dois filhos passam a cuidar do Engenho, estando sempre juntos e dividindo as tarefas. A jovem, então, apaixona-se pelo irmão e tenta seduzi-lo, mas ele, embora também a amasse e a desejasse, resiste. Mas ambos eram fascinados pela psicanálise e tentavam compreender os motivos da proibição à realização desse amor.

Há muitas páginas de explicações baseadas nas teorias freudianas sobre o Consciente e, quando o rapaz compreende que não conseguirá suplantar a força censora de sua consciência, desiste do ato amoroso, voltando a agir, a partir desse instante, apenas fraternalmente com Heloísa.

No final, o Engenho é passado para mãos estranhas que o revigoram e o fazem voltar à agitação costumeira. Fica a questão: houve um incesto, mas de quem? “Abelardo” seria o irmão de Sinhá-Mocinha que morreu quando ela estava grávida de Augusto? Ou seria o próprio Augusto, sobre quem correram também boatos desse tipo de amor?

Impossível saber, porém, ganhariam sentido novo estes versos do poeta de **Psicologia de um vencido**: “Eu, filho do carbono e do amoníaco, / Monstro de escuridão e rutilância,/ Sofro, desde a epigênese da infância, / A influência má dos signos do

zodíaco.”⁹² Ou ainda estes, de **Gemidos de Arte**: “Pois minha Mãe tão cheia assim daqueles / Carinhos, com que guarda meus sapatos,/ Por que me deu consciência dos meus atos/ Para eu me arrepender de todos eles?! ”⁹³

Existe forte intertextualidade entre alguns trechos e os poemas de Augusto, como este, falando que a alma não é mais que “uma unidade da força cósmica universal...” Augusto, em **Sonho de um monista**, coloca estes versos: “E eu bendizia, com o esqueleto ao lado,/ [...] A energia intracósmica divina/ Que é o pai e é a mãe das outras energias!”⁹⁴

Há este trecho em **Proibição**: “As árvores seculares ostentavam uma virilidade de homem, uma carnadura exuberante de animal musculoso e bem reforçado.”⁹⁵ que lembra os versos de **Tristezas de um quarto minguante**: “Babujada por baixos beijos brutos, / No húmus feraz, hierática, se ostenta / A monarquia da árvore opulenta / Que dá aos homens o óbolo dos frutos.” (ANJOS, 2004, p. 300).

Bastante intrigantes são estes versos de **Mistérios de um fósforo**: “Ah! Maldito o conúbio incestuoso / dessas afinidades eletivas, / de onde quimicamente tu derivas, / na aclamação simbiótica do gozo!” (ANJOS, 2004, p. 304). Esse “tu”, no poema, refere-se à “Vida, mônada vil, cósmico zero, / migalha de albumina semifluida, / que fez a boca mística do druída/ e a língua revoltada de Lutero [...]”, portanto, todo aquele que nasce para este mundo está sujeito a esse sofrimento.

Existem outros trechos que se cruzam na obra de Augusto e Alexandre, porém não serão abordados aqui por não ser o nosso objetivo. Desejamos apenas trazer à luz mais essa possibilidade de análise na abordagem da vida do poeta paraibano.

⁹² Ibidem, p. 203.

⁹³ ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. Op. Cit., pp. 261-262.

⁹⁴ Ibidem, p. 225.

⁹⁵ ANJOS, Alexandre dos. **Proibição**. Op. Cit., p. 41

DESAJUSTADO

*Perdão, pátria da Aurora exilada do Sonho!
- Irei agora, assim, pelo mundo, para onde
Me levar o Destino abatido e tristonho...*
(Augusto dos Anjos, **Súplica num túmulo**)⁹⁶

Recuperar também a lembrança de outra obra de Alexandre dos Anjos pode ser interessante para o estudo sobre Augusto, pois **Desajustado** fala de um personagem perseguido por um homem influente e pela Igreja, com fatos que lembram bastante a biografia de Augusto dos Anjos.

“Alexandre dos Anjos, atual Procurador do Tribunal Marítimo, também poeta, autor das narrativas romanceadas **Proibição** e **Desajustado**.⁹⁷ Estes dois livros têm como ambiente o Engenho Pau D’Arco”⁹⁸ - é o que afirma Vidal, motivo pelo qual fazemos aqui referências a essas obras. Pois bem, este segundo livro tem como protagonista Marcelo Fernandes, um “mulato” que vai do nordeste para o Rio de Janeiro, como tantos outros “emigrados dos engenhos de açúcar do Norte”⁹⁹ e que leva consigo uma carta de recomendação emitida por seu padrinho, Cel. Leôncio Resende, para ser entregue ao Dr. Jacinto Carvalho, membro importante da família de Antunes de Carvalho, “de larga projeção social no país, composta de advogados, industriais e políticos”, sendo um dos “últimos resquícios genealógicos da velha aristocracia rural dos senhores de engenho, da zona setentrional do Brasil.”¹⁰⁰ Esse trecho lembra muito a ida de Augusto para Recife, à casa de Alfredo de Carvalho.

Marcelo é descendente, pelo lado materno, de uma negra, filha de uma escrava da família Fernandes, na várzea piauiense. Lembramos que o pai de Sinhá-Mocinha era João Antônio Fernandes de Carvalho e que viera do Piauí. O rapaz foi recebido pelo Dr. Jacinto, que o aconselhou a matricular-se em um curso ginásial, para prestar exames para o curso de Direito, no qual se formou. Começa, então, a dar aulas particulares de Geografia e

⁹⁶ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 428.

⁹⁷ Ambos publicados pela Pongetti, Rio, 1952, cf. Vidal.

⁹⁸ VIDAL, Ademar. Op. Cit., p. 147.

⁹⁹ ANJOS, Alexandre dos. **Desajustado**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1952, p. 6.

¹⁰⁰ Ibidem, p 7.

História a Isaura, filha de Jacinto, e os dois se apaixonam. Todos esses dados lembram fatos da vida de Augusto, com exceção dessa paixão, sobre a qual nenhum biógrafo diz nada.

Marcelo se forma, trabalha com o Dr. Jacinto, ele e Isaura escondem de todos o amor que sentem um pelo outro. Tudo corre bem até que a mãe de Marcelo, já idosa, decide visitá-lo e, com isso, as pessoas descobrem suas origens, iniciando-se, assim, a rejeição daqueles que antes o apoiavam, pelo fato de que “a cor tenebrosa” da mãe do rapaz era a prova da inferioridade de suas origens. A linguagem de Alexandre revela até de maneira chocante o preconceito da época e, se este fora educado ou orientado por Augusto, certamente essas idéias também devem ter sido discutidas entre os dois irmãos.

Marcelo resolve pedir a mão de Isaura em casamento, pois Jacinto queria que a jovem se casasse com um primo, porém o advogado recusa imediatamente o pedido e se mostra ofendido com a ousadia do rapaz em trair-lhe a confiança. O jovem cai em depressão, mas pouco a pouco vai se conscientizando do preconceito e sua personalidade vai se firmando. Então se torna o líder local de um “movimento idealista”, coerente com os princípios de igualdade biológica e compatível com a dignidade humana.” Para isso, ele se dedica a um estudo “incansável e profundo” sobre a questão das raças.

Em **Versos de amor**, Augusto afirma: “[...] eu que idolatro o estudo [...]”¹⁰¹; em **Noite de um visionário**, novamente fala de sua dedicação: “[...] depois de dezesseis anos de estudo [...]” Em **Poema negro**: “[...] Para iludir minha desgraça, estudo. / Intimamente sei que não me iludo.”¹⁰² Sobre a “doutrina de homogeneidade dos tipos raciais”, conforme palavras do narrador de **Desajustado**, nos versos do irmão-poeta há várias referências à homogeneidade: “Ignorante é de que és, talvez, nascida / Dessa homogeneidade indefinida / Que o insigne Herbert Spencer nos ensina.”¹¹⁰, diz ele do hierofante que leu o seu Destino, em **Mater originalis**, a mãe original de todas as formas.

Em **Debaixo do tamarindo**, há o clamor e a profecia a respeito do que haveria após a sua morte: “Voltando à pátria da homogeneidade, / Abraçada com a própria Eternidade / A minha sombra há de ficar aqui!”¹⁰³ Aqui ele se refere ao seu “eu”, mas

¹⁰¹ ANJOS, Augusto dos. **Obras completas**. Op. Cit., p. 267

¹⁰² Ibidem, p. 286.

¹⁰³ Ibidem, p.203.

também ao de todos os escravos que sob aquela árvore eram castigados ou mortos, pois essas ações eram normalmente praticadas à sombra das grandes árvores dos engenhos de açúcar, como o pé de tamarindo ou o cajueiro.

O início da divulgação dessa doutrina ocorreu com uma palestra no auditório da Sociedade Brasileira de Sociologia, intitulada “A visão de um mundo melhor.” A essa palestra estavam presentes membros dos poderes Judiciário, Legislativo e Executivo; do Instituto e Ordem dos Advogados, os professores da Escola de Direito, os membros de Associações científicas e literárias, porque Marcelo enviara convites a todos eles.

Chegou ele ao local, no dia marcado, acompanhado dos “poucos homens de ciência” com quem tinha amizade “ultimamente” e em seu discurso fez a descrição das fases “culminantes da trajetória do homem sobre a terra”, desde as “incoerências da vida primitiva ao desordenado tumulto da vida moderna.”

Essa informação nos remete imediatamente à questão da conferência realizada no Teatro Santa Rosa, em 13 de maio de 1909, por Augusto, que, conforme consta em suas biografias, fora convidado pelo governador para ser o orador daquela noite. A pergunta que fica é: teria Augusto iniciado algum movimento filosófico, assim como Marcelo? Teria ele mesmo enviado os convites? E ainda: esse discurso que conhecemos é o texto na íntegra ou seria o que sobrou após a censura, uma vez que ele fala da origem da vida de uma forma que a Igreja não aceitava em uma época em que havia rigorosas punições para quem o fizesse? Monsenhor Valfredo Leal era um dos políticos mais fortes da Paraíba, tanto que logo depois assumiu o governo do Estado...

Marcelo fala, no discurso, sobre o problema da escravidão, exaltando a “abolição da escravidão física” e dizendo que esta deveria ser completada pela obra de “abolição da escravidão moral, com a extinção do irrisório preconceito da diferenciação das raças!”¹⁰⁴ Por esse discurso, o rapaz ouvira comentários na platéia como este: “Audacioso, mulato mal agradecido! Por esse caminho, aumentará ele o número dos perturbadores da ordem pública!”¹⁰⁵

¹⁰⁴ ANJOS, Alexandre dos. **Desajustado**. Op. Cit., p. 87.

¹⁰⁵ *Ib.*, p. 88.

E o narrador explica exatamente aquilo que já pensávamos a respeito da partida de Augusto da Paraíba: “Desde o dia da conferência, a situação de Marcelo perante a sociedade da metrópole, em que até então vivia, tornou-se na realidade difícil e embaraçosa.”¹⁰⁶ Jacinto desliga-o, então, de seu escritório, e o “embaixador Vespúcio”, membro da Sociedade das Letras Nacionais, diz ao jovem que ele fora ingrato. Na Gazeta da Tarde, “órgão do capitalista Ernesto Meireles”¹⁰⁷, foi publicada uma crônica intitulada **Surpresas da atualidade**, que criticava veementemente Marcelo.

O protagonista busca refúgio na Igreja, onde está sendo celebrada uma missa, mas monsenhor Vicente de Alencar, “irmão do embaixador Vespúcio”, sobe ao púlpito e exorta os fiéis a não aceitarem as idéias de Marcelo, pois ele pregava “a impossível igualdade das raças humanas” e insurgia-se, portanto, contra o “velho princípio da discriminação racial”, que nada mais era do que a “defesa natural das raças puras”. Acusa as “raças inferiores” de “prática dos mais aberrantes credos fetichistas, quer sob a forma de baixo espiritismo, quer sob o aspecto de magia negra.” Marcelo vai embora do templo, “onde nem ao menos conseguira interromper, por alguns momentos, a sua condição de desajustado.”¹⁰⁸

No final desse romance, o jovem advogado foge com Isaura, para casar-se com ela, embora a moça tenha sido, por essa atitude, repudiada pela família, que a rejeitou desde então. Impossível não ver as semelhanças com a vida de Augusto.

Algumas expressões e idéias presentes na obra de Alexandre também aparecem na de Augusto, estabelecendo, assim, uma intertextualidade que nos permite encontrar outros sentidos na interpretação. Observando um trecho de **Versos íntimos**, em que o poeta diz: “O Homem, que, nesta terra miserável, / Mora, entre feras, sente inevitável/ Necessidade de também ser fera.”¹⁰⁹

Em **Desajustado**, o narrador afirma que os brancos viam todo o sofrimento dos negros e não manifestavam o menor gesto de solidariedade, a tudo viam impassíveis como os imperadores de Roma assistiam ao “trucidamento dos cristãos, jogados ao apetite

¹⁰⁶ Ib., p. 88.

¹⁰⁷ Ib., p. 90.

¹⁰⁸ Ib., p. 98.

¹⁰⁹ ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. Op. Cit., p. 280.

carnívoro das feras.”¹¹⁰ Agora as feras não eram mais os leões ou quaisquer outros animais bravios da floresta... Mais carniceiros do que essas bestas, eram justamente aqueles que se diziam “racionais”. O homem tornara-se a ave de rapina do vizinho...

Marcelo, no romance, ama Isaura, a grande paixão de sua vida. No poema **Ode ao amor**, Augusto dedica versos a uma jovem cujo nome também se inicia com a letra “I”: “Esta de amor ode queixosa, Irene, / Quedo, sonhei-a, aos astros, ontem, quando / Entre estrias de estrelas, fosforeando, / Egrégia estavas no teu plaustro egrégio / mais bela do que a Virgem de Correggio / E os quadros divinais de Guido Reni!” E continua declarando seu amor por essa mulher: “Qual um crente de asiático pagode, / entre tímbores e anafis estrídulos, / cativo, beija os áureos pés dos ídolos, / assim, Irene, eis-me de ti cativo! / Cativaste-me, Irene, e eis o motivo, / Eis o motivo por que fiz esta ode.”¹¹¹

Esse poema, conforme Alexei Bueno, data de 20 de janeiro de 1904, ano em que o poeta foi para Recife, a fim de cursar a Faculdade de Direito. Quem seria essa “Irene”? Seria filha de algum “Antunes” de Carvalho, ou então de “Alfredo” de Carvalho?

Mas é nesse poema também que se encontram outras interessantes intertextualidades, num estilo característico do discurso de Augusto, o de fazer alusão a nomes de figuras históricas cuja vida apresenta uma relação com aquilo que não pode ser dito de maneira direta, portanto vai entremeando os sentidos no discurso polifônico, como é o do poeta.

Para esclarecer melhor, basta ler outro trecho desse mesmo poema, referindo-se ao Amor que irrompe na alma das pessoas sem pedir licença nem considerar as proibições da sociedade: “Beijam-te o passo as multidões escravas / Dos Desgraçados! Estas multidões / sonham pátrias doiradas de ilusões / Entre os tórculos negros da Desgraça / - Flores que tombam quando a neve passa / no turbilhão das avalanches bravas!”¹¹²

Esta leitura, feita à luz do texto de Alexandre, permite-nos entender que esse trecho fala do sofrimento dos descendentes de negros – “os Desgraçados” - que pensam alcançar os sonhos, mas que estão sob o jugo da Desgraça. Não era possível, na época, que

¹¹⁰ Ibidem, p. 123.

¹¹¹ Ibidem, p. 453.

¹¹² ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 452.

um descendente de negro tivesse permissão para namorar uma branca, mesmo se fosse da família. Essas “flores” sonhadas caem assim que o branco – aqui na metáfora da “neve” – passa sobre eles como uma avalanche bravia.

Outra observação é quanto ao poema **A Ilha de Cipango**, nos versos em que diz: “Foi nessa ilha encantada de Cipango, / Verde, afetando a forma de um losango, / Rica, ostentando amplo floral risonho, / Que Toscanelli viu seu sonho extinto/ E como sucedeu a Afonso Quinto/ Foi sobre essa ilha que extingui meu sonho!”¹¹³ Augusto utiliza-se novamente de citações de nomes que tornam o texto polifônico e nos permitem a construção de novos sentidos para ele.

O sonho de Toscanelli era criar, com Leonardo da Vinci e Américo Vespúcio, uma Academia de Arquitetura em Florença. No entanto, ali era reduto dos Médici, aliados aos “Gulfos”, que defendiam a Igreja. Por este motivo, o plano da Academia foi fadado ao fracasso.¹¹⁴ O protagonista de **Desajustado**, com o sonho de corrigir esse erro de julgamento dos brancos em relação aos negros e índios, e para redimir seu ato de infidelidade à raça negra, da qual também descendia, decide divulgar um sistema que “suprimia a discriminação racial e julgava o indivíduo pelos critérios de seus valores reais, não como uma simples unidade componente de um todo etnográfico.”¹¹⁵

A questão é: teria Augusto tentado criar com amigos alguma academia para esses estudos e fora barrado por aqueles que detinham o poder no Recife? Na obra, o personagem Marcelo marca, para isso, a conferência no Auditório da Sociedade Brasileira de Sociologia e a divulgou com o título: “A visão de um mundo melhor”. Obviamente aquela oligarquia jamais poderia aceitar uma idéia como essa.

Outra observação é a comparação, agora em **A ilha de Cipango**, que o poeta estabelece entre a extinção de seu sonho e o de Afonso V. E qual teria sido o desejo deste? Afonso ficou órfão e sua mãe, D. Leonor, foi obrigada a exilar-se em Castela, por ser estrangeira. A educação de D. Afonso ficou, então, a cargo de seu tio, homem de grande

¹¹³ Ibidem, p. 282.

¹¹⁴ SABBI, A. R. **As origens da Maçonaria especulativa**. Documento em meio eletrônico, in http://www.triplov.com/Venda_das_Raparigas/2008/Origens-da-maconaria.html, acessado em 04/02/2009, às 17:00.

¹¹⁵ ANJOS, Alexandre dos. **Desajustado**. Op. Cit., p. 81.

cultura, que lhe deu esmerada educação humanística. Mas Afonso apaixonou-se pela prima e intrigas de alguns nobres e de elementos do clero irão complicar as relações entre ele e o tio, que dispensa seus serviços em 1448.¹¹⁶

D. Leonor é obrigada a exilar-se para Castela. Ao mesmo tempo, a educação de D. Afonso fica a cargo de seu tio, que era homem de grande cultura, conhecido como o "Infante das Sete Partidas" pelas inúmeras viagens que fez. D. Afonso teria assim uma esmerada educação humanística. Mas as intrigas de alguns nobres e elementos do clero vão turvar as relações entre D. Afonso e o tio, pelo que o rei dispensa os serviços deste em 1448. Em 1449, Afonso marcha contra o tio, enfrentam-se na Batalha de Alfarrobeira, onde D. Pedro é morto. Apesar de tudo, Afonso se casara com sua prima Isabel, filha do Infante D. Pedro. Não teria Augusto feito a comparação por se desentender com o tio? Não estaria ele apaixonado por uma prima e esse tio era contra a provável união dos dois? São fatos que merecem outra pesquisa.

A ÉPOCA DE ESTUDANTE

Em 1900, Augusto faz os exames preparatórios para o Liceu Paraibano. Publica também seu primeiro soneto, **Saudade**, no **Almanaque do Estado da Paraíba**. Este poema, segundo Alexei Bueno, em **Cronologia da vida e da obra**,¹¹⁶ provavelmente fora composto no ano anterior.

O poeta começa, então, a estabelecer contatos com o meio intelectual da capital, para onde se dirigia com frequência. Transcrevemos abaixo esse poema que consideramos de uma primeira fase de Augusto, enquanto ainda trazia um pouco do mal-do-século romântico:

¹¹⁶ Documento em meio eletrônico, disponível em <http://www2.crb.ucp.pt/Historia/abced%C3%A1rio/pina/D.AfonsoV.htm> , acessado em 04/02/2009, às 17:15.

SAUDADE

Hoje que a mágoa me apunhala o seio,
E o coração me rasga atroz, imensa,
Eu a bendigo da descrença em meio,
Porque eu hoje só vivo da descrença.

À noute quando em funda soledade
Minh'alma se recolhe tristemente,
P'ra iluminar-me a alma descontente,
Se acende o círio triste da Saudade.

E assim afeito às mágoas e ao tormento,
E à dor e ao sofrimento eterno afeito,
Para dar vida à dor e ao sofrimento,

Da saudade na campa enegrecida
Guardo a lembrança que me sangra o peito,
Mas que no entanto me alimenta a vida.¹¹⁷

O que levaria um adolescente a compor um soneto que exprime um sujeito lírico tão sofredor assim? Para Vidal, Augusto apaixonou-se por uma jovem agregada da casa, porém Dona Mocinha não permitiu a realização desse romance.

Há versões também de que a moça foi morta, ou de que fora obrigada a abortar um filho que seria de Augusto, porém, como não tivemos oportunidade de fazer essa pesquisa, deixaremos de lado quaisquer especulações de nossa parte a respeito desse assunto.

Em 1901, inicia a colaboração com o jornal **O commercio**, da Paraíba, publicando o soneto **Abandonada**, dando início a uma série de poemas e artigos que seriam publicados nesse jornal até 1908, quando novos donos assumiram esse órgão da imprensa. Havia no jornal uma seção denominada **Escrínio de letras**, que trazia poemas de Assis Vidal, Ernani Tapajós, Eduardo Seixas, Antônio Elias, Carlos D. Fernandes, Abel da Silva e Américo Falcão, além de Olavo Bilac, Cruz e Souza, Raimundo Corrêa e Alphonsus de Guimaraens.

Em 1903, Augusto vai para Recife, onde se inscreve na Faculdade de Direito. É Castro e Silva quem nos fornece informações sobre esse período:

Os documentos da Faculdade, no entanto, mais positivos que as informações daqueles, nos falam de um Augusto dos Anjos entusiasmo dos lentes e merecedor de notas distintas e ótimas. Entre os professores que atuavam na faculdade, naquela época, estavam: Meira de Vasconcelos, Virgílio Marques, Neto Campelo, Henrique Millet, Gerevácio Fioravanti, Adolfo Cirne, Laurindo Leão, Aníbal Freire e Constância Pontual.¹¹⁷

Augusto formou-se em 1907, com 23 anos de idade e, segundo Costa e Silva, já era conhecido como poeta, tanto que um contemporâneo seu lhe dedicou os versos abaixo:

Em nossa Faculdade, eu digo-o ufano.
Sua passagem deixa um grande marco:
É pena que somente de ano em ano
Saia do seu retiro do Pau d'Arco.

Posso afirmar d'aqui (não lisonjeio)
Que ele entre os "novos" é o Augusto da Arte.
E, se não fosse tão modesto, creio,
Seria um nome augusto em toda parte.¹¹⁹

(**Diário de Pernambuco**. Recife, 14-3-1948)¹¹⁸

Na Faculdade de Direito de Recife, conforme Castro e Silva, estavam os exames do poeta arquivados, dos quais ele transcreve três provas escritas do 2º ano, de Direito Civil, Constitucional e Internacional, e das quais registraremos aqui alguns trechos que já mostravam o pensamento e a retórica de Augusto.

A primeira é a de Direito Civil, com questões a respeito do divórcio. O primeiro trecho a destacar é a definição de casamento:

O casamento é um contrato bilateral e solene, pelo qual um homem e uma mulher se unem indissolúvelmente, legalizando por ele as suas relações sexuais, estabelecendo-se a mais estreita comunhão de vida e de interesse, e comprometendo-se a criar e a educar a prole que de ambos nascer.¹²⁰

A palavra "solene" denota a opinião pessoal do escritor, pois o que tornou o casamento uma cerimônia solene foi a igreja. Em cada trecho há um termo que praticamente marca a visão pessoal de Augusto, como ao falar que a dissolução total do

¹¹⁷ CASTRO E SILVA, Op. Cit., p. 43.

¹¹⁸ Ibidem, p. 48.

matrimônio somente ocorre com a morte de um dos cônjuges, o poeta diz: “somente a morte tem o privilégio triste de dissolver [o casamento].”¹²²

Nesse texto, vemos que o seu pensamento era extremamente conservador em relação ao casamento; afirma que havia, na época, um debate para escolher qual a melhor forma de divórcio. A essa questão, porém Augusto tinha uma resposta: “Abandonemos a história de divórcio.”¹²³

Continua expondo todas as sociedades que, na linha do tempo, concediam o divórcio, as primitivas, a hebraica e a romana, mas salienta que o concílio de Trento dera à sociedade conjugal um caráter efetivo de permanência, autorizando apenas a separação de corpos em casos especiais, como nos de heresia, adultério, etc.¹²⁴

A dissertação termina com a frase: “Si a mulher for inocente e rica, deixa de efetuar-se a contribuição do marido para sustentá-la. Aqui finalizamos nosso ponto. Faculdade de Direito do Recife, 14 de Março de 1905. Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos.”

Conforme Castro Silva, à margem da prova se lê: “Aprovado plenamente. Julgo esta prova Grau nove. Recife, 18 de Março de 1905. J.O. Meira de Vasconcelos.”¹²⁵

Mais interessante ainda é a argumentação da prova de Direito Constitucional, sobre o conceito de Direito. Após algumas considerações a respeito de definições várias, Augusto escreve que considera mais aceitável outro conceito daquele grande sábio alemão, para quem o Direito é o “conjunto de condições existenciais da sociedade, coativamente asseguradas pelo poder público.” Afirma que Tobias Barreto encontrara um problema nessa definição, à qual acrescentara “e evolucionais”, porém esse adendo de Tobias não recebera consagração geral, pois não é possível admitir “a existência sem subordinação prévia ao princípio da evolução que é o veículo precípua de sua atividade e conseqüente desenvolvimento.”¹²⁶

Segue dissertando a respeito das divergências entre as escolas. Fala da idealista, que relaciona o Direito à Providência Divina, portanto ele seria imutável; da positiva ou histórica, e da naturalista, que atribui o direito à evolução e afirma: filiamo-nos de preferência a esta escola. Realmente, o Direito é um produto da cultura humana,

conforme a expressão do Dr. Tobias Barreto. E acrescenta que o Direito muda conforme “o tempo, o lugar, as condições mesológicas, etnográficas, etc. etc.”

Não há como estabelecer comparação entre o direito primitivo ao que é válido modernamente. Fala da escola utilitarista, que funda o Direito na utilidade, e afirma ser Jeremias Bentham o adepto principal dessa escola, para o qual o Direito, é “a maior felicidade do maior número possível.”¹²⁷

Depois discorre a respeito do Direito público e privado, no 2º quesito, e do Direito Constitucional, no 3º quesito. Esta prova é de 9 de março de 1905 e à margem se lê: “Bem sofrível – aprovado plenamente grau nove. Recife, 18 de Março de 1905. J.V.Meira de Vasconcelos – Virgílio Marques.”¹²⁸

Castro e Silva traz, à página 61, a transcrição da prova escrita de Direito Internacional, versando sobre o tema “extradição”, que o poeta desenvolve em três quesitos e com a conclusão final que trazemos abaixo:

A extradição, pois, a nosso ver, é puramente convencional. Há casos em que os Estados se obrigam por meio de tratados a satisfazer certos pedidos de extradição. Fazem-no, porém, em cumprimento à promessa pré-estabelecida. Aqui finalizamos o nosso ponto.

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos.
Faculdade de Direito do Recife, 11 de Março de 1905.

À margem lê-se: “Aprovado plenamente grau nove. Recife 18 de Março de 1905. J.V. Meira de Vasconcelos.”¹²⁹ No livro de Julgamento dos Exames do 5º ano, de 1892-1908, às folhas 107, está registrado que, no dia dois de dezembro de 1907, na Faculdade de Direito do Recife, procedeu-se

Aos atos do 5º ano pelos Doutores Constâncio dos Santos Pontual, Henrique Augusto de Albuquerque Millet e Anibal Freire da Fonseca, sob a presidência do Doutor Augusto de Carvalho Vaz de Oliveira, distribuídos e regulados os votos e tendo-se em consideração as provas exibidas, foi Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos, aprovado com distinção em todas as cadeiras. E para constar lavrou-se o presente termo que vai assinado pelo Secretário da Faculdade e pela comissão examinadora.

(Ass.) Dr. Augusto Carlos Vaz de Oliveira, Dr. Henrique A. de Albuquerque Millet, Dr. Constâncio Pontual, Aníbal Freire da Fonseca. O Secretário da Faculdade não assinou.¹¹⁹

¹¹⁹ CASTRO E SILVA, Op.cit., p. 67.

Na Lista Geral dos Bacharéis e Doutores que têm obtido o respectivo grau na Faculdade de Direito do Recife, desde sua fundação em Olinda, no ano de 1828, até o ano de 1923, está registrado o seguinte: “Augusto Carvalho Rodrigues dos Anjos – ano de formatura – 1907 – naturalidade – Paraíba.”¹²⁰

O ADVOGADO E POETA AUGUSTO

Embora formado advogado, aprovado com boas notas, Augusto não conseguia uma colocação razoável na profissão escolhida, então decidiu ensinar. Passou a dar aulas, em sua própria casa, a rapazes que desejassem aprender para concorrer às provas da Faculdade. Eram, como ele, jovens que lutavam pela vida e, com a orientação de Augusto, adquiriam forças para seguirem firmes até vencer o objetivo almejado.

E é de um de seus ex-alunos que temos as informações que convergem para as conclusões que tiramos após essas análises: Ademar Vidal, o primeiro a publicar as cartas de Augusto à mãe. É certo que a obra é repleta de opiniões subjetivas, mas pela confluência que alguns pontos apresentam com as biografias escritas por Magalhães Jr., Castro e Silva e Fernando Melo, e principalmente pela análise que fizemos da correspondência do poeta, acreditamos que Vidal nos fornece detalhes importantes, como a questão da afetividade do poeta

Ademar afirma que, ao entregar-lhe as cartas recebidas do filho, D^a Córdula explicou como se perderam inúmeras folhas de canela – com inscrições furadas a ponta de alfinete – que as acompanhavam como prova de carinhosa demonstração filial¹³². Segundo ela, haviam desmanchado com o tempo.

Aqui há uma questão que nos intriga, e que exigiria uma pesquisa talvez até infrutífera, porém não há coerência entre a grande afetividade que unia mãe e filho e o fato de Sinhá-Mocinha nunca ter ido visitá-lo, nem no Rio de Janeiro, nem em Leopoldina.

O livro de Vidal – **O outro Eu de Augusto dos Anjos** – instituiu-se como um discurso de autoridade, assim como as declarações de Órris Soares, o que necessitaria,

¹²⁰ Ibidem, p. 68.

também, de pesquisas mais amplas e complicadas, justamente pela falta de conservação documental.

Na página 6, o biógrafo garante: “O Augusto dos Anjos que vai ser pintado, e aqui traçarei ao natural, é sempre fiel às minhas recordações e isento de artifícios, cingindo-me ao que pude guardar. Retrato, portanto, feito por ele, por si mesmo. Auto-retrato.”¹²¹

É o relato das lembranças de Ademar – da época da infância – registradas cerca de trinta anos após a morte de Augusto, além de depoimentos que ele assegura ter recolhido de parentes e amigos do poeta. Mas é honesto ao observar que o seu estudo deve conter enganos, omissões calculadas, além de possíveis erros¹³⁴, portanto outros deveriam corrigi-lo e completá-lo se não lhe restasse tempo para fazê-lo.

Erros e enganos sempre ocorrem, por mais cuidadosa que seja a pesquisa. Mas “omissões calculadas” já são ocorrências intencionais do autor. O que teria sido omitido nesta biografia? Não encontramos, ainda, resposta para essa instigante questão.

Augusto, indo para a Paraíba do Norte (atual João Pessoa), continuou na “cavação” para conseguir um cargo com uma justa remuneração. Em 25 de julho de 1907, ele conta à mãe que pedira ao “Walfredo” providências para o caso do assassinato do primo Chiquinho, mas afirma que desconfiava muito dos homens daquela época, portanto iria publicar no dia seguinte, em **O commercio**, uma notícia a respeito do crime, que complicaria bastante o “Lima” da Cachoeira. Logo depois, o jornal é fechado e em 1908 os irmãos Oscar e Órris Soares compram-no, investem em um maquinário moderno e inauguram **O norte**, existente até hoje.

A dúvida que nos fica aqui é: foi publicada essa notícia? Haveria alguma relação entre ela e o fato de Augusto passar a escrever para outro jornal? Sendo Órris Soares tão amigo do poeta, por que não o manteve no quadro de colaboradores após inaugurar o jornal **O norte**? Para nenhuma dessas questões encontramos ainda respostas satisfatórias.

Quando vai para o Rio de Janeiro, na segunda carta enviada à mãe, desabafa, dizendo que todos os políticos da terra lhe prometiam emprego, embora não soubesse ao

¹²¹ VIDAL, Ademar. Op. cit., p. 173.

certo se o faziam por “delicadeza convencional de momento”, ou se tinham realmente a intenção de auxiliá-lo.

Cita esses políticos que lhe prometeram sempre, porém nunca realizaram a promessa. Eram eles Valfredo Leal, Simeão Leal, Seráfico da Nóbrega, Castro Pinto e outros “da mesma espécie”. Acrescenta que as suas “cavações” eram outras muito diferentes, e de “efeito benéfico mais provável.” Quanto à sua saída da Paraíba, apenas comenta: “O Álvaro Machado censurou acemente o procedimento do João para com a minha pessoa.”

Fala, ainda, que Odilon havia contado ao Álvaro “todas as minuciosidades do incidente” ocorrido entre o poeta e “o Joque”, sendo que Álvaro respondeu que “o João era assim meio estourado” e que o “ato de repulsa imediata” de Augusto tinha sido correto. O Odilon havia dito, ainda, ao Álvaro que o poeta nada desejava do governo dele, o que deixava Augusto numa situação de “superior independência, acima dos interesses vulgares que muita vez fascinam os homens sem caráter.” Conta à mãe que vira André Cavalcanti, mas não tivera a oportunidade de ser-lhe apresentado, o que, entretanto, procuraria fazer em breve.

Mas o fato de não pedir auxílio nem favores a Álvaro Machado iria custar ao poeta uma vida cheia de privações e necessidades no Rio de Janeiro, até conseguir a colocação como diretor de escola, em Leopoldina, Minas Gerais.

Augusto sentia pessoalmente como a sociedade de regime liberal-capitalista simplesmente colocava de lado os sentimentos e práticas de solidariedade e colaboração mútua, em troca de um egoísmo possessivo e cada vez mais desumano, que não se importava com as vítimas deixadas pelo caminho.

Daquela época para cá, essa característica se consolidou, e hoje as pessoas já denotam uma indiferença monstruosa em relação aos que a sociedade exclui, sem a menor consideração, e baseada em critérios apenas materiais. Poucos se importam com o bêbado caído na calçada, com a velhinha mendigando à porta do restaurante de luxo ou com o garoto pedindo nos semáforos. Pior: vivemos uma mistura de estado natural com o estado de civilização mal-arranjada, pois o único sentimento que muitos demonstram com relação ao marginalizado é um só: medo.

O DISCURSO NO TEATRO SANTA ROSA

Muito antes da leitura do livro de Alexandre dos Anjos, esse discurso já nos parecia determinante para a mudança de direção na vida de Augusto. Somente as idéias contidas nesse texto já teriam transgressões suficientes para causar sérios problemas ao poeta. A versão oficial do fato é que Augusto teria sido convidado por João Lopes Machado para proferir esse discurso em 13 de maio de 1909, nas solenidades de comemoração da abolição da escravatura.

Algumas interrogações começam, agora, a surgir, como: houve alguma solicitação, por parte de Augusto, para fazer essa conferência? Aquela sociedade fortemente oligárquica tinha por hábito comemorar o 13 de maio pela abolição dos escravos ou as comemorações eram “desviadas” para a religião, sendo que nessa mesma data se comemora N. Senhora de Fátima?

O poeta, então, fez o seu mais importante pronunciamento em prosa, pois revelou as bases de sua filosofia e suas tendências políticas. Não podemos nos esquecer de que ele falou para uma platéia composta por autoridades do local, inclusive João Lopes Machado, o desembargador Ivo Borges, Alfredo, Aprígio e Alexandre dos Anjos, Estevam Conte – representante da colônia italiana; Custódio Paes, da classe dos barbeiros e cabelereiros, e por representantes da oligarquia paraibana, partidários de Hermes da Fonseca e favoráveis a todo o tipo de repressão em nome da “ordem” e do “lucro”.

Houve quem chamasse o poeta de “louco”, após o mirabolante discurso, em cuja linguagem não é possível avançar sem um dicionário e uma enciclopédia ao lado... Segundo Magalhães Jr, a platéia, aturdida, tinha a impressão de que o orador lhes falava numa língua nova e inusitada, como o esperanto ou o volapuque, inventada expressamente para aquela ocasião.

Mas aí reside – cremos nós – o grande recurso desse orador, que disse o que pensava e desejava, bem à frente daqueles a quem criticava, talvez com a certeza de que nada compreenderiam mesmo. Foi o que ocorreu, porém esse texto foi posteriormente publicado, em 20, 22 e 23 de maio, no jornal oficial **A união**.

Ao lermos pela primeira vez esse discurso, o primeiro pensamento que nos ocorreu foi o espanto por Augusto não sair preso daquele teatro! Apenas a título de observação, no livro de Alexandre dos Anjos, **Desajustado**¹²², cuja história é muito semelhante à vida de Augusto, o protagonista Marcelo é marginalizado e expulso do meio social em que se estabelecera, apesar de mestiço, justamente após haver proferido um discurso em favor da igualdade racial.

Monsenhor Vicente de Alencar passa a alertar os fiéis para que não se deixem influenciar pelo surto de idéias dissolventes de que falara Marcelo, pregando a impossível igualdade das raças humanas e insurgindo-se, de maneira violenta, contra o velho princípio da discriminação racial que, afinal, é a defesa natural das raças puras.

Prossegue dizendo que, como era o esperado, a conferência causara péssima impressão a todos, “demonstrando, além do mais, a tremenda ingratidão do infeliz tribuno”, principalmente porque ele devia, tudo na “próspera carreira de advogado”, à proteção generosa de “um digno membro da mesma sociedade por ele agora atacada de modo tão virulento.”

E o vigário encerra o sermão dizendo: “Cumprindo o sagrado dever de pároco desta freguesia, venho prevenir aos caros fiéis não se deixarem contaminar por idéias tão reacionárias, perturbadoras de nossa vida social e religiosa.”¹²³

As pessoas começam, então, a se voltar acintosamente para ele, como se fosse um frio protagonista de um crime hediondo. O protetor de Marcelo rejeita-o, não mais o deixando trabalhar em seu escritório de advocacia e chega ao extremo de pregar a eliminação compulsória da juventude, o seu morticínio em massa, aconselhando até o uso imediato do poder atômico para a sua destruição definitiva.

Nas últimas páginas desse livro há um visível dialogismo com o discurso que Augusto proferiu no Teatro Santa Rosa, particularmente em trechos como:

¹²² ANJOS, Alexandre dos. **Desajustado**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1952.

¹²³ ANJOS, Alexandre dos. Op. Cit., p. 97.

Então, a planície inóspita se transformou num pomar verdejante, em um simulacro de éden terrestre, onde todos os homens passaram a compreender-se mutuamente, sem diferenciação de sentimentos, de níveis sociais e de cor. (...)

... não existem raças superiores e inferiores, e sim estados de cultura evoluídos ou embrionários, sendo, assim, inútil e contraproducente o princípio de diferenciação das raças. (...)

A hostilidade incessante e ostensiva daquela sociedade não o compeliu a modificar as suas idéias. Em vez de intimidá-lo, blindou-lhe as energias despertadas, como a aridez das terras adustas encoraja os audazes desbravadores dos desertos. (...) ficaria extinta, no quadro dos agrupamentos sociais, a marginalidade do homem.¹⁴¹

OS IMPLÍCITOS DO DISCURSO DE AUGUSTO

O que fazemos nesta parte não é uma transcrição do texto de Augusto, que anexamos a este trabalho, mas uma espécie de “tradução” para a linguagem atual daquele texto lido em 13 de maio de 1909, no Teatro Santa Rosa, decodificando os significados daquela linguagem que causou grande estranhamento na platéia.

As idéias explanadas nesse discurso são, de início: o reconhecimento da existência de um movimento dinâmico que unifica os destinos humanos, ansioso para realizar a obra da civilização definitiva – a do Amor, conforme o positivismo –, e livrá-la dos germes insistentes da aversão ao novo, pelos retrógrados, além de matar para sempre a influência nefasta dos rígidos livros e manuscritos (seria uma referência à Bíblia?) anti-progressistas.

Defende o pensamento de Galileu, para quem os homens são diferentes na velocidade da evolução, como em uma corrida de cavalos, em que todos correm, mas o prêmio é de um só. Aborda a questão da consciência individual, segundo a teoria de Palante (anarquista individualista), que a define como a “mãe do progresso”, a causa, a origem misteriosa, como a primeira célula elementar, evolução desconhecida e inquieta da vida que traz em si a gênese das vidas futuras. A escravidão é, então, a morte absoluta dessa consciência de evolução, é a camada que envolve negativamente a sociedade, impedindo o desenvolvimento da personalidade racional e reduz a parte nobre do ser humano à mais baixa e rasteira de todas as etapas animais.

O “eu” psicológico do escravo é uma escuridão total, em que as idéias norteadoras também se obscureceram, e escaparam à unidade cósmica dos seres, ficando à deriva, fora do espaço da Criação. O escravo é a negação de Deus (impulso evolutivo de que provém o imenso quadro teleomecânico), no qual, segundo Hartmann, os múltiplos efeitos são filhos de causa única e atuação constante de agentes exteriores, diferenciando a origem ramificada primitiva e desequilibrando até as organizações mais estacionárias e amorfas de Haeckel.

O aparelho psicológico do escravo já não contém mais a consciência, indicando a regressão ao sistema primitivo. Aos poucos, o escravo, após sucessivas gerações, perde o estímulo que o eleva acima do caos e não cultiva mais o animal egoísta, totalmente reprimido em seu inconsciente.

Ele não pensa e não sente; é um “eu” em ruínas, sem idéias, rejeitado como um cachorro leproso. À noite, depois das torturas dos gordos senhores, quando se recolhe e tenta pensar na vida, visualiza a própria morte, a liberdade daquela “cadeia de carne e sangue”. Começa, assim, a agonia do oprimido. Sua raça, quase incapaz de gerar, não possui mais o sentimento de nobreza. Sua raça é ele mesmo, brutalmente tirado de sua condição de humano, colocado nos porões, como animal maltratado, carregando o peso de uma vida em comum, com todos os que sangram com as chibatadas dos senhores ferozes e confundindo-se no mesmo nível mental dos irracionais, que a etnografia constata ser resultado determinado pelas leis da hereditariedade funcional e adaptação progressiva, que lhe determinam o estreitamento das qualidades espirituais e emocionais.

E o que lhe vem à boca é o clamor de uma raça vencida e castigada, a seqüência dos lamentos das afeições perdidas, na dissolução da origem sagrada da raça que os brancos lhe negaram para sempre.

“Tu não terás filhos! Dos peitos de tua mulher escorrerá, apenas, para macular o mundo, um leite sem proveito e animal.” As negras são posse dos brancos e os filhos mestiços são prova da inferioridade racial. O Estado, que é a sabedoria divina revelada no mundo e é a inteligência suprema, não protege a vida do negro, a propriedade nem a liberdade, porque ele não possui esses bens que não podem ser cedidos, do nosso “eu” da casta sacerdotal e privilegiada.

O escravo acaba acreditando que ele não presta mesmo, que serve somente como latrina para o despejo das degradações humanas, do gozo dos homens adúlteros, das secreções dos furiosos; em suma, de todo o líquido seminal dos devassos do mundo, e dos grupos pseudo-religiosos organizados pela teocracia asfixiante dos poderosos.

Segundo Demoor, Massart e Vandervelde, a evolução pode ser progressiva : tem idéias profundas de avanço, diferenciação crescente, e coordenação progressiva das funções e órgãos diferenciados; ou regressiva: descrição dramática da decadência, com as linhas funestas de sua estrutura horrorosa, de corpo desarticulado, que entrou precipitadamente na química destrutiva da decomposição, mas sem prejudicar a persistência da força.

A escravidão na sociedade é um recuo frustrado ao tempo do monoteísmo judeu, que impedia o fogo libertador do pensamento humano, subjugando as consciências, como uma massa negra, aos moldes ultrapassados do mundo movido pela vontade divina.

Os diversificados moralistas e publicistas franceses provam, sob a influência prévia do método positivista, que a escravidão foi o motor que manteve as sociedades antigas, as entranhas (intestinos, âmagos) essenciais, que recebiam em sua degradante esfera de atuação os abandonados e os passivos, frutos soltos de uma árvore colossal abalada, escravos espartanos angustiados da Lacônia e os penestas da Tessália.

A escravidão hoje está fora de sua época, totalmente dissonante com a organização de um Estado moderno. Este, tirando as roupas emprestadas de “pan-morfologista-mor”, e esquecendo-se da ética, reduz-se, conforme Luigi Palma (arqueólogo que lutou na guerra da Criméia), a um organismo espiritual e moral, capaz de concentrar nele o poder de decisão, os sentimentos, os direitos e deveres de todos os elementos da população, a qual ele representa politicamente.

A sua proteção teleológica (a finalidade como princípio explicativo das organizações humanas) é a de simples integração, de atividade complementar das ações individuais, muitas vezes defeituosas e esgotadas, oscilando, como um pêndulo carente de energia, entre as ânsias extremas de um arrebatador desejo nascente e da incapacidade total de realizá-lo.

O tempo infeliz, obscuro, em que o Estado dispunha de tudo e era o Deus universal das multidões desgraçadas, reprimindo e humilhando o povo, pisando em toda a Terra o indivíduo medíocre que fazia parte da sua estrutura complexa, como se fosse uma célula cuja finalidade seria apenas satisfazer o lucro extremado do amor desinteressado do Todo, hoje dorme, na carne do fóssil que serve para alimento (carneiro paleontológico = Cristo?) das instituições degeneradas, como uma coisa rejeitada, funérea.

A sórdida tirania da linhagem imperial perdeu a retidão que a sustentava e se precipitou na boca aberta da Morte niveladora, passando pela mistura de um processo de mudanças, que a reduziu a simples lembrança dolorosa no despertar da consciência de toda grande alma contemporânea.

É que se compreendeu que o Estado não pode subsistir na ausência de sentido de uma extensão abstrata, nem deve ser uma espécie de agente mecânico, vibrando às escuras, com a neurose de um possesso com suas rasantes macabras, a dançar na periferia de seu presépio de martírios, sem que conheça o objeto da finalidade das regras estabelecidas, que para o Estado deve ser o indivíduo ou a sociedade – estes dois pólos do Grande Ser universal de Augusto Comte.

Os gregos, fundando o Estado sobre a natureza humana, revelaram diretamente que a filosofia desenvolvida como pura retórica, sem solidez, é impotente por demolir a proliferação celular anárquica nociva dessa organização que se apodera da liberdade psicológica do homem e tolhe a dinâmica de suas sucessivas transformações, nesse período de transição científica, em que a vontade da matéria forma a coerência recíproca das características coordenadoras da vida.

A volta da escravidão à estrutura social moderna seria uma comprovação de que há eternos retrocessos na história da humanidade. A escravidão é a contradição do critério sociológico aceito pelas civilizações atuais. Portugal, instituindo semelhante criação extravagante da unidade moral que deve existir, permitiu que as almas co-irmãs da Inglaterra, Espanha, Suécia, Holanda, França e Dinamarca fizessem o mesmo.

Entretanto, a passagem à Índia pelo Cabo da Boa Esperança alargou a visão humana, que não ficou mais adstrita a essa forma ancestral, que se atrofiou.

O espírito humano, ampliado consideravelmente, arrebatando as correntes de um doentio antropocentrismo, tornou-se mais apto a receber a soma convergente dos fenômenos de qualquer origem, pois possuía em si a capacidade potencial de elaborá-los e de torná-los, pelos recursos de imaginação posterior, que é o âmago da Arte, dando a amplitude a uma compreensão mais geral e alta da natureza.

Humboldt é citado, na referência à formação dos continentes, nas novas observações científicas da natureza. Mas, apesar de tudo, a escravidão crescia, embora já se tivesse idéia de uma origem comum para o ser humano.

Segundo João de Barros, o mercado negreiro já se iniciara com D. Henrique. Conforme Perdigão Malheiro, os mercados da Península Ibérica encheram-se de africanos, como um rio claro atravessado, de noite, ao luar, pelo líquido negro de uma súbita onda excrementícia.

Sevilha e Lisboa, segundo Sílvio Romero, eram alfândegas desse negócio abominável. Realizava-se a negação histórica do “quem” individual e quase celestial que caracteriza o ser humano, nas suas tendências de buscar um destino superior.

O homem, que nada mais é do que um minúsculo grão de plasma ínfimo, dependente da organização planetária, era chamado a reconhecer ainda em vida o nada de sua existência científica.

Os escravos destinados a Portugal não podiam escapar da imposição oficial de passar por Lisboa, para, conforme o regulamento da Fazenda de 1514, quitarem o valor da tributação estabelecida pelos poderes políticos da época.

Lisboa atraía de 10 a 12 mil escravos africanos ao ano. Veio o período transoceânico, ou de distribuição periférica, de Ratzel, até a conquista do Maranhão, período preparatório de nosso desenvolvimento autônomo e nativista, em que os filhos mestiços dos portugueses suportavam a repulsão antiquada dos reinóis e gemiam a canção de Iracema dos tradicionalismos indígenas, maculados pela intervenção do homem branco, que lhes impôs a língua portuguesa.

André João Antonil, Gabriel Soares e Rocha Pita mostraram as raízes do nosso povo, oriundo de uma miscigenação que Varnhagen desconheceu, que é uma combinação

de fatores divergentes na origem, mas combinados simultaneamente para o nascimento de nossa espontaneidade estética, econômica, política e espiritual.

As guerras contra os emboabas e a dos Mascates, em Pernambuco, despertaram o sertanejo para o sentimento de unidade nacional. E o tráfico dos escravos aumentara extraordinariamente no Brasil. Começara nas ilhas de S. Tomé, Cabo Verde, Ano Bom e Príncipe e nas costas do Marfim, do Ouro, da Mina e dos Escravos. Estendeu-se pelo Congo, passou por Angola, dobrou o Cabo da Boa Esperança, chegou a Moçambique e Zanzibar, penetrados pela raiva iconoclasta dos sertanistas negreiros.

Sílvio Romero diz que, segundo José Bonifácio, entravam no Brasil uma média de 40000 escravos por ano; de 1550 a 1850, em 300 anos, entraram 12 milhões de africanos.

Na nossa própria carne, estendida ao comércio e vendida às porções pelos mercadores sombrios, talvez fosse o coração de nossas mães, sangrando no planalto central da constituição geológica do Brasil; era a subordinação do ventre ao monopólio de uma parcela tirânica, de uma fração de corruptos, divorciada da moral da sociedade, que vivia à custa da venda de uma população infeliz, açoitada pela mais degradante das sujeições antinaturais.

O movimento abolicionista começou na Pensilvânia, em 1780. O Brasil foi um dos últimos a declarar a abolição da escravatura, que abalava o âmago de sua estrutura política e representava um resíduo de atavismo das provações extremas que entristeceram a Idade Média e desejavam sobreviver nas criações do Deus eterno da humanidade doente.

A primeira lei que estremeceu a escravidão foi de 28/9/1850, restringindo a expansão do tráfico negreiro no Brasil. Em 1825, Clemente Pereira propusera à Câmara o final da escravidão no Brasil, a partir de dezembro de 1840, mas não foi ouvido, pois a força dos senhores escravocratas era enorme.

Somente em 1850, com Eusébio de Queirós, o tráfico obteve a extinção. Em 28/9/1870, a lei do Visconde de Rio Branco, sancionada pela Princesa Isabel, libertou essa fábrica geradora de nódoas, o ventre escravo.

O grupo de abolicionistas, trabalhando secretamente, lutou pela concretização da abolição total da escravatura. Começaram, então, as alforrias em massa, dadas pelos

senhores de escravos, quer por resgate ou por contribuição popular. A 25/5/1884, libertaram-se todos os escravos do Ceará, em 10 de julho no Amazonas e, a 13 de setembro, em vários municípios do Rio Grande do Sul. Em 1888, as terras áridas das fazendas já não seguravam mais os escravos, o exército deixou de cumprir a função de “caçadores de escravos fugitivos” e, a 13 de maio de 1888, ocorreu a Abolição.

José do Patrocínio representou a o maior fator dinâmico na reorganização ilimitada de nossa vida política. Foi maior do que Virgílio com Eneida, pois Patrocínio, abrangendo o sentimento da solidariedade étnica na sua figura universitária e imortal, deu expressão autoconsciente ao mesmo e foi o Buda libertador dos últimos escravos que gemiam nas senzalas aberratórias da humanidade culta!¹²⁴

Depois de dizer tudo isso, Augusto encerra o discurso com “vivas a José do Patrocínio, ao dia 13 de maio, à República brasileira e ao presidente do Estado Dr. João Lopes Machado – talvez estas tenham sido as únicas palavras compreendidas por toda a platéia naquele momento...

AUGUSTO E A METAFÍSICA

Em sua **Crônica Paudarquense**, publicada em **O commercio**, de 12/10/1905, Augusto afirma a soberania da Arte egípcia como manifestação de liberdade ampla, abeberada na fonte real, de onde provinham as verdades eternas da Natureza. A alma egípcia estava coberta de glória porque a sombra do Infinito se refletia nela.

Percebemos aqui uma crença na arte como uma espécie de expressão metafísica; o artístico seria como uma revelação divina, bem ao contrário da repressão estabelecida com o advento do catolicismo, pois, para o autor, o ideal religioso sufocou esse realismo na garganta apertada e compressora das prescrições canônicas. É o retorno à mimese como forma de catarse e regeneração da solidariedade social.

As críticas ao Cristianismo começam veladas, como nessa mesma crônica: Um passo mais, e entrareis o cemitério abandonado, onde passa todos os dias, traindo a veneração do Mundo, o enterro da magnificência romana.

¹²⁴ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 651.

O poeta fala de uma tentativa de uniformizar as inteligências humanas com a mesma identidade, abolindo qualquer espécie de hierarquia, através da prática de um panteísmo psicológico, tentativa feita na Idade Média. Conforme sua **Crônica Paudarquense** de 7 de novembro de 1905, esta seria a solução para que a humanidade se tornasse una, como engrenagem harmoniosa, sem alterações e desvios quicá atentatórios do nivelamento geral.

Tal concepção é exatamente o contrário do pensamento em que se baseava a sociedade da *Belle Époque*, para a qual o indivíduo era considerado essencialmente o proprietário de sua própria pessoa e de suas próprias capacidades, nada devendo à sociedade por elas; o que o tornava livre era o fato de apropriar-se de si mesmo e de suas capacidades. Nessa linha de pensamento, a essência humana era livre da dependência das vontades alheias, e a liberdade existia no exercício da posse. (MACPHERSON, 1979, p.15). É contra esta filosofia baseada na posse individual que subjuga e marginaliza os que nada têm, nem apresentam condições de se tornarem “proprietários”, que Augusto vai tecer a sua obra.

Idealizava o momento em que, num Futuro distante, ocorresse a falência das hierarquias, aquele tempo em que não houvesse opressores nem oprimidos, ou seja, parecia acreditar, na época em que publicou esses artigos, em uma utopia de liberdade, igualdade e fraternidade, princípios norteadores da Revolução Francesa, o que lhe dá, portanto, certa dose também de Romantismo.

Imagina, nessa crônica, a época em que a mulher dos gineceus salomônicos, coberta de “rosas esplêndidas”, fosse amiga da teceleira desprezada e honesta; tempo em que não mais haveria divisões entre as classes sociais, em que os acontecimentos representassem o vaticínio da concórdia amorosa que haveria de reinar entre os homens, depurando-lhes as idéias na têmpera acesa do altruísmo, constringindo-lhes os anseios de vitória individual, e estreitando-os mais a mais, nos cingulos acariciadores da paz e da confraternidade.¹⁴⁷

Esse princípio de “posse” que atribui valores aos títulos nobiliárquicos, às cartas patentes de crédito científico ou a qualquer outro documento que pudesse servir para o indivíduo se tornar superior ao outro na escala social, ou que permitisse que fossem

violados os direitos de muitos, tudo isso, na época em que os corações emotivos se alinhasssem ao culto à Humanidade, seria considerado para sempre como embrulhos inúteis, que não mais dariam a seus portadores o direito de abusar de seu semelhante.

Aos 21 anos, Augusto parecia crer na possibilidade desse mundo sem diferenças nem preconceitos de nenhuma espécie. Mais tarde, após tantas agruras e decepções da vida, sua obra já não apresenta tanta euforia na confiança de uma justiça futura, mas sim procura, através da denúncia, mostrar aos homens que se fazia urgente a mudança radical de nossa sociedade, de uma punição para os fazedores de tantas vítimas.

A filosofia positivista também é bem visível em seu discurso, ainda nessa mesma crônica:

... a Humanidade, assumindo feições idôneas de pureza, realizará, sem embargo, o aperfeiçoamento da espécie, porque, nesse tempo, já terão morrido os instintos da iniquidade humilhante, e o gênero humano, sob a égide da conexão cosmopolita, não terá mais de revolver monturos para mostrar escórias à face escandalosa do Sol.¹²⁵

Nesse trecho, o poeta já mostra uma tendência que não era incomum na época, como explicaremos mais à frente: o gosto da metáfora do lixo e da podridão, para denunciar as mazelas da sociedade. Rui Barbosa mesmo utiliza muito esse processo, o que podemos exemplificar com um trecho de suas **Campanhas Presidenciais**, de 1910, **A deserção republicana**.

Ele define a República como uma criatura “avariada no berço com o contágio precoce que a poluía ao nascer”, começando, assim, a “triste vida”, sendo abandonada por seus “protetores naturais” ao destino de “contaminações, que a devia degradar, de queda em queda, até o hospital, onde acabam as perdas.” E essa República, então, com as “úlceras que a chagavam”, nem a descrição minuciosa (a diagnose), nem a previsão de seu futuro (prognóstico) podiam errar. “O mal apresentava, logo após a invasão, indícios fatais.”¹⁴⁹

No poema **Mater**, de Augusto dos Anjos, a República aparece como o berço, a “fecunda fonte desse mesmo leite / Que amamentou os éfebos de Esparta.”¹²⁶ Em **Queixas noturnas**, encontramos o “hospital” em que se fazia a diagnose do mal republicano, o

¹²⁵ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 596.

¹²⁶ Ibidem, p. 285.

coração do poeta! Ele diz, nesse poema: “O coração do Poeta é um hospital / Onde morreram todos os doentes.” Esses doentes nada mais eram do que os políticos que “contaminavam” a República, então abandonada por aqueles que a idealizaram. Segundo Euclides, ela não foi abandonada, o que ocorreu é que se apossaram dela e marginalizaram seus idealizadores!

Em correspondência ao General Solon, em 10 de janeiro de 1895, Euclides da Cunha comenta a respeito dos “restauradores”, perguntando ao General se lá eles se encontravam tão “irrequietos como aqui”¹²⁷ e acrescenta: “Esta reação monárquica tem afinal aliança das nossas desgraças políticas e tremo às vezes, imaginando um sucesso, que por isso mesmo é um absurdo, pode-se realizar na nossa terra.” A pior situação seria a deles, “republicanos de todos os tempos”, diz Euclides.

O engenheiro temia por um terceiro reinado, que não aconteceu, porém o que houve foi muito pior: esses “restauradores” acabaram por se engajar na República, deteriorando-a. É disso que fala Augusto.

Em 14 de junho de 1890, em carta ao pai, Euclides já lamentara a sua decepção com Benjamim Constant: “Imagine o Sr. que o Benjamin, meu antigo ídolo” - homem pelo qual o escritor confessa haver sido capaz de sacrificar-se, “sem titubear e sem raciocinar, perdeu a auréola”, porque Constant havia se nivelado aos outros, descido à “vulgaridade de um político qualquer”, juntando-se ao “filhotismo sem orientação, sem atitude, sem valor e desmoralizado”. Doía-lhe dizer isso, finaliza, mas “justamente desmoralizado.”¹²⁸

Augusto chega mesmo a se posicionar a favor de uma das linhas positivistas, quando afirma que dentre os apogemas do credo positivista, um há que se nos antolha com laivos de boa razão e aparente integridade de raciocínio sadio, merecendo, a nosso ver, por estes requisitos, algo de aquiescência parcial.¹⁵⁰ E cita, ainda, a máxima positivista por ele considerada a mais correta do “sonho” comtista: “O centro da religião é a única realidade, o *Grand-Être*, ou a humanidade.”

Este *Grand-Être* compõe-se de todos os homens do passado, presente e futuro, mas exclusivamente daqueles que são aptos para a assimilação, e que servem à

¹²⁷ GALVÃO. Walnice e GALOTTI, Oswaldo. Correspondência de Euclides da Cunha. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 68.

¹²⁸ *Ib.*, p. 30.

humanidade. Parasitas humanos ficam excluídos, ao passo que membros do reino animal podem ser incorporados ao *Grand-Être*. Por isso certos bois, cachorros, cavalos, merecem mais respeito do que certos homens.

Parece-nos que este é, também, o resumo da crença de Augusto dos Anjos, seria algo semelhante que ele colocaria em poemas como o seu **Número Um**. E ele se vale de um argumento: o cavalo, que vive segundo as leis da natureza, e ainda fornece a seu dono os paliativos de esportes tonificantes, na realidade possui maiores méritos do que um “indivíduo que anda a escrever crônicas e a excogitar reformas inexequíveis. Quanto anos, valha a nossa franqueza desassombrada, votamos preferência ao cavalo.”¹⁵¹

A ironia que perpassa esse trecho é direcionada a alguém que ele critica mais adiante, ainda nesta crônica, porém esse pensamento positivista, comum também à teosofia e a algumas correntes maçônicas, teve sua influência nos meios intelectuais por um tempo razoável, tanto que, em um dos números da revista **A ordem**, órgão de resistência da Igreja Católica, em dezembro de 1929, em um artigo feroz de Perillo Gomes, intitulado **A questão social na teosofia**, ataca o discurso de Mme. Blavatsky, considerando absurdo abraçar a tese do mais imponderado socialismo: “tudo é de todos”.¹⁵²

A posição da igreja a favor da propriedade privada fica, então, bem clara nesse artigo de Perillo. Embora o texto de Augusto seja bem anterior ao mencionado acima, é possível ver que o poeta já possuía uma visão crítica a respeito desse posicionamento do clero daquela época. Mas Perillo continua na crítica mordaz, ironizando a idéia de Annie Bésant que defende ser a vida humana uma parte daquela Vida-Mãe de quem todos nós somos filhos”. Revida essa afirmação com uma argumentação jocosa:

Sem nenhuma intenção de irreverência lembramos que lá para as bandas de Rio Preto, o *far-west* paulista, um senhor descobriu que nós somos mães de nós mesmos; e para demonstrar esta doutrina escreveu um tratado a que chamou de “Matercracia”... Não codensará ele, porventura, todo o ensino sobre a Vida-Mãe?¹²⁹

Além de ir exatamente contra o pensamento defendido por Augusto, o discurso de Perillo é arrogante e preconceituoso, como o detentor de uma verdade única. E se o

¹²⁹ Revista **A Ordem**, n° 29, dezembro – ano III – 1923, Rio de Janeiro, p. 68.

poeta que estudamos diz preferir um animal como integrante da Humanidade, a um homem parasita da sociedade, Perillo, neste caso, diz o oposto:

Assim, o “beijo da democracia”, que é um símbolo da nossa fraternidade republicana, teremos de o distribuir não somente com o primeiro latagão da Cafraria ou da Zululândia que surgir em nosso caminho, porém, com os nossos irmãos inferiores na escala zoológica e até com os vegetais e minerais.¹⁵⁴

Perillo condena, ainda, os ideais teosóficos de formar criaturas livres moralmente, libertas de todo preconceito, inclusive os morais.¹⁵⁵ Rebate, dizendo que a vida de Blavatsky era um escândalo interminável, que ela não podia excluir o conhecimento dos deveres do homem e de suas dependências divinas, nem a obediência que devemos para as leis morais que para nós Deus instituiu, base de toda segurança, de todo equilíbrio social, penhor de paz entre os homens e de salvação na vida eterna.

Eis aí o exemplo aplicado da filosofia de Hobbes, defendendo a superação do estado de natureza para o estado de sociedade civil, onde há um poder político e um contrato social, com o qual os indivíduos perdem a liberdade natural em favor de um soberano.

Também esse “consórcio” entre Estado e Igreja Augusto aponta em sua crônica, ao mencionar a moeda do tirano Gelon¹⁵⁶, em cuja face trazia a figura do déspota e no verso um querubim. E naquele início de século o Brasil estava em um momento propício para se libertar desse conluio, um tanto enfraquecido pelo fato da República ter nascido entre maçons e positivistas.

Tânia Salem, em seu trabalho *Do Centro D. Vital à Universidade Católica*¹⁵⁷, afirma que a República nascera sob a ideologia positivista, declarara-se leiga e efetuara a separação dos dois poderes. Os benefícios e privilégios que a Igreja desfrutava no Império foram cortados, mas ela passou a ter uma maior atuação devido à liberdade institucional e de sua organização, graças ao novo arranjo político.

Então surge, nesse momento, uma proposta católica reacionária, representada por Júlio Maria, defensor do afastamento dos poderes dominantes para atingir maior proximidade das massas. Porém a hierarquia clerical decidiu aderir à ordem vigente e não

houve abalos entre a Igreja e o Estado, nem houve trauma para a adaptação daquela à República.

Em 1916, D. Leme, arcebispo recém-nomeado da diocese de Olinda e Recife, foi o responsável pelo primeiro sinal da reação católica, com uma carta pastoral que esboça os principais fundamentos que dirigiram o movimento que se estrutura nos anos posteriores, para converter os católicos em força influente nos destinos da nação e “salvaguardar a nacionalidade.”

O arcebispo proclama, então, a necessidade de um revigoramento de laços entre a Igreja e os leigos, para que unissem esforços – mesmo que estes tivessem que ser subordinados à hierarquia eclesiástica – para desferir uma ação católica, com a proposta de uma “política de saneamento dos saneadores” e escolher os intelectuais, foi a estratégia básica para a irradiação da ampla obra apostólica.

Com lugar de destaque como elemento de vanguarda desse movimento de reação, a classe intelectual deveria combater as bases agnósticas e laicistas do regime, propagando a doutrina cristã pela sociedade e suas instituições. Após a sua conversão pessoal, Jackson de Figueiredo assume a liderança nessa reconquista da inteligência brasileira, até 1928, ano de sua morte.

Daí a grandeza da análise de Augusto, em um trecho do discurso que proferiu no Teatro Santa Rosa, na Paraíba, publicado no jornal **A união**, em 20-22 e 23 de maio de 1909.

Nesse discurso ele afirmava que os gregos, havendo fundado o Estado “sobre a natureza humana”, puderam mostrar, em claros detalhes, que a “sofística vagabunda”, no desenvolvimento de várias formas de suas ciladas originais, não tem poder para destruir o pernicioso tumor desse “instituto ladrão que rouba a liberdade psicológica do homem e emperra a dinâmica de suas transformações sucessivas”, nessa época de “transição fenomenal” em que a vontade material forma “a coerência recíproca dos atributos coordenadores da Vida.”¹³⁰

¹³⁰ ANJOS, Augusto dos. Op. cit., p. 645.

A “ARTE” PARA AUGUSTO DOS ANJOS

Gostaríamos também de traçar aqui uma espécie de reunião das idéias que o poeta deixou em sua prosa, a respeito de Arte, o que nos apoiaria na compreensão de seus poemas. Que idéia de Arte norteia essa produção literária de Augusto dos Anjos?

Em sua **Carta Aberta**, de **O commercio**, 20 de agosto de 1901, ele já declara: “Ser poeta é ter alma de poeta, como já disse alguém; e eu não a tenho.”¹³¹ Mais adiante, acrescenta: “Apenas faço o que posso e demais não sou um dedicado cultor das musas. Longe de mim a fofa pretensão de ser sumidade literária nesta terra.”

Na **Crônica Paudarquense** de 12 de outubro de 1905, também publicada no mesmo jornal, o poeta paraibano afirma que a “Arte, nesta pátria de bonzos, agarrados às fórmulas sem elastério de um ritual chinês, rolou, de há muito, na sarjeta podre do desprestígio popular!”¹³²

E no Brasil, garante ele, é um defeito degradante o indivíduo tornar-se artista. Mas aconselha, a quem se der ao trabalho de uma pesquisa séria, elaborar um inventário das civilizações finadas, então descobrirá que a Arte era a mais profunda preocupação do ser humano. Traça, assim, uma rápida história da evolução humana, a partir do Egito, onde teve início a expressão artística como uma “manifestação ampla de liberdade, abeberada na grande fonte real, de onde, em torrentes harmoniosas, se escapam as verdades eternas da Natureza.

Mas depois as aspirações religiosas sufocaram essa visão real das coisas na estreiteza dos dogmas da igreja. Nesse tempo, a arquitetura e a escultura “estrangulavam a miniatura humana com a grandeza terrível de suas soberbas elevações.”

A alma egípcia cobria-se de glória, pois espelhava a grandeza do infinito. Mas quis o destino que ali, onde fora o berço da Arte verdadeira, o tempo calasse essa concepção. O poeta aconselha aos brasileiros que olhem esse exemplo, que a agulha de ouro dos obeliscos possa iluminar as trevas mortais que lhes obscurece a visão, matando o

¹³¹ Ib., p. 579.

¹³² Ib., p. 586.

desabrochar de novos sonhos e “comprimindo nas paredes de um estacionamento funesto as agitações libérrimas e progressistas que dormem latentes”¹⁶², no fundo de nosso espírito.

É preciso que nos aprofundemos cada vez mais no passado, aconselha Augusto, nos monumentos hieráticos da Babilônia, nas criações magníficas do gênio assírio, na compreensão utilitária que caracterizou o pendor artístico do povo Fenício, nas muralhas caídas de Jericó, na paz dos templos de Elefanta, escondidos no seio avaro da terra, para que o homem do Futuro lhe não surpreendesse a maravilha interior, na leveza especial da arquitetura persa, em todos esses depósitos sagrados para encontrar forças e visão necessárias à preparação da evolução futura.

Porém somente isso não basta, ainda é necessário que o homem desenvolva uma profunda intuição do sentimento estético, estudando a formação superior do espírito helênico. É nele que se encontram os verdadeiros fundamentos da Arte, a indiferença às operações imutáveis, rompendo assim com a rigidez dos moldes absolutos e o acompanhamento da “marcha rítmica do progredir indefinido”.

Se avançarmos mais ainda, poderemos conhecer o cemitério abandonado, por onde passa, diariamente, o sepultamento da grandeza romana. Este trecho parece ser uma crítica à visão restrita do catolicismo.

Chorai, como Ezequiel, sobre os salgueiros dessa necrópole, beijando a ruína dos anfiteatros e os lugares onde outrora, reluziu, ao último sol da antiguidade, o sumptuoso Arco do Triunfo. Ser-vos-á isto, talvez, a maior fonte inspiradora. Resta agora embranhar-vos no calado seio medieval, para depois, nos focos da Renascença, ao calor das máquinas ciclópicas, haurirdes o supremo impulso definitivo.¹³³

Augusto propõe essa busca da Arte, porém simultânea à da Ciência e ao estudo metafísico, como também o conhecimento da indústria, da política e da religião, mas não como a sociedade as tratava, e sim como meios para a evolução da humanidade como um todo. Religião, para ele, era a súpula do verdadeiro ideal de Cristo, ou seja, o exercício do amor fraterno. Há uma frase de Rui Barbosa que resume o cerne desse discurso de Augusto: “Não é possível estar dentro da civilização e fora da arte.”¹⁶⁵

¹³³ ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. Op. Cit. P. 588.

Há outras reflexões que o poeta tece acerca da arte e da literatura em geral, como: “O estilo é o homem.” Diz H. Taine: “É pelo estilo que se julga um autor; o estilo representa o que no homem há de verdadeiro e predominante.”¹⁶⁶ Ou ainda: “A arte será o eterno gozo dos espíritos cansados das grandes labutas, mesmo a espelhar as dores da vida, porque a dor estética tem uma atração superior à do prazer, como se o homem se sentisse fascinado por um sentimento que brota das próprias fontes da vida” (citando Sergi). Crônica, Nonevar, 31 de julho de 1910.

Na poesia ele também defende a Arte, pois considera que somente ela, “esculpindo a humana mágoa”, diminui o sofrimento humano, uma vez que “Abranda as rochas rígidas, torna água/ Todo o fogo telúrico profundo / E reduz, sem que, entanto, a desintegre,/ À condição de uma planície alegre,/ A aspereza orográfica do mundo!”¹³⁴ A Arte sublima as insatisfações humanas.

O poeta, em **Monólogo de uma sombra**, prova, “ao mundo odiento, / Pelas grandes razões do sentimento,/ Sem os métodos da abstrusa ciência fria / E os trovões gritadores da dialética, / Que a mais alta expressão da dor estética / Consiste essencialmente na alegria.”¹³⁵ Ele deseja provar a primazia da emoção sobre a razão.

A eternidade é característica da verdadeira Arte, pois a Morte não tem poder sobre ela, como ele diz neste verso: “Contra a Arte, oh! Morte, em vão teu ódio exerce!”¹³⁶

Em **Versos de amor**¹³⁷, ele fala de sua ambição poética, pois pretende poetar com tamanha “arte e espécie” que deseja encontrar um idioma que seja compreendido por todas as línguas. Esse idioma somente poderia ser o alegórico, já consagrado pela literatura clássica. E podemos ainda entender essa “espécie” como “dissimulação ou disfarce”, conforme o dicionário Houaiss.¹³⁸

¹³⁴ Ibidem, p. 199.

¹³⁵ Ibidem.

¹³⁶ Ibidem, p. 236.

¹³⁷ ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. Op. Cit., p. 287.

¹³⁸ Dicionário Digital Houaiss. In

<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=esp%E9cie&stype=k&x=8&y=9> , acessado em 04/02/2009, às 23:40.

Então, “Para reproduzir tal sentimento / Daqui por diante, atenta a orelha cauta, / Como Marsias — o inventor da flauta”, o poeta decide “ inventar também outro instrumento!” Mársias, na mitologia, é o sátiro que encontrou um instrumento musical rejeitado por Atena, porque inchava-lhe os lábios ao tocá-lo.

Esse ser mitológico transforma o instrumento, colocando dentro dele palhetas que, ao se moverem, ajudam a produzir o som sem muito esforço. Mas qual o motivo dessa comparação inusitada? Certamente por Augusto haver inaugurado uma espécie nova na poesia brasileira. Assim como Mársias “reformou” aquela espécie de flauta, Augusto também tentou criar uma nova espécie de trágico, a partir dos modelos gregos, principalmente Ésquilo, que é citado por ele logo em um dos primeiros poemas.

Falar nas entrelinhas é uma das fortes características de Augusto que, certamente, sabia ser esse um método já utilizado pelos épicos, cujos textos são bastante alegóricos. Declamar o incompreensível é falar para a eternidade, pois ele atinge o nosso subconsciente e instiga a nossa razão, que encontra nesses textos um desafio a ser vencido. Ademar Vidal conta que o poeta paraibano era afeito por essas charadas labirínticas de almanaques. Pois ele utiliza fragmentos e confunde os caminhos do leitor menos atento, porém deixa sempre as portas abertas para aquele cuja curiosidade não mede esforços para encontrar caminhos de entrada e de saída desse labirinto...

A “MISSÃO” DO POETA PARA AUGUSTO

Não podemos deixar de observar também que a noção de poeta para Augusto parece herdada do pensamento grego. Foi Ésquilo o grande poeta que se identificou com o homem do campo e com os valores rurais, e Augusto mostra essa preferência por esse escritor de tragédias épicas, como já revela em **Sonho de um monista**: “Eu e o esqueleto

esquálido de Ésquilo/ Viajávamos, com uma ânsia sibarita, /Por toda a pró-dinâmica infinita, /Na inconsciência de um zoófito tranqüilo.”¹³⁹

Partindo da hipótese de que ele desejava um fazer poético semelhante ao de Ésquilo, que idéia teria Augusto a respeito de “ser poeta”? Pois bem, parnasiano ele não desejava ser, ao menos se considerarmos o que diz em sua **Crônica Paudarquense** publicada em **O commercio**, de 12 de outubro de 1905: Perdoem-nos os puristas a expressão licenciosa... No entanto, sua obra tem sonetos, e isto é intrigante...

Também não gostaria de ser considerado adepto do Romantismo, como vemos na **Crônica Paudarquense**, de **O commercio**, 7 de novembro de 1905:

Esta volta inoportuna ao romantismo pelo órgão estafado do Sr. Sebastião de Campos, redundaria, a nosso ver, num ultraje irreparável, numa verdadeira interposição obstrutora ao regime de historicidade que, como preceituam os mestres, deve superintender a evolução orgânica de todos os mecanismos artístico-literários.

O que nós queremos é evoluir, galgar pináculos mais elevados, aperfeiçoar-nos em suma, e não transmitir fluidos ineficazes de vitalidade momentânea a arcabouços obsoletos.

É óbvio que atravessamos uma fase intercalar de esgotamento, resultante do próprio romantismo que, fulgurando longo tempo no ciclo vitorioso dos seus prógonos, - não teve, entretanto, desde as hipérboles imitativas do gongorismo hugoano, a força incrementadora de assumir o mesmo realce em nossos dias, corrompendo-se desastrosamente numa argamassa abstrusa a que a resignação do século confere, por exagero eufêmico, o nome bonito de escolas modernas.¹⁴⁰

É possível perceber, no texto acima, claramente a posição de Augusto em relação ao fazer literário: coloca-se contra a persistência no Romantismo, mas aceita provavelmente Castro Alves (que era o maior seguidor de Hugo) como uma espécie de “neogongorismo” e única linha de maior expressão no movimento romântico; depois dele, não houve mais poetas que merecessem destaque. Vê as “escolas modernas” do seu tempo como uma massa amorfa, incompreensível. A que se referia ele, ao simbolismo ou aos movimentos modernos que já surgiam na Europa?

No entanto, o escritor paraibano mostra grande conhecimento a respeito dessa fase transitória, o que vemos na mesma crônica, que aponta os fatores de dissolução nas

¹³⁹ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 225.

¹⁴⁰ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 598.

literaturas, na esperança de que brevemente viriam “novos subsídios de reconstrução, aparelhos propulsores de interferência evolutiva”, pensamento natural para os adeptos do evolucionismo na época, uma vez que consideravam não haver obstáculos ao progresso, conforme ele mesmo afirma neste texto:

[...] porque o progresso não enxerga montanhas de obstáculo e a poesia não é qualquer autômato que estacionasse, aí aos gritos de sábio nenhum, com os poemas da Antigüidade.

O homem é a criatura e não o criador dos acontecimentos, já o disse abalizado pensador. Esforcemo-nos destarte por adquirir, sem esses ramúsculos podres, a perfectibilidade excelsa, e deixemos em paz os mortos.¹⁴¹

Até aqui pudemos compreender que Augusto desejava ser moderno, mas sem abandonar a riqueza da literatura grega, que considerava como a expressão máxima da Arte poética. E fazia, também, distinção entre o Romantismo piegas, cheio de úlceras, como o de **Nuvens Errantes**, de Sebastião de Campos, do subjetivismo puro de Álvares de Azevedo ou o lirismo específico de Fagundes Varela.

Também não concordava com o fazer poético profissionalizado, o que ocorria muito com a expansão da imprensa, acusava de mercador aquele que fizesse da venda exclusiva de versos uma profissão comum.¹⁷⁸ Lembra-nos Rui Barbosa, que tachava esse tipo de poeta como mercador de versos.

Quanto à visão que tinha de si mesmo como poeta, também é possível perceber através de seus versos, especialmente em **As cismas do Destino**: “Poeta, feto malsão, criado com os sucos / De um leite mau, carnívoro asqueroso,/ Gerado no atavismo monstruoso/ Da alma desordenada dos malucos”. O poeta é, ainda, a “Última das criaturas inferiores/ Governada por átomos mesquinhos, /Teu pé mata a uberdade dos caminhos / E esteriliza os ventos geradores!¹⁴²

Às vezes o poeta faz de seu coração um “hospital onde morreram todos os doentes”, como diz em *Queixas noturnas*; ora é uma sereia cantando um réquiem de “tristíssimos bemóis”, cuja voz é igual “à voz das dores todas do mundo”¹⁴³ É ele o

¹⁴¹ Ibidem.

¹⁴² Ibidem, p. 221.

¹⁴³ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 292.

“Viajeiro da Extrema-Unção,/ Sonhador do último sonho!”, como aparece em Barcarola, ou como Jesus deve abraçar a sua cruz e morrer, por ser “poeta da morte”. É o “poeta do hediondo”, que, em “alucinatórias cavalgadas” é atacado no coração pela “mortificadora coalescência/ Das desgraças humanas congregadas!”¹⁴⁴

Concluindo, consideramos a criação poética de Augusto como um poema trágico moderno, que permite ao leitor estabelecer várias intertextualidades com publicações de outros escritores contemporâneos dele, uma vez que em seus versos há fragmentos de discursos “já-ditos”, mas somente foi possível perceber essa fragmentação após muitas leituras e análises comparativas.

Não pretendemos, em nenhum momento deste trabalho, mesmo naqueles de paixão mais arrebatadora pelas pesquisas, analisar as intenções do autor, como já deixamos claro anteriormente, nem isto seria possível, como explicam todas as teorias mais modernas de interpretação textual.

Mas sabemos, tanto pela obra que deixou Augusto, quanto pelas notas de alguns biógrafos, que ele mesmo confessa o propósito de analisar minuciosamente, ao modo naturalista, o papel do ser humano integrado na dinâmica inesgotável do grande Todo que é o universo, e consegue fazê-lo com uma visão universal que nos impressiona.

Em resumo, a obra de Augusto não poderá ser nunca reduzida a uma perspectiva limitada de leitura; pois, como sempre observa o professor Foot Hardman, “Augusto é isso, mas é muito mais, é sempre mais do que isso”.

UM POETA PARAIBANO NO RIO DE JANEIRO

*O Eu tem scandalizado
o superficialíssimo meio intelectual daqui.
(AA, Carta de 13/06/1912, à mãe)*¹⁴⁵

A metade de 1908 até a outra metade de 1910, Augusto residiu na capital da Paraíba, pois foi a época da venda do Pau D’Arco ao Dr. Joaquim Vieira, o “Quincas do Engenho Novo.”

¹⁴⁴ Ibidem.

¹⁴⁵ Ibidem, p. 736.

Conforme informações de Vidal, o poeta foi para o Rio de Janeiro a bordo do Maranhão, navio do Lóide Brasileiro, em uma viagem de oito dias, com várias paradas: em Recife, Maceió, Salvador e Vitória. Desembarcou no cais dos Mineiros, ao lado do Pharoux, onde foi recebido por seus irmãos Odilon e Alfredo e pelo deputado Seráfico da Nóbrega, pelo escritor e magistrado Santos Neto, conterrâneos de Augusto.

O ano de 1910, conforme Magalhães Jr., iniciou-se com as atenções voltadas à sucessão presidencial, cuja campanha já se tornara acirrada desde 1909. Seria um confronto entre as forças civis, representadas por Rui Barbosa, e as forças militares, representadas pelo Marechal Hermes da Fonseca, ex-ministro da Guerra do governo de Afonso Pena, já falecido.

Rui fora parlamentar do Império, ministro da Fazenda no Governo Provisório, do Marechal Deodoro da Fonseca e senador pela Bahia. Hermes era apoiado pelo mineiro Venceslau Brás Pereira Gomes, candidato à vice-presidência. Rui se apoiara na política paulista, escolhendo como vice Manuel Joaquim Albuquerque Lins, governador de São Paulo, nascido em Alagoas. Lembramos que Esther Fialho, esposa de Augusto, possuía parentesco com os Albuquerque Lins, como nos informa o próprio Magalhães Jr.

O poeta casou-se em 4 de julho de 1910, com a professora Ester Fialho, que se tornou, então, Rodrigues dos Anjos. Logo após o casamento, o poeta e a esposa foram morar na casa da mãe desta, D. Miquelina Amélia Monteiro Fialho, viúva do médico Agnelo Cândido Lins Fialho. O imóvel ficava na Rua Direita, em frente à redação do jornal **A união**.

Vidal, que freqüentou a residência do poeta recém-casado, para receber aulas particulares de Augusto, conta que o casal era a pura expressão de carinhos, que não escondiam de ninguém as manifestações de ternura.

Pela ocasião da venda do Engenho Pau d'Arco, o Banco Emissor de Pernambuco iniciara uma ação para executar hipoteca há muito vencida, cuja soma era de 42 contos, 276 mil e 120 réis, contra D. Córdula, seus filhos e seu irmão, o farmacêutico Acácio Fernandes de Carvalho, e ainda contra os herdeiros do Dr. Aprígio Carlos Pessoa de Melo. A ação havia sido ajuizada em Recife, e no curso dessa ação o crédito do Banco foi transferido a

Gentil Lins de Albuquerque, da Paraíba, que concordou com a venda a Joaquim Francisco Vieira de Melo. Portanto, havia ligações entre Augusto e a família Lins de Albuquerque.

ANTES DO RIO, O *NONEVAR*

Antes da partida definitiva para o Rio de Janeiro, em julho de 1910, ainda em João Pessoa, foi o “porta-voz” da festa de N. Sra. das Neves, na Paraíba, através do jornal **Nonevar** (misto de “novena” e “neve”), conforme Magalhães Jr.

O poema de abertura da série tem como título o nome do jornal: **Nonevar**¹⁴⁶, e se inicia saudando a cidade: “Alma da Filipéia, ignorada e esquecida / na mais alta expressão dinâmica da Vida.” A cidade nasceu batizada de Nossa Senhora das Neves, em 5 de agosto de 1585 – a terceira mais antiga do Brasil –, depois recebeu o nome de Filipéia de N. Sra. das Neves e só em 1654 foi chamada de Parahyba, o mesmo nome do estado, então ficou conhecida como Parahyba do Norte, atualmente João Pessoa.

O jornalzinho era, para o poeta, “sangue, estuando, a alardear rubros glóbulos bons”; era também “esta privilegiada e grande boca de ouro”, da qual jorrava a “ilusão que mata a água do choro”. Certamente Augusto não estava tão feliz, apesar do casamento recente, pois deixaria a terra natal para se aventurar na capital da República, totalmente desconhecida para ele.

Mas ele alerta: “Na nascente infeliz das fontes lacrimais, / não sou como os papéis que, com raiva, rasgais, / - Condensadores maus de obsoletas idéias, / onde, lúgubres, vêm todas as odisséias/ da dor hereditária e negra de cada um.” Ou seja, em seu íntimo, não poderiam ficar indiferentes a ele, nem chamá-lo de ultrapassado, pois não escreveria um lirismo melancólico como era moda na época. Realmente, no **Nonevar** ele satirizou a sociedade burguesa da Paraíba, em versos aparentemente inofensivos.

Considero de fundamental importância esta observação de Ademar Vidal:

¹⁴⁶ Ibidem, p. 535.

Sobre o Governador João Lopes Machado havia, de parte do poeta, razões para manifestar profundo ressentimento. Fora vítima de grave injustiça por parte do Governador apelidado por Joque. É que entrando em competição da cadeira de História de Literatura, no Liceu Paraibano, não lograra ser nomeado, sem se levar em conta a sua condição de homem culto e senhor de um grande talento. **A política interferira**¹⁴⁷. No seu lugar foi nomeado professor daquela cadeira o Dr. José Marinho Falcão que jamais assumiu o cargo.¹⁴⁸

Tanto o poeta tinha o gosto pelas epopéias e tragédias, que diz nesse poema **Nonevar**: “O lírico David e o assombroso Naum / ficam diante de mim agachados colossos!” A alusão a esses personagens bíblicos traz para o contexto desse poema a questão da luta do fraco contra o forte e também uma espécie de profecia da ruína daquela cidade, como Naum profetizou sobre Nínive.

Mas a lira de Augusto será maior do que a deles, pois os dois personagens bíblicos encontram-se “agachados” diante dele, o que nos permite entender que o poeta paraibano também deverá falar da opressão do forte contra o fraco e da corrupção na cidade da Paraíba. Este poema confirma a nossa leitura do **Eu** como uma das possíveis interpretações dessa grande obra de Augusto.

Este trecho de Naum, III:

“o cavaleiro que monta, a espada rutilante, a lança reluzente, a, multidão de mortos, o montão de cadáveres, e defuntos inumeráveis; tropeçam nos cadáveres; tudo isso por causa da multidão dos adultérios, da meretriz formosa, da mestra das feitiçarias, que vende nações por seus deleites, e famílias pelas suas feitiçarias”¹⁴⁹ estabelece uma intertextualidade com estes versos de Augusto: “Toma as espadas rútilas, guerreiros / E à rutilância das espadas, toma / A adaga de aço, o gládio de aço, e doma / Meu coração - estranho carnicero!”¹⁵⁰

O poeta afirma que a energia a mover seus músculos jovens “lembra o Vândalo e lembra o Alano medieval”... Por que seria ele um destruidor de tudo e um cão de caça a

¹⁴⁷ Grifo nosso.

¹⁴⁸ VIDAL, Ademar. Op. Cit., p. 173.

¹⁴⁹ Trecho do **Livro de Naum**, III. Documento em meio eletrônico, in <http://www.bibliaem100dias.com.br/naum/>

¹⁵⁰ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 281.

não ser para fazer, das ruínas, uma nova sociedade paraibana, apontando os responsáveis por sua desgraça?

“Às vezes” – diz ele – “estrangulo a rede neuronal” de horríveis avarentos de “espírito já pretos”, “traçando-lhes visões, pondo-lhes esqueletos/ no fundo da consciência infeccionada e má.” Eis aqui a melhor definição do **Eu**: uma obra para perturbar a consciência infectada e maldosa de todos os opressores! ‘

Para os leitores do jornalzinho da **Festa das Neves** ele se diz “uma Eloá”, de Vigny, poeta considerado por Augusto como o rouxinol da França. Pois bem, Eloá representa o princípio feminino e a redenção da humanidade, pois essa personagem de Vigny é um anjo descido dos céus para consolar e salvar Satã, porém este a seduz e os dois vão embora para o inferno e assim ele deixa a humanidade em paz.

Muitas vezes ele parece “uma ave muito mansa”, grega ave ideal, flor da beleza e da razão, nascida de uma “semente superior, plantada pelas mãos de Safo.” Esta parece ser a definição que ele dá ao seu espírito, ao seu lado poético, habitante íntimo dos céus atenienses.

Mas o seu corpo material é “Mefistófeles cruel, maligno e atro”, que busca o prazer carnal, de forma animalesca: “arranhando, a tombar e a erguer-se a um tempo só, / com a língua inchada e horrenda estirada no pó/ - expressão modelar de energúmeno exausto [...]” Estes versos parecem mostrar a idéia pecaminosa que o poeta tinha a respeito do sexo, talvez pela severa educação religiosa que recebera. Tanto que, em vários poemas, o falo é representado por metáforas como “língua” ou “dedo”. Augusto encerra, em 5 de agosto de 1910, a colaboração para o **Nonevar**.

UM INSTITUTO DE VANGUARDA

Não é possível deixar de incluir nestas notas a passagem de Augusto dos Anjos pelo Instituto Maciel Pinheiro, na Paraíba, do qual assumiu a direção, associando-se a Abel da

Silva, em 1908. Era um externato localizado à Rua Barão do Triunfo, 65, antiga Estrada do Carro.¹⁵¹

A 20 de janeiro de 1909, **A união** publicou no **Estrelário** o poema **Sonhos de um monista** e, abaixo, uma notícia com o título **Instituto Maciel Pinheiro**, comunicando o investimento dos dois sócios no colégio, para modernizá-lo. A notícia foi transcrita por Magalhães Júnior, e diz que o prédio estava bem adaptado à finalidade de receber os educandos e que a nova direção havia adquirido vários objetos para o desenvolvimento dos processos instrutivos. Fala também do amplo parque e da impressão positivas que o repórter do jornal teve ao fazer essa visita e da gentileza com que foi recebido pelos diretores.

O importante, porém, são as idéias arrojadas de Augusto e Abel, que dividiram a escola em três seções, uma para o jardim da infância, que aparecia como “curso de adaptação para crianças entre 4 e 7 anos”, com a explicação:

O fim desejado por esta primeira do curso não é propriamente instruir; é fazer com que as crianças se adaptem aos hábitos de ordem, de compostura, de obediência, de higiene, despertando-lhes, os processos sutis e brandos, a atividade intelectual que se exercerá gradativamente sobre assuntos pitorescos, dos quais farão grande parte os jogos de Froebel. Esta seção terá o auxílio constante de uma professora que a diretoria julgue apta a exercer tão valiosa função¹⁵²

A professora Áurea Pires fora contratada para essa missão, por possuir “excelentes qualidades de espírito e de coração”, o que garantiria o “êxito dos trabalhos escolares.”

Nessa primeira seção, o aluno iria adquirir por intuição as noções elementares de leitura e cálculo, acompanhadas pela observação das coisas ao seu redor, sem preocupação de seguir os livros e de iniciativa própria da professora.

Na segunda seção primária, haveria o aprendizado de “língua materna, geografia, história do Brasil, astronomia, contabilidade e geometria, com aperfeiçoamento na leitura em exercícios sobre prosadores de estilo simples e puro”.

¹⁵¹ MAGALHÃES JR., R. Op. cit., p.p. 193-194.

¹⁵² Ibidem, p. 194.

Na terceira seção – de mais dois anos – dava noções de latim e francês, escrituração mercantil e economia política, instrução cívica, incluindo o estudo das Constituições Federal e Estadual. Além disso, em horários que não fossem incompatíveis com o funcionamento do primário, haveria aulas avulsas do curso de madureza e também dos dois primeiros anos de Direito. Os dois diretores possuíam planos de transformar o externato em semi-internato e depois internato.

Em 5 de maio de 1909, Augusto foi nomeado, em caráter interino, para lecionar no Liceu Paraibano e sua aula inaugural foi notícia veiculada no jornal. A sua “preleção de literatura nacional no Liceu Paraibano viu sua aula cheia de visitantes, entre os quais se contavam rapazes dos mais salientes e merecedores em nosso meio intelectual.”¹⁵³

A 13 de setembro de 1910, chegava ao Rio de Janeiro o **Acre**, trazendo o poeta e a esposa, que foram recebidos no cais Pharoux por Odilon e Alfredo, pelo Dr. Francisco Seráfico da Nóbrega, um dos novos deputados federais paraibanos e ex-diretor do Liceu, Santos Neto e outros.¹⁹¹

Em 17 de setembro escrevia à mãe, pedindo-lhe a bênção e contando que a viagem havia sido boa, apesar do enjôo. Receberam-nos aqui, no cais Pharoux, o Odilon, Alfredo, Dr. Seráfico da Nóbrega, o Santos Neto e outras pessoas amigas.¹⁹²

Revela ainda que havia telegrafado a ela no dia da chegada, comunicando que estavam hospedados no Largo do Machado, 37, mas como a pensão era muito isolada, mudaram-se para a Avenida Central, 1, ou Praça Mauá, 73, 2º andar, ficando próximo ao tio Bernardino, que morava no mesmo prédio, no andar inferior.

Transcreveremos, a seguir, apenas a correspondência de Augusto que interessa na comprovação de que ele presenciou os fatos ocorridos no Rio em 1910.

AUGUSTO E AS NOTÍCIAS SOBRE A POLÍTICA CARIOCA

Em várias cartas à mãe e à irmã, Augusto revela seu pensamento a respeito da campanha presidencial, as impressões que tinha de Hermes da Fonseca, sua admiração por Rui Barbosa e a tensão por que passaram na época da Revolta da Marinha.

¹⁵³ Ibidem, p. 201.

Interessante é notar que, se as cartas à mãe eram constantes, sempre com notas a respeito do que ocorria na política – que nos dão impressão de que Sinhá-Mocinha também tinha bastante interesse no assunto, portanto devia ter certa cultura – como não há nenhuma correspondência relativa ao período das retaliações do governo aos marinheiros?

Desapareceram as cartas justamente do período entre 10 de dezembro de 1910 e 25 de janeiro de 1911? Nenhuma carta pela ocasião do Natal – o primeiro longe da família – nem da passagem de ano, exatamente quando ocorriam os fatos mais escabrosos de injustiça social? No mínimo, coincidência demais! Voltemos, porém, à nossa explanação.

Em 13 de novembro, Augusto continuava desempregado. Um fato chama a atenção na imprensa: Nilo Peçanha, anticlerical, fizera emendas no orçamento suprimindo a nossa representação brasileira no Vaticano, que, a seu ver, violava a Constituição, denotando preferência por uma religião. Chegaram ao Brasil frades expulsos de Portugal e Nilo não queria deixá-los desembarcar no país.

O poeta escreve à mãe, em 13 de novembro de 1910, contando que a novidade no Rio era a questão dos frades que desejavam desembarcar. Moças foram solicitar a Nilo Peçanha que revogasse a proibição do desembarque, mas o presidente nem prestou atenção ao pedido.

No entanto, o Supremo Tribunal Federal concedeu *habeas-corpus* aos frades, dando assim um golpe na “pretensão do nosso quase ex-presidente da República.”¹⁵⁴

No dia 15 de novembro do mesmo ano, escreve à irmã Iaiá sobre a posse de Hermes da Fonseca na Presidência da República, ocorrida na véspera. E comenta: “a chuva foi tão abundante que dissolveu todos os festejos preparados”.¹⁵⁵

É novamente à mãe que Augusto escreve, em 27 de novembro de 1910, a outra carta, já falando sobre a revolta dos marinheiros, que nos interessa diretamente neste trabalho:

¹⁵⁴ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 714.

¹⁵⁵ Nota: Em Alexei Bueno (BUENO: 2004, p. 777), consta “Rio, 16 – Novembro – 1911”, o que julgamos equivocado, pois a posse de Hermes foi em 1910.

“Escrevo-lhe hoje, após sublevação de nossa marinhagem, cujos *drednoughts*—verdadeiras máquinas de destruição radical – estiveram, durante longo tempo, assestados sobre todos os pontos desta cidade” e representavam ameaça constante de bombardeio. Diz ele que um “terror imensurável apertou a alma pacífica da população” e isso provocou nas pessoas uma “excitabilidade anormal da vida nervosa, a mais desoladora de todas as expectativas.” No entanto, ele considera as causas da sublevação “as mais justas possíveis.”¹⁵⁶

Explica à Sinhá-Mocinha que os revoltosos apenas queriam a “abolição dos castigos corporais” que constituíam uma degradação à sua personalidade, “reduzindo-a a uma trama biológica passiva, equiparável à das bestas acorrentadas.” E a lei os resguardava, pois era proibida a aplicação de “meios repressivos desumanos”.

No entanto, os oficiais continuavam a aplicar as chibatadas que retalhavam “o corpo indefeso dos subalternos.” Os insubordinados mantinham os canhões voltados para “o Catete, o Senado e o Arsenal de Marinha, a consagração oficial de seus velhos direitos vilipendiados.”

Augusto conta, então, que acabara de sair a anistia e o governo se dizia disposto a atender as solicitações dos marujos. E o poeta destaca os discursos de Rui Barbosa e de Barbosa Lima, concitando o governo à concessão da anistia”. Comenta que ambos mereciam leitura e releitura.

Ainda na mesma carta, comenta que Irineu Machado, “com sua fibra específica de arruaceiro” havia colocado a “língua praguejadora ao serviço das fanfarrônicas hereditárias de nossa raça, preferindo a morte de toda a população brasileira à pseudo-ruína do brio e da dignidade nacional.” Mas todas essas atitudes políticas eram, para o poeta, “teatralidades risíveis”, portanto ele colocava acima disso tudo “a estática fundamental do bom senso que aconselha a ordem e a prudência, como únicos fatores constitutivos da sabedoria dos governos.”

Continua discorrendo acerca do aspecto da cidade naqueles dias “amargos da revolta”, que era de “impressionar amarguradamente”. Muitos boletins eram distribuídos à população, incitando-a ao êxodo, pois era muito grande o risco de um bombardeio a qualquer momento. As famílias, então, em desespero, “corriam sem destino certo,

¹⁵⁶ Ib., p. 715-6.

invadindo atabalhoadamente os *bonds*, os trens e os automóveis em demanda dos subúrbios e outros lugares afastados.” Muitas iam para o interior de Minas e de São Paulo, pois “o instinto de conservação, a mais indomável de todas as nossas energias nervosas, estava solto, sem a peia das racionalizações inibitórias, no espírito amedrontado do povo”.

Relata ainda que duas “criancinhas alegres” haviam sido “fulminadas” por um estilhaço de granada, no morro do Castelo e que, se os marinheiros desejassem, “todo o Rio de Janeiro desapareceria no breve espaço de algumas horas.”¹⁵⁷

Essa revolta certamente impressionara um rapaz recém-chegado de um local tão longínquo e muito mais tranqüilo do que o Rio de Janeiro. Basta analisar a situação: Augusto, também casado há pouco, não possuía uma residência que fosse propriedade sua e fora escolher uma pensão exatamente no local mais perigoso, o alvo mais certo para os tiros de canhões. Toda a imprensa carioca noticiava os fatos, inclusive as revistas **Careta** e **Fon-Fon!**, que consultamos nesta pesquisa.

Ainda nesta carta, continua dizendo que justamente o local em que ele e Ester ficavam era o ponto mais perigoso, “bem defronte do mar” e, ao serem lançados os primeiros disparos dirigidos ao Arsenal da Marinha, “a detonação fortíssima abalava os vidros do prédio” daquela pensão. Esse fato obrigou o casal a buscar refúgio na Tijuca, em casa de amigos, onde foram acolhidos, diz ele, com “generosidade nímia”, lá dormiram uma noite e ficaram ainda por algumas horas do dia seguinte, aguardando uma solução para aquele “momento aflitivo.”

“É que a vida de todo o Rio de Janeiro dependia de um só ato: a anistia” – comenta Augusto. “Sancionaram-na, por fim. Vieram, depois, os arlequins profissionais da loquacidade quixotesca da época, acoimando de covarde o ato do governo.”

Porém o poeta não concorda com essa atitude e os chama de “injustos”, pois, para ele, “ não há maior covardia, a ser inscrita no registro das fraquezas humanas, do que negar um direito, a poder de pólvora e de selvagem sabre desembainhado.”

Não desejamos – frisamos novamente esta questão – penetrar na intenção do autor, o que seria impossível, apenas gostaríamos de refletir um pouco sobre as palavras dessa carta.

¹⁵⁷ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., pp. 715-6.

O jovem Augusto, então com 26 anos, recém-casado, praticamente expulso da terra natal, tentando acertar-se na vida em uma cidade que lhe era estranha, longe da mãe que lhe era tão querida, (se considerarmos as expressões carinhosas que a ela dirige), além da constância de sua correspondência, mal chega ao Rio e já tem que se mudar de moradia – de pensão em pensão, até alugar uma casinha – e presencia um fato de tamanha violência, que obriga, inclusive, o refúgio do casal na residência de amigos. Como não ficar marcado por esses eventos? Considerando tudo isso, não se tornam perfeitamente compreensíveis estes versos: “Poeta, feto malsão, criado com os sucos / De um leite mau, carnívoro asqueroso, / Gerado no atavismo monstruoso/ Da alma desordenada dos malucos;/ Última das criaturas inferiores / Governada por átomos mesquinhos ¹⁵⁸[...]”?

Abrimos aqui parêntesis para uma explanação a respeito de nossa interpretação desse poema. Por que seria ele um “feto doentio”? No próprio poema está a resposta: foi criado com um leite maligno. Ora, o poeta fora amamentado pela negra Guilhermina. Se considerarmos as informações colhidas no contexto de **Desajustado**, seria maligno por vir de uma representante de uma raça considerada inferior naquela época e de forma alguma aceita na sociedade. Porém não é Augusto que considera maligno o sangue da negra, e sim o “eu” que fala nesse poema, dirigindo-se ao poeta. Esse “eu” é a voz da ciência determinista ou de algum representante dela; portanto pode ser entendido como culpado pela ruína do poeta, o governador Álvaro Machado, que era médico.

Além disso, ele fora gerado no “atavismo”, ou seja, ocorreu nele o reaparecimento de caracteres físicos ou morais dos avós ou de outros antepassados. Que caracteres seriam esses? Observando em outro verso de **As cismas do Destino**¹⁵⁹, encontramos “O áspero mal que a tudo, em torno, trazes,/ Análogo é ao que, negro e a seu turno, / Traz o ávido filóstomo noturno/ Ao sangue dos mamíferos vorazes!” Entendendo o trecho: ele trazia a tudo em torno dele um mal igual aquele trazido pelo “negro” e voraz morcego noturno ao sangue dos mamíferos que ataca.

¹⁵⁸ Ibidem, p. 221.

¹⁵⁹ Ibidem, p. 211.

Essa comparação ao morcego dá margem a algumas interpretações. Qual seria essa semelhança entre o mal do poeta e o do morcego? Seria a transmissão da loucura? Seria a imagem de um ser emocionalmente dependente da energia de outro ou ainda a transmissão de genes da raça negra que havia em Augusto por herança genética? Ficam aqui as interrogações.

Há, na mesma carta, outros detalhes a pontuar, como a posição clara de Augusto contra os castigos corporais, que não faziam sentido em uma sociedade que se proclamava civilizada.

Os discursos de Rui Barbosa e Barbosa Lima, concitando o governo à concessão da anistia, são “dignos de leitura e releitura”. Isso indica que Augusto leu e provavelmente releu os discursos de Rui Barbosa. Infelizmente, não conseguimos encontrar nenhum de Barbosa Lima. E Rui utilizava em sua oratória um recurso que já era bem ao gosto de Augusto: a metáfora do lixo, da carniça, da podridão; a imagem da República como a meretriz, a prostituta que se dava aos mais depravados conluíus em prol do enriquecimento pessoal ilícito de alguns, em favor da ganância, da vontade cada vez mais insatisfeita de poder. O poeta não poderia, de forma alguma, ficar imune a essa retórica, então comenta: “Vieram, depois, os arlequins profissionais da loquacidade quixotesca da época, acoimando de covarde o ato do governo.” Aqui ele está recriminando a atitude politqueira daqueles que eram contrários à anistia, em nome de um “orgulho nacional” inexistente.

Mas a medida em favor dos marujos foi aprovada em tempo recorde, “a toque de caixa” pelo Congresso Nacional e, na manhã de 26 de novembro, com o sol brilhando sobre a Guanabara, os navios iniciaram a aproximação para a rendição. “Os morros, o cais e as praias estavam lotados de curiosos, alguns com binóculos, para assistir à chegada dos marinheiros. A bordo o clima era de festa e euforia”¹⁹⁴.

“Não há maior covardia, a ser inscrita no registro das fraquezas humanas, do que negar um direito, a poder de pólvora e de selvagem sabre desembainhado” – diz ele, posicionando-se contrário a qualquer atitude repressiva.

Se Augusto já se revoltava com o castigo da chibata, o que não sentiria ao ler as notícias, ao ouvir os depoimentos e discursos de Rui Barbosa e Barbosa Lima

descrevendo os episódios hediondos da Ilha das Cobras e no navio Satellite, desrespeitando todos os direitos básicos do ser humano? Não caberia aqui a explicação que vem de seus próprios versos, uma vez que no ser humano há sempre sinais de “estratificações requintadíssimas / De uma animalidade sem castigo”?¹⁶⁰ O poeta tenta provar que a Dor é inerente ao homem, que jamais terá fim, pois ela sempre “Veio e vai desde os tempos mais transatos / Para outros tempos que hão de vir ainda!”

Ainda era forte na memória do brasileiro, principalmente de um nordestino. Basta ler os cadernos do Instituto Histórico-Geográfico da Paraíba, publicados até a década de 20, – o massacre de Canudos. Se Euclides não houvesse morrido no ano anterior (1909), certamente a Revolta da Marinha com todas as suas consequências seria registrada por ele. Augusto, como um autor de espírito trágico-épico, com formação erudita, carregando há muito o sonho de fazer uma grande epopéia brasileira, identificando-se também com esses oprimidos, em uma época muito difícil da vida, não poderia se omitir, principalmente porque é um poeta que trabalha com a inspiração.

O poeta traz, em sua obra, o grande questionamento de todo o ser humano: por que tanta injustiça neste mundo? Para que tanto sofrimento? Com que direito alguns se apossam do poder e esmagam os outros? Que força terrível haverá por trás de tudo isso? Com sua sensibilidade aguçadíssima – parece que semelhante à da mãe, sua grande confidente – é bem possível que tenha sofrido muito com todas essas infâmias, que se juntavam a seu calvário particular.

Mas ele escreve também para Aprígio, em 29 de novembro desse ano, para perguntar-lhe se já estava ciente da revolta da marinhagem, dizendo-lhe que fora um acontecimento terrível. E pede-lhe: “Lê a carta que, em atenção ao assunto, dirigi à Sinhá-Mocinha.”¹⁹⁶

Não teria escrito também à irmã, grande amiga e confidente de tantos anos? Restaram as cartas em que falava da revolta dos marinheiros, e nas quais não acusava o Marechal Hermes. Não haveria as outras correspondências, relatando o pior, que ainda estava por vir?

¹⁶⁰ Ibidem, p. 197.

Mas deixemos de digressões e continuemos com as provas que encontramos. É de 9 de dezembro de 1910 a carta à Sinhá-Mocinha, contando-lhe a alegria que lhe dera o fato de Cunha Lima chegar ao Rio com uma carta da mãe:

Vmcê., afeiçoada, como sempre, aos eventos da política nacional, quer saber de minha opinião a respeito do novo governo, substanciado na cabeça marechalícia do Hermes. Não lha dou, em definitivo. Aliás, para fazê-lo, seria mister me houvesse dado a Natureza qualidades hierofânticas excepcionais. Em todo o caso, tenho a coragem de afirmar que o diabo não é tão feio como se pinta.¹⁶¹

O poeta continua dizendo que a crítica antecipada daqueles “julgadores de oitiva” mostrava às pessoas um Hermes “autoritário, capaz de todos os protestos e de todas as rebeldias anti-rationais e ilógicas.” No entanto a crítica daquele momento já revelava a imagem de um presidente capaz de transigir, nos momentos necessários, fazendo assim com que parecesse um tipo de “mercador pacato e cheio de muito boas intenções para todo o mundo.”

“A espada do Marechal é hoje, quando muito, uma inestética faca de ponta” – fala com sua ironia implacável – “sem relevo ornamental apreciável, jazendo inocuamente na bainha caipora do seu dono.” Ou seja, ele era outro homem, muito mais calmo, talvez por influência da amada, Nair de Teffé. Mas Augusto diz ter a impressão de que o Hermes desejava “abalar o colosso das oligarquias do Norte.” Para isso, organizara novos diretórios, onde figuravam “pessoas culminantes do grupo oposicionista, tais como aí, na Paraíba, o Dr. Maximiano Figueiredo e Afonso Campos.”

Os fatos que ainda viriam, entretanto, iriam esclarecer, melhor do que ele o fazia à mãe naquela carta, “toda a psicologia do homem” que governava o país, “entregando-o à nossa avidez de comentaristas imparcialíssimos, que somente colimam o restabelecimento da verdade.” E acrescenta, como ainda não tinha encontrado uma colocação fixa de trabalho: “Quanto às minhas cavações, continuo a fazê-las com frequência.”

¹⁶¹ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 717.

Tinha alguma esperança quanto à ajuda de amigos influentes, como o Dr. Maximiano, em quem diz depositar toda confiança e quem o alentava sempre e que lhe garantira haver colocado o nome do poeta à frente de todos os outros protegidos, devido aos seus “méritos reconhecidos”. Por esse motivo, aguardava calmamente o final daquele começo da vida no Rio, “tão erizado de embaraços” e não perdia a esperança, acrescentando que era bem provável vir a “outra face brilhante da vida” substituir o então “lugar negro em que os maus demônios, talvez por um mero gracejo infernal”, o haviam colocado.¹⁹⁷ Pobre Augusto! Assim como Euclides, também possuía um coração aberto e ingênuo, e ambos pagaram pelo idealismo nesta pátria em que os bons são preteridos pelos desonestos mais espertos!

Também consideramos de grande importância esse documento, por fazer algumas revelações significativas. Os grifos na carta são nossos, para destacar essas informações. A primeira deixa evidente que D^a Córdula era afeita à política nacional, portanto deveria também se importar com a local. A segunda mostra que Augusto era uma pessoa de visão equilibrada: dava o seu parecer naquele momento sobre o Marechal Hermes, mas ressaltava que não era a sua opinião definitiva, sabedor que era de que só o tempo poderia revelar o verdadeiro caráter do presidente. E o poeta tinha razão...

E mais um dado interessante: Hermes queria abalar as oligarquias do norte, inclusive as da Paraíba, com Dr. Maximiano Figueiredo e Afonso Campos. E Augusto depositava todas as confianças em Maximiano, o que confessa também nessa carta. A situação financeira do poeta ainda era aflitiva, nada conseguira, além de promessas.

A essa carta, segue-se a lacuna indecifrável de mais de um mês sem correspondência, nem para o Natal – o que julgamos impossível, seria o primeiro longe da mãe – nem para a passagem do novo ano. Ainda haveria alguma chance de serem recuperadas essas missivas?

Na correspondência que se segue, de 1911, há apenas os lamentos de um “bacharel depenado, antigo professor de província, e possuidor de outros títulos congêneres de desmoralização.”¹⁹⁸ Esta carta é de 18 de fevereiro de 1911, portanto foi com esse estado de espírito que Augusto acompanhou os fatos a respeito das torturas e assassinatos dos marinheiros revoltosos, além da prisão e deportação de muitos inocentes. Que outro

estilo poderia ter ele adotado? Chegou a ficar doente do estômago e dos nervos, fato que o impediu até de escrever uma carta à mãe, perdendo a oportunidade de enviá-la por Carneiro da Cunha. Provavelmente, além das necessidades materiais por que passava, em razão de que a alimentação do casal devia ser apenas para sobreviver, certamente um estado depressivo abatera o poeta, como ocorreria com qualquer ser humano em semelhante situação. Só escreveu a carta à mãe após receber dela as felicitações pela vaga conseguida no Ginásio Nacional, como professor de Geografia.

Esther havia perdido um bebê, já quase no sétimo mês de gravidez, o que entristecera demasiadamente o poeta. Também não teria contribuído com esse aborto essa situação totalmente instável do casal? Lembremos que Esther era de família de posses, filha de médico. Mas não há notícias de visitas nem de manifestações de seus familiares, a não ser pouco tempo antes de Augusto e a família se mudarem para Leopoldina. Quem dá a notícia é Magalhães Jr., dizendo que as irmãs de Esther, Irene Fialho e Olga Fialho Pacheco, esposa de Rômulo Pacheco, chegaram ao Rio pouco antes de 17 de julho de 1914. Com certeza, a esposa de Augusto, professora formada, também escrevia cartas... Onde foram parar? Haveria possibilidade de encontrar alguma? Todas essas indagações foram se avolumando, à medida que a pesquisa ia progredindo, e até hoje permanecem sem respostas.

Na carta de 16 de julho de 1911, à mãe, a crítica ao individualismo possessivo – uma constante em Augusto – está explícita. Não queria que o irmão Aprígio fosse embora do Rio naquele momento, mas entendia que ele deveria lutar pela vida, pois viviam em um “século de danação social, em que o Dinheiro conseguira a “tiara de pontífice ubíquo”, ou seja, de “papa onipresente”, reinando irrestritamente sobre tudo. Sendo assim, era louvável o procedimento do irmão, saindo “dessa Paraíba madrastra, enxotadora monstruosa de seus filhos, em busca de outra atmosfera mais propícia ao florescer libérrimo de suas ricas aptidões de moço.”²⁰⁰

Ele considera também a hipótese do irmão não gostar de Cuiabá, então deveria retornar ao Rio, onde os dois poderiam se juntar e empregar as excepcionais capacidades, em arte venatória, nesta caça desesperada à “broa magérrima de cada dia”. Augusto continuava no Ginásio, porém buscando outros empreguinhos, como ele mesmo diz, pois

havia nele uma tara negativa e irremediável para o desempenho de umas tantas funções específicas da ladinagem humana. Era incapaz de cometer atos desonestos, este é o sentido do texto.

Em 18 de dezembro de 1911, em outra carta à mãe, afirma que mereciam citação excepcional os discursos do Rui Barbosa, no Senado, sobre o fuzilamento dos marinheiros.²⁰³ E nessa correspondência, outra crítica ao individualismo possessivo que se alastrava na sociedade: “O resto é banalidade irrisória dessa vida de aparência, imanente aos hábitos da população carioca.”

Em 27 de novembro, o poeta conta à mãe sobre a crise de saúde da filha Glorinha, nascida no dia 23, nove meses após o aborto que sofrera Esther. Nessa carta de 27, ele fala à mãe da “afilhadinha”, porém nada menciona a respeito do nascimento desta, nem em carta anterior, das que estão publicadas no livro de Alexei Bueno. Isto prova que, certamente, haveria uma outra carta, entre os dias 5 e 27 de novembro, comunicando o nascimento e o fato da escolha de Sinhá-Mocinha para madrinha. Nem assim a mãe foi ao Rio visitá-los. E esta é a única carta em que, no lugar de Sinhá-Mocinha, ele escreve “Minha prezada mãe”. Conta a ela sobre a poesia que Generino fizera para Glorinha, e que estavam hospedados na casa de Cunha Lima. Manifesta, igualmente, satisfação pela mudança política na Paraíba, com a vitória de Castro Pinto, que ele considerava em condições de ser o futuro presidente. E acrescenta: “Tudo isso quer dizer que a oligarquia imperante está moralmente ferida em as suas vísceras essenciais.”

Fala, em carta de 27 de dezembro, sobre a situação de estado de sítio no Rio de Janeiro: “Esta cidade, após a segunda revolta, generalizadora de prejuízos superiores aos da primeira, caiu no ramerrão inalterável de sua vida quotidiana (*sic*).”

Diz à mãe que não podia imaginar o horror, o pânico indescritível de que todos haviam sido tomados, perante um bombardeio de quase 11 horas, sem que nos azasse um só instante a menor possibilidade de buscar lugares mais seguros, que os em que estávamos, à mercê exclusiva do acaso. Decretado, então, o estado de sítio, os indivíduos estariam com falta absoluta de garantias constitucionais.²⁰⁵

Em 10 de julho de 1912, Augusto escreve à mãe, contando, entre outras coisas, uma que nos interessa particularmente: “Nesta cidade o monstro da politicagem se alastra

por toda a parte, com todas as características de uma cancerosidade incurável”¹⁶². Comenta a chegada, na véspera, de Rui Barbosa, fato que produzira “certa agitação no ânimo popular.”

Depois, em 20 de agosto, comenta com Sinhá-Mocinha: “O Hermes da Fonseca, espécie de mamulengo canonizado, vai caindo cada vez mais no desamor acérrimo da população.” Lembramos que “mamulengo” é “fantoche”¹⁶³.

Augusto escreve outras cartas à mãe, em que comenta a respeito de Hermes da Fonseca ou de Rui Barbosa. Em 12 de outubro de 1912, a respeito do eclipse de 10 de outubro, que não pôde ser visto devido às chuvas torrenciais que caíam no Rio de Janeiro, comenta que Hermes da Fonseca, “indignado com o fracasso”, havia perguntado aos astrônomos “se não seria melhor adiar o eclipse para outra ocasião menos chuvosa e mais favorável aos altos interesses da cosmografia mundial...”

Em 15 de janeiro de 1913: “Nesta cidade, afora os incidentes, por assim dizer, cinematográficos da politicagem ignóbil, tudo se mantém na eterna calma consuetudinária.”²⁰⁸ Em 20 de junho de 1913, fala que a cidade, devido à candidatura presidencial, estava mais agitada, até mesmo prometendo “sérios distúrbios ulteriores.” Refere-se a Rui Barbosa como o “candidato do povo”, que fazia manifestações quase diariamente à sua “eminente personalidade.”

Por esse motivo, acreditava que a “convulsão nacional” estava próxima. “A nossa raça sofre o cansaço dos organismos por muito tempo flagelados.” (E aqui retoma a idéia já demonstrada no discurso do Teatro Santa Rosa, em 1909, acrescentando: “Somente uma reação sumamente tenaz poderá restituir-lhe a integridade somática.”

Em 17 de julho de 1913, reporta notícias sobre a candidatura à Presidência da República, que ainda estava sendo objeto de “diuturnas discussões” na capital. Mas já lhe parecia acordada entre a candidatura do Dr. Venceslau Brás, ficando, assim, o “eminente Sr. Rui Barbosa” reduzido à “categoria de candidato teórico da desprotegida massa popular.” Por ali ecoava – diz na carta - que a administração de Castro Pinto na Paraíba ia um tanto “embaraçada” pela precariedade do estado financeiro, insuficiente para

¹⁶² Ibidem, p. 739.

¹⁶³ Ibidem, p. 741.

“comportar a objetivação de seu programa político transcendental. Mas questiona: “Será exato?”¹⁶⁴ Em 27 de agosto de 1913:

Nesta cidade a crise política invade todos os espíritos, dominando-os por completo. O D. Luís de Bragança já apresentou o seu manifesto, pedindo a restauração do antigo regime como o único salvação possível para os nossos créditos periclitantes, e substancialmente abalados.¹⁶⁵

Em 18 de setembro de 1913:

Algumas novidades, nesta terra, merecem registro epistolar minucioso. Contento-me, entretanto, com abreviar-lhas enunciando-as apenas, sem a abundância de detalhes pormenorizadores. Ei-las: o casamento próximo do marechal Hermes com a Mlle. Nair Teffé; as finanças brasileiras esgotadas; a situação política ainda nebulosa, etc., etc.¹⁶⁶

O casamento de Hermes foi o acontecimento do ano. Ele, aos 58 anos, casa-se com Nair de Teffé, de 27. Mulher de vanguarda, caricaturista e amante das artes, chama a atenção no Palácio do Catete, trazendo para reuniões artistas como Chiquinha Gonzaga, no famoso e escandaloso episódio do "Corta Jaca no Catete" (este episódio é extremamente controverso, pois muitos pesquisadores afirmam que Chiquinha não compareceu) e Catulo da Paixão Cearense. Ela não tomou conhecimento da opinião pública, que na época considerava o violão como um instrumento vulgar. (o "corta jaca". era um estilo musical "pré-maxixe", dança considerada obscena e sensual). Procedeu também a mudanças consideráveis na decoração do Palácio.

LEOPOLDINA – O LEITO DERRADEIRO

A biografia de Augusto dos Anjos apresenta muitos pontos em comum com a de Euclides da Cunha, o que parece ser um retrato do intelectual da época que resistia ao sistema. Quem nos dá maiores informações a respeito de Augusto em Leopoldina é

¹⁶⁴ Ibidem, p. 757.

¹⁶⁵ Ibidem, p. 760.

¹⁶⁶ Ibidem, p. 761.

Magalhães Jr., fazendo observações importantes em suas correspondências, como, por exemplo, na carta que escreve à irmã, em 17 de julho de 1911, em que comenta a morte de Raimundo Correa, parnasiano que, segundo Magalhães, era um dos poetas da preferência de Augusto. Este detalhe pode, de repente, explicar o veio parnasiano na poesia desse paraibano.

Em 18 de fevereiro de 1911, ele escreve à mãe e se confessa “um bacharel depenado, antigo professor de província, e possuidor de outros títulos congêneres de desmoralização.”¹⁶⁷ Em 29 de maio do mesmo ano, diz haver passado um período “bastante incomodado do estômago e dos nervos.”¹⁶⁸

Em 16 de julho, comenta viverem num século “de danação social, em que o *Dinheiro* logrou a tiara de pontífice ubíquo, para reinar discricionariamente sobre todas as coisas”¹⁶⁹, e aprovava o procedimento do irmão Aprígio, saindo daquela “Paraíba madrastra, enxotadora monstruosa de seus filhos, em busca de outra atmosfera mais propícia ao florescer libérrimo de suas ricas aptidões de moço.”¹⁷⁰

Em 21 de outubro de 1911, diz que o Rio é a “terra dos agitados, e das grandes nevroses da civilização.”¹⁷¹ Uma nota a respeito da religiosidade de Augusto está na correspondência de 27 de dezembro de 1911, quando pergunta à mãe: “Assistiu aí Missa de Natal?” – e usa maiúsculas, sinal da importância que dava ao evento.

Na carta de 2 de abril de 1912, conta que fizera parte da banca examinadora do Ministério da Agricultura, em um concurso de admissão a uma escola agrícola. Afirma haver documentos a respeito desse trabalho que ele já terminara, apenas esperava o pagamento pelo serviço.

Por mais de uma vez ele comenta o “escândalo” que o seu livro provocou naquela terra, como nas cartas à mãe, datadas de 13 de junho e de 27 de junho de 1912.

¹⁶⁷ Ibidem, p. 710.

¹⁶⁸ Ibidem, p. 721.

¹⁶⁹ Ibidem, p. 723.

¹⁷⁰ Ibidem.

¹⁷¹ Ibidem, p. 729.

A situação financeira do poeta agravava-se, sem esperanças, tanto que, em 16 de junho de 1912, ele fala deste mundo cheio de “possibilidades adversas”, que ameaçam “o desamparado ser humano.”

A depressão parece tê-lo abatido no final de 1912. Como Euclides, que passou um réveillon escrevendo ao amigo Escobar, Augusto está, no dia primeiro de janeiro de 1913, escrevendo para a mãe, em cuja companhia estavam Esther e Glorinha. Augusto passava, portando, o final de ano sozinho no Rio de Janeiro, e escreve nessa carta:

O que eu encontro agora dentro de mim, é uma coisa sem fundo, uma espécie aberratória de buraco na alma e uma noite muito grande e muito horrível em que ando, a todo o instante, a topar comigo mesmo, espantado dos ângulos de meu corpo e da pertinácia perseguidora de minha sombra.¹⁷²

Em 8 de maio de 1913, conta à mãe que Glorinha – filha do poeta – estava impossível, pois era ela quem o ajudava a se vestir, a limpar as cadeiras e a “*vender bananinhas*”¹⁷³ Que alusão é esta? Quem vendia “bananinhas”? O poeta teria recorrido a isso também? Não há qualquer nota a respeito, em nenhuma biografia.

Em 20 de junho de 1913, fala mais uma vez de Rui Barbosa, que era novamente o “candidato do povo”, e Augusto acreditava em uma “convulsão nacional” próxima, com a qual concordava, pois, para ele, “somente uma reação sumamente tenaz” poderia restituir ao país a “integridade somática”.¹⁷⁴ Mas depois, em 17 de julho, lamenta haver ficado Rui “reduzido à categoria de candidato teórico da desprotegida massa popular.”¹⁷⁵

Em 14 de novembro de 1913, Augusto considera a “crise político-financeira” apenas “uma das etapas de progresso visível de nosso País.”¹⁷⁶ Em 8 de janeiro de 1914, volta a falar nos “boatos da próxima revolução”, concluindo: “É possível.”¹⁷⁷

¹⁷² Ibidem, p. 748.

¹⁷³ Ibidem, p. 753.

¹⁷⁴ Ibidem, p. 756.

¹⁷⁵ Ibidem, p. 757.

¹⁷⁶ Ibidem, p. 765.

¹⁷⁷ Ibidem, p. 767.

A 28 de janeiro de 1914, conclui que naquela cidade “a política e o carnaval, num sentido degradante, ocupam a atenção do público, insuficientemente culto para a verdadeira compreensão dos fins humanos.”¹⁷⁸ Há pensamento mais atual do que esse?

Afirma, ainda nessa carta, que todo o desejo do espírito brasileiro daquela época eram os instintos e o interesse próprio.¹⁷⁹ Ainda atual, esse comentário...

Em 15 de junho de 1914, conta à mãe a nomeação que ele conseguira para a direção do Grupo Escolar de Leopoldina, em Minas Gerais, através do Deputado mineiro Dr. Ribeiro Junqueira, e mostra, num chiste repentino, o seu ímpeto de modernista: “espero leopoldinizar-me”.¹⁸⁰

O lamento das coisas, poema datado do “Rio, 1914”, foi publicado na **Gazeta de Leopoldina**, em 26 de abril desse ano, enviado ao jornal provavelmente por Rômulo Pacheco, conforme Magalhães. Com o poema, saiu também esta nota:

O conhecido poeta Dr. Augusto dos Anjos, residente no Rio de Janeiro, onde com muita competência exerce o magistério particular e colabora em revistas e jornais de importância, ilustra hoje nossas colunas com uma de suas produções inéditas. Augusto dos Anjos tem um estilo todo seu e como tal refletindo a pujança e do seu espírito forte, varonil. Ultimamente o ilustre poeta lançou à luz da publicidade no meio carioca o seu primeiro livro de versos, a que deu o título de **Eu**. A crítica acolheu esse livro fidalgamente, sobre o mesmo se manifestando consagrados cultores da poesia.¹⁸¹

O Dr. Júlio Bueno Brandão, governador de Minas Gerais naquela época, assina, a 1º de julho de 1914, a nomeação de Augusto dos Anjos para diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira, em Leopoldina, com prazo de trinta dias para assumir esse cargo.

Em 15 de junho ele já avisara a mãe dessa possibilidade, comentando que iria descansar um pouco da “afanosíssima existência” que havia “arrastado” até aquela data, com uma “heroicidade muito acima das energias humanas comuns.” E esta observação nos revela, sem sombra de dúvidas, o motivo da tristeza – que talvez fosse depressão – que arrasava o poeta. Qualquer pessoa na mesma situação teria essa reação de desânimo total.

¹⁷⁸ Ibidem, p. 768.

¹⁷⁹ Ibidem, p. 768.

¹⁸⁰ Ibidem, p. 1914.

¹⁸¹ MAGALHÃES JR., R. Op. Cit., p. 285.

Sua nomeação e sua partida foram noticiadas por vários jornais, conforme Magalhães e ele partiu, com a família, em 22 de julho de 1914 para a cidade mineira em que iria dirigir o Grupo Escolar. Em 23 de julho, a Gazeta de Leopoldina homenageava Augusto, transcrevendo o soneto **O morcego**, estampado no centro da primeira página do jornal.

No mesmo dia 23, acompanhado de Rômulo Pacheco, o poeta foi à escola para se integrar das providências a tomar de imediato. Foi recebido, então, por D. Maria Brígida de Medeiros Castanheira, diretora interina do colégio. Augusto logo solicitou ao Estado a construção de novo prédio, devido às más condições em que aquele se encontrava.

Outra medida logo tomada pelo novo diretor foi a organização da Caixa Econômica Escolar. Esta era ainda uma prática discutível na época; idéia da pedagogia Froebel, da qual Augusto parece ter sido um defensor. Rui Barbosa, no volume X, tomo III de suas **Obras Completas**, apresenta, em sua **Reforma do Ensino Primário**, essas idéias de Froebel, inclusive a da Caixa Econômica Escolar, porém a esta ele não aprova, duvidando que essa Caixa despertaria na criança o sentimento da economia.

Mas Augusto, com a renda conseguida, podia doar uniformes e materiais às crianças necessitadas, a quem dispensava um carinho todo especial, conforme depoimentos de leopoldinenses. A impressão que o diretor deixou em todos que o conheceram foi de muita docilidade, sabedoria e humildade, ficando mesmo para a memória da cidade alguns casos de indisciplina que ele solucionou simplesmente com atenção e diálogo amorosos com as crianças. À sua auxiliar de disciplina, Dona Brígida, Augusto uma vez respondeu: “Dona Brígida, se fora preciso mais do que palavras para manter minha autoridade, pediria demissão.”¹⁸²

No dia 9 de setembro de 1914, Esther sofre mais um aborto, conforme conta o poeta à mãe, em correspondência do dia 10. Os poemas augustianos não foram compreendidos pelos intelectuais da cidade mineira, que lhe faziam chacotas por isso, rindo-se dos seus versos.

Em nossa pesquisa efetuada em 2005, em Leopoldina, encontramos um acervo da **Gazeta de Leopoldina** dos anos de 1914, 1915 e 1916, porém com os exemplares já

¹⁸² Ibidem, p. 289.

bastante deteriorados. Na cidade de Cataguases localizamos um acervo completo no museu da Companhia de Força e Luz e neles encontramos algumas diferenças em relação às datas de publicação dos poemas de Augusto com aquelas constantes da obra de Alexei Bueno.

Relacionamos a seguir esses poemas publicados na **Gazeta de Leopoldina**, com as datas que se confrontam:

- **O lamento das coisas** – de 26 (e não 20) de abril de 1914;
- **A floresta** - de 29 de junho (e não de abril) de 1914;
- **As montanhas** – de 19 de julho (e não de maio) de 1914;
- **À caridade** – de 18 (e não 14) de agosto de 1914, em artigo de Castro e Silva;
- **O morcego** – de 21 de junho de 1914 (e não 29 de setembro de 1914);

Encontramos, ainda, na **Gazeta de Leopoldina**, o seguinte:

- **O meu nirvana**, juntamente com **Vox victmae**, de 14 de novembro de 1914;
- **A guerra** – de 17 de setembro de 1914;
- **O último número** – de 13 de novembro de 1914;
- **Psicologia de um vencido** – de 17 de novembro de 1914;
- **Contrastes** – de 17 de novembro de 1915;
- **Anúncio das aulas particulares de AA**, publicados nas datas abaixo, todos na **Gazeta de Leopoldina**:
 - De 11 a 18; de 21 a 25 e de 28 a 31 de julho de 1914;
 - Dias 1 e 2; 4 a 9; 11 a 15; 19 a 23; 26; 29 a 31 de agosto de 1914;
 - De 2 a 5; 10 a 13; 15 a 20; 22; 24 a 27, 29 e 30 de setembro de 1914;
 - De 1 a 3; 6 a 11; 15 a 17; 20 a 26; 28 a 30 de outubro de 1914.
- Não encontramos anúncios das aulas particulares de Esther Fialho nem da venda do encalhe do **Eu**.
- Localizamos, também, **Meu desalentado amigo**, mas em **O Estado**, de 8 de janeiro de 1912.

Na casa em que estavam os pertences de Augusto, em que funcionava o **Museu Espaço dos Anjos**, sob a responsabilidade de Luiz Raphael Domingues Rosa, havia os manuscritos dos poemas: **À mesa, Revelação I, As montanhas, A nau, Volúpia imortal e Guerra**, todos eles em estado precário, necessitando de urgente restauro. Na segunda vez em que lá estivemos, encontramos o Sr. Raphael fazendo um inventário, com uma advogada, de todos os objetos de Augusto lá conservados, garantindo a propriedade deles. Como já dissemos, logo após essa pesquisa o Sr. Raphael veio a falecer.

Além desses manuscritos, havia um álbum carinhosamente feito por Esther, datado de 16 de setembro de 1916, com toda a fortuna crítica e as publicações de Augusto, inclusive as **Cartas de Pau d'Arco** e a transcrição feita por ela da carta que o poeta lhe enviara naquele 1º de janeiro, quando ela passara as festas com Sinhá-Mocinha e Glorinha. O carinho com que foram colados os recortes e feitas as anotações, em um pobre caderno de contabilidade, é impossível conter a emoção diante daquele trabalho que consideramos de grande valor.

No **Espaço dos Anjos** também se encontrava um manuscrito da apreciação crítica de Drummond, a respeito do **Eu**, os termos de abertura do Livro de Registros Escolares de quando Augusto assumiu a direção do Grupo Escolar em Leopoldina, datado de 1º de julho de 1914, com a assinatura de Augusto, embaixo escrito: “- O Diretor –”.

No manuscrito do poema **A floresta**¹⁸³, encontramos as seguintes diferenças com a transcrição de Alexei Bueno:

Em Alexei Bueno:

Em vão com o mundo das florestas privas!...
- Todas as hermenêuticas sondagens,
Vivem só nele, os elementos broncos,

Manuscritos:

Em vão com o mundo das florestas privas!
Todas as hermenêuticas sondagens,
Vivem só nele os elementos broncos

Em As Montanhas¹⁸⁴:

¹⁸³ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 318.

¹⁸⁴ Ibidem, p. 352.

Em Alexei Bueno:

Levanta-te, alma, e dize-me, afinal,

Agora, oh! Deslumbrada alma, perscruta

Toda a sublevação da crusta hirsuta!

Não vibra em gérmen no agregado triste
[...] da crosta hirsuta! (**Gazeta de Leopoldina**)

Manuscritos:

Levanta-te, alma, e dize-me, afinal

Agora, oh! Deslumbrada alma,
perscruta

Toda a sublevação da crostra hirsuta!

(original)

Não vibra em gérmen na
agregada triste (original)

Em 29 de setembro de 1914, Augusto escreve à mãe, dando vazão aos seus sentimentos, dizendo que iam passando “regularmente” depois do aborto sofrido por Esther e fala que não sabia quando poderia voltar à terra natal, para se “rever” naquela “antiga atmosfera de afetos”, que fora a responsável pela “formação integral” da personalidade do poeta.

Naquela época, dizia ele, encontrava-se “prisoneiro da luta pela vida”, o que o levava a sufocar, logo na “estreiteza prodrômica do nascedouro”, todos os seus “desejos mais intensos”. Por esse motivo, aparentava, então, ser uma pessoa de pouca afetividade, sentimento este que ele considerava “o fundamento precípua de toda existência humana.” Entendemos que o poeta, pela intensidade de sua sensibilidade, sofria imensamente com a situação e necessitava de alguém que lhe desse apoio e carinho, de personalidade forte como a da mãe, principalmente porque a esposa, também companheira na luta pela sobrevivência, vivia assoberbada entre as tarefas de casa, de mãe e daquelas em que o auxiliava a economizar para educar os filhos.

Enquanto era impossível o retorno à casa materna, ele acumulava as “mais ardentes saudades”, das quais se nutria, “como um pássaro necrófago, na sua solidão.”¹⁸⁵ É evidente ao leitor o estado depressivo do poeta.

Mas ele não se queixava da fase difícil por que passara no Rio de Janeiro, pois, em sua sabedoria, afirma ter sido ela responsável pela integração da sua “individualidade moral e até mesmo intelectual”, como todo sofrimento, fora, para ele, um meio de evolução

¹⁸⁵ Ibidem, p. 772.

interior. E completa: “tudo quanto sucede é unicamente para o bem”, em total aceitação budista da vida.

A última carta à mãe é datada de 20 de outubro de 1914; à irmã, escreve em 26 de outubro. A Raul Machado, envia uma carta em 14 de outubro, queixando-se da “monotonia absoluta” que havia em Leopoldina, por isso planejava passar uns dias no Rio no mês de dezembro.

No entanto, o destino lhe colocara no caminho um imprevisto... Augusto acompanhou, em 30 de outubro, com os alunos e professores da escola que dirigia, o sepultamento de um dos patriarcas de Leopoldina, João Lourenço Ferreira de Lacerda, falecido aos 87 anos. Envia-lhes a natureza uma forte chuva; com a saúde precária que apresentava, o poeta fica gripado, mas não abandona as aulas da tarde e da noite, já quase afônico, conforme depoimento da esposa, com um pano enrolado ao pescoço.

Veio a febre, chamaram o Dr. Custódio Junqueira, que pediu o auxílio dos colegas Francisco Botelho, Costa Velho e Nunes Pereira. Mesmo assim, não puderam conter a pneumonia que se instalara.

A **Gazeta de Leopoldina** noticiava a doença do diretor da escola nos dias 8 e 11 de novembro, recebendo visitas dos alunos e dos professores do Grupo Escolar onde trabalhava. Na nota do dia 11, aparece que estavam constantemente à cabeceira do leito de Augusto o “Dr. Custódio Junqueira, o Dr. Rômulo Pacheco, Domingos Ribeiro, farmacêutico, o capitão João de Moura, o coronel Leite Guimarães, Euclides de Freitas e muitas outras pessoas.”¹⁸⁶

Na madrugada de 12 de novembro de 1914, ardendo em febre, o poeta olhou seu rosto no espelho e exclamou: “Esta centelha não se apagará!” Consta como horário de falecimento 4 horas da manhã. A **Gazeta de Leopoldina** publicou, então, no dia seguinte, extensa biografia do poeta e dois sonetos inéditos: **O meu Nirvana** e **O último número**.¹⁸⁷

Esther escreve à Sinhá-Mocinha em 27 de novembro, comunicando a morte de Augusto, uma carta pungente, em que conta a tristeza de, justamente naqueles dias em que haviam encontrado algum sossego, “gozando da companhia alegre” de seus “estremecidos

¹⁸⁶ MAGALHÃES JR, R. Op. Cit., p. 297. Confirmamos a afirmação de Magalhães, é idêntica à do jornal.

¹⁸⁷ Ibidem, p. 297.

filhinhos”, o poeta é levado por uma congestão pulmonar que degenerou em pneumonia. Lamenta que os filhos ainda não tivessem maturidade para entender o “precioso tesouro de virtudes que perderam.”¹⁸⁸

Enquanto Rômulo Pacheco foi redator da **Gazeta de Leopoldina**, foi publicando todos os artigos e notas que saíam na grande imprensa a respeito do poeta falecido. Em pesquisas nesse jornal, encontramos as seguintes mensagens enviadas por outros jornais ou autoridades de outras cidades:

- Em 22 de novembro de 1914, do **Correio da manhã**;
- Em 24 de novembro de 1914, da revista **Fon-fon!**;
- Em 26 de novembro de 1914, de **O Alegrense**;
- Em 27 de novembro de 1914, do **Alto Muriahé**;
- Em 28 de novembro de 1914, da **Gazeta de Notícias**;
- Em 1 de dezembro de 1914, de **O Verbo**;
- Em 2 dezembro de 1914, de **O correio de Minas**;
- Em 16 de dezembro de 1914, do **Jornal do Commercio**;
- Em 19 de dezembro de 1914, de **O Mucury**;
- Em 24 de dezembro de 1914, de Além-Paraíba.

O jornal leopoldinense continuou a publicar, até fevereiro de 1915, várias notas e comentários a respeito da morte do poeta, que conseguiu mais destaque na imprensa do que o lançamento do **Eu**.

O convite para a missa de 7º dia foi publicado em 20 de novembro de 1914, na **Gazeta de Leopoldina**, e no dia 21 saiu a notícia da missa celebrada pelo monsenhor Júlio Fiorintini, em que compareceram os amigos, os professores e funcionários da escola e os alunos, todos em muita comoção pela perda inesperada.

Conforme Magalhães, um silêncio inexplicável cercaria a obra do poeta após 1915, ressurgindo, como todo grande escritor, em 1920, com a publicação organizada e prefaciada por Órris Soares.

¹⁸⁸ Ibidem.

2. A “CARNIÇA” NO MEIO DO BAILE – A RECEPÇÃO DO “EU”

Enquanto a sociedade carioca se agitava como em um *frisson galvanique*, alardeando o progresso, movimentando a Avenida Central, o Jockey Clube e os salões da Belle Époque; ao mesmo tempo em que as madames tupiniquins desfilavam exibindo os mais extravagantes chapéus e seus “modelitos” importados da Europa, a periferia sofria com a falta de emprego, de saneamento básico, de cultura e sentia na pele o peso da discriminação racial, época em que ser mestiço era ser “degenerado”.

“Há periferias roxas em torno de nossos olhos,” disse Augusto em algum lugar de sua obra que de momento não me recordo... Havia, sim, como ainda existem, cancos em torno de nossa rica e reluzente sociedade que vivia – e ainda vive – entre festas e viagens, esbanjando riquezas que só uma minoria possui, devido à grande injustiça social deste país!

E, totalmente indiferente a essa aparência de “alta classe” que era preciso manter a todo custo, se quiséssemos parecer um país desenvolvido, surge, no Rio de Janeiro, no ano de 1912, a poesia desconcertante do **Eu**, assim como um mendigo esfarrapado entrando, sem convite, no meio de uma festa de gala...

Foi um choque no meio social, mais ainda no meio literário, onde se cultivava a “literatura sorriso da sociedade”, em um clima de esplendor urbano e superficialidade cultural, pois o poeta paraibano voltou as costas para o que era “nobre” na tradição poética daquele período e evidenciou toda uma estética da decomposição, que se pontuava pela exploração das características escatológicas da morte e, fazendo como alguns já haviam tentado antes, misturou ciência e arte em uma relação simbiótica, da qual resultou a sua linguagem áspera e corrosiva.

Naquela sociedade carioca tão artificial, um livro como o de Augusto viera, sem dúvida nenhuma, para provocar. Era o desafio de um jovem que conhecera a decadência na própria história de vida, pois de uma infância rica e junto à natureza, que passara no Engenho Pau d’Arco, na Paraíba, cercado dos familiares e amparado pela segurança paterna, fora, aos poucos, assistindo à ruína de seus nobres ideais da

adolescência e ao esfacelamento dos sonhos mais caros, na aridez da incompreensão de uma sociedade que se firmava, cada vez mais, em um individualismo possessivo.

E são os abusos desse sistema republicano, já nascido canceroso e aguçador do desejo de posse individual, que o poeta denuncia em sua obra, o que tentaremos demonstrar neste trabalho.

Como também desejamos ter o cuidado de não correr o risco da superinterpretação, procuraremos nortear o processo de leitura pela teoria de Umberto Eco, sobre os limites da interpretação, como já explicitamos no capítulo I.

Concordamos com Ferreira Gullar: a obra de Augusto apresenta quatro fases, que dividiríamos da seguinte maneira: a primeira, dos textos produzidos até a morte do pai; a segunda, até 1908; a terceira, entre 1908 e julho de 1910 e a quarta após 1910. Desta última é que tomamos o nosso “corpus” para análise, ou seja, os poemas que compõem o **Eu**.

Primeiramente, na dissertação de mestrado, as evidências nos levavam a crer que o discurso por trás desses poemas era apenas o da denúncia das arbitrariedades ocorreram no governo Hermes, como consequência da Revolta da Marinha, ou da Chibata, como é mais conhecida, tendo como figura central João Cândido, o “Almirante Negro”.

Após novos estudos, leituras e releituras várias, concluímos que o poeta, primeiramente, versejou sobre vivências da Paraíba (ver **Poemas Esquecidos**), depois, refazendo muitos desses seus primeiros poemas, universalizou-os, permitindo-lhes uma leitura que inclui neles as torturas durante e após a Revolta da Chibata. No conjunto, Augusto denuncia, então, a opressão contra o povo brasileiro, desde a colonização até a República, com seu processo civilizatório opressor e unilateral.

Sabemos que, a princípio, a idéia parece estranha. O que haveria de comum entre esse desfile de vermes, chagas, lázaros, prostitutas, esterco, putrefação e morte e os fatos citados? É preciso lembrar, como afirma Pascale, que tanto a linguagem quanto a literatura também possuem uma função política e ideológica. Muitas vezes o escritor necessita de buscar formas de dizer que lhe sejam permitidas, mesmo sabendo que muito poucos poderão compreendê-lo. Acreditamos que foi esse o motivo por que Euclides

também procedeu de maneira semelhante, com atitude que espelhava a visão científica da época.

A linguagem científica atribuía certa autoridade ao texto, além disso o autor não era totalmente o sujeito do discurso, ou seja, a ciência se posicionava, nesses textos, como espécie de co-autora da obra, o que a tornava grandiosa e indiscutível.

Afirma San Tiago Dantas que, em uma sociedade cuja economia estivesse em depressão, sem iniciativas privadas projetadas, sem “tarefas administrativas”, devido ao aperto orçamentário, as letras eram o ponto mais importante, no qual se concentrava o trabalho da elite, assim como a “atenção das classes intermediárias.”

Naquela sociedade em que a literatura era a única forma superior de viver, um ataque como o que Rui desferiu ao Projeto do Código Civil era própria a aniquilar todo o esforço aprobatório que se comunicara à máquina parlamentar.

Mas lembremos aqui o fato de que o Parnasianismo era a expressão literária da burguesia da época, a busca do Belo para retratar a sociedade que se pretendia sofisticada, embora já tivesse sido a linguagem de alguns libertários. Augusto necessitava de uma linguagem forte, que chocasse a sociedade para despertá-la da vida e dos valores fúteis que perpetuava e, além disso, as imagens das ruínas, da carniça e da putrefação abrem a possibilidade de um renascimento para uma nova vida, o momento da metamorfose, que ele e outros intelectuais desejavam instigar.

Rui Barbosa, em suas conferências acaloradas, também utilizava essa linguagem que alardeava a podridão escondida no seio daquele progresso que se fazia à custa de vidas anônimas. Basta ler alguns de seus trechos, como este, **Entre micróbios e fagócitos**, um dos que compõem o volume **Campanhas presidenciais**: “O Brasil atravessa, neste momento, uma crise característica de febricitação. Está posta a questão entre as duas alternativas, entre os micróbios e os fagócitos. De que lado se acabará por declarar a vitória?”¹⁸⁹ Ou ainda: “Desses mesmos antros morais, da caverna dessas consciências de

¹⁸⁹ ALMEIDA, José Américo de. **A Paraíba e seus problemas**. 4ª Ed.. Brasília: Senado Federal, 1994, p. 188.

visco e peçonha, saiu, também, a minha inimizade aos operários.” (**Mentira número 3 – Operários**)¹⁹⁰

Muito semelhante à linguagem de Rui – e só através dessa intertextualidade é que chegamos ao episódio da Revolta da Chibata, cujos detalhes fomos conhecer através desses textos, é a poesia de Augusto dos Anjos, particularmente a produzida nessa fase que abordaremos aqui.

Enfim, enquanto a burguesia pregava como fundamentais valores como beleza, saúde, limpeza, roupas luxuosas e grandes festas, a via alegórica das ruínas e da putrefação veio, com Augusto, cantar de preferência o horrível, através do olhar de um necrologista que dissecava essa sociedade burguesa, o que já demonstra em 1906, em crônica de **O commercio**, dizendo haver observado, por alguns dias, “detidamente”, com seus “óculos de necrologista, as peças esburacadas e desmanteladas do seu microcosmo social.” E, nessa minuciosa observação, o “aspecto de engrenagem decomposta”, revelando, despudoradamente, ao ar livre, “o escândalo de suas partes apodrecidas”, feriu-lhe a “retina de nevrótico.”¹⁹¹

A necrópsia era a única forma de comprovar, cientificamente, a “causa mortis” daquele sistema de governo. Augusto sente o irresistível impulso de provar que conhecia as raízes desse mal deteriorador da República toda. E o faz em linguagem científica, a nosso ver, não apenas por estar na moda ou chocar o leitor burguês e os críticos consagrados, mas também por ser o Dr. João Lopes Machado um médico e, como tal, quando no governo, modernizou e “higienizou” a capital da Paraíba. Augusto, que vivia agora exilado da terra-mãe, respondia ao governador no jargão que todo homem de ciência deveria dominar, porém era necessário ainda saber ler as alegorias, então o poeta acaba mostrando, com seu lado irônico, que Lopes Machado não o entenderia nem mesmo se falasse na linguagem mais familiar para ele.

É a tendência irresistível do poeta em necropsiar aquele cenário urbano, todo ele feito de mentiras e aparências, contrastando fortemente com a idéia de “metrópole”

¹⁹⁰ Ibidem, p. 205.

¹⁹¹ Ibidem, p. 631.

disseminada na época, com a idéia de “ordem” e de “progresso” que a República prometera trazer.

Era uma sociedade travestida, com uma identidade postiça que lhe caía ridiculamente, porém dava a muitos a ilusão de proximidade do modelo europeu de modernidade. Mas como uma sociedade assim receberia um livro como o **Eu**, que lhe tirava à força todas as máscaras?

AUGUSTO E A CRÍTICA

A crítica enfoca variados aspectos da obra de Augusto dos Anjos, porém, na sua maioria, partindo sempre das palavras deixadas por Órris Soares, que se arvorou em “melhor amigo” de Augusto dos Anjos, o que não nos parece tão verdadeiro, como mostramos neste trabalho.

Em nossa opinião, a imagem construída por Órris deu início a um processo de “efeito-ilusão” a respeito de Augusto dos Anjos, pois as palavras desse crítico criaram uma espécie de discurso-fundador que se perpetuaria, uma vez que, revestido da possível amizade com o poeta, seu discurso ganhava autoridade suficiente para garantir credibilidade. Por este motivo, queremos dar destaque às palavras desse que cristalizou a imagem do “poeta da morte”, que tanto influenciou a crítica posterior.

O primeiro texto de Órris, prefaciando a publicação do **Eu** de 1920, traz a data: “Praia Formosa, Parahyba, dezembro de 1919.”¹⁹² E nosso primeiro estranhamento surge com a introdução dessa crítica de Órris. Passemos a ela.

¹⁹² Ib., p. 260. A hemoptise era causada pela invenção maquiavélica do colete de couro que era umedecido antes de ser colocado na vítima e depois, ao secar, ia se contraindo tanto que provocava golfadas de sangue em quem o usasse.

ÓRRIS SOARES E A CONSTRUÇÃO DO “POETA DA MORTE”

A montanha escabrosa ergue-se diante de mim. Vacilo galgá-la.” Por que a obra de Augusto seria a “montanha escabrosa”? Ou seria ao próprio Augusto essa referência? “O medo das alturas tira-me a força do ânimo...” Esta linguagem é muito mais dramática do que a de um crítico que procede a uma análise imparcial. Certo que era comum no meio intelectual da época, mas é imprescindível analisar esse discurso de Órris para perceber nele o que há de implícito, portanto de visão subjetiva, não de crítica imparcial. “Mas a áspera colina luminosa tem que ser transposta – a diferença de “escabrosa” para “luminosa” é enorme.

E havia um motivo muito além de um desejo de homenagear o amigo:

[...] Neste dezembro, me ordenam dois amigos entrados na minha estima – que eram Celso Mariz e Álvaro de Carvalho – e, voz em grita, manda obedecer-lhes o bem profundo devotado por meu coração ao bardo, que passou pela vida ferido pela melancolia.¹⁹³

Se essa devoção era real, por que os irmãos Soares não acudiram Augusto em momento de agruras financeiras, com um emprego no jornal **O Norte**, por exemplo, de que Oscar e Órris eram proprietários? Ao invés disso, o grande poeta paraibano precisou exilar-se da sua querida Paraíba, enfrentar o Rio de Janeiro, passar até mesmo fome e depender de amigos para sobreviver durante a Revolta da Chibata. Sabemos que se faz necessária uma pesquisa na Paraíba para tentar encontrar alguma pista sobre o caso, embora deva ser muito difícil encontrar algo que Alexei Bueno já não tenha incluído em seu trabalho, que se tornou nossa “bíblia” inseparável.

O próprio jornal **O Norte** traz em sua página eletrônica a informação de que uma enchente destruiu os exemplares daquela época, portanto as fontes ficam na dependência de algum particular ou alguma instituição havê-las conservado.

¹⁹³ SOARES, Órris. **Elogio de Augusto dos Anjos**. *Apud* ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 4ª Ed.(com errata de 5ª). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1928, p. 7.

É comum esquecer-se da idade com que morreu um grande amigo? Pois nesse texto de Órris, a morte arrebatou Augusto no “plenilúnio de seus vinte e nove anos.” Enganou-se o Sr. Soares, pois o poeta faleceu aos 30 anos, não aos 29, e vários jornais noticiaram o fato! A maior indiferença foi, realmente, da parte de sua terra natal.

Mas quando o poeta morreu, seu biógrafo de primeira hora diz: “[...] molharam-se-me os olhos e confrangeu-se-me o coração de desgosto.” Lembramos novamente aqui do texto Galeria dos eleitos – O. S.¹⁹⁴, já em agosto de 1909, no qual Augusto, em linguagem sutil, ironiza um dos irmãos Soares, com sua função melodramática, alternando-se em perspectivas como as de Walter Scott e escotismos picarescos como os de Molière. Em **Versos de circunstância**, o poeta dedica uma quadra a “Or. S.”, chamando-o de “Petrônio de nossa Paraíba”, porque ele escrevia “sentado num divã” e, semelhante ao “*smartíssimo* Rostand”, ele possuía “todos os requisitos de um escriba.”¹⁹⁵

Voltando ao texto de Órris, este chama Augusto de “lira mal completada de mocidade” – devido à morte prematura ou à qualidade da obra do poeta? Impossível saber, portanto desejamos crer que a primeira opção seja a correta.

Diz ele que afinal pagava a sagrada dívida, através do presidente do Estado da Paraíba, Dr. Camilo de Hollanda, e acrescenta: “Loas lhe sejam oferecidas por este acerto, documento de carinho aos frutos da inteligência.”¹⁹⁶

A seguir, vem a primorosa construção da imagem de Augusto, que iria se cristalizar por quase um século: “Foi magro meu desventurado amigo, de magreza esquelética – faces reentrantes, olhos fundos, olheiras violáceas e testa descalvada.”¹⁹⁷ Como se não bastasse, para completar a figura trágica e conveniente para um “poeta da morte”, Órris diz que, em Augusto, a “boca fazia a catadura crescer de sofrimento, por contraste do olhar doente de tristura e nos lábios uma crispação de demônio torturado.” Torturado, sim, pelas injustiças que sofreu na vida, mas de demônio o poeta paraibano não parecia ter nada!

¹⁹⁴ ANJOS, Augusto. Op. Cit., p. 654.

¹⁹⁵ Ibidem, p. 519.

¹⁹⁶ ALMEIDA, José Américo de. Op. Cit., p. 216.

¹⁹⁷ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 60.

“Nos momentos de investigações suas vistas transmudavam-se rápido, crescendo, interrogando, teimando.” Ora, quem não muda de expressão quando tem idéias diferentes ou está sonhando?

“E quando as narinas se lhe dilatavam?” – continua Soares. “Parecia-me ver o violento acordar do anjo bom, indignado da vitória do anjo mau, sempre de si contente na fecunda terra de Jeová.” Diz que os negros e lisos cabelos do poeta “apertavam-lhe o sombrio da epiderme trigueira.” Continua a descrição, falando da clavícula, que era arqueada e “no omoplata, o corpo estreito quebrava-se numa curva para diante.” Os braços dependurados, “movimentados pela dança dos dedos”, pareciam “duas rabecas tocando a alegoria dos seus versos.” E aqui, sim, há uma informação importante: a alegoria dos versos de Augusto. Então Órris os compreendia, o que seria bastante natural, uma vez que estudaram juntos, freqüentaram o mesmo meio acadêmico e na mesma época. Entender a alegoria dos poemas augustiano é fundamental para se construir um sentido possível para a leitura deles.

Órris parece lembrar o sertanejo de Euclides da Cunha ao descrever o “andar tergiversante” de Augusto, “nada aprumado, parecia reproduzir o esvoaçar das imagens que lhe agitavam o cérebro.”¹⁹⁸

Essa descrição está mais para um personagem de filme de terror do que para a real aparência do poeta, que Ademar Vidal nos descreve com melhor precisão. Com essa aparência de um ser estranho ou até mesmo tresloucado, quem daria crédito às acusações que porventura estivessem presentes no **Eu** – e algumas estão explícitas, como veremos mais à frente – contra os políticos da época? Parece-nos que essa imagem criada por Órris foi mais do que providencial... Parece mesmo ter sido proposital, mas ainda necessitamos de documentos comprobatórios para fazer esta afirmação.

Órris escreve que travou conhecimento com Augusto em 1900, quando lhe feriu, de chofre, o seu “tipo excêntrico de pássaro molhado, todo encolhido nas asas com medo da chuva.”

Até mesmo o engenho em que Augusto viveu – tão alegre e movimentado, conforme Ademar Vidal, em Soares adquire ar espectral, é o “sombrio engenho de

¹⁹⁸ Ibidem, p. 217.

açúcar.”¹⁹⁹ Na época a crítica era bastante subjetiva, porém o que nos parece prejudicar a biografia traçada por Órris é o abuso de figuras, pois até a personificação das coisas e da natureza estão presentes nela.

Parece que foi Órris a procurar Augusto, devido a uma prova de latim, para a qual necessitava de auxílio, o que revela a superioridade cultural do poeta. Com esmerado trabalho de retórica, o fato é contado da seguinte forma:

Não soube resistir ao desejo de travar relações com o poeta. Fui imperiosamente atraído, como para um sítio encantado onde a vista se alerta por encontrar movimento. E de tal forma nos acamaradamos, que, dias depois, lhe devia o exame de latim, desembaraçando-me de complicada tradução, numa ode de Horácio.²⁰⁰

Há uma informação de Órris Soares que coincide com a de Ademar Vidal, sobre o processo criativo do poeta: Augusto arquitetava seus poemas mentalmente e os declamava, aí então os transcrevia no papel. Esta é uma característica do poeta musical, aquele que cria seus versos ao ritmo de alguma melodia, ou seja, é fundamental para ele que as palavras se casem com a melodia.²⁰¹ Soares afirma ainda que ter presenciado o poeta em plena criação de um poema sobre carnaval, e mais tarde ficou impressionado, ao ouvir um concerto de Dvorak, com a semelhança melódica entre as duas obras.

A seguir, Órris cita, na linha de criação literária de Augusto, Musset, Byron, Baudelaire, Leconte de Lysle, Mallarmé, Verlaine, Anatole e outros que falam da natureza, como Homero, Milton, Camões, Dante, Lucrécio, Ovídio, Shakespeare, Goethe e Sully Prudhomme.

Em sua apreciação do **Monólogo de uma Sombra**, afirma que não parece haver nele “nenhuma acrimônia, sim angústias.”²⁰² Ora, em vários comentários desse crítico, é possível notar que ele compreendera a linguagem de Augusto, portanto como dizer que não há nenhuma dura crítica em trechos como: “[...] trago [...] / como um dorso

¹⁹⁹ Ibidem, p. 217.

²⁰⁰ Ibidem, p. 218.

²⁰¹ Ibidem, p. 221.

²⁰² ALMEIDA, José Américo de. Op. Cit., p.217.

de azêmola passiva, / a solidariedade subjetiva/ de todas as espécies sofredoras.”²⁰³ E este trecho a seguir esclarece de qual sofrimento padeciam as criaturas: “Continua o martírio das criaturas:/ - O homicídio nas velas mais escuras, / - O ferido que hostil gleba atra escarva, / - o último solilóquio dos suicidas [...]”²⁰⁴

OUTROS CRÍTICOS

A fortuna crítica de Augusto dos Anjos é vasta, portanto impossível comentá-la integralmente aqui, pois ampliaria demais a extensão deste trabalho e cansaria também o leitor, por isso optamos em dividir estas apreciações críticas que vêm a seguir em três grupos, apenas para melhor compreensão.

No primeiro grupo, colocamos as observações críticas que são discordantes da nossa, uma vez que são totalmente opostas; no segundo, selecionamos alguns pontos que consideramos bastante relevantes ao estudo da obra augustiana e, no terceiro, a crítica da qual resultou este trabalho, uma apreciação já da ótica do social, ou seja, que já pontua a poesia de Augusto como consequência dos seus conflitos íntimos e sociais e de sua visão cósmica.

Observamos ainda que os mesmos autores podem aparecer em mais de um tópico, pois selecionamos neles tanto o que está em desacordo com nossa tese como o que consideramos de acordo com nossas análises e separamos esses pontos de vista também para facilitar a leitura da crítica.

OBSERVAÇÕES CRÍTICAS NÃO ADOTADAS NESTA TESE

Mais uma vez reforçamos que são apenas observações críticas não adotadas neste trabalho por não estarem de acordo com nossas análises, o que não significa a exclusão total dos autores delas, pois quase todos pontuam também, na poesia de Augusto, características com as quais concordamos e que aparecem nos outros grupos.

²⁰³ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 223.

²⁰⁴ Ibidem.

Hermes Fontes²⁰⁵ revela um posicionamento um tanto contraditório, a nosso ver, pois ao mesmo tempo em que afirma haver no poeta muitas coisas desagradáveis, como a monotonia das idéias e de módulos, “já pela insistência em certos assuntos que perdem o condão de agradar [...] já porque o ilustre poeta forceja por unificar os pontos de vista e os processos de sua arte[...]”²⁷⁵, Fontes diz também que, através do livro **Eu, Augusto** é a afirmação de um grande espírito e anúncio de um grande poeta; além de ser um cético, com o que poderemos concordar, mas cético em relação ao próprio homem, que se tornara, com a República e o capitalismo, um ser antropofágico.

Antônio Torres²⁰⁶, em **O poeta da morte**, tece alguns comentários cujo teor é impossível aceitar, como “É um bárbaro” – não haveria certo preconceito ou animosidade pessoal aqui? – fala da falta de homogeneidade da sua obra, na qual a essência não podia correr abundante, dada à angústia do gargalo. Ora, as grandes tragédias gregas também contêm grandes angústias e dores... e é exatamente esse o grande *élan* que elas trazem, ou seja, as dores e injustiças sofridas pela vítima do sacrifício. Nem por isso a essência deixa de correr abundante, como também acontece com Augusto, em cuja obra percebemos sentidos para uma leitura de um todo trágico-mimético.

Igualmente não podemos concordar com Torres quando afirma que o materialismo de Augusto o fez deslizar inconscientemente em expressões brutais e imagens rebarbativas, por vezes absolutamente intoleráveis. Augusto utilizou-se da metáfora da carniça e da decomposição assim como Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Baudelaire e Fernando Pessoa, exatamente para mostrar a podridão da sociedade da época, o choque da modernidade e a não aceitação dos novos valores em ascensão a partir da República, valores estes que faziam parceria eterna com o capitalismo e que ficariam cada vez mais desumanos e devastadores da parte mais fraca da humanidade, assim como dos homens virtuosos.

O que percebemos é que a crítica de Antônio Torres não é exatamente imparcial, pois está imbuída por um olhar religioso, o que podemos comprovar no trecho em que diz não haver nenhum novo rumo apontado pelos cientificistas, além de tentativas para

²⁰⁵ Ibidem, p. 49.

²⁰⁶ Ibidem, p. 52.

galvanizar a metafísica, feitas apenas por filósofos como Bergson, considerado por ele como um dos filósofos de salão, cujas obras, “graças a Deus, acabam de ser postas no Índice pela respectiva Congregação.”²⁰⁷ Interessante, em uma crítica que deveria ser a mais imparcial possível, haver expressões como “graças a Deus” e o regozijo pessoal ao dizer que Bergson fora censurado... Só isso basta para destruir a credibilidade do texto!

Portanto, julgar que a obra deixada por Augusto seja “imperfeita” e “pouca” parece-nos uma ousadia da crítica que não se aprofundou no contexto.

João Ribeiro, em **O poeta do “Eu”**²⁰⁸, faz observações acertadas, porém já se nota haver seguido as informações de Órris Soares, quando erra na idade do poeta – diz 29, quando o correto é 30 – e afirma que morreu minado pela doença, ou seja, pela tuberculose que Augusto nunca teve.

Em **Nota sobre Augusto dos Anjos**²⁰⁹, **Gilberto Freyre** tece algumas considerações que consideramos, no mínimo, arriscadas, como o deleite mórbido e a tensão quase sádica que havia em Augusto, embora esse sadismo às vezes amolecasse em masoquismo empático [...] Será que o poeta gostava de sofrer as privações e as discriminações de que era vítima? Louco ele ou louca a sociedade que produzia tantas injustiças e sofrimentos?

Quanto à “fome mal reprimida de valores espirituais”, que, uma vez rompida a barreira que a impedia de fluir, tomaria, provavelmente, o “caminho da igreja de Roma”. É bastante presente na obra de Augusto a sua posição em relação à Igreja Católica, acrescentando-se, também, que parece ter sido discriminado politicamente pelo Monsenhor Valfredo Leal, que chegou a ocupar cargos políticos em João Pessoa e que era o braço forte de João Lopes Machado na época em que Augusto precisou se exilar da terra natal.

Entendemos que Augusto é profundamente metafísico, porém apresenta uma crença particular, eclética, talvez um misto da própria experiência e calcada no budismo e em seus versos mostra algumas vezes a decepção com o catolicismo. Ademar Vidal afirma que o poeta era afeito, desde a infância, ao espiritismo, o que seria muito mais provável do que ele aderir à igreja de Roma!

²⁰⁷ Ibidem, p.236.

²⁰⁸ Ibidem, p. 73.

²⁰⁹ Ibidem, p. 76.

Raul Machado conheceu Augusto dos Anjos na Paraíba. Dele faz a seguinte descrição: “... o corpo esguio e a palidez doentia do seu semblante provocou-lhe um sentimento misto de decepção e tristeza.”²¹⁰ Mas, como outros já o disseram, quando o poeta falava, a Machado parecia que a fisionomia do poeta se transfigurava totalmente: os olhos brilhavam, e o rosto era iluminado por um fulgor quase místico.²¹¹ Como é possível observar, é mais outra crítica extremamente subjetiva, portanto parcial, como a maioria delas, em que é necessário separar a visão objetiva das impressões pessoais do crítico, fazendo com que a validade daquela em um estudo acadêmico seja discutível.

Conforme o texto vai progredindo, a emoção e a subjetividade também vão se ampliando nele:

E, enquanto lhe fluíam torrencialmente as palavras, com as mãos magríssimas, inquietamente trêmulas, descrevia, no ar, sucessivas parábolas, gestos de nervosismos estranhos, como se tentasse moldar o pensamento, delinear as imagens, corporizar as idéias mais abstratas, - toda uma ansiedade torturante de plasmar, com a simples matéria imponderável do verbo, um mundo subjetivo de emoções bizarras e doentias...²¹²

Logo em seguida, o próprio Machado confessa que esse texto não poderia ser levado em conta como uma página de crítica, mas, simplesmente, uma página referta de sentimento afetivo e reverência póstuma, ao seu espírito iluminado e fraterno.

Álvaro Lins também reitera a idéia de que a obsessão pela morte era, em Augusto, resultado de sua constituição de homem doente, desorganizado, devastado pelo desequilíbrio orgânico dos hipocondríacos, o que não pode ser comprovado, assim como dizer que ele trazia do berço e da infância a vocação para essa poesia melancólica, macabra e desgraçada.²¹³

Não iremos expor aqui toda a fortuna crítica baseada no texto de Órris Soares e em impressões subjetivas, porque estenderíamos demais e desnecessariamente este

²¹⁰ Ibidem, p. 97.

²¹¹ ALMEIDA, José Américo de. Op. Cit., p.196.

²¹² Ibidem.

²¹³ Ibidem, p. 49.

trabalho. Passaremos, então, àquela crítica que levanta aspectos senão fundamentais, bastante relevantes à obra de Augusto.

OBSERVAÇÕES CRÍTICAS RELEVANTES

Hermes Fontes²¹⁴ é um dos que concordam que Augusto é moderno e dotado de boa educação literária e que em sua obra o amor presente é o amor-solidariedade, o amor-científico, a atração, a gravitação. Teosofista, meditativo, concentrativo são características apontadas por Fontes que também encontramos em Augusto.

Antônio Torres²¹⁵, além de apontar defeitos, reconhece em Augusto um poeta singular na literatura brasileira, revelando a segurança de um saber bastante superior à idade que tinha e o desempenho de um verdadeiro vate. Torres diz ainda que o poeta paraibano via sempre no mundo combinações cósmicas, as alianças elementares, as convulsões sísmicas, as revoluções telúricas e siderais, o amálgama de todas as forças latentes do Universo, submetidas à fatalidade das leis físicas e biológicas e tendendo para a harmonia e unidade da Vida. Concordamos com essa observação, porém acrescentamos que, além de ser um pensamento da época, era também um modo de trabalhar o maravilhoso, o místico, o incompreensível no texto trágico, uma vez que os deuses e mitos estavam mortos e o cristianismo desacreditado no meio intelectual.

O poeta do “Eu”, conforme **João Ribeiro**²¹⁶, um dos mais inspirados poetas da geração nova, cuja inspiração era um misto de várias espécies, como a poesia de Baudelaire, a parnasiana, a científica, ou filosófica, portanto nada mais lógico e natural do que o uso dessas “metáforas do horroroso” nos poemas de Augusto.

Gilberto Freyre, em **Nota sobre Augusto dos Anjos**²¹⁷, faz, entre várias observações que consideramos improváveis, uma nota importante: Augusto era um “sensitivo anormal” – quanto a isto não sabemos, mas concordamos que ele era todo dor ao contato das dores dos outros, nos quais se alongava o seu próprio “eu” por empatia

²¹⁴ Ibidem, p. 216.

²¹⁵ Ibidem, p. 52.

²¹⁶ Ibidem, p. 73.

²¹⁷ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 237.

constante. Mas derruba toda essa idéia quando diz que essa empatia estranha é o tributo que os grandes egoístas pagam à natureza por terem o gosto de ser enormemente egoístas.²⁸²

Agripino Grieco²¹⁸, em **Um livro imortal**, conta ter visto Augusto em 1912, próximo à Muda da Tijuca, onde o poeta ia dar lições a uma família abastada do bairro, premido pela necessidade. Descreve o poeta com a pele acobreada dos malaaios, [...] magro. Essa “pele acobreada” nos chama a atenção, fazendo-nos lembrar do **Desajustado**, de Alexandre dos Anjos, e mais uma vez fazer a pergunta: seria Augusto descendente de negros?

Concordamos com **Raul Machado**²¹⁹ quando afirma que Augusto, com todo o conhecimento e capacidade de reflexão que possuía, não se restringiria a simples divagações literárias, mas movia sua atividade intelectual a fins mais nobres, criando uma poesia iluminada senão “pela luz apolínea da Ciência, ao menos pelos clarões vulcânicos da Vida!”

Não é possível concordar ou não, sem proceder a uma pesquisa que demandaria muito mais tempo do que o disponível para este trabalho, com a afirmação de Machado a respeito da saúde do poeta, cuja organização nervosa, presa de sensibilidades estranhas e entusiasmos artísticos, procurando realizar semelhante objetivo de estética, havia de revelar, em tudo quanto ideasse, a predominância do influxo individual, o modo de ser de do seu temperamento esquisitamente vibrátil.

Fala, ainda, da emotividade exagerada pela falência orgânica, pelo desastre de economia biológica, que o levou à insidiosa doença, como o poderia ter levado à loucura, porque Augusto possuía, na família, antecedentes hereditários.

Mas estamos de acordo com Raul, quando diz que a poesia augustiana nasce da reflexão constante e angustiada sobre o infortúnio do ser e a noumenalidade do não-ser, o que aparece claramente em versos como estes de **Soneto**: “Ah! Possas tu dormir, feto esquecido, / Panteisticamente dissolvido / Na noumenalidade do NÃO SER!”²²⁰

Machado compara-o a Antero de Quental – relação com a qual concordamos plenamente, pois ambos apresentam o espírito do filósofo que reage sempre sobre o

²¹⁸ Grifamos os nomes para destacar os críticos.

²¹⁹ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 97.

²²⁰ Ibidem, p. 207.

temperamento do poeta – dizendo que sua arte tem quase sempre “as cores da verdade sombria e a preocupação do sinistro; lembra um jato de luz forte, projetada sobre as misérias da vida, um lúgubre epínício entoadado, por uma legião de vencidos e sofrendores, à vitória da Dor e da Morte.” Esta é uma das mais importantes observações sobre a obra de Augusto, conforme a linha que seguimos nesta pesquisa. Augusto, assim como Euclides, é porta-voz dos vencidos da vida.

“Sua arte tem quase sempre as cores da verdade sombria e a preocupação do sinistro; lembra um jato de luz forte, projetada sobre as misérias da vida”. Observemos estes versos de **A noite**: “Somente, iguais a espiões que acordam cedo, / Ficam brilhando com fulgor sinistro/ Dentro da treva onímoda e complexa / Os olhos fundos dos que estão com medo!”²²¹ Ou então em **Pelo mundo**: “E as brumas velam nos sinistros mantos / E as virgens dormem nas tumbais jazidas!”²²² Não só o gosto por aquilo que é sinistro, como a morte, a decomposição, os cadáveres, mas também o gosto pela palavra “sinistro” é inerente ao estilo do poeta no **Eu**, como ainda em versos de **Estrofes sentidas**: “Transponho assim toda a sombria escharpa / Sinistro como quem medita um crime...”²²³

Ainda de grande relevância são as observações que esse crítico tece sobre o **Eu**, dizendo que Augusto foi único em nossas letras como “expressão do gênio poético”, pois, com o “seu feitio psíquico”, como ninguém mais o fez, ele conseguiu aliar uma “imaginação hoffmânica à uma sólida cultura humanista.” Essa imaginação era rica de assombramentos e a sua alma era “presa daquela dolorida reflexão de Amiel.”²⁸⁴ Em versos do poema **O caixão fantástico**, Augusto cita Hoffman: “Hoffmânicas viagens / Enchiam meu encéfalo de imagens / As mais contraditórias e confusas!”²²⁴

Outras relevantes observações anota esse crítico, como dizer que o **Eu** é um “grito trágico de independência erguido nos domínios da nossa literatura”²²⁵ Foi um poeta que se pertenceu a “si próprio, ao seu gênio, à sua originalidade criadora”, pois a obra que deixou mostra a marca de um “inconfundível artista”, as características de um

²²¹ Ibidem, p. 362.

²²² Ib., p. 435.

²²³ Ib., p. 435.

²²⁴ Ib., p. 231.

²²⁵ Ib., p. 99.

“espírito à parte”, não apresentando o “ar de família” dos poetas que foram seus contemporâneos.

Augusto foi, portanto, conforme Machado, um homem além do seu tempo, motivo pelo qual ficou incompreendido na época. O poeta foi um dos precursores de maior destaque da arte que Ferri previu como inevitável, porque corresponde às necessidades da alma coletiva, desejosa de uma regeneração estética, pairando acima das banalidades eróticas ou das bizarras vãs da maior parte das obras contemporâneas ao **Eu**.

Ode ao Amor traz esse desejo de regeneração total da humanidade por que o poeta ansiava, buscando, também, como já o mostramos neste trabalho, em uma de suas Crônicas do Pau D’Arco, o renascimento da Arte verdadeira: “Bem haja, pois, esse poder terrível, / -- Essa dominação aterradora / -- Enorme força regeneradora / Que faz dos homens um leão que dorme / E do Amor faz uma potência enorme / Que vela sobre os homens, impassível!”²²⁶

E, justamente pelo pensamento determinista da época, o verdadeiro gênio só poderia ser alguém que fosse capaz, a partir desses dados, de traçar uma visão panorâmica do futuro, o que fez esse poeta paraibano.

Para Augusto Comte, a poesia moderna deveria cantar “o poder material da Humanidade, o seu aperfeiçoamento físico, o seu progresso intelectual” e, principalmente, “sua perfeição moral”. A Arte deve, antes de tudo, explicar “a natureza e a condição da Humanidade, representando-nos o seu verdadeiro destino”, a constante luta contra a “fatalidade”, então “convertida em ponto de felicidade e glória, sua lenta evolução preliminar e suas altas esperanças vindouras.”

Um dos mais importantes nomes na fortuna crítica desse poeta paraibano é **José Oiticica**, cujo artigo publicado em **A manhã, Suplemento Literário** - Autores e Livros, no Rio de Janeiro, em 30 de novembro de 1941, está incluído no volume organizado por Alexei Bueno.²⁸⁶

Oiticica contesta sutilmente Órris Soares, ao dizer que não nega a exatidão possível desses apanhados (notas de Órris sobre Augusto), mas considera haver fatores bem mais profundos e poderosos no **Eu**.

²²⁶ Ib., p. 452.

Um desses fatores foi o estado de penúria em que o poeta se encontrava, quando Oiticica o conheceu. Aliás, este afirma que ambos passavam por uma fase financeiramente muito difícil. “Augusto se moía, concentrava a sua pena, embora, uma vez por outra, me revelasse as suas condições”, afirma o crítico, para quem, o maior tormento do poeta era a injustiça social, em “premiar os ruins, dourar as falcatruas, entronar os endinheirados, iludir os honestos, os sonhadores, os retos de entendimento e coração.”²⁸⁷

Essa revolta é que deixava o poeta descrente, uma vez que ele mesmo se sentia injustiçado pela sociedade e via em tudo podridão física e moral. Augusto não era tuberculoso, conforme as palavras de Oiticica: “Nunca me falou em doenças; jamais o vi doente – afirma o crítico – a não ser uma neurastenia antiga, passada inteiramente.”

Augusto foi para Leopoldina por necessidades financeiras mesmo, afirma esse crítico, e diz estar o poeta bem de saúde quando o viu pela última vez. Por isso, ao saber da morte do amigo, o crítico ficou chocado, dizendo que lhe foi uma dolorosíssima surpresa. A luta pelo vil dinheiro foi sempre, para Augusto, o tormento da alma.

“Quando alcançaremos no Brasil estimar, em toda a sua transcendência, a poesia desse monstro!” – esta é a questão colocada por Oiticica que esperamos responder neste trabalho. A obra do poeta paraibano é, ao mesmo tempo, o grande livro da história de nosso povo e um alerta para o que seria o futuro, que hoje confirma todos esses augúrios de Augusto.

“Ah! Um urubu pousou na minha sorte!” – talvez essa queixa seja mesmo própria do brasileiro, por carregar o peso de sua miscigenação e tudo o que isso acarretaria se as leis deterministas continuassem com o mesmo valor daquela época... Infelizmente, em nosso país, há muitos que podem, sim, repeti-la porque se encaixa em suas vidas. Foi mais fácil enterrar o profeta do que dar crédito à sua voz.

Álvaro Lins, em **Augusto dos Anjos, poeta moderno**²²⁷, registra considerações importantes a respeito da biografia augustiana já publicada até 1951. Além disso, observa que o poeta faz uma viagem ao movimento do nada físico e, do “trágico desse vazio, extraiu a substância de seus pensamentos e de seus versos.” Concordamos com ele, porém é preciso acrescentar que essa era a matéria utilizada em suas alegorias, para

²²⁷ Ibidem, p. 241.

construir outros significados ao leitor, conforme este conseguisse arquitetá-los, possibilitando-lhe apenas molhar as mãos nessas águas ou então ir a mergulhos profundos nesse oceano que é o **Eu**.

Outra observação que ressaltamos é a comparação que Lins estabelece entre Augusto e Cesário Verde ou Antônio Nobre. Neste trabalho não abordaremos essa questão, porém o poeta paraibano estabelece vínculos com os poetas portugueses da Nova Renascença, particularmente os que publicaram na revista **Águia**, a partir de 1910. Entre eles, Fernando Pessoa, que naquele ano publicou nessa revista. Importa ressaltar o movimento atual, com a Nova Águia, restabelecendo igualmente um movimento de regeneração da sociedade e, por conseguinte, da literatura.

Lins nota ainda que os adolescentes geralmente se identificam com os poemas de Augusto, particularmente aqueles que trazem as mais fortes alegorias da morte e do horror. Ora, consideramos essa característica uma prova de que essa poesia trabalha com o trágico-épico, atingindo o subconsciente do leitor, que nesses versos se vê espelhado, uma vez que a adolescência é essa fase em que todos nós nos sentimos um pouco “monstros”, pois passamos por mudanças estranhas às crianças, surgem desejos que não conseguimos explicar nem controlar... Que adolescente, então, não se fascina com estes versos em que ele se pode sentir espelhado: “Eu [...], monstro de escuridão e rutilância?”

O crítico considera os aspectos negativos dessa obra, mas ressalta que a sua importância está em trazer excelente documentação a respeito de Augusto, como a data da morte do poeta e poemas de sua juventude, praticamente inéditos, além da obra sugerir uma nova reflexão sobre a figura desse ilustre paraibano.

Para Lins, a poesia de Augusto é um exemplo do conceito de Dilthey na **Poética**. A base de toda a verdadeira poesia é a “vivência”, a experiência vivida, elementos anímicos de todas as espécies que entram em relação com ela.²⁸⁹ Álvaro considera o poeta mais próximo de Poe e Hoffmann do que de Baudelaire, com o que concordamos, assim como também é consistente esta afirmação: “Ele é, entre todos os poetas mortos, o único realmente moderno, com uma poesia que pode ser compreendida e sentida como a de um contemporâneo” (este trecho é de 1951, publicado no **Jornal de Crítica**)²⁹⁰.

Concordamos também com Álvaro Lins quando afirma que, devido ao espírito filosófico e científico, somado à sua singularidade pessoal, Augusto tornou-se o poeta brasileiro cujo pensamento atingiu maior altura, densidade e consistência. Sua poesia é mais moderna hoje do que há 30 anos, porque a modernização se acelerou e suas conseqüências são mais visíveis.

No “Poeta da Morte”, Deus aparece não como uma entidade religiosa, mas como origem de tudo, algo que transmite vida a tudo que dele emana, que está sempre em transformação e em evolução eterna, sem apresentar um princípio e um fim. Pela inteligência, Augusto era materialista, mas sua aguda sensibilidade e imaginação levavam-no a sentir os mistérios indecifráveis pela filosofia e pela ciência.

Lins lamenta não haver, naquela época, sido encontrada uma prosa augustiana, pois seria de grande ajuda para a compreensão do **Eu**, com o que concordamos, pois foi através das crônicas e artigos compilados por Alexei Bueno, como também a correspondência do poeta paraibano, que lhe pudemos compreender melhor a poesia.

Augusto é, portanto, uma espécie rara de forma poética, que não envelhece, que se valoriza cada vez mais com o nosso crescimento cultural, porque ele retoma o trágico de forma moderna, contando o sofrimento do povo brasileiro.

O trabalho estético do **Eu** também é primoroso, afirma Lins, pois no início de seus poemas a atmosfera que envolve o leitor fixa as circunstâncias de tempo e de lugar, com o objetivo de sugerir um ambiente terrível ou momento crítico. Seria interessante acrescentar que este é um recurso utilizado nos poemas narrativos, ou seja, os poemas órficos. O **Eu**, longe de ser individualista, indicava certa integração no cosmos, certa universalização, como se nele estivessem presentes todas as dores e misérias da humanidade.

Para **Andrade Murici**, em **Augusto dos Anjos e o Simbolismo**²²⁸, o estilo cientificista na poesia não foi inaugurado pelo poeta paraibano, mas era uma das tendências daquela época, particularmente dos intelectuais ligados à Escola do Recife. Cita, como exemplo, Magalhães Júnior (1860 – 1904) e Augusto de Lima (1858 – 1934).

²²⁸ Ibidem, p. 127.

Murici percebe no **Eu** uma integração entre o monismo, o naturalismo de Büchner e Haeckel, o transformismo de Darwin, um influxo do comtismo mais uma sensibilidade e imaginação superiores. Em nossas pesquisas e comparações, é inegável a presença da monadologia, porém um poema nos chamou à atenção, ou melhor, uma estrofe de **Os doentes**: “Tentava compreender com as conceptivas / Funções do encéfalo as substâncias vivas / Que nem Spencer, nem Haeckel compreenderam...” É bastante clara a posição do poeta aqui, pois ele tenta entender aquilo que, para Augusto, Haeckel nem Spencer entenderam.

A partir dessa dúvida instalada, procedemos à leitura de várias explicações a respeito do assunto, publicadas naquela época, e a que mais parece se aproximar dos poemas augustianos é a de Gabriel Tarde,²²⁹ para quem “matéria é espírito, nada mais”, e a idéia de Deus é a de um “*miriateísmo* generalizado”, em que cada um é já “uma miríade, uma multidão, todo um mundo de agentes, muitos mundos, *des mon(a)des*.”

E, para Tarde, ainda há divisões na compreensão do monismo, pois ele pode ser dualista – a mente e o mundo são duas faces da mesma moeda, a realidade. A outra é trinitária, na qual mente é mente, mundo é mundo e a relação entre eles existe por serem originários do mesmo princípio criador. O monismo pode também ser idealista, que considera o “universo material, inclusive os outros *eus*, como *meu*, exclusivamente meu, pois se compõem de meus estados de espírito.”

Andrade Murici afirma, em sua crítica **Panorama do Simbolismo brasileiro**, que Augusto faz uma mistura do vocabulário científico com o sonho e uma espiritualidade obscura e inconsciente e dessa fusão brota o seu “verbo vivo, latejante”²³⁰. No entanto, para esse crítico, o poeta herdou vários “modismos característicos” do neo-simbolismo, como as “²³¹maiúsculas individuadoras e vocábulos empregados como símbolos.” Neste trabalho consideramos a poesia de Augusto como alegórica, não simbólica, pois esta seria mais apropriada à epopéia, enquanto que aquela é própria do trágico, e que não pode haver épico após o Cristianismo parece ser consenso comum atualmente.

²²⁹ TARDE, Gabriel. **Monadologia e sociologia e outros ensaios**. Org. e introdução Eduardo Viana Vargas. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

²³⁰ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 128.

²³¹ Ibidem, p. 129.

Outra anotação importante é a intertextualidade que Murici aponta entre **Uma noite no Cairo**, de Augusto, e **Egito**, de Cruz e Souza. É preciso observar aqui as muitas versões desse mesmo assunto que foram publicadas na época, a partir de **Visão dos tempos**, de Teófilo Braga, com a proposta de realizar uma “epopéia da humanidade”.

A profundidade do misticismo panteísta do poeta paraibano o faz próximo a dois poetas de feitiço trágico: Antero de Quental e Cruz e Sousa. Para Murici, Cruz e Sousa e Augusto dos Anjos sofreram influências de Antero.

No entanto, do simbolismo de Baudelaire, Augusto herdou as maiúsculas individuadoras; demonstrou, através do **Eu** e outras poesias, o mais puro valor literário e o mais horrendo mau gosto [...]; infelizmente o mais amado e sentido pelo grande público é o menos apreciável, conforme Murici. O aspecto que ele não considera é o motivo pelo qual o povo teria essa atração pela linguagem do horrendo nos poemas de Augusto, que Álvaro Lins já mencionara: ele se volta para o subsolo da existência humana.

Murici estabelece um paralelo entre o poema **No Egito**, de Cruz e Sousa e **Uma noite no Cairo**, de Augusto dos Anjos, mostrando semelhanças: “O 1º verso do 2º quarteto de No Egito: “O Egito é sempre antigo, o velho rito” / O 1º verso do 3º quarteto de Uma noite no Cairo: “O Egito é sempre assim quando anoitece.”²³²

Seria possível estabelecer mais semelhanças entre os dois, conforme a leitura realizada neste trabalho. Embora Cruz e Sousa comece seu poema com o dia e Augusto com a noite, a luz está presente em ambos:

“Sob os ardentes sóis” (Cruz e Sousa); “O céu claro e profundo / Fulgura.” (Augusto dos Anjos);
A presença do mundo dos sonhos, da alma: “Dos sonhos da alma o turbilhão desfila” (CS)295; “A alma dos Faraós anda e vagueia.”(AA);
O Egito é o velho rito (CS); O Cairo é de uma formosura arcaica (AA);
Onde um mistério singular se asila (CS); Uma sombria interjeição de medo! (AA)- a relação entre mistério/medo.

A questão do silêncio da indiferença que paira sobre todas as coisas, aumentando, assim, o mistério também está presente em ambos, de forma diferente:

²³² Ibidem, p. 131.

“Parece morta a própria dor humana!” (CS); “Depois, tudo é tranqüilo... / apenas, como um velho stradivário, / soluça toda a noite a água do Nilo!” (AA).

Em Augusto, é possível fazer uma leitura dos implícitos a partir das charges veiculadas nas revistas **Careta** e **Fon-Fon!**, que se referiam a “Egito” e “Cairo” pela analogia do rio Nilo e de Nilo Peçanha, portanto era o grupo dos políticos da época em que Nilo era presidente do Brasil, quando, na realidade, pelo que nos conta as história e por essas mesmas charges, podemos perceber que Pinheiro Machado já começara a sua forte e nefasta influência na política brasileira.

É ainda Murici que mostra as aproximações entre **O sarcófago**, de AA, e **Vida obscura**, de CS: “Ah! Ninguém ouve o soluçante brado / de dor profunda, acérrima e latente” (AA); e “Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro” (CS). Parece-nos, porém, que esse verso de CS evoca ainda estes de Augusto: “Vês?! Ninguém assistiu ao formidável / Enterro de tua última quimera.” (**Versos íntimos**).

Em **José Lins do Rego**, encontramos uma nota, logo no início de **Homens, seres e coisas**, que para nós é extremamente significativa, pois fala do estranhamento que o autor de **Menino de Engenho** sentiu ao ciceronear Gilberto Freyre na capital da Paraíba este lhe perguntar sobre o personagem a que se referia uma estátua na praça do Palácio, a que Lins identifica como do General Álvares Machado. Então Freyre imediatamente questionou: “E para Augusto dos Anjos, o que vocês daqui fizeram?”²³³

Nada mais justo do que fazer essa interrogação... O que há em homenagem a um dos maiores poetas brasileiros, modernista de primeira hora, como defende Foot Hardman, e que morreu sem voltar à tão amada terra-mãe, de onde saiu obrigado, cheio de mágoas, por indisposição política e – quem sabe? – se houver algum fundo de verdade no livro de seu irmão Alexandre, também vítima de preconceito. Como esse homem pôde ser tão incompreendido? Não é tão difícil responder isso... Ele incomodava, e muito, pois lutava pela justiça e pela igualdade, em terra bruta ainda comandada por oligarcas associados a algumas fortes instituições. Luta injusta, como sempre!

²³³ Ibidem, p. 133.

Rego lembra serem os Carvalhos de Pacatuba também latifundiários, dominando desde a várzea até quase o litoral, onde possuíam o maior sobrado, na rua Direita, em João Pessoa.

O romancista conta, ainda, sobre a falência da família Carvalho, cujo engenho fora hipotecado e arrematado por um parente de José Lins – o Dr. Quincas, do Engenho Novo. Interessante também saber que o maior sobrado da rua Direita, em João Pessoa, era da família Carvalho, seguindo o costume dos senhores de engenho da época, que possuíam casas na capital, para a **Festa das Neves**.

Em **Noite de um visionário**, o primeiro verso fala dessa rua: Número cento e três. Rua Direita / e eu tinha a sensação de quem se esfola / E inopinadamente o corpo atola / numa poça de carne liquefeita!²³⁴ Haveria alguma alusão à perda da casa nesse verso?

José Lins esclarece, também, a respeito do tio de Augusto que berrava na floresta, durante à noite, o “homem barbado, o parente louco que vivia como animal selvagem solto na mata.”²³⁵

“O Pau d’Arco poderia ter sido para este homem magro seu sanatório e foi, no entanto, a realidade de seu povo derrotado.”²³⁶ – afirma Lins do Rego, dizendo que o garoto Augusto percebia a terra a fugir dos pés de sua gente.

A CRÍTICA DE VISÃO SOCIAL

A **poesia científica de Augusto dos Anjos**²⁹⁸, de **José Escobar Faria**, surge como expressiva fonte para o estudo do poeta. Faria começa dizendo que em alguns momentos poéticos, a manifestação do sublime através do grotesco é reservada às obras monumentais, conforme a Poética de Dilthey. Como exemplos, cita a Divina Comédia, O Fausto e Hamlet – o feio e o terrível se ajustam para a eclosão da obra maior.

²³⁴ Ibidem, p. 275.

²³⁵ Ibidem, p. 135.

²³⁶ Ibidem.

Faria vê aproximações entre a obra de Augusto e *Au lecteur*, de Baudelaire, em *Les fleurs du mal*. Aponta, também, aproximações entre a obra do Poeta da Morte e Lautréamont, em Cantos de Maldoror, de Tristan Corbière, em **Paria, Le renégat**. Mas erra ao dizer que a doença foi seu *leit-motif*, e que mesmo sem a doença esse seria o estilo de Augusto, pois ele era todo uma revolta interior. Talvez a revolta do anjo caído fosse o tema que viria perturbá-lo, afirma Faria.

Augusto quis ser monista, mas nele se encontra o mais evidente dualista, diz o crítico. A isto lembramos o que já consideramos antes, em relação à monadologia de Gabriel Tarde. Aquilo que o poeta foi realmente está decantado nas entrelinhas do **Eu**.

Seu espírito era mais órfico do que científico, mas a ciência confundia-lhe o espírito, afirma Faria. Porém não foi litúrgico nem dogmático, mas um órfico aberto aos planos espirituais. Augusto foi uma espécie de visionário da ciência ao escrever versos como: “energia intra-atômica liberta”, em que se vê o prenúncio da libertação do átomo; o “choro da Energia abandonada”, que associa às ondas sonoras, hoje pesquisadas através do rádio-telescópio. Em **Aos meus filhos**, há palavras que devem ter soado estranhamente ao público da época, conforme Faria: “culminâncias humanas ainda obscuras”, / “expressões do universo radioativo”, / “íons emanados do meu próprio Ideal.”²³⁷

Augusto, para esse crítico, tinha uma concepção órfica da existência, claramente exposta em vários trechos, como neste: “Subi talvez às máximas alturas, / Mas, se hoje volto assim, com a alma às escuras, / é necessário que inda eu suba mais!” (Solilóquio de um visionário).²³⁸

Faria detecta na obra augustiana – o que também expomos nesta tese – o soma-sema do orfismo grego, em que o corpo é visto como o cárcere da alma: “Quero, arrancado das prisões carnisais, / viver na luz dos astros imortais, / abraçado com todas as estrelas!”

E a presença da catarse, essencial característica do trágico, para o crítico está claríssima em **Noli me tangere**: “Eu sou, por consequência, um ser monstruoso!”²³⁹ Em **Aberração**: “Chamo-me Aberração” e em **Insônia**: “Se eu pudesse ser puro! Se eu pudesse

²³⁷ Ibidem, p. 328.

²³⁸ Ibidem, p. 232.

²³⁹ Ibidem, p. 275.

/ depois de embebedado deste vinho, / sair da vida puro como o arminho / que os cabelos dos velhos embranquece!”²⁴⁰ Para Augusto, a poesia se situa no campo da beleza dramática e terrível, foi ele a trazer o “humor negro” como provocação à sociedade da época, tão injusta e discriminadora.

O poeta demonstra sua capacidade lírica nas estrofes que oferece a João de Deus, conforme Faria, no poema **Duas estrofes**, em que trabalha duas sextilhas na esteira da melhor composição lírica da tradição luso-brasileira, assim como o faz em **A ilha de Cipango e Minha finalidade**.

Faria estabelece comparações bastante pertinentes entre o poema **Vandalismo**, de Augusto dos Anjos, com o estilo de Fernando Pessoa e de Sá-Carneiro, cujas leituras o crítico aponta haverem sido improváveis pelo poeta paraibano, pois foram publicados em data posterior à do **Eu**.

Já para **Carlos Burlamaqui Kopke**, a poesia augustiana apóia-se na expressão total do drama humano, colocando-o na mesma linha de Nietzsche, Pöe, Nerval, Baudelaire, Quental, Cruz e Sousa, Lautréamont, poetas de vida ciliciada, de angústia selvagem, de arte nutrida de dores, de desespero, de solidão e de loucura. Para Kopke, a obra desses poetas é a fonte de “prometeísmo moderno”, ou seja, deles originou a trágico moderno, que nesta tese mostramos no **Eu**, de Augusto dos Anjos. Na verdade, existe, para Burlamaqui um fundo e trágico sentido na obra de Augusto dos Anjos!²⁴¹

Kopke percebe no **Eu** uma “unidade de tempo” que se realiza em um dinamismo em profundidade ao mundo dos instintos e à consciência em constante expectativa, e a “unidade de ação” desenhada nos quadros dramáticos de sua própria arte, estão simultâneas, e mostram o homem em meio às suas reações diante da vida, dos seres e das coisas.

Augusto é o artista que em tudo vê o trágico da nossa insolubilidade. Em face desse trágico, a vida é recriada e destruída, o homem faz um esforço demiúrgico que não encontra redenção, portanto ocorre uma metamorfose do reino das lamentações para um grande desejo de morte, da grande morte que cada um leva consigo. Esse trágico é tão

²⁴⁰ Ibidem, p. 274.

²⁴¹ Ibidem, p. 151.

grandioso que o artista às vezes se retrai em face do psicológico que vê o centro unificador das coisas e as decifra. É, portanto, para Kopke, a poesia da desintegração das coisas. Augusto revela essa desintegração para que dela surja um renascimento da sociedade e uma retomada de valores, em que a moral esteja acima da política, e não como já ocorria naquela época, em que a vitória política ou o lucro nos negócios justificava qualquer caminho tomado, mesmo os mais ilícitos.”²⁴²

Realmente, a morte e a desintegração estão presentes em toda a obra de Augusto, como nestes exemplos: “fotosferas mortas”, “assisto à morte de um inseto”, “Morte, ponto final da última cena”, “à morte desgraçada dos açougues”, “na solidão da Natureza morta”, etc. Mas a morte no **Eu**, além de ser a finalidade da vida neste mundo, é também o sinal da metamorfose, do renascimento, pois é preciso morrer a semente para nascer nova planta.

Em Augusto os universos se interpenetram e revelam os quadros dramáticos de uma humanidade real, que busca a autopunição e cuja existência é justificada somente pela morte. Para esse crítico, acontece no **Eu** uma apreensão “agressiva” da realidade, em que o poeta intervém interpretando-a. Seria uma espécie de “metafísica do desespero”, já um prenúncio dos males da modernidade.

A consciência aí intervém, mas não muda os valores dessa realidade, apenas separa o que é instinto e o que é conhecimento, por isso Kopke alerta que o mais flagrante no **Eu** é a verossimilhança dos seres e das coisas, de par com a verossimilhança interior, essencial.

As afinidades de Augusto dos Anjos com Antero de Quental surgem, então, através de poemas como **A idéia, O lamento das coisas, O meu nirvana, Caput immortale, Louvor à unidade, Suprême convulsion e Queixas noturnas**.

A expressão poética em Augusto, conforme Kopke, apóia-se “na expressão total do drama humano.”²⁴³

Já na parte estética, a beleza no **Eu**, para Kopke, está entre o desenvolvimento temático e as sensações táteis, acústicas e ópticas. Augusto tentou construir uma linguagem

²⁴² Ibidem, p. 152.

²⁴³ Ibidem, p. 150.

dentro da linguagem. Poderíamos dizer que trabalha de forma metalingüística? Para um sentido metafísico da vida, o emprego de uma metalinguagem? É apenas uma das centenas de indagações que nos vêm com este trabalho.

Ainda nesse aspecto, Kopke observa que Augusto está entre os primeiros poetas da língua portuguesa, pois empregou em seus poemas vocábulos proparoxítonos e mostrou o domínio dos decassílabos, trabalho difícil, que requer extrema habilidade poética.

Wilson Castelo Branco, em **A poesia de Augusto dos Anjos**²⁴⁴, afirma que Augusto não pode ser considerado egocêntrico, pois todas as mazelas que critica nas pessoas, aponta em si mesmo, como decorrências inevitáveis dos sucessivos estágios por que o ser humano passa com sua evolução espiritual. E tomando consciência dessas fraquezas, espera que, no futuro, o homem universal vença o indivíduo que ele fora no passado, ou seja, a humanidade como um ser único, sem desigualdades ou injustiças, deveria substituir os propósitos e atitudes egoístas do ser humano, que sempre prejudicam o coletivo. Seria esta a finalidade da evolução espiritual do homem: aniquilar o próprio “eu”, em benefício do “Eu” coletivo.

É, de certa forma, uma crença na unidade dos seres, que inevitavelmente se dará no futuro da humanidade, se desejar alcançar a perfeição. Há nele, observa Castelo, o pensamento de Pascal: o homem como ser grande e ao mesmo tempo miserável, a presença da dualidade causadora do sofrimento humano, que só pode ser eliminado quando for atingido o equilíbrio entre esses dois pólos extremos. A filosofia budista também se encontra presente em Augusto, com essa busca do “caminho do meio”, do nirvana, mais de uma vez presente ou sugerido na obra.

Observa também **Castelo Branco** que as razões mais profundas e universais do prazer estético estão, em Augusto, realmente na poesia, que é a fonte da grande mensagem de Beleza que brota do Eu, construindo um mundo estranho e absoluto de percucientes expressões formais e existenciais.²⁴⁵ Concordamos com esse parecer, pois o poeta expressa essa concepção também em sua prosa, como mostraremos mais adiante

²⁴⁴ Ibidem, p. 160.

²⁴⁵ Ibidem, p. 160.

nesta tese. E a poesia, realmente, nasce em espíritos amorosos e em estágios superiores de evolução.

Enfim, Augusto sabe utilizar os instrumentos menos poéticos da linguagem e, através deles, perpetuar a poesia além de seu tempo, numa luta contra a incapacidade da compreensão humana diante do mistério da criação.

Fausto Cunha é outro crítico a pontuar aspectos essenciais na obra augustiana. Para ele, o poeta paraibano traz o sopro de uma nebulosa tragédia²⁴⁶. Considera os versos de Augusto um produto extremo de saturação parnasiana, e acrescenta que, apesar disso, o povo continuou fiel à sua misteriosa admiração, resistindo mesmo à chegada do modernismo e à situação de analfabetismo do país. Aqui gostaríamos de fazer uma observação: Augusto busca a regeneração, e mesmo dando a impressão de parnasiano, às vezes, sua obra é exatamente uma ironia à poesia parnasiana, que era a “estética do Belo”. O que faz o poeta é uma tentativa de resgatar as formas clássicas – daí a semelhança com o parnasianismo -, porém trazendo consigo o trágico, de forma modernizante. Em nossa concepção, o Poeta da Morte foi o mais moderno em sua época e ninguém mais conseguiu, na literatura brasileira, fazer esse resgate do trágico de forma tão inusitada como ele.

O mais importante da crítica de Cunha é uma observação que se casa perfeitamente com o resultado de nossas análises: o prefácio de Órris Soares, para Fausto, deve ser afastado do **Eu**, pois, conforme o crítico, nada fala de significativo a respeito de Augusto ou da obra. É blá-blá-blá obsoleto. E acrescenta: “Que o queridíssimo Órris me perdoe esta afirmação, mas ele não tem o direito de permanecer grudado a um livro como o **Eu**. Não é o mesmo caso do prefácio de Euclides da Cunha para os **Poemas e canções** de Vicente de Carvalho, em que o prefácio e o autor são mais interessantes do que o livro e o poeta.”²⁴⁷

Consideramos esse trecho altamente revelador, no sentido em que nos aponta a atitude de Órris, que parece conseguir notoriedade a partir do momento em que seu nome passa a ser atrelado ao de Augusto. O próprio Augusto escreveu, em poemas para o **Nonevar**, como também demonstraremos adiante, críticas ao “burguês” Órris Soares e a

²⁴⁶ Ibidem, p. 165.

²⁴⁷ Ibidem, p. 166.

seu desejo de fama. Só não concordamos com que esse prefácio seja tirado do Eu, pois é um valioso documento de como se constrói uma imagem oficial de um intelectual que se torna *persona non grata* em seu meio...

A partir dele, abre-se a possibilidade de uma intensa pesquisa na Paraíba, sobre a época ainda confusa da expulsão do poeta de sua terra natal, ou seja, de 1909 a 1911, cujas notícias de jornal estão faltando nos arquivos que pesquisamos em São Paulo e nas buscas que já fizemos na Paraíba, através de outros contatos. Essas notícias e a correspondência de Augusto com a mãe e amigos de lá são fundamentais para se resgatar a história dessa época na vida do poeta, cuja aflição certamente teve início após o inflamado e ousado discurso de 13 de maio de 1909, no Teatro Santa Rosa. O maior problema é que em 1910 houve a Revolta da Chibata, cujas conseqüências foram terríveis, portanto a imprensa foi censurada e muitos periódicos foram recolhidos e impedidos de circular, daí a dificuldade para encontrá-los.

Mas o que houve com Augusto no Rio de Janeiro, se ele mesmo e alguns biógrafos afirmam que escrevia para jornais cariocas? E o círculo de amizades que certamente fez, pelo que nos diz Oiticica? Nenhuma linha teria ficado com nenhum amigo? São questões que embaraçam a pesquisa na tentativa de encontrar respostas de grande importância para este trabalho!

Retomando a crítica de Cunha: a riqueza da obra augustiana é também formal, pois o poeta utiliza decassílabos que influenciaram os pós-modernos e poetas como Jorge de Lima. Os sonetistas nordestinos das gerações mais novas apresentam em suas composições a influência do poeta paraibano. Na verdade, em meio à pesquisa, encontramos alguns cordéis para Augusto dos Anjos, todos falando de sua vida infeliz. Cunha também salienta a importância da orquestração dos versos na obra de Augusto, através de aliterações, assonâncias e outros recursos; faz homenagem à “subcrítica” e afirma haver mudado seu ponto de vista sobre Augusto a partir da leitura da crítica de Humberto Nóbrega. Começou, então, a desconfiar de que a visão de Órris e Torres, puramente trágicas, era um tanto falsa, ou incompleta, pelo menos.

O poeta não se entregara desarmado à sua tragédia: enfrentara-a sabendo de sua inutilidade de burla. Não era uma paixão e morte nietzschianas, era uma visão dialética da

realidade, temperada com a ironia *fin-de-siècle*, dos haeckelianos que julgavam ter atingido o ápice da ciência.

Cunha diz de Augusto o mesmo que Nabuco dissera de Euclides da Cunha: escrevia “com cipó”, ou seja, nas palavras do próprio crítico augustiano, os versos de 1908 são escritos a cipó.²⁴⁸ Exatamente aqueles produzidos em um período turbulento para o poeta, já no prenúncio do desfecho que seria o exílio da terra natal. Mais adiante, nova referência à moda de Euclides, ao estabelecer a comparação entre a obra de Augusto e a de Cesário Verde: Na melhor das hipóteses, Cesário Verde foi o “arbusto” de onde o paraibano ergueu seu alto vôo. Euclides, em carta a um amigo, disse necessitar, assim como algumas aves, de um arbusto para lançar seu vôo.

Augusto é um verdadeiro poeta, pois este é a universalidade das idéias vibrando num espírito lúcido, identificado com o mundo real, de onde retira o necessário para a materialização de seu mundo subconsciente. Cunha ainda salienta a importância do estudo do bestialógico presente na obra de Augusto, que o aproximaria de Artaud, Jarry, Baudelaire, Verlaine e Rimbaud. Encontramos grande aproximação de Augusto com Rimbaud, mas é impossível abordar este assunto aqui, é mais uma questão que deixamos a ser explorada.

Fausto tem a visão, na obra augustiana, de combate ao parnasianismo e instauração de uma nova ordem, daí por que acreditamos haver ele lutado por um novo Renascimento na literatura. Enquanto o parnasianismo buscava no verso uma espécie de “válvula de escape” para a realidade, refletindo, portanto, uma sociedade superada em seus conceitos, Augusto representava o espírito novo, que não precisava de mentiras metafóricas para andar pelo caminho da poesia.²⁴⁹

Para exemplificar, Fausto mostra um quarteto em que, de um lugar-comum didático o poeta desenterra um elemento plástico de beleza, obtendo, com isso, uma síntese fenomenológica admirável. Eis o quarteto: “Como que havia na ânsia de conforto / de cada ser, ex.: o homem e o ofício, / uma necessidade de suicídio / e um desejo incoercível de ser

²⁴⁸ Ibidem, p. 167.

²⁴⁹ Ibidem, p. 168.

morto!²⁵⁰ Aqui, o uso de “ex.!” – desta forma, abreviado, é quase uma atitude iconoclasta perante o parnasianismo vigente na época, ao qual Augusto se opunha, como ele mesmo afirmou em crônicas publicadas, além de haver negado seu voto a Olavo Bilac na eleição para o “Príncipe dos Poetas”.

Outros exemplos ainda são citados, como a visão que ironiza a lua dos parnasianos, que sempre “palpita e resplandece”, ou é “rainha da noite”, “protetora dos enamorados”, mas para Augusto, em determinado momento, é um paralelepípedo quebrado,³¹⁸ é “lua cheia” que parece “sinistra” ou é “globo de louça”! Além de modernos, esses versos trazem objetos representativos da modernidade, e não ainda muito difundidos: o paralelepípedo, globo de louça. Não seria a imagem da modernidade destruindo a natureza? Eis aqui mais uma questão para investigar, ou seja, o quanto existe desse vocabulário do moderno em Augusto e o quanto ele serve – se servir – para indicar a modernidade devorando a natureza.

Já **Antonio Houaiss**, em sua **Reportagem Cinqüentenário da morte de Augusto dos Anjos**²⁵¹, afirma que há críticos que lembram, estabelecendo cruzamentos do **Eu**, de obra do mesmo título, de Alfredo Pimenta, português que a publicou no início do século (cuja data não é mencionada); há os que aproximam o poeta paraibano dos expressionistas alemães, pela composição cosmopoética, ou até mesmo dos surrealistas, ou então a uma herança de Antero de Quental, Mendes Leal, Cesário Verde e Antônio Nobre, mais nossos cientificistas, inclusive o próprio Sílvio Romero. Nossa pesquisa aponta que todos têm uma parcela de acerto, pois Augusto tem em si uma enciclopédia, mas não assume, ao mesmo tempo, a exclusividade da poética de nenhum deles. Nele vários poetas, pensadores, ensaístas e ficcionistas se mesclam, às vezes dois ou três deles no mesmo poema. Augusto é grande por ser ele mesmo, esta é uma afirmação que não tememos emitir, e o que demonstraremos também nesta tese.

Uma observação de Houaiss que consideramos bastante pertinente é a de que Augusto propunha uma necessidade de comunhão-comunicação através de uma afirmação-expressão que portasse um caso como exemplaridade humana, não total mas contingente,

²⁵⁰ Ibidem, p. 169.

²⁵¹ Ibidem, p. 170.

para a construção dos homens eternamente “in fieri”. Augusto seria compreendido pela intuição popular e pela crítica, a partir do momento em que esta percebesse que a literatura é bem mais humana quanto mais for universal, ou seja, multifacetada em suas visões, expressões e comunicações.

Eudes Barros publica, em **Diário de Notícias, Suplemento Literário**²⁵². Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1964, o artigo **Aproximações e antinomias entre Baudelaire e Augusto dos Anjos**. Nesse artigo também discorre sobre hipotéticas leituras feitas por **Augusto**, mencionadas já por outros biógrafos do poeta paraibano, mas não traz à luz nenhuma comprovação a respeito. O que podemos citar de Barros é que em Augusto, assim como em Baudelaire, está presente o sublime escatológico, resultante da junção do satânico, do trágico e do repulsivo com os símbolos mais convencionalmente cultuados da Moral e da Estética. Não entraremos aqui na questão das semelhanças ou diferenças entre Augusto e Baudelaire, assunto evocado por Eudes, porque não caberia neste trabalho.

Elbio Spencer, em seu estudo publicado no **Jornal do Comércio**, Recife, 7 de abril de 1967, **Augusto dos Anjos num estudo incolor**²⁵³, também traz uma contribuição importante à compreensão da obra augustiana: no seu entender, o poeta mostrava que a dor era a máxima motivação para a solidariedade universal, pois ela, imperando sobre a natureza, tocava a todos, que através dela se irmanariam. Para Spencer, Augusto criou um ensaio poético de cunho amoroso, que não cai no ridículo justamente por ser amparado pelo arcabouço da ciência, mas que exterioriza a dor universal que se apossa do ser humano, sem distinção de cor, raça ou nacionalidade.

Um dos consagrados nomes dessa crítica é **Anatol Rosenfeld**, com **A costela de prata de Augusto dos Anjos**.²⁵⁴ A primeira grande observação desse crítico a respeito do **Eu** é a sedução pelos termos científicos de que sofre a poesia de Augusto, de termos que formavam o jargão dos médicos e que marcaram o início da literatura alemã moderna. Faz aproximações entre Gottfried Benn, que publicou em 1912 um poema chamado **Morgue**, e Georg Heym, autor de **Autópsia**.

²⁵² Ibidem, p. 174.

²⁵³ Ibidem, p. 198.

²⁵⁴ Ibidem, p. 180.

Há uma frase de Heym que pode explicar essa tendência pelo grotesco: “A nossa doença é vivermos no fim de uma era, num crepúsculo que se tornou tão sufocante que já não pode suportar a exalação do apodrecimento.”³²²

Para Rosenfeld, Augusto e outros dessa linha deixaram composições que poderiam ser chamadas de poesia de necrotério, na qual se disseca e desmonta “a glória da criação, o porco, o homem”. É uma poesia que pretende desintegrar o estreito e superficial mundo burguês, tirando suas máscaras, mostrando a podridão existente embaixo delas. Considera a influência de Schopenhauer bem mais significativa do que a de Haeckel e Spencer, no caso de Augusto.

O poeta busca a palavra dura e consistente, que não fizesse parte do discurso então utilizado por uma sociedade já corrompida, para que tivesse o poder de exprimir e superar as visões da podridão. Parece-nos mesmo que a utilização desse recurso, no Eu, permite também que o poema se coloque como “a voz da verdade”, uma vez que é a voz dos oprimidos.

Na obra comemorativa dos 80 anos da morte de Augusto dos Anjos, publicada pelo governo da Paraíba, intitulada **Augusto dos Anjos, a saga de um poeta**, Eduardo Portella nos fala, em **Uma poética da confiança**²⁵⁵, que o **Eu** se projeta como um “avatar de radicalização da modernidade.” Os sintomas da decadência expressos nesses poemas são apenas sinais do esgotamento local do mundo burguês-liberal, virtuoso do paradoxo, que agonizava mas também, ao mesmo tempo, indagava e pesquisava.

Chico Viana apresenta uma importante visão crítica a respeito da alegoria na obra de Augusto, que confirma as nossas análises, em **A alegoria em Augusto dos Anjos**.²⁵⁶ Em seu texto, ele destaca a divisão feita por Hansen, em alegoria retórica e hermenêutica ou interpretativa. Uma é a representação/personificação de abstrações em metáforas; a outra, um modo de interpretar os textos sagrados. A partir dessa diferenciação, ele fica com a primeira, ou seja, a de expediente retórico, que se opõe ao símbolo e reflete a crise do sujeito após o período renascentista.

²⁵⁵ *Apud* **A saga de um poeta**. Murilo Melo Filho e Juca Pontes (orgs.). Rio de Janeiro: Editora Gráfica Brasileira; Fundação Banco do Brasil; João Pessoa, PB: Governo do Estado, 1994, p. 65.

²⁵⁶ *Ibidem*, p. 74.

Após a “queda” humana do Paraíso, instaura-se a dualidade corpo X alma, e o corpo deixa de ser o ideal de harmonia e beleza, portanto sua essência vai aspirar ao desmedido, ao excessivo, e é nesta estética que se caracteriza a alegoria e a arte barroca.

Importante é a observação de Chico: “culpa, excesso, desejo de construir uma nova ordem são marcas da poesia de Augusto dos Anjos.” Concordamos com essa afirmação, como também com a aproximação que ele estabelece entre a obra de Augusto e o drama barroco alemão.

Na alegoria, afirma Viana, a história e a natureza se confundem, numa “figuração de ruínas, pois, a alegoria constrói o mundo a partir de um “esquartejamento” que faz dele, construindo-o com as ruínas e fragmentos. A alegoria é própria da estética de fragmentação e de ruptura; ela não persegue o harmônico, mas se volta para aquilo que pretende resgatar e faz esse resgate de forma alegórica, procedendo à salvação das ruínas no processo de transfiguração do real para o alegórico.

A obsessão da morte é um traço marcante da alegoria, pois, conforme Benjamin, “a alegorização da *physis* só pode consumir-se em todo o seu vigor no cadáver”. Rouanet destaca a morte como conteúdo mais geral da alegoria barroca. É próprio desse alegorista ver as ruínas nos objetos e o cadáver potencial nas pessoas.

Viana revela, ainda, a intertextualidade encontrada entre os versos de Cristoph Männling, que vê o mundo como “uma grade loja/um posto aduaneiro da morte/em que o homem é a mercadoria que circula”, e os de Augusto em “... a morte.../é a alfândega, onde toda vida orgânica/ há de pagar um dia o último imposto!”

O que não sabemos é se Augusto certamente nunca teria lido Männling, como diz Viana, pois esse poeta alemão publicou duas obras sobre a arte poética, uma delas em 1685, **Europäischer Parnassus**, e era admirador de Lohenstein, e o poeta paraibano era bastante ligado à cultura alemã, portanto não causaria estranhamento se ele conhecesse os escritos do poeta alemão!

Ferreira Gullar²⁵⁷ é outro que aponta em Augusto influências parnasianas no verso conciso, ritmo tenso e tendência ao prosaísmo e à filosofia; laivos simbolistas, como palavras-símbolo com maiúscula, aliteração, alguns valores fonéticos e melódicos.

Quanto à característica de modernidade na linguagem, Gullar compara Augusto a Sousândrade, que lhe antecederia com o **Guesa errante**, mas que permaneceu no esquecimento, ao contrário de Augusto, que é aceito até mesmo pelos mais afeitos ao modernismo de 22. Esta característica certamente se dá pela irreverência e pelo impacto causados por seus versos ao leitor que com eles se depara pela primeira vez.

Gullar defende ainda que a novidade no estilo augustiano está no radicalismo que a leva ao rompimento com as convenções verbais e sociais da poesia, exaltando a podridão dos cemitérios e a vulgaridade dos prostíbulos e, ao mesmo tempo, investi-las de poesia, enquanto se ampara numa linguagem científica que ameaça de datar a obra, porém, ao mesmo tempo, dá a ela a “autoridade da ciência”.

Porém o moderno mesmo em Augusto, para Gullar, está não só no rompimento que fez com o belo poético da época, mas também na causa desse rompimento, que é uma nova visão de mundo, em que já não cabem as metáforas parnasianas, nem os símbolos ou idéias utilizados até então na literatura, pois já não representavam a realidade do mundo burguês. O poeta, nesse mundo de Augusto, é como o albatroz de Baudelaire: já não vive distante, em vôos incomensuráveis, mas desce ao chão e percebe que não pode fugir mais da realidade, devendo transformá-la. A nova linguagem poética é, então, aquela que desmistifica a realidade e o ser humano, como resultado do progresso técnico-científico e do sistema capitalista, que explora o ser humano.

Revelar essa realidade significa desmascarar também a linguagem poética, mostrar o aumento da consciência do poeta a respeito da expressão lingüística adequada à expressão de um mundo complexo, concreto e dinâmico, afirma Gullar, a que nós acrescentaríamos consumista e cujas transformações ocorrem em velocidade cada vez maior. E a sonoridade da poesia de Augusto nos transmite essa idéia de velocidade, talvez por isso continue cada vez mais aceita pelo público.

²⁵⁷ GULLAR, Ferreira. **Toda a poesia de AA**. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

A atitude poética só terá eco e sentido se não for construída sobre um discurso vazio, que apenas resvala na superfície das coisas. Augusto faz exatamente o contrário: num discurso aparentemente vazio de sentidos, ele embute mensagens de grande profundidade, reflexões eternas a respeito da condição humana.

Para Eliot, criar um poema apenas com elementos poéticos provoca a eliminação do processo dialético responsável pela metamorfose das palavras, o que significaria o fim de toda a poesia, lembra Gullar. A poesia só pode ser escrita enquanto conserva alguma impureza, diz ainda Eliot.

A poesia completamente “pura” renunciaria ao propósito que leva o poeta a escrever: expressar a contradição entre o sujeito e o mundo. Se a poesia não for esforço de superação desse conflito, desconhecerá a natureza real do problema. Por este motivo é impossível haver uma “forma poética”, mas ao mesmo tempo nenhuma poesia pode ser inteiramente nova. Se for excluído da poesia o prosaico, cessará sua ligação com o mundo real – que é a matéria a ser transformada – e, portanto, a transformação. O que já está transformado não tem interesse para a arte, diz Chklovski, portanto, o lugar em que acontece essa transfiguração é o poema, a arte. É possível perceber, aqui, a confluência com o pensamento de Augusto, para quem só a Arte seria a salvação para a humanidade – conceito antigo, que nos remonta à concepção aristotélica de *mimese*, mas ao mesmo tempo conceito defendido pela modernidade, mais um ponto positivo para a crítica da obra augustiana.

A prosa, defende Gullar, é a expressão de um mundo que já sofreu transformação, enquanto que a poesia tenta resgatar a experiência viva do objeto e de seu propósito. O poeta não quer somente falar dos objetos, o poema é, para ele, o lugar onde a experiência se dá concretamente. E para chegar a isso o poeta moderno utiliza recursos como construção sintática inusitada, ruptura do ritmo espontâneo da linguagem, palavras que se chocam, neologismos, construção de imagens, enumeração desordenada, mescla de formas verbais, coloquiais e eruditas, de palavras vulgares com vocábulos poéticos, etc. Para Gullar, alguns desses aspectos já podem ser encontrados nos versos de Augusto.

A tendência moderna é de dificultar o fluir do discurso e arquitetá-lo a partir de palavras substantivas, cheias de vida, de vidas maculadas e de palavras corriqueiras. A

consciência do caráter incerto, histórico, situado, da existência é a consciência moderna, que em Augusto é um dos traços mais constantes, afirma Gullar.

Um grande estudioso atualmente da obra augustiana é **Antonio Arnoni Prado**, que observa haver Augusto sofrido uma crise de identidade que antecipou os principais conflitos surgidos com a modernidade.²⁵⁸ Lembra também a busca incessante do poeta paraibano pelo equilíbrio entre a razão e o sentimento, que no **Eu** consideramos como o conflito entre o órfico e o apolíneo.

Arnoni aponta ainda o impacto causado pela fusão entre a lírica e a ciência, que esquadrinha, nas oposições que se coincidem, a chave temática de um novo estado poético, esdrúxulo e dissonante, fragmentado pela experiência do dualismo e marcado por antagonismos inconciliáveis, lembrando Anatol Rosenfeld.

O fato de afirmar que o poeta chega à poesia como se descesse ao inferno de Dante também é um aspecto que Arnoni pontua, esclarecendo que o poeta se move por uma espécie de fome ancestral da decadência que transcende de muito o anti-humanismo programático do herói decadentista, mesclando ao verbo esotérico dos simbolistas a distância acadêmica dos parnasianos e a insubordinação dos modernos.

Como cita Arnoni, no **Eu** o poeta é um trágico demiurgo, pois se coloca acima da humanidade e tem o poder de manipular todas as substâncias, a cidade é vista como uma cascavel peçonhenta de morféticos convertendo a civilização numa imensa chaga, como ocorre em **Os doentes**; a presença do fatalismo, segundo o qual o universo será desintegrado numa glutoneria hedionda e no próprio esgotamento do cosmo (visão mais atual do que nunca); vê na obra de Augusto a dimensão do mito em oposição ao tempo linear cristão; o poeta aprimora uma estética nova de reprodução e desenvolve uma gramática dos sentidos meticulosamente transposta para a sintaxe dos odores, dos ruídos e do próprio tato presentes nos versos do poeta paraibano.

Em **Um fantasma na noite dos vencidos**, Arnoni faz outra observação interessante sobre Augusto: através desse novo estado poético, esdrúxulo e dissonante, como observou Rosenfeld, é possível investigar a vertente que o leva ao âmago da poesia, pois nessa

²⁵⁸ PRADO, Antonio Arnoni. **Um fantasma na noite dos vencidos**. Introdução ao **Eu e outras poesias**, de Augusto dos Anjos. Introdução, organização e fixação de texto de A. Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

origem se faz o deslocamento do poeta para outro plano imaginário, que se aproxima do Decadentismo, mas que ainda rende seus tributos à dualidade da alma do herói romântico, cujo misticismo o leva a diluir o indivíduo em um Todo, embora a razão continue atuando nele. Daí a frustração frente ao problema essencial da natureza humana, o que o leva a mascarar a derrota como um luxo do homem superior cuja morte trágica equivale à compulsão trágica e magnífica de todo grande ideal e de toda grande paixão. (GOBETTI, 1971, p. 57-58).²⁵⁹

Sérgio Alcides, prefaciando a edição do **Eu e outras poesias** da Ática, elabora, em “Augusto dos Anjos e o **Eu** universal”²⁶⁰, uma crítica acessível a alunos do Ensino Médio, mas substancial em algumas pontuações, como o fato de o livro de Augusto haver chegado às livrarias num momento em que a poesia brasileira encontrava-se estagnada e em que grande parte dos poetas se limitava a reproduzir as formas parnasianas em poemas tão vazios quanto à elite burguesa da época.

Alcides registra o fato de Bilac ter sido, naquela época, eleito como o “Príncipe dos Poetas” (em 1913, pela revista **Fon-Fon!**), mas não diz que Augusto foi um dos poucos votos contra aquele poeta, como está registrado na própria revista. Concorde que o estilo do poeta paraibano é resultado de toda gama de leitura feita por ele, sem que se apegasse a alguma corrente em particular.

Em Augusto, diz ele, a palavra “e” tem mais valor de substantivo do que de pronome. Também avisa o leitor que é necessário separar o “eu” que fala na poesia do “eu” do autor, ou seja, a pessoa do autor da *persona* do poeta.

Quanto aos críticos, lembra que usaram de todos os meios para tentar compreender o **Eu**, mas se esqueceram de afastar o olhar preconceituoso do burguês, para encontrar o sentido mais profundo da obra.

Podemos concluir que, em obras como a de Augusto, é preciso que a crítica se desarme de toda a subjetividade, que tenha, principalmente, a humildade diante da grandeza dessa composição literária, que não pode ser vista como tantas outras daquela época, nem

²⁵⁹ *Apud* PRADO, Antonio Arnoni. **Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p. 185.

²⁶⁰ ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. Apr., notas e comentários Sérgio Alcides. São Paulo: Ática, 2005.

menosprezada pela primeira impressão que causa no leitor. Nesse ponto, o **Eu** é, realmente, a “montanha monstruosa a se galgar”, como dizia Soares. Nessa escalada é preciso, porém, extremo cuidado para que os abismos do texto não nos provoquem uma queda mortal!

Enfim, haveria muitos outros críticos a citar aqui, e consideramos todos esses aspectos pontuados na crítica social em nossa análise, no entanto o crítico em que mais nos baseamos é Hardman, no artigo **Anarchist Dreams: The SOS of the Titanic Echoes throughout the seven seas**²⁶¹, por nos parecer a crítica mais profunda e consistente do **Eu**, somada às outras anterior e posteriormente publicadas por esse pesquisador.

Segundo Hardman, essa obra é uma elegia à civilização humana, e revela uma inexorável decadência da vida e do espírito. Apresentando imagens simbolistas e evidências decadentistas, utilizando o vocabulário cientificista da época, mesclado ao drama expressionista, sua poética retorna aos moldes românticos e há nela certo niilismo anarquista, próprio daquele final-de-século, oriundo da França e da Alemanha, impactando o cenário cultural brasileiro.

Hardman salienta que, além de José Oiticica, poucos críticos perceberam esse veio anarquista em Augusto, mas no **Eu** está presente a base da crítica histórica e social. Cita poemas como **Os doentes e Lázaro da Pátria**, que relatam, de modo trágico, o genocídio dos indígenas ocorrido no processo de colonização do Brasil. Em **O canto dos presos**, o poeta fala dos lamentos anônimos dos prisioneiros e em **Ricordanza della mia Gioventù**, o italiano é propositalmente utilizado para tecer um protesto anti-escravocrata, sublimando as memórias de sua ama-de-leite, Guilhermina.

Lembra Hardman do complexo discurso de 13 de maio de 1909, no Teatro Santa Rosa, de cunho claramente anarquista, insurgindo-se contra o estado moderno e repressivo à autonomia da humanidade no século XX. Em **As cismas do destino**, Augusto denuncia a inversão na ordem cósmica, consequência da errônea divisão social e da inversão de valores:

²⁶¹ *Apud Vanitas 2: Anarchisms*. Edited by Vincent Katz. Contr. Ed. Martin Brody, Jordan Davis, Elaine Equi. Cover by Kiki Smith. Printed by McNaughton & Gunn, Inc. in Saline, Michigan. ISSN 1993-8988, p. 8.

O mundo resignava-se invertido / Nas forças principais do seu trabalho... / A gravidade era um princípio falho, / A análise espectral tinha mentido!
O Estado, a Associação, os Municípios / Eram mortos. De todo aquele mundo!
Restava um mecanismo moribundo / E uma teleologia sem princípios.²⁶²

Hardman estabelece um feliz paralelo entre “as vozes das vítimas” em Augusto dos Anjos e **The Titanic’s Message**, publicado pelo judeu germânico anarquista **Gustav Landauer**, com a qual desejamos encerrar este capítulo:

A humanidade ainda não chegou, está apenas começando. Viver na injustiça é viver falsamente; a vida falsa é uma vida morta. Então precisamos ir, corajosa e passionadamente, viver a vida, a humana vida, esta é a mensagem que o Titanic nos deixou.²⁶³

²⁶² ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 80.

²⁶³ Apud LANDAUER, Gustav. *Anarchism in Germany and Other Essays*. San Francisco: Barbary Coast Collective, n/d, p.10.

CAPÍTULO II

AUGUSTO DOS ANJOS E A REVOLTA DA CHIBATA

*É a prosódia do cárcere, é a partênia
Aterradoramente heterogênea
Dos grandes transviamentos subjetivos.
(AA, O canto dos presos)²⁶⁴*

Neste capítulo, nosso objetivo é mostrar que o poeta paraibano vivenciou, no Rio de Janeiro, uma revolta que não só assustou a população como também foi palco de aberrações, de castigos e execuções sumárias, sem julgamento ou condenação de nenhum culpado. Foram momentos de censura à imprensa, quando os jornais foram recolhidos das bancas assim que distribuídos, e mandados à incineração, para que a versão dos fatos, divulgada pela imprensa que apontava os responsáveis por aqueles horrores, não permanecesse para a História. Desta forma, foram ocultadas todas as versões contrárias à versão oficial.

Um exemplo de como a versão oficial dos fatos ficou registrada, basta citar a mensagem do Presidente Hermes publicada no Diário do Congresso Nacional, da quinta-feira, 4 de maio de 1911. Eis alguns fragmentos:

Como sabeis, terminava apenas a primeira semana do meu Governo, quando uma estranha e injustificada indisciplina de marinheiros, pôs nas mãos de homens rudes e incultos as duas mais poderosas unidades navais que a Marinha brasileira possui [...] tais movimentos eram frutos da grande anarquia que reinava nos espíritos, especialmente nas camadas inferiores, pela campanha subversiva e má que de longos meses vinha trabalhando a Nação.

[...] Armado com o Estado de Sítio, não teve o Governo necessidade de praticar violências contra quem quer que fosse [...], respeitando todos os direitos e liberdades, e abstando-se, sequer, de constranger os seus mais tenazes opositores.²⁶⁵

²⁶⁴ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 338.

²⁶⁵ Documento em meio eletrônico, disponível no endereço acessado em 24/06/2009, às 23:00h: http://imagem.camara.gov.br/dc_20b.asp?selCodColecaoCsv=D&DataIn=4/5/1911

Emudeceram-se muitas vozes naquela época. Veio a Semana de Arte Moderna, em 1922, derrubando quase toda a produção literária riquíssima – particularmente as de denúncia – da primeira década da República. As obras que se perpetuaram devem isso ao público leitor, algumas poucas por caírem nas graças dos críticos da época, mas são raras. As piores denúncias são encontradas hoje, com muita dificuldade, em obras raras que nem podem ser retiradas para leitura. Não houve reedição delas, nem se sabe ao certo se a única edição foi vítima de censura. Nem tudo permaneceu para ser contado às outras gerações.

É nesses espaços de silêncio que a literatura se torna a forma de dizer aquilo que não se pode falar abertamente. Nos tempos da ditadura militar que conhecemos, foram as letras das canções de Chico Buarque um dos meios de comunicação entre os jovens estudantes... De forma semelhante, a poesia de Augusto traz fragmentos de discursos pronunciados por Rui Barbosa, denunciando a falácia desse discurso oficial, o que nos permite estabelecer uma intertextualidade entre os dois, lembrando o que diz Massaud Moisés: “Ao percorrer com os olhos a anatomia da metáfora, estamos “vendo” a realidade ali aprisionada”, descortinando para nós a “díade inseparável do significante e do significado”.²⁶⁶

O poema não é certamente a História, mas traz em si uma condensação dos fatos reais, transfigurados pelo poeta, porém reunir alguns poemas e com eles formar o **Eu**, deve ter sido um impulso motivado pela situação do poeta, mas também por algum fato marcante, que lhe exigisse da consciência deixar a mensagem para a posteridade, da maneira que lhe fosse possível. Como os poemas escritos na Paraíba também traziam essa questão da dualidade e do conflito, um poeta de enfoque universalista perceberia a confluência das idéias que lhe permitiam as metáforas que empregava em seu fazer poético. Bastaria modificar alguns poemas e acrescentar outros, como fez Augusto, e teria um poema de essência épica.

O texto poético é, como diz Massaud Moisés, a “arena onde se digladiam duas formas de realidade, a descoberta e a recriada, numa tensão que é a própria essência da poesia.”²⁶⁷ Na leitura em que a realidade descoberta predomina, fala ele, tem-se a

²⁶⁶ MOISÉS, Massaud. Op. Cit., p. 221.

²⁶⁷ Ibidem, p. 222.

impressão de que a “poesia tenha desaparecido, em favor do texto científico”; quando a realidade recriada se apossa do texto, a poesia desaparece em favor da logomaquia, que é uma característica inerente à emergência da experiência moderna, no seu âmbito de diferentes dimensões do ser como as diferentes esferas da legitimidade da ação e do discurso.

O processo de leitura é dinâmico e se completa somente quando o leitor entra em conexão com esse conjunto formado pelo autor-texto-discurso, por onde transitam os sentidos possíveis de serem encontrados por ele. O crítico, embora trate o texto como um objeto de análise, procurando uma visão acadêmica, portanto de certa imparcialidade, não foge também de algumas tendências, como a visão ideológica da sociedade e dos discursos nela produzidos, nem dispensa a bagagem de conhecimentos já adquiridos para proceder à leitura crítica de uma obra.

No caso do texto poético, por ser polissêmico e apresentar uma linguagem calcada em metáforas ou alegorias, torna-se passível de tantas interpretações quantos forem os sentidos possíveis de serem construídos pelo leitor no momento da leitura. A crítica literária, desta maneira, pode assumir, entre várias posturas, aquela de ser a detentora da verdade, ou seja, de uma única interpretação possível, o que passa a lhe conferir, então, poder, mas que já não é aceita no meio acadêmico.

Exemplo disso foi o movimento de “regeneração” da sociedade, puxado por Jackson de Figueiredo e outros, através da revista **A Ordem**, com o apoio do Centro Dom Vital, cuja ação calou as vozes de denúncias que ecoavam pelo Brasil afora, espalhando os “modernismos”.

A crítica literária era dominada por pensadores que não seguiam o positivismo, nem a teosofia, nem outras linhas de horizontes mais abertos na época, o que provocou, no cânone, o esquecimento e a exclusão de grandes escritores que não conseguiam a publicidade necessária para outras edições. Enfim, no meio acadêmico, muitos foram “varridos” da literatura brasileira. Entre eles, Augusto dos Anjos, que foi retomado depois, por haver sido consagrado popularmente. Infelizmente esta é uma ameaça constante sofrida pelos intelectuais.

2.1. A REVOLTA DA CHIBATA – PRIMEIRAS OCORRÊNCIAS

Como relacionar os poemas do **Eu**, de Augusto dos Anjos, aos fatos da Revolta da Chibata? Eis o nosso maior problema nesta tese, portanto torna-se necessário explicar o que compreendemos por interpretação textual.

Por transitar, há mais de trinta anos, em uma área de intersecção entre a Teoria Literária, a História e a Linguística – até mesmo por necessidade profissional -, concluímos que o texto é, antes de tudo, dinâmico. Entendemos que um texto não é um produto feito, construído e fechado em si mesmo, portanto um texto literário só é percebido em sua riqueza a partir do momento em que algum crítico tenha mergulhado na camada textual mais profunda e encontrado sentidos que, geralmente, um leitor ingênuo e sem a preocupação de uma compreensão maior não encontra.

Sendo assim, o leitor crítico irá encontrar informações implícitas no contexto, ou melhor, no discurso, que é a soma do texto mais o contexto. Esses implícitos, assim como os pressupostos, estabelecem conexões com outros textos ou discursos já existentes, permitindo-nos perceber a intertextualidade entre eles.

A intertextualidade pode ser vista como uma relação implícita e/ou explícita com outros textos, constituindo, assim, um objeto heterogêneo, pois “todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis” (BARTHES, 1974, *apud* KOCH, 1991).

A intertextualidade provoca a polifonia, ou seja, a presença de diversas vozes no processo de interação verbal da linguagem e, segundo Ducrot (*apud* Koch, 1991), as diversas perspectivas, pontos de vista ou posições que se fazem presentes nos enunciados.

Assim, quando o poema traz um trecho como este, de **Minha finalidade**: “Na canonização emocionante, / Da dor humana, sou maior que Dante, / A águia dos latifúndios florentinos!”²⁶⁸, estabelece uma intertextualidade com um trecho de Rui Barbosa, cujo título é **Inferno de Dante**, que fala das torturas da “polícia dos verdugos” no governo Hermes da Fonseca, e aí essa conexão se estabelece através do nome citado: “Dante”, o

²⁶⁸ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 333.

grande poeta italiano, permitindo uma leitura cujos sentidos se constroem movimentando todo esse terreno discursivo que entremeia o poema: Dante Alighieri e sua obra, que traz a denúncia dos “latifundiários” de Florença. Obviamente, em Florença, as terras não poderiam ser consideradas “latifúndios”, porém, se considerarmos que o poeta utilizou a imagem dos maiores proprietários de terra florentinos para representar metaforicamente os latifundiários brasileiros, aí, então, chegaríamos a um significado que faz sentido para essa metáfora.

A polifonia é a presença de diversas vozes no processo de interação verbal da linguagem e, segundo Ducrot (*apud* Koch, 1991), as diversas perspectivas, pontos de vista ou posições que se fazem presentes nos enunciados.

Concluindo esta pequena introdução, todo discurso é, essencialmente, constituído de outros discursos e, com isso, cada texto é uma manifestação de já-ditos que podem ser apresentados de forma monofônica ou polifônica, conforme suas funções ideológicas ao longo do tempo. Augusto, no **Eu**, construiu um poema extremamente polifônico, que leva o leitor a um labirinto difícil de ser vencido, porém, ao mesmo tempo, abre-lhe um imenso leque de possibilidades de leitura e interpretação. O que mostramos neste trabalho é apenas uma dessas possibilidades, mas deixamos também apontados os vários caminhos para outras veredas interpretativas, além de sentirmos a necessidade de explicar quais cruzamentos encontramos entre o **Eu** e **Ruínas de um Governo**, para a melhor compreensão de quem se dispuser a ler esta tese e continuar esta pesquisa.

A opção desta tese foi por um texto que pudesse mais abrir novos caminhos para o estudo do **Eu** do que fornecer respostas, daí o risco de que seja julgado confuso ou fora de foco. Decidimos assumir esse risco, pois, mesmo que sirva apenas para consulta de outros pesquisadores e que nunca seja publicado, ao menos revelará aos possíveis leitores virtuais fatos que nossa história oculta e a grandeza de Augusto dos Anjos.

Vamos, agora, aos fatos da Revolta da Chibata, conforme Moacir Lopes, Afonso Arinos, Edmar Morel e Marco Silva.

O ESTOPIM DA REVOLTA

A baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, estava repleta de navios estrangeiros na manhã de 16 de novembro de 1910. As embarcações haviam aportado com autoridades para a posse do marechal Hermes da Fonseca na Presidência da República.

No encouraçado Minas Gerais, o maior navio de guerra brasileiro, atracado a poucos metros do cais do porto, o clima não era nada festivo. Ao raiar do dia, toda a tripulação fora chamada ao convés para assistir aos castigos corporais a que seria submetido o marinheiro Marcelino Rodrigues Menezes. Ele tinha ferido a navalhadas o cabo Valdemar Rodrigues de Souza, que o havia denunciado por tentar introduzir no navio duas garrafas de cachaça. Sua pena: 250 chibatadas.

Após ser examinado pelo médico de bordo e considerado em perfeitas condições físicas, o marinheiro Marcelino Menezes, conhecido como "Baiano", foi amarrado pelas mãos e pés e submetido ao castigo. Primeiro soaram os tambores. Em seguida, o comandante do navio, Batista das Neves, ordenou a entrada dos carrascos, que apanharam uma corda de linho e amarraram nas pontas pequenas e resistentes agulhas de aço. A guarda entrou em formação. Tiraram as algemas das mãos do marujo e o suspenderam, nu da cintura para cima, no "pé de carneiro", uma espécie de ferro que se prendia num corrimão²¹³. Os oficiais assistiram à cerimônia em uniforme de gala, com luvas brancas e armados de suas espadas. Alguns viraram o rosto de lado, para não ver a tortura.

Como já dissemos anteriormente neste trabalho, todo discurso se inscreveno “já-dito”, conforme Ducrot, e no **Eu** percebemos esse discurso estabelecer uma relação com fragmentos do discurso de **Ruínas de um Governo**, de Rui Barbosa, através de expressões conotativas semelhantes.

Em um dos longos poemas de Augusto, **As cismas do Destino**, há uma intertextualidade com o discurso que fala sobre esses castigos corporais, além de lembrar, ao mesmo tempo, versos de **Navio negreiro**, de Castro Alves : “[...] Os sanguinolentíssimos chicotes / da hemorragia; as nódoas mais espessas, o achatamento

ignóbil das cabeças, / que ainda degrada os povos hotentotes.[...]”²⁶⁹ No entanto, a referência não se restringe apenas ao marinheiro, mas a todo negro ou mestiço que não tinham outra saída a não ser o serviço braçal, o pior e o mais pesado. O poeta percebe que é sempre o mesmo acontecendo, os mais fracos, pobres e “diferentes” subjugados aos mais fortes, ricos e de ascendência européia.

Conforme Edmar Morel, em *A revolta da chibata*, o 2º sargento Eurico Fogo, uma das vítimas desse castigo, conta-lhe qual o procedimento:

O bandido (carrasco que aplicava a pena, NR) apanhava uma corda mediana, de linho, atravessava-a de pequenas **agulhas de aço**, das mais resistentes e, para inchar a corda, punha-a de molho com o fim de aparecer apenas as pontas das agulhas. A guarnição formava e vinha o marinheiro faltoso algemado. O comandante, depois do toque de silêncio, lia a proclamação. Tiravam as algemas do infeliz e o suspendiam nu da cintura para cima no pé de carneiro, ferro que se prendia ao balastrada do navio. E, então, Alipio, mestre do trágico cerimonial, começava a aplicar os golpes. O sangue escorria. O paciente gemia, suplicava, mas o facínora prosseguia carnicieiramente o seu mister degradante. Os tambores batiam com furor, sufocavam os gritos (...) A marinhada, possuída de repulsa e de profunda indignação concentrada, murmurava: - Isto vai acabar!. O marinheiro Marcelino recebeu as 250 chibatas assistidas por toda a tripulação do navio. Mesmo depois de desmaiado o flagelo continuou.²⁷⁰

Danúbio Rodrigues e Arthur L. de Oliveira Filho, no artigo **Em tempos de João Cândido**, descrevem o material usado nos castigos como varas-de-marmelho, cordas-de-barca ou linhas-de-barca (...), onde os carrascos punham agulhas e pregos pequeninos nas pontas, cobertos.²⁷¹

Em **Mistérios de um fósforo**, também há uma alusão às “agulhas”, lembrando a tortura: “Que mão sinistra e desgraçada encheu / Os olhos tristes que meu Pai me deu / De alfinetes, de agulhas e de pregos?!” O homem deu à corda uma “utilidade fúnebre”, lamenta o poeta em **As cismas do Destino**, pois vê esse objeto usado para arrastar a “rês, depois que a rês engorda, / à morte desgraçada dos açougues...” A rês, aqui, é a alegoria da vítima

²⁶⁹ Ibidem, p. 217.

²⁷⁰ Documento em meio eletrônico, em <http://www.florestaaurora.com.br/Almirante.htm>. Acessado em 20/03/2009, às 23:00h.

²⁷¹ In João Cândido, o Almirante Negro. Op. cit., p. 51.

do sacrifício, que aparece no **Eu** na figura do índio, do negro escravizado e do mestiço marginalizado pela sociedade aqui formada por europeus e seus descendentes.

Esboçaremos rapidamente o que foi essa revolta da Marinha, que ocorreu dias depois da posse de Hermes da Fonseca à presidência, após uma campanha que dividiu o Brasil em civilistas e militaristas e terminou com uma vitória não muito bem esclarecida. O porto do Rio ficava cada dia mais movimentado, a cidade era “saneada”, construíam-se prédios e casas, derrubando pardieiros e cortiços, desabrigando-se centenas de famílias, como já dissemos nos capítulos anteriores.

Mas uma chaga permanecia sempre, por mais que se modernizassem os centros urbanos: o estigma do racismo, que atingiu até a classe operária. Os trabalhadores negros foram sendo “empurrados” para o serviço na estiva, nas pedreiras ou para qualquer lugar em que fosse necessária a força bruta, que a raça negra carregava como um estigma seu. Em péssimas condições de trabalho e alimentação, juntava-se o peso da omissão das leis que regulamentassem a disciplina desses trabalhadores.

Os anarquistas já lutavam contra a exploração do homem pelo próprio homem, ecoando as palavras que vinham dos teóricos europeus, que chegavam ao Brasil em meio a caixotes de bacalhau e vinho, conforme Rodrigues e Oliveira Filho.²⁷²

No Rio, circulavam dezenas de jornais, além de panfletos dos adeptos de Fourier, Bakunin, Kropotkin e Proudhon, cujas idéias agitavam a população insatisfeita. Vinham também os imigrantes europeus, particularmente os italianos, que traziam essas idéias e as divulgavam.

Na marinha, os oficiais e os marinheiros viviam totalmente separados. Negros e mulatos sabiam que não deviam nem pensar em ascensão na carreira. Os subalternos eram das classes consideradas inferiores, recrutados à força nas ruas, embora muitos fossem voluntários, porque se alistavam por um prato de comida, ou por uma viagem ao mundo, apesar das condições desumanas de trabalho.

A campanha civilista de Rui Barbosa havia deixado no imaginário popular um sentimento arraigado de antimilitarismo. O militar tornou-se, então, a desgraça das

²⁷² RODRIGUES, Danúbio e OLIVEIRA Fº, Arthur L. de. **Em tempos de João Cândido**. In João Cândido, o Almirante Negro. Op. cit., p. 31.

famílias, no conceito da Liga Antimilitarista, que editava o jornal **Não matarás**. O vice-almirante Hélio Alonso Martins, em seu **A revolta dos marinheiros – 1910**, conta:

O recrutamento de homens capazes de suportar as asperezas desta vida tinha de ser feito à força, entre a ralé da humanidade, não se exigindo dos recrutados mais que destemor quase animal dos perigos, agilidade, força física e ferocidade necessária para os entreveros nas abordagens, quando se combatia face a face, com espadas, sabres e picas, nas pequenas áreas dos conveses dos navios atracados borda a borda.²⁷³

E foi justamente por essa coragem e resistência que restaram alguns sobreviventes dessa terrível ocorrência, que puderam contar a injustiça de que foram vítimas. Augusto acompanhava todas essas ocorrências, como já mostramos no capítulo I, e as reportava na correspondência à mãe. Infelizmente, as cartas dessa correspondência entre Sinhá-Mocinha e o filho, que abrangeriam o período mais violento dessa tragédia, desapareceram

Mas essa “ralé” resolveu reagir contra as barbaridades praticadas, e as autoridades vingaram-se de modo bruto: matava-se, jogavam-se logo no mar os cadáveres sem aviso aos familiares, bania-se para a selva amazônica.²²⁰

Moacir Lopes conta alguns fatos antecedentes à revolta, que veremos rapidamente, para compreender melhor o caso.

ENCOURAÇADO “AQUIDABÃ” – ILHA GRANDE, DOMINGO, 21/01/1906

É Moacir Lopes que descreve o ocorrido quatro anos antes da revolta da marinha, quando explodiu o encouraçado “Aquidabã”. A guarnição deste encouraçado, ancorado na Baía de Jacuacanga, à espera da reunião do almirantado, concordou que era hora certa a fim de deflagrar uma revolta geral dos marinheiros, para protestar contra as condições de trabalho a que eram submetidos, tanto de castigos corporais quanto de falta de higiene e de condições humanas mínimas necessárias a uma vida digna.

²⁷³ Idem, ib., p. 35.

Afirma Lopes que no dia anterior, à hora do almoço, foi servido aos marujos feijão com carne-seca e os mais antigos, começando pelos terceiros-sargentos e cabos, foram pegando os pedaços mais cheios da carne que estava mergulhada no feijão. Ao chegar a vez daqueles mais novos ou de menor graduação, só havia algo semelhante a um rabo. Como estranharam haver uma cauda de animal no meio da carne-seca, e mesmo que fizesse parte da refeição, seria de porco ou boi, cujo tamanho também seria bem maior. Concluíram, então, que a carne contida no feijão era mesmo de rato e saíram alardeando o fato, com aquela cauda asquerosa espetada no garfo, para que todos a vissem. Como castigo, surgiu entre eles o mestre-de-armas, com uma chibata para castigar o reclamante.

Esse “castigo” pode estar presente em algumas imagens do **Eu**, como na “animalidade sem castigo”, de **Monólogo de uma Sombra**, ou em “Os sanguinolentíssimos chicotes/ da hemorragia [...]”, em **As cismas do Destino**.

Lopes conta que o marinheiro então mostra ao mestre o que havia encontrado na comida e o “grumete ao lado, faminto como os outros depois de exaustiva faina de carvão e doze horas de vigia no cesto-de-gávea”²⁷⁴, e que não conseguira nem um pedaço do rabo, remexeu no fundo da terrina e trouxe na colher “a cabeça de um rato e patas e pêlos.”

Nas outras mesas começaram também a pesquisa, e surgiram mais patas e pêlos. Então os sargentos e cabos foram os primeiros a lançar fora o que já haviam engolido; o tumulto foi geral, vomitavam sobre a própria mesa, “nos pratos, no piso, nos quepes e caxangás”, até mesmo nas próprias botinas. A maioria correu, tentando subir as escadas, em atropelo, para poder lançar o vômito no mar, no convés, “a favor ou contra o vento”, e logo “irrompeu uma caganeira coletiva”, não havendo mictórios suficientes para todos, via-se marujos lançando mão de baldes e até mesmo de canecas, com as calças arriadas.

Alguns, mais atrevidos, invadiam os banheiros dos primeiros-sargentos, dos oficiais, bem à hora em que estes almoçavam carne de primeira, como era de costume, acompanhadas de molhos, saladas, doces, queijos e vinho. Mas esses oficiais foram

²⁷⁴ LOPES, Moacir C. **O Almirante Negro e a Revolução da Chibata – A vingança**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000, p. 25.

obrigados a interromper a refeição para anotar os nomes daqueles que haviam sido “os cabeças” da indisciplina, os que invadiam, carregando as calças nas mãos, a praça de armas, os banheiros oficiais e mictórios, e os que defecavam na torre de comando, no passadiço, na casa de máquinas e na casa do leme. Nenhum oficial se preocupou com a saúde desses marujos que haviam comido ratos no feijão, a única preocupação era anotar os nomes para a aplicação dos devidos corretivos...

Esse trecho de Lopes estabelece uma intertextualidade com alguns versos de Augusto, como: “E no estrume fresquíssimo da gleba [...]”, de **Noite de um visionário**, um poema do **Eu**, ou em “a terra resfolega, estrumada, feliz”, de **Tristeza de um quarto minguate**, ou ainda em “a eficácia prolífera do estrume”, de **Revelação**. Também é possível encontrar cruzamento com estes versos de **Mistérios de um fósforo**: “nonilhões de moléculas de esterco”; ou então em **Os doentes**: “Restos repugnantíssimos de bílis,/vômitos impregnados de ptialina”

Moacir Lopes informa ainda que dezesseis marujos receberam cinquenta chibatadas cada, na popa, “com a oficialidade reunida e enfileirada em suas cadeiras, espetáculo iniciado depois de arriada a bandeira, estendendo-se até bem tarde da noite.”²⁷⁵

Ao negro-foguista Laureano, que havia cuspid o rato no rosto do mestre-de-armas e garantira haver guardado um pedaço para fazer o mesmo com o capitão, foram aplicadas cem chibatadas. Ele, convencido então de que jamais teriam poder suficiente para mudar a situação, propôs a explosão do navio, em um suicídio coletivo, em um momento em que os oficiais também estivessem a bordo. A explosão ocorreu no final do dia, mas não havia almirantes. Morreram o comandante, capitão-de-fragata Artur da Serra Pinto, vários oficiais e uma centena de marinheiros. Essa explosão não poderia estar em “lembram paióis de pólvora explodindo”, de **Noite de um visionário**?

Laureano ficou meses no hospital, todo queimado. Depois embarcou no Andrada e conheceu o timoneiro João Cândido, que tornaria a encontrar no Minas Gerais, na Inglaterra. Juntaram-se a eles outros amigos e tramaram a conquista da liberdade no Brasil.

²⁷⁵ Idem, ib., p. 25.

LARGO DE SÃO FRANCISCO DE PAULA – SÁBADO, 19/11/1910

O grupo se reuniu no Largo São Francisco de Paula, no sábado, dia 19 de novembro de 1910, para combinar as estratégias da revolta. Entre eles estavam: João Cândido, 30 anos, timoneiro do encouraçado Minas Gerais; Francisco Dias Martins, 20 anos, do cruzador Bahia, e que se auto-apelidara de Mão Negra, o Vingador; Ricardo de Freitas, 19 anos, sinaleiro e telegrafista do Bahia, o cabo André Avelino de Santana, 20 anos, e o marinheiro João Alves de Souza, 17 anos, os dois do Deodoro.

Vão ao Sobradinho, na Rua Tobias Barreto, e se encontram com o resto da turma: Hernani Pereira da Silva, o Sete, Vitalino José Ferreira, Alfredo Maia, branco, 16 anos, e Ramiro José Rodrigues, 17 anos. Lá estava, também, o velho Zeferino-Pé-de-menos, que não tinha uma perna, amputada por causa da gangrena conseqüente ao ferimento que sofrera no Aquidabã, em 1893. Zeferino disse que Alfredo ia sempre ao seu quiosque na praia de Santa Luzia, para saber os detalhes da primeira Revolta da Armada. Contou aos presentes como armaram a estratégia, falou sobre Pau de Lira, estivador, membro da diretoria da Confederação Operária Brasileira, partidário da campanha civilista e que apoiaria também a revolta.

Em **Os doentes**, o poeta fala de “Quase todos os lutos conjugados/ como uma associação de monopólio,/ lançavam pinceladas pretas de óleo/ Na arquitetura arcaica dos sobrados”, e essa associação de “lutos conjugados”, “pinceladas pretas” e “arquitetura arcaica dos sobrados” são imagens que nos levaram a tecer essa intertextualidade com o grupo que se reunia no Sobradinho.

ENCOURAÇADO “MINAS GERAIS” – TERÇA-FEIRA, 22/11/1910

O presidente Hermes tinha uma recepção no Clube da Tijuca, naquela noite, perto da praça Saens Peña, com todo o seu ministério, inclusive Joaquim Marques Leão, ministro da Marinha, o prefeito Belisário Távora e o vice-presidente do senado, Pinheiro Machado.

Continuando esse jogo de metáforas formadas de fragmentos ou termos que se cruzam entre os vários discursos, o poema **Idealizações**, de Augusto dos Anjos, projeta em um animal o elemento que nos leva à intertextualidade com “Marques Leão”: “O leão, o tigre, o mastodonte, a lesma,/ tudo por fim há de acabar na mesma / tenebra que hoje sobre ti desaba.” Ou seja, Leão e os outros opressores iriam acabar como aqueles por cuja morte seriam responsáveis. “Pinheiro Machado” é um nome que serviu de mote a muitas charges em revistas da época, como a **Careta** e a **Fon!Fon!**, que mostravam tanto o paradoxo que era essa figura como grande articulista do governo Hermes, como o inusitado do seu próprio nome, que reúne uma árvore (Pinheiro) com o instrumento que é causa da morte das plantas (Machado). Eis que o poema **A árvore da serra** traz um trecho de intertextualidade com essas idéias, que é: “Caiu aos golpes do machado bronco.” “Golpe” é uma palavra sempre ligada ao nome de Pinheiro Machado; assim como o poeta coloca no verso “machado”, que nos lembra o militar gaúcho e “bronco” era a impressão que a sociedade tinha do militar, em oposição ao “intelectual”.

Retornando aos fatos: o senador Rui Barbosa recusara o convite. Às 22 horas, espalhada a notícia da revolta, o comandante Batista das Neves foi até o Minas Gerais, para comandar o “seu” navio. Ao subir, encontra o corpo do tenente Álvaro Ribeiro, que se esvaía em sangue. Não havia médico a bordo. Marcelino Rodrigues gemia, era uma posta de carne minando ainda sangue pisado.²⁷⁶

Em **Noite de um visionário**, há um “eu” que, chegando ao “Número cento e três. Rua Direita”, tem, repentinamente, uma visão: “Eu tinha a sensação de quem se esfola / E inopinadamente o corpo atola / Numa poça de carne liquefeita!”²⁷⁷ Este entrelaçamento do fantástico em meio àquilo que existe no mundo que consideramos real é uma das características da modernidade do poeta e de que ele se utiliza várias vezes nessa obra, principalmente nos longos poemas, aqueles que consideramos dionisíacos, como explicaremos mais adiante, e essa é uma das marcas da modernidade do **Eu**.

²⁷⁶ LOPES, Moacir Costa. **O Almirante Negro. - Revolta da Chibata – A vingança**. Rio de Janeiro:

Quartet, 2000, p. 83.

²⁷⁷ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 275.

Neves alega ter que pegar uns documentos, vai à cabine, volta com um revólver na mão e ameaça João Cândido. O marinheiro Gustavo avança contra o comandante e enfia nele uma faca grande de cozinha; o mesmo faz com dezenas de outros companheiros, até o corpo cair esquartejado.

Então os versos de Augusto afloram à memória do leitor, como se esse “eu-poético” tivesse o poder de voltar no tempo e penetrar nos fatos, sentindo o esfolamento da vítima, como nestes versos de **Noite de um visionário**: “Eu tinha a sensação de quem se esfolava/ e inopinadamente o corpo atola /numa poça de carne liquefeita!”

O capitão-tenente tentou proteger o comandante e também caiu morto, com ferimentos na cabeça. O capitão-tenente Mário Lahmeier lança ao mar uma balsa, para buscar socorro, porém os marinheiros atiram nele, seu corpo foi resgatado depois pelos tripulantes do navio-transporte Carlos Gomes, fundeado nas proximidades.

João Cândido ordena o desembarque de outros oficiais, menos os especializados em máquinas e caldeiras; manda recolher os corpos dos falecidos e guardá-los em câmaras mortuárias improvisadas no frigorífico, até que sejam levados às autoridades.

Durante a madrugada, foi enviada ao Palácio do Catete a primeira mensagem, captada pela estação de rádio do Morro da Babilônia, em Botafogo:

Estamos em revolta. Repudiamos castigo de chibata e não queremos continue situação. É o que pedimos ao Presidente da República e ao Ministro da Marinha. Queremos resposta já. Caso não tenhamos, bombardearemos cidade e navios que não se revoltarem.

Guarnições Minas, São Paulo e Bahia.²⁷⁸

O capitão-de-mar-e-guerra e deputado federal José Carlos de Carvalho, indicado por seu amigo e conterrâneo Pinheiro Machado, foi até o Minas Gerais para falar com os revoltosos. Pediu que colocassem no barco uma bandeira branca; não havia, então retiraram um lençol branco que cobria um dos cadáveres no Arsenal da Marinha e colocaram no barco que o levaria.

²⁷⁸ Idem, ib., p. 86.

No navio, conversa com João Cândido, que lhe dá as informações sobre a revolta e lhe pede permissão para mostrar a ideologia dos marinheiros, então vai chamando os que haviam sido submetidos ao “castigo da agonia” por várias horas, rapazes entre 15 e 19 anos, cheios de cicatrizes e marcas do flagelo, que tremem apenas com a proximidade do oficial; outros, com queimaduras; um que ficara bobo, após haverem-no pendurado por seis horas, de cabeça para baixo, amarrado por uma perna que nunca mais recuperou os movimentos.

O “castigo da agonia” nos traz a lembrança de alguns versos do **Eu**, como “Nas agonias do *delirium-tremens*”, em **As cismas do Destino**, ou “Seu povo tombava agonizante”, de **Os doentes**. A presença da “agonia” parece ser uma constante nos castigos infligidos ao povo brasileiro!

Parece ser ainda o pensamento desse outro que ficara bobo, demente, em **Poema negro**: “Por ventura, meu Deus, estarei louco?!” Enlouquecera após seis horas de tortura, de cabeça para baixo... E esta figura está estampada em **História de um vencido**, de Augusto dos Anjos: “por seis horas seu braço, empenhado na luta, / fez reboar pelo solo, alta e descompassada / a dura vibração incômoda da enxada [...]”²⁷⁹ Mergulhando no sentido dessas figuras, percebemos que o braço já não suportava mais o esforço de tentar compensar o desconforto de ficar pendurado por uma única perna, mas a leitura vai além do texto verbal, passa a ser imagética, pois só após esboçar o desenho de uma pessoa em tal posição é que percebemos o fato da perna dependurada ficar em posição tal que nos lembra uma enxada, pois com o navio balançando, a tendência é o pé dependurado bater na cabeça como se fosse mesmo uma enxada, chegando a ferir o assim torturado. Este é um dos mais impressionantes exemplos da plasticidade dos versos augustianos.

Augusto dedicou esse poema a “Aprígio dos Anjos”, seu irmão (ou seria ao Doutor Aprígio?). Por que motivo um poema desses seria dedicado a algum deles? Refletindo sobre essa ótica, vemos nesse texto o entrelaçamento das vozes daquela vítima de torturas e a do próprio poeta, refletindo acerca da morte do pai, em janeiro daquele ano,

²⁷⁹ Ibidem, p. 470.

ou seja, quatro meses depois, certamente a fase mais difícil da ausência daquele que havia sido o farol da sua infância e adolescência!

O pai era generoso, pois seu braço era a “alavanca” do Eterno Bem”, mas o trabalho sem a devida recompensa o fizera cansar-se e lhe “arrancara a Crença”. E o pai, velho, atado ao leito pela doença, lembra-se, então, da juventude, da “Aurora” e daquele “Hércules que ele fora!” Compara com o “fraco que ele hoje era” e não vê possibilidade de retorno, de voltar a andar e trabalhar como antes, pois um abismo se formou entre essas duas fases da vida dele...

Preocupa-se, ainda, com o futuro, uma vez que o Engenho estava hipotecado e já estavam cobrando a hipoteca; como poderia ele viver assim, “de sofrimento ignaro em sofrimento ignaro”, continuar a vida “até tombar sem um amparo” no terrível pântano da “Desgraça tremenda?!”

Essa é a explicação que Augusto encontrou, talvez quisesse no poema passar isso aos irmãos, daí a dedicatória. Chegada a noite, voluntariamente o “eu” daquele homem já exausto e temeroso do porvir foi deliberadamente se arrastando “para as bordas fatais dum precipício fundo!” Por um momento aquele “eu” ainda quis “olhar para o Passado...”, mas o que lhe vinha à lembrança já estava perdido, morto... A visão que lhe acudiu foi como a de “um cemitério”, em que havia “cadáveres de um lado e cinzas de outro lado!” - os mortos da família e os bens perdidos, o Engenho de fogo morto, tragado pela novidade das usinas a vapor.

Repentinamente ele pensa: “Que mal lhe haviam feito a esposa e a irmã e os filhos?!” Então conclui que precisa lutar pela vida. Passou, então, a caminhar de sonhos, não percebendo já haver atingido o fim da viagem e tinha, aos pés, o precipício. Tentou falar, mas não pôde, estava mudo, assim como o Dr. Alexandre, aí “abraçou-se com a Dor, abraçou-se com a Vida e sepultou-se ali no coração das águas”.

E mesmo após a morte física ele continua a ouvir cantigas ao longe, dizendo que são “tropeiros, a “turba trovadora” que cantava daquele jeito, enquanto a “Terra Vencedora celebrava ao luar a Missa dos Vencidos!”

Retornando ao drama dos marinheiros após essa digressão, o capitão-de-mar-e-guerra apresentou ao deputado que o acompanhava um garoto que tinha um buraco na

virilha, aberto pela espada do tenente Álvaro Alberto. O menino entrara na marinha para vingar a morte dos pais e dos cinco irmãos, massacrados quando o capitão dos portos do Ceará cercou a vila dos pescadores em Mucuripe, com laços, como se laçam novilhas nos pampas e laçavam negros na África.

DEPOIS DA ANISTIA

A anistia foi votada e a revolta terminou. Mas nem tudo acabara. A imprensa ficou dividida, contra e a favor da medida tomada pelo Congresso. Um jornal paulista declarou que era doloroso para um país forte e altivo precisar sujeitar-se às imposições de 700 ou 800 negros e mulatos.

O universo, jornal católico do Rio, publicou que o governo havia suicidado e nunca mais recuperaria o nome perdido. Também o **Jornal Batista**, dos protestantes, afirmou ser uma vergonha que o poder público tivesse capitulado, humilhando-se, votando a anistia e o presidente sancionando-a. O **Liberté**, jornal francês, avaliou que uma paz conquistada a tal preço não seria certamente muito gloriosa.²²⁵

No Minas Gerais, João Cândido, por ter sido o chefe da revolta, mantinha contato o tempo todo com os oficiais. Os rebeldes do Batalhão Naval foram reprimidos com violência, até hastear a bandeira branca. Os jornais ligados ao governo insinuavam que havia uma conspiração contra João Cândido e seus companheiros, o que realmente ocorreu na noite de 9 para 10 de dezembro, no “levante da Ilha das Cobras”, que foi sufocado rapidamente. A ilha foi bombardeada e os tiros mais certos partiram do Minas Gerais, do São Paulo, do Bahia e do Deodoro.

Já mostramos anteriormente os comentários de Augusto, a respeito desses fatos, na carta enviada à mãe. Naquela datada justamente do dia 9 de dezembro, noite do levante, é a que ele diz não poder dar ainda uma opinião definitiva sobre Hermes da Fonseca, ressaltando que os “fatos ulteriores”, entretanto, elucidariam, melhor do que ele, “toda a psicologia do homem”²⁸⁰ que os governava... Teria o poeta ouvido – ou lido – alguma coisa

²⁸⁰ Ibidem, p. 717.

a respeito da intenção de atacar os marinheiros? Ou seriam mesmo os seus “óculos de necropsiador” da sociedade que o alertaram da imanência de uma vingança?

João Cândido ficou quatorze dias incomunicável, preso no calabouço do Quartel-General do Exército, de onde foi puxado para o pátio, de pés e mãos amarrados, para juntar-se à centena de outros marinheiros, seus colegas, também vigiados por oficiais armados. Ali estão Isaías, Calixto, José Felipe, Alexandre e Vaz, Cassiano, Souza Lima, Elísio, Valentim, Argemiro, Vitalino.²²⁷ Estes escaparam do massacre, pois foram fuzilados cerca de mil marinheiros nas proximidades do Arsenal da Marinha, da Ilha das Cobras à Praia de Santa Luzia, da Glória ao Flamengo, na Ilha do Boqueirão, no fundo da baía, em Niterói. Os que conseguiram fugir para os subúrbios foram capturados, além dos que já se encontravam nas masmorras do Batalhão Naval.

É feito, então, um comunicado de que serão embarcados num navio cargueiro do Lloyd Brasileiro, fretado, para conduzir aos estados de origem os marinheiros que, embora anistiados, foram no dia seguinte expulsos da Marinha, e ficaram vagando pela cidade, sem comida nem abrigo. A viagem seria até Belém, e nos portos de escala seriam desembarcados os baianos, pernambucanos, paraibanos, cearenses, de onde haviam sido subtraídos, um dia, laçados como animais, para servir a Marinha. Mas não podiam ficar vagando pelas ruas do Rio, cidade que estava sendo modernizada e “higienizada”, que era agora a vitrine da sociedade brasileira que se elitizava.

Lembramos os argumentos de Locke, que afirmam a possibilidade do indivíduo, como proprietário de si mesmo, poder alienar sua capacidade de trabalho, mas, mesmo sendo dono de sua força de trabalho, é preciso que ela seja aceita no mercado. Se o poder é estabelecido pela coerção da classe dominante, esta é quem dita as regras desse mercado. E se decidiram, naquele momento, que os negros e mestiços da marinha não tinham mais serventia nenhuma, a solução encontrada foi descartá-los, fazendo uma completa “limpeza” para que essa mancha fosse apagada até as fronteiras do Rio... Era preciso evacuá-los também silenciosamente, para que a sociedade não corresse o risco de se revoltar nem sentir remorsos.

Os indivíduos que se tornaram revestidos de “direito” e “poder” a qualquer custo, sem o menor escrúpulo, tomaram a decisão de eliminar esse “mal”, para que a “ordem” e o “progresso” não fossem mais perturbados.

Os prisioneiros foram amarrados em bandos de seis e presos aos outros grupos, com cordas mais fortes, para que não escapassem nem se misturassem aos grupos de bandidos e meretrizes que também haviam sido recolhidos pelas ruas da cidade, no meio da noite. Iniciaram, então, a caminhada até o porto.

Por ordem de um oficial, João Cândido foi tirado do grupo, teria outro destino: as masmorras da Ilha das Cobras. Com ele também vão Belmiro Libânio e Manuel Antônio. Embarcam num camburão em forma de charrete, puxado por dois cavalos. Às dez horas chegam à Ilha das Cobras.

Enquanto isso, os outros são embarcados no navio Satellite, comandados pelo tenente Francisco de Melo e mais dois oficiais. Melo trazia uma relação de nomes, vai chamando um a um e riscando, ao lado, umas cruzes.

Reportamo-nos novamente ao **Trem fantasma – a modernidade na selva:**

O destino daqueles homens e mulheres já estava definido. Na lista de embarque, alguns nomes dos marinheiros (legalmente, todos impuníveis) apareciam assinalados com um X, o que significava execução, em alto-mar.²⁸¹

Com os prisioneiros encerrados nas masmorras antigas, ainda da época do Brasil colônia, em condições de um quase sepultamento em vida e com os outros embarcados no sinistro navio, muitos descartados no meio da viagem, fuzilados e jogados ao mar, enquanto os sobreviventes passavam por uma verdadeira agonia nos porões, entre ratos, muita sujeira e quase nenhuma água e comida, começaram páginas verdadeiramente hediondas da nossa história, mas foram elas que serviram de mote a grande parte da produção literária de Augusto dos Anjos.

²⁸¹ HARDMAN, F. Foot. Op. cit., p. 156.

NA ILHA DAS COBRAS

*Foi nessa ilha encantada de Cipango,
Verde, afetando a forma de um losango,
Rica, ostentando amplo floral risonho,
Que Toscanelli viu seu sonho extinto
E como sucedeu a Afonso Quinto
Foi sobre essa ilha que extingui meu sonho!*

(A ilha de Cipango – A. Anjos)²²⁹

João Cândido, após os dias de glória, em que comandara os navios, os marinheiros, e até mesmo os oficiais, que acabaram atendendo a todos os seus pedidos; após ganhar até o apelido de “Almirante Negro”, como o chamaram os jornais ingleses, tinha agora como destino a masmorra nº 3, a mais fechada e de maior segurança, semelhante a uma caverna ou catacumba, conforme Lopes. Aquele local já servira a Tiradentes, antes de ser executado. Ali cabiam, no máximo, seis prisioneiros, mas iriam ficar em dezoito, espremidos, numa promiscuidade aterradora²⁸².

Nestes versos de **Os doentes**: “A estática fatal das paixões cegas,/ Rugindo fundamente nos neurônios,/ Puxava aquele povo de demônios/ Para a promiscuidade das adegas”²⁸³, entrelaçam vozes daqueles que o poeta condena pelas orgias mundanas mas, ao mesmo tempo, em uma camada mais profunda do texto, encontramos uma alegoria da “promiscuidade” daqueles marujos confinados em tão pouco espaço e em uma situação indigna.

Para melhor compreensão da leitura que fazemos da obra augustiana nesta tese é preciso sempre levar em conta que, em todos os versos, uma primeira compreensão, mais ingênua e superficial, e depois a interpretação do tecido alegórico do texto.

Assim, em versos como estes do **Monólogo de uma sombra**: “Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa,/ Abranda as rochas rígidas, torna água/ Todo o fogo telúrico profundo/ E reduz, sem que, entanto, a desintegre,/ À condição de uma planície

²⁸² ANJOS, Augusto dos. In Op. cit., p. 228.

²⁸³ Ibidem, p. 245.

alegre, A aspereza orográfica do mundo!”²⁸⁴ – temos um primeiro sentido, que está claro no poema, a verdadeira arte sublima o sofrimento deste mundo.

Porém, atentando um pouco mais em “Abranda as rochas rígidas”, é possível também, pelo duplo sentido do substantivo “rocha” (comum e próprio), ouvir aí uma voz que traz à lembrança do terrível Marques da Rocha, o guardião das masmorras subterrâneas da Ilha das Cobras, que deixou os prisioneiros passarem fome e sede, espremidos de forma desumanas em pouco espaço, sem ar para respirar, num calor escaldante do Rio de Janeiro em pleno dezembro, ainda ordenou para que jogassem água e cal sobre eles, para “desinfetar” o local, provocando, assim, morte dolorosa à maioria.

Somente o canto de denúncia do poeta poderia aliviar a dor que ele sentia pelo sofrimento daqueles marinheiros, seres humanos como todos e, conforme a crença de Augusto, se tudo é Um, a dor deles é de toda a humanidade e somente os sensíveis podem compreender o desespero pela impotência do poeta diante do fato.

Marques da Rocha mandou trancar bem os prisioneiros e ficou com a chave, indo depois passar o Natal na cidade. Moacir Costa Lopes relata que João Cândido abaixava a cabeça para transpor o umbral e o “mau cheiro do ambiente” penetrava em seus pulmões. A fraca iluminação proveniente de um “candeeiro a querosene preso no teto” ajudava-o reconhecer alguns companheiros. Estavam ali porque foram escolhidos pelos oficiais da Marinha e do Exército como os indivíduos de maior periculosidade, ou então porque eram os mais odiados por aqueles oficiais. Esta informação Cândido teve depois, quando já se encontrava livre.

Naquele espaço exíguo, dormiam uns sobre os outros – o que, nos poemas de Augusto, está implícito na imagem da “promiscuidade” -, a água lhes caía sobre o corpo, vinda do teto e das paredes, constantemente umedecidas pelo líquido que minava por todos os lados. A situação era tão terrível que eles somente conseguiam se mexer no mesmo lugar, virar o corpo e pronunciar os nomes. Conta o sobrevivente:

²⁸⁴ Idem, ib., 199.

O ar abafado, rarefeito, calor que arde na pele, poros gotejando suor. No canto, uma lata de querosene serve de latrina, só retirada e substituída pela manhã, exala o fedor das fezes e urina, e vômito, dos prisioneiros desidratados, e escarro de tosse.²⁸⁵

Não há palavras mais perfeitas para descrever essa situação desumana do que as empregadas por Augusto em **Monólogo de uma Sombra**: “É uma trágica festa emocionante!/A bacteriologia inventariante / Toma conta do corpo que apodrece...”²⁸⁶ Aqui o poeta revela a sua visão ainda orgânica da sociedade, própria da época, à qual aderiam principalmente os naturalistas. E esta visão é introduzida pela ambigüidade da palavra “corpo”.

Mas ali acontecia uma tragédia incalculável: passar a noite de Natal apodrecendo em um cubículo, em meio aos odores da podridão... Sem banho, sem latrina, sem água, sem higiene nenhuma, a pele e a carne se desfazendo no ardor da cal, bactérias pululando em meio à urina e às fezes que transbordavam da lata, sem nada para limpar os excessos que ficavam na própria roupa, um corpo se esfregando no outro, vendo a morte derrubar cada colega, e os corpos inermes permaneciam ali, ainda apoiados uns nos outros, os vivos acompanhando a decomposição dos mortos, certamente acelerada pelo calor e umidade do local... Não foi preciso se inspirar em Hoffmann... A própria realidade ali revelava a crueldade desta existência... A própria imaginação do poeta a recriou na mente que, horrorizada, necessitava de denunciá-la de alguma forma, assim como era preciso vomitar aquele “bolo estranho” que lhe crescia no estômago...

Augusto se vinga, de certo modo, da “legião de homens maus”, pois ele mesmo garante: “azorrado-a, incomodo-a com o horrído aspecto de um energúmeno a rir”²⁸⁷, com as suas palavras cáusticas e precisas, mas ironicamente líricas. Quem estaria entre esses homens maus? Parece-nos alusão à oligarquia que se mantinha no poder e a todos os representantes de instituições que a apoiavam, tanto na Paraíba quanto no Rio de Janeiro.

Aos leitores, diz ele nesse mesmo poema: “Vós sois Nossa Senhora em pedaços, e eu sou a neve que caiu sobre esta cidade.” Tanto ele era arrojado que, em meio a

²⁸⁵ LOPES, Moacir Costa. Op. cit., p. 21.

²⁸⁶ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 197.

²⁸⁷ ANJOS, Augusto dos. Nonevar (1908). In Op. Cit., p.500.

um sistema de coronelismo patriarcal, adverte: “Burgueses! Ante mim, tirai vosso chapéu.” E isto muito antes de Mário de Andrade ou Bandeira introduzirem o burguês na poesia e se proclamarem, então, modernistas.

Augusto pretende realmente ser um poeta-profeta, pois deixa bem claro que seus poemas devem ser lidos como se fossem parte de um livro sagrado, assim como “na Ásia surgiu outrora o Zend-Avesta que achou intérprete em Anquetil-Duperron”. Ele deseja revelar a “eternidade do Eu e a independência da Arte”, conforme diz em **Nonevar**²⁸⁸, de 1909, quando já sentia a censura mais forte na Paraíba. Será possível, algum dia, existir essa liberdade para o artista? Por que até hoje ainda sofremos restrições e há sempre aquilo que não pode ser dito? Euclides, Augusto... tantos foram os derrubados por essa “mão negra”... Quantos mais ainda serão necessários para aplacar a insânia humana e permitir que a verdade chegue para todos?

Ainda no depoimento de João Cândido a Morel, sobre a situação na masmorra, ele revela que “foi horrível!” Dos dezoito que estavam junto com ele no “cubículo”, sobraram somente dois. Ver cair um a um dos dezesseis, sentir-se responsável pela vida deles, por ser líder dessa revolta, ficar ali, misturado, sem poder sequer manter distância de dezesseis cadáveres... É uma situação impensável para qualquer ser humano! “Eu e o “Pau da Lira”, que trabalha na estiva, no cais dos Mineiros, no Caju” – foram os sobreviventes, conta João. “O resto foi comido pela cal, jogada com água dentro do subterrâneo. Outros, de tão inchados, pareciam sapos.”²⁸⁹

Em **Vae victis**²⁹⁰, há uma voz que faz imprecações: “Cubra-me o corpo a podridão dos trapos! / Os vibriões, os vermes vis, os sapos / Encontrem nele pábulo eviterno...” Ai dos vencidos! - conforme o título do poema - pois serão sempre alimento para os homens vis, assim como foram os índios, os negros, os marujos sacrificados e o próprio Augusto. Todos eles vítimas de um sistema desigual e desumano, que se alimenta das próprias carnes.

²⁸⁸ Ib., p.503.

²⁸⁹ **João Cândido, o Almirante Negro**, Op. cit., pp. 14-5.

²⁹⁰ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 462.

Mas aquele que fora responsável por toda essa barbárie também não ficaria impune na justiça cósmica: “Hás de engolir, igual a um porco, os restos / Duma comida horivelmente azeda!”, é o que diz o poeta em **A um mascarado**.²⁹¹

Lembramos Augusto: “O amor da Humanidade é uma mentira. / É. E é por isso que na minha lira / De amores fúteis poucas vezes falo” – são palavras de **Idealismo**.²⁹² O poeta sabe que, para haver fraternidade, é preciso primeiramente exterminar o egoísmo e a ganância; “Pois é mister que, para o amor sagrado, / O mundo fique imaterializado”. Verdade incontestável, pois o ser humano, em geral, não sabe repartir e está sempre insatisfeito, sempre desejando mais, e o capitalismo selvagem o tornou antropofágico. Esta visão do poeta-filósofo é, ao mesmo tempo, romântica, pois a matéria se coloca aqui como a limitação, o obstáculo maior para a felicidade do homem.

É a justiça ao poeta que desejamos fazer, antes de tudo, pois ele sabia da importância da humanidade compreender a obra que deixou. Tinha fé que um dia seria compreendido, assim como Euclides também previa que somente pelo ano 2000 sua obra seria entendida na sua amplitude. E diz, em **Insânia de um simples**: “Quando eu for misturar-me com as violetas / Minha lira, maior que a Bíblia e a Fedra / Reviverá, dando emoção à pedra / Na acústica de todos os planetas!”²⁹³

O eufemismo “misturar-me com as violetas” suaviza o impacto da idéia que contém: o homem se torna o húmus da terra, porém a obra do espírito é eterna, e ressoará pelo universo, até encontrar quem a saiba receber e compreender.

O calor na masmorra era “de rachar”, afirma João. O ar era abafado demais. Tinham a impressão de que estavam sendo cozidos “dentro de um caldeirão”; “alguns, corroídos pela sede, bebiam a própria urina.”²⁹⁴

Em **Tristezas de um quarto minguante**²⁹⁵, há uma intertextualidade com esse trecho acima: “Figuras espectrais de bocas tronchas / Tornam-me o pesadelo duradouro... / Choro e quero beber a água do choro / Com as mãos dispostas à feição de conchas”. A

²⁹¹ Ibidem, p. 258.

²⁹² Ibidem, p. 226.

²⁹³ Ibidem, p. 235.

²⁹⁴ João Cândido, o Almirante Negro, Op. cit., pp. 14-5.

²⁹⁵ ANJOS, Augusto dos. Op.cit., p. 300.

visão dos companheiros agonizantes - as “figuras espectrais” -; a tentativa de beber a água que sai do próprio corpo, na imagem que diz “beber a água do choro”, tentando colhê-la nas “mãos em conchas”, estabelecendo uma intertextualidade com o depoimento de João Cândido .

Em **As cismas do Destino**, ao mesmo tempo em que o poeta recorre à formação da vida na Terra, cruzam-se vozes lembrando o trecho acima: “Tempo viria, em que, daquele horrendo / Caos de corpos orgânicos disformes / Rebentariam cérebros enormes, / Como bolhas febris de água, fervendo!” Os “corpos disformes” lembram os comidos pela cal, em “bolhas febris de água, fervendo”.²⁹⁶

Em **Senectude precoce**, cruzam-se as lembranças da Paraíba, na época da decadência financeira da família de Augusto, e a voz do jovem marujo que acompanhava João Cândido e morreu na solitária da Ilha das Cobras, com o corpo queimado de cal: “Envelheci. A cal da sepultura / Caiu por sobre a minha mocidade...”²⁹⁷ – aqui o leitor pode visualizar o corpo ainda jovem, corroído pela cal que o levou à morte. O jogo de sentidos que as figuras nos permitem construir provoca-nos a visualização do corpo ainda jovem, corroído pela cal que o “envelhece”, ou seja, acaba por destruí-lo, levando-o à morte. E a palavra “cal” traz em si a ambigüidade necessária para esse cruzamento de idéias e discursos, pois tanto é a cal jogada sobre os presos quanto aquela que jogam sobre o túmulo, depois que ele morre e é sepultado. Há uma espécie de personificação aqui, pois a cal assume a responsabilidade que é humana, ou seja, daquele que jogou a cal sobre os marujos.

A vitória do espírito traz versos que lembram a visão que se tem na chegada à Ilha das Cobras: a de uma mesquita, devido à construção colonial que lá existe. As masmorras em que os marujos foram confinados ficam, porém, no subterrâneo. Augusto, então, diz daquele lugar em que quinze homens morreram na noite de Natal, queimados pela cal: “Era uma preta, funeral mesquita, / Abandonada aos lobos e aos leopardos / Numa floresta lúgubre e esquisita.” João Cândido lembra que as paredes eram pichadas e úmidas, pois minava água por todos os lados, o que podemos também concluir destes versos:

²⁹⁶ Ibidem, p. 220.

²⁹⁷ Ibidem, p. 480.

“Engalanava-lhe as paredes frias / Uma coroa de urzes e de cardos / Coberta em pátio pelas laçarias.”²⁹⁸

Continua a transcrição de Morel, conforme depoimento do Almirante Negro:

Fazíamos as nossas necessidades num barril que, de tão cheio de detritos, rolou e inundou um canto da prisão. A pretexto de desinfetar o cubículo, jogaram água com bastante cal. Havia um declive e o líquido, no fundo da masmorra, se evaporou, ficando a cal. A princípio ficamos quietos para não provocar poeira. Pensamos resistir os seis dias de solitária, com pão e água. Mas o calor, ao cair das 10 horas, era sufocante. Gritamos.²⁹⁹

Termos como “detritos”, “poeira”, “seis dias” passam a ser metáforas, que nos permitem estabelecer a intertextualidade com os fatos da Revolta, como em **Os doentes**: “Num prato de hospital, cheio de vermes,/ Todos os animais que apodreciam”, em que a palavra “vermes” parece alusão ao barril cheio de detritos; ou em “Eu chorava, rolando sobre o lixo,/ com a contorção neurótica de um bicho”, de **Os doentes**. A “poeira” nos vem à mente ao ler “Essa fatalidade de ser grande/ Para guardar unicamente poeira!”, em **O sarcófago**, como também “O ocaso sistemático do pó”, em **Viagem de um vencido**.

Eram seis dias praticamente dentro de um túmulo... Seis dias no escuro, no subterrâneo, no calor sufocante... “Manhã. E eis-me a absorver a luz de fora, / Como o íncola do pólo ártico, às vezes, / Absorve, após a noite de seis meses, / Os raios caloríficos da aurora.” – estes versos de **Os doentes** parecem trazer, na “noite de seis meses”, esses seis dias na masmorra, reforçados ainda pela imagem que vem a seguir, que lembra a água que minava na cela: “Nunca mais as goteiras caíam / Como propositais setas malvadas, / No frio matador das madrugadas [...]”³⁰⁰.

Os pedidos de socorro e piedade eram abafados pelo toque dos tambores, então tentaram arrebentar a grade, em gigantesco esforço. “Nuvens de cal se desprendiam do chão e invadiam os nossos pulmões, sufocando-nos” e o escuro era terrível, iluminado apenas pela luz de candeeiro a querosene”. Com o cansaço, “os gemidos foram diminuindo,

²⁹⁸ Ibidem, p. 456.

²⁹⁹ João Cândido, o Almirante Negro, Op. cit., pp. 14-5.

³⁰⁰ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 244.

até que caiu o silêncio dentro daquele inferno” em que se encontravam. Naquela masmorra onde o Governo Federal, em quem confiaram, “jogou 18 brasileiros com seus direitos políticos garantidos pela Constituição e por uma lei votada pelo Congresso Nacional. Quando abriram a porta já tinha gente podre.”²³⁵ (Grifos nossos)

Gemidos de Arte são, ao mesmo tempo, os “gemidos dos oprimidos” e há dois versos que lembram a “lâmparina”, única luz disponível naquela masmorra, mas que corria o risco de se apagar, assim como as vidas que ali se extinguíam sem nenhum socorro: “A lâmparina quando falta o azeite / Morre, da mesma forma que o homem morre.”³⁰¹

Em **Os doentes**, há esse desespero pela falta de ar para respirar ali na prisão: “E o ar fugindo e a Morte a arca da tumba / A erguer, como um cronômetro gigante / Marcando a transição emocionante / Do lar materno para a catacumba!”³⁰²

Em **Insônia**, mais referência aos gemidos, ao sofrimento daqueles perseguidos e presos: “Que voz é esta que a gemer concentro / No meu ouvido e que do meu ouvido / Como um bemol e como um sustenido / Rola impetuosa por meu peito adentro?! / -- Por que é que este gemido me acompanha?!”³⁰³ – é o gemido ouvido por João Cândido, vindo dos companheiros que morriam, mas é também o gemido de todos os perseguidos em nossa história. E “tudo coube na lógica medonha / Dos apodrecimentos musculares”, diz o poeta em **Monólogo de uma Sombra**, o que nos lembra a maneira como foi, depois, tratado esse episódio horrendo da Ilha das Cobras. João Cândido foi considerado louco e enviado a um hospício, outros foram deportados para a Amazônia, muitos deles fuzilados e jogados ao mar no meio do trajeto.

Há muitos outros versos de Augusto que nos levam a essa leitura, como **O canto dos presos**: “Troa, a alardear bárbaros sons abstrusos, / O epitalâmio da Suprema Falta, / Entoadado asperamente, em voz muito alta, / Pela promiscuidade dos reclusos!”³⁰⁴

Os poemas em que fica mais explícito esse sofrimento dos marinheiros estão em **Outras poesias**, certamente por dois motivos: o primeiro, porque já tendo sido perseguido na Paraíba, Augusto não poderia se arriscar novamente a ser punido, uma vez

³⁰¹ Ibidem, p. 266.

³⁰² Ibidem, p. 239.

³⁰³ Ib., p. 294.

³⁰⁴ Ib., p. 338.

que ainda buscava um emprego seguro; segundo, porque fez do **Eu** um poema mais abrangente, reunindo todos os oprimidos da História do Brasil até aquele momento, estava destinado a ser a tragédia do povo brasileiro, como era o desejo do poeta, expresso em vários versos da obra.

Em **A Meretriz**, há versos que estabelecem intertextualidade com a questão do navio que levou os prisioneiros à Amazônia, dos quais muitos foram executados no meio do caminho: “Navio para o qual todos os portos / Estão fechados, urna de ovos mortos”³⁰⁵

A “REDE” DOS DISCURSOS

Citando novamente os fatos do Encouraçado Minas Gerais, de 22 de novembro de 1910, o dia da sublevação da marinhagem, João Cândido mostra ao deputado o estado em que se encontrava o marinheiro castigado, Marcelino José Rodrigues, com o corpo lanhado, sangue feito salmoura ainda empapando as gazes que lhe envolviam as feridas. Conta que foram duzentas e cinquenta chibatadas com centenas de agulhas encravadas na chibata para que as pontas, enterrando-se nas carnes desse rapaz, fizessem-no sangrar até a morte, se os da guarnição não o socorressem a tempo.

João pede ao deputado que leve o moribundo para ser hospitalizado. Enquanto desciam o ferido, o médico assistia a remoção, improvisando uma maca protegida por ripas de madeira, para que Marcelino nem se movesse, pois corria o perigo de partes de sua pele esgarçarem-se e novo sangramento não o permitir chegar vivo ao Arsenal da Marinha.

Enquanto isso, Hermes da Fonseca recebia, através do marinheiro Valentim, a mensagem dos revoltosos, que pediam a abolição dos castigos da chibata, exprimiam confiança na Marinha e no presidente e solicitavam a garantia de que nenhum castigo lhes fosse impingido após se entregarem.

Segundo Lopes, o vice-presidente do Senado, o general Pinheiro Machado era quem realmente exercia o poder, sendo Hermes apenas joguete em suas mãos. Lembramos a expressão de Augusto, em carta à mãe, já citada acima: O Hermes, espécie de mamulengo (fantoche) canonizado... – que confirma essa imagem do presidente. E Machado era

³⁰⁵ Ib., p. 320

acusado de corruptor ativo, conivente com roubalheiras e negociatas, fazendo e desfazendo leis a seu bel-prazer, desrespeitando a Constituição, exercendo no país uma ditadura branca, mandando em um Congresso cujos representantes era meu bolso primeiro, a Nação depois, ao povo, o cutelo das leis – exatamente o individualismo possessivo que Augusto denuncia.

Muitos desses deputados e senadores eram representantes de interesses de grupos estrangeiros; o próprio Pinheiro Machado era acusado de manipular verbas do Banco do Brasil para a compra de políticos; acusado de advogar em favor da Companhia de Carnes Verdes, de ter o controle sobre as verbas destinadas às empreiteiras de obras maiores, incluindo as que restauravam a cidade do Rio e abriam estradas, ganhando propina de cada uma, para distribuir entre os seus protegidos, subjugando a nação. E agora decidira fazer do novo presidente um refém de suas tramas.

Há uma voz que maldiz, em **As cismas do destino**, “com apóstrofes veementes”, na voz forte de mil línguas rebeladas, o “convencionalismo das Pandetas e os textos maus dos códigos recentes”, enquanto a imaginação do poeta “paria absurdos” “Com a carne da esclerótica esverdeada”, e via os olhos dos defuntos que o perseguiram, “como diabos juntos”. Os sentidos desse trecho nos levam a entender que Augusto maldiz as leis adotadas pela civilização, cheias de convencionalismos, mas que não aplicam a justiça imparcial e verdadeira.

Rui Barbosa confessa-se contrário ao motim, por ferir o princípio de autoridade e de hierarquia, mas defende a causa dos marinheiros, como já combatera antes o servilismo da população e colabora na redação de um projeto de anistia.

“Com a alma vendida ao diabo neste pacto ostensivo de prevaricação, essa magistratura de compadres elegeu a sua criatura, o seu parceiro na contenda, o seu associado” – afirmara Rui Barbosa, dias antes de consagrada a vitória hermista, sob o patrocínio maquiavélico e mefistofélico do caudilho Pinheiro Machado.³⁰⁶ Em **Os doentes**, encontramos um trecho que estabelece uma conexão com o trecho de Rui – “a alma vendida ao diabo”: “O facies do morfélico assombrava! /— Aquilo era uma negra eucaristia,/ Onde minh’alma inteira surpreendia/ A Humanidade que se lamentava!”³⁰⁷ A

³⁰⁶ LOPES, Moacir Costa. Op. cit., p. 151.

³⁰⁷ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 246.

expressão “pacto ostensivo de prevaricação”, utilizada por Rui, lembra-nos versos de **As cismas do destino**, que parecem aludir a esse trecho: “Prostituição ou outro qualquer nome,/ Por tua causa, embora o homem te aceite,/ É que as mulheres ruins ficam sem leite/ E os meninos sem pai morrem de fome!”³⁰⁸

Mais interessante ainda é comparar o trecho ao poema **A meretriz**, de Augusto dos Anjos, que foi publicado incompleto, com pontilhados no lugar de alguns versos: “Vede! A prostituição ofíδια aziaga / Cujo tóxico instila a infâmia, e a estraga/ Na delinqüência... impune, Agarrou-se-lhe aos seios impudicos / Como o abraço mortífero do Ficus / Sugando a seiva da árvore a que se une!”²⁴⁶

Rui Barbosa confessa-se contrário ao motim, por ferir o princípio de autoridade e de hierarquia, mas defende a causa dos marinheiros, como já combatiera antes o servilismo da população e colabora na redação de um projeto de anistia.

“Com a alma vendida ao diabo neste pacto ostensivo de prevaricação, essa magistratura de compadres elegeu a sua criatura, o seu parceiro na contenda, o seu associado” – afirmara Rui Barbosa, dias antes de consagrada a vitória hermista, sob o patrocínio maquiavélico e mefistofélico do caudilho Pinheiro Machado.²⁴³

Em **Os doentes**, encontramos um trecho que estabelece uma conexão com as palavras de Rui: “a alma vendida ao diabo”, no poema **Os doentes**. “O facies do morfélico assombrava! / — Aquilo era uma negra eucaristia,/ Onde minh’alma inteira surpreendia /A Humanidade que se lamentava!”

No poema “**A meretriz**”³⁰⁹, Augusto utiliza a alegoria da prostituta para a política ou a República, como era, aliás, muito empregada naquela época, tanto em charges quanto na literatura: “É a meretriz que, de cabelos ruivos, / Bramando, ébria e lasciva, hórridos uivos / Na mesma esteira pública, recebe, / Entre farraparias e esplendores,/ O eretismo das classes superiores / E o orgasmo bastardíssimo da plebe!” Essa era a política-prostituta que gerava todas essas aberrações no abuso de poder, como foi o caso da Ilha das Cobras.

³⁰⁸ Ibidem, p. 217.

³⁰⁹ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 319.

Compreendemos este poema como uma referência à república de Hermes da Fonseca: a instituição já corrompida é a “meretriz”, que recebe, no mesmo tapete, a excitação das classes superiores e a paixão da plebe. Salientamos, também, que a expressão “orgasmo bastardíssimo da plebe” também pode significar o vivo acesso de cólera dos degenerados da classe mais baixa da sociedade, pois o vocábulo “orgasmo” veio do francês “orgasme”, introduzido em nossa língua em 1611, com o significado de “acesso de cólera”, conforme o dicionário Houaiss.

Essa meretriz, compactuando a máscara do servo desprezível ao brilho da sagrada túnica do senador (a “túnica pretexta”, usada pelos senadores romanos), sente, no meio da noite, o esgotamento interior do indivíduo desumano, sanguinário.²⁴⁹ Parece haver, portanto, conforme a leitura que fazemos – e que é apenas uma das leituras possíveis – uma alusão à ligação entre o presidente que se deixa manipular e o seu manipulador, o senador Pinheiro Machado.

Continuando: é ela, áspera, arquivando as doutrinas desfeitas, com as mãos corrompidas, espremendo os tributos, reduzidos a pequenas porções fracas, sofrendo a angústia de haver secado as fontes onde se alimentam os aliados. Ela representa a desgraça, excita-se com o flagelo da linguagem da desonestidade. Ela representa, ainda, o “navio para o qual todos os portos estão fechados” – o que nos lembra uma alusão ao navio Satellite que, clandestino, levou os prisioneiros e deportou muitos inocentes à morte e à ferrovia Madeira-Mamoré. “Urna de ovos mortos” – os que embarcaram já estavam marcados para morrer, como revela Foot Hardman em **Trem fantasma: a modernidade na selva**:

Navio-fantasma: sinistro, maldito, surreal. Os próprios narradores reconhecem o aspecto fantasmagórico que reveste o acontecimento, envolto nos segredos de um Estado cuja missão precípua, neste caso, é a supressão de identidades. Aquele recanto de terra, fim do mundo civilizado e começo de linhas ainda frágeis, bem podia ser reproduzido como “a sepultura do suicida moral, a pátria dos proscritos.”³¹⁰

Essa República “meretriz”, do poema abordado acima, entrega o país para ser repartido entre os políticos e, nesses espelhos asquerosos, o esqueleto irritado da depravada

³¹⁰ HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma: a modernidade na selva**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988, p. 159.

explode. Lembra o barulho farto dos açoites a chicotear as costas ásperas e grossas, ou seja, essa orgia realizada com os bens públicos era feita à custa de opressões como essa da Ilha das Cobras. É desta forma que Augusto coloca no poema: “Nesse espolinhamento repugnante / O esqueleto irritado da bacante / Estrala... Lembra o ruído harto azorrague / A vergastar ásperos dorsos grossos.”³¹¹

Essa maldade inerente aos tirânicos é, para o poeta, “o Desespero que se faz bramido / de anelo animalíssimo incontido, / mais que a vaga incoercível na água oceânica.../ É a Carne que, já morta essencialmente, / para a Finalidade Transcendente / gera o prodígio anímico da Insânia!”³¹²

O mais intrigante no poema são os trechos faltando, a respeito dos quais diz a nota de Alexei Bueno: “Poema inacabado, foi publicado no estado em que se encontra por Órris Soares, que o transcreveu dos manuscritos originais. Os versos e estrofes faltantes, pelo menos os que ele pôde perceber, vêm marcados pelas linhas pontilhadas.”³¹³ Mas, para Augusto, a República estava morta – assim como para Euclides – e o mais triste era ver a disputa pelas partes do cadáver, saber quão deplorável poderia se tornar uma instituição que passara a ser “meretriz depois do túmulo”.

Para explicar a corrupção, os conúbios ilícitos entre políticos, oligarcas e outros que comandavam o destino da nação, Augusto fala, nesse poema, sobre o “atavismo das raças sibaritas,/ Criando concupiscências infinitas / Como eviterno lobo insatisfeito; / Na homofagia hedionda que o consome, / Vinha saciar a milenária fome / Dentro das abundâncias do seu leito!” O significado desses versos é que a regressão dessas raças luxuriosas, gerando assim infinitas luxúrias carnavais como o eterno lobo insatisfeito, na ânsia horrorosa de comer carne crua, vinha matar a fome ancestral nas riquezas de onde se deita.

Para consolidar nossa tese de que grande parte da obra de Augusto dos Anjos se refere às punições da Revolta da Chibata, faremos uma comparação do **Eu** com alguns trechos do livro **Ruínas de um Governo**, de Rui Barbosa. A obra é dividida em: **O governo Hermes, As ruínas da constituição, A crise moral, A justiça e Manifesto à nação**, e tem prefácio e notas de Fernando Nery.

³¹¹ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 320.

³¹² Ib., p. 320.

³¹³ *Apud* ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 828.

Bastaria um cotejo com os trechos de Moacir Costa Lopes, ou então com os depoimentos do próprio João Cândido a Edmar Morel e, em 29 de março de 1968, a Hélio Silva, que poderíamos ver claramente as relações entre os textos. Mas os trechos de Rui são particularmente importantes aqui por dois motivos: o primeiro, porque são em prosa, e o segundo, porque o grande escritor utiliza um recurso comum em Augusto: a metáfora da carniça, do lixo, da podridão, o que estabelece um perfeito dialogismo entre os dois textos.

Gostaríamos de fazer uma observação informal: desconhecíamos completamente os detalhes dessa punição aos revoltosos, que ficaram claros para nós após a leitura paralela de Rui e Augusto. Os poemas do **Eu** parecem formar a tragédia completa: desde a corrupção no seio do governo, a revolta dos marinheiros, o episódio do flagelo de Marcílio, o navio, as mortes, alusões à Amazônia, tudo se encaixa na grande dor que o poeta exprime pelos irmãos manietados, explorados e massacrados. A impotência diante da injustiça – ele mesmo vítima da opressão – a ânsia de compreender o mistério que rege toda essa maldade impune do mundo constroem, com o auxílio de Ésquilo – a quem ele invoca no início – a tragédia dos vencidos.

Arriscaríamos a imaginar algo como o lamento de Xerxes, em **Os persas**, mas este seria outro ponto a ser pesquisado futuramente; por enquanto são apenas hipóteses que nos ocorrem, neste ato de compartilhar o sofrimento desse poema que às vezes assume um tom épico, mas que, ao mesmo tempo, é moderno pelo engenho do poeta, que parece misturar as palavras de Rui às de João Cândido, às da imprensa (que também desejamos consultar futuramente, se for possível encontrar vestígios do que foi destruído); o monólogo da sombra, que nos remonta a dois textos: um de Generino dos Santos, que escreveu em 1912 um poema para Ariadna e Augusto Comte, **Transimbolismo histórico**.³¹⁴

³¹⁴ MARTINS, **História da inteligência brasileira**. Vol. V (1897-1914). São Paulo: Editora Cultrix: Ed. da USP, 1977-78, p. 507. “Eu venho da caverna primitiva/Pelo intrincado dédalo da História;/ E assinalei-me a infinda trajetória,/ Fiando a minha lei evolutiva./ Passei pela cabilda de extensiva/ Troglodita e fetichica memória/ E celebrei a artística vitória/ E fim dos deuses, na Hélade inda viva./ Transpondo o Islam, no gineceu romano,/ Transpondo o Islam, no gineceu romano,/ Águias do Império vi; no Vaticano,/ Guiava Pedro a barca de Caronte.../Erigi em Paris modesto templo/ À Humanidade e nela me contemplo,- És Ariadna? - Eu sou Augusto Comte. (1912).

Agora observemos o **Monólogo de uma Sombra**, de Augusto dos Anjos: “Sou uma Sombra! Venho de outras eras, / Do cosmopolitismo das moneras... / Pólipo de recônditas reentrâncias, / Larva de caos telúrico, procedo / Da escuridão do cósmico segredo,/ Da substância de todas as substâncias!”³¹⁵

Como já dissemos no início deste trabalho, toda obra aberta como a de Augusto apresenta várias camadas para leitura e interpretação. Até chegarmos nesta, que aqui apresentamos, passamos por várias leituras, desde a do budismo presente no texto, a de embasamento na teoria do Inconsciente, de Freud e outras, até encontrarmos o livro de Rui Barbosa, **Ruínas de um Governo**, cujo conteúdo também se refere aos castigos infligidos nos marujos revoltosos, mesmo depois da anistia.

Conforme a teoria utilizada por Roncari,³¹⁶ em relação ao texto roseano, encontramos uma direção para um mergulho mais profundo no texto de Augusto. Roncari afirma que busca, no texto de Guimarães, dar conta dos “três estratos de significados e como eles se articulam, mantendo ao mesmo tempo certa autonomia.”³¹⁷ Toda obra que se torna clássica é de rica polifonia e talvez seja esse o motivo de permitir várias leituras e, ao mesmo tempo, elas parecerem autônomas. Porém, a cada estrato atingido, sentimos que ainda falta algo. Logicamente é impossível esgotar todas as possibilidades de um texto como esse do **Eu**, no entanto chegamos aqui a uma interpretação bem mais completa do que já havíamos feito na dissertação de Mestrado.

Explanaremos aqui, de forma sintética, essas três camadas textuais de que fala Roncari. A primeira observação que ele faz é que, ao ler as obras roseanas, procurava as fontes a que elas o remetiam e às suas críticas. Com o **Eu** seguimos o mesmo trajeto, bastante penoso e demorado, que é dar conta das “vozes” presentes no texto.

E, assim como Roncari, sentimos a ausência, a não ser por algumas rápidas referências, de uma crítica que já houvesse mergulhado nessa terceira camada do texto, fato que também aqui surgiu como mais um elemento complicador para a compreensão desses poemas augustianos. Essa terceira camada seria a que alegoriza a história da vida

³¹⁵ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 195.

³¹⁶ RONCARI, Luiz. **O Brasil de Rosa: mito e história no universo rosiano: o amor e o poder**. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 17.

³¹⁷ Ibidem.

político-social da primeira República, principalmente porque o poeta paraibano fora vítima de um desentendimento desse âmbito, origem de toda a sua tristeza e de um verdadeiro exílio dentro da própria pátria.

E, também como em Rosa, essa camada alegórica tem um lado que pode ser visto como conservador, um tanto saudosista dos moldes do governo imperial. Verificamos, então, assim como Roncari, que na obra augustiana esse elemento “conservador” não significava uma defesa da ordem, mas sim uma crítica da ordem vigente e um apelo para uma nova ordem, a que restaurasse a moral, a dignidade e os outros valores nobres, então substituídos pela República por valores capitalistas que o poeta repudiava veementemente.

Mais ainda nos surpreendeu a menção feita por Roncari a Jackson de Figueiredo como um dos baluartes dos “restauradores de valores” do Império, mas não um transmutador de valores como foram intelectuais da categoria de Augusto, Euclides e Rosa, pois em nossa pesquisa também chegamos a uma conclusão semelhante.

Gostaríamos de acrescentar ainda outra possibilidade de interpretação da obra desse poeta, que vislumbramos com a leitura de **O Brasil de Rosa**, ou seja, empregando a teoria apontada por Roncari³¹⁸ em relação à produção literária de Guimarães Rosa. Assim como Rosa, Augusto também parece organizar sua visão de mundo baseado em três tipos de fontes principais:

uma empírica, dada pela vivência direta da região e do país; outra mítica e universal, adquirida na leitura da literatura clássica e dos primeiros momentos modernistas; e outra nacional, apoiada não só na nossa tradição literária, mas também nos velhos e novos estudos e interpretações do Brasil, efervescentes em seu tempo,³¹⁹

particularmente as de Rui Barbosa, cujos textos estabelecem grande intertextualidade com alguns trechos da obra de Augusto.

Concordamos ainda com Roncari, ao dizer que esses novos estudos do Brasil aguçavam a visão crítica sobre nossos costumes, nossa vida pública e privada, “uma

³¹⁸ RONCARI, Luiz. **O Brasil de Rosa: mito e história no universo rosiano: O amor e o poder**. São Paulo: UNESP, 2004, p. 17.

³¹⁹ Ibidem.

concepção elaborada, culta e discutida, e, por isso, imbuída também de crítica, embora esta devesse ficar, por variadas razões, oculta.³²⁰

Essas três camadas textuais de que fala o estudo sobre Rosa são, também, correspondentes a três dimensões do texto: “empírica, alegórica e mítico-simbólica; tendo cada uma o seu peso e efetividade própria, sem que uma se superponha e anule a outra.”³²¹ Essa combinação não é nova, mas a forma de realização e o sentido que adquirem no discurso são completamente inovadores.

Servimo-nos da explicação que dá Roncari:

Auerbach, na leitura que fez da *Divina comédia*, entre outras coisas, procurou mostrar justamente como cada uma dessas instâncias podia ser percebida e tinha um valor próprio, sem o quê, a obra de Dante não se distinguiria de muitas outras da literatura medieval: “Ao lado da forma alegórica que discutimos, há ainda outras maneiras de representar uma coisa por outra que podem ser comparadas com a profecia figural; é o caso das chamadas formas simbólicas ou míticas que são freqüentemente vistas como características de culturas primitivas e que, seja como for, são encontradas constantemente nestas. [...] Seu traço característico é que a coisa representada deve ser sempre algo muito importante e sagrado para aqueles a quem se dirige, algo que afeta de modo todas suas vidas e seu pensamento, não apenas como aquilo que se expressa ou é imitado pelo signo ou símbolo, mas como algo que está presente e contido nele.”³²²

A palavra se desintegra em um “entendimento empírico”, explica Benjamin, então ela possui, além de seu “aspecto simbólico mais ou menos oculto, um significado profano, e cabe ao filósofo restaurar, por representação, o primado do caráter simbólico da palavra.”³²³ Este procedimento é semelhante ao que entendemos necessário para compreender os textos do poeta paraibano. Ele mesmo mostra a preocupação com a origem da Idéia, em seu poema **A idéia**, como também em muitas passagens que refletem a respeito da não-correspondência entre signo e significado. Estamos apenas pontuando este aspecto da linguagem de Augusto, que também não nos interessa desenvolver neste trabalho.

³²⁰ Ibidem.

³²¹ Ibidem, p. 18.

³²² Ibidem, p. 19.

³²³ ROSEN, Charles. **Poetas românticos, críticos e outros loucos**. Trad. José Laurenio de Melo. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004, p. 181.

O EU E RUÍNAS DE UM GOVERNO

O cenário político brasileiro começou a ficar bastante conturbado a partir da morte do presidente Afonso Pena, em 1909, cujo sucessor foi Nilo Peçanha, responsável pela eleição do Marechal Hermes da Fonseca, que, conforme Afonso Arinos, jamais poderia ter sido empossado, uma vez que o vencedor pelo voto popular fora Rui Barbosa. Porém, com o apoio de alguns estados do nordeste, apareceram “votos-fantasmas” que permitiram a posse de Hermes. Baseamo-nos aqui na obra de Afonso Arinos e de Linda Lewin, que revelam os fatos a contrapelo da história oficial.

Há várias referências sobre a admiração do poeta paraibano a Rui Barbosa. Tanto Ademar Vidal quanto Magalhães Jr. afirmam haver ele votado no candidato civilista, o que lhe causaria grandes problemas na Paraíba, pois o Monsenhor Valfrido Leal, que também governou aquele estado e foi o braço direito dos Lopes Machado, tinha estreitas relações com o Marechal.

Vejamos o que diz Linda Lewin a respeito dessas eleições: “Na Paraíba, onde o voto presidencial em 1910 fora dado lealmente a Hermes”³²⁴, graças ao apoio das oligarquias. Em 1907, as tropas de Hermes haviam marchado para a Paraíba a fim de combater o violento banditismo que os cangaceiros, chefiados por Silvino, a pedido do juiz Epitácio Pessoa.

Valfredo se mantinha como homem forte nos governos oligárquicos da Paraíba graças à “submissão e incondicionalidade absoluta” que mantinha em relação ao presidente do Senado, Pinheiro Machado³²⁵. O próprio João Lopes Machado venceu as eleições na Paraíba, em 1908, porque os venancistas controlavam votos suficientes no legislativo estadual, tornando, assim, insignificantes as desistências dos Antigos Liberais da facção de Álvaro.³²⁶

³²⁴ LEWIN, Linda. **Política e parentela na Paraíba**. Um estudo de caso da oligarquia de base familiar. Trad. André Villalobos. Rio de Janeiro: Editora Record, 1993, p.240.

³²⁵ Ibidem, p. 252.

³²⁶ Ibidem, ver à página 252.

“Basta ler o rótulo ao envoltório da peçonha, para lhe conhecer as propriedades, e lhe ter certeza dos estragos. Só as crianças, os dementes ou os néscios levam à boca um frasco de rosagar, metem nas veias uma injeção de estricnina, ou se entregam ao sono em um ambiente de gás carbônico num quarto fechado.”³²⁷

Em Augusto, no poema **A dor**, “fruta amargosa da Desgraça”, é que destila seu veneno na boca das pessoas oprimidas: “De agonizante multidão rodeada,/ derrama em cada boca envenenada / mais uma gota do fatal veneno!”³²⁸

Respirar gás carbônico em um quarto fechado é buscar a morte; o próprio “quarto fechado” pode ser uma alegoria do túmulo, porém certamente se respira o que é mau por estar próximo a quem exala o que é ruim. Por conseguinte, aquele ambiente de corrupção, de deterioração da política, também é o de **Volúpia imortal**: “Os nossos esqueletos descarnados,/ em convulsivas contorções sensuais, / Haurindo o gás sulfídrico das covas, / Com essa volúpia das ossadas novas / Hão de ainda se apertar cada vez mais!”
329

Na camada mais superficial do texto, está perceptível que o “eu” diz a respeito da vida após a morte, defendendo a idéia de que a essência do ser continua viva dentro do esqueleto. No entanto, a leitura das alegorias nos permite entender outro sentido, o que se refere ao país, à República: embora morta, corrompida, a alma da pátria ainda está viva nela, passível de ser restaurada.

Rui faz alusão ao “conluio” de 1909, armado entre os políticos, que fez de Nilo Peçanha o sucessor de Afonso Pena na Presidência da República. Esse acordo nada mais fora do que a “coligação da covardia civil, agachada à sombra das casernas”. Em Augusto, no poema **Os doentes**, estes versos: “A estática fatal das paixões cegas, / Rugindo fundamente nos neurônios, / Puxava aquele povo de demônios / Para a promiscuidade das adegas”³³⁰ - dizem exatamente o mesmo, ou seja, a ganância levava aquele povo demoníaco, sem escrúpulos, a fazer acordos às escuras, nas “adegas”.

Em **Idealização da humanidade futura**, o poeta mostra que as negociatas realizadas eram pura sujeira e que fermentavam para se multiplicar: “No húmus dos

³²⁷ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 14.

³²⁸ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 463.

³²⁹ Ibidem, p. 356.

³³⁰ Ibidem, p. 245.

monturos, / Realizavam-se os partos mais obscuros, / Dentre as genealogias animais!”³³¹ Pois basta ler o texto de Rui que percebemos a intertextualidade explícita entre o texto de Augusto e este: “O dejetos do pânico ia entrar na sua fermentação natural. Bastava folhear a história da apolítica de quartel em toda a parte, para augurar o que nos esperava.”³³²

Continua Barbosa, dizendo que o Marechal Hermes, “assentado no Catete”, iria nos bem-aventurar com um “quadriênio de milagres.”³³³ Em **Tristezas de um quarto minguate**, Augusto responde a essa reflexão de Rui, colocando um verso praticamente deslocado de todo o resto do sentido da estrofe: “Diabo! Não ser mais tempo de milagre!”³³⁴

“Mas a carne é que é humana! A alma é divina./ Dorme num leito de feridas, goza/ O lodo, apalpa a úlcera cancerosa, /Beija a peçonha, e não se contamina!”³³⁵, fala o poeta, em **Gemidos de Arte**. Augusto utiliza muito a palavra “peçonha” e seus derivados, assim como também o faz Rui Barbosa, em alusão ao governo de Nilo Peçanha, no qual todas as armações políticas escusas tiveram origem. Os versos acima nos vêm à mente ao ler este trecho de Rui: “O governo dos *preparados* nos mazelara de úlceras e achaques.”³³⁶

Com o governo de “um *não-preparado* nos ia provar o marechal o tino, de que os seus amigos deram mostra, desencavando essa *margarita*. O oriente da pérola não podia mentir.” Aqui há uma referência à Maçonaria, a que tanto Hermes quanto Rui pertenciam. Em **Queixas noturnas**, o poeta estabelece uma intertextualidade com esse trecho acima: “Não trago sobre a túnica fingida / As insígnias medonhas do infeliz/ Como os falsos mendigos de Paris / Na atra rua de Santa Margarida”, alegando que ele não era maçom assim como aquele político corrupto. “Margarida” também significa pérola; a alusão a Paris lembra a origem da Maçonaria. Não estamos, aqui, entrando no mérito da questão, ou seja, não desejamos discutir a respeito do fato de ser ou não maçom, apenas revelamos a ligação entre os dois textos.

³³¹ Ibidem, p. 206.

³³² BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 15.

³³³ Ibidem, p. 16

³³⁴ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 300.

³³⁵ Ibidem, p. 262.

³³⁶ Ibidem, p. 16.

As cismas do Destino trazem versos que, em leitura supérflua, não conseguimos compreender, como “Ninguém, de certo, estava ali, a espiar-me,/ Mas um lampião, lembrava ante o meu rosto,/Um sugestionador olho, ali posto/ De propósito, para hipnotizar-me!”³³⁷ Em Rui, “olhos de joalheiros como os chefes da Convenção de maio, não haviam de errar, numa seleção, de cuja excelência estavam tão certos.”³³⁸ Os dois textos falam de pessoas que estariam perscrutando a intimidade do poeta, talvez ligadas ao mesmo grupo que escolhera Hermes para a presidência da República, ou seja, de maçons.

Em todos os lugares poderiam ser encontrados “atos, escândalos, monstruosidades, que se espalham à evidência do meio-dia, sem quebra de continuidade da sucessão de surpresas”³³⁹ “Andam monstros sombrios pela estrada / E pela estrada, entre estes monstros, ando!”³⁴⁰ – fala o poeta, em **Queixas noturnas**. Em **Apocalipse**, a voz que fala é a de quem vê essa seqüência de surpresas: “Espião da cataclísmica surpresa, / A única luz tragicamente acesa / Na universalidade agonizante!”³⁴¹

Viagem de um vencido traz os versos: “Eu, perdido no Cosmos, me tornara/A assembléia belígera malsã”, alegoria que parece trazer implícita o que diz Rui em “Quem enxovalhou a tribuna e desonrou a imprensa? Quem zombou da Nação, e ludibriou o país?”³⁴² Ao mesmo tempo, no poema **A luva**, o poeta paraibano fala: “Riam de mim, os monstros zombeteiros, / Trabalharei assim dias inteiros, / Sem ter uma alma só que me idolatre...”³⁴³ Este poema é dedicado a Augusto Belmont, que foi o primeiro comunista da Paraíba e, por, isso, marginalizado.

“Balanceemos e inventariemos”, clama Rui. Augusto, em **O Deus-verme**, como em outros trechos, parece fazer eco à alegoria de Rui, dizendo que “no inventário da matéria rica / cabe a seus filhos (do Deus-verme) a maior porção!”³⁴⁴

Em **O traga-espadas**, Rui estabelece um paralelo entre uma política que tudo aceitava, como fazia o Congresso na república de Hermes da Fonseca, com uma

³³⁷ Ibidem, p. 215.

³³⁸ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 16.

³³⁹ Ib., p.17.

³⁴⁰ Ib., 291.

³⁴¹ Ib., p. 354.

³⁴² BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 17.

³⁴³ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 485.

³⁴⁴ Ib., p. 209.

apresentação oriental que na época era muito sucesso: a do engolidor de espadas (e aqui parece, também, haver um duplo sentido, remetendo-nos a uma metonímia, para designar o general Pinheiro Machado, verdadeiro mandante daquela época):

Esses pelotiqueiros, de ordinário, ganham a vida alardeando o poetento. As mais das vezes não passa ele de uma simulação hábil, com que os charlatães da feira ou circo deixam pasmada a medíocre freguesia desses espetáculos baratos. Mas alguns têm logrado modificar de tal modo o aparelho **das goelas** que enviam pelo tragadoiro abaixo uma catana, com quem absorve um bombocado.

... **o chanfalho lhe desceu pela garganta até o guarda-mão**.(...) E o gargantão não se deu por achado. Com todos esses petrechos estojados nas fauces, fumou o seu cachimbo, revessou, depois, intactos, a um movimento voluntário do peito, os dois ovos, e, sossegadamente, (...) **se descartou da lâmina que engolira**.³⁴⁵

Em Augusto, a intertextualidade se percebe pela expressão “enterravam as mãos nas goelas”, cujo discurso correspondente em Rui é “o chanfalho lhe desceu pela garganta até o guarda-mão”; e, depois, entre “expeliam, na dor forte do vômito, um conjunto de gosmas amarelas.”

Vejamos as estrofes de **As cismas do Destino**: “Fabricavam destarte os blastodermas,/ Em cujo repugnante receptáculo/ Minha perscrutação via o espetáculo/ De uma progênie idiota de palermas.” O poeta vê os brancos bêbados a fazerem filhos nos prostíbulos, em uma primeira leitura, mas também em camada mais profunda, ele observa nascer, no meio daquela corrupção, como poderiam vir as outras sucessivas gerações, uma vez que eram geradas de forma escusa, saqueando o bem público. Assim “enterravam as mãos dentro das goelas/ e sacudidos de um tremor indômito / expeliam, na dor forte do vômito, / um conjunto de gosmas amarelas.”³⁴⁶

E Rui conclui o trecho da seguinte maneira:

Mas, por mais avisado que estivesse aos riscos de tão estranha **deglutição**, lá um dia lhe mostrou o ferro para que prestava, e o engole-espadas, mal ferido, acabou vítima da proeza, que explorava. Análoga era a façanha, a que se aventurou, em 1910, a política brasileira.

³⁴⁵ BARBOSA, Ruy. Op. cit., p. 19.

³⁴⁶ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 219.

E essa política sabia possuir uma “capacidade no tragadoiro”, para engolir “à larga leis, negócios e orçamentos.” E ainda assim não saciada, “achou-se com ânimo, para se ensaiar na façanha de ingerir espadas e canhões, encobrendo em seguida a **protuberância do abdômen** com a **mantilha** de uma frase, o bioco de um tropo.” Ou seja, essa política ainda engoliu mais vítimas – e aqui ele se refere aos massacres da Revolta da Chibata – e os seus responsáveis colocaram um manto sobre tudo o que fora feito errado, encobrendo os criminosos no abuso do poder.

Em **As cismas do Destino**, o repúdio a essa política também vem embutido nas alegorias: “Fica-te aí, com o abdômen largo / A apodrecer!... És poeira e embalde vibras! / O corvo que comer as tuas fibras / Há de achar nelas um sabor amargo!”³⁴⁷

Anotamos, ainda, que ao falar em “guerreiros priscos”, o poeta estabelece uma intertextualidade com a história das batalhas persas e também com alguns poemas épicos.

A “mantilha de uma frase”, imagem utilizada por Rui para significar o consolo de encobertar a corrupção, tem a sua correspondente no poema de Augusto, em “misericordiosa toalha amiga”, lembrando aqui a cena bíblica de Verônica enxugando o rosto de Cristo. “A protuberância do abdômen”, o tamanho do roubo, das falcatruas, das violências, a que se refere Rui, encontram uma referência em “abdômen largo a apodrecer”, de que fala Augusto nesse poema.

A mentira, o engodo, a falsidade, enfim, tudo o que serve para que as aparências sejam mantidas entra em jogo nesse individualismo possessivo que passa a dominar a sociedade. É o que diz Rui Barbosa nos fragmentos seguintes, utilizando alegorias que aparecem também nos poemas de Augusto e, para que esta explanação não canse o leitor, sintetizaremos aqui as muitas alegorias cruzadas entre o **Eu e Ruínas de um Governo**, sempre colocando o texto de Rui e, a seguir, o de Augusto.

³⁴⁷ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 222.

A MENTIRA-MÃE

A mentira é infinitamente **multípara**. Os seus germes, uma vez postos em contato com um meio favorável, **multiplicam**-se aos milhões, como esses **micróbios invisíveis**, que nos envenenam a água e o ar, o pão e o sangue.³⁴⁸ (Grifos nossos).

Rui fala dessa mentira, chamando-a de “multípara”, dizendo que o “estigma não encoberto a podia matar no nascedouro”, portanto era necessário “negar a pés juntos a origem militar da candidatura do marechal.” E foi exatamente o que fizeram, forjando as eleições presidenciais, para depois, através de votos de cabresto ou simplesmente adulterados – Afonso Arinos conta que chegaram mesmo a “votar” defuntos -; declarar a vitória, como se a candidatura nascesse de uma assembléia de civis.”³⁴⁹ Para Augusto, “a hereditariedade dessa pecha / Seguiria seus filhos”, é o que revela o poema **Os doentes**.

“Fecunda fonte desse mesmo leite / Que amamentou os éfebos de Esparta”³⁵⁰, revela o poema **Mater**, que utiliza o princípio da unidade das coisas para trazer, em camada mais profunda, a origem da candidatura Hermes, tanto que em Rui é a “mentira-mãe”, em Augusto, **Mater**, que traz implícita a alusão à origem militar do governante no termo “Esparta”.

“Análoga era a façanha, a que se aventurou, em 1910, a política brasileira”, afirma Rui, “para engolir à larga leis, negócios e orçamentos.”³⁵¹ E essas façanhas semelhantes ocorriam porque alguém as assinava.... No poema **Mãos**, essas mãos responsáveis por esses decretos e leis não muito claros nem retos são “Mãos de linhas análogas e anfratos / Que a Natureza onicriadora fez [...]”³⁵²

E assim, explica Rui, “os dedos da multidão lhe apontam todos o bandulho, vultoso da carga, e a boca, donde lhe saíam, em indiscrições constrangidas, a angústia de uma deglutição impossível.”³⁵³ Augusto é o implacável justiceiro do **Eu**, pois afirma, em

³⁴⁸ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p.p. 17-18.

³⁴⁹ Ibidem, p. 17.

³⁵⁰ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p.

³⁵¹ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 20.

³⁵² ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 347.

³⁵³ Ibidem.

Idealização da humanidade futura: “Meti todos os dedos mercenários / Na consciência daquela multidão...” e nela encontra “Somente achei moléculas de lama /E a mosca alegre da putrefação!”³⁵⁴

O poeta aponta onde ocorria essa promiscuidade, essa prostituição entre o bem público e a ganância particular de cada homem em **O lupanar**: “Este lugar, moços do mundo, vede:/ É o grande bebedouro coletivo, / Onde os bandalhos, como um gado vivo, Todas as noites, Vêm matar a sede!”³⁵⁵

Essa angústia indigesta é resultante das carnificinas provocadas por esses desmandos políticas e aparece, com o poeta paraibano, nesta imagem de **Os doentes**: “Descender dos macacos catarríneos, / Cair doente e passar a vida inteira / Com a boca junto de uma escarradeira, / Pintando o chão de coágulos sangüíneos!”³⁵⁶ Aqui se cruzam vozes várias, entre elas as dos flagelados pela seca que chegavam à cidade já muito debilitados pela inanição, doentes e as vozes das outras vítimas que sofriam nas masmorras, pondo sangue pela boca devido à inanição e à desidratação que os iam matando um a um. Ambas situações dependiam das ações do governo.

A República que não deglutiou esse alimento amargo de tantas mortes, tantos sacrifícios de inocentes é assumida pela voz do poeta que julga a História e que fala em **Solilóquio de um visionário**: “A digestão desse manjar funéreo/ Tornado sangue transformou-me o instinto / De humanas impressões visuais que eu sinto / Nas divinas visões do íncola etéreo!” Esse “manjar tornado sangue” era composto das vítimas inocentes aniquiladas nesse processo civilizatório.

Gemidos de Arte traz o desespero da consciência que reconhece a própria essência devoradora do ser humano, e lança um lamento: “Alimentar-se dos irmãos defuntos, / Chupar os ossos das alimárias!”³⁵⁷ Ao mesmo tempo em que o poeta percebe a igualdade entre todos os seres que possuem a centelha da vida, ele vê a tênue linha que separa os terrenos das atitudes racionais e irracionais. Muitas vezes o animal parece ser mais sensato do que o próprio homem, e isto o poeta fala em uma de suas crônicas.

³⁵⁴ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p.

³⁵⁵ Ibidem.

³⁵⁶ Ibidem, p. 238.

³⁵⁷ Ibidem.

Por este motivo, também, que em **Estrofes sentidas** Augusto compreende “a inani­dade da Ilusão” e tenta revelá-la, “mas, demonstrando-a, sinto um violento / rancor da Vida -- este maldito monstro / que no meu próprio estômago alimento!”³⁵⁸ O poeta paraibano demonstra uma enorme decepção não somente com os semelhantes, mas principalmente com a Igreja, como se houvesse descoberto algo terrível que houvesse abalado todas as suas crenças.

A PROLE DA MENTIRA DE MAIO

“A mentira de maio gerou essa família inumerável de parasitas, cuja história traçamos de antemão na campanha de 1910.”³⁵⁹

E encontra eco em Augusto, cujos poemas fazem também menção à mentira, ao engodo que se fazia ao povo, ludíbrio que se multiplicava, por ser “infinitamente múltipara”, como afirma Rui. E o que para um é espalhado por “micróbios invisíveis”, para outro é herdado como “imperfeição moral”: “Na Natureza, uma mulher de luto/ Cantava, espiando as árvores sem fruto,/ A canção prostituta do ludíbrio!”³⁶⁰ No poema **Os doentes**, o “eu” fala do “adesionismo biôntico das formas/ multiplicadas pelas leis da herança!”, ou seja, essa corrupção seria uma espécie de doença que somente se alastraria, geração após geração. Infelizmente hoje não há dúvidas disso.

É ainda nesse mesmo poema que Augusto fala do mal que vinha “do subsolo infeliz, **vinha de dentro/ da matéria** em fusão que ainda há no centro,/para alcançar depois a periferia!” A ruína começava justamente onde deveria haver a justiça, ou seja, no seio do governo. E a “hereditariedade dessa **pecha/ Seguiria seus filhos**” – o mesmo mal da corrupção e da violência ocorreu na colonização do Brasil e continuaria acontecendo, a República tivera os membros amputados antes da adolescência!

³⁵⁸ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p.

³⁵⁹ Ibidem, p. 21.

³⁶⁰ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 223.

Rui aponta a **Prole da mentira de maio** como a geradora dessa “família inumerável de parasitas, cuja história traçamos de antemão na campanha de 1910.” Augusto também fala desses aproveitadores parasitas, nos versos: “E apesar de já ser assim tão tarde,/ Aquela **humanidade parasita**,/ Como um bicho inferior, berrava, aflita,/ No meu temperamento de covarde!”³⁶¹

Os dois escritores aqui estudados advertem sobre os perigos e as consequências desse desgoverno. Rui o faz em **Agoiros verificados**:

“Que **agoirávamos** nós da situação criada em 22 de maio? **A morte das instituições** representativas. **A desorganização** dos serviços civis. **A anarquia militar**. **A onipotência da força**. **O regime de prevaricação**. A abolição da justiça. **A extinção da autonomia dos Estados**. O governo do **sangue** e do **azinhavre**. **A elefantíase** do caráter e da honra.”³⁶²

Augusto reflete as mesmas críticas nos versos de **Asa de corvo**, mostrando claramente o pressentimento de que o golpe dado em maio, com a eleição fraudulenta de Hermes da Fonseca, desarranjaria um regime que mal começara a se formar, que no seu embrião já trazia a presença de um mal que, à primeira oportunidade, cresceria e apodreceria o corpo todo da nação: “Asa de corvos carniceros, asa/ De mau **agouro** que, nos doze meses,/ Cobre às vezes o espaço e cobre às vezes/ O telhado de nossa própria casa...”³⁶³

Em **Monólogo de uma Sombra**, o poeta revela a desorganização interna da República: “A **desarrumação dos intestinos**/ Assombra! Vede-a! Os **vermes assassinos**/Dentro daquela massa que o **húmus come**,/ Numa glutoneria hedionda, brincam,/ Como as cadelas que as dentuças trincam/ No espasmo fisiológico da fome.”³⁶⁴ O “governo do sangue e do azinhavre” era aquele que dependia da escravidão, pois a única paga do negro era a moradia e a parca alimentação que recebia, além da chibata que lhe arrancava o sangue sempre que falseasse ou fraquejasse. Augusto também diz, em

³⁶¹ Ibidem, p. 216.

³⁶² BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 22.

³⁶³ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 250.

³⁶⁴ Ib., p. 197.

Gemidos de Arte, que o problema é o “dinheiro coberto de **azinhavre**/Que o escravo ganha, trabalhando aos brancos!”³⁶⁵

Os textos vão se entrelaçando, particularmente quando descrevem a situação revoltante dos prisioneiros na Ilha das Cobras e no navio *Satellite*.

O país começava a conviver, também, com os princípios do culto idólatra das coisas materiais, introduzido pela filosofia capitalista. Isso ia provocando, cada vez mais, a redução das relações humanas, dos sentimentos de fraternidade e tolerância, até mesmo de piedade. O que importa é que cada produção simbólica, seja cultural, religiosa, erótica ou artística possa ser transformada em mercadoria de compra e venda. Mas era preciso esconder a escória, para o bem do “progresso” que encheria os bolsos e a fama de quem tivesse com o poder nas mãos.

E esses rejeitados estavam, depois da anistia, na Ilha das Cobras e no navio-fantasma. Retomamos aqui as palavras dos depoimentos de João Cândido que estabelecem a intertextualidade com os textos de Rui e de Augusto. São aquelas que provavelmente ficaram na alma de todos que acompanharam as notícias pelo jornal, de todos que foram obrigados a se calar. Mas o artista não poderia jamais, por sua sensibilidade em relação ao sofrimento humano, ficar calado. Todo grande poeta ou escritor sempre busca um modo de falar.

Pascale, em sua obra **A república mundial das letras**, afirma que existe uma ambigüidade na dominação literária: os escritores podem ser simultaneamente dominados e utilizar essa dominação como “instrumento de emancipação e legitimidade.”³⁶⁶ Parece-nos que essa foi a atitude de Augusto, mal compreendida na época, o que o fez passar à história da literatura como um poeta doente, mórbido, provavelmente pelo estranhamento da presença do “cientificismo de Haeckel e Spencer”, característica apontada em praticamente todas as análises.

Augusto **não podia falar** de outra maneira, mesmo porque o Rio estava em estado de sítio e a imprensa, assim que começou a divulgar esses fatos, também foi calada. Alguns

³⁶⁵ Ib., p. 256.

³⁶⁶ PASCALE, Casanova. **A República mundial das letras**. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

poucos resistentes é que foram os responsáveis pela conservação da história, que não é contada até hoje na maioria das escolas.

Vejamos os textos de Rui Barbosa e de Augusto, lembrando de algumas palavras ou expressões dos depoimentos, como: água com cal, queimando e abrindo feridas na pele, o sufocamento pelo pó, o candeeiro, o querosene, paredes de rocha, sem espaço, dormindo amontoados, numa promiscuidade de corpos, ar abafado, calor insuportável, cozidos em um caldeirão, inferno, fezes, detritos, urina, vômito, desidratação, escarro, tosse, latrina que rolou, gritos, gemidos, barulho que cobre os gemidos, tentativa de arrebentar as grades, escuridão e gente podre.

Em Rui Barbosa, a narração da “Ilha da Morte”, referindo-se à Ilha das Cobras, conta que, conforme notícia do **Correio da Manhã**, chegados os primeiros lotes (de presos), “atulharam todas as masmorras, cubículos e solitárias já existentes”, e comenta que o termo “atulhar” é bem apropriado, pois naquelas solitárias que alojavam incomodamente uma pessoa, colocavam três ou quatro. João Cândido afirma haver ficado em uma cela, onde havia mais 17 companheiros, situação inimaginável! Pois bem, esses prisioneiros assim, “de pé, comprimidos uns contra os outros, sem se poderem virar”, permaneceram ali centenas de homens, várias horas (ou dias), sem a possibilidade de se virar, entre a “esperança de uma remoção que os aliviasse, e o terror de se lhes não mitigarem, ou se lhes agravarem ainda tão duros sofrimentos.”³⁶⁷ “Ao calor do verão no seu pino, o ar confinado abrasava” - continua Rui –

[...] transmitido no hálito de boca em boca, se viciava de momento a momento, e, embebendo-se nas exalações dos corpos, sufocava, atordoava, empestava os míseros presos. Sem oxigênio que respirar, nem água que beber, abafados, exaustos, **desvairados**, entraram em vida esses infelizes na experiência de um gênero **de morte** requintadamente desumano e **horrendo**. Acabou o primeiro dia, veio sobre ele a **noite**, amanheceu e expirou o dia seguinte na mesma **tortura**, recrudescendo de hora em hora com a privação de **tudo**. Nada, que lhes **aplacasse a sede**. Nada, que lhes mitigasse **a fome**. Nada, que lhes desse alento e alívio **aos pulmões, requeimados pela temperatura e envenenados com a corrupção** do ambiente.³⁶⁸

³⁶⁷ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 31.

³⁶⁸ *Ib.*, p. 32.

O sol escaldante não podia deixar de estar presente no **Eu**, em várias passagens, pois ele também é culpado pela infelicidade do pobre que depende do trabalho bruto e braçal. Nessas figuras cruzam os sentidos em que aparecem as vozes dos flagelados da seca e as dos marujos encarcerados, sem água, no sol escaldante de dezembro.

Gemidos de Arte traz estes versos: “O sol de cima espiando a flora moça /Arda, fustigue, queime, corte, morda!...”³⁶⁹ Ou ainda, no mesmo poema: “Sol brasileiro! queima-me os destroços! /Quero assistir, aqui, sem pai que me ame, / De pé, à luz da consciência infame, / À carbonização dos próprios ossos!”³⁷⁰ Lembrando ainda o ardor da cal, matéria cáustica, em **Gozo insatisfeito**³⁷¹ o “eu” sente queimar-lhe “o peito cáusticos de fogo / Esta ânsia de absoluto desafogo / Abrange todo o círculo infinito” – é o ardor da paixão que o levou à desgraça e, ao mesmo tempo, dos marujos abrasados pela cal. Todos eles estão no “Eu”, são uma só coisa no coração do poeta.

A dor, “de agonizante multidão rodeada, / derrama em cada boca envenenada/ mais uma gota do fatal veneno!”³⁷², diz o poeta, estabelecendo intertextualidade com o texto de Rui. A própria morte é uma serpente – e aqui é impossível não estabelecer uma conexão com a Ilha das Cobras – que ronda ameaçadoramente os prisioneiros: “É a Morte - - esta carnívora assanhada /Serpente má de língua envenenada”, diz o **Poema negro**, estabelecendo ainda uma intertextualidade com Rui e também Morel, pelo que vem a seguir: “Que tudo que acha no caminho, come.../ faminta e atra mulher que, a 1 de Janeiro,/Sai para assassinar o mundo inteiro, /E o mundo inteiro não lhe mata a fome!”³⁷³

A corrupção é outra figura presente no **Eu**, seja dos políticos, seja dos oligarcas ou então, como no texto acima, de Rui Barbosa, a corrupção do ambiente com os corpos em decomposição. Em todos os casos, as vítimas são os “vencidos”. Aliás, em Portugal, houve um grupo que se denominou “Os vencidos da vida”, após a geração de 70, que influenciou grande parte da literatura luso-brasileira do final do século XIX e início do XX.

³⁶⁹ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p.

³⁷⁰ Ibidem, p.

³⁷¹ Ibidem, p. 487.

³⁷² Ibidem, p. 463.

³⁷³ Ibidem, p. 286.

Em Augusto, é como se a tragédia fosse crescendo; a desgraça do Almirante Negro veio depois de dias de glória, de ter sido “dono” da armada e com o Rio de Janeiro sob suas exigências. É por isso que, após rejeitar essa idéia por muito tempo, consideramos a **Ilha de Cipango** como um texto que estabelece um dialogismo com o que houve na Ilha das Cobras. O grande problema, no início, foi a data, pois em Alexei Bueno está: “Pau d’Arco, 1904”. Não se conhece manuscrito nem publicação anterior em periódico.³⁷⁴

No entanto, após várias consultas e análises, concluimos aquilo que Khote diz sobre a alegoria, que o seu sentido fica superado, mas se o alegorista tiver competência, ele sabe renová-la. Foi o que fez Augusto: realizou mudanças em alguns dos seus **Poemas Esquecidos**, publicados já na Paraíba, e no **Eu** ele os reformula, ou então cruza trechos deles com outros versos ou estrofes escritos para essa obra. E essas alegorias podem ser lidas com os sentidos que se cruzam, ou seja, ele se refere a fatos da Paraíba, porém permitindo que os sentidos das metáforas e alegorias estabeleçam uma ligação interdiscursiva com outros episódios de mártires da colonização do nosso país e da Revolta da Chibata, no Rio.

Assim o ele constrói tempo poético, ou seja, aquele imanente da poesia, o tempo da enunciação, ou dialético, conforme Massaud Moisés, em que passado, presente e futuro se mesclam e se fundem em uma espécie de eterno presente; a atemporalidade da enunciação. O “eu” que fala nesses poemas é multifacetado, resultado do “eu” individual que ultrapassa todas as barreiras do pessoal e se funde no universal, para a sondagem cósmica e, ao mesmo tempo, o mergulho no mais íntimo do indivíduo. Este recurso permite que essa voz da enunciação pareça muitas vezes a voz de um deus, pois esse sujeito enunciador, uma vez mergulhado no Todo, torna-se onisciente e onipresente. Ele está na divindade, na “mônada primordial”, de onde vê e relata tudo.

Frisamos novamente que não há “chaves” para desvendar os enigmas do texto, apenas utilizamos os processos de interpretação textual a partir da análise dos implícitos do discurso, estabelecendo as relações de intertextualidade entre o **Eu** e **Ruínas de um Governo**, de Rui Barbosa.

³⁷⁴ Ibidem, p. 824.

Pois bem, o **Águia de Haia**, nessa obra que revela toda a lama em que chafurdava a República já no seu início, traz trechos de um orador inflamado e senhor da retórica, cujas imagens depois surgiram, fragmentadas, nos versos de Augusto. Como já dissemos, a poética augustiana é um versejar bem ao estilo dos românticos alemães na linha de Schiller, afeitos à linguagem do fragmento, porém com as características modernas acrescentadas por ele. Este recurso é tão presente na obra de Augusto que provocou também em nós uma fragmentação no texto interpretativo, pois são tantas vozes que se cruzam nesse contexto, que nos fica impossível manter o tempo todo uma unidade fechada, pois os assuntos ultrapassam o tempo, o local e os próprios personagens, ficando, assim, todos eles fundidos nesse “Eu” universal.

A MALÁRIA MORAL

Rui Barbosa chama de “malária moral” a convivência dos deputados e senadores em apoiar o que ele denomina a “mentira de maio”, ou seja, de esconder que a candidatura de Hermes da Fonseca era a mando do Exército e que, pela situação de ocupar o cargo de Ministro da Guerra, o Marechal era inelegível na época. Rui então questiona os méritos desse candidato: suas idéias eram uma “página em branco”; seus serviços, “uma carreira de promoções vertiginosas na paz, o generalato e o bastão de marechal apanhados no gabinete dos presidentes, uma ascensão ao pináculo da fortuna militar pelas secretarias, sem o vislumbre de um risco no campo de batalha.”³⁷⁵

O martírio do artista, poema de Augusto dos Anjos, traz uma estrofe que fala do embate entre as idéias e a expressão verbal, mas esta leitura está na superfície do texto, enquanto que, se nos aprofundarmos nele, veremos que a comparação com o soldado não é gratuita. É ela que nos permite inferir outros sentidos para esse trecho, ou seja, exatamente do soldado cujas idéias são “uma página em branco”, por isso ele a destrói: “Tarda-lhe a Idéia! A inspiração lhe tarda! / E ei-lo a tremer, rasga o papel, violento, / Como o soldado

³⁷⁵ BARBOSA, Rui. Op. cit., p. 20.

que rasgou a farda / No desespero do último momento!”³⁷⁶ Estes versos nos permitem lembrar o trecho de Rui na crítica a Hermes, como um militar sem idéias originais e a ironia maior está no título: **Martírios de um artista**, pois este seria, então, Hermes, cuja façanha era ter subido ao governo e “artista” por ter feito essa terrível “arte” de estragar a evolução da República no Brasil.

Em *Ave Libertas*, ao mesmo tempo em que tece louvores à República, a ironia de Augusto aponta sutilmente para a ascensão do marechal, cuja ameaça ao regime civil foi aumentando sutilmente, sem que o povo percebesse: “É livre a Pátria outrora opressa e exangue!”³⁷⁷ – e aqui o detalhe que nos leva a essa interpretação é apenas o ponto de interrogação que ele coloca ao lado da exclamação... Por que essa interrogação se ele realmente estivesse louvando a República? É um recurso bastante refinado, o de colocar a dúvida já embutida na admiração do fato. Paira, implícita nesse contexto, a questão: “Será que é mesmo livre?”, que somente se justificaria com a sensação de que alguma ameaça ronda o sistema.

Continuando o trecho desse poema, esse “eu-poético” fala que o sangue derramado é um erro que avilta qualquer vitória, portanto não pode estar presente na República, é atitude de repressão, de ditadores: “Esse labéu que mancha a glória pública, / Que apouca o triunfo e que se chama sangue, / Manchar não pode as aras da República.” Continua, na outra estrofe, a dizer que o ideal republicano deveria ultrapassar em serenidade a parte mais íntima da pátria, para ascender nesse sonho ao pináculo das glórias eternas. Não deixa, porém, de ter um fundo de ironia, pois lembra a figura do marechal, que serenamente, conseguiu essa façanha, para depois revelar a sua face ditatorial: “Não! que esse ideal puro, risonho, / Há de transpor sereno os penetrais / Da Pátria, e há de elevar-se neste sonho / Ao topo azul das Glórias Imortais!”³⁷⁸

Não podia essa candidatura nem se valer do pretexto de ser uma reação “a todo o transe contra a ditadura Campista”, pois alguns dos articuladores dela já haviam aderido, sigilosamente, à de Hermes, ocultando-a de Rui e de “outros iludidos o movimento de

³⁷⁶ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p.253.

³⁷⁷ Ibidem, p. 401.

³⁷⁸ Ibidem.

adesão, o trabalho surdo e as medidas de subserviência com que já requestavam o presidente atual.”³⁷⁹

No poema **O condenado**, permeiam-se as vozes de vários infelizes que não conseguem galgar os altos postos e acabam, por fim, sendo perseguidos. Entre eles, a voz do próprio poeta, e de todos os que acabaram sofrendo castigos, indo para a prisão ou até mesmo perdendo a vida e também o candidato civilista derrotado: “Olhar ao chão cravado e sempre fito,/ Parece contemplar a sepultura / Das suas ilusões que a desventura / Desfez em pó no horrído delito.” Todos eles tiveram os sonhos sepultados por atos injustos: “O mundo é um sepulcro de tristeza./ Ali, por entre matas de ciprestes, / Folga a justiça e geme a natureza.”³⁸⁰

O mesmo se faz presente nestes versos de **Dolências**: “Instilo mágoas saudoso, e enquanto/planto saudades num campo morto” – este “campo” tanto pode significar o Engenho quanto ser uma alusão à candidatura de Campista, morta antes do nascimento. Essa candidatura surgiu à luz do sol, ou seja, em reunião oficial, mas foi morta na calada da noite, entre aqueles que detinham nas mãos o real poder: “Agora é noite! E na estelar coorte, / Como recordação da festa diurna, /Geme a pungente orquestração noturna / E chora a fanfarra triunfal da Morte.”³⁸¹

Implacável, o candidato civilista continua: “[...] todos esses homens de Estado, todos esses chefes de partido, cujos lábios se dilatavam em riso, ou se torciam de desdém, se encrespavam de epigramas ou se contraíam em segredos contra a idoneidade do recruta a que iam entregar a Nação.” Salientamos que o “recruta” era Hermes. Guardavam o máximo sigilo do golpe, portanto em público não se via nenhuma forma de economizar “encômios, zumbaias, requintes de entusiasmo” para fazer do marechal um deus com as “excelências de um nome” que era desconhecido até então, mas que “baixava à terra, por misericórdia dos céus, entre este povo de mal-agradecidos.”³⁸²

³⁷⁹ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 20.

³⁸⁰ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 373.

³⁸¹ Ibidem, p. 418.

³⁸² BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 21.

A luva, poema dedicado ao “comunista da Paraíba”, Augusto Belmont, também traz versos que podem ser compreendidos como as risadas dos políticos que tramavam essa candidatura militar, como este: “Riam de mim, os monstros zombeteiros”³⁸³

Em **As cismas do Destino**, há uma República que se entristece pela morte da verdadeira política, a séria ciência de gerir o Estado, trocada pelas negociatas escusas, assunto que aparece nas charges de revistas da época como a mulher enlutada ou prostituída. Nos versos do paraibano, “Na Natureza, uma mulher de luto / Cantava, espiando as árvores sem fruto. / A canção prostituta do ludíbrio.”³⁸⁴ Fora enganado o partido civilista, fora ludibriado o povo.

INFERNO DE DANTE

Rui Barbosa refere-se aos fatos ocorridos naquelas masmorras da Ilha das Cobras onde foram presos os marujos revoltosos – e já anistiados -, dizendo: “O cansaço, o torpor da imobilidade, a compressão abafante esgotavam rapidamente aqueles organismos, reduzidos pela inédua à inanição. A asfixia colaborava na obra da fome.”³⁸⁵ **O Lázaro da Pátria**, poema em que Augusto fala do mestiço, do trabalhador braçal, caracterizado pela “elefantíase dos dedos”, traz ainda uma voz que cruza com o texto de Rui, ao falar do calor que oprimia, provocava a luta entre a pulsão de vida e a de morte: “À noite, quando sonha, / Sente no tórax a pressão medonha / Do bruto embate férreo das tenazes.”³⁸⁶

Em **As cismas do Destino**, vemos as duas pulsões penetrando naquele subterrâneo (fojo); a pulsão de vida é o Amor e a de morte é a Fome, ambos personificados, portanto alegorizados, permitindo-nos fazer uma ponte com as alegorias de Rui no trecho acima: “O Amor e a Fome, a fera ultriz que o fojo / Entra, à espera que a mansa vítima o entre [...]”³⁸⁷; e ali encontravam “corpos seminus, bocas sequiosas de uma gota refrigerante, olhos em ressaltos nas covas das órbitas, que a dor e o medo aprofundavam, esses

³⁸³ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 485.

³⁸⁴ Ibidem, p. 223.

³⁸⁵ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 32.

³⁸⁶ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 205.

³⁸⁷ Ibidem, p. 219.

espectros, ainda não livres da vida, se debatiam nas ânsias de uma cruciação, que o demônio da atrocidade invejaria...”

Poema negro fala: “Deste-me fogo quando eu tinha sede...”³⁸⁸, estabelecendo uma intertextualidade com palavras bíblicas, ou seja, com o texto do Novo Testamento, em Mateus, 25: “porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes”³⁸⁹, porém Augusto mescla essas palavras à ação ocorrida quando Cristo, na cruz, disse que tinha sede e lhe deram vinagre. Essa imagem traz implícito o fato narrado por Rui, em que os cativos morriam de sede e recebiam apenas água e cal.

Em **A Fome e o Amor**, os versos “e a satiríase sedenta,/ rugindo, enquanto as almas se confrangem”³⁹⁰, também trazem implicitamente esse trecho que Rui, em que a sede ameaça a vida de todos e a fome lhes dá “satiríase”, ou seja, a inanição provoca a deformação das faces. E ali o poeta paraibano vê aquele destino implacável dos negros e seus descendentes: “Gloriosamente à luz do sol desnudos / Ao bruto encontro dos ferrões agudos / Gemeu por muito tempo a alma africana!” – é o que reconhece o poema **O negro**.³⁹¹

“Caiu o primeiro flagelado”, conta Rui. “A mão benigna da morte o resgatara dos seus algozes. Era o caminho do túmulo que se abria para os outros, à vista dos que o iam acabar de transpor. “Caía um ar danado de doença / Sobre a cara geral dos edifícios!”³⁹², diz o poema **As cismas do Destino**, estabelecendo um cruzamento entre esse poema e o trecho de Rui. É nesse poema ainda que Augusto revela, na presença da morte, os “fetos” de outra vida, em um futuro que, para ele, é certo: “Fetos magros, ainda na placenta,/ Estendiam-me as mãos rudimentares!” Também em **Os doentes**: “Talvez tivésseis fome, e as mãos, embalde,/ Estendestes ao mundo” – além do cruzamento com o texto de Rui, traz embutidos outros sentidos, como o das moças que se vendem por questão de sobrevivência,

³⁸⁸ Ib., p. 286.

³⁸⁹ Documento em meio eletrônico. In <http://www.bibliacatolica.com.br/01/47/25.php> . Acessado em 24/02/2009, às 20:30h.

³⁹⁰ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 332.

³⁹¹ Ibidem, p. 469.

³⁹² Ibidem, 211.

mas ambos representam aquele ser humano faminto, que pede um socorro que o mundo lhes nega.

O único socorro que aparecia era para a remoção dos cadáveres, afirma Rui. E os ainda com um resto de vida agarravam-se “aos bordos da tumba”, tentando um movimento de revolta. “Diante da sepultura para os receber uns após os outros, [...] se agitaram em alarido, um resto de fluido nervoso os reanimou por instantes, os músculos exaustos se retesaram num assomo de vida”, e eles tentaram arrebentar a “gradaria das masmorras” que, com a pressão dos cativos “estremeceu ao embate da massa confusa que a confundia.”³⁹³

Versos a um coveiro trazem a referência aos inúmeros mortos e àqueles que já se viam diante dessas sepulturas abertas para recebê-los: “Numerar sepulturas e carneiros, / Reduzir carnes podres a algarismos, / Tal é, sem complicados silogismos, / A aritmética hedionda dos coveiros!”³⁹⁴ Augusto usa essa alegoria do “coveiro” tanto em seu sentido mais concreto, que é aquele que enterra os mortos, como em sentido conotativo, que é o responsável pela morte dos sonhos e esta imagem era muito utilizada para se referir aos burgueses emergentes da época e aos políticos, como vemos em revistas e jornais do início do século XX.

Em **Budismo moderno**, ao mesmo tempo em que nos permite uma leitura mais superficial, entendendo que o poeta busca eternizar o seu canto, também nos possibilita estabelecer uma relação com as grades das masmorras que estremeciam: “mas o agregado abstrato das saudades / Fique batendo nas perpétuas grades [...]”³⁹⁵ – aquelas grades que os prisioneiros em vão forçaram, antes de morrer. E é nelas – e devido à recordação do fato – que o **Eu** se tornaria uma obra consagrada. Esse poema também pode ser compreendido como se o “eu” falasse ao tio do poeta, que faleceu quando este estava no útero materno. Esse tio, irmão de Sinhá-Mocinha, era estudante de medicina e contraiu septicemia ao dissecar um cadáver. Entendemos desta forma o soneto, a voz do cadáver dissecado é o sujeito desse discurso.

³⁹³ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 32.

³⁹⁴ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 383

³⁹⁵ Ibidem, p. 224.

Em **O lamento das coisas**, há choro de tudo o que foi abandonado, impedido de viver. Em um sentido mais amplo, são as partículas de matéria no cosmos, porém numa análise da alegoria é possível encontrar o lamento desesperado dos prisioneiros abandonados nos subterrâneos da Ilha das Cobras: “Triste, a escutar, pancada por pancada, / A sucessividade dos segundos, / Ouço, em sons subterrâneos, do Orbe oriundos / O choro da Energia abandonada!”³⁹⁶

No poema **Minha finalidade**, em que o poeta tece explicações sobre sua missão no mundo da Arte, parece, também, haver uma resposta ao que Rui Barbosa intitulou de **Inferno de Dante**: “Na canonização emocionante, /Da dor humana, sou maior que Dante, /-- A águia dos latifúndios florentinos!”³⁹⁷ O que ele diz neste trecho é que, mais do que Dante, ele sabe dar à dor um caráter sagrado, divino, portanto fica também implícito que vai proceder à sublimação de todos esses sacrifícios humanos através da tragédia. Porém, o que julgamos aqui mais importante é a observação de que Dante foi o mais sábio a escrever sobre os latifundiários de Florença.

Um dos pensamentos fundamentais desse grande clássico leva o leitor a se recordar do Gênesis para compreender que a natureza foi feita para dar ao homem sustento e felicidade, mas o usurário subverte a criação negando ao ser humano o seu sustento e a sua felicidade, desprezando as leis e a sabedoria da natureza, buscando outros ideais egoístas. Com isso, ele provoca a injustiça, a miséria, a fome e, por consequência, a violência. É exatamente essa mensagem que nos traz o **Eu**, fazendo dele uma das obras mais importantes da literatura brasileira.

Voltemos ao discurso de Rui: “a polícia dos verdugos estava *à la mira*”, o regime repressivo se fazia valer naquele governo do Marechal Hermes, que mal acabara de assumir o poder. Um dos sinônimos de “verdugo” é carníface, o responsável pela “carnificina”, e é desta que falam os versos de **Psicologia de um vencido**, cujo “eu” revela, ao mesmo tempo, o raciocínio de uma vítima, mas também utiliza “verme” como alegoria do sistema que vigia e pune:”Já o verme -- este operário das ruínas --/ Que o

³⁹⁶ Ib., p. 309.

³⁹⁷ Ibidem, p. 333.

sangue podre das carnificinas / Come, e à vida em geral declara guerra, / Anda a espreitar meus olhos para roê-los”³⁹⁸

E, sobre os homens que “não queriam morrer, os serviçais da tarefa homicida esvaziaram sacos de cal.”³⁹⁹ Serviçal é quem faz a vez de criado, escravo, que é servil a outrem. Pois bem, os “serviçais” do regime eram soldados, aqueles que ora fazem o bem, ora fazem o mal, conforme a ordem a ser cumprida. Parece ser isso que dizem os versos de **Contrastes**: “Uma feição humana e outra divina / São como a eximenina e a endimenina/ Que servem ambas para o mesmo feto!”⁴⁰⁰ A feição humana, exterior, é aquela que está sempre usando máscaras, dissimulando, não agindo conforme seu coração; já a parte interior, que é divina, se predominasse sobre a outra, evitaria todo o mal. Assim é com o carrasco, o ditador, o senhor de engenhos, o político, enfim, todo aquele que assume uma função na sociedade que não lhe permita ser ele mesmo, de espírito puro e sincero. Todos trazem em si o verdugo e o santo, simultaneamente.

“E os acontecimentos subjugados / Olhavam como escravos para mim!”⁴⁰¹ – é o que fala o “eu” em **Canto de onipotência**, em que o carrasco se faz senhor da situação, em que os encarcerados e flagelados estão com a vida nas mãos dele.

Rui afirma que os prisioneiros, “asfixiados, cegos, arquejantes, nessa atmosfera irrespirável e corrosiva, [...] perderam a razão, e perderam-na de todo e [...] começaram, delirando no pesadelo da fome, a se lacerarem com os dentes uns aos outros.”⁴⁰² Esta passagem prova, para Augusto, que dentro de todo ser humano ruge um animal enjaulado, mas que se torna feroz em situações extremas, como essa da fome e canibalismo. E é ainda em **As cismas do Destino** que ele revela: “Ah! Por mais que, com o espírito, trabalhes / A perfeição dos seres existentes, / Hás de mostrar a cárie dos teus dentes / Na anatomia horrenda dos detalhes!”⁴⁰³ É o impacto da revelação de que nada resolvem todas as maravilhosas ou até excêntricas teorias sobre a excelência da criação que é o ser humano, se a qualquer momento ele pode revelar a besta que traz em si.

³⁹⁸ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 203.

³⁹⁹ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 33.

⁴⁰⁰ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 260.

⁴⁰¹ Ib., p. 343.

⁴⁰² BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 33.

⁴⁰³ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 211.

Noli me tangere traz, entre outros sentidos possíveis, o medo do prisioneiro de ser devorado pelos companheiros, fato que Augusto visualiza em sua “viagem” ao “Eu”: “Agregados anômalos malditos / Despedaçam-se, mordem-se, dão gritos / Nas minhas camas cerebrais funéreas...”⁴⁰⁴ Outro poema que também revela esse medo é **Alucinação à beira-mar**: “Um medo de morrer meus pés esfriava. / Noite alta. Ante o telúrico recorte, / na diuturna discórdia, a equórea coorte/ Atordoadamente ribombava!”⁴⁰⁵

Quando João Cândido, o líder da Revolta da Chibata, foi tirado da masmorra da Ilha das Cobras, em 18 de abril de 1911, e encaminhado para o Hospital dos Alienados, o Dr. Juliano Moreira alegou que ele não era louco, apenas estava em estado de extrema debilidade física, com início de tuberculose e sofria ainda de alucinações com os gemidos dos colegas mortos na masmorra e com medo de qualquer estranho que dele se aproximasse.⁴⁰⁶

A **máscara** parece falar dos presos que enlouqueciam naquela situação surreal por que passavam: “A Humanidade ri-se e ri-se louca / No carnaval intérmio da vida.”⁴⁰⁷

“Era o suplício de Ugolino, devorando os filhos na Torre de Gualandi, onde a política do tempo o encerrara, condenado com eles a não comer nem beber”, continua Rui. E Augusto, em **Os doentes**, estabelece uma intertextualidade explícita com esse trecho, particularmente nesta estrofe: “Quanta gente, roubada à humana coorte / Morre de fome, sobre a palha espessa, / Sem ter, como Ugolino, uma cabeça / Que possa mastigar na hora da morte”⁴⁰⁸

Ugolino foi condenado, juntamente com os filhos, a perecer sem alimentos ou algo que lhe saciasse a sede; e é a voz desse personagem que fala em **Alucinações à beira-mar**: “No eterno horror das convulsões marítimas / Pareciam também corpos de vítimas / Condenados à Morte, assim como eu!”⁴⁰⁹ No entanto, a referência a esse personagem mitológico traz mais possibilidades de formação de sentidos ao poema, pois Ugolino era

⁴⁰⁴ Ib., p. 337.

⁴⁰⁵ Ib., p. 278.

⁴⁰⁶ LOPES, Moacir C. **O Almirante Negro – Revolta da Chibata – A vingança**. Rio de Janeiro: Editora Quartet, 2000, p. 222.

⁴⁰⁷ Ib., p. 380.

⁴⁰⁸ Ib., p. 246.

⁴⁰⁹ Ibidem.

guelfo, ou seja, do partido de oposição ao imperador, em Florença, foi traído pelo arcebispo guibelino, Ruggieri degli Ubaldini, e preso na “torre da fome”. Esta informação confere com o que diz Alexandre dos Anjos em **Desajustado**, quando o personagem é perseguido por um padre, que incita a comunidade a marginalizá-lo. E isto, é claro, instiga-nos a futuras pesquisas a respeito do assunto.

Em **Guerra**, outra alusão implícita àquele estranho agrupamento agonizante: “[...] É a coorte/Das raças todas, que se entrega à morte / Para a felicidade da Criatura!”⁴¹⁰ E aqui o poeta revela uma visão acerca da humanidade: não é o Criador que exige o sacrifício no altar, mas sim a criatura que inventou essa deformação do que era divino e perfeito!

Mas a vítima dessa abominável destruição, dessa deplorável tortura, para Rui, sustenta-se eternamente na doença do carrasco, ou seja, continuam os homicídios porque sempre haverá homens desequilibrados para efetuá-los: “Nos abismos da epopéia dantesca a vítima do nefando exício se apascenta eternamente no cancro de seu verdugo.”⁴¹¹

Em Augusto, esse “verdugo” está em várias partes, mas é no poema **Aberração** que ele se apresenta como personagem da tragédia. É aquele que surge “na velhice automática e na infância”, em qualquer época, em “qualquer era”, apresenta-se como um ser híbrido que traz em si a “súmula sincera” das deficiências da essência do ser e cria na alma a obscura sensibilidade da angústia, matando o ideal, cobrindo o sonho e achatando o globo terrestre, encontra, no odor que dela emana somente a morte: “Criando na alma a estesia abstrusa da ânsia, / Como Belerofonte com a Quimera / Mato o ideal; crestos o sonho; achato a esfera / E acho odor de cadáver na fragrância!”⁴¹²

A alma desse carrasco é uma mescla de macabras anormalidades, pois ele existe como um tumor, obrigando as pessoas saudáveis a adoecerem: “Chamo-me Aberração. Minha alma é um misto/De anomalias lúgubres. Existo/ Como a cancro, a exigir que os são enfermem...” Sua ocupação é entrelaçar a infâmia, inventar uma falta grave moral ou legal, premeditar a sujeira, a lama; é esse o modo que ele encontra para deixar sua marca no

⁴¹⁰ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 234.

⁴¹¹ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 33.

⁴¹² ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 339.

mundo: “Teço a infâmia; urdo o crime; engendro o lodo / E nas mudanças do Universo todo / Deixo inscrita a memória do meu gérmen!”⁴¹³

Dante e Virgílio, na **Divina comédia**, ouvem a narração de Ugolino, “com a boca escorrendo na sânie do maldito, a crueza do arcebispo de Pisa; e as gerações que, há mais de quinhentos anos renovam, pela mão do vate de Florença, em companhia de Virgílio, a jornada sinistra”, até hoje se espantam diante do “castigo do réprobo convertido em pasto da sua vítima nas trevas da eternidade.”

A **obsessão do sangue** revela esse poeta tendo visões com aqueles atos escabrosos a que Rui se refere: “No inferno da visão alucinada, / Viu montanhas de sangue enchendo a estrada, / Viu vísceras vermelhas pelo chão...”⁴¹⁴

Morreu a noite e veio o Sol Eterno em tom castanho sanguinolento que desceu do Inferno no redemoinho dos claros raios do dia, é o que diz o poema **Régio**, que estabelece uma intertextualidade com o **Inferno** de Dante Alighieri: “Morreu a noite e veio o Sol Eterno /-- Âmbar de sangue que desceu do Inferno/ No turbilhão dos alvos raios diurnos...”⁴¹⁵

O texto de Rui faz alusão novamente ao episódio de Ruggieri e Ugolino, dizendo que as cabeças dos condenados de hoje não escurecerão nos quadros da Divina Comédia, porém a memória deles “curtirá por todo o sempre a infâmia da exposição à justiça da humanidade, como esses corpos de supliciados que o direito de outras eras, dignas destes crimes de agora, deixava, nos postes de opróbrio, entregues à intempérie das estações e à gana dos abutres.”⁴¹⁶

O **Eu** se abre com **Monólogo de uma Sombra**, em que alguns versos são como resposta a esse trecho acima: ““Sou uma Sombra! Venho de outras eras”, trazendo a justiça divina: “Na existência social, possuo uma arma / -- O metafisicismo de Abidarma.”; e essa Sombra traz ainda “A solidariedade subjetiva / De todas as espécies sofredoras.”⁴¹⁷ A alusão ao fato descrito por Rui sobre os condenados dependurados nos postes, servindo de

⁴¹³ Ibidem.

⁴¹⁴ Ib., p. 363.

⁴¹⁵ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 442.

⁴¹⁶ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 33.

⁴¹⁷ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 195.

alimento aos abutres, mostra **Tristezas de um quarto minguante**: “Nesta hora, oh! Vida em que a sofrer me enxotas / Eu estaria como as bestas mortas / Pendurado no bico dos abutres!”⁴¹⁸

O ENTERRO NOTURNO

Neste trecho, está a narração do que faziam com os corpos dos marujos que iam morrendo naquele cativeiro, da forma mais horrenda: “Ao cabo de três dias a ceifa dos carnífcies do governo montava em dezoito vidas. Eram então os 27 de dezembro, quando, pela noite, à calada, um desusado movimento acordava do seu silêncio habitual a praia do Caju.”

Para o poeta paraibano, **A peste** serve para falar tanto sobre a epidemia de varíola que grassava na Paraíba na época da maior seca, em que os flagelados morriam à beira das estradas e nas periferias da capital, quanto para dizer do modo como matavam os marujos na Ilha das Cobras; enfim, em todos os casos, essa morte era provocada pelos homens: “Filha da raiva de Jeová -- a Peste / N’um insano ceifar que aterra e espanta, / De espaço a espaço sepulturas planta / E em cada coração planta um cipreste!”⁴¹⁹

Nesse trecho aparece uma das características que colaboram com a perenidade do poema: falar do que foi e ainda poderá vir a ser. São fatos e ações que se repetem na história da humanidade, e a missão do grande poeta foi, por muito tempo, a reprodução mimética desses fatos. Assumindo assim a voz do poeta-profeta.

A noite encobre os atos mais escusos, mas Rui e Augusto os revelam a nós, como no texto citado acima e nestes versos de **Noturno**: “E a noute veio na negrura d’asa, / Santificada pela Dor do Mundo!” Ou então, nesse mesmo poema: “Rumores santos... e no santo arpejo, / Somente tristes os teus olhos vejo, / Para o Infinito e para o Céu voltados! / Cantas, e é noute de fatais abrolhos... / Choras, e no meu peito estes teus olhos / Como que

⁴¹⁸ Ib., p. 300.

⁴¹⁹ Ib., p. 424.

cravam dois punhais gelados!”⁴²⁰ – o poeta, continuando sua jornada visionária, ouve e vê os sucessivos enterros noturnos.

Além do silêncio do local, Rui afirma que no momento de escurecer, começavam a “tanger a sineta do cemitério, longa e lentamente, espalhando no bairro quieto a impressão de estranhas novidades. Era o toque de enterro”; porém àquela hora não era costumeiro haver movimento no cemitério, não “se abrem as portas dos sepulcrários senão à polícia ou à justiça.”⁴²¹

O poeta faz um jogo de palavras a partir do significado de “tocar”, pois em *Noli me tangere*, ao mesmo tempo em que parece uma advertência para que não seja mais tocada a sineta do cemitério, o que só ocorre quando há enterros, é também a voz do cadáver que avisa para que ninguém o toque, pois o castigo para quem o fizesse seria ter a sensação de todas as dores do mundo: “Ai! Não toqueis em minhas faces verdes, / Sob pena, homens felizes, de sofrerdes / A sensação de todas as misérias!”⁴²²

O tanger do enterro aparece em versos do **Eu** como neste de **O sarcófago**: “Ah! Ninguém ouve o soluçante brado / De dor profunda, acérrima e latente, / Que o sarcófago, ereto e imóvel, sente / Em sua própria sombra sepultado!”⁴²³ E é ao coveiro que o poeta se dirige em **Versos a um coveiro**, salientando o anormal número de enterros que ali aconteciam: “Numerar sepulturas e carneiros, / Reduzir carnes podres a algarismos, / Tal l é, sem complicados silogismos, / A aritmética hedionda dos coveiros!”⁴²⁴

“Quem violava o regimento dos mortos, para se insinuar entre eles, furtivamente?”⁴²⁵ Este trecho ecoa no **Eu**, em **As cismas do Destino**, acusando “uma raça / que violou as leis da Natureza!”⁴²⁶ Na obra de Augusto, os que sofrem essa violência são os índios, os negros e os mestiços, como em **Os doentes**: “Que, transgredindo a igualitária regra / Da Natureza, atira a raça negra / Ao contubérnio diário das quitandas!”⁴²⁷

⁴²⁰ Ib., p. 459.

⁴²¹ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 33.

⁴²² ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 337.

⁴²³ Ib., p. 325.

⁴²⁴ Ib., p. 350.

⁴²⁵ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 33.

⁴²⁶ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 211.

⁴²⁷ Ib., p. 247.

Essa violação às leis da Natureza aparecia também nos artigos de periódicos, mas à luz do determinismo: a miscigenação como fator de degeneração da raça. Esta é a violação a que se refere o poeta, conforme nossa leitura.

Ainda falando sobre os enterros noturnos: “Da parte do mar, no cais, defrontando com a necrópole de São Francisco Xavier, encostara à terra um batelão, de luzes apagadas, com uma carga numerosa de fardos.”⁴²⁸ Em **Afetos**, Augusto fala que o amor vindo da falta de sorte alheia é maldito, assim como o fardo da desilusão mortal que o queima: “O amor, porém, que da Desgraça veio / Maldito seja, seja como o fardo / Desta descrença funeral em que ardo/ E com que o fogo da paixão ateio!”⁴²⁹ O “fardo da descrença funeral” lembra os fardos que foram levados ao cemitério, conforme o texto de Rui. E em **Noturno** há referência a São Francisco, o que nos permite estabelecer um cruzamento entre os discursos desses dois escritores: “De São Francisco no plangente bronze / Em badaladas compassadas onze/ Horas soaram... Surge agora a Lua./ E eu sonho erguer-me aos páramos etéreos / Enquanto a chuva cai nos cemitérios / E o vento apaga os lampiões da rua!”⁴³⁰

O sargento responsável por essa carga desembarcou, então, e “levava as mãos cheias de papéis, e foi bater ao pesado portão do cemitério, que se lhe abriu, acudindo o administrador com os seus serventuários.”⁴³¹ Estes versos de **Gemidos de Arte** dizem: “O céu lembra uma lauda / Do mais incorruptível pergaminho./ Uma atmosfera má de incômoda hulha / Abafa o ambiente. O aziago ar morto a morte / Fede.”⁴³² – e nos permitem estabelecer uma intertextualidade entre o discurso de Rui e o de Augusto, pois o “pergaminho” e a morte no ar lembram essa chegada dos cadáveres.

Junto à papelada que o sargento levava, já estava, também, o “recibo do custo das covas, para não haver objeções ou empecilhos” a que fossem logo enterrados, ou “a que se dessem logo à terra aqueles corpos”, como fala Rui, porém esse procedimento não era habitual, pois os sepultamentos a pedido do governo eram realizados e depois a verba

⁴²⁸ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 34.

⁴²⁹ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 429.

⁴³⁰ *Ib.*, p. 459.

⁴³¹ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 34.

⁴³² ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p.264.

correspondente era enviada, mas como se fazia necessário ocultar rapidamente e em sigilo o que ocorria, as contas já estavam acertadas.

Augusto estabelece uma forte intertextualidade com esse trecho de Rui no poema **Os doentes**: “Quanta gente, roubada à humana coorte /Morre de fome, sobre a palha espessa, / Sem ter, como Ugolino, uma cabeça/ Que possa mastigar na hora da morte / E nua, após baixar ao caos budista,/Vem para aqui, nos braços de um canalha /porque o madapolão para a mortalha /Custa 1\$200 ao lojista!”⁴³³ O que ele mostra aqui é o fato de subtraírem os indivíduos da sociedade, geralmente após serem marginalizados por algum motivo que é dado ao povo pelos governantes; depois deixam-nos morrer à míngua e nem mais os entregam às famílias, vão para o cemitério levados por um dos carrascos ou serviçais deles que, em nome do Estado, pagam-lhes o sepultamento.

O administrador do cemitério de São Francisco diz, então: “Vou mandar acender os archotes, para trazer os corpos”, mas o sargento respondeu: “Nada de luzes. As ordens são de fazer tudo às escuras”⁴³⁴ O poema **Os doentes** traz versos que estabelecem conexões entre este poema e o texto de Rui, embora também permita, em leitura mais superficial, entender que ele fala das escravas do Engenho. Mas estão presentes neles “fardos”, “corpos nus”, “archotes”: “Pisando, como quem salta, entre fardos,/Nos corpos nus das moças hotentotes /Entregues, ao clarão de alguns archotes, /À sodomia indigna dos moscardos”⁴³⁵, ou seja, à sodomia da polícia secreta.

O NAVIO TRÁGICO

Neste trecho Rui fala do navio Satélite, o que levou alguns marujos e outros considerados marginais para o norte, sendo que alguns foram sacrificados no caminho e os que sobraram foram deixados na Amazônia, com os seringueiros: “Eram os 25 de dezembro, noite de Natal, quando às portas da Casa de Detenção, no Rio, estacaram vários automóveis da polícia, guarnecidos com abundância de força armada.”⁴³⁶

⁴³³ Ibidem, p. 246.

⁴³⁴ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p.34.

⁴³⁵ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 247.

⁴³⁶ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 35.

Um dos sinônimos de polícia, em sentido figurado, pode ser “mastim” e em **Uma noite no Cairo** há um verso que diz: “Os mastins negros vão ladrando à lua...”⁴³⁷ que pode estabelecer essa conexão com o texto de Rui, uma vez que o “Cairo” era uma alegoria bastante usada na época para a região do palácio do Governo Federal, no Rio de Janeiro.

George Steiner, em “A morte da tragédia, lembra que o palco do trágico é uma plataforma erguida entre o céu e o inferno, e os que por ela caminham podem encontrar, a qualquer momento, anjos da graça ou da danação. Os mastins do Inferno buscam as presas no santuário de Apolo, na tragédia antiga. No **Eu**, na “lua cheia”, quando a “alma dos Faraós anda e vagueia”, “os mastins negros vão ladrando à lua...” E no nível mais profundo desta alegoria está a figura do opressor que busca a presa.

Rui compara o **Navio negreiro**, de Castro Alves, aos “piratas da República”, que levavam, no navio Satellite, “um cativo novo, o nosso próprio cativo.”⁴³⁸ Em nossa leitura, entendemos que estes versos de **Monólogo de uma Sombra** revelam, implicitamente, esse navio, cuja inicial é a letra “S”: “E até os membros da família engulham, / Vendo as larvas malignas que se embrulham / No cadáver malsão, fazendo um S.”⁴³⁹

A meretriz é outro poema que fala desse navio: “Navio para o qual todos os portos / Estão fechados, urna de ovos mortos, / Chão de onde uma só planta não rebenta”⁴⁴⁰ – o navio que carregava os indivíduos para a morte ou para a escravidão e o exílio na Amazônia.

Em **A noite**, a escuridão passa a ser alegoria cujo significado no poema pode ser “escravo”: “A água transubstancia-se. A onda estoura / Na negridão do oceano e entre os navios / Troa bárbara zoadá de ais bravios, / Extraordinariamente atordoadora.”⁴⁴¹

⁴³⁷ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 251.

⁴³⁸ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p.36.

⁴³⁹ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 197.

⁴⁴⁰ Ib., p. 320.

⁴⁴¹ Ib., p. 362.

O DEPOIMENTO DO GOVERNO

O texto de Rui afirma que os corpos desses marujos foram sepultados na quadra 67, do cemitério do Caju, de número 68.550 a 68.575, deixa de citar os nomes dos mortos porque não deseja fazer de seu discurso um obituário, embora fosse um “obituário a história do governo Hermes: obituário das nossas instituições, o obituário de nossos caracteres, o obituário de nossos brios.”⁴⁴²

E continua: “Grande coveiro o marechal, que há três anos não faz senão sepultar leis, sepultar tradições, sepultar homens, e, no vasto cemitério, onde, há trinta e oito meses mexe a sua pá, e bate a sua enxada, há de acabar deixando aberto em côvados de fundo o alicerce do seu mausoléu.”⁴⁴³

O coveiro é o título de um poema de Augusto, cujo sentido cruza com o texto acima, pois no poema o “eu” conta haver ido visitar o cemitério e lá encontrou “um pálido coveiro/ com a cabeça para o chão pendida”; então ele pergunta: “Eterno companheiro da morte, quem matou-te o coração?” O coveiro aponta, então, para uma cruz, dizendo que lá jazia seu “amor primeiro” e depois, “tomando a enxada gravemente, / balbuciou, sorrindo tristemente:/ - ‘Ai! Foi por isso que me fiz coveiro!’”⁴⁴⁴ Aqui o “coveiro” é Hermes da Fonseca, responsável pela morte de tantos marujos. Hermes ficou viúvo, daí a relação entre o “amor primeiro” que lá estava sepultado; outra observação interessante é por que o poeta perguntaria ao coveiro quem lhe roubou o coração, se já não soubesse de suas infelizes determinações, provocando tantas mortes?

Há ironia nesse “sorriso triste” do coveiro, ao justificar o motivo da escolha dessa profissão, pois uma vez que a morte lhe levava o primeiro amor, então ele se vingaria, enterrando outras pessoas.

“Um dos mortos [...] tinha os olhos desorbitados, distenso o nariz, os dentes cerrados, contraídos os beijos, as faces dilaceradas. Outro apresentava cravados de dentadas os braços e as mãos. Imagens aterradoras dos arrancos da agonia na morte pela

⁴⁴² BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 41.

⁴⁴³ Ib., p. 41.

⁴⁴⁴ Ib., p. 383.

sufocação e pela fome.”⁴⁴⁵ Em **Solilóquio de um visionário**, o “eu” daquele que perdeu os olhos das órbitas é que parece falar: “Para desvirginar o labirinto/ Do velho e metafísico Mistério, / Comi meus olhos crus no cemitério, / Numa antropofagia de faminto!”⁴⁴⁶

Canto de agonia traz igualmente um cruzamento com o trecho de Rui: “Agonia, agonia, agonia, agonia! / -- Diz, e morre-lhe a voz, e cansado e morrendo / O Viajeiro vai, e vê a luz e vendo/ Uma sombra que passa, uma nuvem que corre,/ Caminha e vai, o louco, abraça a sombra e... morre!”⁴⁴⁷

Poderíamos aqui fazer um paralelo bem mais detalhado de **Ruínas de um Governo** e o **Eu**, mostrando todos os discursos que tecem a intertextualidade entre eles, porém o nosso objetivo maior não é esse, e sim mostrar a leitura do livro de Augusto como uma tragédia moderna. Já explicamos haver abordado esta questão das alegorias semelhantes nas obras desses dois grandes escritores apenas para comprovar em que nos baseamos para fazer essa interpretação. Por isso mostraremos apenas mais um exemplo, aquele que foi definitivo para esta interpretação: o da alegoria das “três manchas de sangue na camisa.”

A DITADURA DO ESTADO DE SÍTIO

Rui Barbosa fala do “painel das três sangueiras” que foram “esses assassínios oficiais, tendo por moldura o estado de sítio, extorquido ao congresso nacional, sob uma atmosfera de terror”, usando o pretexto da insurreição da Marinha e aplacados com “a mentira da anistia e o canhoneio dos insurretos”, porque após o episódio da anistia ainda bombardearam a Ilha das Cobras sem que os enfermos fossem retirados do hospital lá existente, encerraram nas masmorras até a morte dezoito marujos, colocaram, no total, mais de mil indivíduos considerados “indesejáveis” no Rio de Janeiro para serem transportados de volta à terra natal, porém muitos foram fuzilados no meio do trajeto e os outros abandonados na selva amazônica, como já dissemos antes.

⁴⁴⁵ Ib., p. 41.

⁴⁴⁶ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 232.

⁴⁴⁷ Ib., p. 461.

Em **As cismas do Destino**, o “eu” fala do “Antagonismo de Tífon e Osíris, / o homem grande oprimindo o homem pequeno/ A lua falsa de um parasseleno,/ A mentira meteórica do arco-íris”⁴⁴⁸ Estes versos trazem implícitas informações além das que nos permitem estabelecer uma intertextualidade com o texto de Rui. Ao mencionar Tífon e Osíris, além da idéia do Mal contra o Bem, Tífon era uma figura mitológica cujo corpo era rodeado por cobras. Ora, esta palavra nos remete à Ilha das Cobras, assim como a “mentira meteórica do arco-íris”, considerando que “meteórica” significa “fulgurante e de curta duração”, então esta figura pode ser entendida como “bombardeio”, que é o ocorrido na Ilha das Cobras.

Com o marechal, “o estado de sítio foi a ditadura. Com as suas faculdades adulteradas e usurpadas se apoderou ele do Rio de Janeiro, presa necessária às suas tramas”⁴⁴⁹, então três dias antes de terminar o governo Backer, assinou a intervenção no estado, para colocar alguém da situação. “Sob este regimen os atos da soberania mais absoluta se praticam em mangas de camisa, como arranjos privados e necessidades íntimas do mandão.”

Além desses desmandos, diz Rui que para “emendar a mão ao desaforo, o **Diário Oficial** de 13 de janeiro estampou, com a data de 3, o decreto n. 8.499 A, que com uma resolução de janeiro autorizava um ato de dezembro.”⁴⁵⁰

“Madrugada de Treze de Janeiro, / Rezo, sonhando, o ofício da agonia”⁴⁵¹ – fala o poeta em **Sonetos**, estabelecendo uma forte intertextualidade com esse texto que denuncia, no discurso de Rui, sobre esse desrespeito aos poderes instituídos.

Como o presidente precisava que o Congresso lhe tivesse feito uma lei para a intervenção acontecer, depois do fato consumado é que ela foi promulgada, “*ex-proprio Marte*, às barbas do corpo legislativo ainda reunido.”

Em 30 de dezembro, soldados do Exército cercaram o palácio do Ingá, ordenando que todos os guardas se retirassem, para levar o governador e tomou, depois, a mesma medida com todas as estações públicas e com a Casa da Assembléia do Estado,

⁴⁴⁸ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 220.

⁴⁴⁹ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 45.

⁴⁵⁰ Ib., 45.

⁴⁵¹ Ib., p. 269.

interditando o poder legislativo e mandando embora os funcionários das duas repartições, cessando o serviço público do Estado, livrava-se das “três sangueiras [...] em mangas de camisa.”⁴⁵²

Essas três manchas aparecem, no **Eu**, em **Monólogo de uma Sombra**: “E autopsiando a amaríssima existência/ Encontra um cancro assíduo na consciência/E três manchas de sangue na camisa!”

No próximo capítulo, em que faremos a nossa leitura e interpretação do **Eu**, entraremos mais detalhadamente nos sentidos encontrados na análise.

⁴⁵² BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 45.

CAPÍTULO III

O EU – O POEMA TRÁGICO DO POVO BRASILEIRO

*Deixa a tua alegria aos seres brutos,
Porque, na superfície do planeta,
Tu só tens um direito: - o de chorar!*
(AA, *Homo infimus*)⁴⁵³

Walter Benjamin, em sua tese **O conceito de crítica no Barroco alemão**, cita uma frase de Erwin Kircher: “Estes românticos queriam guardar distância justamente do ‘romântico’ – tal como era entendido então e hoje.” (BENJAMIN, 1993, p. 111-2).

Augusto dos Anjos emite alguns pensamentos sobre o Romantismo, que parecem convergir para esta fala de Benjamin:

É óbvio que atravessamos uma fase intercalar de esgotamento, resultante do próprio romantismo que, - fulgurando longo tempo no ciclo vitorioso dos seus prógonos, - não teve, entretanto, desde as hipérboles imitativas do gongorismo hugoano, a força incrementadora de assumir o mesmo realce em nossos dias, corrompendo-se desastrosamente numa argamassa abstrusa a que a resignação do século confere, por exagero eufêmico, o nome bonito de *escolas modernas*.⁴⁵⁴

Mais adiante, na mesma crônica, o poeta afirma não ser lícito comparar o romantismo “cheio de úlceras” com aquele “subjativismo puro de Álvares de Azevedo ou o lirismo específico de Fagundes Varela.” Pois bem, podemos concluir, pelas declarações acima, que Augusto considerava grandes poetas Vitor Hugo, Álvares de Azevedo e Fagundes Varela. Todos representantes do Romantismo.

Outro pensamento que não podemos desprezar nesse mesmo texto é a afirmação de que o homem “é a criatura e não o criador dos acontecimentos” – e nisto ele já

⁴⁵³ ANJOS, Augusto. **Obra completa**. Op. Cit., p. 332.

⁴⁵⁴ Em **Crônica Paudarquense**, publicada no jornal **O commercio**, em 7/11/1905.

revela uma visão trágica da vida.⁴⁵⁵ Esta declaração afasta-o radicalmente do pensamento nietzscheano, além de outras evidências que explicitaremos mais adiante.

Mas Augusto não se filiou ao movimento parnasiano, embora utilize formas cultivadas nesse movimento estético, como o soneto, versos decassílabos e rimas ricas, nem a estéticas que fizessem da poesia um amontoado de palavras inertes. Ele mesmo fala de sua tendência à modernização, obedecendo, porém, à “evolução orgânica de todos os mecanismos artísticos literários”.⁴⁵⁶ E acrescenta: “O que nós queremos é evoluir, galgar pináculos mais elevados, aperfeiçoar-nos em suma, e não transmitir fluidos ineficazes de vitalidade momentânea a arcabouços obsoletos.”

Em nossa análise, consideramos Augusto bem mais próximo do que Benjamin denomina “trágico barroco” do que do niilismo de Baudelaire, alcançado, muitas vezes, através das drogas e da bebida, enquanto o poeta paraibano defende a metafísica, é extremamente esotérico e de moral rígida. Baudelaire se considerava “cidadão do mundo”, Augusto prezava muito a família e a tradição, em tudo deixando marcas de sua rígida moral. Esboçar um início de demonstração dessa teoria é a intenção deste trabalho.

Mas não podemos dizer que seu estilo seja exclusivamente parnasiano, pois utiliza a musicalidade do Simbolismo, apresenta alguns recursos modernistas, como vocábulos que nomeiam objetos que eram novidade na época, como “aeronave”, “Raio X”, “ondulação aérea”, “copo de sorvete”, mescla valores numéricos por extenso, números, como “21 tiros”, “cinco mil milhões de francos”, “300 quilos”, datas: “6^a. feira, 3 de maio”; expressões como “triângulo escaleno”, “hipocondríaco”; em latim, como “*delirium tremens*” e “*mater originalis*”.

Nos poemas do **Eu** aparecem, ainda, referências a várias religiões, nomes de escritores, santos, personagens, figuras da mitologia e da História, entre outros, como: “Phtah Hotep”, “Rig-Veda”, “Haeckel”, “Goethe”, “Giordano Bruno”, “Santa Francisca”, “Hamleto”, “Macbeths”, “Lutero”, “Aldebarã”, “Argus”, “Ofir”, “Goncourts”, “Pilatos”, “Dionisios”, “Cristo”, “Moisés”, “Nabucodonosor”, “Mársias”, “o boi Ápis do Egito”, “Niebelungen”, “Tebas”, “Lázaro”, “gladiador de Roma”, “Toscanelli”, usa latim “*delirium*

⁴⁵⁵ ANJOS, Augusto. Op. Cit., pp. 598-599.

⁴⁵⁶ Idem, ib., p. 598.

tremens”, “mater originalis”; sem falar nas metáforas do terror, do lixo e da podridão, como “figuras espectrais”, “vermes”, “sepulcral”, “húmus”, “corpo que apodrece”, “babilônico sansara”, “asa negra das moscas”, “larva”, “caveiras sujas”, “sangue podre das carnificinas”, “tísica”, tênue, mínima, raquítica”; “língua paralítica”, “filho podre”, “peçonha”, “meretrizes”, “anônimo, a feder”, “podridão das dupras agras”, “dos defuntos novos incha as mãos”, “carne podre”, etc.

Augusto parece reunir fragmentos de um conhecimento universal e misturá-los, depois utilizá-los na confecção do poema, bem ao estilo da receita do poema dadaísta, mas com frases que permitem a formação de sentidos, ao contrário da receita de Tzara. Daí a dificuldade de uma leitura crítica: é preciso abarcar todo esse universo augustiano para poder compreender o **Eu** como um poema de uma nação. Impossível proceder apenas ao comentário de alguns poemas, a menos que esta tese não tivesse o objetivo de considerar a obra como um todo, portanto com um percurso a seguir, e esta foi nossa opção.

3.1. A MÍMESE NO *EU*

Tanto nos pontos extremos do país quanto na própria capital, nas solitárias da Ilha das Cobras, em nome do progresso e do poder do Estado nacional, ocorriam tragédias brutais, que só atualmente a História tem revelado. Mas os grandes escritores, com o poder da transfiguração através da ficção, deixaram seus testemunhos em suas obras, algumas delas tão herméticas que exigem uma grande pesquisa e uma análise profunda da camada mais obscura do texto para se construírem os sentidos que não se revelam em sua superfície. Este é o caso do **Eu e Outras poesias**, de Augusto dos Anjos.

Luiz Costa Lima propõe, em **História. Ficção. Literat.ura**⁴⁵⁷, uma nova teoria histórico-literária para o texto poético, e é nela que ancoramos este estudo. Costa Lima resgata o sentido da mímese proposta por Aristóteles, e não como *imitatio*, interpretação feita pelos italianos no Renascimento. Mímese seria, portanto, a história narrando-se por si mesma, daí o seu meio de expressão ser a tragédia ou a comédia.

⁴⁵⁷ LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literat.ura**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

Não pretendemos classificar o **Eu** como tragédia, uma vez que a tendência da crítica é considerar não haver mais tragédia após a morte do paganismo, portanto o que propomos aqui é a leitura dessa obra como um poema trágico, porém com algumas características ainda da tragédia clássica, talvez pelo desejo do autor, como expressa o eu-poético em vários trechos, de immortalizar-se com esse grande poema. Para melhor compreensão do assunto é que decidimos proceder a uma pequena revisão dessa idéia de “trágico” ou “tragédia”, desde as origens.

A TRAGÉDIA GREGA: ORIGENS

Ainda não se conseguiu negar que a tragédia tenha nascido do culto a Dionísio, cujos devotos, após uma dança vertiginosa, caíam em *ékstasis*, que para eles significava “sair de si”, superar a condição humana e mergulhar no deus. Ao mesmo tempo, sentiam-se possuídos por ele.

Era o êxtase e o entusiasmo que os fazia comungar com a imortalidade, transformando-os em heróis, ou seja, um varão que ultrapassara o “méttron”, a medida de cada um.⁴⁵⁸ Sem esse êxtase, a alma humana está condenada a viver no abismo.

O herói é, então, um “hypocrités”, aquele que responde em êxtase e entusiasmo, isto é, *um outro*, o **ator**. Este é um ato de violência contra si mesmo e contra os deuses imortais, que provoca o ciúme divino.

O herói torna-se, então, emulo dos deuses e a punição é imediata: lança-se contra ele a “cegueira da razão” e tudo o que ele fizer se voltará contra ele mesmo. Fechar-se-ão sobre ele as garras da “Moira”, o destino cego.

Como obra de arte, a tragédia torna-se, portanto, a desmistificação das *bacchanalia*, motivo pelo qual o Estado se apoderou dela, tornando-a um mero apêndice da religião política da *polis*.

⁴⁵⁸ BRANDÃO, Junito de Souza. **Teatro grego: tragédia e comédia**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 11.

O embate entre emoção e razão, dionisíaco e apolíneo atravessa todo o **Eu** e, como a Sombra já mostra no poema de abertura, no final também se confirma a vitória da emoção, do dionisíaco.

Tudo o que é material neste mundo está condenado à morte, à decomposição, porém a essência humana, para Augusto, é o que permanece, tanto em uma reencarnação quanto o que fica vibrando nos versos que deixar escrito.

A TRAGÉDIA PARA ARISTÓTELES

“É, pois, a tragédia imitação de uma ação séria e completa, dotada de extensão, em linguagem condimentada para cada uma das partes (imitação que se efetua) por meio de atores e não mediante narrativa e que opera, graças ao terror e à piedade, a purificação de tais emoções.”⁴⁵⁹

Aristóteles separa inteligentemente a arte da moral da teoria da *mimese* e da *catarse*. A tragédia é a imitação de realidades dolorosas, por isso utiliza o mito em sua forma bruta, como matéria-prima, fazendo com que a sua apresentação proporcione deleite e entusiasmo. Mas se o belo é o equilíbrio, como essas realidades podem gerar prazer?

Para esse filósofo, as paixões e cenas dolorosas e mesmo o desfecho trágico são *mimeses* apresentadas por via poética, não em sua natureza brutal e trágica. Passam-se em um plano artificial, mimético. Não constituem a realidade, mas valores pegados a ela, pois arte é uma realidade artificial.

Na concepção aristotélica, a tragédia é própria de momentos de grandes mudanças e grandes crises, quando a linguagem do mito não compactua com a política real da *polis*. Implica “uma justiça (*diké*) em luta contra uma outra *diké*, um direito que não está fixado, que se desloca e se transforma em seu contrário”. Socialmente a tragédia indica a maneira de transição entre pensamentos político e jurídico nascentes e as tradições mítico-heróicas.

⁴⁵⁹ ARISTÓTELES. **Poética**, 1449b. Trad. de Eudoro de Souza. Porto Alegre: Ed. Globo, 1968. *Apud* BRANDÃO, op. cit., p. 12.

Estabelecendo uma comparação entre momentos como o do nascimento da república em Atenas e da construção de um novo império, momento este em que floresceu a tragédia na Grécia, como veículo da mimese, e o final da monarquia/início da República no Brasil, é interessante salientar estas palavras de Foot Hardman:

Diante do horror e da extinção do mundo baseado nos valores comunitários da honra, da hierarquia, e da cultura como distinção, a prosa, ao invés de se retrair, prolifera; ao invés de se empobrecer, busca o requinte; ao invés de palavras gastas, a palavra rara. (HARDMAN, 1998)

Poderíamos dizer que o mesmo acontece com a mimese. Mas o que ocorreu de comum nestas duas épocas? É possível estabelecer pontos semelhantes entre elas, como: a existência de gerações fortemente arraigadas e afetadas pelo antigo modo de viver; de um questionamento entre os mundos humano e divino; o fato de manter os deuses à distância dos acontecimentos; a transição entre pensamentos político e jurídico nascentes e as tradições mítico-heróicas e ser a mimese a única forma de discussão institucionalizada dos problemas mais profundos de uma população “que ainda era perseguida por noções de dupla causalidade, humana e divina”.

A tragédia surgiu, então, como o lugar de mimese de situações que provocam compaixão e pasmo (Poética, 52 a 38-b), por meio da reviravolta (peripatéia) provocada pela *kamartia*, o erro involuntário do herói. Ela provoca, então, no espectador, *eleos* (piedade) e *phobos* (temor), que o levam à *katharsis* (catarse).

A mimese revela um estado de mundo diferente da configuração textual e o “organismo-mundo” mostra a configuração interna, pois o homem via o mundo como um corpo cósmico, cujas partes funcionam como órgãos. Para Costa Lima, essa mimese orgânica contribuiu para a distorção do conceito-chave da **Poética** de Aristóteles.

Conforme Halliwell, na mimese reconhecemos e compreendemos as maneiras como traços possíveis da realidade são intencionalmente nela indicados. É pela mimese que se estabelece a correspondência entre mundo sócio-histórico e texto. Mas a força da linguagem do “semelhante” (*homoios*) e da “semelhança” (*homoiotés*) é essencialmente

lógica, não pictórica, e a correspondência entre ambos se estabelece em termos lógicos, não visuais.

HERÓI E DESFECHO

Aristóteles delimita bem o caráter do herói trágico e a causa de sua *metábole*, ou seja, da passagem da fortuna para o infortúnio. Segundo ele, os muito bons não devem passar da boa para a má fortuna, nem os muito maus da desdita para a felicidade, pois estes não preenchem o fim próprio da tragédia, que é suscitar terror e piedade.

O herói trágico é aquele que se situa em posição intermediária: não se distingue pela virtude ou pela justiça, nem pela crueldade. Ele é o homem comum, que caiu no infortúnio não por ser perverso ou vil, mas devido a algum erro (*di hamartían tiná*). É injustamente castigado em nome de um povo, de uma ordem social, assim como ocorreu com Augusto na Paraíba ou com João Cândido, no Rio de Janeiro.

A mimese sempre corresponde à sociedade a que seu agente pertence. O texto acolhe, seleciona e transforma as configurações sociais através da mimese, portanto a sociedade é parceira da mimese, pois nela circulam valores, usos e costumes, que formam uma lógica social, anterior à lógica do indivíduo.

ÉSQUILO – AS CATÁSTROFES INEVITÁVEIS

Ésquilo, poeta de Elêusis, eleito dos mistérios de Deméter e Perséfone, é do final do século VI a.C., portanto anterior à corrupção que os sofistas fizeram ao *logos*, opondo a razão à própria razão, abalando a segurança e a compreensão da *polis*.⁴⁶⁰

O teatro esquilino é muito mais uma teomorfização do que uma antropomorfização, acostumado às trevas do “telestérion”, iluminadas somente quando os fachos dos iniciados mostravam ao “mystai”, à voz do sacerdote de Deméter, o grande mistério da espiga de trigo cortada ao meio. Os personagens são mais heróis do que homens, seu drama é a luta entre as trevas e a luz, a agonia e o terror, entre o Hades e o

⁴⁶⁰ BRANDÃO. Op. cit., p. 17.

Olimpo, entre as Erínias e Apolo, a Moira e a “diké”. O grande trágico busca conciliar, nervosa e desesperadamente, o princípio da justiça e o destino cego, uma vez que a pólis é a casa dos homens e a práxis dos deuses.

Ésquilo substituiu a liberdade pela fatalidade. Nele, a Moira é a medida de todas as coisas, e não o homem. Este nada mais é do que o “sonho de uma sombra”.⁴⁶¹ A obra esquiliana lembra o tempo todo que *ánthropos é homo e homo é húmus, terra, barro, argila. Ser humilis, com a cabeça voltada para a terra, é próprio da condição humana.*⁴⁶² No **Eu**, essa idéia do homem como “húmus”, “monte de estercorária”, perpassa a obra toda.

Ao ultrapassar o *métron*, a medida humana de cada indivíduo, cometeu-se uma *hybris*, que gera a *némesis* – a punição como justiça distributiva – porque o mortal passa a ser um competidor dos deuses. *Áte*, a cegueira da razão, apossa-se dele e toda ação feita pelo homem o levará ao abismo final, a queda nos braços da Moira. Na obra de Augusto dos Anjos podemos encontrar trechos que se referem a essa visão, como, por exemplo, em **As cismas do destino**: “Tudo isto que o terráqueo abismo encerra / Forma a complicação desse barulho / Travado entre o dragão do humano orgulho / E as forças inorgânicas da terra!”⁴⁶³

Ésquilo também é particularmente importante porque, à semelhança de Dante, que invoca Vergílio, Augusto invoca o grego que introduziu modificações na tragédia helênica tradicional e defendeu a vida junto à natureza, em contrapartida com a da cidade e a civilização que se impunha.

Em **Vozes de um túmulo**, há aquela conscientização do herói diante de suas limitações: “No ardor do sonho que o fronema exalta / Construí de orgulho ênea pirâmide alta... / Hoje, porém, que se desmoronou / A pirâmide real do meu orgulho, Hoje que apenas sou matéria e entulho / Tenho consciência de que nada sou!”⁴⁶⁴ Em **A luva**, dedicado a Augusto Belmont, o desafio do herói que, neste caso, desafia o deus que provocou o fim da tragédia clássica:

⁴⁶¹ Ibidem, p.17.

⁴⁶² Ibidem, p. 18.

⁴⁶³ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 221.

⁴⁶⁴ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 259.

Nisto, abre, em ânsias, a tumbal janela / E diz, olhando o céu que além se expande: / ‘-- A maldade do mundo é muito grande, / Mas meu orgulho ainda é maior do que ela! / Ruja a boca danada da profana / Coorte dos homens, com o seu grande grito, / Que meu orgulho do alto do Infinito / Suplantará a própria espécie humana! / Quebro montanhas e aos tufões resisto / Numa absoluta impassibilidade’, / E como um desafio à eternidade / Atira a luva para o próprio Cristo!⁴⁶⁵

A filosofia básica do teatro esquiliano resume-se, portanto, na Moira, a fatalidade cega, esmagando o homem, que também contribui com uma grande parcela de responsabilidade na sua própria tragédia, por haver ultrapassado o *métron*. Vejamos a presença da Moira em **Gemidos de Arte**: “E assim pensando, com a cabeça em brasas / Ante a fatalidade que me oprime, / Julgo ver este Espírito sublime, / Chamando-me do sol com as suas asas!”⁴⁶⁶

O poema **O sarcófago** é todo uma explicação desse destino cego: “Senhor da alta hermenêutica do Fado/Perlustro o *atrium* da Morte... É frio o ambiente/E a chuva corta inexoravelmente/O dorso de um sarcófago molhado!”⁴⁶⁷ A voz que fala no poema é de alguém que consegue penetrar nas masmorras ou em qualquer outro lugar em que estejam os condenados à morte, e o faz como aquele que profetiza, que pode interpretar o Destino e vê que tudo naquele lugar é frio, não há vida; e a água corta as costas do túmulo feito de pedra – e aqui há outra alusão às masmorras da Ilha das Cobras, que também eram de pedra. Estes versos lembram a água que minava por todos os lados naquelas solitárias, conforme depoimento de João Cândido já visto anteriormente.

“Ah! Ninguém ouve o soluçante brado/De dor profunda, acérrima e latente,/ Que o sarcófago, ereto e imóvel, sente/ Em sua própria sombra sepultado!” – continua o poeta, revelando que ninguém se sensibiliza com a dor daquele que se vê às vésperas da morte. “Dói-lhe (quem sabe?!) essa grandeza horrível, / Que em toda a sua máscara se expande, /À humana comoção impondo-a, inteira.../Dói-lhe, em suma, perante o Incognoscível,/ Essa fatalidade de ser grande/ Para guardar unicamente poeira!” Então ele

⁴⁶⁵ Ibidem, p. 485.

⁴⁶⁶ Ibidem, p. 265.

⁴⁶⁷ Ibidem, p. 325.

questiona os sentimentos a que o condenado está sujeito, a dor da grandeza da essência, diante da única realidade de que ele está certo, a de que tudo logo será simplesmente pó.

O herói que ultrapassou o *métro*n tem consciência de que, por se tornar um semideus – que tem contacto com o divino - será vítima da fatalidade, é o que mostra ainda esta estrofe de **Gemidos de Arte**: “E assim pensando, com a cabeça em brasas / **Ante a fatalidade que me oprime**, / Julgo ver este Espírito sublime, / Chamando-me do sol com as suas asas!” (Grifo nosso).

O teatro de Ésquilo é também um drama sem esperança e sem promessas, pois ele considera o sofrimento como uma página de sabedoria: “sofrer para compreender”, a dor que redime e concilia. É em **As cismas de um Destino** que essa idéia está bem clara: “Porque, para que a Dor perscrutes, fora / Mister que, não como és, em síntese, antes / Fosses, a refletir teus semelhantes, / A própria humanidade sofredora!”⁴⁶⁸

O próprio Augusto escreve à mãe, em 29 de setembro de 1914, dizendo que, após tanto sofrimento e haver conseguido o cargo de diretor de escola em Leopoldina, aceitava na filosofia “o finalismo otimista de Sócrates”, que conclui ser para o bem tudo o que acontece. Ou seja, aceitava a necessidade do sofrimento humano.

Mas esse sofrimento para a compreensão muitas vezes não é de responsabilidade única do indivíduo e sim do *guénos*, pois a *hamartia* é uma herança. E se o *guénos* é uma soma de *personae sanguine coniunctae* – um grupo unido por laços de sangue – todos, em conjunto, mas também individualmente, serão sempre co-responsáveis pelo agir do outro, por isso a falta de um cairá sobre toda essa comunidade. Estes versos que são a continuação dos anteriores, revelam esse aspecto: “A universal complexidade é que Ela/ Compreende. E se, por vezes, se divide, / Mesmo ainda assim, seu todo não reside/ No quociente isolado da parcela!”⁴⁶⁹ “Ela” é a Dor, que entende a complexidade deste mundo, desse Todo voltado para o Um (universo); e mesmo que essa dor se divida entre várias pessoas e em vários lugares, é também necessário que todas as suas frações estejam unidas para que seja inteira. Como tudo na criação, as coisas e seres só têm existência na unidade.

⁴⁶⁸ Ibidem, p. 219.

⁴⁶⁹ Ibidem, p. 219.

“Ah! Como o ar imortal a Dor não finda!/ Das papilas nervosas que há nos tatos/ Veio e vai desde os tempos mais transatos/ Para outros tempos que hão de vir ainda!” Esse “eu” que analisa o mistério da dor conclui que ela é como o ar, não acaba, pois teve origem desde os tempos mais remotos e irá até os tempos que virão.

Em **Eterna mágoa**, a figura desse “bode expiatório” que é o herói trágico, revela-se por completo: “O homem por sobre quem caiu a praga/ Da tristeza do Mundo, o homem que é triste/ Para todos os séculos existe/ E nunca mais o seu pesar se apaga!”⁴⁷⁰ Essa mancha eterna da alma, que é a mágoa, é descrita pelo “eu” que fala nesse poema como algo inerente à existência humana, pois sempre haverá aquele que carrega a maldição da tristeza do mundo e essa dor acompanhará essa alma eternamente. É clara a aceitação do Destino, neste trecho.

Então esse homem nunca “[...] crê em nada, pois, nada há que traga/ consolo à Mágoa, a que só ele assiste./Quer resistir, e quanto mais resiste/ mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga.” Torna-se um descrente, pois sua alma não encontra consolo em coisa alguma ou em ninguém, só ele sente essa dor profunda, embora tente resistir em vão, pois quanto mais se preservar ao sofrimento, mais profundamente ele o sentirá. O mártir “Sabe que sofre, mas o que não sabe/ É que essa mágoa infinda assim, não cabe/ Na sua vida, é que essa mágoa infinda/ Transpõe a vida do seu corpo inerte;/ E quando esse homem se transforma em verme/ É essa mágoa que o acompanha ainda!” Terrível esta constatação do poeta, ao dizer que o sofrimento tem conhecimento da sua dor, o que não sabe, porém, é que ela o acompanhará para sempre, até após a morte, por ser inerente à alma, e não ao corpo.

O herói é também um solitário em sua missão, pois ele transgrediu, e sobre ele “caiu a praga da tristeza do Mundo”, e a *hamartia* é uma herança, pois “essa mágoa infinda assim [...] transpõe a vida do seu corpo inerte [...] e mesmo quando ele se “transforma em verme”, essa mágoa continua sendo a sua sina.

Em **Monólogo de uma Sombra** é possível perceber *o guénos*, por isso a falta de um afeta a todos, quebrando a unidade: “E foi então para isto que esse doudo / estragou o vibrátil plasma todo, / à guisa de um faquir, pelos cenóbios?!...”.⁴⁷¹

⁴⁷⁰ Ibidem, p. 290.

⁴⁷¹ Ibidem, p. 197.

Essa unidade é essencial ao equilíbrio da humanidade, porém assim como há uma força para unir, existe aquela contrária, que desune, que é má e causadora de toda a tragédia, como explica Augusto em **Louvor à unidade**: “Escafandros, arpões, sondas e agulhas/ Debalde aplicas aos heterogêneos/ Fenômenos, e, há inúmeros milênios, / Num pluralismo hediondo o olhar mergulhas!”⁴⁷² Neste poema, o “eu” fala ao homem que não há instrumentos com que ele possa sondar a essência da vida, pois mergulhando nas águas, introduzindo sondas e agulhas no corpo, pois o ser humano sabe somente ver de forma pluralista, ou seja, ele não exercita a visão divina, que só enxerga o Uno, o Todo.

“Une, pois, a irmanar diamantes e hulhas,/ Com essa intuição monística dos gênios,/ A hirta forma falaz do *aere perennius*/ A transitoriedade das fagulhas!/-- Era a estrangulação, sem retumbância, /Da multimilenária dissonância/Que as harmonias siderais invade...” É preciso, então, fundir o rico com o pobre, com a percepção que os gênios têm da unidade das coisas a forma rígida e enganosa que parece perene à efemeridade das centelhas, diz a voz. Era o enforcamento, sem repercussão da antiquíssima diferença que invade a concórdia astral.

“Era, numa alta aclamação, sem gritos, / O regresso dos átomos aflitos/ Ao descanso perpétuo da Unidade!” Essa “multimilenária dissonância” é o protótipo do Mal, que desune as criaturas e deve ser “estrangulada”, ou seja exterminada através do sacrifício, para que voltem “os átomos aflitos ao descanso perpétuo da Unidade”.

Certamente não é em vão que Augusto cita, em **Sonho de um monista**, esse grande poeta trágico que foi Ésquilo, cujo esqueleto é o seu companheiro de “viagem”, alusão à “iniciação” feita aos mistérios de Elêusis. E citar Ésquilo é apontar para a tragédia grega das grandes catástrofes, como faz o **Eu**. “Eu e o esqueleto esquelido de Ésquilo / Viajávamos, numa ânsia sibarita, / por toda a pró-dinâmica infinita, na inconsciência de um zoófito tranqüilo.”⁴⁷³ O poeta viaja com o cadáver repugnante de Ésquilo, num desejo voluptuoso, por toda a energia infinita, sem a consciência repressora, como um simples zoófito, sem o conhecimento do Bem ou do Mal.

⁴⁷² Ibidem, p. 313.

⁴⁷³ Ibidem, p. 225.

Aqui aparecem traços do dionisíaco, em “ânsia sibarita”, “pagão no altar de Proserpina” (esta deusa estava sempre presente nesses rituais de iniciação) e a aceitação de uma energia primordial, sem regras ou leis, a “energia intracósmica divina”, de onde surgiram todas as outras energias. “A verdade espantosa do *Protilo*/ Me aterrava, mas dentro da alma aflita/ Via Deus – essa mônada esquisita –/ Coordenando e animando tudo aquilo!” A visão da substância primordial deixava-o espantado, mas dentro da alma angustiada podia ver Deus, como uma mônada esquisita, fonte de todo movimento do universo.

“E eu bendizia, com o esqueleto ao lado, / na guturalidade do meu brado,/ Alheio ao velho cálculo dos dias, / como um pagão no altar de Proserpina, / a energia intracósmica divina / que é o pai e é a mãe das outras energias!” Esse “eu” que fazia a viagem astral, fora do tempo e do espaço, louvava essa energia primordial que lhe revelava a igualdade das coisas na criação.

Não há dúvidas que a obra de Augusto foi escrita para ser um trágico moderno, pois esse olhar da tragédia está presente em toda ela. Eis alguns versos em que ela aparece: **Monólogo de uma Sombra**: “É uma trágica festa emocionante!”⁴⁷⁴; **As cismas do Destino**: “Todos os personagens da tragédia, / Cansados de viver na paz de Buda,/ Pareciam pedir com a boca muda / A ganglionária célula intermédia.”⁴⁷⁵ Em **Queixas noturnas**: “Que dentro de minh’alma americana / Não mais palpita o coração -- esta arca, / Este relógio trágico que marca/ Todos os atos da tragédia humana!”⁴⁷⁶; em **Os doentes**: “Naquela angústia absurda e tragicômica /Eu chorava, rolando sobre o lixo”⁴⁷⁷ ; em **O pântano**: “Em sua estagnação arde uma raça, / tragicamente, à espera de quem passa/ para abrir-lhe, às escâncaras, a porta...”⁴⁷⁸

Ainda em **Apocalipse**: “Espião da cataclísmica surpresa,/ A única luz tragicamente acesa / Na universalidade agonizante!”⁴⁷⁹; em **Volúpia imortal**:

⁴⁷⁴ Ibidem, p. 197.

⁴⁷⁵ Ibidem, p. 216.

⁴⁷⁶ Ibidem, p. 293.

⁴⁷⁷ Ibidem, p. 242.

⁴⁷⁸ Ibidem, p. 314.

⁴⁷⁹ Ibidem, p. 354.

“Tragicamente, ainda depois da morte, / Dentro dos ossos, continua a arder!”⁴⁸⁰; em **Viagem de um vencido**: “Tragicamente, diante do Homem, se ergue / A esfinge do Mistério Universal!”⁴⁸¹; em **O último número**: “Era de vê-lo, imóvel, resignado, / Tragicamente de si mesmo oriundo”⁴⁸²; em **Soneto**: “Em que lugar irás passar a infância, / Tragicamente anônimo, a feder?!”⁴⁸³

A ESTRUTURA DA TRAGÉDIA

A tragédia em si divide-se em episódios, que correspondem aos atuais atos. Esses episódios podem ser longos ou curtos na mesma peça e o mais costumeiro era colocar quatro episódios em cada peça, além da introdução. Aos episódios, entremeiam-se os cantos do coro, sendo que os primeiros chamam-se párodos, os outros estásimos e o último, que retira da peça uma lição para o povo, é o êxodo.

Para Ésquilo, a diferença entre a epopéia e a tragédia é que a primeira canta os grandes feitos do povo ou do herói, enquanto a tragédia apresenta a desolação, a ameaça da morte, mas acompanhada da compaixão, do desespero, da tristeza e do luto. Podemos, então, concluir que o **Eu** é trágico, não épico. Mas como classificar esse trágico é outro problema, que certamente este trabalho não dará conta de responder, apenas pretende apontar essa leitura da obra como trágica, dos especialistas no estudo desse gênero é que esperamos uma explanação mais aprofundada sobre o assunto.

Indispensável ao trágico são os jogos de interesses, transferência de fortuna, reconhecimentos e intrigas, tudo o que exige muitas ações. Ésquilo escolheu para objeto da tragédia uma ação grande, importante e de interesse geral; uma ação integral, perfeita, cujas partes constituam um todo; uma ação simples, sem a mistura de ações independentes; ação grande, importante e de interesse geral; uma ação integral, perfeita, cujas partes constituam um todo; A tragédia seria, então, o épico abreviado.

⁴⁸⁰ Ibidem, p. 356.

⁴⁸¹ Ibidem, p. 358.

⁴⁸² Ibidem, p. 365.

⁴⁸³ Ibidem, p. 207.

As duas forças poderosas da tragédia são, inegavelmente, o Fado (Destino) e a Nêmesis, esta como a “justiça distributiva”, mas também “ciúme, inveja”. Ao Fado até mesmo os deuses tinham que se submeter e, conforme esse texto estudado, a Nêmesis, para a religião grega, é o sentimento de inveja ou ciúme que os deuses têm dos mortais.

Alguns personagens mitológicos morreram devorados pelos vermes por tentarem devassar os arcanos, reservados aos deuses. Nêmesis é a entidade que guarda as fronteiras dos céus que separam causa e efeito, pois Zeus e os deuses do Olimpo guardavam o monopólio de todas as venturas, e abatiam o humano que tentasse descobri-las. E é por isso que Ésquilo e Píndaro aconselham aos muito ricos a repartir com os menos favorecidos, para não provocar a ira dos deuses.

Acreditava-se na punição de Nêmesis à vaidade excessiva, à violência injusta, à exibição da força, ao ultraje, à miséria, ao desprezo àqueles que suplicam, à afronta aos mortos, à ingratidão dos filhos para com os pais, ou seja, essa deusa promovia o equilíbrio na comunidade.

O TRÁGICO MODERNO

Há uma tendência a rejeitar a tragédia após o evento do Cristianismo, uma vez que os valores do mundo ocidental passaram a ser outros e o homem não acreditou mais no Olimpo e em seus deuses, nem na imutabilidade do destino. Mas Robert Williams afirma ser um paradoxo negar a existência de uma tragédia moderna, pois seria o mesmo que reconhecer a insensibilidade humana que desenvolvemos em relação ao nosso próximo.

Negar a tragédia na modernidade é dar o aval de não-trágicos aos eventos da humanidade como a fome, a guerra, o trabalho injusto, a política e outros, e isto seria aceitar a falência estranha dos sentimentos humanos de piedade e compaixão, o que nenhuma retórica sobre a tragédia pode encobrir. Negar a opressão e a dor do outro é o mesmo que negar a humanidade ou a evolução humana. Portanto, para Williams, faz-se necessário reconhecer a presença dessa tragédia moderna e discernir sua estrutura de sentimento dominante, as variações no seu interior e as conexões dessas variações com as estruturas dramáticas atuais, possibilitando, assim, uma reação crítica a elas, no sentido

mais amplo. Hegel insiste em uma substância ética e sua vinculação ao processo de encarnação histórica da Idéia, que Marx levou na direção de uma História específica.

Na Antigüidade Clássica, o destino e a providência estavam além do entendimento humano, daí a predominância deles até mesmo sobre os deuses. É preciso, agora, encontrar a significação do que é ser capaz de tragédia, pois parece ter sido mais fácil encontrar a ausência dela. O problema é que o leitor da tragédia deve ser capaz de sentir a dor alheia para que possa construir o sentido trágico no texto.

Com o Positivismo, foi subvertida a idéia de ordem, pois ela passou a existir antes da ação trágica, e isso esvaziou os sentidos da tragédia, pois a ordem era o resultado da tragédia, e não podia, portanto, anteceder-lá. A tragédia deve sempre ser uma resposta à desordem social, assim como o é na obra de Augusto; que mostra a civilização que primeiro se banhava em sangue para depois chegar à espécie de “ordem” atual.

Para Williams também a idéia de redenção da humanidade é trágica no mundo real, pois deve partir sempre de um estado de terror e piedade, em que se nega a humanidade a uma parcela da população, negando assim a própria idéia de humanidade. Essa redenção nasce, portanto, de um sofrimento verdadeiro de sujeitos reais e tem como conseqüências a degeneração, o embrutecimento, o medo, a inveja, o rancor. Ela nasce, ainda, de uma experiência do mal que se torna intolerável pela certeza de que ele pode ser evitado, pois depende de escolhas e experiências.

No ocidente, os homens agem como contra-revolucionários em nome de uma liberdade absoluta que não existe e esta atitude ajuda a amenizar e camuflar a sangrenta história do passado, mas que pode se imortalizar através de almas sensíveis como a de Euclides da Cunha ou Augusto dos Anjos e Rui Barbosa; podem ficar batendo nas grades das palavras que eles deixaram no mundo para que as futuras gerações as penetrassem e descobrissem aí o “painel das sangueiras” de tantas vítimas inocentes torturadas e dizimadas em nome dessa estranha ordem que exclui a muitos de seu território.

O autor diz ainda que defender a idéia de uma revolução pacífica – portanto não trágica – seria apenas uma experiência e esperança locais e a manutenção de uma falsa consciência. Mas será mesmo? A história nos prova que o ser humano combate a violência com mais violência e ódio mais feroz ainda, e esse comportamento não tem fim nem leva a

uma evolução segura. Mister se faz encontrar novos caminhos para que essa regeneração se dê aos poucos, porém sem haver mudança radical nos dogmas e nas leis de nossa civilização, tal fato será impossível, assim como sem o sacrifício de algumas vítimas também não será fácil conseguir essa mudança.

Para George Steiner, há “momentos de pico” para a tragédia na história da humanidade e que formam um “corpo de dramaturgia séria” (STEINER: 2006, p. 61). Esses momentos seriam: na Atenas de Péricles, na Inglaterra, entre 1580-1640, na Espanha do século XVII, na França entre 1630-1690 e, depois disso, afirma o autor, a convergência entre momento histórico e gênio pessoal ocorreu apenas duas vezes: na Alemanha, entre 1790-1840 e na virada do século XX, na Rússia e Escandinávia.

Afirma ainda que as condições materiais favoráveis à tragédia são raras, portanto essa fusão dos elementos essenciais, ou seja, o momento histórico e o gênio individual, ele aponta somente em Ésquilo, Sófocles, Eurípides, Marlowe, Shakespeare, Jonson e Webster, Corneille, Racine, Goethe, Schiller, Kleist e Büchner, Ibsen, Strindberg e Tchekov, que considera exceções, “acidentes esplêndidos”, que fogem à regra geral.

O que mais interessa a este trabalho, do pensamento de Steiner, é o que ele diz sobre a contribuição do Romantismo ao trágico. Os atributos de ordem e concordância foram somados à experiência trágica pela imaginação clássica, porém a imaginação romântica contribuiu com a qualidade central do drama e da dialética, e o modo romântico “não é nem ordenação nem crítica da vida; é uma dramatização”⁴⁸⁴, conforme Steiner. E é “nas origens do movimento romântico” que ele destaca “uma tentativa explícita de revitalizar as formas maiores da tragédia.”⁴⁸⁵ Lembramos, então, a influência que Augusto, quando estudante da Escola do Recife, sofreu dos românticos alemães, que parece ser mais particularmente de Schiller e Büchner, considerados trágicos por Steiner.

Os românticos perceberam no dramático “a suprema força literária”, pois, para eles, a ausência do drama era uma falha. Diz Steiner que os românticos não aceitariam de

⁴⁸⁴ STEINER, George. Op. Cit., p. 62.

⁴⁸⁵ Ibidem.

forma alguma a visão atual de que “a privação da poesia dramática é uma situação natural”.⁴⁸⁶

Shelley, em **Defesa da Poesia**, escreve que a vitalidade dramática é indissociável da saúde do corpo político, daí, talvez, a opção de Augusto pelo trágico. Para Shelley, quanto maior a perfeição da sociedade humana, maior também será a excelência dramática, portanto, quando ocorre a corrupção ou extinção do drama em uma sociedade, é sinal de corrupção e degradação do sistema. Talvez isto explique estes versos de Augusto, em **As cismas do Destino**: “Todos os personagens da tragédia,/ Cansados de viver na paz de Buda, / Pareciam pedir com a boca muda/ A ganglionária célula intermédia.” Pediam vida, e somente o poeta poderia transportá-las para a esfera ficcional, dando-lhes voz para falar.

Atualmente a ação trágica não é a confirmação da desordem, mas a compreensão, a experiência e a resolução dessa desordem. Abordaremos mais questões sobre o trágico moderno na análise do **Eu**, por ser mais oportuno fazê-lo exemplificando.

3.2. UMA LEITURA TRÁGICA DO “EU”

É preciso começar este tópico respondendo primeiro a uma questão: como entender o “eu-lírico” na obra de Augusto? E para encontrar esta resposta, algumas considerações se fazem necessárias. Começemos por compreender o tipo de poeta que temos em mãos...

Na única entrevista concedida pelo poeta, a Licínio dos Santos, em **A loucura dos intelectuais** (1914), o poeta paraibano afirma que, no momento da criação poética, sente “uma série indescritível de fenômenos nervosos, acompanhados muitas vezes de uma vontade de chorar.”⁴⁸⁷ Este parece ser o tipo de poeta que Bachelard chama de “poeta do devaneio”, o poeta-fenomenólogo, cuja consciência se desperta a partir das variadas

⁴⁸⁶ Ibidem.

⁴⁸⁷ ANJOS, Augusto dos. Obra completa. Op. Cit., p. 799.

imagens que dormem nos livros, aquele que teria uma inspiração na medida do seu talento de leitor. Augusto afirma haver passado uma infância rigorosíssima, basicamente estudando.

Para desenvolver essa poética do devaneio, o poeta deve ser um puro, capaz de se unificar ao cosmos e poder traduzi-lo, pois é um devaneio cósmico, e isto se aplica à poética desse paraibano. Para Bachelard, esse exercício é próprio das almas reflexivas e solitárias, que atingem uma espécie de comunhão com os “domínios mais dramáticos”⁴⁸⁸ Para atingir esse estado, é necessária a sede imensa de leitura, garante Bachelard. Todas essas características são próprias de Augusto, portanto consideramos que ele tenha desenvolvido essa poética do devaneio.

Nessa poética, há um afastamento do homem Augusto, cujo “eu” se apresentará no poema de forma multifacetada e complexa. Há um “Eu” coletivo, cósmico, que engloba os outros “eus” individuais, entre eles o lírico, o sentimental, e o poético, que é o das idéias. A eles se alternam “eus” de oprimidos e opressores, além do “eu “ do poeta Augusto, que também é pontuado na obra. Para compreender um pouco melhor essa nossa concepção, recorremos a Massaud Moisés, em sua explicação do “Eu poético”.

Massaud questiona, em **A criação literária - Poesia**⁴⁸⁹, qual a voz que fala no poema: a do autor? do autor civil? do autor-poeta? Se não for de nenhum deles, de quem pode ser?

No terreno da expressão, se for o “eu” do poeta, ele se expressa através do “eu-lírico”, que pode ter existência fictícia e voz real, mas o poeta lírico reduz ao mínimo a distância entre o seu ego e o “eu” do poema, apenas o mínimo compatível com o fingimento e a imaginação, para que o texto possa ser esteticamente válido.

Na poesia épica, o “eu” do poema se apresenta como que desgarrado do “eu” do poeta, transmutando-se em um “nós” no qual toda a humanidade se reflete, não apenas cada leitor por si.

No terreno da comunicação, Massaud faz a distinção de T.S.Eliot, para o qual há três vozes distintas em poesia: a do poeta que fala a si próprio, a do poeta que se dirige a

⁴⁸⁸ BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 15.

⁴⁸⁹ MOISÉS, Massaud. **A criação literária – poesia**. 17ª. Ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

um auditório e a do poeta que cria uma personagem dramática que se exprime em versos. O primeiro seria o lírico, o segundo, o épico e o terceiro, o dramático. Porém, para Massaud, o dramático precisa ser visto mais detalhadamente, pois além de “ocasionalmente poético, constitui manifestação híbrida.”⁴⁹⁰

É preciso observar, porém, que para Moisés há um “eu” que se exprime no poema, em um primeiro momento, que é o de catarse do poeta, e esse “eu” exprime-se para se libertar do “demônio” que o atormenta o cérebro. Mas há o segundo momento, em que ele é racional, pois lê o poema e faz as modificações que achar necessárias, e neste momento ele passa já à condição de leitor do próprio poema. “O poeta se purga no ato de escrever; o leitor se purifica no ato de ler”, afirma.

A partir do Romantismo, porém, o “eu-lírico” e o “eu-épico” se fundem em um único “eu-poético”, e a épica moderna “prescinde da historicidade e da narratividade das epopéias” e o “eu-dramático” desaparece, portanto restou o “eu-poético”, a voz que fala no poema, seja ele lírico ou não, e ainda pode ser chamado de “eu-fictício” ou “sujeito-de-enunciação”.

Nesta análise, utilizaremos essas expressões indicadas por Massaud Moisés, seja o “eu” lírico, épico ou dramático, pois consideramos o **Eu** um poema de gênero híbrido.

Da mesma forma, em relação ao tempo da poesia, Moisés afirma que a História, a Consciência e o Mito constituem espaços temporais que necessitam da mediação de um texto, no entanto não se inscrevem nele, pois o tempo da poesia está no âmbito do poema e se manifesta na enunciação das palavras que constituem esse poema, em um tempo imanente, que não é histórico, nem psicológico, nem mítico.

Tudo acontece no poema como se as dimensões temporais se fundissem numa só; as dimensões emocional, semântica e rítmica aparecem entrelaçadas em uma “duração dialética”⁴⁹¹.

Quanto ao enredo, Massaud afirma que, mesmo parecendo contraditória a união entre poesia e evento histórico, desde o início do fazer poético essa combinação tem sido

⁴⁹⁰ Ibidem, p. 142.

⁴⁹¹ MOISÉS, Massaud. Op. Cit., p. 150.

procurada e tem tido êxito variável. E ele considera que, embora esse conúbio se apresente geralmente impossível, torna-se plausível “quando decorre de um processo de lyricização, como se o fato histórico se tornasse pretexto para a irradiação do sentimento poético.”⁴⁹²

Interessante é notar que, para Massaud, a poesia épica se construiu, até o século XVIII, em torno da dualidade conflitiva entre a “Épica da Criação” e a “Épica de Gilgamesh”, oriundas da Suméria, passando depois pela “**Odisséia, Eneida, Canção de Rolando, Os Lusíadas**, até a **Henríada**”; pelos poemas épicos egípcios, gregos, babilônios, palestinos, medievais e neoclássicos, exatamente o roteiro que Augusto propõe para a retomada da Arte verdadeira, em sua **Crônica Paudarquense** publicada em **O Comércio** de 7 de novembro de 1905.

Augusto fala do Rig-Veda, do Phtah-Hotep, mas também de Cristo e Moisés. Teria ele tentado trabalhar essa dualidade entre as duas épicas? Eis aqui mais uma questão a se responder...

Para acompanhar, então, o raciocínio da leitura que fazemos dessa obra tão controversa de Augusto dos Anjos, é útil lembrar, primeiramente, que o poeta insere no **Eu** a desolação, a ameaça da morte, a compaixão, o desespero, a tristeza e o luto; fala de jogos de interesse, de corrupção, de mudança de fortuna, de uma ação grande, importante e de interesse geral, que é a opressão dos mais ricos e poderosos sobre aqueles que não têm como se defender em um tribunal em que a justiça depende dos interesses escusos; de uma ação integral, perfeita, cujas partes constituam um todo. Esta ação integral é a opressão e o sofrimento do oprimido e a alusão implícita a fatos de nossa História constituem partes que se unem em um todo.

Retomando mais um aspecto teórico de Massaud Moisés, o poema épico caracteriza-se pela dilatação do “eu” ao infinito de suas possibilidades, rompendo com os limites do individual e invadindo o terreno do “não-eu”, deixando a auto-sondagem lírica para expandir-se ilimitadamente, abarcando o mundo exterior, o cosmos. Para isto, o “eu” individual do poeta se apaga como sujeito do discurso poético e se retrai à medida que mergulha no universo. Então o sublime, o grandioso se revelam nessa esfera universal que o “eu” abarca.

⁴⁹² Ibidem, p. 153.

A partir do Romantismo, desaparece o herói épico, surge o não-herói, ou anti-herói, pois já não há espaço, nesse mundo moderno, para o mítico na concepção antiga. O próprio sentido universalista, que é o âmago do épico, deixa de se fundamentar na ação externa, passando então para o campo da contemplação e da especulação. E “épico” não significa mais apenas a epopéia, mas também o trágico; enfim, o que for do âmbito do universal.

O universalismo passa a ter, assim, dois tipos:

1) “o universalismo individualista”, resultante da fusão entre as inquietações humanas e universais operadas na sondagem do “eu” individual. Aqui o poeta é sentimental, emotivo;

2) “o universalismo universalista”, em que o poeta se volta totalmente à captação e à expressão das grandes e perenes angústias do homem, através da sondagem de grandes conflitos humanos cujo território é exterior ao “eu” do poeta, que, por sua vez, participa deles “em decorrência de sua alienável condição humana”.⁴⁹³ Aqui o poeta é filósofo, é poeta do pensamento. Neste território estão situados os grandes poetas, que fazem da Natureza e do Cosmos um espelho da Arte. Nesta classificação, para nós, está Augusto dos Anjos, que sonda os grandes conflitos entre opressores e oprimidos na História do Brasil, particularmente na Paraíba e no Rio de Janeiro, inserido neles pela sua condição de ser humano oprimido.

Massaud entende que o grande poeta procura sempre, conscientemente ou não, criar um tipo de poesia que seja épica em sua essência. Cita vários poetas que assim o fizeram, entre eles, Dante, Goethe e Baudelaire. Ora, se o próprio Augusto se compara a Dante e a Goethe, e se utiliza a metáfora do lixo e da podridão assim como o fez Baudelaire, é mais uma prova que podemos acrescentar ao seu desejo de criar uma obra essencialmente épica, através do trágico. Mesmo que pareça incoerente, lembremos que o **Eu** situa-se até hoje como criação *sui-generis* na literatura brasileira, portanto não podemos deixar de reconhecê-lo como o grande poema trágico moderno brasileiro.

O processo utilizado por Augusto também é importante para esta compreensão. Primeiramente, notamos que o poeta retomou no **Eu** trechos de poemas feitos na Paraíba,

⁴⁹³ MOISÉS, Massaud. Op. Cit., p. 243.

em várias épocas, sendo que muitos estão em **Poemas esquecidos** e, no **Eu**, quando são retomados, novos significados se lhes acrescentam. Um exemplo é **Mágoas**: “Quando nasci, num mês de tantas flores, / todas murcharam, tristes, langorosas, / tristes fanaram redolentes rosas, / morreram todas, todas sem olores.”⁴⁹⁴ Esta mesma idéia é retomada, de forma bem mais sofisticada, em **Psicologia de um vencido**: “Eu, filho do carbono e do amoníaco, / Monstro de escuridão e rutilância, / Sofro, desde a epigênese da infância, / A influência má dos signos do zodíaco.”⁴⁹⁵

Outro exemplo é o **Soneto**, oferecido a Frederico Nietzsche, que diz: “Para que nesta vida o espírito esfalfaste/ em vãs meditações, homem meditabundo?/ - Escalpelaste todo o cadáver do mundo / e, por fim, nada achaste... e, por fim, nada achaste!... Idéia esta retomada em **Monólogo de uma Sombra**, nos versos: “Aí vem sujo, a coçar chagas plebéias, [...]/ Que se chama o Filósofo Moderno! /Quis compreender, quebrando estéreis normas, / A vida fenomênica das Formas, / Que, iguais a fogos passageiros, luzem. / E apenas encontrou na idéia gasta, / O horror dessa mecânica nefasta,/ A que todas as coisas se reduzem!”⁴⁹⁶ Há vários outros exemplos, mas não os citaremos aqui, para não nos desviarmos da análise da obra.

Desejamos lembrar que não é nosso objetivo proceder a uma análise estilística, pois a extensão do trabalho seria exaustiva. Mais uma vez salientamos que nosso objetivo é mostrar a possibilidade de leitura dessa obra como um trágico moderno.

Mais um item a pontuar é o fato de haver sempre camadas diferentes do texto, com diferentes sentidos, conforme a teoria de Roncari. Como o **Eu** traz a opressão e a injustiça cometidas contra os índios e os escravos na colonização, contra os flagelados da seca na Paraíba e os intelectuais perseguidos após a República, entre eles o próprio Augusto, e ainda os marujos torturados e mortos após a Revolta da Chibata no Rio de Janeiro, esses sentidos se entrelaçam constantemente nos poemas do **Eu**, através da ambigüidade das metáforas e alegorias .

⁴⁹⁴ ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. Op. Cit., p. 372.

⁴⁹⁵ *Ib.*, p. 203.

⁴⁹⁶ *Ib.*, p. 196.

A INTRODUÇÃO: *MONÓLOGO DE UMA SOMBRA*

Em todo o **Eu** parece haver o confronto entre o universalismo individualista e o universalismo universalista, conforme a concepção de Massaud já explicada anteriormente. Esse confronto é também o embate entre a emoção e a razão, entre o poeta lírico e o poeta-filósofo; enfim, é o mesmo conflito barroco, daí a razão de ser do trágico como forma de comunicação poética. Neste poema-introdução do **Eu**, a “Sombra” surge desse mergulho cósmico que o “eu” do poeta realiza, anulando-se no Todo. É a essência mostrando a sua repulsão à matéria: “Mostro meu nojo à Natureza Humana”, e o seu discurso será construído sobre o aniquilamento dessa natureza material, justamente para provar que o eterno é Um, é essência, sem a fugacidade da existência material. E mostrava isto a uma sociedade burguesa que abandonava os valores eternos para eleger a primazia da riqueza material a qualquer custo.

Para Hardman, esse primeiro poema do **Eu** se define como uma “Espécie da manifesto estético-ideológico de toda sua obra, que se confronta ironicamente com as pretensões do “filósofo moderno”, pautando-se como “canção da Natureza exausta”, exibida “ao clarão tropical da luz danada.”⁴⁹⁷

O **Monólogo de uma Sombra** é, além disso, uma espécie de introdução a esse poema trágico. Há uma voz que se apresenta: “Sou uma Sombra! Venho de outras eras, / do cosmopolitismo das moneras... / Polipo de recônditas reentrâncias, larva do caos telúrico, procedo, / da escuridão do cósmico segredo, / da substância de todas as substâncias!”⁴⁹⁸ Ela já se apresenta como algo atemporal e atávico, oriundo da substância originária de toda a Criação, equilibrado pela harmonia de interação dos elementos e seres e na sua desconhecida unidade está em vibração a essência de todos os movimentos rotatórios.

É disso que fala o texto de Rui Barbosa: “O que se sente é um rumor subterrâneo de trogloditas mergulhados nas suas trevas”, um povo arruinado por uma aglomeração de formigas, toupeiras e ratos, que se abrigam sob seus alicerces. “A

⁴⁹⁷ HARDMAN, F. Foot. **Augusto dos Anjos e o anti-tropicalismo**. In FINAZZI-AGRÒ, Ettore, VECCHI, Roberto e AMOROSO, Maria Betânia (Orgs.). **Travessias do pós-trágico: os dilemas de uma leitura do Brasil**. São Paulo: UNIMARCO, 2006, p. 134.

⁴⁹⁸ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 195.

esterilidade, o desamparo, a sordidez lhe envolvem os restos; e as sombras que deles se levantam, são de uma raça que, de cobarde”, abandonou seus deuses familiares, costumes e os seus lares à “sevandijaria dos parasitas mais ignóbeis.” Este trecho faz parte do pronunciamento **Os homicídios oficiais**, a respeito das mortes no governo Hermes e é dessa sombra da raça que se deixou dominar, colonizar e civilizar dessa maneira hedionda e contra a sua própria natureza que fala a obra augustiana.

Dessa sombra é que se originam, em sincronia, a saúde das forças ocultas e a enfermidade dos seres falsos, ou seja, é nela que a dualidade tem origem: “A simbiose das coisas me equilibra./ Em minha ignota mônada, ampla, vibra / A alma dos movimentos rotatórios... / E é de mim que decorrem, simultâneas, / A saúde das forças subterrâneas / E a morbidez dos seres ilusórios!”⁴⁹⁹

Esse espectro não envelhece, não conhece “*o acidente da Senectus*”, que para o poeta é uma universal sanguessuga, um parasita, que sem nenhum esforço produz o envelhecimento da matéria e o infortúnio das rugas. Na sociedade, essa sombra possui uma arma, que é a justiça divina e traz nela um estado ou condição grupal que resulta da comunhão de atitudes e sentimentos das espécies sofredoras, de maneira que o grupo venha a constituir uma unidade sólida, capaz de oferecer resistência às forças externas e, até mesmo, de se tornar mais firme ainda em face da oposição procedente de fora. Seria uma espécie de “justiceira” dos oprimidos.

Nesse monólogo, a voz que fala é a do “eu-poético” mergulhado e diluído no universo, conforme a concepção de “universalismo universalista” de Moisés. A Sombra surge como a voz do “Eu” coletivo, que contém em si todos os outros “eus” individuais que ela vai apresentando nesta introdução, mas que irão adquirindo voz poética no decorrer da obra.

Rui Barbosa, no discurso **As oligarquias**, fala das populações do Norte do país, escravas das oligarquias dos coronéis, vivendo em aparente prostração, “inanimadas, imóveis, como cadáveres, num pântano, cobertos de sanguessugas”⁵⁰⁰. Esta figura, no poema de Augusto, pode ser o tempo que causa o envelhecimento, porém também é

⁴⁹⁹ Ibidem, p. 195.

⁵⁰⁰ BARBOSA, Rui. Op. cit. p. 38.

possível compreendê-la como o envelhecimento precoce do trabalhador ao ser explorado, principalmente aquele que trabalha no campo.

Nessa Sombra há um “Eu” que é coletivo, soma de vários outros “eus”. Um deles revela a repulsa pela natureza humana e traz, como a “boa nova”, como a notícia que vai anunciar, a podridão, o estado de completa perda de senso moral, de honestidade, de honra; a desmoralização. Ama a imundície, o lixo das barracas e tem a certeza de que é o produto da evolução animal. Como na Sombra estão também os personagens da tragédia, esta voz parece ser a da Política.

Depois há outra voz, a do mestiço – e aqui entram descendentes de índios e negros - que lamenta da decadência da alma de sua raça, pela miscigenação, o que na época era considerada como degeneração. Por ser decadente, estava fadada à desgraça e ao infortúnio, o que nos permite entender que o herói dessa tragédia só poderá ser um mestiço. Como várias figuras se cruzam, de martirizados de todas as épocas, certamente a figura do herói é que valerá, como o mestiço que irá fatalmente cometer um erro imperdoável e por isso será fadado à morte. E veremos que nesta figura se cruzam vários personagens históricos, além do próprio Augusto.

Uma voz anuncia outro personagem: o “Filósofo Moderno”. Este trecho é bastante interessante, pois ao mesmo tempo em que foi retomado do poema oferecido a Nietzsche, o que nos levou a crer por muito tempo que era realmente uma alusão a esse filósofo alemão, há outra formação de sentidos que os implícitos do texto nos permitem construir. Vamos a ela.

Nietzsche não poderia ser considerado por Augusto alguém sem idéias. No poema, esse Filósofo traz “no deserto das idéias” a aflição demoníaca. Até podemos considerar que esses versos falem também do filósofo alemão, porém sujo, a coçar feridas do povo, com o rosto de pêlos duros e eriçados, ásperos. Ele quis entender o motivo da vida material que é passageira, mas encontrou apenas a morte como única realidade palpável. Esse filósofo é o “mineiro doido das origens”, ou aquele que age insanamente, de origens mineiras. Pois bem, João Peçanha Falcão, antecedente da família Peçanha que depois se deslocou para Campos, no Rio de Janeiro, era minerador e fundou, em 1752, a cidade de

Peçanha, em Minas Gerais. O que entendemos no poema é uma alusão a Nilo Peçanha, cujas origens vinha desse ramo mineiro (tanto pelo Estado originário como pela profissão).

E por que Nilo Peçanha? Se o **Eu** vai revelar os desmandos de vários governos, particularmente o de Hermes da Fonseca, ele não pode ignorar que o grande responsável pela eleição irregular de Hermes foi Peçanha, por consequência, a volta dos militares ao poder. Nilo era mulato, de grandes bigodes e cavanhaque, daí “com a cara hirta” e “tatuada de fuligens”, ou seja, com ascendência negra. Continuando o monólogo, a mesma voz ainda complementa que ele será encontrado, no futuro, pela mesma morte que lhe revelará os despojos dos seus dedos venenosos, ou seja, ele terá o retorno do mal que fez provocando a morte de tantas vítimas.

Mesmo assim, ele viverá em espírito – e aqui Augusto é bastante moderno ao descrever o que será essa alma – “Será calor, causa ubíqua de gozo,/ Raio X, magnetismo misterioso, / Quimiotaxia, ondulação aérea, /Fonte de repulsões e de prazeres, / Sonoridade potencial dos seres, Estrangulada dentro da matéria!”⁵⁰¹ Mas o corpo que foi dele estará decomposto: “E o que ele foi: clavículas, abdômen, / O coração, a boca, em síntese, o Homem, / -- Engrenagem de vísceras vulgares -- Os dedos carregados de peçonha, / Tudo coube na lógica medonha / Dos apodrecimentos musculares.”⁵⁰²

Outra voz fala na próxima estrofe, apontando a confusão da política interna do país, pois a desordem interna assusta, os indivíduos desprezíveis (alegoricamente traduzidos em “vermes”) causam a ruína daquele povo que a decomposição devora, numa voracidade devassa, como se estivessem numa emocionante e sinistra festa. E aqueles que serão os herdeiros devoram o resto do organismo: “A desarrumação dos intestinos / Assombra! Vede-a! Os vermes assassinos / Dentro daquela massa que o húmus come, / Numa glotoneria hedionda, brincam, / Como as cadelas que as dentuças trincam / No espasmo fisiológico da fome.”⁵⁰³ E na outra estrofe, o corpo morto, ainda não curado, no qual as larvas fazem um “s” entendemos como uma alusão à Marinha, ainda desfacelada após a revolta, mas que ainda produz outra vergonha, o navio Satélite: “É uma trágica festa emocionante! / A bacteriologia inventariante / Toma conta do corpo que apodrece... / E até

⁵⁰¹ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 196.

⁵⁰² Ibidem, p. 197.

⁵⁰³ Ibidem.

os membros da família engulham, / Vendo as larvas malignas que se embrulham / No cadáver malsão, fazendo um S.”⁵⁰⁴

O doido que estragou toda a vibrátil criatura, sacrificando-se pela comunidade, entendemos como alusão a Afonso Pena, de cuja morte disse Rui Barbosa: “Combalido fisicamente, abalado moralmente nos últimos dias do mês, o presidente baqueava, para morrer como um justo, a 14 de junho (de 1909)”⁵⁰⁵. E no prefácio de **Ruínas de um Governo**, escrito por Fernando Nery, as figuras que estão presentes no poema de Augusto: “o doente (Afonso Pena), consumado o esbulho, recaiu na apatia e sonolência de um fumador de ópio, faquirizando-se, bestificando-se cada vez mais, olhos amortecidos por entre as pálpebras pesadas, totalmente alheio ao que se lhe passava ao derredor.”⁵⁰⁶

Barbosa Lima assim se expressou: “O presidente Pena sucumbiu aos golpes traiçoeiros da perfídia partidária.”⁵⁰⁷ Na realidade, a não decolagem da candidatura Campista para suceder à Presidência da República, a morte de João Pinheiro, grande amigo e parceiro político e a morte do filho do presidente, fizeram com que Pena se entregasse à doença estranha que o tomava, até falecer. E ele é substituído, então, por Nilo Peçanha, que ajuda a eleger Hermes da Fonseca à presidência do Brasil.

O próximo a ser apresentado é o “sátiro peralta”, que se excita com a sodomia – que pode significar entregar-se, em alianças, a outros políticos – cuja desonra é alimentada a “leite e trigo”, que tanto podem significar a bebida e comida (os conluíus feitos em meio a banquetes), quanto o capital e a igreja, dependendo do contexto em que se inserem.

Há um texto de Rui Barbosa, **Pornéia**,⁵⁰⁸ que diz: ter a mais alta instituição federal as “desenvolturas de um lupanar”, que a “colônia das traviatas, no Rio de Janeiro”, abriga-se à “sombra da autoridade.” Colocaram o Palácio da Justiça “num bairro de marafonas”, e a recuperação das prostitutas tem início “à mesa das confeitarias e alcazares”, em meio às delícias saboreadas pelas “hetairas e os delegados”, ou seja, pelas amantes e os homens da lei. O jurista baiano diz isso a respeito da instalação de uma zona

⁵⁰⁴ Ibidem, p. 197.

⁵⁰⁵ FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Op. Cit., p. 607.

⁵⁰⁶ BARBOSA, Rui. **Ruínas de um Governo**. Op. Cit., p.7.

⁵⁰⁷ Ib., p. 608.

⁵⁰⁸ Texto de 1899. In BARBOSA, Rui. **Coletânea literária** 1868-1822. 4º Ed., Rio de Janeiro-São Paulo-Recife-Porto Alegre: Cia. Editora Nacional, 1940. 198-9.

de prostituição bem ao lado do Palácio da Justiça, para onde iam, após o expediente, os mais altos funcionários do governo e esse texto estabelece forte intertextualidade com as estrofes do **Monólogo de uma Sombra** que falam do “sátiro peralta”.

Rui diz, ainda, que essa orgia era sempre muito ruidosa, pois vivia de “sensações violentas, quadros vivos, impudícias ruidosas”, fazendo com que as “odalisucas da augusta cercania” se revoltassem contra a indiferença dos vizinhos. Então essas meretrizes deram o braço aos patifes e, frente a frente com o tribunal em expediente, o grupo “rompeu a farândula de fraldas na desvergonha das saturnais de alta madrugada”. A multidão dessa forma não sabia, e continuava atenta às audiências no Foro ou se assistia ao “rufiar dos bordeleiros com as messalinas”.

Formaram, assim, uma mistura como a das latrinas, nunca vista nem mesmo em plena “porneia grega”, ou seja, na época do amor comprado e vendido, em que os gregos mantinham as hetairas, os rapazes e ainda tinham esposas para lhes dar filhos. Rui ainda acusa a polícia que deixa a população lasciva afrontar com “a devassidão nua a mais alta magistratura do país” é a mesma cujos delegados rasgam “à baioneta mandados judiciais”, portanto essa corja nada mais era do que “sangue e fezes de bacanal”. E termina o parágrafo com a saudação: “Evoé!”, grito festivo das bacantes para saudar Dionísio.

Pois esse sátiro que Augusto apresenta é beijado por “brancas bacantes bêbedas”, e tem as “artérias hírcicas” latejantes ao sentir o “odor das carnações abstinências”, por isso, à noite, vai “gozar, ébrio de vício, no sombrio bazar do meretrício, o cuspo afrodisíaco das fêmeas”. Entendemos aqui ser uma figura da magistratura, que à noite vai atrás das meretrizes. Estas prostitutas também podem significar os políticos que se vendem por algum benefício em troca, assim como as “artérias de bode” também pode ser alusão a algum maçom.

Toda a sensualidade dessa interação feita à noite, em “lúbricos arroubos”, como a alma, quando passa de um corpo a outro no “samsara”, lembra a fome devoradora dos lobos. E aqui nos lembra Hobbes, no Leviatã: “O homem é o lobo do homem.” Mas Rui também tem um trecho em que fala da submissão ao “bastão do

Marechal”: “Todo o Brasil lhe está de bruços aos pés como a matilha de podengos debaixo dos olhos do matilheiro⁵⁰⁹”. Os podengos, cães de caça, estabelecem uma ligação discursiva com “uivando” e “lobos”, da estrofe que comentamos acima.

Rui fala dos ministros, que confiantes de não terem responsabilidades e de serem admitidos por manobras “mais ou menos escusas”, porque a sua eleição depende da sua subserviência, “aderem como crustáceos à generosa remuneração” de seus cargos e o presidente, diplomando-se e tomando posse no cargo contra a “vontade explícita” da nação, que votara no Partido Civilista, “numa dignidade subtraída a outrem, vive de alimentar, com os restos da “presa devorada pela sua gula, a matilha das voracidades, em cuja sujeição confia”. O congresso, cujos membros são nomeados pelo governo, através dos seus ricos protetores e pelos “senhores locais da fraude”, entrou na Câmara de cócoras e a ela não voltariam se “erguessem o espinhaço, cuja curvatura ajustaram com os seus nomeadores.”⁵¹⁰ Como Augusto, também fala dessa “matilha” afaimada e voraz que devorava os cofres públicos e deixava vítimas por onde passava, revelando desprezo e indiferença ao sofrimento do povo.

O monstro – continua o poema de Augusto – aguarda as vítimas, impulso de uma “negra paixão congênita, bastarda”⁵¹¹, que é consequência de seu “zooplasma ofídico”. Esta pode ser uma alusão à Ilha das Cobras e aos negros e mulatos lá encarcerados, e concluímos isto devido aos versos que vêm depois: “E explode, igual à luz que o ar acomete/ com a veemência mavórtica do aríete [...]”⁵¹²; que contêm figuras que nos remetem a outro trecho de Rui, falando sobre esse episódio dos marujos: “[...] e encastoadado em precioso metal, ornas o gesto dos bravos, ou floreias no ar a rábida ameaça de Mavorte”⁵¹³, o deus da guerra, Marte e o título desse discurso é **A rebenqueida**, que significa “a chicotada”, ou a “chibatada”.

⁵⁰⁹ BARBOSA, Rui. *Coletânea literária*. Op. Cit., p. 260.

⁵¹⁰ _____. *Ruínas de um Governo*. Op. Cit., p. 136.

⁵¹¹ ANJOS, Augusto dos. Op.cit., p. 198.

⁵¹² *Ib.*, p. 198.

⁵¹³ BARBOSA, Rui. *A rebenqueida* (rapsódia) – 1912. *Coletânea Literária*. Op. Cit., p. 253.

“Hirto, observa através a tênue trança/ dos filamentos fluídicos de um halo/ a destra descarnada de um duende”⁵¹⁴ – é o que dizem os versos da Sombra, referindo-se às crises que à noite assaltam a consciência desse sátiro. Mas em Rui a ironia se faz presente ao falar que para todo o sempre “viva a nossa boiada sob a destra de Vossa Majestade Paternalíssima”, e se algum dia as gentes brutas enlouquecerem novamente – uma alusão à revolta – que ele mande chamar o almirante (João Cândido, certamente) e lhe tome “umas tinturas de calabrote naval” – ou seja, que fosse açoitado com as cordas do navio -, que mandasse os marujos enfileirarem-se e fizesse “a rebelde passar entre as filas, *correndo à bolina*”

Esse “eu” que fala na Sombra sofre de pesadelos à noite, pois na “caverna escura” de sua alma os remorsos acabam aflorando, lembrando uma dança de condenados. “É o despertar de um povo subterrâneo” – aquele povo de que fala também Rui, como já mostramos anteriormente. E esses personagens da tragédia shakespeareana, como Macbeth, mostram-lhe as “incestuosidades sanguíneas / que ele tem praticado na família.”⁵¹⁵ “Quando o Marechal acena” – diz Rui – o que aparece no chão é “a procissão de seus espectros, crescente sempre, na louca teoria de suas sombras.”⁵¹⁶

Esse “eu” começa, então, a “autopsiar a própria existência” e encontra “um cancro assíduo na consciência e três manchas de sangue na camisa!”⁵¹⁷ Já mostramos anteriormente que essa figura das “três manchas de sangue na camisa” estabelece uma intertextualidade com um trecho de Rui. Pois bem, os fatos que o jurista atribui a elas são: a matança na Ilha das Cobras, no navio Satélite e em Manaus. “A nova ditadura alimenta-se de sangue: duas hecatombes humanas, no *Satellite* e na Ilha das Cobras, lhe pagam o tributo de cerca de setenta vidas humanas.”⁵¹⁸ E ainda: “o painel das três sangueiras que nos custaram esses assassínios oficiais teve por moldura o estado de sítio, extorquido do Congresso Nacional, sob uma atmosfera de terror.” E

⁵¹⁴ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 198.

⁵¹⁵ Ibidem, p.198.

⁵¹⁶ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 66.

⁵¹⁷ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 198.

⁵¹⁸ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 45.

nas mãos do Marechal Hermes, aquele estado de sítio foi “a ditadura.” Portanto, com as suas “faculdades adulteradas e usurpadas se apoderou ele do Rio de Janeiro, presa necessária às suas tramas.”⁵¹⁹

Mas esse “sátiro” do **Monólogo de uma Sombra** acaba reconhecendo, já sonolento, com a consciência relaxada, essa “necessidade de horroroso”, que o poeta considera talvez seja uma propriedade inerente ao carbono.

E o “eu” do poeta fala na Sombra que “dentro de toda alma existe a prova” de que a dor não tem fim, sempre se renova, assim como um herpes, sempre que o “prazer barbaramente a ataca”, do mesmo modo que a ciência vê a lua apenas como uma “esfera opaca”, não metaforizada como o poeta sempre a cantou.

Tece, a seguir, uma ode à Arte, alegando que somente ela cinzela a mágoa humana, apara as rochas rígidas e faz com que o “fogo telúrico profundo” se torne água e sem desintegrar a “aspereza orográfica do mundo”, faz com que ela se torne uma planície alegre. É desta maneira que ele pretende provar ao mundo, porém apenas pelas razões do sentimento, que se expressa na Arte, que “a mais alta expressão da dor estética / consiste essencialmente na alegria”, ou seja, o êxtase artístico é que permite ao poeta expressar a dor estética, sublimando, assim, a dor existencial e a sensação de impotência diante dos problemas da humanidade.

Agora a voz anuncia que o martírio das criaturas continua; “O homicídio nas vielas mais escuras, o ferido que a hostil gleba atra escarva” e “o último solilóquio dos suicidas”. Mas, simultaneamente, ele, poeta-profeta, sofre porque sente a dor de todos eles em sua alma. Todas essas vozes estão na Sombra. E o poeta, ouvindo-as, pensava escutar “monótonas corujas”, que executavam, “entre caveiras sujas, a orquestra arrepiadora do sarcasmo!”⁵²⁰ A orquestra que ele ouve era a “elegia panteísta do Universo”, o lamento da natureza submersa na “podridão do sangue humano” que havia sido conspurcado em suas bases, com a miscigenação. Ela, exausta, rindo e chorando na infeliz ironia “da incoerência infernal daquelas frases”.

⁵¹⁹ Ibidem, p. 45.

⁵²⁰ ANJOS. Augusto dos. Op. Cit., p. 199.

Encerrando o poema, esse “eu” diz que no redemoinho desses sons amargos, ameaçando “grandiloquos massacres”, irá ferir seus ouvidos até o momento de sua morte.

OS PRIMEIROS SONETOS

Após essa introdução do **Monólogo de uma Sombra**, vêm dez sonetos, de caráter filosófico, como se fossem personagens do coro a falar e a aconselhar. Neles fala o poeta-filósofo, pois esses “eus” que agora se apresentam formam as vozes do pensamento que se contrapõem às da emoção. É o apolíneo em confronto com o dionisíaco, é o grande e eterno embate da dualidade humana, desse “eu” que é, ao mesmo tempo, paradoxal: “filho do carbono e do amoníaco”, o monstro que traz em si “escuridão e rutilância”, que não sabe se atende a “ânsia dionisíaca do gozo” ou a “necessidade de horroroso”...

O primeiro soneto traz a voz de um pensador, como o próprio título anuncia: **Agonia de um Filósofo**. Este “eu” está voltado para o Cosmos, e do inconsciente individual ele passa ao inconsciente coletivo: “O Inconsciente me assombra e eu nele rolo.” (ANJOS, 2004, p. 201).

É um “eu” que fala a respeito das sondagens e reflexões a respeito da finalidade da vida, mas depois de consultar todos os livros sagrados: o Phtah-Hotep, o Rig-Veda, de percorrer as idéias da ciência e desvendar os mistérios do mundo, em tudo ele reconhece, assim como Goethe, “o império da *substância universal!*”

O segundo poema é o enigmático **O morcego**, e a voz ainda é do poeta-filósofo. O “eu” que fala agora indica já ser meia-noite, então se recolhe ao quarto, porém tem sede, a garganta queima, mas diz que vai “mandar levantar outra parede”, ergue-se a tremer, fecha o ferrolho e olha o teto, vendo-o, ainda, igual a um olho, de forma circular, sobre a sua rede. Pega, então, um pau, faz esforços, chega a tocá-lo, sua alma se concentra, então diz: “Que ventre produziu tão feio parto?!”⁵²¹ Conclui, dizendo que a “Consciência Humana é este morcego!” E por mais que se faça, ele entra imperceptivelmente, à noite, em nosso quarto.

⁵²¹ Ibidem, p. 202.

Não se pode negar que a primeira leitura que se faz desse soneto é pela ótica freudiana, ou seja, da questão do consciente, subconsciente e inconsciente, dos quais o morcego seria o primeiro, da consciência, do “olho que tudo vê”. As palavras “morcego”, “meia-noite”, “sede”, “molho”, “parede”, “ferrolho”, “teto”, “olho”, “pau”, “alma”, “parto”, “consciência”, “noite” e “quarto” adquirem uma ambigüidade nesse contexto, permitindo-nos também outra interpretação, além da que a ótica psicanalítica nos revela. Lembra-nos das masmorras na Ilha das Cobras.

Uma crônica de Olavo Bilac, de 10 de novembro de 1907, também sobre “morcego”, trouxe-nos novos sentidos para esse poema de Augusto. Bilac recorda, em seu texto, a antiga polícia urbana, cujo representante era o “antigo *morcego*, feio e lambuzão, trôpego e cambado, com um apito inútil a bimbalar sobre o peito da farda, e um refle, ainda mais inútil, a sacolejar pela perna torta.”⁵²² Além do mais, esse “morcego” servia sempre de “saco de pancadas e alvo de chufas” aos estudantes da época, que não o respeitavam.

Justamente por ser constantemente desrespeitado e maltratado, esse “morcego” também agia de modo intolerante e agressivo com os mais fracos. Por este motivo, Bilac o responsabiliza por todos os “excessos, escândalos e tropelias” que ocorriam na cidade. E qual a relação disso com o poema de Augusto? A possibilidade de uma leitura da camada mais profunda desse texto, ou seja, o “morcego” passa a ser alguém que vigia, que reprime as vítimas e a voz do poema, então, passa a ser a voz de uma das vítimas integradas nesse “Eu”. “Pego de um pau. Esforços faço” – este verso lembra o momento em que os prisioneiros da Ilha das Cobras forçam as grades, entre eles, Pau-de-Lira, mas o guarda joga mais água com cal na masmorra e eles perdem a força de reação.

A seguir, o famoso soneto **Psicologia de um vencido**, um dos poemas mais populares de Augusto, em que fala a voz de um dos vencidos, mas poderiam, também, falar todos eles em uníssono coro: “Eu, filho do carbono e do amoníaco, / monstro de escuridão e rutilância, / sofro, desde a epigênese da infância, a influência má dos signos do zodíaco.”⁵²³

⁵²² BILAC, Olavo. **Bilac, o jornalista**. Org. Antonio Dimas. Crônica, vol. I. São Paulo: IOESP, EDUSP, UNICAMP, 2006.

⁵²³ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p.203.

Vamos novamente a Massaud Moisés, que afirma não haver poesia sem emoção, nem linguagem poética sem raciocínio, e quando essas duas instâncias se encontram – emoção e intelectualização -, ocorre uma tensão, por isso “poesia é sinônimo de tensão, de antinomia.”⁵²⁴ E há três tensões básicas em que se movimenta a inteligência humana, ou seja, a tensão com a Natureza, para desvendá-la; a tensão com o próprio destino, pelo fato do homem aceitar ou não a razão de sua existência e a tensão com a Humanidade, devido à insegurança que o ser humano sente em relação ao futuro. Para o poeta há, no entanto, uma quarta tensão, aquela entre o sentir e o pensar, entre a emoção e o pensamento.

O poeta oscila constantemente entre os dois pólos: sentir e pensar, ora exprimindo-se como um poeta esteta, levado pela emoção, ora como poeta-filósofo, dominado pelo pensamento. No primeiro predomina a expressão através de “imagens plásticas ou musicais, metáforas de cor ou de som, em que a beleza parece derivar do visual ou do auditivo”⁵²⁵. No caso de Augusto, quando aflora o poeta-esteta, surgem as imagens e os sons de rara espécie. O poeta-esteta “pensa e sente por cores e sons”.

No poeta-filósofo, embora esteja presente também a emoção, senão a poesia não aconteceria, o poema capta um instante, como em uma fotografia, e talvez seja esta a explicação para o uso do soneto em Augusto, por ser ele o meio de expressão com efeito de modernidade: o da máquina fotográfica. Entretanto não há dúvidas quando o pensamento predomina em todo o poema, mesmo que seja intimamente ligado ao desespero existencial do eu-lírico, como em **Psicologia de um vencido**: “o verme [...] que o sangue podre das carnificinas come [...] há de deixar-me apenas os cabelos,/ na frialdade inorgânica da terra!” Nesses sonetos podemos perceber na poesia de Augusto a lucidez crítica e a crença na Arte, como ocorre em Fernando Pessoa. O espaço do poema-filosófico é um espaço desligado da realidade física, o espaço das idéias.

Na tragédia clássica, as Parcas estavam presentes no nascimento do herói. Neste poema [**Psicologia de um vencido**], a voz do vencido atribui aos signos do zodíaco a sua triste sina, recebida já no ventre materno. Lembramos aqui a obra de Alexandre dos

⁵²⁴ MOISÉS, Massaud, p. 170.

⁵²⁵ Ibidem, p. 172.

Anjos, **Proibição**, em que a personagem que corresponderia à Sinhá-Mocinha é apaixonada pelo próprio irmão. E lembrando a biografia de Augusto, o irmão de sua mãe faleceu durante a gravidez dela. Não seria esse um dos motivos determinantes para que o poeta fosse um “vencido na vida”?

O vencido nada espera do futuro, a não ser a morte, que para ele, como para o romântico, é a libertação, porém, além do Romantismo, com um pensamento moderno, a morte é inerente ao ser humano, que a partir do nascimento já está dividindo com ela a matéria: “Já o verme – este operário das ruínas - / Que o sangue podre das carnificinas / come, e à vida em geral declara guerra, / anda a espreitar meus olhos para roê-los, / e há de deixar-me apenas os cabelos, /na frialdade inorgânica da terra!”⁵²⁶

É possível, também, que esse “vencido” seja o governo Hermes, uma vez que Rui tem trechos que se cruzam com esse poema de Augusto. Além do mais, o governo Hermes teve uma gestação irregular e um nascimento na fraude, portanto já nasceu mau e para matar: “É o fadário que lhe prenunciei, quando, após o roubo, com que o Congresso Nacional assentou na presidência o Marechal Hermes, lhe escrevi, terminando o meu manifesto, o horóscopo sombrio: “Os governos de usurpação nascem com a morte no seio, para viver morrendo, e matando.”⁵²⁷ E mais adiante, falando em descartar o governo do marechal, porém buscar na mesma chapa o candidato, o resultado seria livrar-se “da tênia, mas guardando nas entranhas o resto do verme reprodutivo.”⁵²⁸

Rui faz a descrição da **Intenção do monstro**, que é Hermes, cuja idéia é uma grande transformação na República: “a inversão do nosso direito constitucional por um golpezinho de Estado nas carótidas ou jugulares do sistema, uma elegante degola com a lanceta de um artista em cirurgias de escola muito adiantada.”⁵²⁹ Mais adiante, revela **Outras guelas do monstro**: “Esbulha o juiz da sua consciência. Fere-o nos atos da interpretação da lei, atos essencialmente judiciários. Usurpa, em benefício do Senado, a

⁵²⁶ Ibidem, p. 203.

⁵²⁷ BARBOSA, Rui. **Ruínas de um Governo**. Op. Cit., p.68.

⁵²⁸ Ib., p. 70.

⁵²⁹ Ib., p. 239.

função de intérprete das leis, que nunca foi legislativa, e, muito menos, poderia ser privilégio de uma das casas do Congresso.”⁵³⁰

Mas não pára por aí, castiga a todos os juízes que contrariarem suas determinações, ou seja, que burlarem o esquema arquitetado por ele e sua equipe. Ainda há um tópico sobre **A inépcia do monstro**, alegando que com “o caráter foi-se a Justiça.”⁵³¹

Realmente é o que diz **Psicologia de um vencido**: o verme já está à espreita para roer os olhos desse governo militar. Incansável parece ter sido a vigília e a tarefa dos vermes nesta república brasileira!

A idéia é o soneto quatro, que parece trazer de volta a voz do filósofo, na tentativa de compreender a origem das idéias, com uma explicação freudiana: “De que matéria bruta/ vem essa luz que sobre as nebulosas/ cai de incógnitas criptas misteriosas/ como as estalactites duma gruta?!”⁵³² Ela é oriunda do surgimento e da evolução dos processos psíquicos, o embate das conexões das moléculas nervosas que, “em desintegrações maravilhosas, / delibera, e depois, quer e executa!” Ele mostra aqui a pulsão, o desejo consciente e a satisfação dessa pulsão, que a é a concretização do desejo. Ela vem do encéfalo secreto que a espreme, ou a seleciona, e chega até as “cordas do laringe,/ tísica, tênue, mínima, raquítica...” Então quebra a “força centrípeta que a amarra, / mas, de repente, e quase morta, esbarra / no mulambo da língua paralítica!”⁵³³

Quinto poema, **O Lázaro da Pátria**. A figura deste personagem bíblico era uma alegoria muito usada na época, para indicar o indivíduo excluído da sociedade, aquele perto do qual ninguém chegava. Em Augusto, como já vimos na prosa, o “Lázaro” é também o excluído, mas é mestiço, traz no corpo as “chagas” por que os deterministas o consideram uma espécie de degeneração da raça.

No poema, ele é o “filho podre dos antigos Goitacases”, ou seja, misto de índio e branco, ou índio e negro, e “em qualquer parte onde a cabeça ponha, / deixa circunferências de peçonha, / Marcas oriundas de úlceras e antrazes.” Mas vamos ao nível mais profundo do texto: ao mesmo tempo em que “Goitacases” se refere aos índios,

⁵³⁰ Ib., p. 246.

⁵³¹ Ib., p. 247.

⁵³² Ib., p. 204.

⁵³³ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 204.

também pode ser uma alusão a Campos dos Goitacases, cidade de Nilo Peçanha, principalmente porque o poeta utiliza as marcas de “peçonha” que o Lázaro deixa.

Rui Barbosa também utiliza comumente o termo “lázaro”, tanto para Hermes quanto para os outros políticos corruptos, como neste trecho: “[...] a nossa administração lazarada até aos ossos, a ciganagem das gorjetas, mamatas e barganhas, a feira aberta das consciências nos negócios do Estado, a prostituição da política ao dinheiro [...]”⁵³⁴

Mas esse “Lázaro da Pátria” é alvo daqueles lobos famintos de que fala a Sombra, pois “todos os cinocéfalos vorazes cheiram seu corpo”, todos aqueles ávidos por cargos, benefícios ou quaisquer tipos de vantagem pessoal que lhes possa angariar o presidente. E ele mostra aos “montes e aos rígidos rochedos a hedionda elefantíasis dos dedos...”, ou seja, traz as mãos inchadas de tanto distribuir bens ilegais e de tantos mortos, como alerta Rui em trecho aqui já mencionado, que seus desmandos provocaram. Mas é no texto de Rui que também encontramos ligações com esses versos: “Como os cerros da Helvécia, as cordilheiras de Minas dão ao Universo o testemunho de que os montanhese não curvam a cerviz à gargalheira, de que à condição de escravos não se ajeita o brio dos homens da montanha.”⁵³⁵

E as “meretrizes do Cassino” riem-se enquanto o “Lázaro caminha em seu destino” para um final que ele mesmo desconhece. Tanto Rui quanto Augusto utilizam “meretrizes”, “prostitutas”, “lupanar”, “prostíbulo” para indicar políticos e homens de negócios que se vendiam por dinheiro ou poder; o destino do país era decidido em “jogo de roleta”, como ainda mostraremos aqui, alegoria dessas reuniões escusas em que as medidas realmente importantes eram tomadas para valer, o governo paralelo que nossa República sempre obedeceu. Eis o que diz Rui: “[...] nos países cristãos a noção do homem público não é a do indivíduo de casa aberta à prostituição d’alma como à do corpo as vendilhosas de prazeres sexuais.”⁵³⁶

Entra agora a voz do vidente, em **Idealização da Humanidade futura**, que em viagem pelo inconsciente coletivo, tem acesso a uma visão do porvir, e em sua mente “a multidão dos séculos futuros” urra, pois será formada de “Homens que a herança de

⁵³⁴ BARBOSA, Rui. **Ruínas de um Governo**, p. 65.

⁵³⁵ *Ib.*, p. 23.

⁵³⁶ BARBOSA, Rui. **Discursos, orações e conferências**. São Paulo: Livraria Editora Iracema, p. 93.

ímpetus impuros/ tornara etnicamente irracionais -”⁵³⁷ e esta “herança impura” é o futuro da República, que não poderia ser sadia, ao menos que fossem sanados os vícios de origem. E ele lia, em letras enormes de um livro desconhecido tudo isso, enquanto “no húmus dos monturos, / realizavam-se os partos mais obscuros, / dentre as genealogias animais!”⁵³⁸ Enfiando os dedos assalariados na consciência daquela multidão, encontra somente “moléculas de lama/ e a mosca alegre da putrefação!” Era a decadência o que se preparava para o futuro do Brasil... E esse futuro somos nós, hoje... A profecia se realiza, a decadência todos nós conhecemos bem. Augusto, Rui e Euclides, três homens que falaram em uníssono há um século, prevendo o que hoje é realidade para nós. Infelizmente, fizeram do paraibano o “poeta da morte”, quando ele deveria ter sido o “poeta do futuro”!

Também para a idéia acima há uma intertextualidade no texto de Rui, ao falar do “governo de usurpação” de Hermes, comenta que os egoístas não perdem o sossego, porque “não vêem tremer o solo, gretar-se o chão e desabarem as casas.” Mas o pensador se abala, pois visualiza o futuro, e nele oscilam e desmontam-se os pilares dos interesses e dos direitos humanos, a moral é derrocada, assim como a justiça, a consciência e a família, enfim, a sociedade toda vai à bancarrota.

Ester, esposa de Augusto, com tantas contrariedades - cidade e Estado completamente estranhos, o medo diante da Revolta da Marinha, a necessidade de buscar abrigo longe dali, a distância e a ausência dos familiares da Paraíba, a falta de emprego para Augusto, a fase difícil, sem casa própria para morar – acaba abortando o primeiro filho.

É para esse filho natimorto que Augusto escreve o **Soneto** que se segue no **Eu**, em que o poeta chama o filho morto de “agregado infeliz de sangue e cal,/ fruto rubro de carne agonizante,/ filho da grande força fecundante/de minha brônzea trama neuronal”⁵³⁹. Este “feto esquecido” também assume um duplo sentido, pois em uma leitura alegórica nos lembra dos prisioneiros das masmorras da Ilha das Cobras, agonizando entre sangue e cal, produtos da trama neuronal hermista, geradora de aberrações. E o soneto termina com a

⁵³⁷ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 206.

⁵³⁸ Ibidem, p. 206.

⁵³⁹ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 207.

voz desejando que esse feto possa dormir esquecido, dissolvido na natureza divina, na “noumenalidade do NÃO SER!”⁵⁴⁰

Versos a um Cão, oitavo soneto dessa obra, traz a voz do filósofo questionando qual força, constrangida por um organismo ainda novo, pôde arrancar aquela “garganta estúpida do segredo da célula ovular”⁵⁴¹, para latir no deserto. E a sua sina será latir assim, pelos séculos, a estranha pronúncia da angústia herdada de seus pais. Seria o cão aquele que fala e não é compreendido ou seria o indivíduo subserviente?

Em **O Deus-verme**⁵⁴², a voz reverencia o elemento determinante da metamorfose, filho da matéria teleológica, na fartura ou na miséria, seu nome estranho de batismo é “verme”. Embora sua ocupação diária seja a decomposição dos cadáveres, jamais se utiliza da religião nem expulsa demônios. Vive em união com a bactéria, os dois libertos já do corpo humano. Seu almoço é a podridão dos frutos caídos, seu jantar, corpos inchados, magras entranhas, e dos defuntos recentes ele incha as mãos, mas ele é que fica com a carne podre que sobra do corpo humano, e na divisão das riquezas, seus filhos é que herdam a maior parte. O poeta revela, aqui, a efemeridade da vida e a inutilidade de juntar riquezas, pois tudo o que é matéria fica para os vermes.

Debaixo do Tamarindo⁵⁴³ é o último soneto deste grupo e fala das vezes que esse “eu” chorou sob os galhos do tamarindo, com o cansaço de desapiedados e severos trabalhos. Agora essa árvore guarda o passado da Flora Brasileira e os fósseis dos Carvalhos, mas quando esse “eu” morrer e voltar ao Uno, a sua sombra irá permanecer ali. Essa voz pode ser tanto de um escravo quanto de alguém da família Carvalho, mas alguém que tenha trabalhado muito, e serviço forçado, pois é este o sentido que encontramos neste poema.

Observemos melhor o dinamismo desse “eu-poético” mergulhado nessa Sombra que é o Inconsciente coletivo, como uma câmera, um “cinematógrafo” da época. Ele inicia sua viagem instrospectiva em **Agonia de um filósofo**; constata a existência da consciência individual em **O morcego**; em **Psicologia de um vencido**, examina o pensamento do

⁵⁴⁰ Ib., p. 207.

⁵⁴¹ Ib., p. 208.

⁵⁴² Ib., p. 209.

⁵⁴³ Ib., p. 210.

oprimido, examina, depois, a origem do pensamento, em **A Idéia**; o marginalizado é analisado em **O Lázaro da Pátria**, vai olhar o futuro da humanidade em **Idealização da humanidade futura**; depois revela os que são impedidos de vir à luz, em **Soneto**. O rapsodo é mostrado em **Versos a um cão**, sozinho, a falar no “deserto”, como um profeta a quem não dão ouvidos, a cantar as tragédias da humanidade. Qual o motivo? Vem a seguir, em **O Deus-verme**, que é o capital; em **Debaixo do tamarindo**, o “eu” do poeta-profeta anuncia que o seu inconsciente, após a morte do seu corpo físico, também ficará ali à espera de que alguém possa detectar suas vibrações.

AS CISMAS DO DESTINO

Agora, no **Eu**, vem um longo poema, em quadras, que se assemelha a uma “cena” trágica, dividida em quatro atos, sendo que nos dois primeiros e no último há um “eu” que fala; na terceira parte quem fala ao poeta é o Destino. Volta, então, o poeta lírico, mas naquela perspectiva do universalismo individualista, em que o “eu” transborda do individual, dissolvendo-se na esfera do universal. Aqui ele se posiciona como um espectador do “eu” de alguém: “Eu, indo em direção à casa do Agra [...]” Neste longo poema também ocorre aquela explicação de Steiner em que o palco da tragédia é como um tablado ligando o céu ao inferno; agora é a ponte Buarque de Macedo que liga a cidade ao “inferno” da carnificina que ocorre no navio, com a execução dos deportados do Rio de Janeiro.

“Recife. Ponte Buarque de Macedo. / Eu, indo em direção à casa do Agra, / assombrado com a minha sombra magra, pensava no Destino, e tinha medo!”⁵⁴⁴ Este poema foi publicado em 1908, porém no **Eu** adquire a possibilidade de interpretações diversas, principalmente se fizermos a leitura das alegorias, pois nos remetem ao fuzilamento ocorrido em Recife, pela intertextualidade que estabelece com o texto de Rui. É preciso, também, considerar a importante informação que nos dá Alexei Bueno: para o **Eu**, o poeta

⁵⁴⁴ Ib., p. 211.

mudou a ordem das estrofes e introduziu versos que esse poema não possuía nas primeiras publicações,⁵⁴⁵ o que já significa uma adaptação para integrá-los, formando um todo.

Vejamos o texto com que essa estrofe estabelece conexões: “Mal transpunha o vapor a barra do Recife, quando se deu o espingardeamento.” Fala, aqui, dos marujos que foram enviados ao norte do país, para “exílio”. O **Satellite** ficara ali aportado por quarenta e oito horas, portanto o comandante deveria apenas ordenar o desembarque, mas com duas rajadas de setenta soldados tombam vinte corpos no convés do navio, sob as ordens do comandante Francisco de Melo, que agiu, com seus homens, assim como Augusto mostra em seu poema: “Tal uma horda feroz de cães famintos, / atravessando uma estação deserta, / uivava dentro do *eu*, com a boca aberta, / a matilha espantada dos instintos!”⁵⁴⁶

O poeta-vidente fala da podridão da humanidade futura, idéia já esboçada em soneto anterior, e aponta os “fetos magros, ainda na placenta”, estendendo-lhe as mãos rudimentares. Como o **Eu** é constituído de um conjunto de vozes de várias épocas, reunidas na Sombra que vem revelar o lamento desses espectros pedindo justiça, este trecho do poema parece fazer alusão às vítimas da seca no nordeste. Como é possível entender dessa maneira? Encontramos um texto de José Américo de Almeida que estabelece essa intertextualidade. As revistas do Instituto Histórico-Geográfico da Paraíba e do Instituto Arqueológico de Pernambuco divulgavam extensas matérias e pesquisas a respeito das secas, utilizando imagens literárias semelhantes às de Augusto.

Vamos ao trecho de Almeida. No ano de 1878, houve uma terrível seca e as pessoas famintas, desnudas e esqueléticas chegavam às capitais - Recife e João Pessoa - pedindo auxílio, já quase agonizantes. “Eram figuras sumidas, escavadas por um regime alimentar insuficiente e tóxico, que mal se equilibravam nos esqueletos descarnados.”⁵⁴⁷

A voz do condenado ecoa no poema: “Ah! Com certeza, Deus me castigava! /Por toda a parte, como um réu confesso, /Havia um juiz que lia o meu processo /E uma

⁵⁴⁵ As mudanças nas estrofes são: " Parte I – acréscimo da 8ª estrofe. Parte II - ordem original das estrofes pela numeração definitiva 1-2-3-4-5-6-7-13-14-15-16-17-18-19-20-5 da Parte IV -8-9-1-11-12-21-23-24- 25-26-27-28-29-30-32-33-34. Na Parte IV a ordem era 1-6-3-22 da parte II 7-8, não constando as atuais 2, 4 e 5.

⁵⁴⁶ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 211.

⁵⁴⁷ ALMEIDA, José Américo de. **A Paraíba e seus problemas**. 4ª edição. Brasília: Senado Federal, 1994, p. 188.

força especial que me esperava!”⁵⁴⁸ E essa voz viaja para a morte, sentindo o “*ignis sapiens* do Orco” abafando-lhe o peito curvado e sujo, “num núcleo de substâncias abrasantes”. A cor vermelha, que lembra o sangue, é a cor que essa voz mais teme, pois é a que mais o persegue.

E ele se lembra constantemente de um “estômago esfaqueado de uma criança”, como um “pedaço de víscera escarlate”. Almeida conta o fato de que muitos retirantes da seca morriam “arruinando as vísceras com as substâncias tóxicas da mucunã, do peto, do cole e da maniçoba.”⁵⁴⁹ É de Nicandro Nunes do Nascimento e Bernardo Nogueira cantaram em cordel, em 1877, esse fato: “Xique-xique, mucunã, raiz de imbu e cole. [...] Maniçoba e gordião, comendo isso todo dia, incha e causa hidropsia, foge, povo do sertão!”⁵⁵⁰

A voz continua o lamento, dizendo que lhe tossia, na alma, uma população doente do peito e sem remédio. A descrição desses sintomas também está em Almeida, ao citar Mersseman: “Nuns os sintomas que determinavam a morte concentravam-se no peito; a tosse e os catarros os asfixiavam ou eles morriam em consequência de um derrame seroso no pericárdio.”⁵⁵¹ Há uma notícia veiculada no jornal **Gazeta da Paraíba**, de 12 de janeiro de 1890, falando da multidão maltrapilha e doente.

Começaram os saques e homicídios, as cidades se tornaram um caos e quando chegaram os reforços militares para impor a ordem, o povo começou a ter os lares violados, as mulheres violentadas, independentemente da situação de casada ou solteira, virgem ou não, tanto pelos miseráveis quanto pelos soldados. Foram feitas prisões em massa, de velhos, moços, casados, solteiros ou viúvos, levados acorrentados, em alguns colocavam coletes de couro e alguns, cruelmente amarrados e torturados, quase asfixiados, desmaiavam pelas estradas, “deitando sangue pela boca.”⁵⁵²

⁵⁴⁸ Ibidem.

⁵⁴⁹ Ibidem., p. 191.

⁵⁵⁰ Ib., p. 205.

⁵⁵¹ Ib., p. 216.

⁵⁵² Ib., p. 260. A hemoptise era causada pela invenção maquiavélica do colete de couro que era umedecido antes de ser colocado na vítima e depois, ao secar, ia se contraindo tanto que provocava golfadas de sangue em quem o usasse.

Observemos estes versos de Augusto: “E a saliva daqueles infelizes / inchava, em minha boca, de tal arte,/ que eu, para não cuspir por toda a parte, / ia engolindo, aos poucos, a hemoptisis!”⁵⁵³

Na segunda parte deste poema, a voz surge dizendo haver sido no terror daquela noite cheia de mortes que ela descobriu a “falta de unidade na matéria”, vendo os “esqueletos desarticulados”, já libertos das carnes apodrecidas, que giravam, com “as brancas tíbias tortas”, numa dança de números ímpares e todas as más divindades, “Siva e Arimã, os duendes, o In e os trasgos, imitando o barulho dos engasgos, / davam pancadas no adro das Igrejas”, ou seja, os anjos maus penetravam onde antes era lugar tido como sagrado, o bem se retraía diante do mal.

O primeiro grau dessa inanição provocada pela seca, conforme Mersseman, mostram-se através dos sinais que denunciam a fraqueza do sangue, como palidez, emagrecimento, tristeza, desânimo, dificuldade de digestão, ventre dilatado, inchaço nas extremidades, enfraquecimento muscular, movimentos muito lentos, uma expressão inesquecível no olhar, respostas tardias, em alguns a voz já não sai. Parece haver também esse sentido nesta estrofe de Augusto: “Ganir incompreendidos verbos! Querer dizer-nos que não finge, / e a palavra embrulhar-se no laringe,/escapando-se apenas em latidos!”⁵⁵⁴

O “eu-poético” diz visualizar, então, todos os personagens da tragédia que, já cansados do Nirvana, pedem para viver, mas aquela humanidade parasita berrava, aflita, como um animal inferior, que o seu temperamento de covarde ouvia. Parece ouvir aquele povo miserável a implorar uma vida normal, sem aqueles olhos parados, pupilas dilatadas, com “espanto interrogativo entre a ternura e o temor”⁵⁵⁵, um povo abandonado à própria sorte sem assistência governamental.

Há uma estrofe em que o poeta parece fazer uma crítica ao Exército, pois faz alusão aos bêbados tolos que “esterilizavam a substância prolífica dos semens” e depois “enterravam as mãos dentro das goelas,/ e sacudidos de um tremor indômito / expeliam, na dor forte do vômito, / um conjunto de gosmas amarelas.” Os soldados é que, bêbados, violavam os lares e as mulheres, quando eram designados para aplacar o banditismo no

⁵⁵³ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 213.

⁵⁵⁴ Ib., p. 215.

⁵⁵⁵ ALMEIDA, José Américo de. Op. Cit., p. 216.

nordeste, e é dos soldados que Rui fala em **Os traga-espadas**, comparando a arte daquele que se apresentava em público engolindo uma espada sem se ferir, pois o exercício fazia com que os músculos se afrouxassem e a garganta se habituasse a receber a espada. Então diz o jurista baiano que a República estava daquele jeito, pois tinha que engolir “espadas e canhões” dos quais o governo militar dispunha a torto e a direito.

E o poeta faz uma interrogação: “Por que há de haver aqui tantos enterros? / Lá no “Engenho” também, a morte é ingrata.../ Há o malvado carbúnculo que mata / a sociedade infante dos bezerros!”⁵⁵⁶

Novamente a intertextualidade entre **Ruínas de um Governo** e **As cismas do destino**. Mas esta é particularmente importante, porque traz implícita uma denúncia, o que pretendemos comprovar agora. O dêitico espacial “aqui” mostra a posição do “eu” que fala no poema e que está distante da Paraíba. Observemos o outro dêitico “lá”, que indica o distanciamento. Mas poderia ele estar na capital paraibana ou mesmo em Recife? Acreditamos que não, pois ao se referir ao engenho da família, o poeta utiliza “engenho”³⁶¹; “Engenho Pau d’Arco”³⁶², “o meu Pau d’Arco”³⁶³. A diferença é que, nesta estrofe de *As cismas do destino*, Augusto escreve “Lá no ‘Engenho’ também, a morte é ingrata...” E aqui, na análise do discurso literário, o uso de recursos como as aspas e as reticências faz toda a diferença. Vejamos a explicação de Tânia Clemente:

As aspas - marca de uma heterogeneidade que se mostra - pode ter duas funções: ou recortar as falas relatadas (como no uso do discurso direto), ou servir de aviso de que uma determinada palavra está sendo usada num sentido específico, quase sempre figurado ou irônico. No primeiro caso, remetem ao discurso do outro e, no segundo, abrem a interpretação, à espera de que o leitor se identifique com o sentido pretendido pelo emissor. Em ambos os casos as aspas são marcas de visibilidade.³⁶⁴

Além das aspas, as reticências também indicam uma interrupção na fala do narrador ou personagem, para dar lugar a uma abertura ao leitor, para que conclua o que o texto deseja sugerir. No caso em questão, esse “Engenho” significa outra coisa que não o Engenho Pau d’Arco, pois a ironia na palavra entre aspas está bem clara. Por analogia e metonímia, relacionamos o “Engenho” à Paraíba, pois sempre que o poeta menciona o Pau

⁵⁵⁶ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 217.

d'Arco, refere-se ao engenho da família, localizado na Paraíba. “Por que há de haver aqui tantos enterros?/Lá no “Engenho” também, a morte é ingrata.../Há o malvado carbúnculo que mata/ A sociedade infante dos bezerros!”⁵⁵⁷

Há uma impreciação contra a morte, final do teatro desta vida a que todos estão condenados e contra a qual não há santo que possa dar uma solução definitiva, livrando o fiel das suas garras: “Morte, ponto final da última cena,/Forma difusa da matéria imbele,/Minha filosofia te repele,/Meu raciocínio enorme te condena!/Diante de ti, nas catedrais mais ricas,/Rolam sem eficácia os amuletos,/Oh! Senhora dos nossos esqueletos /E das caveiras diárias que fabricas!”⁵⁵⁸

No final do segundo ato, ao pensar nas pessoas que havia perdido, a voz deseja ter a inconsciência de “uma máscara de cera”, e nisso ele ouviu a voz do Destino, que entra, então, no terceiro ato, dizendo ao homem que jamais descobrirá a causa da felicidade, por mais que ele sonde os mundos ocultos, pois para compreender a dor é preciso ter a visão una de tudo. A dor não tem fim, pois desde que o ser humano desenvolveu a sensibilidade, também descobriu o sofrimento. A opressão do forte contra o fraco, todas as divergências e conflitos entre os homens formam um “barulho” da luta entre o “dragão do humano orgulho / e as forças inorgânicas da terra!”⁵⁵⁹

Então o Destino chama o poeta de “feto malsão, criado com os sucos/ de um leite mau, carnívoro, asqueroso,/gerado no atavismo monstruoso/ da alma desordenada dos malucos” – e essa alusão ao “leite mau” é a referência ao leite da mulher escravizada, e por essa razão, condenada ao atavismo, à regressão na escala da evolução humana. Nesta passagem, a emoção sobrepuja a razão, o Destino, que se pode valer do acaso, vence os sonhos humanos baseados na lógica, as estratégias racionais fundadas na Cabala. Nenhum cálculo humano poderá nos livrar do acaso e da fatalidade.

E a voz segue dizendo infelicidades ao poeta, alertando que o espaço é o nada para a matéria e que esse cansaço enorme que o desanca há de deixar nele “essa medonha marca” que os dedos de qualquer pessoa deixam nos “corpos inchados de anasarca.” Ao descrever aqueles miseráveis da Paraíba, morrendo de fome e sede devido à seca e ao

⁵⁵⁷ Ib., p. 217.

⁵⁵⁸ Ib., p. 218.

⁵⁵⁹ Ib., p. 221.

desamparo, afirma que as barrigas vazias e estufadas são uma “ironia da fome” e que a “infiltração serosa da anasarca também avoluma, caricatamente, esses espectros.”⁵⁶⁰

Despede-se, então, o Destino, dizendo ao homem que ele vibra, mas em vão, porque é pó, simplesmente, e que o abutre que comer o seu cadáver achá-lo-á amargo.

Na quarta parte, fala novamente o poeta, maldizendo as leis humanas injustas e lamentando a morte do Estado, da Associação e dos Municípios, pois de tudo aquilo restara somente “um mecanismo moribundo e uma teleologia sem princípios.”⁵⁶¹ Pelas nossas pesquisas, concluímos que essa “Associação” que ele menciona aqui é a abolicionista.

O poema termina dizendo que a Terra lhe negava o equilíbrio e, na natureza, uma “mulher de luto”, observando as árvores sem fruto, cantava a “canção prostituta do ludíbrio!”⁵⁶² Seria a Política ou a República?

DE BUDISMO MODERNO A INSÂNIA DE UM SIMPLES

O primeiro soneto desta parte é **Budismo moderno**, em que Augusto substitui Átropos, a Parca que corta o fio da vida, pelo médico, e pede: “Tome, Dr., esta tesoura, e... corte/minha singularíssima pessoa”, porque não teme a decomposição da matéria após a morte, ⁵⁶³ porque a sua essência – ou a energia dela emanada – ficará “batendo nas perpétuas grades do último verso” que ele fizer no mundo. A voz do vencido não terá descanso até que alguém a ouça e a divulgue.

Esta parte do **Eu** é mais filosófica do que a primeira seção de sonetos; enquanto aquele introduz personagens, ou reflete sobre eles, esta parece dar espaço às vozes das lamentações desses personagens. O “filósofo” da primeira parte parece agora se manifestar como um budista moderno, e o mesmo que reflete acerca da humanidade futura agora parece ser o monista. E o poema a seguir é **Sonho de um monista**, ao mesmo tempo uma espécie de invocação para que Ésquilo o acompanhe, assim como Dante teve Vergílio.

⁵⁶⁰ ALMEIDA, José Américo de. Op. Cit., p. 217.

⁵⁶¹ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 223.

⁵⁶² *Ib.*, p. 223.

⁵⁶³ *Ib.*, p. 224.

Então Ésquilo e o poeta realizam uma viagem cósmica na substância única da existência, até chegar à visão de Deus, “essa mônada esquisita”, responsável pelo movimento que rege o universo.

A irreverência do moderno *avant la lettre* também se faz presente: “Tome, Dr., esta tesoura...” A abreviatura “Dr.” Dificulta-nos até mesmo a contagem das sílabas métricas, pois consideramos “Doutor” ou apenas uma sílaba? Na segunda estrofe, é introduzido um assunto que, aparentemente, não possui ligação com a anterior,: “Ah! Um urubu pousou na minha sorte!” Lendo os versos a seguir é que podemos compreender que “urubu” pode ser uma metáfora cujo sentido vai além de “ave de mau agouro”: “Também, das diatomáceas da lagoa / A criptógama cápsula se esbroa / Ao contato de bronca destra forte!”, ou seja, é, de alguma maneira, uma espécie de opressão pela mão que esmaga a cápsula da criptógama, portanto “urubu” pode ser compreendido como a figura que oprime o “eu” que fala nesse poema e, pela cor negra, poderia ser um padre, pela cor da batina, um juiz ou qualquer figura que se vista de negro.

Mesmo que ele tenha sido esmagado, que sua vida se dissolva no Nada, a sua essência ficará em seus versos, para que ele não seja esquecido.

Solitário é o soneto que dá a voz a alguém que se refugia como um espectro na “solidão da natureza morta”, atrás dos túmulos abandonados, e vai refugiar-se “à tua porta”. A questão que por muito tempo nos intrigou aqui era: se há um fio trágico condutor, de quem seria a voz que fala no poema? A resposta que encontramos, que formou sentido no contexto, foi a de Rui Barbosa, o candidato civilista, vencedor das eleições de 1910, porém vilipendiado pela candidatura militar. Em 23 de julho de 1910 foi declarada a vitória de Hermes da Fonseca, e os senadores amigos de Rui – particularmente João Luís, representante do Espírito Santo – abandonaram-no, votando nele somente três parlamentares.

No entanto, há uma primeira leitura possível, uma vez que esse soneto foi publicado em 1905 e o poeta estudava em Recife: o lamento pela indiferença do tio (se considerarmos o livro **Desajustado**, de Alexandre dos Anjos, o motivo seria uma possível paixão pela prima). Alfredo de Carvalho, o tio de Augusto, era sócio do Instituto Arqueológico Pernambucano, em cuja revista publicou artigos de arqueologia e História e a

figura que faz essa “ponte” entre o poema e a pessoa dele está em “Levando apenas na tumbal carcaça/o pergaminho singular da pele/ e o fatídico chocalho dos ossos”⁵⁶⁴, palavras do cotidiano de um arqueólogo.

Em maio de 1909, um “golpe” ocorreu nas candidaturas à Presidência da República. No dia 12, foi lançada a candidatura do Marechal, desabando o domínio político dos mineiros e abalando a posição de Carlos Peixoto na presidência da Câmara, fracassando de vez a candidatura de Davi Campista, apoiado pelo presidente Afonso Pena. Peixoto fez um discurso em que alegou a delicadeza do momento em que se comemoravam os vinte anos da República e, por isso, era necessário demonstrar com firmeza a capacidade de governar com liberdade civil e pediu também o apoio de todos os adversários do cesarismo, ou seja, da ditadura.

No dia 14, Hermes afirmou a Tavares de Lira, lendo uma declaração escrita, que não era candidato e pediu demissão do cargo de Ministro da Guerra, deixando, assim, o presidente mais abalado ainda. Pinheiro Machado, o homem forte daqueles anos da República, anunciou que, juntamente com o Bloco, levantaria a candidatura de Hermes. No dia 17, Pena recebe um comunicado de Venceslau, dizendo que seria impossível vencer as resistências à candidatura campista, e assim derruba o chamado “Jardim da Infância”, que era o bloco de intelectuais que lutavam pela garantia de integridade, honestidade e liberdade civil no sistema vigente. No mesmo dia, Peixoto renuncia à Presidência da Câmara, solicitação rejeitada por 142 votos, porém o político não voltou atrás.

Conforme Arinos, os primeiros movimentos de apoio ao Marechal partiram das oligarquias do nordeste. Na noite ainda de 17, na residência de Pinheiro Machado foi realizada uma reunião que consagrou a candidatura do Marechal e então armaram o espetáculo: Pinheiro foi à casa de Hermes para lhe “impor” a aceitação da candidatura. No dia 19, Rui Barbosa desliga-se do Bloco – e este é o provável implícito no poema anterior – que o traíra deslavadamente, fazendo-o por escrito, formalmente. Nessa mesma data, Rio Branco lançava em seu diário a confissão de seu apoio a Hermes.⁵⁶⁵ A esse golpe, Rui e a imprensa em geral se referem como o “golpe de maio”.

⁵⁶⁴ Ib., p. 226.

⁵⁶⁵ Ver LINS, Álvaro. **Rio Branco**. Vol. II, p. 653.

Diz Rui, em **Ruínas de um Governo**, que a mentira não tem fim e é “multípara”, que seus germes, se colocados em meio fértil, irão se multiplicar aos milhões, como os “micróbios visíveis que contaminam a água e o ar, o pão e o sangue. Ao se consumir o “danado coito do Congresso com a espada, os culpados logo trataram de ocultar o “contubérnio, para não deslustrar a prole concebida nesse enlace.”⁵⁶⁶

É em *Mater originalis* que aparece a idéia de mãe originária de todas as coisas. Neste poema, o “eu” poético dirige-se ao “tu”, que é a “forma vermicular desconhecida”, o princípio da origem de todas as coisas, com quem o sujeito da enunciação fala, dizendo-lhe que o sacerdote que lhe prenunciara o futuro não sabia que ele era oriundo daquela “mãe originária”, da qual nascera autônomo e sem normas. Este poema é importante para estabelecer uma intertextualidade com **Desajustado**, de Alexandre dos Anjos, em que protagonista é criticado e rejeitado pelo vigário, apenas por ser mulato e pretender disseminar a idéia de igualdade racial.

Em primeira leitura, parece uma reflexão a respeito da origem das coisas e dos seres, mas não seria coincidência o fato do poema ser de 11 de maio de 1909 e a notícia da candidatura de Hermes vir a público no dia 12?

A candidatura já nascera mal feita, a partindo de um jogo de mentiras: “O hierofante que leu a minha sina/ ignorante é de que és, talvez, nascida/ dessa homogeneidade indefinida/ que o insigne Herbert Spencer nos ensina” – tanto o Bem quanto o Mal têm a mesma origem. “Ah! De ti foi que, autônoma e sem normas, / Oh! Mãe original das outras formas, /a minha forma lúgubre nasceu!”⁵⁶⁷ O governo militar surgiu e se firmou contra todos os princípios dos verdadeiros republicanos, e apesar da votação maciça do candidato civilista.

O lupanar,⁵⁶⁸ soneto que fala da prostituição, tanto pode ser entendido como a venda de corpos ou do caráter, a negociação política em torno da candidatura de Hermes, que ocorria bem naquela época, pois o soneto é de abril de 1909 e não podemos esquecer a informação de Afonso Arinos e outros, de que o nordeste foi o primeiro a apoiar a

⁵⁶⁶ BARBOSA, Rui. **Ruínas de um Governo**. Op. Cit., p. 17.

⁵⁶⁷ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 227.

⁵⁶⁸ Ibidem, p. 228.

candidatura do Marechal, com exceção da Bahia. De qualquer forma, a leitura que fazemos dele é de sentido político, das negociações feitas no escuro, de forma ilícita.

O "eu" questiona o motivo por que a alma do homem "polígamo e lascivo" ficou para sempre presa nessa "rede", dentro do canto da parede. Que rede, que armadilha seria essa? A prostituição? A "rede" dos conúbios políticos? Observamos aqui a expressão "afrodístico leito do hetairismo" e encontramos dois significados: um seria o "leito das prostitutas de luxo de Afrodite", o outro seria "leito das prostitutas de luxo africanas, dispostas em duas fileiras" e em qualquer um desses sentidos, sendo "de luxo" fatalmente haveria envolvimento de pessoas de alto cargo. E esse leito é a "antecâmara lúbrica do abismo", ou seja, a "ante-sala escorregadia do mistério"; que poderia muito bem ser a Câmara dos Deputados, onde toda a trama aconteceu.

É novamente o poeta-pensador que fala em **Idealismo**, revelando que o amor da "Humanidade é uma mentira", por isso ele se recusa a ver-se sobre ele, e não aceita esse amor do "sibarita e da hetaira", ou seja, esse amor puramente material, pois para o amor sagrado seria preciso que o mundo ficasse sem a matéria e somente houvesse amizade de uma caveira para outra caveira? Mas o mundo imaterial somente seria a "alavanca desviada do seu fulcro", uma vez que o certo seria a humanidade evoluir para esse sentimento verdadeiro, e poder vivê-lo independente de ser também matéria.

Em **Último credo**, o poeta afirma amar o coveiro, "este ladrão comum que arrasta a gente para o cemitério". Lembramos que essa figura do coveiro era muito utilizada na literatura da época para se referir a pessoas que acabassem, de alguma maneira, com os sonhos de outrem.

Vejamos agora o que Rui fala sobre o Marechal, em **O depoimento do Governo**: "Grande coveiro o marechal, que há três anos não faz senão sepultar leis, sepultar tradições, sepultar homens, e, no vasto cemitério onde, há trinta e oito meses mexe a sua pá e bate a sua enxada, há de acabar deixando aberto em côvados de fundo o alicerce de seu mausoléu."⁵⁶⁹ Como se pode notar, há forte intertextualidade entre esses textos, o que nos permite concluir que o soneto é de refinada ironia, se considerado no contexto trágico por que optamos.

⁵⁶⁹ BARBOSA, Rui. **Ruínas de um Governo**. Op. Cit., p. 41.

O caixão fantástico, em uma leitura fora do **Eu**, fala de uma visão noturna que o “eu-poético” tem, vendo passar um caixão; porém no conjunto da obra, entendemos esse contexto relacionado a mais um texto de Rui Barbosa, **O enterro noturno**, que fala sobre a noite de 27 de dezembro, quando houve um movimento inusitado no cemitério da praia do Caju. A vizinhança ouviu a sineta de enterro, então um dos moradores foi observar a cena, escondido atrás de uma árvore, e depois a relatou aos outros residentes por ali. Viu descer os fardos, depois viu cada um no seu caixão, parados perto do portão, onde o administrador anotava as identidades, em seguida eram recolhidos à capela, para serem sepultados na madrugada. O homem anunciou que voltaria no dia seguinte, pois ainda havia dez agonizantes, mas no outro dia levou somente dois, pois havendo se espalhado a notícia dos enterros, o Ministro da Marinha foi obrigado a agir, salvando os oito já agonizantes, entre eles João Cândido.

“Célere ia o caixão”, diz o soneto de Augusto, o que já leva o leitor a um estranhamento, pois nenhum enterro anda rápido, ao contrário, sempre segue mais lento que o habitual. E nesse caixão ele supõe que talvez fossem Musas, ou o próprio “Pai”, sua mente se enche de imagens terríveis, “contraditórias e confusas”. Quem mais diria isso se não o indivíduo que estava a espiar os caixões chegando no meio da noite, por isso “fantásticos” e a escuridão lhe produzia na mente imagens desconexas? E o soneto mostra o tempo da ação: “À meia-noite, penetrava fundo” aquela energia monística universal, pois se tudo é Um, o que agride a uma parte, reflete no Todo.

E mais ainda: “Era tarde! Fazia muito frio” – eram noites chuvosas aquelas, e na praia, com o vento do mar era natural que estivesse frio. “Na rua apenas o caixão sombrio/ia continuando o seu passeio!”

Solilóquio de um Visionário⁵⁷⁰ parece falar de um espectro que se reencarna na Terra, pela necessidade de evoluir mais ainda, após vagar um século pelo espaço. Volta agora o “eu” da sondagem filosófica, mas sem compreender o mistério da vida. Esse soneto é de 1º de maio de 1909; haveria alguma relação com alguma personagem histórica de 1809? Não encontramos, ainda, nada a respeito.

⁵⁷⁰ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 232.

A um Carneiro morto⁵⁷¹ é um soneto que faz alusão a alguém que foi morto e esquartejado, provavelmente Tiradentes, por ter ficado na mesma masmorra nº 3, em que ficaram João Cândido e seus companheiros. Tiradentes saiu dali somente para ser enforcado e esquartejado. O poeta deseja ao carrasco dessa vítima que sofra da “maldição de Pio X”, e também seus herdeiros. Ora, esse papa foi o que considerou “anátemas” todos os professores que ensinassem pela luz da ciência, e não da Igreja. Muitos foram afastados do cargo e até mesmo ficaram desempregados por esse motivo, o que deve, também, ter prejudicado Augusto dos Anjos no Liceu Paraibano e no Instituto Maciel Pinheiro, mas a história oficial não conta esses detalhes.

O último terceto é bastante forte, pois após dizer, no terceto anterior, que Tiradentes perdoou o seu carrasco, o poeta diz: “Oh! tu que no Perdão eu simbolizo, /Se fosses Deus, no Dia de Juízo,/Talvez perdoasses os que te mataram!” Conforme os ensinamentos da Igreja, todo cristão simboliza Cristo no perdão, portanto o que ele diz é que se Cristo fosse Deus, nós já estaríamos livres das dores do mundo, pois Ele já teria perdoado os que o mataram, não havendo necessidade de todos os homens pagarem por esse erro.

Ele se refere a um personagem histórico ou a Cristo? Como vêm, muitas interrogações ainda restam sem uma resposta que satisfaça na construção de sentidos de alguns poemas.

Vozes da Morte⁵⁷² é um poema que consideramos bastante interessante de Augusto, pois ele faz um jogo com a palavra “tamarindo”: a árvore e o nome próprio. Esse “nós” do poema tanto pode ser lido como o poeta e o pé de tamarindo do Engenho Pau d’Arco, em uma espécie de emprego metonímico, pois a árvore representaria o engenho perdido, mas também podemos encontrar sentidos, em uma leitura mais profunda, que apontem para o episódio do cabo que se sacrificou em Canudos, por fidelidade ao Coronel Tamarindo.

Em **Os sertões**, Euclides da Cunha relata que o corpo do Coronel Tamarindo foi encontrado empalado, erguido num galho seco, balançando ao vento. Esse “eu” que fala

⁵⁷¹ Ibidem, p. 233.

⁵⁷² ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 234.

no soneto é, portanto, a voz da árvore: “Agora, sim! Vamos morrer, reunidos, / Tamarindo de minha desventura, / tu, com o envelhecimento da nervura,/ eu, com o envelhecimento dos tecidos!”⁵⁷³ Os dois unidos pela bárbara tortura que o coronel sofrera, de ser empalado, então o poeta o coloca dizendo à planta que ela morreria com o enfraquecimento de cada um dos feixes do tecido vascular (xilema e floema) que percorrem o limbo das folhas, ele, pela falência dos agregados de células similares, que desempenham, de maneira coordenada, uma função particular no corpo humano.

Mas não morreriam as sementes que eles deixaram no mundo e depois da morte ainda teriam filhos, as plantas que brotassem dela ainda poderiam servir, muito além das utilidades positivas, para fins maléficos nas mãos de mentes perturbadas; e outros homens como ele também poderiam ter uma sina semelhante para cumprir.

Insânia de um simples⁵⁷⁴, último soneto desta parte traz a voz de um homem simples, do povo, resignando-se com a sua pequenez e o seu destino traçado pela sociedade, sem a capacidade de se rebelar contra ele. Em pensamentos doentios e loucos, ele se satisfaz restringir-se à categoria mais ínfima da mediocridade, deixar seu corpo na sarjeta mais obscura. E enquanto todos os vícios gemem de uma só vez, imitando o irado deus do vento na orgia homossexual do mundo, a ele satisfaz se restringir a um indivíduo humilde e apodrecer sozinho no silêncio da sua insignificância. Pela primeira vez não aparecem os termos “eu”, “meu”, “minha”, o que parece uma forma de neutralizar essa primeira pessoa que não possui nada de seu, não é “proprietário”, é apenas um “simples”. A demarcação dessa voz que fala é quase impessoal: “É-me”, “adstringir-me”, “apraz-me”, além dos verbos no infinitivo: “ter”, “ser”, “deixar”. Este é o indivíduo indiferente às coisas materiais, a ele não se atribui nenhuma propriedade, nem material nem de afetos, é o sujeito que não se exprime como “dono” de algo, ao contrário de toda a tendência burguesa. A palavra “indivíduo” é taquigraficamente representada como Δ (delta), e é esta imagem que o poeta utiliza para gravar na mente do leitor o instantâneo desse simples que, enquanto os vícios “ganem todos de uma vez”, a ele apraz “apodrecer sozinho”, restrito ao “triângulo mesquinho de um delta humilde”, resignado, no silêncio de sua pequenez.

⁵⁷³ Ibidem, p. 234.

⁵⁷⁴ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 235.

OS DOENTES

Esse poema parece ser mais uma cena desse trágico moderno. Augusto mostra nele a população “doente” deste país; os selvagens que se degeneraram com a presença do branco, os famintos e miseráveis do nordeste, os escravos e as vítimas de massacres.

“Como uma cascavel que se enroscava,/a cidade dos lázaros dormia...”⁵⁷⁵ Essa “cascavel” nos remete à lembrança da Ilha das Cobras e seus prisioneiros sofrendo nas masmorras, porém, ao mesmo tempo, o poeta emprega com certa constância “lázaro” no sentido de negro ou mestiço, então podemos entender também como a senzala, pois os sofrimentos são semelhantes, desde falta de alimentação adequada, exploração do ser humano, tortura e morte.

Naquela metrópole vazia, somente ele possuía autonomia de pensamento, portanto “vazia” pode significar também sem ninguém com o discernimento necessário para analisar os fatos com profundidade. E de repente, o poeta introduz um fragmento inusitado, que causa estranhamento ao leitor: “Mordia-me a obsessão má de que havia / sob os meus pés, na terra onde eu pisava, / um fígado doente que sangrava / e uma garganta de órfã que gemia!”⁵⁷⁶

Esse trecho nos lembra imediatamente uma narrativa chocante da miséria no sertão em 1878, em que ocorreu um fato que saiu nos jornais da época, que foi o caso de Dyonísia dos Anjos, retirante, que encontrou na “casa de mercado da cidade de Pombal ” uma garota órfã, de 5 anos de idade, a quem deu de comer e depois a levou com o maior carinho para a casa, que era próxima ao cemitério. Lá chegando, decapitou a menina, cuja cabeça enterrou, para devorar-lhe as carnes do corpo. Dyonísia foi presa e confessou o crime.⁵⁷⁷

É Almeida que transcreve ainda a notícia que nos permite estabelecer um vínculo de sentidos com o título desse poema. “Os doentes, recolhidos aos hospitais, são em geral retirantes tão proletários, que a maior parte deles vivem (*sic*) das esmolas dos

⁵⁷⁵ Ibidem, p. 236.

⁵⁷⁶ Ibidem, p. 236.

⁵⁷⁷ ALMEIDA, José Américo de. Op.cit., p. 196.

socorros públicos e dos particulares.” Aqui o texto nos permite voltar ao poema que antecede esta cena, que é **Insânia de um simples**, um desses “tão proletários” que se resignam com a insignificância que lhe atribuem os governantes.

Esses pobres, “estragados por uma vida de privações, extenuados de fome, de cansaço e miséria, saturados de vírus, afetados de ulcerações, provenientes da má alimentação, da falta de asseio [...], procuram os hospitais [...]”⁵⁷⁸ Essa população sofreu um martírio de três anos sem ajuda do governo federal.

A voz continua dizendo que a angústia que sentia não tinha consolo e ali, na cidade natal do Desconsolo, teve que “comer o último bolo / que Deus fazia para a (sua) minha fome!”⁵⁷⁹ Aqui nos lembra a descrição no livro de José Américo, dos adultos “deformados pelas perturbações tróficas, [...] desfibrados e fétidos, pelo efeito da autofagia [...]”⁵⁸⁰

Todo esse poema tem um efeito sonoro impressionante, sendo soturno e trágico nos lamentos e agilizando o ritmo nos momentos de reflexão. A natureza não só comunga com os sentimentos dessas vozes como também antecipa esse clima de horror, como nesta segunda estrofe da segunda parte: “Convulso, o vento entoava um pseudo-salmo,/ contrastando, entretanto, com o ar convulso/ a noite funcionava como um pulso/ fisiologicamente muito calmo” – é a voz dos espectros, quase que num uivo prolongado, atravessando a noite calma. O que possui movimento na natureza é o que se identifica com os homens, e o que parece estático estabelece o contraste, que é o caso da noite.

Também há registro desses homens bexigosos entre aqueles famintos: “Os poros da derma ressumam uma matéria viscosa que, acumulando-se e condensando-se, cobre o corpo de uma crosta enegrecida, pulverulenta e de um mau cheiro horrível.”⁵⁸¹ Em Areia e em outros pontos de aglomeração desses flagelados, a varíola se espalhou com violência.

Famílias inteiras abrigavam-se embaixo das árvores e percorriam as ruas da vila pedindo esmola, de mãos estendidas, em cujo semblante estava estampado a fome e a

⁵⁷⁸ Ibidem, p. 197.

⁵⁷⁹ ANJOS, Augusto dos. Op. cit., p. 236.

⁵⁸⁰ ALMEIDA, José Américo de. Op. Cit., p. 216.

⁵⁸¹ Ibidem, p. 216.

miséria, pedindo o pão para subsistir. Vejamos esta estrofe de **Os doentes**: “em cima de um túmulo, um cachorro / pedia para mim água e socorro / à comiseração dos transeuntes.”⁵⁸²

Ao mesmo tempo, o sofrimento se repete – e é essa possibilidade de acontecer novamente o fato terrível o que o trágico canta – nos prisioneiros da Ilha das Cobras e do navio *Satellite*. Em **Inferno de Dante**, Rui Barbosa fala também dos corpos seminus, das “bocas sequiosas”, dos olhos saltando das órbitas, dos “sons roquejantes” emitidos por eles, em “vozes inarticuladas”, em “gritos de inútil revolta por um gole d’água, uma migalha de alimento.”⁵⁸³

Surge agora no poema uma voz que louva o rio Paraíba pela fertilidade que ele traz aos solos que ficam às suas margens, que frutificam e onde a “Paraíba indígena” se banha. Mas apenas essa voz – que provavelmente é do poeta – compreende o quanto esse rio chora pela morte dos filhos legítimos, os selvagens e os outros oprimidos.

No subterrâneo, descansavam os homens “reunidos pela camaradagem da moléstia”, ou seja, os que a doença levava ao descanso eterno, atenuando-lhes o sofrimento. Mas dos mestiços, “da degenerescência do Ária, “escapava o ruído de uma tosse hereditária”, o estigma que os perseguiria pelas gerações, o fato de ser considerado sempre inferior pelos europeus e descendentes destes.

É de João Cândido que fala agora: “Descender dos macacos catarríneos” – e estes são macacos da África e Ásia, com narinas próximas e voltadas para frente -, “cair doente e passar a vida inteira / com a boca junto de uma escarradeira,/ pintando o chão de coágulos sangüíneos!” João Cândido, como já dissemos, ficou tuberculoso na época em que foi preso, torturado e quase morreu na masmorra número 3 da Ilha das Cobras.

Em seguida, as vozes dos outros marujos que não resistiram a tamanha monstruosidade e morreram: “Sentir, adstritos ao quimiotropismo / erótico, os micróbios assanhados / passearem, como inúmeros soldados,/ nas cancerosidades do organismo!” Ou seja, sentir, nas partes em que as células se proliferam anarquicamente, “passearem, como inúmeros soldados” dependentes da resposta ao estímulo químico dos desejos de um

⁵⁸² ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 237.

⁵⁸³ BARBOSA, Rui. **Ruínas de um Governo**. Op. Cit., p. 32.

organismo preso à porção principal do corpo de um ser vivo, os “micróbios assanhados”; sentir que os companheiros grudados a ele pela falta de espaço na masmorra iam se decompondo e os micróbios neles já se banquetavam, levaria qualquer um à loucura. Augusto deve ter ficado bastante impressionado com a resistência de João Cândido, e o poeta que possuía uma imaginação prodigiosa, deveria sentir nele mesmo o desespero daquele homem, aliás como todo sensitivo.

“E o ar fugindo e a Morte a arca da tumba/ a erguer, [...] marcando a transição emocionante/do lar materno para a catacumba!”⁵⁸⁴ – continua o poema. Moacir Lopes fala da masmorra nº 3, onde ficaram João Cândido e mais 17 companheiros, como a “mais lúgubre e de maior segurança, semelhante a caverna ou catacumba”, o que nos ajuda a compreender esse trecho do poema.

Às mulheres magras, que também foram deportadas no navio *Satellite*, ele profetiza para que não se lamentem, pois antes morrerem famintas, vítimas dessa “febre hética”, recitando uma oração - “consagrando vossa última fonética / a uma recitação de misereres” do que morrerem “hoje, urrando ultrajes/contra a dissolução que vos espera!” Algumas mulheres foram fuziladas, no meio da viagem, mas o poeta adverte que esse destino era melhor que a depravação a que elas seriam obrigadas se chegassem à Amazônia, onde seriam distribuídas ou leiloadas aos seringueiros. Mais uma vez aparece um dêitico – agora temporal, “hoje” – que faz a diferença na formação dos sentidos, pois se no presente elas estariam sujeitas à devassidão, significa que aquelas a morrer com uma “quimera” já pertenciam ao passado.

E esse passado parece também nos remeter aos últimos dias de Canudos, em que os soldados atearam fogo nos milhares de casebres enquanto se ouviam gritos de mulheres e choros de crianças, pois “elas preferiam morrer queimadas com seus filhos nos braços a se entregar ao inimigo.”⁵⁸⁵

Lopes conta o caso da meretriz Tiana, “que grunhe um pranto reprimindo o desespero da morte”, havia sido arrastada ao convés para morrer com mais cinco homens. A morte é a “alfândega, onde toda a vida orgânica /há de pagar um dia o último imposto!”

⁵⁸⁴ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 239.

⁵⁸⁵ LOPES, Moacir C. Op. Cit., p. 194.

portanto mais sorte tem quem morre sem se depravar, conforme o poeta. Outro detalhe interessante é a crença metafísica aparecendo aqui na opinião dele de que é melhor morrer em oração do que na perversão.

O poeta lembra agora os índios massacrados: “Aturdia-me a tétrica miragem / de que, naquele instante, no Amazonas, /fedia, entregue a vísceras gluttonas,/a carcaça esquecida de um selvagem.”⁵⁸⁶ Conta, então, que “a civilização entrou na taba/em que ele estava” (o índio); “O gênio de Colombo/manchou de opróbrios a alma do *mazombo*, / cuspiu na cova do *morubixaba*!”⁵⁸⁷, quer dizer, manchou de vergonha a alma do descendente de português nascido no Brasil e esgarrou no túmulo do cacique”, recordando aqui outro verso do próprio Augusto: “Escarra nessa boca que te beija!”, em **Versos íntimos**⁵⁸⁸, pois o colonizador foi recebido amigavelmente pelos índios menos agressivos, abusou das mulheres deles e depois, ao invés de agradecido, tentou escravizá-los e, não conseguindo, dizimou-os.

E no final, depois de tudo o que sofreu, o indígena, legítimo dono destas terras todas, ainda foi menosprezado pela História, pois esta sempre é registrada com a versão que se permite divulgar, ou seja, a ótica das instituições dominantes, e isto não significa apenas o governo constituído pelo voto do povo. O índio, então, “acordando na desgraça, /viu toda a podridão de sua raça/ na tumba de Iracema!”

Volta o poeta a meditar, dizendo que tudo aquilo exercia sobre o índio o efeito de um ciclone funesto, um redemoinho de mortos, desde que o colonizador adentrara pelas florestas até a “ultrajante invenção do telefone”, toda essa espécie de progresso e civilização lhe era estranha e conflitante com seus usos e costumes; com suas crenças e rituais. Tiraram-lhe as mulheres, a terra, trouxeram-lhe doenças desconhecidas e disseminaram a morte em um povo outrora sadio. Furtaram-lhe o direito de ser e de viver em sua própria casa. Seus descendentes carregariam para sempre seus vícios adquiridos dos brancos, seu povo “tombaria agonizante / na luta da espingarda contra a flecha!” Para sempre seria uma batalha em desvantagem, sobrevivendo o mais forte, mais modernizado, sucumbindo toda uma raça como se fosse inferior.

⁵⁸⁶ Ibidem, p. 240.

⁵⁸⁷ Ibidem, p. 240.

⁵⁸⁸ Ibidem, p. 280.

Então o índio teve o desejo de exterminar toda aquela gente que progredia sobre seus despojos, porém, diante da branca raça, dormem, caladas, todas as trombetas guerreiras e agora com uma “clarividência aterradora.” E hoje, no lugar das tribos valentes e guerreiras do passado, apenas sobrou a “caveira abandonada /de uma raça esmagada pela Europa!”⁵⁸⁹

Na parte V, uma voz anuncia: “Era a hora em que arrastados pelos ventos, / os fantasmas hamléticos dispersos / atiram na consciência dos perversos / a sombra dos remorsos famulentos”⁵⁹⁰

Novamente volta a voz do Almirante Negro: ”Perfurava-me o peito a áspera pua/do desânimo negro que me prostra,/ e quase a todos os momentos mostra/minha caveira aos bêbedos da rua.” Esse “desânimo negro” refere-se, ao mesmo tempo, à sina da raça negra nesta civilização e ao Almirante *Negro*. Como a morte era para ele ameaça iminente, as pessoas poderiam receber, a qualquer momento, a notícia do fato consumado, daí “mostrar a caveira aos bêbedos da rua.”

E continua o lamento das heranças que recebera e que colocavam em sua boca corruptível palavrões e sátiras violentas, “todos os vocativos dos blasfemos,/ no horror daquela noite monstruosa”- refere-se à noite do dia 27 de dezembro, quando ocorreu a morte de grande parte deles, que foram levados ao cemitério do Caju, sorrateiramente.

Na “ânsia de conforto de cada ser, ex.: o homem e o ofídio”, além de ser moderno ao utilizar termos estranhos à linguagem poética, como “ex.”, ele também utiliza “ofídio” como figura, pois nos remete novamente a “cobra”, ou seja, à Ilha das Cobras, onde sentia “uma necessidade de suicídio/ e um desejo incoercível de ser morto”, pois seria preferível morrer a suportar sobreviver ao lado dos amigos em decomposição!

Este trecho todo traz implícitos os sofrimentos naquela masmorra n° 3 da Ilha das Cobras: “naquela angústia absurda e tragicômica”, o “eu” chorava, girando sobre a sujeira e os cadáveres, “com a contorção neurótica de um bicho/ que ingeriu 30 gramas de *nux-vomica*”⁵⁹¹ Lembra os prisioneiros sedentos, que acabam por ceder ao desespero e

⁵⁸⁹ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 241.

⁵⁹⁰ Ib., p. 241.

⁵⁹¹ Ib., p. 242.

tomar a água com cal, o cheiro de podridão tomando conta do local, com “cinco cadáveres em putrefação, mais o fedor de fezes, urina e vômito”⁵⁹².

Rufino, o encarregado do local, anota os nomes dos mortos, enquanto observa os corpos de Josias, Mamede, João Alves, Gustavo e Alcides Galvão. Os corpos já inchados estavam brancos de cal, as barrigas prestes a explodir e a podridão prestes a espalhar por todo o local. Eles continuam a gritar de sede, então Rufino lhes pergunta se queriam mesmo água e joga grande porção dela embebida em cal, João Cândido grita para que os companheiros não a coloquem na boca, mas em vão, pois Laureano, Ernesto e Cipião “sorvem a própria cal úmida”, que os faz tossir e vomitar, pois lhes destrói os pulmões. Rolam em gemidos pelo chão e morrem aos poucos. E Rufino ainda alerta que água para beber só quando o chefe deles, João Cândido, estivesse no meio do monte de cadáveres. Um grande poeta convivendo com as notícias e boatos de toda essa barbárie não poderia deixar de fazer a sua denúncia, principalmente aquele que já sofria na pele e na alma o próprio exílio da terra natal.

A parte VI desse poema fala das prostitutas que , “doentes de hematúria, se extenuavam nas camas”, sendo que uma, “ignóbil, derreada de cansaço, /quase que escangalhada pelo vício,/cheirava com prazer no sacrifício/ a lepra má que lhe roia o braço!”⁵⁹³ Essa prostituta desconhecida, deformada pelo vício e cheia de mal é a política de Hermes da Fonseca, cuja caricatura saiu nesses moldes em revistas da época, de que Rui assim falou: “A tua política, as tuas tramas, as tuas ordens subverteram, ensangüentaram, dinamitaram, bombardearam, incendiaram, saquearam a terra do teu berço. [...] Mas olha “tuas mãos tismadas no braseiro e avermelhadas pela carniça.”⁵⁹⁴

Essa política depravada sujava a mão pura em sangue, com a morte de tantas pessoas; certamente essa corrupção que prendia o seu órgão sensório vinha da sua adaptação à baixa microbiana, mas um dia ela fora pura, quando ainda não possuía as lesões no corpo nem as improdutivas fontes de frutos, pois “nem tínheis, vítima última da insânia, / duas mamárias glândulas estéreis!”⁵⁹⁵

⁵⁹² LOPES, Moacir Costa. Op. cit., p. 206.

⁵⁹³ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 243.

⁵⁹⁴ BARBOSA, Rui. **Coletânea literária**. Op. Cit., p. 251.

⁵⁹⁵ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 244.

Em **Os rombos da caixa**, em que Rui fala sobre a distribuição de cargos a apadrinhados, que ganhavam sem trabalhar; “numa palavra, eram as mil tetas, os ubres, maiores ou menores, ressumantes de grosso leite em eterna apoiadura, desse animal multimâmio, a que ora se chama nação, ora administração, ora fazenda, [...] e de cujos peitos se dependuram, aos milhares, as crias vorazes na mamadura [...]”.⁵⁹⁶

“O Brasil atravessa, neste momento, uma crise característica de febricitação. Está posta a questão entre as duas alternativas, entre os micróbios e os fagócitos. De que lado se acabará por declarar a vitória? Pelos germes homicidas? Ou pelos elementos renovadores da saúde?” – alerta Rui Barbosa, em seu texto **Entre micróbios e fagócitos**⁵⁹⁷, levando-nos a estabelecer um cruzamento entre esses dois textos.

Em analogia ao sol das regiões de seca no nordeste, o poeta diz que talvez ainda não tivesse saído, “com violência, no horizonte,/ o sol malvado que secou a fonte/ de vossa castidade agora finda!” – mas o “sol” aqui é Hermes da Fonseca. Com certeza, aquela faminta, antes de se tornar devassa, estendera as mãos ao mundo que, voltando-se contra ela, obrigou-a, então, a vender “a virginal coroa/ ao primeiro bandido do arrabalde.” “E estais velha!” – diz o poeta; pois o mundo já se cansara dela e agora, que a sociedade a repele, só freqüentam diariamente o seu quarto “as *bruxas* negras da derrota”⁵⁹⁸, os políticos de baixa moral.

E alguém lhe promete, “entre os ciprestes,/ longe da mancebia dos alcouces”, nos locais mais tranqüilos, mais doces, o noivado que em vida ela não teve, diz o poeta. Mas “cipreste” é semelhante a “pinheiro” e nos leva ao terrível Pinheiro Machado que, em silêncio, organizou a candidatura de Hermes, que acaba de vez com a República, trazendo de volta a ditadura militar.

Na sétima parte, o poeta revela “quase todos os lutos conjugados,/ como uma associação de monopólio, /lançavam pinceladas pretas de óleo/ na arquitetura arcaica dos sobrados” – estes versos falam (ao menos é esta nossa leitura) do fogo colocado propositalmente no local em que eles se reuniam no centro do Rio, uma casa antiga, já toda

⁵⁹⁶ BARBOSA, Rui. **Discursos, orações e conferências**. Vol. I. São Paulo: Livraria Editora Iracema, 1965, p. 76.

⁵⁹⁷ _____. **Campanhas presidenciais**. São Paulo: Livraria Editora Iracema, 1965, p. 150.

⁵⁹⁸ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 244.

estragada, a que eles chamavam de “Sobradinho”, como nos informa também Moacir Lopes em alguns trechos, como este em que conta a fuga de Alfredo Maia, que corre para aquela casa: “[...] arrasta-se pela Rua da Carioca, não anuncia sua mercadoria, só quer chegar ao Sobradinho, antes de o José Felipe desmontar a aparelhagem de rádio.”⁵⁹⁹ A respeito do incêndio criminoso falaremos mais à frente neste trabalho.

Voltando ao poema, naquela “noite funda”, o “eu” tinha a sensação de que um braço humano cavava um poço ao longe, para enterrar a sua ilusão de moço, e esse poço se assemelhava a um poço artesiano, ou seja, ao buraco na terra que se cavava no cemitério para o inusitado sepultamento ocorrido naquela noite fatídica, fato que o governo tratou de enterrar bem fundo nos arquivos, para que ninguém ficasse sabendo, passando, assim, para a História, como um dos grandes presidentes do Brasil. Mas as vozes dos mortos sempre dão um jeito de ecoar pela irradiação do espaço sideral e o lamento um dia será captado.

E ele, então, cisma no “propósito funéreo da mosca debochada que fareja / o defunto, no chão da igreja,/ e vai depois levá-lo ao cemitério!”⁶⁰⁰ Lembramos novamente que, ao chegar ao cemitério do Caju, os corpos ficavam na capela por alguns minutos, para depois serem sepultados. Os bêbados, nas adegas, comemoravam seu “sábado infame”, mas de repente apareceu, estragando a festa, “a mandíbula inchada de um morfético!”⁶⁰¹ Este trecho nos remete à visão que “eu” encarcerado tinha de seus colegas já mortos e se decompondo, um a um, como uma “negra eucaristia”, ou comunhão, pois todos eles se misturavam numa só coisa, e a liberdade para todos – que era o sonho deles durante a revolta – naquele momento ele via esse sonho já apodrecido, com a morte de todos e a dele próprio tão iminente.

Na oitava parte, o “eu” que fala é de alguém que já morreu e agora entra no cemitério, e vê, à sua volta, corujas a voar; e ali parecia um bulevar fedorento, pela decomposição dos que ali residem. O “eu” do poeta-filósofo, caracterizado neste poema pela sonoridade soturna de nasais e vogais fechadas, lamenta: “Quanta gente, roubada à humana coorte,/ morre de fome, sobre a palha espessa,/ sem ter, como Ugolino, uma

⁵⁹⁹ LOPES, Moacir Costa. Op. Cit., p. 186.

⁶⁰⁰ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p.245.

⁶⁰¹ Ib., p. 245.

cabeça/ que possa mastigar na hora da morte”⁶⁰² – alusão, como já mostramos anteriormente, aos presos que ficaram sem comida ou bebida. E essa gente, que já morreu de fome, sede e tortura, vai ao cemitério carregada pelos mesmos torturadores, “Porque o madapolão para a mortalha/custa 1\$200 ao lojista!”, ou seja, a mortalha deve ser paga para que possa ser enterrada.

O poeta pergunta por onde andam aqueles seres conscientes, que pensavam, e vê aumentando o número de mortos carregados ao túmulo e, com olhar científico, já enxerga o trabalho do evolucionismo, ou seja, todos eles decompostos, servindo de adubo às plantas do lugar!

Entra no poema outra voz, que agora parece ser da terra do cemitério que engoliria os caixões, dizendo que os defuntos lhe ofereciam, “num prato de hospital, cheio de vermes, todos os animais que apodreciam!”⁶⁰³ e, “na impaciência do estômago vazio”, ela “devorava aquele bolo frio” – porque de cadáveres, sem o calor da vida -, “feito das podridões da Natureza!”⁶⁰⁴

A seguir, a voz fala das prostitutas presas, “negras desonradas pelos brancos” e, “pisando, como quem salta, entre fardos” – e estes “fardos” eram os corpos inertes – “nos corpos das moças hotentotes/ entregues, ao clarão de alguns archotes,/ à sodomia indigna dos moscardos” – aqui estão os corpos dos que tentaram fugir do *Satellite* e foram fuzilados e das negras estupradas pelos policiais. A voz maldiz, então, o “deus de mãos nefandas” que transgrediu as regras da igualdade natural e entrega a raça negra ao comércio de corpos.

Outro “eu” agora se anuncia, contando que, quase à beira da morte, na evolução da sua “dor grotesca”, ele “mendigava aos vermes insubmissos”, como “indenização” por seus serviços, “o benefício de uma cova fresca.”⁶⁰⁵ Amanhece e esse “eu” absorve os raios de calor da aurora, como se viesse de uma noite de seis meses, ao mesmo tempo em que se alegra porque “nunca mais as goteiras caíam/como propositais setas malvadas, no frio matador das madrugadas,/ por sobre o coração dos que sofriam!”⁶⁰⁶ Nunca mais, pois a

⁶⁰² Ib. p. 246.

⁶⁰³ Ib., p. 247.

⁶⁰⁴ Ib., p. 247.

⁶⁰⁵ Ib., p. 247.

⁶⁰⁶ Ib., p. 247.

morte o libertara do sofrimento e agora, em decomposição, já era, ao mesmo tempo, um embrião de vida nova, e isto mostra o verso que fala da “evolução do cérebro à absconsa tábula rasa”, que se acreditava ser o cérebro do bebê. E assim ele sente o prazer da morte e o “odor cadaveroso dos destroços”, como se fosse o gozo de partir para o reinício em outra vida.

O próprio poeta fala do “inventário do que [eu] já tinha sido”, e esse inventário “espantava”. De Augusto restava apenas “a forma de um mamífero vetusto/ e a cerebralidade de um vencido”⁶⁰⁷, portanto ele se sentia já envelhecido e com a mente de um derrotado. O gênio que o criara e o fizera “uma sobrevivência de Sidarta”, ia arrastando a “alma infecunda na mais triste de todas as falências”, e uma vontade de vingança se alastrava nele, que reage e diz: “Contra a Arte, oh! Morte, em vão teu ódio exerces!/Mas, a meu ver, os sáxeos prédios tortos,/tinham aspectos de edifícios mortos,/decompondo-se desde os alicerces!” As instituições são os “prédios sáxeos”, que se desmoronavam desde os alicerces, ameaçando a democracia.

A doença da corrupção já atingira todos os órgãos, estava tudo agonizante; até o Espaço que, por ser abstrato, não morre, estava exausto, ou seja, os céus - ou Deus - já se cansaram de tudo aquilo. Até mesmo o ar parecia se desagregar.

Os precursores de um “tétano medonho” lhe repuxavam o rosto, e rígido de espanto, ele sentia nascer na alma o início de um sonho maravilhoso, que era o começo de um “Cosmos novo”. O cemitério crescia e a natureza, como se estivesse novamente grávida, fazia brotar na escuridão o gemido de outra humanidade e ele, “com os pés atolados no Nirvana”, acompanhava, sentindo um secreto prazer, a “gestação daquele grande feto,/que vinha substituir a Espécie Humana!”⁶⁰⁸ Apesar de todos os horrores que as vozes denunciavam nesse poema, o poeta, diante daquelas ruínas, tem a esperança de uma humanidade nova e mais unida.

⁶⁰⁷ Ib., p. 248.

⁶⁰⁸ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 249.

DE ASA DE CORVO A CONTRASTES

Asa de corvo⁶⁰⁹ é o primeiro soneto desta série, e nele o “eu-poético” volta-se para a “asa de corvo”, que é de “mau agouro” e lhe “cobre o telhado da casa”, às vezes. Mas ela é, também, o instrumento com que o poeta faz o soneto e com que a “indústria humana” faz o pano negro que martiriza famílias de luto, ou seja, tanto pode ser o pessimismo, a depressão que se segue a sucessivos infortúnios na vida, quanto a figura de um padre ou juiz (de negras vestes) opressor.

Esta série não é apenas de sonetos, traz **Uma noite no Cairo**, forma poética que tem oito quadras, também de versos decassílabos, e **Duas estrofes**, formadas por sextilhas decassílabas. Lembrando-nos um pouco até das profecias de **O velho do restelo**, em **Os lusíadas**, os dois escritores aqui estudados advertem sobre os perigos e as conseqüências desse desgoverno.

O primeiro o faz em **Agoiros verificados**: “Que agoirávamos nós da situação criada em 22 de maio?” – da candidatura de Hermes – “A morte das instituições representativas. A desorganização dos serviços civis. A anarquia militar. A onipotência da força. O regime de prevaricação. A abolição da justiça. A extinção da autonomia dos Estados. O governo do sangue e do azinhavre. A elephantíase do caráter e da honra.”⁶¹⁰

Augusto reflete as mesmas críticas nos versos abaixo, mostrando claramente o pressentimento de que o golpe dado em maio, com a eleição fraudulenta de Hermes da Fonseca, desarranjaria um regime que mal começara a se formar, que no seu embrião já trazia a presença de um mal que, à primeira oportunidade, cresceria e apodreceria o corpo todo da nação: “Asa de corvos carnicheiros, asa/ De mau agouro que, nos doze meses,/Cobre às vezes o espaço e cobre às vezes /O telhado de nossa própria casa...”

Esse sentido entendemos no contexto do **Eu** como um todo que forma um trágico moderno, pois o poema é de setembro de 1906, portanto isoladamente entendemos

⁶⁰⁹ Ibidem, p. 250.

⁶¹⁰ BARBOSA, Rui. **Ruínas de um Governo**. Op. cit., p. 22.

esse soneto como um lamento triste, em uma época difícil para Augusto, pelas perdas de familiares e também a crise financeira por que passavam.

E o poema continua: “Perseguido por todos os reveses,/É meu destino viver junto a essa asa,/Como a cinza que vive junto à brasa, / Como os Goncourts, como os irmãos siameses!” Ele vive em meio à tristeza e mortes - “cinza”, “pano preto” - e entre doentes – os irmãos Goncourts, para escrever **Soeur Philomène**, freqüentavam o hospital diariamente.

A revista **Careta**, de 6 de janeiro de 1912, traz como capa uma charge do Marechal com um corvo de asas abertas e estendidas sobre ele, estabelecendo também forte intertextualidade com o poema de Augusto, permitindo-nos entender esse “eu” que fala no soneto como o de Hermes, no contexto do **Eu**: “É com essa asa que eu faço este soneto /E a indústria humana faz o pano preto /Que as famílias de luto martiriza.../É ainda com essa asa extraordinária /Que a Morte -- a costureira funerária --/Cose para o homem a última camisa! A “indústria humana” é uma alusão às armas com que tão facilmente se matam as pessoas indefesas.

A seguir, **Uma noite no Cairo** traz uma lúgubre voz dizendo: “Noite no Egito. O céu claro e profundo/fulgura. A rua é triste. A Lua Cheia/ está sinistra, e sobre a paz do mundo/ a alma dos Faraós anda e vagueia.”⁶¹¹ O poeta-filósofo cede lugar a um “eu-poético” cheio de lirismo e de tal plasticidade que as imagens vão se desdobrando frente ao leitor.

A plasticidade é sonora, trabalhada ora com a sequência de sons nasais e vogais fechadas, como em “**Noite no Egito. O céu claro e profundo**”, ou “**A alma dos Faraós anda e vagueia.**”, ora acrescentam-se sibilantes aos nasais e vogais fechadas: “**Os mastins negros vão ladrando à lua...**”

O poema é datado de 1905, cuja leitura, se feita isoladamente do resto da obra, parece dizer apenas do Egito, porém, no **Eu**, ele estabelece uma intertextualidade com discursos de outros escritores.

Rui Barbosa tem um texto intitulado **A múmia de Sesóstris**, em que diz: “Mas não me era necessário vagar pelas margens do Nilo, e contemplar os sarcófagos dos Faraós,

⁶¹¹ Ibidem, p. 251.

para ter visto Ramsés II com o dedo ereto em ato de mando entre a sua corte de petrificações humanas”⁶¹², porque lhe bastava ver o Marechal Hermes.

Quando comparei a uma atmosfera de catacumba a que aqui se sentia, e a uma coleção de múmias nos seus féretros a estas cadeiras por nós ocupadas, não disse que os nobres senadores eram múmias: afirmei que a sua impassibilidade ante os crimes do governo passado nos dava a idéia da mumificação nos seus resultados conhecidos.⁶¹³

O Nilo é o rio que corta o Egito, e por analogia a esse nome, na época de Nilo Peçanha o Palácio do Governo passou a ser chamado pela imprensa da época de Cairo, imagem que também Rui utilizou bastante, além de chamar de “múmias” os integrantes do Congresso Nacional, portanto Augusto também utiliza essa imagem nesse sentido.

Esse é um dos poemas dionisiacos, no qual surge um “saltimbanco da Ásia”, “tonto de vinho”, “convulso e roto, no apogeu da fúria,/executando evoluções de *razzia* / solta um brado epiléptico de injúria!”⁶¹⁴ O “saltimbanco”, artista barato, é aquele que conduz a negociata; no contexto da obra é possível entendê-lo como o próprio Pinheiro Machado, grande articulador dos governos Nilo Peçanha e Hermes da Fonseca.

A prática política é, por muitos cronistas de periódicos da época, apresentada também como uma mesa de jogo, onde as “fichas” são distribuídas, ou seja, os cargos públicos são dados aos íntimos e aos cavadores, mostrando que o nepotismo é inerente à nossa República.

O jogo, de Rui Barbosa, fala do jogo como um dos elementos da corrupção, o “irmão dessexuado e torpe”, pois a ele os homens que determinam nosso destino se sentam, entre eles as “potestades da política, chefes de maiorias, vice-presidentes da República, candidatos à magistratura suprema”, e, ao lado deles, “numa fraternidade comovente, os aventureiros, os cavadores, os goelas apontados a dedo pela população toda.”⁶¹⁵

⁶¹² BARBOSA, Rui. *Coletânea Literária*. Op. Cit., p. 287.

⁶¹³ *Ib.*, p. 288.

⁶¹⁴ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 251.

⁶¹⁵ BARBOSA, Rui. Op. Cit., p. 198.

À volta de uma grande mesa preta são vistos “dez jogadores de roleta” – que entendemos como os poderosos da época – “fumando, discutindo, conversando”, o último indício do matrimônio nefando. Brilha o céu, descansa melancólica a sábia natureza e na planície mais próxima “pasta um cavalo esplêndido da Arábia”⁶¹⁶ E “vaga no espaço um silfo solitário/troam *kinnors!* Depois tudo é tranqüilo.../apenas, como um velho stradivário,/soluça toda a noite a água do Nilo!”

O próximo soneto do **Eu é O martírio do artista**, de 28 de setembro de 1906, em que o poeta lamenta a ingratidão da Arte, porém mesmo com os olhos cansados, não desiste o artista de exteriorizar o pensamento guardado nas células da fronte.

O “eu” que fala no poema assume a posição de observador do artista: Arte ingrata! E conquanto em desalento,/ a órbita elipsoidal **lhe** arda,/ Busca [ele] exteriorizar o pensamento” que traz guardado em “**suas** fronetais células”. “Tarda-**lhe** a Idéia! A inspiração **lhe** tarda!/ E **ei-lo** a tremer, rasga o papel, violento [...]”. Depois, “**Tenta** chorar e os olhos **sente** enxutos!...” Essa voz que fala no poema, como se fosse um narrador, está próxima ao artista em processo de criação, e isto o poeta nos mostra pelo uso de “Eis”, para mostrar o outro, “Eis aqui o artista a tremer”, este é o sentido deste verso. Mas o sujeito observado sofre com a “febre de vão falar”, então, com os dedos brutos, “puxa e repuxa a língua, e não **lhe** vem à boca uma palavra!” Este poema parece ainda se interligar ao anterior, **A idéia**, em que esta irrompe no artista, porém morre no “molambo da língua parálitica!”

As **Duas estrofes**⁶¹⁷ em ditirambos são oferecidas ao poeta português João de Deus, falando da queda do “lírico arrabil” daquele poeta, o canto que era de “um sentimento português ignoto”, lembrando Lisboa, “bela como um brinco”, que em 1755 sofrera um terremoto. Há uma comparação aqui com a derrocada dos sonhos de Augusto na Paraíba, e acreditamos que se relacione com alguma tentativa relacionada a um método diferente de ensino.

Explicando: João de Deus ficou bastante conhecido não só por seus poemas, mas também pela **Cartilha Maternal**, um novo método de ensino de leitura criado por ele, que

⁶¹⁶ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 251.

⁶¹⁷ Ibidem, p. 245.

incorporava as inovações de Castilho, mas ia além, incorporava o método desenvolvido por Johann Heinrich Pestalozzi e Friedrich Wilhelm August Fröbel, avançado para a época. Não encontramos referências a nenhum fato desses, porém esse poema é do mesmo ano de uma das **Cartas de Pau D'Arco** que critica o egoísmo e a ganância dos burgueses paraibanos e fala de alguém que era conservador, estabelecendo uma forte intertextualidade com esse poema: “[...] me vem à lembrança, grande tipo bárbaro, de fibras tesas e olhos dilatados, pulando das mochilas das órbitas, como dois vidros de clarabóia”. Algum indivíduo cujos olhos saltados eram característica predominante, mas não só, possuía também “cara vermelha, de barítono ébrio”, repreendendo “incoerências musicais”, numa liteira fechada de alojamento - provavelmente um confessionário -, com uma decoração que trazia pinturas sobre o amor, o vinho e os prazeres da mesa – certamente a Santa Ceia – ao redor dele.

Embora implícita a informação, é certo que se trata de algum religioso que lhe advertia por algum excesso, provavelmente aquele que a Igreja mais combatia na época, o “modernismo” de alguns professores no magistério, que ensinavam sob luz da ciência, e não apenas conforme os dogmas da Igreja. Augusto, ao assumir o Instituto Maciel Pinheiro, aplicou esse mesmo método de ensino, baseado nas teorias de Pestalozzi e Fröbel.

O cruzamento de idéias nesse trecho começa com **Uma noite no Cairo**, ao falar dos “kinnors” e do “silfo”, uma vez que na crônica ele fala do “tipo bárbaro” que mencionamos acima e do homem de “vocábulos doces de breviário medíocre”, reunidos nos “serões dominicais” – o que reforça a idéia de ser alguém do clero -, como “aquelas mulheres siríacas que, outrora em Roma, ao grito danado da besta lúbrica, tocavam flauta para atrair os devassos”. A leitura dessa alegoria nos permite entender que se trata de um homossexual, também porque o ato de “tocar flauta” era mal visto na Antigüidade, se realizado por uma mulher, devido à conotação maliciosa dada pela relação desse instrumento com o falo.

Mas há, ainda outra possibilidade de leitura, numa camada mais profunda do texto e colocando-o no contexto do **Eu**, que é a relação estabelecida entre Coelho Lisboa e o poema que abordamos. Durante a seca de 1889, o presidente Afonso Pena não foi favorável à causado nordeste, afirma José Américo de Almeida. Tendo Pena visitado Quixadá, não se sensibilizou com a necessidade de construção de açudes, porém insistia em vias férreas.

Coelho Lisboa organizou, então, um plano de combate àquele flagelo e, encontrando resistência a seu projeto, discursou na sessão do senado de 22 de dezembro de 1908, falando que Afonso Pena desviara a verba que deveria levar “o pão aos famintos, água aos sedentos dos campos dos sertões do norte, para a Exposição onde fazia a sua exibição diária, naquela *Cidade Luz*”⁶¹⁸

Arruda Mello conta que Lisboa, por essa atuação no senado, ficou conhecido como “Um radical republicano contra as oligarquias”⁶¹⁹, em crônica de Wellington Aguiar. Coelho e outros lutavam pela retomada dos verdadeiros princípios republicanos.

Portanto, o mal tivera início em Afonso Pena, estendendo-se e agravando-se com Nilo Peçanha e Hermes da Fonseca. A eles devemos, ao que parece, os alicerces dessa República que hoje temos.

No próximo poema, há um “eu-poético” que fala ao homem que tenta desvendar o mistério da vida, e essa voz parece estar em um plano superior ao desse homem, pois o chama de “mamífero inferior”. Seria a alma falando à matéria? Nem mesmo com o progresso – “a hélice auxiliar”-, ou seja, a invenção da aeronave, de que o poeta fala em outro texto, ele alcançaria o estágio dessa voz que fala e que era, antigamente, parte de um Todo, o “vastíssimo vapor” que ia voando ao vento, a substância universal que não havia, ainda, sofrido a desagregação das partes. Jamais a humana razão alcançaria esse plano, pois nele não há vida material.

É o soneto **O mar, a escada e o homem**, cujo discurso permite ao leitor várias formações de sentido, a partir do mais evidente, que é o caminho interior para a evolução, ou seja, subir os degraus da “escada de Jacó”, até atingir a perfeição do Homem. No poema há vozes falando ao homem; a primeira é do mar, que chama o ser humano de “mamífero inferior” e ordena que ele olhe à luz da serena e imperturbável sensualidade e perceba a inferioridade da sua “geografia” e do seu “escafandro esmiuçador”, embora ele jamais irá saber ser superior ao mar, mesmo que rasgue a repugnante água com a nau ardente e o navegue com a espiral auxiliar com que outrora ia: “Ah! Jamais saberás ser superior, /

⁶¹⁸ ALMEIDA, José Américo de. Op. Cit., p. 316.

⁶¹⁹ MELLO, José Octávio de Arruda. História da Paraíba. 9ª edição. João Pessoa, Paraíba: A União, 2002, p. 150.

homem, a mim, conquanto ainda hoje em dia,/ com a ampla hélice auxiliar com que outrora ia/voando ao vento o vastíssimo vapor.”⁶²⁰

E a escada, na sua “verticalidade íngreme”, lhe diz: “Homem, já transpuseste os meus degraus?!” O poeta, então se vê como “Augusto, o Hércules, o Homem”, que, aos soluços, / ouvindo a Escada e o Mar, caiu de bruços/ no pandemônio aterrador do Caos!”⁶²¹ O poeta reconhece a sua pequenez diante do Cosmos. Ao mesmo tempo, no **Eu**, esse poema aparece como uma advertência àqueles que, ao se confundirem com deuses, dispõem das vidas dos que não lhes interessam a seu bel-prazer.

Decadência é o soneto em que o “eu” vê cair, como caíram as linhas verticais, à semelhança de lanças horríveis, “nas suas 33 vértebras gastas” quase todas as pedras do túmulo. (Trinta e três... a idade de Cristo... sempre haverá um “cordeiro” a ser imolado?) E este trecho nos lembra novamente João Alves, agonizando e dizendo com o olhar a João Cândido: “Todos nós morreremos numa agonia lenta, de nossos corpos só restará uma salmoura sobre ossos carcomidos pela cal.”⁶²² E o “eu” sente “a frialdade dos círculos polares/ em sucessivas atuações nefastas,/ penetrara-lhe os próprios neuroplastas,/ estragara-lhe os centros medulares!”⁶²³ Obviamente, só podemos fazer essa construção de sentidos no conjunto da obra, pois essas imagens do poema nos permitem contextualizá-la em outras situações semelhantes.

Então, “como quem quebra o objeto mais querido/ e começa a apanhar piedosamente /todas as microscópicas partículas,/Ele hoje vê que, após tudo perdido,/ só lhe restam agora o último dente /e a armação funerária das clavículas!”⁶²⁴ Esse “eu”, agora morto, já se vê em decomposição, sem as carnes, sem os dentes, somente a armação óssea restou do que ele era e, numa leitura alegórica, essa voz pode ser também a da República.

Outro soneto bastante conhecido de Augusto é *Ricordanza della mia gioventù*, que se refere a Guilhermina, a ama de leite do poeta, que roubava as moedas dadas a ele pelo Doutor. A mãe esbravejava, pois via naquilo a própria ruína do poeta, mas a ama negava,

⁶²⁰ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 255.

⁶²¹ Ib., p. 255.

⁶²² LOPES, Moacir Costa. Op. Cit., p. 162.

⁶²³ Ib., p. 256.

⁶²⁴ Ib., p. 256.

fingindo uma “susceptibilidade de menina” e maldizendo o destino, porque ela não furtava. E o poeta vê que somente a ele cabe o roubo, pois ela lhe tirou somente a moeda, enquanto ele tirou o peito com que a escrava devia amamentar a filha.

Duas coisas intrigam nesse poema: a primeira é o título em italiano, sendo que em nenhum outro há semelhante procedimento e essa particularidade, em Augusto, geralmente contém alguma informação implícita. A segunda, é que ele diz: “vejo, entretanto, agora, em minha cama” que furtou “o peito que dava leite” para a filha dela. Por que não furtou o leite, mas o peito? E por que vê isso “na cama”? Talvez o “eu” desse poema não seja o poeta, mas faça alusão a outra pessoa, porém até o momento é apenas mais uma interrogação. Há uma espécie de confissão desse “eu”: “Eu furtei mais”; é como se ele voltasse à cena da infância e visse a si mesmo tirando o leite da ama, então agora consciente, faz o reconhecimento do erro.

A um mascarado é um soneto que fala de algum hipócrita, dizendo-lhe: “Rasga esta máscara ótima de seda / e atira-a à arca ancestral dos palimpsestos.../É noite, e, à noite, a escândalos e incestos é natural que o instinto humano aceda!”⁶²⁵ “Palimpsesto” é o papiro cujo texto primitivo foi raspado, para dar lugar a outro. A quem se dirigia? A um juiz? A um religioso?

E o poema continua: “Sem que te arranquem da garganta queda / a interjeição danada dos protestos, /Hás de engolir, igual a um porco, os restos/duma comida horripelantemente azeda!” Augusto estava no auge da carreira na Paraíba quando publicou pela primeira vez esse poema, em 20 de fevereiro de 1909, e nessa data se comemorava o Carnaval. Quem seria esse mascarado a que o poeta se refere? “A sucessão de hebdômadass medonhas / reduzirá os mundos que tu sonhas / ao microcosmos do ovo primitivo... / E tu mesmo, após a árdua e atra refrega,/terás somente uma vontade cega/ e uma tendência obscura de ser vivo!” A que horríveis semanas ele se refere? Estas questões ficaram sem resposta para nós.

Em **Vozes de um túmulo**, o corpo do “eu” que fala está morto: “Morri! E a Terra – a mãe comum – o brilho/ destes meus olhos apagou!... Assim / Tântalo, aos reais

⁶²⁵ Ib., p. 258.

convivas, num festim, /serviu as carnes do seu próprio filho!”⁶²⁶ O suplício de Tântalo é o nome dado a uma situação em que o objeto de desejo está próximo, mas nunca se alcança. Este poema é de abril, portanto três meses após a morte de seu pai, talvez seja a voz dele no poema: “Por que para este cemitério vim?!” - e aqui o poeta projeta na voz a sua própria insatisfação pela morte do pai, imaginando-o sob a terra. Antes suportar a angústia terrena – continua a voz – porque essa estrada escura que palmilha agora é infinita e assusta.

“No ardor do sonho que o fronema exalta/ construí de orgulho ênea pirâmide alta.../Hoje, porém, que se desmoronou/A pirâmide real do meu orgulho,/hoje que apenas sou matéria e entulho/tenho consciência de que nada sou!” Aqui o poeta reduz o ser a matéria, apenas, e revela de que nada adianta a fama, o orgulho e a riqueza material, pois tudo isso se reduz a nada, porém o ser humano moderno não refletia mais sobre esses assuntos essenciais ao homem, daí tanta ganância e indiferença.

Augusto era adepto da filosofia monista, mas está sempre revelando o dualismo deste mundo cheio de paradoxos, como em **Contrastes**: “A antítese do novo e do obsoleto, / o Amor e a Paz, o Ódio e a Carnificina,/ o que o homem ama e o que o homem abomina,/ tudo convém para o homem ser completo!”⁶²⁷ Este soneto mostra que a própria vida humana é feita de contrastes e é preciso que o homem saiba conviver com eles, buscando o equilíbrio. “O ângulo obtuso, pois, e o ângulo reto,/uma feição humana e outra divina,/são como a eximenina e a endimenina/ que servem ambas para o mesmo feto!” Em tudo há os dois pólos opostos e se não houvesse um, não conheceríamos o outro; sem a escuridão não se vê a luz.

E o poeta-profeta surge novamente: “Eu sei tudo isto mais do que o Eclesiastes!/ por justaposição destes contrastes,/ junta-se um hemisfério a outro hemisfério,/ Às alegrias juntam-se as tristezas,/ e o carpinteiro que fabrica as mesas/ faz também os caixões do cemitério!...” Impossível fugir ou tentar suprimir na vida esses contrastes – que é exatamente o que algumas religiões procuram fazer – porque , sem eles, não se chega à harmonia e sem esta não há felicidade.

⁶²⁶ Ib., p. 259.

⁶²⁷ Ib., p. 260.

GEMIDOS DE ARTE

Gemidos de Arte é outro poema longo, com ações e pensamentos que podem formar uma cena. Uma cena de lamentos artísticos que se iniciam soturnamente pela voz que desabafa: “Esta desilusão que me acabrunha/ É mais traidora do que o foi Pilatos!... /Por causa disto, eu vivo pelos matos,/ Magro, roendo a substância córnea de unha.” Mais do que doeu em Cristo a traição de Pilatos, doeu no poeta a decepção que o mortifica. Que decepção seria essa, no ano de sua formatura, que o faz viver “pelos matos, / magro, roendo a substância córnea da unha?”⁶²⁸

E ele treme, indeciso, ao respirar o ar morno, sentindo o mesmo “assombro que sentiu Parfeno” ao arrancar os olhos de Dionísio. Nele caminham, girando em redemoinho, grosseiras lástimas que o estrangulam, como nos fortes sustentáculos, as tesouras de bronze também giram e redemoinham.

Numa leitura desse poema em separado e considerando a época de sua primeira publicação, em maio de 1907, podemos entender que, na riqueza, as mesmas famílias da monarquia eram as que se perpetuariam no poder durante a República: “Os pães -- filhos legítimos dos trigos -- / Nutrem a geração do Ódio e da Guerra. / Os cachorros anônimos da terra / São talvez os meus únicos amigos!”⁶²⁹

Os “trigos” e os “pães”, que são símbolos da vida, aqui se tornam alegorias da matéria, do dinheiro, que os pobres têm que mendigar para poder sobreviver, como relata José Américo, a respeito das famílias retirantes na Paraíba: “[...] foram ter a casa em que me achava, pedindo o pão para subsistirem”⁶³⁰ Vemos no poema à grande injustiça social que coloca nas mãos de alguns o “pão”, o dinheiro, as terras, enfim, tudo o que foi criado para ser igualmente repartido entre todos. Enquanto houver os “senhores” do mundo e não aqueles que vêm para praticar essa justa distribuição, haverá os miseráveis, como os da Ilha das Cobras que imploram água e pão sem que ninguém se compadeça deles; haverá os que desviam as verbas destinadas ao socorro desses infelizes; haverá os traficantes e os agiotas,

⁶²⁸ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 261.

⁶²⁹ Ibidem, p. 261.

⁶³⁰ ALMEIDA, José Américo de. Op. Cit., p. 173.

abutres a rondar em torno dos desgraçados da vida; haverá o pobre retirante, cujo filho acabou devorado pelos urubus...

Por isso o poeta diz, em **Gemidos de Arte**, que somente os vencidos da vida são seus amigos, aqueles considerados “os cachorros anônimos da terra”, pois os “pães” e os “trigos” serão sempre os que viverão a explorar a parcela subjugada da humanidade.

E os “gemidos” continuam, a tristeza de não ser neste mundo uma rocha, apenas, mas de ser humano, raciocinar e ter a consciência que o censura... A dor de saber do erro de seus atos: “Pois minha Mãe tão cheia assim daqueles /Carinhos, com que guarda meus sapatos, /Por que me deu consciência dos meus atos /Para eu me arrepender de todos eles?!”⁶³¹ A que atos o poeta se refere?

Mas na leitura contextualizada desse poema, o que escapou de ser “aborto” pode muito bem ser uma alegoria para candidatura de Hermes, cuja morte já era dada como certa, quando veio o golpe e o “aborto” tornou-se feto e nasceu. Porém, como era um feto malsão, veio espalhar a morte e manchar de sangue a República.

O poeta, ao tomar consciência dos fatos, arrepende-se de não ter sido um “Nabucodonosor no Pau d’Arco”, ou seja, haver agido como esse rei fez na Babilônia, tornando-a centro cultural e financeiro, cercando-a de muros para que não fosse tomada por invasores. A partir destes versos, entendemos, então, a tristeza do poeta pela derrocada e perda do Engenho e seu remorso por não haver conseguido fazer dele um negócio próspero e rentável, para que não lhes fosse tomado.

A partir dessa compreensão, entendemos também o carinho com que a mãe lhe guardava os sapatos: ela cuidara bem e conservara o que era propriedade do filho; ele, porém, não fora capaz de fazer o mesmo com a propriedade da mãe. Talvez Augusto pensasse que melhor teria sido se todos, ao invés de partirem para João Pessoa e Recife e levarem aquela vida de estudantes, tivessem ficado ao lado do pai, aprendido a cuidar dos negócios da família e salvar o engenho da hipoteca.

E ser como todos os outros donos de engenho implicaria “beber a acre e estagnada água do charco”, ou seja, não buscar maior evolução intelectual, e “dormir na manjedoura com os cavalos”, continuar o hábito de abusar sexualmente dos escravos, como

⁶³¹ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 262.

já era norma aceita no silêncio entre os proprietários de engenho. E tudo isso ficaria restrito à matéria, pois o espírito pode dormir “num leito de feridas, goza o lodo, apalpa a úlcera cancerosa, beija a peçonha e não se contamina!”⁶³²

No contexto do **Eu**, essa estrofe nos traz novamente a figura de Nilo Peçanha, com as alegorias “peçonha”, “peçonhento”, além de “venenoso” e “ofídico”. Então aqui teríamos a voz dizendo da possibilidade dessa República se regenerar, pois seu espírito, mesmo o corpo se corrompendo, ainda poderia se salvar, por ser de natureza divina.

E também é motivo de lamento para ele o fato de “sair de um ventre inchado que se anoja,/comprara vestidos pretos numa loja / e andar de luto pelo pai que é morto”⁶³³ Faz uma evocação ao pai, ao “protetor” que ele já não tem mais. “E por trezentos e sessenta dias /trabalhar e comer! Martírios juntos!/ alimentar-se dos irmãos defuntos/ chupar os ossos das alimárias!” Esses “irmãos mortos” são os animais que, conforme a crença de Augusto, são nossos irmãos menos evoluídos.

A missão do poeta é a mesma de Cristo: anunciar, morrer pela palavra, ter uma “vontade absurda de ser Cristo” para sacrificar-se pelos homens. Fala, então, do sonho da Arte, que é construir para todos os homens um lugar ideal, “sem em nódoas e sem lixos, / subtraída à hediondez de ínfimo casco, /onde a força feroz como o carrasco / e olho do estuprador se encha de bichos!”⁶³⁴ O que ele quer é um lugar de pureza, sem manchas ou sujeiras, onde não haja nenhum tipo de excreção humana, região tirada do jugo do demônio, onde não haja espaço nem para o carrasco nem para o estuprador, onde o braço do ladrão ficaria paralisado antes mesmo de roubar, e a mão daquele que se vendesse por dinheiro cairia aos pedaços.

Na segunda parte desse poema, as reflexões do poeta são interrompidas e entram as ações e o ambiente: “O sol agora é de um fulgor compacto, / E eu vou andando, cheio de chamusco, Com a flexibilidade de um molusco,/ Úmido, pegajoso e untuoso ao tacto!”⁶³⁵ O brilho de elementos conjugados, a umidade e a flexibilidade de um molusco nos remetem aos prisioneiros das masmorras, grudados uns aos outros, por estarem colocados em um

⁶³² Ibidem, p. 262.

⁶³³ Ibidem, p. 262.

⁶³⁴ Ib., p. 262.

⁶³⁵ Ib., p. 263.

espaço que não os comportava; o molusco é um animal que tem como cobertura uma crosta calcárea; aqueles marujos estavam cobertos de água e cal, portanto úmidos também. É interessante lembrar que, conforme nota de Alexei Bueno, esse poema vem datado de 04 de maio de 1907, porém não se conhece publicação anterior ao **Eu**, o que nos permite concluir que essa leitura é perfeitamente possível.

E as estrofes seguintes vão comprovando esse sentido pelo qual optamos. Então o “eu” ordena que se reúnam “em rebelião ardente e acesa” todas as forças da sua emoção e que armem “ciladas como cobras vivas” – e aqui aparece mais uma alusão à Ilha das Cobras – para despedaçar a sua tristeza. O “sol de cima espiando a flora moça/arda, fustigue, queime, corte, morda!...” Os versos revelam que o líder daquele lugar vigiava os soldados – e estes estão implícitos no verde da flora -, ordenando que ardessem, açoitassem, queimassem, cortassem e mordessem, tudo o que aconteceu com aquelas vítimas que arderam na cal, já sofriam do castigo do açoite, as queimaduras cortaram-lhes as carnes e alguns chegaram a morder os companheiros mortos, no desespero da fome.

Dali esse “eu” avista o vulto das construções perdidas no alto e nos terrenos mais baixos ele admira os cachos das laranjeiras e a “ampla circunferência das laranjas.” É evidente que “laranjas” se trata de uma figura, mas até o momento não conseguimos estabelecer o seu sentido.

“Grita o exército avulso das marrecas” – continua o poema, remetendo-nos àqueles que eram contra a anistia e, ao mesmo tempo, aos militares que faziam a guarda na ilha. E “um pássaro, alvo artífice da teia/ de um ninho, salta, no árdego trabalho,/ de árvore em árvore e de galho em galho,/ com a rapidez duma semicolcheia.” Interessante esse trecho, que nos intrigou por muito tempo, até refletirmos melhor em um texto de Moacir Lopes que relata o esforço sobrecomum de Pau de Lira, com o apoio do deputado Venâncio Lima, para arregimentar mendigos e desempregados para uma concentração em frente à estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, a fim de organizar uma espécie de associação dos colegas que eram caçados, assim como de seus familiares, convocando, também, parentes das vítimas do *Satellite* ou dos mortos nas ruas, tudo isto em 10 de dezembro de 1910. Os manifestantes usavam bandeiras e lenços vermelhos, paus, pedras, pedaços de ferro ou de arame. Talvez Pau de Lira seja esse “pássaro” a que o poema faz alusão.

Agora a voz fala do castigo da chibata, que “em grandes semicírculos aduncos,/ enraçados, pelo ar, largando pêlos,/voam, à semelhança de cabelos/ os chicotes finíssimos dos juncos.”⁶³⁶ E a palavra “junco” pode significar, além de planta, um tipo de embarcação, o que reforça essa ligação com os fatos da revolta dos marinheiros.

“O ar cheira. A terra cheira”, diz a voz no poema, lembrando o “odor de podridão” dos cinco cadáveres que exalavam o cheiro de putrefação quando Rufino decide entrar na cela de João Cândido. E o poeta, ao ver aqueles horrores, decide : “Eu, depois de morrer, depois de tanta/ tristeza, quero, em vez do nome – *Augusto* , / possuir aí o nome dum arbusto / qualquer ou de qualquer obscura planta!”⁶³⁷

Na parte III, o poeta visualiza a estrada acidentada – portanto, de terra -; o sol faiscante, testemunha nas duas cenas, mesmo que em locais diferentes; a presença dos “bois” e o céu tão azul que parece uma “lauda do mais incorruptível pergaminho; uma atmosfera de carvão queimado deixa o ambiente sufocante e o agourento ar morto fede a morte; o calor intenso da areia grossa racha-lhe os pés como agulhas. Uma voz obscura e negra arrasta-o à “casa do finado *Tôca*”, atravessando cascalhos e “cem côncavos vales”, como se fossem “pela avenida das Mappales”, ou seja, esse “eu” está revelando o seu trajeto até o túmulo, uma vez que as Mappales levam às catacumbas.

Há um trecho em **Ruínas de um Governo** que também estabelece uma intertextualidade com essa travessia para a “cidade dos mortos”: “Quando atravessamos uma cidade morta, os testemunhos da sua extinta grandeza nos falam do tempo sem limites e do seu poder invisível.” Diz ainda que os muros e as pedras produzem murmúrios ouvidos somente pelas almas, são vidas passadas por ali, fundidas na “evolução da humanidade, impenetrável no termo do seu rumo como esses sistemas estelares que gravitam, não se sabe para onde, no espaço infinito.”⁶³⁸ [...] “O que se ouve é um rumor subterrâneo de trogloditas mergulhados nas suas trevas.” Ele compara, então, essas vidas subterrâneas a uma população “aluída por um fervedoiro de formigas, toupeiras e ratos, abrigados sob seus fundamentos.” Como seus restos estão envoltos em esterilidade, desamparo e sordidez, as suas sombras se

⁶³⁶ Ib ., p. 263.

⁶³⁷ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 264.

⁶³⁸ BARBOSA, Rui. **Ruínas de um Governo**. Op. Cit., p. 127.

levantam e são sombras de uma raça covarde, que abandonou os deuses da família e os lares à “sevandijaria dos parasitas mais ignóbeis.”⁶³⁹

Gemidos de Arte parece estabelecer uma ligação com **Monólogo de uma Sombra**, pois é dessa cidade dos mortos que ela parece surgir, com seus “mortos ainda vivos no rastro dos nossos atos, mal galvanizados na morte”⁶⁴⁰ da honra brasileira.

As estrofes vão, de forma alegórica e através desse “eu” que agora se apossa do discurso, mostrando a decadência daqueles corpos que iam sendo enterrados e, ao mesmo tempo, visualizando os que já habitavam aquela cidade dos mortos há tempos. “O lodo obscuro trepa-se nas portas./ Amontoadas em grossos feixes rijos,/ as lagartixas, dos esconderijos,/ estão olhando aquelas coisas mortas!”⁶⁴¹ Essas lagartixas escondidas, que ficam olhando para os cadáveres, também podem ter o significado de “espadim dos aspirantes da marinha” ou “antiga peça, miúda, de artilharia”⁶⁴²

A voz do poeta-filósofo agora entra, refletindo sobre o “Espírito disperso/ que, unindo a pedra ao *gneiss* e a árvore à criança,/ como um anel enorme de aliança,/ une todas as coisas do Universo!”⁶⁴³ Essa união faz com que tudo seja uma só coisa, pois esse espírito é a essência de toda a criação, conforme o poeta e, diante daquela fatalidade opressora, ele chega a ver esse espírito a chamá-lo “do sol com as suas asas”, e ele gosta do sol daquela forma, furioso e expelindo chamas, assim como “o réptil gosta quando se molha/ e na atra escuridão dos ares, olha/melancolicamente para o mundo!”⁶⁴⁴ E ele compara essa alegria que às vezes o absorve à esmola obscura, ao pedaço de pão podre “que o miserável recebeu na estrada”, ou seja, essa alegria é apenas um consolo em migalhas, não uma felicidade plena.

Há uma alusão ao episódio da Comuna de Paris, na estrofe em que diz “Não são os cinco mil milhões de francos/ que a Alemanha pediu a Jules Favre...”⁶⁴⁵ - que foi advogado e político francês, um dos dirigentes dos republicanos burgueses moderados;

⁶³⁹ Ibidem, p. 127.

⁶⁴⁰ Ibidem, p. 128.

⁶⁴¹ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 265.

⁶⁴² Ver Dicionário Houaiss. Documento em meio eletrônico, in <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=lagartixa&stype=k>

⁶⁴³ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 265.

⁶⁴⁴ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 265.

⁶⁴⁵ Ibidem, p. 265.

ministro dos Negócios Estrangeiros (1870-1871), manteve negociações acerca da capitulação de Paris e da paz com a Alemanha e foi um carrasco da Comuna de Paris e um dos inspiradores da luta contra a Internacional.

Seu protesto não é somente contra o que fizeram à Comuna, mas contra a exploração dos negros no Brasil, desde a escravidão até aquela época, já no início do século XX.

Então o “eu” pede que seu último consolo seja aquele sol, e “o espírito infeliz que em mim se encarna/ se alegre ao sol, como quem raspa a sarna,/ só, com a misericórdia de um tijolo!...”⁶⁴⁶ Estes versos lembram um trecho de Moacir Lopes, sobre os prisioneiros das masmorras, quando João Cândido adverte João Alves: “Não coce as feridas, rapaz, tente sentar-se, você estava certo, mesmo, foram todos muito corajosos.”⁶⁴⁷

E o poeta continua, dizendo que “Tudo enfim a mesma órbita percorre/ e as bocas vão beber o mesmo leite.../ a lamparina quando falta o azeite/ morre, da mesma forma que o homem morre.”⁶⁴⁸ A vida se acaba assim como algo que a chama consome. Finda a chama, termina a vida. Mas há uma intertextualidade desses versos com um trecho do depoimento de João Cândido, quando relata que, na masmorra em que estava, a “escuridão, tremenda”; “a única luz era um candeeiro a querosene.”⁶⁴⁹

Quebrando o terrível silêncio, esse “eu” do poema de Augusto grita e deseja que esse grito “seja a revelação deste Infinito” que ele traz preso na alma: “Sol brasileiro! Queima-me os destroços!/ Quero assistir, aqui, sem pai que me ame, / de pé, à luz da consciência infame, / à carbonização dos próprios ossos!”⁶⁵⁰ Ele quer ver, após a morte material, a decomposição dos seus restos mortais, da matéria que ele foi. Esse poema terá, depois, conexão com o último poema do **Eu**, que é **Mistérios de um fósforo**.

⁶⁴⁶ Ibidem, p. 265.

⁶⁴⁷ LOPES, Moacir C. Op. Cit., p. 161.

⁶⁴⁸ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 266.

⁶⁴⁹ **João Cândido, o Almirante Negro**. Rio de Janeiro: Gryphus: Museu da Imagem e do Som, 1999, p. 15.

⁶⁵⁰ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 266.

DE VERSOS DE AMOR ATÉ O CORRUPÇÃO

Após o longo **Gemidos de Arte**, há novamente uma série de treze poemas, mas o soneto perde a exclusividade; o primeiro da série já é uma canção, **Versos de Amor**, dedicado “a um poeta erótico”, que começa com estes versos: “Parece muito doce aquela cana. /Descasco-a, provo-a, chupo-a... Ilusão treda!”⁶⁵¹ A voz do sujeito que fala aqui se refere a uma experiência amorosa ilusória, e já na segunda estrofe percebemos ser a voz do poeta: “Quis saber que era o amor, por experiência,/ e hoje que, enfim, provo-a, chupo-a... Ilusão treda!/ O amor, poeta, é como a cana azeda,/a toda a boca que o não prova engana.”⁶⁵² A cana, como símbolo ou alegoria, representa uma voz. Aqui no poema parece ser a voz do amor que seduz o poeta, para depois desiludi-lo.

“Quis saber que era o amor, por experiência, / E hoje que, enfim, conheço o seu conteúdo, / Pudera eu ter, eu que idolatro o estudo,/ Todas as ciências menos esta ciência!”⁶⁵³ Ele se arrepende de haver conhecido o amor, pois com ele conheceu também a dor. Porém esse amor somente terreno não é o amor com que o poeta sonha: “Certo, este o amor não é que, em ânsias, amo / Mas certo, o egoísta amor este é que acinte / Amas, oposto a mim. Por conseguinte/ Chamas amor aquilo que eu não chamo.”⁶⁵⁴

Augusto mostra a sua espiritualidade e, por conseguinte, a sua sensibilidade, neste trecho: “Oposto ideal ao meu ideal conservas./ Diverso é, pois, o ponto outro de vista /Consoante o qual, observo o amor, do egoísta /Modo de ver, consoante o qual, o observas.” – aqui, analisando o contexto, parece que este poema estabelece um paralelo entre o amor burguês e o verdadeiro, aquele que busca uma integração total com o outro: “Porque o amor, tal como eu o estou amando,/É Espírito, é éter, é substância fluida,/É assim como o ar que a gente pega e cuida,/Cuida, entretanto, não o estar pegando!” Esta antítese nos lembra Camões, com o seu “É fogo que arde e não se vê!” – como ele, Augusto tem uma concepção platônica do amor, a necessária “transubstanciação de instintos rudes,

⁶⁵¹ Ibidem, p. 267.

⁶⁵² Ibidem.

⁶⁵³ Ibidem, p. 267.

⁶⁵⁴ Ibidem.

/Imponderabilíssima e impalpável, /Que anda acima da carne miserável /Como anda a garça acima dos açudes!”⁶⁵⁵

É interessante notar que, com a diminuição de sonetos, está marcada a diminuição de reflexões, de pensamentos, de falas do poeta-filósofo, que vai dando lugar às emoções, aos sentimentos, ao poeta-lírico, mas ainda é aquele poeta cujo “eu” se insere, conforme Moisés, no âmbito do universalismo universalista, até mesmo na visão do amor, que é, para esse : “eu-poético”, “Espírito”, “éter”, “substância fluida”, e não o amor egoísta entre duas pessoas que desejam tomar posse do outro. “É a transubstanciação de instintos rudes”, é o amor de almas, que entram em uma fusão “impalpável”, “que anda acima da carne miserável / como anda a garça acima dos açudes!” É o amor à humanidade, o amor entre as pessoas, sem distinções ou preconceitos.

Para cantar o amor idealizado por ele, desse instante em diante, irá manter atenta a orelha cautelosa e, para ser realmente precavido, fará como Mársias, que encontrou a flauta rejeitada por Minerva e fez nela algumas modificações, tirando dela belos sons. Acrescenta ainda: “de tal arte e espécie tal fazê-lo/ ambicioso, que o idioma em que eu te falo / possam todas as línguas decliná-lo, / possam todos os homens compreendê-lo!”

O que esse poema transmite é importante para esta leitura que aqui fazemos dessa obra, pois revela a necessidade do poeta encontrar nova fórmula poética para falar do amor que ele sente, porque é universal, pela humanidade, não um amor como o parnasiano cantava. E o parnasiano “erótico” por excelência é Bilac, autor, entre outras, de **Sarças de Fogo**, coletânea de poemas eróticos. Então Augusto toma a “flauta” antiga, que é a tragédia, e a moderniza, criando um estilo novo.

Augusto, neste poema, é bastante moderno, utilizando também recursos clássicos; há momentos em que lembra Camões, como em “É assim como o ar que a gente pega e cuida, / cuida, entretanto, não o estar pegando!” O poeta sai, também, de seus decassílabos e constrói versos alexandrinos, eneassílabos e até bárbaros, como: “Consoante o qual, observo o amor, do egoísta,”⁶⁵⁶ revelando mais um traço inovador.

⁶⁵⁵ Ibidem.

⁶⁵⁶ Ibidem, p. 267.

O que ele deseja realmente é chegar “à última calma” e não deixar que o seu estraçalhado e podre coração role, “integralmente desfibrado e mole,/ como um saco vazio dentro d’alma!”⁶⁵⁷ É essa “última calma” a morte, e ele precisa eternizar-se com sua lira, para poder morrer em paz.

O pai de Augusto dos Anjos faleceu em 13 de janeiro de 1905 e ele publicou no jornal **O Commercio**, em 19 desse mês, dois sonetos que entram no **Eu**, porém agora com o acréscimo de mais um terceiro, cuja data de composição se desconhece, pois não há publicação anterior a essa da obra, conforme Alexei Bueno.

O primeiro soneto, com a dedicatória “A meu pai doente”, começa com a voz do filho que se emociona com o sofrimento paterno e lhe faz uma promessa: “Para onde fores, Pai, para onde fores,/Irei também, trilhando as mesmas ruas... /Tu, para amenizar as dores tuas, /Eu, para amenizar as minhas dores!” E as dores do poema parecem recrudesacer a partir da morte do pai, quando tudo já está decadente no engenho em que moravam, além do sofrimento que parece ter aumentado nele na época de estudante na Faculdade de Direito.

As próximas estrofes são de extrema sensibilidade, como tiradas do mais profundo de uma alma em sofrimento: “Que coisa triste! O campo tão sem flores, /E eu tão sem crença e as árvores tão nuas/E tu, gemendo, e o horror de nossas duas /Mágoas crescendo e se fazendo horrores!” A repetição de palavras aqui produzem no leitor uma sensação crescente de desespero, levando-o a compartilhar a dor do poeta. É o pai morrendo, o campo nu, a alma descrente, a impotência diante dos gemidos do pai que sofria, a grande dor da separação e o medo do abismo inevitável e sem retorno bem ali, a questão de horas... Tudo terrível, até chegar o horror, o fatídico, o impossível, o mistério maior da morte...

“Magoaram-te, meu Pai?! Que mão sombria, /Indiferente aos mil tormentos teus /De assim magoar-te sem pesar havia?!/ -- Seria a mão de Deus?! Mas Deus enfim /É bom, é justo, e sendo justo, Deus, /Deus não havia de magoar-te assim!”⁶⁵⁸ O poeta coloca nesses versos a grande interrogação que se faz presente na cabeça de todos que passam por

⁶⁵⁷ Ibidem, p. 268.

⁶⁵⁸ Ibidem, p. 269.

momentos como esse, da perda definitiva de um ente querido, mas consegue fazer vibrar nesses versos, pelo ritmo, o desespero daquele momento do adeus, principalmente pela repetição da palavra “Deus” e das interrogações de perplexidade, utilizando “?! ” e frases curtas.

O segundo soneto já traz como dedicatória “A meu pai morto”, e começa registrando a data: “Madrugada Treze de Janeiro./ Rezo, sonhando, o ofício da agonia./Meu Pai nessa hora junto a mim morria /Sem um gemido, assim como um cordeiro!” Mais um “cordeiro” para o sacrifício, mais uma vítima do sistema que se estabelecia, em nome da ordem para a comunidade.

“E eu nem lhe ouvi o alento derradeiro! /Quando acordei, cuidei que ele dormia,/E disse à minha Mãe que me dizia: “Acorda-o”! deixa-o, Mãe, dormir primeiro!” Neste verso Augusto revela mais um traço de modernidade, pois a fala dele e a da mãe parecem ter sido simultâneas, tanto que ele não coloca separação entre elas, nem maiúscula no “deixa-o”.

A morte do pai, para ele, não foi algo tenebroso, ou seja, das trevas, pois projeta na natureza a impressão que tem ao ver o pai morto, de enxergar nela “Em tudo o mesmo abismo de beleza, / Nem uma névoa no estrelado véu... / Mas pareceu-me, entre as estrelas flóreas, / Como Elias, num carro azul de glórias, /Ver a alma de meu Pai subindo ao Céu!”⁶⁵⁹ É o olhar amoroso do filho agarrando-se à esperança de outra vida melhor para seu progenitor, aquele a quem tanto devia.

O terceiro soneto, que foi publicado pela primeira vez no **Eu**, começa com a voz falando: “Podre meu Pai! A morte o olhar lhe vidra./ Em seus lábios que os meus lábios osculam/Microrganismos fúnebres pululam /Numa fermentação gorda de cidra.” É como se esse “eu” do discurso estivesse frente a frente do “pai podre”, como se estivesse na mesma cova que ele, pois um filho não beija na boca o pai, muito menos estando este com a boca pululando de vermes.

Mas ele reconhece as rígidas leis “que os homens e a horrída hidra/ a uma só lei biológica vinculam”, que é o ciclo da vida, cujo final inevitável é a morte. E nesse trecho a alusão à “hidra horrível” pontua uma intertextualidade com a Ilha das Cobras, pois

⁶⁵⁹ Ibidem, p. 270.

“hidra” também significa, etimologicamente, “cobra d’água”, e “a marcha das moléculas regulam / com a invariabilidade da clepsidra”, ou seja, a vida vai passando e medida pelo relógio de água – a clepsidra -, mais uma figura para significar a morte chegando para os presos pela falta de água e socorro. “Podre de meu Pai! E a mão que enchi de beijos / roída toda de bichos, como os queijos/ sobre a mesa de orgíacos festins!”⁶⁶⁰

Essa figura paterna encerra agora o pai, o doutor Aprígio, que já falecera, mas também a figura do governante, responsável pelas orgias dos vermes se banquetando com os restos daqueles marujos e pela distribuição de cargos, benefícios e proteção ilegal a seus adeptos. Perdera-se a moral, esta é a grande mensagem do conjunto desses três sonetos; o país perdera a figura patriarcal que deveria assegurar a sua integridade. Então, para o poeta, amar o pai agora seria amar o Uno, pois confessa: “Amo meu Pai na atômica desordem / entre as bocas necrófagas que o mordem / e a terra infecta que lhe cobre os rins!”⁶⁶¹

Depois da orgia é outro soneto que continua essa idéia de “orgia” explicada no poema que o antecede, o terceiro soneto ao pai. Há um “eu” feminino a afirmar que “O prazer que na orgia a hetaira goza/ produz no meu *sensorium* de bacante / o efeito de uma túnica brilhante/ cobrindo ampla apostema escrofulosa!”⁶⁶² As alegorias desse trecho estabelecem uma intertextualidade com as de um trecho de Rui Barbosa, em **Porneia**: “A Vênus vaga habita quase invariavelmente as orgias noturnas” e “ao prestígio da luz artificial é que a lascívia se banha no seu vinho [...]”⁶⁶³

Começa a trovejar, então esse “eu” deseja ter, voraz e ansioso, “o sistema nervoso de um gigante” para que possa sentir na “carne estuante” toda a “dor da força cósmica furiosa” e sente prazer quando, finalmente, despe-se da última bagagem que a traz presa ao “comércio dos homens” e, libertando-se do “cadeado de peçonha”, como um cão de guarda, latir, “às decomposições da Natureza”, a sua “dor medonha”. Esse “eu” que fala no poema é o da alma que, ao separar-se da matéria, carrega consigo a dor inexplicável.

A árvore da serra é o soneto a seguir nessa parte do **Eu**, em que uma voz diz ao filho que as árvores não têm alma e anuncia que é preciso cortar uma árvore que lhe era

⁶⁶⁰ Ibidem.

⁶⁶¹ Ibidem, p. 270.

⁶⁶² Ibidem, p. 271.

⁶⁶³ Ibidem, p. 271.

empecilho, para que tivesse uma velhice calma, ao que outra voz responde: “- Meu pai, por que sua ira não acalma?! / Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!/ Deus pôs almas nos cedros... no junquilha.../ Esta árvore, meu pai, possui minha alma!...”⁶⁶⁴ E dizendo isso, ajoelhou-se, suplicando: “Não mate a árvore, pai, para que eu viva!” A árvore, então, “olhando a pátria serra, caiu aos golpes do machado bronco,/ o moço triste se abraçou com o tronco / e nunca mais se levantou da terra!”⁶⁶⁵ É mais um poema em que a unidade das coisas se revela e o sutil recurso que ele utiliza para mostrar essa essência comum é a personificação da árvore que, antes de cair, “olha” a serra de sua pátria, produzindo um efeito de extrema sensibilidade no soneto.

Mas observemos o texto de Rui Barbosa, **A boa e a má árvore**, em que ele afirma a existência de árvores de boa semente, criadas apenas para proteger as criaturas e beneficiá-las, sendo filhas de um bom solo, não se abalam com as tormentas. No entanto, há outras que trazem a maldição desde a semente, “vêm à luz mesquinhas e amofinadas”, com o passar dos dias vão mirrando ao invés de crescerem e frutificarem, “as últimas sementes da sua inanição lhe juncam por baixo o raizame descoberto, enquanto, pelos galhos, que estalam de aridez, raro se avista ainda um ou outro pomo a cair de carcomido e peco.”⁶⁶⁶ O orador compara a República a essas árvores e a República de Hermes está entre as árvores más, portanto deve ser cortada.

O mesmo “eu” que no início aparece em **Agonia de um filósofo** volta agora, dando-se por vencido, pois no auge da sua fúria de tudo ele leu, desde o “mais prístino mito,/ por exemplo: o do boi Ápis do Egito/ ao velho Niebelungen da Alemanha.” Então, sem um grito sequer, atingido por uma estranha febre, “mergulhou a cabeça no Infinito,/ arrancou os cabelos na montanha!” Depois de tudo, desceu à terra mais degenerada, pondo a dourada insígnia sagrada da farda “a vontade do vômito plebeu...”⁶⁶⁷ E quando o “cuspo diário” lhe vinha à boca gelada, ele pensava cuspir “na célula infeliz” de onde nascera.

O corrupção é uma alegoria para o vencido que agora está preso e perde, então, a alegria de viver que antes possuía, “a ânsia de alto voar, de à antiga rota / voar, não tens

⁶⁶⁴ Ibidem, p. 272.

⁶⁶⁵ Ibidem, p. 272.

⁶⁶⁶ BARBOSA, Rui. **Ruínas de um Governo**. Op. Cit., p. 250.

⁶⁶⁷ Ibidem, p. 273.

mais!”, pois a prisão lhe subtrai a vontade de viver, resta-lhe assobiar “bruto, sem cerebelo, a gargalhada da última derrota!” “A gaiola aboliu a tua vontade, / Tu nunca mais verás a liberdade!... Ah! Tu somente ainda és igual a mim.”⁶⁶⁸ E foi este mundo que fez esse “eu” tão triste, e “foi a gaiola que te pôs assim!” Aqui o mundo é, para o “eu”, como uma prisão, pois é comparado à gaiola que impede ao corrupção o vôo.

NOITE DE UM VISIONÁRIO

Mais um poema em quadras, porém não tão longo como os anteriores, é **Noite de um visionário**. Desta vez, o “eu” que fala no poema começa indicando o endereço: “Número cento e três. Rua Direita.” Esse “eu” tem a sensação de esfolar-se, mas “inopinadamente o corpo atola/ numa poça de carne liquefeita!” Então ele pede que esse delírio tátil não aumente e ergue a cabeça atormentada para o céu, a fim de vê-lo, com a “rebeldia acérrima dos nervos,” dizendo ser a “potencialidade” o fator que o eleva ao “grande Deus”, e em cada viagem é absorvida sua alma, “este sombrio personagem do drama panteístico da treva!” Esse “eu” estudara dezesseis anos para chegar à compreensão monística de todas as coisas.

Agora os versos começam a lembrar as masmorras da Ilha das Cobras: “Mas a aguadilha pútrida o ombro inerme/ me aspergia, banhava minhas tíbias,/e a ela se aliava o ardor das sirtes líbias, / cortando o melanismo da epiderme.”⁶⁶⁹ Quem fala aqui é um dos corpos em decomposição, relatando que o tumor aquoso decomposto molhava o ombro frágil e descoberto, banhava-lhe os ossos das pernas e a esse processo de decomposição se juntava o abrasamento dos bancos de areia da Líbia, ao norte da África, cortando a cor escura da pele. Aqui juntam-se às sensações do desprendimento da matéria as lembranças da ancestralidade africana, reforçadas pela pele escura.

E um gênio do mal, arrasador, desarticulava a sua alma independente, despedaçando a unidade harmônica que forma a conexão do ser vivo, ou seja, a alma separava-se do corpo, era quebrada a unidade matéria-espírito. E ele saiu a “tremar com a

⁶⁶⁸ Ibidem, p. 274.

⁶⁶⁹ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 275.

língua grossa/ e a volição no cúmulo do exício,/ como quem é levado para o hospício/aos trambolhões, num canto de carroça!”⁶⁷⁰ Nestes versos, o poeta descreve de forma fantástica essa separação entre corpo e alma, que para ele não parece tão calma assim, pois ocorre ao atingir o máximo da vontade de destruição, então vem o tremor e as chacoalhadas, como se estivesse andando num canto de carroça.

Diante do implacável céu iluminado, agregações sem vida e ilegítimas recebiam “o cuspido do desprezo”, como um rosto recebe calúnias – e aqui há uma alusão ao julgamento divino daquelas instituições corruptas. Na mesma hora, nas terras de reservas, o “reino mineral americano dormia, sob os pés do orgulho humano, emoldurado pelas ervas.

E não há quem lhe garanta com justas leis a liberdade total para, feliz, vingar essa dor ancestral que o persegue: “E não haver quem, íntegra, lhe entregue, / Com os ligamentos glóticos precisos,/ A liberdade de vingar em risos / A angústia milenária que o persegue!”⁶⁷¹

Nos tenebrosos caminhos entrecruzados daquela produtiva terra cheia de gordura, molhada e fresca, agitava-se a família degenerada dos vermes, é o que fala a próxima estrofe, mas aqui entendemos também que, naqueles túneis subterrâneos que levavam às masmorras, havia uma agitação daqueles que cumpriam as ordens de matança, para exterminar os revoltosos: “Bolia nos obscuros labirintos /Da fértil terra gorda, úmida e fresca,/A ínfima fauna abscôndita e grotesca/Da família bastarda dos helmintos.”⁶⁷²

Esse “eu” fala da frieza daqueles subalternos, que lhe recordavam “toalhas molhadas” sobre as suas pernas, e no “estrume fresquíssimo da gleba/ formigavam, com a símplice sarcode,/o vibrião, o ancilóstomo, o colpode/ e outros irmãos legítimos da ameba!”⁶⁷³ E todas as formas lançadas por Deus no Cosmos lhe pediam palavras para vingar-se, contando a história evolutiva de sua espécie. A cidade exalava um cheiro podre de umidade e os anúncios do comércio eram mais tristes do que as elegias de Propércio, dando-lhe a impressão de ser o seu epitáfio.

⁶⁷⁰ Ibidem.

⁶⁷¹ Ibidem, p. 276.

⁶⁷² Ibidem, p. 276.

⁶⁷³ Ibidem.

A causa que move o ser humano no trajeto evolutivo em direção à realização espiritual plena parara e, agora, em expansão de guerra, vinha do âmago do centro da terra um barulho de dissolução da matéria. É um olhar subterrâneo, como se esse “eu” estivesse filmando por baixo da terra a evolução da putrefação daqueles corpos que, no final, reuniam-se como esterco para fertilizar o solo.

“A química feroz do cemitério/ transformava porções de átomos juntos/ no óleo malsão, que escorre dos defuntos, / com a abundância de um geyser deletério” – impressionante a visualização que essa descrição dinâmica do poeta nos permite! É possível perceber o quanto de movimento de energias ocorre nessa dissolução da carne, da pele, dos músculos, das cartilagens, das moléculas do sangue, da linfa, dos órgãos, tudo aquilo se liquefazendo – como ele diz no quarto verso da primeira estrofe – para formar um óleo maligno à saúde, abundante como um gêiser que sai da terra!

Na fúnebre extensão da “rua preta”, onde suas “moléculas sofriam”, dedos que denunciavam escreviam todo o “destino negro do planeta” – é bem demarcada essa alusão ao negro, com os termos “preta”, “lúgubre” e “negro”, portanto aqui ele fala do destino dos africanos e seus descendentes, que é ser sempre rebaixado, menosprezado e, de alguma forma, escravizado.

Um violador de túmulos forçava as lápides e o poeta, contemporâneo daquela tragédia, era também puxado para aquele abismo, unido ao Todo universal: “Um necrófilo mau forçava as lousas/ e eu – coetâneo do horrendo cataclismo – era puxado para aquele abismo / no redemoinho universal das cousas!”⁶⁷⁴ É neste poema que Augusto mostra o significado de sua obra: ele, sendo testemunha daquele tempo e daquela revolução social, não poderia jamais ficar indiferente, pois as vítimas imploravam vingança, com “os ligamentos glóticos precisos”, como ele diz na décima estrofe.

O poeta é, enfim, aquele que tem a visão apocalíptica ao chegar à Rua Direita, 103. Começa a sentir-se esfolado e como se pisasse num pântano de carnes líquidas. Pois bem, vejamos o que diz o ofício ao juiz do crime do bairro da Sé, emitido pelo intendente geral da Polícia, Paulo Fernandes Viana, em 9 de dezembro de 1815, pedindo a limpeza de um pântano que ficava nos fundos das casas da rua nova de São Joaquim, porque esse

⁶⁷⁴ Ibidem, p. 277.

charco, além de ser um atentado à saúde pública, tornara-se um cemitério de negros novos, que não eram enterrados por seus senhores, para não aumentar a despesas destes.

O documento notifica aos os negociantes que nunca mais lançassem por ali cadáveres e ordena o recolhimento dos corpos para que, através das marcas a ferro quente fossem reconhecidos os armazéns de origem e os culpados penalizados, para acabar de vez com o mal.

Em uma das notas do ofício, vem o seguinte esclarecimento:

Até fins do século XVIII, o comércio de escravos efetuava-se nas ruas estreitas da área central do Rio de Janeiro, sobretudo próximas ao Paço (hoje, Praça XV), concentrado no mercado da rua Direita. Até então os pretos novos - como eram chamados os escravos africanos recém-chegados - que sucumbiam no decorrer da longa e terrível viagem de travessia do Atlântico eram enterrados em um cemitério próximo ao Largo da Igreja de Santa Rita.⁶⁷⁵

O mais espantoso é a intertextualidade estabelecida com **Noite de um Visionário**, poema que explicamos anteriormente, principalmente neste trecho da nota que consta no ofício, dizendo que, com o intensificação da importação de escravos africanos, só aumentava a região do Valongo e a do cemitério. Como as covas eram de pouca profundidade, viam-se os ossos saltando da terra (no poema, “banhava minhas tíbias”) e sentia-se o cheiro horrível que emanava do lugar (“a cidade exalava um podre báfio”), principalmente depois das chuvas, quando o terreno se tornava um alagadiço. Geralmente os corpos eram enterrados sem nenhuma cerimônia religiosa ou rito funerário, e os ossos eram freqüentemente incinerados para que cedessem lugar aos outros que chegavam constantemente. Alguns chegavam ainda agonizantes, eram lançados ao chão, em meio aos cadáveres, e ali morriam, totalmente desamparados.

⁶⁷⁵ **O Arquivo Nacional e a História Luso-Brasileira. Rio de Janeiro: uma nova ordem na cidade.** Conjunto documental: Registros de ordens e ofícios expedidos da Polícia aos ministros criminais dos bairros e comarcas da Corte e ministros eclesiásticos. Notação: códice 329, vol. 03. Data-limite: 1815- 1817. Título do fundo ou coleção: Polícia da Corte. Código do fundo: ØE. Data do documento: 9 de dezembro de 1815. Local: Rio de Janeiro. Documento em meio eletrônico. Disponível em <http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=849&sid=103&tpl=printviewpeza> do pântano do Valongo

Voltando aos versos “Como quem é levado para o hospício/ aos trambolhões, num canto de carroça!”⁶⁷⁶, também há uma intertextualidade com um trecho do ofício, em que se ordena “que terrenos vizinhos se podem tirar a terras para as pôr ali por meio de algumas carroças”. Parece que o poeta apenas trocou a terra pelo “eu” que ali seria levado, local que no poema se compara a um “hospício”, mas na verdade era realmente um local de loucos, pois só pessoas insanas poderiam ter atitude tão desumana como aquela!

DE ALUCINAÇÃO À BEIRA-MAR A VENCEDOR

No soneto **Alucinação à beira-mar**, há um “eu” que sente um terrível medo da morte, a ponto de seus pés esfriarem, em “Noite alta. Ante o telúrico recorte, /na diuturna discórdia, a equórea coorte/Atordoadamente ribombava!” Retorna o “eu” do poeta-filósofo, novamente cismando em seu destino, pois já é noite alta e, diante daquele recorte de terra, na discórdia que se prolongava, a força armada em alto mar perturbadoramente estrondeava, provocando nele o medo de morrer, tanto que foi se refugiar em outro local do Rio, juntamente com a esposa. Estamos falando agora do poeta que escreveu à mãe contando tudo isso que lhe ocorreu quando da eclosão da Revolta da Chibata, por este motivo o poema é extremamente importante no contexto do **Eu**.

As expressões figuradas “diuturna discórdia”; “equórea coorte” e “atordoadamente ribombava” marcam a possível intertextualidade com os bombardeios dos marujos amotinados, pois lembram a descrição que o poeta fez à mãe, por correspondência: o “conflito que se prolongava”, a “força armada na superfície marítima” que “assustadoramente estrondeava” naquele “horror das convulsões marítimas”, ou seja, no horror da ameaça do bombardeio.

“Eu, ególatra céptico, cismava/Em meu destino!... O vento estava forte/E aquela matemática da Morte/Com os seus números negros, me assombrava!” Ele observava, refletia e se preocupava, pois já sabia qual seria o final de um negro que se revoltasse, já vira muitos casos na Paraíba. A tensão era tamanha que até mesmo as algas e

⁶⁷⁶ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 278

os peixes cujos raios das nadadeiras eram moles lhes pareciam corpos das vítimas condenadas à morte, assim como ele...

Vandalismo, soneto que revela a morte das ilusões desse “eu” que diz: “Meu coração tem catedrais imensas,/ Templos de priscas e longínquas datas,/Onde um nune de amor, em serenatas,/Canta a aleluia virginal das crenças.” E “na ogiva fúlgida e nas colunatas /Vertem lustrais irradiações intensas/Cintilações de lâmpadas suspensas /E as ametistas e os florões e as pratas.” Bem no íntimo, o poeta ainda tem altares para seus sonhos e um local de purificação intensa, mas ele diz: “Como os velhos Templários medievais/ Entrei um dia nessas catedrais/E nesses templos claros e risonhos.../ E erguendo os gládios e brandindo as hastas,/No desespero dos iconoclastas /Quebrei a imagem dos meus próprios sonhos!”⁶⁷⁷

Versos íntimos é um dos sonetos mais conhecidos e declamados de toda obra de Augusto. O “eu” que fala no poema adverte: “Vês! Ninguém assistiu ao formidável /Enterro de tua última quimera./Somente a Ingratidão -- esta pantera --/Foi tua companheira inseparável!” E o homem continua levando em si aquele animal que um dia foi: “Acostuma-te à lama que te espera! /O Homem, que, nesta terra miserável, /Mora, entre feras, sente inevitável /Necessidade de também ser fera.” A voz continua a falar com seu interlocutor: “Toma um fósforo. Acende teu cigarro!/o beijo, amigo, é a véspera do escarro, /A mão que afaga é a mesma que apedreja. /Se a alguém causa inda pena a tua chaga, /Apedreja essa mão vil que te afaga, /Escarra nessa boca que te beija!”⁶⁷⁸ Este poema é bastante aberto, é possível encontrar vários sentidos em seu discurso, mas optamos por aquele que estabelece um cruzamento com um texto de Rui Barbosa, **As alcovas**, cujo tema é a política de alcova, quer dizer, aquela que se vende, que se prostitui por dinheiro ou por favores ou cargos.

Nesse texto, Rui utiliza a fala de Duclos na decadência da monarquia francesa: “Cospe-se-lhe na cara, enxuga-se-lhe o escarro com o pé, e ele agradece” [...] “Os governos de validismo e impunidade acabam fatalmente na política de alcova.”⁶⁷⁹ Tanto na Paraíba quanto no Rio de Janeiro havia razões de sobra para que se dissesse isso daqueles que

⁶⁷⁷ Ibidem, p. 279.

⁶⁷⁸ Ibidem, p. 280.

⁶⁷⁹ BARBOSA, Rui. **Ruínas de um Governo**. Op. Cit., p.170.

ocupavam altos cargos no poder, portanto essa fala pode se dirigir a qualquer vencido da vida.

Segue-se, no **Eu**, o soneto **Vencedor**. Se todos oprimidos fraquejam, se o próprio homem Augusto não consegue sair vitorioso de toda a batalha que foi a sua vida, o poeta é aquele que tudo pode superar, pois é o mensageiro dos deuses e sua palavra há de ecoar pelos séculos afora, impedindo o ocultamento da história verdadeira, pelos embustes da oficial. “Toma as espadas rútilas, guerreiro,/ e à rutilância das espadas, toma/ a adaga de aço, o gládio de aço, e doma/ meu coração – estranho carnicero!”⁶⁸⁰

O poeta lança um desafio para quem deseja controlar seus sentimentos, e ironiza: “Não podes?! Chama então presto o primeiro/ e o mais possante gladiador de Roma/ e qual mais pronto, e qual mais presto assoma,/nenhum pôde domar o prisioneiro.” Aqui é a luta do oprimido contra o seu opressor, daquele cuja voz tentam calar. “Meu coração triunfava nas arenas./Veio depois um domador de hienas/E outro mais, e, por fim, veio um atleta, /Vieram todos, por fim; ao todo, uns cem.../E não pôde domá-lo enfim ninguém,/Que ninguém doma um coração de poeta!”⁶⁸¹ É a voz do poeta-filósofo reconhecendo a primazia dos sentimentos, da emoção sobre o pensamento; da alma sobre a matéria, do dionisíaco sobre o apolíneo.

MONÓLOGO: A ILHA DE CIPANGO

Outro poema narrativo, formando uma espécie de “cena” dramática, com um jogo entre passado e presente, construída em martelo de seis pés, ou seja, sextilhas decassílabas, forma muito utilizada por repentistas nordestinos. São doze estrofes, sendo que, da primeira à sexta, há uma voz que fala no presente e que estabelece uma intertextualidade com os prisioneiros da Ilha das Cobras; o próprio nome do poema já nos leva a lembrar dessa ilha de torturas.

Para Massaud Moisés, a ocorrência de fusão entre o narrativo e o poético só acontece com a rara confluência entre a situação histórica e a do poeta em determinado

⁶⁸⁰ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 281.

⁶⁸¹ Ibidem, p. 281.

momento, e isso ocorre com a balada, o romance medieval e o ABC nordestino, sendo que este é elaborado a partir de uma história entre verídica e ficcional. Neste ABC, a narrativa reina absoluta, como nas cantigas de cordel. Talvez, no sangue paraibano de Augusto, esta tendência à narrativa já fosse inata, pois a musicalidade parece ser, muitas vezes, inerente ao nordestino.

“Estou sozinho! A estrada se desdobra /Como uma imensa e rutilante cobra/De epiderme finíssima de areia.../E por essa finíssima epiderme/Eis-me passeando como um grande verme/Que, ao sol, em plena podridão, passeia!” Essa estrada que lembra uma serpente estabelece uma relação com o caminho para a Ilha das Cobras, assim como a “epiderme”, ou seja, o que cobre a ilha é uma areia muito fina, como a daquela ilha das masmorras.

“A agonia do sol vai ter começo! /Caio de joelhos, trêmulo... Ofereço/Preces a Deus de amor e de respeito /E o Ocaso que nas águas se retrata /Nitidamente reproduz, exata,/A saudade interior que há no meu peito...” Chega o pôr-do-sol e sombra que nas águas aparece retrata a saudade da vida livre, que tanto magoa esse “eu”.

“Tenho alucinações de toda a sorte.../Impressionado sem cessar com a Morte /E sentindo o que um lázaro não sente, /Em negras nuances lúgubres e aziagas /Vejo terribilíssimas adagas, /Atravessando os ares bruscamente.”⁶⁸² Com a escuridão, a sede e a fome, vêm os delírios, o medo da morte e aquele sofrimento ao ver a pele descolando pela cal era pior do que o sofrimento de um leproso, portanto ele já visualizava os punhais atravessando os ares, a morte chegando repentina, sem avisar.

Ele volta os olhos para o céu e percebe sua insignificância, vendo-se “pigmeu e pequenino”, como quem tem vontade de se ajoelhar diante de algo grande demais. Mas o ruído profético dos ventos passa, anunciando demolições “de mil lajedos sobre mil lajedos...”; distantes, soam as derrotas da tragédia dos heróis, quebrando e rasgando os braços “nas pontas escarpadas dos rochedos!”⁶⁸³ Aqui a derrota dos heróis tanto pode ser a opressão daqueles que tentam, com atos de heroísmo, lutar pela justiça, ou então,

⁶⁸² Ibidem, p. 282.

⁶⁸³ Ibidem, p. 282.

relacionando o poema ao contexto, aqueles que tentaram desafiar Marques da Rocha, comandante do Batalhão Naval e responsável pelos prisioneiros na Ilha das Cobras.

Como por encantamento, como se um sonho o arrebatasse, ele cai na Ilha de Cipango, onde brilha a árvore da “perpétua maravilha, à cuja sombra descansou Colombo”. Aqui se encerra o presente, que na verdade é a memória de João Cândido revelando como ele teria ido parar naquele local.

Começam, então, os versos no passado, que se mantêm nas estrofes de 7 a 10. E eles raciocinam: mas foi nessa ilha que os seus sonhos desmoronaram; naquele dia “maldito”, em que o “gênio singular da Fantasia” convidara-o para um passeio a um país de “eternas pazes”, onde em cada deserto haveria “mil oásis” e em “cada rocha um cristalino veio.” “Eternas pazes” porque eles reivindicavam a abolição da chibata. Reforçando a idéia de um discurso relatado a alguém, o “eu” comenta: “lembro-me bem.”

Esse “eu” é o de João Cândido, que ao encabeçar a revolta experimentou a glória, a imprensa toda divulgou seu nome como o de um herói, entre os dias 23 e 26 de novembro de 1910. E ele gostou desses momentos de glória, porém não sabia que depois viriam os momentos de pleno terror. “Gozei numa hora séculos de afagos,/ banhei-me na água de risonhos lagos / E finalmente me cobri de flores... /Mas veio o vento que a Desgraça espalha /E cobriu-me com o pano da mortalha, /Que estou cosendo para os meus amores!”⁶⁸⁴

Após a glória, veio a prisão injusta, quando se dirigia ao Arsenal da Marinha; prisioneiro incomunicável no 1º Batalhão de Infantaria, no QG do Exército, até 24 de dezembro, quando João Cândido foi transferido para a solitária da Ilha das Cobras, com mais 17 companheiros.

Há uma intertextualidade interessante com o relato de **Os bordados de João Cândido**, de José Murilo de Carvalho, contando que Antonio Guerra, que levava jornais a João Cândido quando este foi internado no Hospital Nacional de Alienados, na Urca, descobriu que o marujo praticava uma espécie de autoterapia, ou seja, bordava toalhas e até mesmo ganhou duas delas de João, cujos temas eram “O adeus do marujo” e “Amor”.

⁶⁸⁴ Ibidem, p. 283.

Na primeira, junto ao desenho bordado, estão as palavras “Ordem” e “Liberdade” e as iniciais FDM, de Francisco Dias Martins, ajudante de João Cândido e a figura parece simbolizar o adeus ao sonho de unir os almirantes aos marinheiros, pois estão duas mãos dadas, uma com casaco de almirante, outra com uniforme de marujo ; na segunda, duas pombas seguram uma faixa em que está escrito “Amor” e um coração atravessado por uma espada, jorrando gotas de sangue; dos dois lados do coração, flores, borboletas e um beija-flor.

Após todos esses acontecimentos, ele se tornou sombrio, pois “um penetrante e corrosivo frio” anestesiou-lhe a sensibilidade e “a grandes golpes arrancou as raízes” que prendiam aqueles dias infelizes que vivera a um sonho que ainda cultivava de felicidade. A esperança morrera em seu coração, talvez seja esse o sentido do bordado segundo...

Agora, para ele, só trevas e desilusão, pois quem passa por aquilo que o marujo passou, não consegue jamais esquecer; o delírio irá para sempre acompanhá-lo, como ele mesmo conta em depoimento a Edmar Morel (1979, p. 182): “Depois da retirada dos cadáveres, comecei a ouvir gemidos dos meus companheiros mortos, quando não via os infelizes em agonia, gritando desesperadamente, rolando pelo chão de barro úmido e envoltos em verdadeiras nuvens de cal. A cena dantesca jamais saiu dos meus olhos.”⁶⁸⁵

É preciso lembrar que o poema **A ilha de Cipango**, conforme Alexei Bueno, está datado de “Pau d’Arco, 1904”, porém não há publicação conhecida anterior ao **Eu**, portanto não há como refutar essa interpretação no contexto da obra.

Mas lembremos também o que diz Massaud Moisés a respeito do tempo da poesia: a data em que o poema foi escrito não importa da perspectiva da poesia, pois nela se reúnem, em um mesmo compartimento, todos os poemas criados desde que a escrita foi inventada. O que torna o texto poético é o modo particular com que o tempo se integra na sua constituição.

A poesia é por natureza acrônica, mas dela se aproxima o tempo mítico, as repetições cósmicas são exaltadas assim como também as normas vitais e humanas elementares. Portanto, o que importa neste poema é o passado de glória, de fama, antes da

⁶⁸⁵ CARVALHO, José Murilo de. **Os bordados de João Cândido**. Documento em meio eletrônico. In <http://www.scielo.br/pdf/%0D/hcsm/v2n2/a05v2n2.pdf> , acessado dia 19/03/2009, às 18h00.

queda; o deslize que provocou a queda desse “eu-poético” e o presente de dor e sofrimento. Nisto se encaixa a história de João Cândido, mas também a de muitas outras vítimas de opressão, como o próprio poeta, antes do discurso no Teatro Santa Rosa. Esta característica torna o poema de essência épica, portanto eterno, sempre haverá uma possibilidade de construção de sentidos para o leitor.

Esse “eu” resume bem a angústia perene que sobrou em João Cândido nos versos seguintes: “Ilha maldita vinte vezes a ilha/ que para todo o sempre me fez triste!”⁶⁸⁶

MATER

Ao contrário das outras partes que se intercalam aos poemas maiores e de ação, agora seguem-se vários poemas longos, entre eles, monólogos, e apenas um soneto: **Eterna mágoa**. O “eu-poético” passa a ser menos racional e mais emotivo, uma vez que a morte se aproxima.

Em ***Mater***, está alegorizada a morte desse “eu” que representa a República, que ele chama de “mãe”, e o título do poema em latim - “*Mater*” – revela como esse sistema pertencia à esfera do sagrado para o poeta, que agora lamenta a morte de mais esse sonho, ou seja, a República se tornara prostituta naquele governo, deixando com que lhe sugassem todo o leite avidamente.

Mater é um poema em quadras decassílabas, mas com alguns versos eneassílabos intercalados aos outros. Um novo ser emergiu do ventre dessa “mãe”, todo sujo de sangue, como a “crisálida emergindo do ovo”, e essa mãe amamentou a cria com os seios fartos, “fecunda fonte desse mesmo leite que amamentou os éfebos de Esparta.” Ao fazer a alusão aos jovens de Esparta, a intertextualidade que se estabelece com a história da educação espartana nos permite, então, entender essa “mãe” como sendo a República. Ora, em Esparta os adolescentes, que já viviam no exército desde os sete anos de idade, eram abandonados em penhascos sozinhos, nus e sem comida, para aprenderem a sobreviver sozinhos. Aos dezoito, voltavam a Esparta e eram cidadãos de segunda classe, podendo ser agredidos por qualquer espartano maior de trinta anos, além disso eram deixados sem

⁶⁸⁶ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 284.

comida para aprender a roubar. Quem conseguisse sobreviver após os trinta anos, tornava-se oficial, voltando ao quartel com direitos plenos de cidadão.

O “filho” que suga avidamente as tetas dessa mãe, nesse poema, parece ser uma alegoria para Hermes da Fonseca, porém o frágil broto que se esboçou da luta pela igualdade entre os homens há de crescer e vingar, em algum momento do futuro o antigo “leão, que te esgotou as pomas,/há de beijar-te as mãos todos os dias!”⁶⁸⁷, ou seja, a instituição geradora de indivíduos violentos haverá de se humanizar e quando a República chegar à velhice, irá lembrar em prantos o que ele lhe diz, à sombra da figueira do Egito. O poeta, apesar de tudo, ainda crê em um futuro homem mais evoluído espiritualmente.

POEMA NEGRO

Mais um poema longo, em sextilhas decassílabas, que apresenta vozes dos mortos entremeadas à do poeta; entre elas há uma em que impera a força do Mal, fazendo-a gritar imprecizações contra o Bem; este poema é uma espécie de canto negro, para uma cerimônia negra, que é a morte de todos esses marinheiros, em coletivo sacrifício humano.

O poema inicia-se com o poeta dizendo que, para iludir sua desgraça, ele estuda. Para onde ele vai, todos notam os seus olhares fúnebres e a “indiferença estúpida de um cego”, além do “ar indolente de um chinês idiota!”⁶⁸⁸ Ele se questiona: “Quem sou? Para onde vou? Qual a minha origem?” – este é o pensamento do poeta-filósofo que vem desde o início sondando as origens dos seres -; e para ele a realidade parece um sonho.

Ele grita, praguejando, mas em vão, pois ninguém o ouve e à meia-noite, muitas vezes, ele ri, vendo o verme frio que irá lhe devorar a carne inteira. “É a Morte – esta carnívora assanhada – Serpente má de língua envenenada/Que tudo que acha no caminho, come.../-- Faminta e atra mulher que, a 1 de Janeiro,/Sai para assassinar o mundo inteiro,/E o mundo inteiro não lhe mata a fome!”⁶⁸⁹

Quanto a essa “mulher” que sai para assassinar o mundo inteiro, a alusão se encaixa em uma das tragédias do navio Satélite, quando entra em Recife, na manhã de 31

⁶⁸⁷ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 285.

⁶⁸⁸ Ibidem, p. 286.

⁶⁸⁹ Ibidem, p. 286.

de dezembro de 1911, e seu manifesto de carga não é revelado, mas eles solicitam muitos pães, com a desculpa que iam distribuir para os pobres do Amazonas e um boi, engradados de vinho e de champanhe. Ao descer à terra para buscar essas encomendas, um cozinheiro deserta. Na tripulação havia dez falsos marinheiros, que começaram a soltar os prisioneiros.

O encarregado de matar o boi levou um coice e caiu no fundo do porão nº 3, quebrando uma perna e a omoplata. Cinco soldados descem com uma padiola para socorrê-lo, porém são rendidos pelos prisioneiros, que começam a subir e tentar fugir por uma corda no tombadilho. Então o tenente Francisco de Melo dá ordem para atirar e matar. “Às duas horas da manhã de 1º de janeiro, um pelotão composto de trinta soldados postava-se frente ao pau-de-carga do porão nº 1, com os fuzis engatilhados, para mais uma cerimônia de fuzilamento. Vinte corpos tombam com as rajadas dos fuzis de setenta soldados. Execução em massa, sem julgamento.

Então esse “eu”-observador, corre a tirar os cadáveres dos túmulos, examinando suas partes em decomposição, porém, ouvindo um estrondo, reconhece assombrado o seu destino. Ele se vê sozinho, numa cova e a morte, “em trajes pretos e amarelos” levanta contra ele “grandes cutelos e as baionetas dos dragões antigos!”⁶⁹⁰ Aqui é uma alusão que o poema faz aos guardas da antiga Cavalaria, portanto esse “eu” que agora fala é um dos prisioneiros.

“E quando vi que aquilo vinha vindo /Eu fui caindo como um sol caindo /De declínio em declínio; e de declínio /Em declínio, como a gula de uma fera, /Quis ver o que era, e quando vi o que era,/Vi que era pó, vi que era esterquilínio!”⁶⁹¹ Quando avançaram contra ele, foi caindo gradualmente, então, nesse declínio, quis provar a sua força e viu que não era nada além de “pó” e “esterquilínio”.

Não é nosso objetivo abordar aqui o trabalho estilístico de Augusto, pois só isso daria outra tese, mas é impossível passar indiferente a este aspecto, principalmente em versos como os desta estrofe, em que o poeta é moderno e extremamente plástico. Em poemas como esse, temos a impressão de que Augusto tinha contato com a poesia nô, que une a recitação poética cantada e a declamação dos textos em prosa, numa narrativa

⁶⁹⁰ Ibidem, p. 287.

⁶⁹¹ Ibidem, p. 287.

dançada com máscaras e indumentárias que apresentam os recursos visuais de uma obra dramática, principalmente porque no teatro não importam mais os movimentos psicológicos do que a ação externa do episódio épico. Mas esta é apenas uma pequena divagação para tentar compreender esse labirinto que é o trabalho que o poeta tece com as palavras e a sintaxe. É impossível negar a familiaridade de Augusto com a filologia.

O “eu” desafia, do interior da cova em que se encontra, a natureza, e, “no histerismo danado da tortura”, os monstros que os peitos dela criam, entre eles a Igreja, como vemos representada na “mãe”: “Tu não és minha mãe, velha nefasta!/Com o teu chicote frio de madrasta/Tu me açoitaste vinte e duas vezes...”⁶⁹² Uma observação: Augusto nasceu em 1884; o **Poema negro** foi publicado, pela primeira vez, no jornal **O commercio**, em 15 de agosto de 1906, portanto 22 anos depois, quer dizer, essas vinte e duas vezes correspondem à idade do poeta, que aqui mistura um fato real ao discurso poético.

Talvez esse “eu-poético” tenha tido algum problema com algum representante do clero e, decepcionado se lamenta: “Por tua causa apodreci nas cruzes, /Em que pregas os filhos que produzes/Durante os desgraçados nove meses!”⁶⁹³ - reclamado sofrimento por tantos sacrifícios exigidos por ela aos seus seguidores. Este trecho nos lembra, novamente, a obra de Alexandre dos Anjos, **Desajustado**, cujo protagonista precisou se exilar da terra natal por haver defendido idéias de igualdade racial, o que provocou sermões do pároco local contra ele, instigando o povo a rejeitá-lo.

Então o bárbaro que nele habita, que para a Igreja seria o “demônio”, que até então se mantinha dormente, agora desperta em berros, “e após gritar a última injúria,/Chocalha os dentes com medonha fúria /Como se fosso o atrito de dois ferros!”⁶⁹⁴ Era chegada a hora da vingança, pois se ela havia matado nele o tempo da infância, e “de segunda-feira até domingo,/ amarrado no horror de tua rede,/ deste-me fogo quando eu

⁶⁹² Ibidem, p. 287.

⁶⁹³ Ibidem, p. 287.

⁶⁹⁴ Ibidem, p. 287.

tinha sede...”⁶⁹⁵ Se as brincadeiras naturais da infância e da adolescência ele perdera devido às proibições, agora se revolta: “deixa-te estar, canalha, que eu me vingo!”⁶⁹⁶

De repente, ele tem outra visão, está em Roma, na sexta-feira santa, vê a guarda do Vaticano e conclui que de Cristo nada mais resta, que a Igreja desvirtuara as palavras divinas e sente tanta dor por isso, que tem vontade de abraçar os ossos de Cristo. Em Roma, no Vaticano, dizem que Cristo está morto.

Mas ele reage a esse impulso bárbaro e revela sua crença monística: “Não! Jesus não morreu! Vive na serra/Da Borborema, no ar de minha terra, /Na molécula e no átomo... Resume/A espiritualidade da matéria /E ele é que embala o corpo da miséria /E faz da cloaca uma urna de perfume.”⁶⁹⁷ Esse ser divino é a partícula de bem, de belo e de justo que existe na criação.

Então ele desperta e sente a vida vazia, trazendo “no pensamento desconexo e falho” as cartas de um caótico baralho “e um pedaço de cera derretida”. Tudo dorme, somente ele, com a sua imensa dor continua insone, com os olhos vermelhos, observando o aspecto fantasmagórico da sala séria e a indiferença da mobília.

Deseja, finalmente, que o seu coração se estraçalhe como um cristal, que o termômetro não acuse a sua febre, que esfrie o sangue que no momento sente abrasar-se, e que ele se converta “numa cegonha triste / que das ruínas duma casa assiste / ao desmoronamento de outra casa!”⁶⁹⁸

Ele chega ao término do poema em que derramou a sua maior dor e tem os olhos cheios de lágrimas, sente na cabeça o cérebro oco a rolar, e se questiona: “Por ventura, meu Deus, estarei louco?!/ Daqui por diante não farei mais versos.”⁶⁹⁹

⁶⁹⁵ Ibidem, p. 287.

⁶⁹⁶ Ibidem.

⁶⁹⁷ Ibidem, p. 288.

⁶⁹⁸ Ibidem, p. 289.

⁶⁹⁹ Ibidem.

ETERNA MÁGOA

O único soneto desta parte está datado de 1904, Pau d'Arco, mas conforme Alexei Bueno não há manuscrito nem publicação anterior ao **Eu**. Fala neste poema o “eu” do poeta-filósofo, refletindo sobre a sina da “vítima sacrificial”, daquele que por uma falha nem sempre tão terrível, às vezes apenas um deslize, acaba sendo o “bode expiatório” de uma sociedade que necessita de um sacrifício para suas próprias insatisfações.

Esse homem, vítima dessa praga que é sofrer pela tristeza do mundo, sempre existiu e existirá, e a sua dor é eterna, sempre o acompanhará. E ele em nada crê, pois nada existe que lhe possa trazer consolo a essa mágoa inerente à sua existência e, quanto mais tenta resistir, mais profunda se torna sua dor. Ele tem consciência do seu sofrimento, mas ignora que “essa mágoa infinda assim, não cabe/ na sua vida, é que essa mágoa infinda/transpõe a vida do seu corpo inerte; /E quando esse homem se transforma em verme/É essa mágoa que o acompanha ainda!”⁷⁰⁰ A conclusão a que chega esse “eu” é terrível, pois ele diz que não há felicidade após a morte para quem não foi feliz durante a vida. A tristeza, portanto também a alegria, são adquiridas nesta vida e se tornam inerentes à alma, acompanhando-a por toda a eternidade. Assim, estamos todos sujeitos ao Destino e à Fatalidade. Curiosamente, este soneto tem versos livres e não os decassílabos marcados que são tão próprios dos poemas de Augusto. Há versos de 11, 12 e 9 sílabas, mesclados com os decassílabos.

QUEIXAS NOTURNAS

“Quem foi que viu minha Dor chorando?!” – assim começa este poema em quadras, com versos decassílabos, mas alguns de 11 ou 9 sílabas entremeados àqueles. A dor, aqui, torna-se um personagem independente de quem a carrega, em um processo semelhante ao empregado na tragédia.

⁷⁰⁰ Ibidem, p. 290.

Esse “eu” continua dizendo: “Saio. Minh’alma sai agoniada./Andam monstros sombrios pela estrada /E pela estrada, entre estes monstros, ando! /Não trago sobre a túnica fingida/As insígnias medonhas do infeliz /Como os falsos mendigos de Paris /Na atra rua de Santa Margarida.” (ANJOS, 2004, p.701). A alusão, neste trecho, é à rua em que ficava a antiga prisão da Abadia de Saint-Germain-des-Prés, com características semelhantes às das masmorras da Ilha das Cobras. Há um registro sobre essas celas, quando, em 1836, Benjamin Appert escreveu: “As celas são abomináveis e tão úmidas que os soldados encarcerados ali, por pequenas ofensas, tiveram que logo em seguida ir para o hospital de Val-de-Grâce, para recuperarem-se do que sofreram na prisão.” (ANJOS, 2004, p.702).

Entendemos, a partir dessa informação, esse poema como o lamento noturno de um prisioneiro, na masmorra da Ilha das Cobras, sabendo-se no mesmo destino de tantos “bodes expiatórios”. “O quadro de aflições que me consomem /O próprio Pedro Américo não pinta... /Para pintá-lo, era preciso a tinta/Feita de todos os tormentos do homem! “⁷⁰³ Pedro Américo, também paraibano, tem entre seus quadros “A batalha de Avaí”, retrato de uma batalha sangrenta da guerra do Paraguai, em que Caxias saiu vitorioso combatendo o General Caballero, que o esperava com 7000 homens e 18 peças de artilharia. No meio da batalha caiu uma tempestade, o arroio se enche e estraga a munição dos paraguaios. Dos 7000 sobraram apenas 100.⁷⁰⁴

A alusão a Pedro Américo, que nos permite esse “gancho” com esse massacre do exército, também nos permite compreender, nesse contexto, que esse “eu” fala de outro massacre semelhante, agora comandado por um governo militar, o de Hermes da Fonseca.

Ele espera ansiosamente que o Sol desponte, mas esse “Sol” parece ser alegoria de uma força protetora, de uma divindade que venha salvá-lo. Deseja, então, desprender-se da matéria, rompendo as “roupas”, para viver “abraçado com todas as estrelas” e “na luz dos astros imortais.” Mas a noite avança e dentro de seu peito, nessa luta, “A Eternidade

⁷⁰¹ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 291.

⁷⁰² Documento em meio eletrônico. In http://en.wikipedia.org/wiki/Abbey_of_Saint-Germain-des-Pr%C3%AAs, acessado em 19/03/2009, às 23:00h.

⁷⁰³ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 291.

⁷⁰⁴ **Batalha do Avaí.** Documento em meio eletrônico, disponível em <http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/guerra-do-paraguai/batalha-do-avai-1.php>, acessado dia 20/03/2009, às 00:20h.

esmagadora bate numa dilatação exorbitante!” Mas ele luta contra a natureza, rebelando-se contra ela, recusando-se a morrer, porém, para essa luta uma vida é muito pouco, e mesmo que se forcem os músculos, “os pobres braços do mortal se torcem/ e o sangue jorra, em coalhos, pela boca.”⁷⁰⁵ O poema segue dizendo que é natural o Hércules sair vencido pelo “mecanismo que tiver mais força”, e essa batalha desigual “do dia de hoje contra o de amanhã”, irá acontecer eternamente.

O que o “eu” diz agora parece querer provar que essa obra está mais próxima de um poema trágico universal do que de um drama moderno, pois não fala de histórias de amor do herói: “Sobre histórias de amor o interrogar-me/É vão, é inútil, é improfícuo, em suma; /Não sou capaz de amar mulher alguma /Nem há mulher talvez capaz de amar-me.”⁷⁰⁶ O que se conta é trágico, não uma história de amor com “favos” e “caldos quentes”, que fazem bem e mal ao mesmo tempo. Ao contrário: “O coração do Poeta é um hospital /Onde morreram todos os doentes.”

No poema trágico antigo não há esperança de salvação, pois o herói sempre morre no final. Apenas o trágico moderno é que deixa o herói se redimir. E para ele, hoje tudo é amargo, portanto decide “enterrar agora a harpa boêmia/ na atra e assombrosa solidão feroz/onde não cheguem o eco duma voz / e o grito desvairado da blasfêmia!”⁷⁰⁷

E ele deseja que dentro de sua “alma americana” o coração não bata mais, referindo-se a este como uma “arca”, um “relógio trágico que marca /todos os atos da tragédia humana!” e que esta seja a sua última queixa, “cantada sobre o túmulo de Orfeu”, seja, enfim, o seu último canto “por esta grande noite brasileira!” Mais uma vez o próprio poeta revela a tragédia que contém seu canto, anunciando já a morte do herói, quando menciona o túmulo de Orfeu.

Para sempre ele será triste, depois de visualizar tantos horrores: “Melancolia! Estende-me a tua asa! /És a árvore em que devo reclinar-me... /Se algum dia o Prazer vier procurar-me /Dize a este monstro que fugi de casa!”⁷⁰⁸

⁷⁰⁵ ANJOS, Augusto dos. Op.cit., p. 292.

⁷⁰⁶ Ibidem,

⁷⁰⁷ Ibidem.

⁷⁰⁸ Ibidem, p. 293.

INSÔNIA

O “eu-poético” vai revelando, agora, o mundo subterrâneo, onde “o espírito noctâmbulo da Mágoa” passa chorando. É o mundo das trevas.

“Noite. Da Mágoa o espírito noctâmbulo /Passou de certo por aqui chorando! /Assim, em mágoa, eu também vou passando /Sonâmbulo... sonâmbulo... sonâmbulo...”⁷⁰⁹
O toque de um sino? Um gemido do além? Impossível não pensar que voz é essa, lúgubre e cavernosa, que dá ao início do poema um tom de suspense. É o espírito da Mágoa – personificado como o da Dor – que anda à noite e passou chorando, e ele também vai passando, sonâmbulo.

Esse “eu” continua imaginando que voz pode ser essa, cujo gemido ele guarda no ouvido e que, “como um bemol e como um sustenido rola impetuosa” dentro de seu peito. E diz: “- Por que é que este gemido me acompanha?!”

Mas de repente, no “sombrio palco” dos seus olhos, como um estrado alto, sobre o qual se coloca o ataúde de quem vai receber as homenagens, surge uma cidade estranha, ou um mapa-múndi. Nessa cidade ele vê, então, “A procissão dos Mártires da Terra/Desde os Cristãos até Giordano Bruno! “

Ao falar dos mártires da história da humanidade, esse poema estabelece uma ligação com o texto de Rui Barbosa, em **O enterro noturno**, discursiva acerca do que houve quando, enfim, tiraram os presos das masmorras, em 27 de dezembro:

Ao outro dia, em vez dos dez prometidos, aquele cemitério recebia **somente dois. Dezoito**, pois, ao todo. Não se perfizeram os vinte e seis, anunciados pelo sargento com a certeza de serem esses os restantes no **matadouro**, e não se poderem salvar, porque o rumor da matança, o desespero dos **martirizados**, a pungência lancinante dos seus **gritos** despertaram o ministro da Marinha, que ocorreu a tempo de subtrair à mesma sorte dos demais os **oito** remanescentes, entre os quais se achava João Cândido, **quase agonizante**.⁷¹⁰

⁷⁰⁹ Ibidem, p. 294.

⁷¹⁰ BARBOSA, Ruy. Op. cit., p.p. 34-5.

O poema continua: “Vejo diante de mim Santa Francisca/Que com o cilício as tentações suplanta, /E invejo o sofrimento desta Santa, /Em cujo olhar o Vício não faísca! “ Rui Barbosa continua a narrar, mostrando que um barco encostara com as luzes apagadas,”com uma carga numerosa de fardos”, acompanhada por um sargento do batalhão naval, em frente a “necrópole de São Francisco Xavier”⁷¹¹

Porém, continuando o poema, esse “eu” se arrepende de haver cumprido “o universal ditame”, ou seja, cometido o deslize, pois lamenta: “Pois se eu sabia onde morava o Vício, /Por que não evitei o precipício /Estrangulando minha carne infame?!”⁷¹² Encontramos dois sentidos possíveis de leitura aqui. O primeiro, considerando as informações em **Desajustado**, de Alexandre dos Anjos, poderia ser o arrependimento por um amor proibido; o segundo, que mais importa no contexto do **Eu**, é a do canto da vítima sacrificial, após tomar consciência de seu deslize, no desespero do arrependimento por haver perdido a inocência e adquirindo a culpa, com receio do castigo que virá.

E o “eu” clama: “Até que dia o intoxicado aroma/Das paixões torpes sorverei contente? /E os dias correrão eternamente?! /E eu nunca sairei desta Sodoma?!” O que intriga neste trecho do poema é o fato de citar Sodoma, que se refere a homossexualismo, e não “Babilônia”, que era mais comum na literatura da época. À proporção que a insônia dele aumenta, começa a interrogar figuras ou símbolos enigmáticos e esfinges, porém logo surge, triunfalmente, o sol anunciando o amanhecer.

E ele vagueia pela noite decaída; no espaço, a luz do anjo caído e do olho que tudo vê, ou seja, a luz do Mal e do Bem vai lançando sobre os campos largos a última estrela d’alva da vida. Sai o sol, “equilibrando-se na esfera” e devolvendo-lhe a pureza do sangue, então ocorre em suas “arcas cerebrais” uma mudança interior.

Ele sente o perfume da margarida e da begônia e pensa que, naquela mata silenciosa, a alma camponesa respira com vontade. Na alma dos bichos, grita o prazer e o fumo dos cachimbos “incensa o ambiente” e “as árvores, as flores, os corimbos, /recordam santos nos seus próprios nichos.” Ele abrange a periferia verde com o olhar e sente-se alegre, assim, no meio das árvores, contemplando as maravilhas do seu Pau d’Arco. Aqui o

⁷¹¹ BARBOSA, Rui. **Ruínas de um Governo**. Op. Cit., p. 34.

⁷¹² ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 294.

“eu” que fala no poema faz uma referência a um dado da vida do poeta, que é o engenho. Porém o funerário chegará cedo, “atro dragão da escura noite, hedionda,/em que o Tédio, batendo na alma, estronda /como um grande trovão extraordinário.”⁷¹³ Personificado também aparece o Tédio, que lhe bate na alma, estrondando como trovão. E ele ainda vai enfrentar o “atro dragão da escura noite”, que fará dele alimento do susto, obrigando-o a sacrificar-se, imerso novamente na mágoa, “por amor do Verso”, em seu “eterno leito de Procusto!”

Conforme Fernando Dannemann, no Direito a “figura mitológica costuma ser invocada como metáfora de certos aspectos da atividade jurídica”; no caso de Procusto, a imagem significa que aqueles que “tentam enquadrar, de modo inadequado, determinada realidade em um conceito que a ela não se ajusta, equívoco que sempre resulta em consequências negativas.”⁷¹⁴

BARCAROLA

Barcarola é uma canção no estilo das cantigas medievais, em quadras, com redondilhas maiores, e que, no contexto, ao mesmo tempo em que parecem retratar a chegada do barqueiro que atravessa o Letes, também podem ser entendidas como alusão aos mortos no navio Satélite.

“Cantam nautas, choram flautas /Pelo mar e pelo mar/Uma sereia a cantar /Vela o Destino dos nautas. /Espelham-se os esplendores /Do céu, em reflexos, nas /Águas, fingindo cristais /Das mais deslumbrantes cores.”⁷¹⁵ Poesia leve, simples, bastante musical, sendo que o primeiro verso tem um ritmo mais rápido e cadenciado do que os outros que se seguem, em que ele diz haver uma sereia a cantar velando o destino dos nautas, o que

⁷¹³ Ibidem, p. 295.

⁷¹⁴ Documento em meio eletrônico. In <http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=135407>, acessado em 21/03/2009, à 1:30h.

⁷¹⁵ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., 297.

parece ser uma incoerência, pois o canto da sereia é uma ameaça de morte, não de segurança para os marujos.

Em fios dourados a luz dos astros cai por “sobre o marítimo horror /como globos estrelados”. Nas rochas estão os faróis para a orientação dos navegantes, brilhando como sóis; as ondas vão e vêm, “E nesse eterno vaivém /Coitadas! não acham quem, /Quem as esconda, as esconda... “ E os homens são como essas ondas, “Alegoria tristonha /do que pelo Mundo vai! /Se um sonha e se ergue, outro cai; /Se um cai, outro se ergue e sonha.”⁷¹⁶

No entanto, coitado do pobre que comete um erro no meio da vida, porque esse será condenado e irá morrer. “Esse não volta, esse vai/Para o túmulo que o cobre.”⁷¹⁷ E o poeta “vagueia num barco”, o céu brilha, imitando a “curva de um arco”, “como um diamante de Ofir”. A lua surge como um “globo de louça” Que os astros e a lua ouçam que cantam, é a sereia, a lua cheia avisa que a sereia vai falar, e o que ela diz “É como um réquiem profundo /De tristíssimos bemóis... /Sua voz é igual à voz /Das dores todas do mundo”, ou seja, a sereia lamenta os mortos, o que nos permite continuar nessa leitura do momento da morte do herói, que aqui é toda uma multidão conjugada em uma sombra, em um “Eu” que carrega em si todos os “eus” sofredores: “Fecha-te nesse medonho /Reduto de Maldição,/Viajeiro da Extrema-Unção,/Sonhador do último sonho! “ Aqui é possível lembrar os marinheiros mortos no navio Satélite, e também João Cândido, que viveu dias de glória, para depois cair nos dias de terror: “Numa redoma ilusória/Cercou-te a glória falaz, /Mas nunca mais, nunca mais/Há de cercar-te essa glória!“

Mas o poeta deve ser forte como Jesus, abraçar-se à cruz e morrer, “poeta da Morte!” E, de repente, sem que o poeta o pressinta, o barco tomba. Então ele deseja que o universo todo chore sua morte, até mesmo Deus, no céu, pois mais um repressor conseguiu reprimir um poeta: “Vista de luto o Universo /E Deus se enlute no Céu! /Mais um poeta que morreu, /Mais um coveiro do Verso! “O poema termina com a última estrofe repetindo a

⁷¹⁶ Ibidem, p. 297.

⁷¹⁷ Ibidem.

primeira: “Cantam nautas, choram flautas /Pelo mar e pelo mar /Uma sereia a cantar /Vela o Destino dos nautas!”⁷¹⁸

TRISTEZAS DE UM QUARTO MINGUANTE

A impressão que este poema nos dá é que, após a aproximação do barqueiro da Morte, o leitor chega à última “cena”, daí o “quarto minguante”, ou seja, a vida próxima do fim, seguindo o ciclo de tudo na natureza, pois até mesmo a lua, depois da minguante, renasce nova. Essa imagem “quarto minguante” também é polissêmica, uma vez que nos permite encontrar sentidos diversos para ela, como a lua em sua fase minguante (em uma leitura superficial); a “vida” minguante, ou seja, a proximidade da morte, em um sentido metafórico e, também neste sentido conotativo, porém estabelecendo uma intertextualidade com o texto de Rui Barbosa e com os textos de notícias de jornal sobre a morte dos prisioneiros na Ilha das Cobras, a angústia reinante entre eles e o momento da morte de um dos prisioneiros.

“Quarto Minguante! E, embora a lua o aclare,/Este Engenho Pau d’Arco é muito triste... /nos engenhos da várzea não existe /Talvez um outro que se lhe equipare!”⁷¹⁹ Esse engenho é, no poema original, uma referência ao Pau d’Arco, mas considerando no contexto do **Eu**, em que houve a alteração de “quarto-minguante” para “quarto minguante”, e estão em itálico as palavras *Engenho* e *várzea*, podemos entender essas duas últimas palavras como alegorias para lugares em que as cenas são semelhantes às do Engenho Pau d’Arco e da várzea paraibana. O “quarto minguante”, além da fase da lua, também pode ser uma metáfora para a masmorra pequena, apertada demais, sufocante e minguante da vida humana, até a morte.

Do mirante onde ele está, a “lua magra”, vista através de um vidro azul, parece um paralelepípedo quebrado. As pessoas, ali, dormem, enquanto ele sente um peso no estômago e lhe dói a cabeça. A lua lhe parece, então, a metade de uma casca de ovo: “O

⁷¹⁸ Ibidem, p. 299.

⁷¹⁹ Ibidem, p. 300.

sono esmaga o encéfalo do povo./Tenho 300 quilos no epigastro... /Dói-me a cabeça. Agora a cara do astro /Lembra a metade de uma casca de ovo.”⁷²⁰

Expõe a descrença em uma intervenção divina: “não ser mais tempo de milagre”, tanto que a interjeição que antecede essa afirmação é “Diabo!” Para evitar a destruição, pensa em amarrar na cabeça um pano e molhar a testa com vinagre, o que nos lembra o pano embebido de vinagre que foi dado a Cristo na cruz. É, portanto, momento de sofrimento desse “eu” que fala no poema, pois os medos aumentam nele – e o plural é bastante significativo aqui, não é um único medo. Vê a lua subindo e descendo, como uma borracha que muda a forma quando os dedos a comprimem. A loucura do delírio vai aumentando, assim como o desejo louco de se dissolver, de se enterrar naquele “semicírculo medonho”, que poderia ser o balde de cal.

Mas tudo é ilusão dele, que conclui: “Quem sabe se não é porque não saio /Desde que, 6ª feira, 3 de maio, /Eu escrevi os meus **Gemidos de Arte**?!” Eis aqui um dos trechos mais instigantes criados por esse poeta paraibano que, como informa Ademar Vidal – dado já citado aqui na biografia de Augusto –, gostava muito de charadas e enigmas...

Gemidos de Arte é poema datado de 4 de maio de 1907, não do dia três, mas poderia ser apenas o engano de um dia, não fosse a questão de que o dia 3 de maio de 1907 haver sido num domingo. Porém, verificando por curiosidade, encontramos o dia 3 de maio de 1911 corresponder a uma sexta-feira!⁷²¹ E isso faz toda a diferença na leitura do poema... Vamos à informação de Rui Barbosa:

A mensagem com que, aos 3 desse mês (maio de 1911), abriu a sessão legislativa, o marechal Hermes começava por alardear ‘o desenvolvimento moral da República’, recordando o manifesto onde, superior à paixões políticas, ao assumir, cinco meses antes, a presidência, se comprometera a ‘respeitar todos os direitos e garantir todas as liberdades’. [...] ‘*Não tenho que corar de haver mentido à nação, faltando à palavra que, em documento tão positivo, ofereci como penhor do governo que se iniciava.*’⁷²²

⁷²⁰ Ibidem.

⁷²¹ Dado em meio eletrônico. In http://www.quediahoje.net/calendarios/calendario_permanente.htm, acessado dia 21 de março de 2009, às 16:30h.

⁷²² BARBOSA, Rui. **Ruínas de um Governo**. Op. Cit., p.p. 52-53.

E o marechal continua o discurso dizendo que a Revolta da Chibata fora apenas uma insurreição sem objetivos e “fruto da grande anarquia que reinava nos espíritos, especialmente nas camadas inferiores, pela *campanha subversiva e má, que, de longos meses, vinha trabalhando a nação.*”⁷²³ Acrescentou que o governo não usara absolutamente de violência contra quem quer que fosse e sempre respeitara “todos os direitos e liberdades”, além de que se “abstivera de constranger os seus mais tenazes opositores.”⁷²⁴

A 6 de maio, conforme Afonso Arinos, o **Correio da manhã** começa a divulgar os primeiros rumores que chegavam sobre os acontecimentos no navio Satélite. Outros jornais o seguiram, como **O século**, o **Diário de notícias**; na Câmara, Barbosa Lima proferiu um enérgico discurso no dia 12 do mesmo mês, exigindo explicações a respeito das notícias. No dia 26, chega à Câmara a confirmação do presidente aos rumores, dizendo que o tenente Melo, para salvar sua tripulação e a própria vida, tinha levado o problema a conselho de guerra “feito fuzilar, em viagem, sete homens considerados cabeças do motim em preparo.”⁷²⁵

Começam na Câmara, então, os discursos de acusação ao presidente, culminando no de Rui Barbosa, do dia 30 daquele mês, data em que deixou o governo. Revelaram, então, que o tenente Melo, mandante do massacre, era um “herói” de Canudos, o dinamitador da Igreja Nova, fato que o promovera por ato de bravura no campo de batalha. Depois de acalmados os ânimos, esse tenente foi novamente promovido e tido como herói. O comandante Marques da Rocha, responsável pela barbárie na Ilha das Cobras, foi absolvido no julgamento militar a que se submeteu. Talvez tenham sido esses os reais “gemidos de Arte” do poeta paraibano...

Voltando às **Tristezas de um quarto minguante**, agora o “eu” poético começa a contar as telhas, como um “degenerado psicopata” Conta até quatro, quando tomba, com a cabeça zonzá, e perde a conta. Recomeça, mas novamente perde a conta. Tem tonturas sequenciais, pergunta-se se estará morto e a Vida lhe responde, esta que é “aquela grande

⁷²³ Ibidem, p. 53.

⁷²⁴ Ibidem.

⁷²⁵ FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Op. Cit., p.p. 685-686.

aranha que anda tecendo a [minha] sua desventura”⁷²⁶ – e aqui a parca do início está novamente presente, como a aranha que lhe tece a teia vital.

A sua visão da luz vai se apagando, ele começa a ver o fim do mundo e se deita. Coloca o “chapéu no gancho” - e isto é uma alegoria cujo sentido é a perda da consciência - ; vê cinco lençóis balançando numa corda, que lhe recordam mortalhas, então desmancha o “amontoamento” de lençóis (ambas são referências aos colegas mortos e agonizantes). ‘Sonhos dementes’ assaltam-lhe a imaginação; ele se encontra em uma festa, onde lhe tomba uma torre sobre a testa e todos os dentes lhe caem de uma só vez, clara alusão à morte. “Então dois ossos roídos me assombram.../-- “Por ventura haverá quem queira roer-nos?! /Os vermes já não querem mais comer-nos /E os formigueiros já nos desprezaram”⁷²⁷. As mortes eram tantas que os vermes e as formigas já não davam conta dos cadáveres.

Em **Provas**, Rui Barbosa, falando dessas mortes do Satélite, do bombardeio da Bahia e do caso da Ilha das Cobras, reclama que os responsáveis pelas mortes e torturas nada sofreram, nem perderam o poder ou a consideração do povo. E eles “tinham sido comensais daquelas bacanais ensangüentadas, ou membros da tresvairada administração que as consumou.”⁷²⁸ E mais: foram eles os organizadores da administração que veio depois de Hermes.

E o “eu” poético continua: “Figuras espectrais de bocas tronchas /Tornam-me o pesadelo duradouro... /Choro e quero beber a água do choro /Com as mãos dispostas à feição de conchas. “ Estes versos lembram os pesadelos constantes que João Cândido confessa, depois, a Morel, ter sentido durante vários anos, com esses espectros.

“Beber água do choro “também é uma imagem que interpretamos, pela intertextualidade com Rui Barbosa em seu discurso **Inferno de Dante** de Moacir Lopes, no trecho: “Os dezoito prisioneiros, sem qualquer alimento desde a manhã, poucos goles de água lhes haviam sido servidos numa caneca, passam a beber a própria urina com as mãos em concha.”⁷²⁹

⁷²⁶ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 301.

⁷²⁷ Ibidem, p. 301.

⁷²⁸ BARBOSA, Rui. **Campanhas Presidenciais**, vol. 7. São Paulo: Livraria Editora Iracema, p.168.

⁷²⁹ LOPES, Moacir C. Op. Cit., p. 22.

“Tal uma planta aquática submersa, /Antegozando as últimas delícias /Mergulho as mãos -- vis raízes adventícias -/No algodão quente de um tapete persa.”⁷³⁰ – diz a voz, metida naquela lama de água, areia e cal, em meio aos cadáveres em decomposição, em cujas carnes expostas metia as mãos, tendo a sensação de que aquilo virara um “tapete”, onde inevitavelmente, por falta de espaço, tinham que pisar.

Seu sofrimento chega ao máximo, a morte se aproxima, o corpo já não tem calor para manter a temperatura, as forças se esgotam : “Súbito me ergo. A lua é morta. Um frio /Cai sobre o meu estômago vazio/Como se fosse um copo de sorvete!” A sutileza com que Augusto descreve, através do pensamento desse “eu”, a falência total da matéria, é impressionante; o corpo se torna insensível porque gela; os líquidos começam a extravasar. É o momento de arrumar o “defunto” para o velório, porém ele não tem a quem pedir outra roupa... Ironia e emoção se mesclam nestes versos alexandrinos, a ponto de provocar lágrimas no leitor que se atreve a mergulhar no mais profundo do texto de Augusto: “A alta frialdade me insensibiliza; /O suor me ensopa. Meu tormento é infindo.../Minha família ainda está dormindo/E eu não posso pedir outra camisa!”⁷³¹

Agora se percebe que o “engenho” também pode ser o navio Satélite ou as masmorras, pois a fumaça tanto pode ser da chaminé do navio, quanto da grande cozinha do hospital que ficava próximo às masmorras: “Abro a janela. Elevam-se fumaças /Do engenho enorme. A luz fulge abundante/E em vez do sepulcral Quarto Minguante /Vi que era o sol batendo nas vidraças.”⁷³²

Ele fala da natureza, que segue indiferente seu curso, dando ao mundo vida e beleza, obedecendo às leis que a regem, e, não sendo humanas, não causam desavenças. Mas vem , a seguir, uma crítica contra a instituição religiosa: “Babujada por baixos beijos brutos, /No húmus feraz, hierática, se ostenta/A monarquia da árvore opulenta/Que dá aos homens o óbolo dos frutos.”⁷³³ O reinado da “árvore rica”, que aqui nos parece ser a Igreja como instituição, que dá aos homens a esmola daquilo que recebe, regada pelos grossos e brutais beijos – ou seja, o sacrifício dos negros – exhibe-se sagrada, no solo fértil e fecundo.

⁷³⁰ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 301.

⁷³¹ Ibidem, p. 302.

⁷³² Ibidem.

⁷³³ Ibidem.

A Igreja silenciava-se, portanto concordava com os massacres e com a ditadura militar, como também o fez em outras épocas.

No navio, os tiros dos fuzilamentos – aqui é o mais provável, com 21 vítimas, um número a mais do que o veiculado na imprensa -; nas celas, a salva de tiros, no feriado, feita pelo Batalhão que comemorava o Natal. “Entretanto, passei o dia inquieto,/A ouvir, nestes bucólicos retiros /Toda a salva fatal de 21 tiros /Que festejou os funerais de Hamleto!” Os “bucólicos retiros podem se referir à Ilha, principalmente porque ali se encontravam os líderes do movimento. Mataram as cabeças que pensavam, que sabiam reagir, mataram Hamlet.

Perdendo, então a esperança, sabendo que o herói da tragédia deve morrer, ele deseja poder, ao menos, estar junto à natureza e entrar no ciclo natural que rege a vida e a morte: “ Ah! Minha ruína é pior do que a de Tebas! /Quisera ser, numa última cobiça,/A fatia esponjosa de carniça/Que os corvos comem sobre as jurubebas!”

Voltamos a Rui, em **O inferno de Dante**: “[...] começaram, delirando, no pesadelo da fome, a se lacerar com os dentes uns aos outros.” No desespero, o canibalismo para sobreviver... É disso que falam estes versos: “Porque, longe do pão com que me nutres /Nesta hora, oh! Vida em que a sofrer me enxotas/Eu estaria como as bestas mortas /Pendurado no bico dos abutres!”⁷³⁴ A vida o empurra para a morte, porém lhe dá mais vida, com a carne dos mortos para saciar a fome.

ÚLTIMO POEMA: *MISTÉRIOS DE UM FÓSFORO*

O último poema do **Eu**, uma espécie de “êxodo” desse grande trágico moderno, lembra-nos a voz da natureza personificada em **Memórias póstumas de Brás Cubas**, por Machado de Assis, ao ver o homem liliputiano e descartável nos dedos do Criador (ou Criadora...). É esse ser superior que agora o poeta-filósofo encarna, que diz: “Pego de um fósforo. Olho-o. Olho-o ainda. Risco-o/Depois. E o que depois fica e depois/Resta é um ou, por outra, é mais de um, são dois /Túmulos dentro de um carvão

⁷³⁴ Ibidem, p. 303.

promíscuo.”⁷³⁵ São duas mortes: uma, da realidade criada pela psique humana, a outra, do sonho utópico de uma humanidade livre, feliz e justa, que constitui o sonho verdadeiro da espécie, o objetivo a que ela deve chegar.

E esse herói, já um Hércules, brada, “exclamo, ébrio, a esvaziar báquicos odres:/-- Cinza, síntese má da podridão,/Miniatura alegórica do chão, /Onde os ventres maternos ficam podres;/Na tua clandestina e erma alma vasta, /Onde nenhuma lâmpada se acende, /Meu raciocínio sôfrego surpreende/Todas as formas da matéria gasta!”⁷³⁶ Ele constata que a matéria é realmente pó, é nada, pois toda matéria se resume, ao final, em cinzas.

E aqui está a conclusão do embate entre a emoção e o pensamento, o espírito e a matéria: o homem, diferentemente dos animais, está condenado a raciocinar, e esta é a razão de todo o seu sofrimento existencial. “Raciocinar! Aziaga contingência! /Ser quadrúpede! Andar de quatro pés/É mais do que ser Cristo e ser Moisés /Porque é ser animal sem ter consciência!”⁷³⁷

Ser Cristo ou Moisés significa, para ele, ter vivido em um mundo em que ainda tudo se atribuíra a um Deus Todo-Poderoso, mas ser racional é atributo que o homem adquiriu na modernidade, com a primazia das ciências sobre os dogmas e leis de qualquer religião; é estar sozinho e por conta própria neste mundo, é não ter um Pai que o proteja – e agora podemos compreender a figura do “Pai” cantada por Augusto, perdendo o pai terreno, ele já não tinha um pai celeste com que contar!

Esse “eu” trágico, morto no poema anterior, agora irá renascer, completando, assim, o ciclo vital das coisas: “Bêbedo, os beijos na ânfora ínfima, harto,/Mergulho, e na ínfima ânfora, harto, sinto/O amargor específico do absinto /E o cheiro animalíssimo do parto!”⁷³⁸ Ele está na pequena “ânfora”, vaso de duas asas, ou seja, o útero materno, enche os beijos do líquido amniótico – o absinto amargo – e sente o cheiro do parto animal. E mentalmente ele afunda os olhos ainda fundos, sem estarem formados, na massa amorfa da célula inicial, da qual todos provêm.

⁷³⁵ Ibidem, p. 304.

⁷³⁶ Ibidem.

⁷³⁷ Ibidem, p. 304.

⁷³⁸ Ibidem, p. 304.

Então ligeiro, precipitando-se com violência, surge, amorfo, amarelado, através de um vidro transparente, diante de sua “massa encefálica minguante”, ou seja, declinante, pois ao mesmo tempo em que está morrendo também está começando vida nova, “todo o gênero humano intra-uterino” – os espermatozóides que fecundarão o óvulo do qual ele se formará. “É o caos da ávita víscera avarenta/-- Mucosa nojentíssima de pus, /A nutrir diariamente os fetos nus /Pelas vilosidades da placenta! –“ É a desordenada vida dentro do sêmen, a que ele chama de “mucosa nojentíssima de pus”, mostrando o asco por esse lado animal do homem, que sacia os fetos nus, através da placenta, que deve aqui significar o útero no ato sexual. O poeta assiste, como se olhasse num microscópio, ao momento da fecundação do óvulo.

No entanto, o horror que ele sente é porque, ao nascer dessa forma animal, o ser humano já está fadado a sofrer e a morrer, o que não ocorreria se ele nascesse só espírito. “Certo, o arquitetural e íntegro aspecto/Do mundo o mesmo inda é, que, ora, o que nele /Morre, sou eu, sois vós, é todo aquele/Que vem de um ventre inchado, ínfimo e infecto!”⁷³⁹ O nosso corpo é ínfimo e desprotegido, como é o que lhe deu origem, e ele nos condena a sofrer o desejo sensual dos trópicos. Aqui o poeta aceita a ciência determinista da época, considerando a raça desenvolvida nos trópicos como inferior, o que também fez Euclides da Cunha: “ É a flor dos genealógicos abismos /-- Zooplasma pequeníssimo e plebeu,/De onde o desprotegido homem nasceu/Para a fatalidade dos tropismos. –“

Para o corpo humano, a vida após a morte é o nada: “Depois, é o céu abscondito do Nada,/É este ato extraordinário de morrer/Que há de, na última hebdômada, atender /Ao pedido da célula cansada!”⁷⁴⁰ Ele sabe o futuro que espera o seu corpo: “Um dia restará, na terra instável,/De minha antropocêntrica matéria/Numa côncava xícara funérea/Uma colher de cinza miserável!”

Então abre “na treva os olhos quase cegos./Que mão sinistra e desgraçada encheu/Os olhos tristes que meu Pai me deu /De alfinetes, de agulhas e de pregos?!” Este verso lembra os lamentos dos presos nas masmorras, ao sentirem os olhos queimados pela cal, mas também pode ser a sensação da terra jogada sobre ele, na cova, pois em Augusto

⁷³⁹ Ibidem.

⁷⁴⁰ Ibidem.

os processos da morte e do renascimento no útero de alguém são simultâneos. Sente o resto da terra na cova: “Pesam sobre o meu corpo oitenta arráteis!/Dentro um dínamo déspota, sozinho,/Sob a morfologia de um moinho,/Move todos os meus nervos vibráteis.”⁷⁴¹ E o “eu” sente vibrar nele apenas o dínamo da vida, já preparado para alçar vôo e abandonar a matéria. Como Augusto consegue imaginar esse dínamo – a menos que tenha lido nas obras de teosofia ou outras do gênero – é impressionante.

O processo continua, e ele se vê em decomposição: “Então, do meu espírito, em segredo,/Se escapa, dentre as tenebras, muito alto, /Na síntese acrobática de um salto, /O espectro angulosíssimo do Medo! /” Seria o medo de abandonar o que ele tinha sido? O medo de não saber para onde iria, em que lugar renasceria? Por isso, ele se perde em reflexões filosóficas, vendo, como nunca ninguém viu, na fecundação cruzada que o produziu, “nonilhões de moléculas de esterco.” São os mortos de todas as gerações. De certa forma, podemos dizer que Augusto previu a carga genética das células, ou o nosso DNA, que já traz inscrito o código de nossa vida.

E esse “eu” se revolta contra esse tipo de existência, para a qual tanto sofrimento não tem sentido: “Vida, mônada vil, cósmico zero, /Migalha de albumina semifluida,/Que fez a boca mística do druida/E a língua revoltada de Lutero;/Teus gineceus prolíficos envolvem/Cinza fetal!... Basta um fósforo só /Para mostrar a incógnita de pó,/Em que todos os seres se resolvem!”⁷⁴² A dualidade é inerente a esta vida, portanto, e com sua existência, haverá eternamente o Bem e o Mal. Ela é nefasta, pois já trazem si as cinzas de outros mortos. “Ah! Maldito o conúbio incestuoso /Dessas afinidades eletivas,/De onde quimicamente tu derivas,/Na aclamação simbiótica do gozo!”⁷⁴³

Mas ele risca outro fósforo... O primeiro, da vida sonhada por ele, utópica. O segundo, da vida que os homens consideram real. Nesta, acontece a sua morte cerebral, o enterro de sua “última neurona” agora desfila. Então, ao riscar o outro fósforo, “esse acidente químico vulgar “ o impressiona “extraordinariamente”, além do comum. E como não tarda o seu enrijecimento , a sua “crise artrítica”, ele se despede: “Adeus! Que eu vejo

⁷⁴¹ Ibidem, p. 305.

⁷⁴² Ibidem, p. 306.

⁷⁴³ ANJOS, Augusto dos. Op. Cit., p. 306.

enfim, com a alma vencida/Na abjeção embriológica da vida/O futuro de cinza que me aguarda!”⁷⁴⁴

E aqui nos remete a outro texto de Moacir Lopes, que relata o final de toda essa revolta dos marinheiros... João Cândido foi enviado ao manicômio, como já dissemos anteriormente, e o local de reunião dos que apoiavam o movimento, o “Sobradinho”, foi criminosamente incendiado. Alfredo Maia, responsável por conseguir se comunicar com os marinheiros revoltosos antes que desmontassem o rádio, naquele sobrado onde se reuniam, ao chegar, vê as chamas destruindo o local. E é novamente o relato de Moacir Lopes, tirado de reportagens dos jornais, que estabelece a intertextualidade com o poema: “Um fósforo que é aceso pertinho do seu rosto, é Antônio Belo que o reconhece. O que se deu nesse sobrado, como começou esse fogaréu? “ O colega lhe conta haver sido uma ordem do prefeito, para expulsá-los dali. Francisco Xavier e João Agostinho morreram no incêndio, enquanto os guardas gritavam que não haveria como sair, que estavam cercados, que bandido tem que morrer queimado.

Esta é a interpretação que fazemos da obra de Augusto dos Anjos, o **Eu**. Como Euclides, o poeta paraibano assumiu a dor e a voz dos mais fracos, mas não só: foi modernista de primeira hora, criando um estilo só seu, cuja riqueza de efeitos e sentidos ninguém conseguiu repetir.

⁷⁴⁴ Ibidem.

CONCLUSÃO

O homem de gênio é sempre o produto do trabalho acumulado das gerações, que vai se sedimentando através do tempo, afirma Nobre de Melo.⁷⁴⁵ Isso explica o seu surgimento esporádico e isolado na evolução das sociedades, “a demarcar os limites da transformação dialética da quantidade em qualidade.”⁷⁴⁶

Para compreender o motivo desses fenômenos, é preciso conhecer, primeiramente, as condições gerais que o precederam, continua Melo. E foi por isso que buscamos compreender o homem de letras daquela época, na leitura de obras do final do século XIX, do Brasil, da Europa, do México e das Filipinas (mais precisamente, as que estabelecem intertextualidade com os poemas de Augusto).

Buscamos ainda toda a documentação possível a respeito do Positivismo neste país, como também do Anarquismo – Augusto cita Georges Palante, defensor do anarquismo individualista: “Se a consciência individual, segundo Palante, é a mãe do progresso, é o gérmen misterioso que em si contém o futuro [...]”, idéia que se contrapõe à de “consciência escrava”.

Após este estudo, uma das características que atribuiríamos a Augusto é a de “poeta da igualdade racial”, mais especificamente, o “poeta dos mulatos”, dos miscigenados que sofreram vítimas de fortíssimo preconceito em toda a história deste país. Augusto é, igualmente, o poeta dos oprimidos, pois em seus versos e em suas crônicas podemos ver o desejo de comprovar a igualdade racial, uma vez que ele próprio parece ter sido vítima desse preconceito. Essa luta de Augusto comprova, também, que a Ciência nem sempre está com a razão, pois foi ela a grande disseminadora da idéia do miscigenado como fruto da degeneração da raça, foi ela que atribuiu a ele a condição de inferioridade, exatamente quando deveria promover a inserção do ex-escravo na sociedade. Em nosso

⁷⁴⁵ MELO, A. L. Nobre de. **Augusto dos Anjos e as origens de sua arte poética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

⁷⁴⁶ *Ib.*, p. 11.

ponto de vista, a perda da primazia do ensino de Humanidades, como defendia o próprio Augusto, muito contribuiu para a situação de violência que vivemos hoje.

Consideramos oportuno, também, citar aqui alguns pensamentos de Georges Palante, que parecem ancorar muito da filosofia de que os textos de Augusto estão impregnados. Na verdade, Georges Palante, individualista radical do início do séc. XX, desenvolveu um dos pensamentos mais anticonformistas que se conhece. A sua obra não admite compromisso algum; constitui de fato um verdadeiro guia prático para o uso de seres livres que tenham a liberdade como valor essencial da vida humana.

Para ele, o indivíduo livre não tem outra escolha senão a revolta, e desesperada, se necessário for. Faz a apologia do libertário integral, uma espécie de “super-homem nietzscheano” esfolado vivo e sedento de relações afins. Foi professor do Lycée de Saint-Brieuc, tendo encarnado o ideal do aristocrata libertário, qual D. Quixote, batalhando até o último momento contra os moinhos de vento do espírito gregário.

Michel Onfray, a quem se deve o renovado interesse por Palante, descreve o pensamento deste nos seguintes termos:

Leitor de Schopenhauer, para o pessimismo, de Stirner, para celebrar as potencialidades que habitam o indivíduo, de Nietzsche, para a vontade em transfigurar as impotências em forças, de Freud, no que este diz respeito ao ensino das partes malditas e das suas relações com a consciência”. Mas este espírito livre interessa-se ainda por Proudhon, Ibsen, Fourier, Emerson...⁷⁴⁷

Contrário a todos os partidos, embora um dos seus artigos, intitulado “Anarquismo e individualismo”, proponha uma tática individualista contra a sociedade que faz lembrar a que era preconizada na época pela equipe responsável da publicação “Anarchie”, a mesma que tornou conhecido outro aristocrata libertário, Rémy de Gourmont, para quem o individualista

⁷⁴⁷ Documento em meio eletrônico. In <http://portugal.indymedia.org/ler.php?numero=17831&cidade=1> . Acesso em 09/12/2004, 17:00h.

... destrói, na medida das suas forças, o princípio da autoridade. Pois a ele, e só ele, é que cabe derrubar sem escrúpulos as leis e todas as obrigações sociais, desde que o faça sem provocar prejuízos. Ele nega e destrói a autoridade naquilo que lhe diz especialmente respeito, tornando-se tanto mais livre quanto mais se pode ser livre nas nossas complicadas sociedades.⁷⁴⁸

O anarquista individualista não tem um partido definido, pois ele crê que toda a sociedade e toda a instituição são, em essência, despótica, e reprime toda superioridade e originalidade das pessoas. A sensibilidade individualista não é o mesmo que o egoísmo vulgar, pois o egoísta deseja, a qualquer preço, possuir o mundo à custa dos outros, mas o individualista, ao contrário, vive na sociedade como um peixe na água.

Conforme Palante⁷⁴⁹, a sensibilidade individualista exige uma grande necessidade de independência, de honestidade consigo mesmo e com outros, pois é uma forma de liberdade de espírito, e exige, também, uma necessidade de discrição e delicadeza, para servir de barreira a separar o “eu”, tornando-o intangível e incomunicável, mas também muitas vezes, criando o entusiasmo para a honra e heroísmo.

O traço dominante da sensibilidade individual é a sensação de "diferença" humana e da unicidade das pessoas. O individualista ama essa diferença não só em si, mas nos outros, pois ele é levado a conhecê-la e a ser complacente com elas. -Isto requer uma inteligência diferenciada e múltipla. Todos os grandes anarquistas individualistas têm um traço em comum: o amor e a cultura das diferenças humanas e da unicidade.

A sinceridade individualista não é originária de escrúpulos morais, mas de um orgulho pessoal, de uma sensação de força e independência, pois sinceridade é sinal de força. O fraco não pode ser sincero, disse La Rochefoucauld. O indivíduo é um sentimento sincero em um espírito de contradição. O individualista sensível gosta da honestidade e clareza, por não suportar a antipatia da hipocrisia social e daqueles que a representam. A sensibilidade individualista, especialmente nos apaixonados e sensitivos, foi muitas vezes considerada como patológica. Isto não significa muito, pois sempre parecemos anormais

⁷⁴⁸ Idem, ib.

⁷⁴⁹ PALANTE, Georges. **La sensibilité individualiste**. Apud **Revue du Mercure de France**. Paris, France, juin 1908. Documento em texto eletrônico. In <http://perso.wanadoo.fr/selene.star/index.htm>

para aqueles que não se sentem como nós. A pretensão de classificar como patológica uma atitude sentimental com a qual não concordamos é uma pretensão moralista, antes de tudo. Daí a facilidade com que alguns críticos fizeram essa imagem de um Augusto amargo, pessimista e tuberculoso, desmentida por aqueles que o conheceram melhor, como Vidal e Oiticica.

Outro detalhe que gostaríamos de pontuar aqui é que o poeta, em sua correspondência, sempre se queixa da sua situação de pobreza, afirmando que não possui o mesmo pendor para a “cavação” que demonstram outros jovens da época, inclusive alguns de seus irmãos, como nos mostra a própria história. O poeta dizia que não conseguia, de modo algum, praticar qualquer ato de desonestidade, o que parecia ser imprescindível na época para viver “apadrinhado” em um cargo público – única esperança para o intelectual sem posses ou padrinhos -, quando nem a competência nem a seleção por concurso estavam ainda instaladas.

Atualíssimo, portanto, esse grande poeta paraibano! Basta consultar as notícias de jornais hodiernos e veremos que tanto no nordeste brasileiro como em outras regiões pipocam os casos de nepotismo!

É necessário, então, desfazer a imagem cristalizada, que tem influenciado até hoje muitas visões críticas, do “Foi magro meu desventurado amigo, de magreza esquelética – faces reentrantes, olhos fundos, olheiras violáceas e testa descalvada.” Sabemos, perfeitamente, que há milhões de tipos físicos semelhantes a este, nem por isso são tachados de tuberculosos, estranhos, etc. Esta é uma visão subjetiva, típica da crítica da época, que, a nosso ver, precisa ser reconsiderada, ou, no mínimo, confirmada através de pesquisas. Não temos nenhum interesse em vasculhar os acontecimentos políticos da Paraíba, mas encontrar documentos referentes a esses dados é imprescindível para uma pesquisa mais profunda

Como mostramos nas idéias de Palante, que também se cruzam com as de Augusto, e a quem ele cita no documento mais importante de sua prosa, que é o discurso feito no Teatro Santa Rosa, em maio de 1909, o poeta era exatamente contra o individualismo possessivo, que leva à egolatria, defendendo o verdadeiro conhecimento – e desenvolvimento – da consciência individual, a aceitação das diferenças entre as

personalidades e inteligências, porém como uma riqueza da diversidade cultural,— o que é extremamente atual, pois somente nos últimos anos essa discussão parece ter conseguido sucesso no Brasil. Augusto era, portanto, de vanguarda, como ele mesmo se define, o que também já mostramos anteriormente.

O poeta consegue ser trágico e lírico ao mesmo tempo, pois desenvolve em sua obra aqui estudada o “eu-poético” universal universalista, mesclado ao universal individualista, conforme teoria de Moisés. Seu lirismo é resultado de uma submersão do sujeito na linguagem, captando o universal no mergulho do ser, do indivíduo, porém extrapolando os limites deste, avançando no terreno do universal, deixando que o seu “eu” individual se dissolvesse no plano da unidade cósmica, ganhando, assim, o dinamismo do Todo e, ao mesmo tempo, participando da onisciência e da onipresença dessa substância universal.

Concluímos esta tese com a mesma convicção de duas notas que nos chamaram à atenção: a primeira, de Max de Vasconcelos, publicada na revista *La Rinascenza Italiana*, nº 31, de 1914: Augusto dos Anjos foi, para os que iam surgindo naquela época, o que foi Álvares de Azevedo para os byronianos, Castro Alves para os condoreiros, Cruz e Sousa para os primeiros simbolistas, ou seja, um grande poeta que agitou o meio literário com a publicação do **Eu**, indignando os conservadores e provocando aplausos nos que desejavam originalidade.

A segunda é uma nota de César de Castro, único voto que Augusto recebeu no concurso promovido pela Fon-Fon! Fon!, em 1913, em que Olavo Bilac foi eleito para “Príncipe dos Poetas”. Castro votou em Augusto, com esta justificativa:

Na opinião de minha humildade, o príncipe dos poetas brasileiros que ainda há de ser imperador, quando menos jovem e mais expungido de demasias, tem o nome soleníssimo de Augusto dos Anjos, mas um augusto na linha dos anjos a que se prendem um tal de Baudelaire e um tal de Dante Gabriel Rossetti.⁷⁵⁰

Em nossa humilde opinião, Augusto dos Anjos foi tão grande em seu gênio literário que não é possível atingir a profundidade de sua expressão somente com os olhares da

⁷⁵⁰ MAGALHÃES JR., R. Op. Cit., p. 275.

razão, mas é preciso estar com todos os sentidos aguçados ao ler o **Eu**; continuamente em busca de uma fusão entre o leitor, o texto e seu discurso, para entender esse cosmos em que se move o “Eu” multifacetado do poema.

No **Eu** afloram a dor e a sensibilidade de um sofrimento pela Arte, vivenciado por Augusto e por outros daquela época, cujas vozes ainda devem ecoar pelo universo. A questão que fica, após este estudo, é: quantos grandes poetas ainda perderemos neste país pela falta de reconhecimento da crítica especializada ou até mesmo pela marginalização desses indivíduos que não conseguiriam jamais seguir os moldes acadêmicos, pois isto seria a falência da emoção maior que rege o vate

Augusto, poeta “chefe de sua geração”, merece um reconhecimento público não só pela grandeza de sua obra, mas também pela integridade de seu caráter, por sua atuação constante e idéias inovadoras também na área educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABENSOUR, Miguel. **O novo espírito utópico**. Org. Urias Arantes. Trad. Claudio Stieltjes et Al. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1990.

AGUIAR, Wellington. **A velha Paraíba nas páginas de jornais**. João Pessoa: A União, 1999.

ALMEIDA, José Américo de. **A Paraíba e seus problemas**. 4ª Ed. Brasília: Senado Federal, 1994.

ANJOS, Alexandre dos. **Desajustado**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1952.

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**, 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1971.

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 4ª Ed. (com errata de 5ª). Org. Órris Soares. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1928.

ANJOS, Augusto. **Obra completa**. Volume único. Organização, fixação do texto e notas Alexei Bueno. 3ª reimpressão da 1ª ed. Introdução: **Augusto dos Anjos: Origens de uma Poética**. Fortuna Crítica: Hermes Fontes, Antônio Torres, Órris Soares, João Ribeiro, Gilberto Freyre, Agripino Grieco, Medeiros e Albuquerque, Raul Machado, José Oiticica, Manuel Bandeira, Álvaro Lins, Andrade Muricy, José Lins do Rego, José Escobar Farias, Carlos Burlamaqui Kopke, Wilson Castelo Branco, Fausto Cunha, Antônio Houaiss, Eudes Barros, Elbio Spencer, Anatol Rosenfeld. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2004.

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

_____. **Toda poesia**. Estudo crítico de Ferreira Gullar. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

_____. **Inéditos e dispersos – notas e variações sobre assuntos diversos**. Comp. Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: Ed. Grijalbo Ltda, 1966.

ANTONIO, Jorge Luiz. **Ciência, Arte e metáfora na poesia de Augusto dos Anjos**. São Paulo: Navegar Editora, 2004.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Trad. Antonio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Edições Ouro, 1959.

BARBOSA, Francisco de Assis. **Notas biográficas**. In: ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 392 edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

BARBOSA, Ruy. **Campanhas presidenciais**. Coleção completa, 8 vol. São Paulo: Livraria Editora Iracema, 1965.

_____. **Colectanea Literaria.** 1868-1922. Organizada, anotada e prefaciada por Baptista Pereira. 4ª Ed. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Cia Editora Nacional, 1940.

_____. **Discursos parlamentares.** Vol. XLI. 1914. Tomo II. **Obras completas de Rui Barbosa.** Rio de Janeiro: MEC/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973.

_____. **Discursos, orações e conferências.** Vol. I. São Paulo: Livraria Editora Itacema, 1965.

_____. **Ensaio literários.** Sel. e prefácio de Américo Jacobina Lacombe. Rio de Janeiro; São Paulo: gráfica Editora Brasileira Ltda., 1949.

_____. **Orações do Apóstolo.** Rio de Janeiro: Ed. Da Revista de Língua Portuguesa, 1923.

_____. **Ruínas de um Governo.** Prefácio e notas Fernando Nery. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1931.

BARBOZA, Jair. **Infinitude subjetiva e estética: natureza e arte em Schelling e Schopenhauer.** São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

BARRETO, Dantas. **Conspirações.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917.

BARROS, Eudes. **A poesia de Augusto dos Anjos. Uma análise de psicologia e estilo.** Rio de Janeiro: Gráfica Ouvidor, 1974.

BAZARIAN, Jacob. **O problema da verdade.** São Paulo: Linoart, s/d.

BENJAMIN, Walter. **O conceito de crítica de Arte no Romantismo alemão.** Trad., prefácio e notas Marcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras; EDUSP, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão.** Ed., apres. e trad. João Barrento. Lisboa, Pt: Assírio & Alvim, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão.** Edição, apres. e trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

BERGSON, Henri. Trad. Franklin Leopoldo e Silva. **Henri Bergson. Cartas, Conferências e outros escritos.** São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2005.

BERRINI, Beatriz. **Brasil e Portugal: a Geração de 70.** Breves indicações dos correspondentes brasileiros e portugueses por Paulo Franchetti e Beatriz Berrini. Porto, PT: Campo das Letras, 2003.

BEZERRA, Alcides (dir.). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**. João Pessoa, PB: Imprensa Oficial, 1922.

BOEHRER, George C. A. **Da Monarquia à República**. História do PR no Brasil (1870-1889) Trad. Berenice Xavier. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1995.

BORJA, Célio. **As idéias políticas de Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/MINC, 1994.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 11ª Ed., 1999.

BOULEZ, Pierre. Morreu Schoenberg. In: **Apontamentos de Aprendiz**. Tradução de Stella Moutinho, Caio Pagano e Lídia Bazarian. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

BOUSOÑO, Carlos. **Teoría de la expresión poética**. Madri: Editorial Gredos, 2006.

BRAGA, Teófilo. **História da Literatura Portuguesa VII. As modernas Idéias na Literatura Portuguesa – A Geração de 70**. Lisboa, PT: Publicações Europa-América, 1998.

BRAGA, Teophilo. **Visão dos tempos**. Porto, Pt: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1908.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Teatro grego: tragédia e comédia**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

BRASIL, Reis. **Antero, vate da humanidade**. Santarém: Tipografia Escolar, 1956.

BRITO, Raimundo de Farias. **O mundo interior**. Introdução de Luiz Alberto Cerqueira. Lisboa: INCM, 2003.

_____. **A Verdade como Regra das Ações: Ensaio de Filosofia Moral como introdução ao Aristotelismo Antiaristotelismo: ensino de Filosofia**. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2000.

CÂNDIDO, Gemy. **Fortuna crítica de Augusto dos Anjos**. João Pessoa: A União, 1981.

CAROLLO, Cassiana Lacerda. (sel. e apr.) **Decadismo e Simbolismo no Brasil. Crítica e poética**. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1978.

CARONE, Edgard. **A República velha II. Evolução política (1889-1930)**. 3ª Ed. Revista e acrescida de índice onomástico. Rio de Janeiro – São Paulo: Difel, 1977.

CARPEAUX, Otto Maria. **Uma nova história da música**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

- CARVALHO, Afonso de. **Rio Branco**. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca Militar, 1945.
- CAVALCANTI, Claudia (Organização e tradução). **Poesia expressionista alemã: uma antologia**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- CAVALHEIRO, Edgard. **Testamento de uma geração**. Porto Alegre, RS: Edição da Livraria do Globo, 1994.
- CERQUEIRA, L. A. **Filosofia Brasileira: Ontogênese da consciência de si**. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: ABL, 2004 (filosofia brasileira).
- CHIAMPI, Irlemar (coord.). **Fundadores da modernidade**. São Paulo: Ática, 1991.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. Série Nova Consciência. São Paulo: Petrópolis, 2000.
- COELHO, Plínio Augusto (Editor). **Novos tempos**. São Paulo: Ed. Imaginária, novembro de 1998.
- COMPAGNON, Antoine. **Os cinco paradoxos da modernidade**. Trad. Cleonice P. Mourão et. al. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 1996.
- COSTA, Cruz. **O Positivismo na República**. Notas sobre a história do Positivismo no Brasil. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1956 (Brasiliana, vol. 291).
- COSTA, Dr. Pereira da; CARVALHO, Alfredo; MUNIZ, Arthur (red.). **Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano. Vol. XII**. Recife, PE: Typographia do **Jornal do Recife**, 1907.
- COSTA, Emilia Viotti da. **Da Monarquia à República. Momentos decisivos**. 5ª Ed., São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
- COSTA, Lúcia Militz da. & REMÉDIOS, Maria L. R. **A tragédia. Estrutura e história**. São Paulo: Ática, 1998.
- COUTINHO, Afrânio e BRAYER, Sônia (orgs.) **Augusto dos Anjos**. Textos críticos. Brasília: MEC/INL, 1973.
- COUTINHO, Luiz Edmundo Bouças. **Arte e artifício: manobras de fim-de-século**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- CRUZ E SOUSA, João da. **Obra completa**. (org.) Andrade Murici /(atualiz.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

CUNHA, Euclides da. **Dia a dia**. 20/4/1892. In *Revista do Livro*. Rio de Janeiro: MEC, 1952.

_____. **Os sertões. Campanha de Canudos**. Ed. Crítica de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ática, 1998.

CUNHA, Fausto. **Toma as espadas rútilas, guerreiro**. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996,

DAGHLIAN, Carlos (org.) . **Poesia e música**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1985.

DIAZ, Carlos. **Max Stirner, uma filosofia radical do Eu**. Trad. Piero Angarano; Jorge E. Silva. São Paulo: Imaginário, 2002.

DOTTIN-ORSINI, Mireille. **A mulher que eles chamavam fatal**. Textos e imagens da misoginia *fin-de-siècle*. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

DUARTE NETO, Henrique. O expressionismo na poesia de Augusto dos Anjos. In: *Anuário de Literatura* ng 6. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.

DULLES, John W.F. **Anarquistas e comunistas no Brasil, 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

DUTRA, Waltensir e CUNHA, Fausto. **Biografia Crítica das letras mineiras**. Rio de Janeiro, 1956.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. Trad. Monica Sahel. São Paulo: Martins Fontes, 1993 (Coleção Tópicos).

_____. **Os limites da interpretação**. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1995. (Coleção Estudos. Dir. J. Ginsburg).

ERICKSON, Sandra S. Fernandes. **A melancolia da criatividade na poesia de Augusto dos Anjos**. João Pessoa, PB: Ed. Universitária, UFPB, 2003.

FAÉ, Walter José. Poesia e estilo de Augusto dos Anjos. Campinas: Nova Fronteira, 1975.

ROSENDIELD, Kathrin H.(Org.). **Filosofia & Literatura: o trágico**. Colab. Francisco Marshall. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore e VECCHI, Roberto (orgs.). **Formas e mediações do trágico moderno – uma leitura do Brasil**. São Paulo: UNIMARCO, 2004.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore, VECCHI, Roberto e AMOROSO, Maria Betânia (Orgs.). **Travessias do pós-trágico: os dilemas de uma leitura do Brasil**. São Paulo: UNIMARCO, 2006.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **Um estadista da República**. Vol. II. Fase nacional. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1955.

FREITAS, Maria Teresa de. **Literatura e História: o romance revolucionário de André Malraux**. 1ª Ed. São Paulo: Atual, 1986.

FURNESS, R. S. **Expressionismo**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora Perspectiva., 1990.

GALVÃO, Walnice. **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997.

GÉRON, Brasil. **O regalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1978.

GÓES, FERNANDO. Panorama da poesia brasileira. Vol. V. RJ: Ed. Civilização Brasileira, 1960, p. XXIII.

GOLDSTEIN, Norma. **Do Penumbrismo ao Modernismo (O primeiro Bandeira e outros poetas significativos)**. São Paulo: Ática, 1983.

HARDMAN, Francisco Foot (org.). **Morte e Progresso. Cultura brasileira como apagamento de rastros**. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

_____. Sinais do vulcão extinto. Apud Nem pátria, nem patrão. Memória operária, cultura e literatura no Brasil. 3ª ed. Revista e ampliada. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. **Trem fantasma: a modernidade na selva**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

HELENA, Lúcia. **A cosmo-agonia de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1977.

KANGUSSU, Imaculada... [et AL.] (org.). **O cômico e trágico**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

KOTHE, Flávio R. **A alegoria**. Série Princípios, 2º Ed. São Paulo: Editora Ática, 1989.

LANDAUER, Gustav. Anarchism in Germany and Other Essays. San Francisco: Barbary Coast Collective, n/d.

LEÃO, Múcio. **O espírito da nova poesia**, in **Ensaio contemporâneos**, Rio de Janeiro, s.d.

LEWIN, Linda. **Política e parentela na Paraíba**. Trad. André Villalobos. Rio de Janeiro: Record, 1993.

LIMA, Alceu de Amoroso. **Quadro sintético da literatura brasileira**. Rio de Janeiro, 1956.

LIMA, Hermes. **Tobias Barreto. (a época e o homem)**. 2ª Ed., São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1957.

LIMA, Luiz Costa. **O controle do imaginário. Razão e imaginação nos tempos modernos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989 (Coleção imagens do tempo).

_____. **História. Ficção. Literat.ura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LIMA, Márcio José Silveira. **As máscaras de Dionísio. Filosofia e tragédia em Nietzsche**. São Paulo: Discurso Editorial, 2006.

LINS, Álvaro. Os mortos de sobrecasaca. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

LINS, Ivan. **História do Positivismo no Brasil**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1964.

Lopes de Mattos. São Paulo: Grijalbo/EDUSP, 1966.

LOPES, Moacir C. **O Almirante Negro – Revolta da Chibata – A vingança**. Rio de Janeiro: Editora Quartet, 2000.

LOWY, Michel. **Romantismo e messianismo: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin**. Trad. Myrian Veras Baptista e de Magdalena Pizante Baptista. São Paulo: Perspectiva: Ed. Da USP, 1990 (Coleção Debates).

MAGALHÃES JÚNIOR, R. Poesia e vida de Augusto dos Anjos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

MALLARMÉ, Stéphane. **A música e as letras**. *Apud*: GOMES, Álvaro Cardoso. **A estética simbolista: textos doutrinários comentados**. Tradução dos textos doutrinários em francês de Eliane Fittipaldi Pereira e em inglês de Carlos Alberto Vechi. 22 edição. São Paulo: Atlas, 1994.

MANOEL, Antonio. Apresentação. In: DAGHLIAN, Carlos (org.). **Poesia e música**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1985.

MARIZ, Celso; BARBOSA, Côn. Dr. Florentino; VEIGA JR., J. (Comissão de redação). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**. Vol. 10. João Pessoa, PB: Departamento de Publicidade, 1946.

MARTINS FILHO, Antonio. **Reflexões sobre Augusto dos Anjos**. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 1988.

MARTINS, Manuel Frias. **Sombras e transparências da Literatura**. Lisboa, PT: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1983.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**. Vol. V (1897-1914). São Paulo: Editora Cultrix: Ed. da USP, 1977-78.

MASSON, André. *L'allégorie*. Paris, France: Presses Universitaires de France, 1974.

MATTOS, Carlos Lopes de. **O pensamento de Farias Brito** (sua evolução de 1895 a 1914). São Paulo: Herder, 1962.

MEDEIROS, Irani (org. e notas). **Cartas e crônicas de Augusto dos Anjos**. João Pessoa, PB: A União, 2002.

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba. Lutas e resistência**. 9ª Ed. João Pessoa, PB: A União, 2002.

MELO FILHO, Murilo; PONTES, Juca. **A saga de um poeta- Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro: Ed. Gráf. Brasileira: Fundação Banco do Brasil; João Pessoa, PB: Governo do Estado, 1994.

MELO, A. L. Nobre. **Augusto dos Anjos e a origem de sua Arte Poética**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1942.

MELO, Fernando. **Augusto dos Anjos, Uma biografia**. João Pessoa, PB: Idéia, 2001.

MIRANDA, Ana. **A última quimera**. 2ª Ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

MONTEIRO, Dr. J. C. Carneiro. **A Parahiba na revolução de 1824**. Apud Revista do Instituto Histórico Geográfico da Paraíba, João Pessoa, PB, 1914.

MONTENEGRO, Tulo Hostilio. **Tuberculose e Literatura**. Notas de pesquisa. 2ª Ed. rev.. e aumentada. Rio de Janeiro: A casa do Livro, 1971.

MOORE, Thomas. **O self original**. Vivendo com o paradoxo e a originalidade. Trad. Sabino Ferreira Affonso. Campinas, SP: Verus Editora, 2004.

MORAES, J. Jota de. **Música da modernidade: origens da música do nosso tempo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

MOTA, Maria Aparecida Rezende. Sílvia Romero. **Dilemas e combates no Brasil da virada do século XX**. São Paulo: FVG, 2000.

MUCCI, Latuf Isaias. **Ruína e simulacro decadentista**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

MÜNSTER, Arno. **Utopia, messianismo e apocalipse nas primeiras obras de Ernst Bloch.** Trad. De Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

MUSCHG, Walter. **Historia trágica de la Literatura.** Traducción Joaquín Gutiérrez Heras. México: Fondo de Cultura Económica. 2ª Ed., 1996.

NEVES, Margarida de Souza; HEIZER, Alda. **A ordem é o progresso. O Brasil de 1870 a 1910.** Coord. Maria Helena Simões Paes e Marly Rodrigues. 14ª Ed., São Paulo: Atual Editora, 1991.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia.** Trad. Heloisa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005 (Biblioteca Clássica).

_____. **Ecce Homo. Como alguém se torna o que é.** Trad. Intr., cronologia e notas de Paulo Cesar Souza. São Paulo: Max Limonad Ltda., 1996.

NÓBREGA, Humberto. **Augusto dos Anjos e sua época.** João Pessoa: UFPB, 1962.

NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e História.** São Paulo: Cia. Das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

ODILON, Marcus. **Augusto dos Anjos e a frustração de não ser político.** Discurso pronunciado em Sessão Especial realizada pela Assembléia Legislativa da Paraíba, dia 29/05/1984. João Pessoa, PB: Oficinas Gráficas da UNIGRAF, 1984.

PACHECO, João. O mundo que José Lins do Rego fingiu. Augusto dos Anjos. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.

PASCALE, Casanova. A república mundial das letras. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

PEIXOTO, Silveira. **Falam os escritores.** Segunda série. Curitiba; São Paulo; Rio de Janeiro: Ed. Guaíra Ltda., 1941.

PICCHIO, Luciana Stegagno. **História da Literatura Brasileira.** Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1997.

PINTO, Luís. **Augusto dos Anjos.** João Pessoa, PB: Editora Aurora, 1970.

PORTELLA, Eduardo. **Literatura e realidade nacional. Temas de todo o tempo 1.** 2ª ed., revista. Ed. Em convênio com o Instituto Nacional do Livro – MEC. Rio de Janeiro: 1971.

PORTO, Costa. **Pinheiro Machado e seu tempo.** Porto Alegre, RS: L&PM; Brasília: INL, 1985.

PRADO, Antonio Arnoni. (Introdução, organização e fixação de texto). **Eu e outras poesias**. 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001 (Coleção Poetas do Brasil).

_____. Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

PROENÇA, M. Cavalcanti. **O artesanato em Augusto dos Anjos**. *Apud: Estudos literários*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1982.

RABELLO, Sylvio. Farias Brito ou Uma aventura do espírito. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

RAMOS, Adauto. **Glória dos Anjos, a poetisa**. João Pessoa, PB, 2000.

_____. **Os Anjos do Engenho Pau d'Arco**. João Pessoa, PB: Sal da Terra, 2007.

REIS, Carlos. **As conferências do Casino**. Lisboa, Pt: Publicações Alfa, 1990.

REIS, Zenir Campos. **Augusto dos Anjos: Poesia e obra**. São Paulo: Ática, 1977.

RICOEUR, *De l'interprétation. Essai sur Freud*. Paris, Fr: Éditions du Seuil, 1986.

RONCARI, Luiz. **O Brasil de Rosa: mito e história no universo rosiano: o amor e o poder**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

ROSEN, Charles. **Poetas românticos, críticos e outros loucos**. Trad. José Laurenio de Melo. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2004.

ROSENFELD, Anatol. **A costela de prata de A. dos Anjos**. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro: NovaAguilar, 1996.

SANTIAGO, Silviano. (coord., seleção de livros e prefácio) **Intérpretes do Brasil**. Vol. II. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2002.

SANTOS, Generino dos. **Humaníadas. O mundo, a humanidade, o homem**. Vol. 5º. Livro oitavo – Alma reflexa. Rio de Janeiro: Tip. Jornal do Commercio, 1938.

SATYRO, Ernani. **Cadeira nº 1, Augusto dos Anjos**. João Pessoa, PB: Ed. A União, 1971.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D.E. **Hermenêutica – Arte e técnica da interpretação**. Trad. e apres. Celso Reni Braidá. Bragança Paulista, SP: Ed. Universitária São Francisco, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil.** 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil.** São Paulo: Cia. Das Letras, 2003.

SERRÃO, Joel. **Antero de Quental – prosas sócio-políticas.** Coleção Pensamento Português. Lisboa: Secretaria da Cultura e Fundação Calouste Gulbenkian, s/d.

SILVA, Marcos. **Contra a chibata: marinheiros brasileiros e m 1910.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

SILVA, Hélio. **Luta pela democracia. 1911-1914.** São Paulo: Ed. Três, 1975.

_____. **O primeiro século da República.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
SILVEIRA, Tasso. **Variações sobre a poesia brasileira.** In **Revista Brasileira**, Rio, ano I, junho de 1941.

SOARES, Órris. **Elogio de Augusto dos Anjos.** In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa.** (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

SOLEIL, Jean-Jacques & LELONG, Guy. *As obras-primas da música.* Tradução de Antonio de Padua Danesi, Eduardo Brandão e José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

SPENGLER, Oswald. **La decadência de occidente. Bosquejo de uma morfologia de La Historia Universal.** Trad. para o esp. Manuel G. Morente. 5ª Ed., 2ª parte, vol III. Madrid, Esp.: Espasa-Calpe, S.A., 1943.

STEINER, George. **A morte da tragédia.** Trad. Isa Kopelman. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Coleção Estudos; 228, dir. por J. Guinsburg).

SÜSSEKIND, Flora. **Literatura e vida literária. Polêmicas, diários & retratos.** Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2004.

SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o Trágico.** Trad. Pedro Sússekkind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

TARDE, Gabriel. **Monadologia e sociologia e outros ensaios.** Org. e intr. Eduardo Viana Vargas. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

VASCONCELOS, Maurício Salles. **Rimbaud da América e Outras Iluminações.** São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

VASCONCELOS, Montgomery José de. **A poética carnavalizada de Augusto dos Anjos**. São Paulo: ANNABLUME, 1996.

VELOSO, Cláudio William. **Aristóteles mimético**. São Paulo: Discurso Editorial, 2004.

VERNANT, Jean-Pierr. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca. **As origens do pensamento grego**. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

VIDAL, Ademar Victor de Menezes. **O outro Eu de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1967.

VIEIRA, José. **A cadeia velha. Memórias da Câmara dos Deputados**, 1909. Brasília: Senado Federal; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa – MEC, 1980.

WELLEK, René e WARREN, Austin. **Teoria da literatura**. Tradução de José Palla e Carmo. LP edição. Mem Martins: Publicações Europa-América, s/d.

WILLIAMS, Raymond. **Tragédia moderna**. Trad. Betina Bischof. São Paulo: Cosac&Naify, 2002

PERIÓDICOS

Revista da ABL, Anais de 1955. ano 54, vol 90. Rio de Janeiro: ABL, 1955.

Revista das Academias de Letras. Nº 79. Rio de Janeiro – Guanabara, 1972.

Revista do Brasil. Dir. Octavio Tarquinio de Sousa. Ano V, 3ª fase, nº 47, maio de 1942.

Revista do Brasil. Nº 1, ano I, vol I. São Paulo, 1916.

Revista do Brasil. Vol. IV, janeiro-abril de 1917. Ano II. São Paulo, 1917.

Revista do Brasil. Vol. VI. Ano II. São Paulo: Propriedade de uma Sociedade Anônima, 1917.

Revista do IHG Brasileiro. Tomo LXXIV. Parte II (1911). Rio de Janeiro: 1912.

Revista do IHG Parahybano. Dir. Bel. Alcides Bezerra. Parahyba: Imprensa Official, 1922.

Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano. Red. Drs. Mario Melo, Henrique Capitolino Pereira de Mello, Sebastião Galvão. Pernambuco: Imprensa Industrial, 1915.

Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano. Vol. XII. Recife: Typographia do Jornal do Recife, 1907.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, vol. 12. João Pessoa, Paraíba: Editora Teone Ltda., 1953.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Dir. e org. dr. Clóvis Lima e J. Veiga Jr. Vol. 12. João Pessoa, PB: Editora Teone Ltda., 1953.

Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro. Parte II, vol. I. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.

Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro. Tomo LXXVII. Parte II. Dir. . Dr. B. F. Ramiz Galvão. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1916.

Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro. Tomo LXVIII, parte I. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907.

Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro. Tomo LXVIII, Parte I. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907.

Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro. Tomo LXXIV, parte II. Rio de Janeiro, 1912.

Revista do Instituto Histórico e Geographico de São Paulo.vol. XV. São Paulo: Typographia do Diario Official, 1912.

Revista do Instituto Histórico e Geographico Parahybano. Ano III, vol. 3. Dir. Irineu Ferreira Pinto. Parahyba do Norte: Imprensa Official, 1911.

Revista do Instituto Histórico e Geographico Parahybano. Dir. C° Florentino Barbosa; Dr. Flavio Maroja. Vol 8. João Pessoa, PB: Imprensa Official, 1935.

Revista do Instituto Histórico e Geographico Parahybano. Dir. C°Florentino Barbosa; Dr. Flavio Maroja. Vol. 9. João Pessoa, PB: Imprensa Official, 1937

DOCUMENTOS EM MEIO ELETRÔNICO

BRITO, Farias. **Finalidade do mundo – Estudos de filosofia e teleologia naturalista.** 2° vol. **A Filosofia Moderna.** Documento em meio eletrônico, in [HTTP://fla.matrix.com.br/pavelino/filomoderna.htm](http://fla.matrix.com.br/pavelino/filomoderna.htm), acessado em 19/03/2009, às 15h00.

CARVALHO, José Murilo de. Os bordados de João Cândido. Documento em meio eletrônico. In <http://www.scielo.br/pdf/%0D/hcsm/v2n2/a05v2n2.pdf> , acessado dia 19/03/2009, às 18h00.

FERNANDES, Flávio Sátiro. **Augusto dos Anjos e a Escola do Recife.** In <http://www.perci.com.br/augusto/critica/fsatiro.htm>, acessado dia 19/03/2009, às 17h00.

PICCOLO, Alexandre Prudente. **A tragédia grega e a identidade da polis.** Documento em meio eletrônico. In <http://www.unicamp.br/iel/alunos/publicacoes/textos/t00003.htm> , acessado em 19/03/2009, às 19h00.

Revista Fon!Fon! – de 1907 a 1945. Rio de Janeiro: Officina Typographica de J. Schmidt. In http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_anos.htm , acessado em 19/03/2009, às 19h30.

Revista Careta – de 1908 a 1960. Rio de Janeiro. In http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_anos.htm , acessado em 19/03/2009, às 20h00.

RIO, João do. **O momento literário.** In http://www.literaria.hpg.ig.com.br/livros_did_m.htm, acessado em 19/03/2009, às 18h20.